UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINA SERRA GENEZ

ERA UMA VEZ NO OSCAR:
"E O PRÊMIO NÃO VAI PARA" – OS FILMES NÃO VENCERAM, MAS BEM PODERIAM – UMA Rreleitura DOS LONGAS INDICADOS À ESTATUETA ENTRE 1968 E 2025

CURITIBA
2025

CAROLINA SERRA GENEZ

ERA UMA VEZ NO OSCAR:
"E O PRÊMIO NÃO VAI PARA" – OS FILMES NÃO VENCERAM, MAS BEM PODERIAM – UMA RELEITURA DOS LONGAS INDICADOS À ESTATUETA ENTRE 1968 E 2025

Projeto de livro apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

CURITIBA
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Rua Bom Jesus, 650, - - Bairro Juvevê, Curitiba/PR, CEP 80035-010
Telefone: 3360-5000 - https://ufpr.br/

ATA DE REUNIÃO

ATA DA BANCA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No dia 30/06/2025, às 19 horas, os membros da banca de avaliação reuniram-se no Departamento de Comunicação Social da UFPR, com a finalidade de avaliar a aluna **CAROLINA SERRA GENEZ** que apresentou o trabalho de conclusão de curso em jornalismo intitulado: **Era uma vez no Oscar: 'E o prêmio não vai para' - Os filmes que não venceram, mas bem poderiam. Releitura dos longas indicados à estatueta entre 1968 e 2025.** Após informar as normas do exame de avaliação, o orientador passou a palavra para que a aluna realizasse a apresentação. Finalizada a exposição, a aluna foi arguida pelos membros da banca que atribuíram as seguintes notas:

Professora	Nota	Assinatura
JANAÍNA HERNANDEZ MONTEIRO	100	
JOSÉ CARLOS FERNANDES	100	
MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA	100	

Sendo assim, a média aritmética atribuída à aluna na defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso, foi aprovada nota que será lançada no SIGA pelo Professor Orientador somente após realizadas as considerações sugeridas pela banca. A aluna foi considerada aprovada na disciplina e deverá entregar o trabalho com alterações sugeridas pela banca em até 10 dias.

JOSÉ CARLOS FERNANDES
Professor Orientador

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
UFPR

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, Audrey e Gilson, que para além da minha paixão pelo cinema também apoiaram esse projeto, principalmente revisando grande parte do produto. Também agradeço meu irmão, Daniel Serra Genez, principalmente por sempre perguntar nos almoços quantos filmes faltavam assistir, se interessando por minhas reclamações.

Agradeço profundamente minhas colegas jornalistas que dividiram diversas memórias durante os anos de graduação, Jessica, Joana, Luisa, Marina e Paula, que não só participaram do projeto, escrevendo a apresentação do almanaque, como também me incentivaram, nunca me deixando acreditar que eu não daria conta. Obrigada amigas, vocês são a melhor coisa que a faculdade me deu.

E também, agradeço ao meu maior parceiro e cúmplice da vida, Mario Sergio de Lima Filho que, para além do apoio, assistiu mais filmes indicados ao Oscar do que ele gostaria. Obrigada por tudo.

E agradeço ao meu orientador, professor Dr. José Carlos Fernandes, principalmente por não se assustar quando eu falei que gostaria de escrever críticas de 356 filmes para meu Trabalho de Conclusão de Curso. Obrigada por todo apoio durante o projeto e pelas conversas sobre filmes.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo explora os filmes indicados ao Oscar de Melhor Filme entre os anos de 1968 e 2025, analisando-os de forma crítica para selecionar aqueles que, sob a perspectiva da autora, mereciam ter vencido a premiação. Com base no aprendizado obtido durante a graduação e em pesquisas realizadas, o projeto resultou na produção de um almanaque jornalístico intitulado *Era uma vez no Oscar*, referenciando os contos de fada. O almanaque reúne análises detalhadas de 356 filmes que fizeram parte da seleção da premiação ao longo dos anos contemplados. A iniciativa busca oferecer uma releitura histórica e cultural do Oscar, trazendo à tona discussões sobre critérios de escolha, injustiças e relevância artística, contribuindo para a reflexão crítica sobre a premiação e seu impacto no cinema mundial. O trabalho dialoga com as tradições do jornalismo cultural, da crítica cultural e do livro-reportagem, e inclui uma pesquisa do tipo survey, realizada com 120 participantes, como parte da fundamentação da análise.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural; Almanaque; Oscar; Cinema; Crítica; Filme.

ABSTRACT

This Journalism undergraduate thesis explores the films nominated for the Academy Award for Best Picture between the years 1968 and 2025, analyzing them critically to select those that, from the author's perspective, deserved to have won the award. Based on the knowledge acquired during the journalism program and through conducted research, the project resulted in the production of a journalistic almanac titled Once Upon a Time at the Oscars, referencing fairy tales. The almanac brings together detailed analyses of 356 films that were part of the award selection over the covered years. The initiative seeks to offer a historical and cultural reinterpretation of the Oscars, raising discussions about selection criteria, injustices, and artistic relevance, contributing to critical reflection on the award and its impact on global cinema. The work engages with the traditions of cultural journalism, cultural criticism, and literary reportage, and includes a survey conducted with 120 participants as part of the analytical foundation.

Keywords: Cultural Journalism; Almanac; Oscars; Cinema; Criticism; Film.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Contextualização da década de 1920… 41

FIGURA 2 - Modelo de página de crítica (p. 25)… 42

FIGURA 3 - Modelo de página de crítica (p. 56 e 57)… 42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **9**

2. SÉTIMA ARTE, SÉTIMA MARAVILHA **14**

2.1 DOS PRIMÓRDIOS A 2024

2.1.1 Nova hollywood 16

2.2 A INVENÇÃO DO OSCAR 19

3. JORNALISMO CULTURAL: CRÍTICA DE ARTE **25**

3.1. CULTURA É JORNALISMO?

3.2 A CRÍTICA CINEMATOGRÁFICA 27

3.3. UMA CURADORIA PARALELA: OS FILMES QUE FORMAM ESTE ALMANAQUE 29

4. METODOLOGIA **33**

4.1 SOBRE A JORNADA 35

4.2. UM PRÊMIO, MUITAS INJUSTIÇAS: RESULTADOS DE UMA PESQUISA DE CAMPO 36

5. UMA RELEITURA DO OSCAR **39**

5.1.ESCOLHA DO FORMATO

5.2. ERA UMA VEZ NO OSCAR 41

6. CONCLUSÃO **43**

REFERÊNCIAS

ANEXOS

APÊNDICES

1. INTRODUÇÃO

Com mais de 120 anos de história, os filmes até hoje conquistam diversos fãs apaixonados, pois dão vida às mais variadas histórias, transpassam sentimentos da tela do cinema para os espectadores e nos fazem rir, chorar, passar raiva e nos questionar. Além disso, servem como escapismo para diversas realidades e nos colocam no lugar dos personagens. Afinal quem nunca desejou um amigo fiel como "Woody" (*Toy Story*, 1995)? Ou pensou em viver aventuras como "Indiana Jones" *(Indiana Jones*, 1981)? Ou quis conhecer o mundo mágico de "Oz" e andar pela estrada de tijolinhos amarelos (*Mágico de Oz*, 1939)? Ou até quis tirar um dia de folga com "Ferris Bueller" (*Curtindo a Vida Adoidado*, 1986)?

Minha paixão pela sétima arte veio na minha infância graças aos meus pais, que desde sempre me apresentaram aos seus filmes favoritos e fizeram dos sábados um dia ideal para ir ao cinema. Mas minha obsessão começou em 2013 quando minha vida foi mudada após assistir *De volta para o futuro* (1985) que, desde então, se tornou meu filme favorito. Por conta disso, durante seis meses eu assistia religiosamente a trilogia, decorando todos os detalhes e indo atrás de curiosidades sobre o longa. Já em 2017 eu conheci meu outro amor, *La La Land* (2016) – quando assisti ao *trailer*, inúmeras vezes, eu já sabia que a obra de Damien Chazelle se tornaria uma de minhas favoritas (ao lado de *De Volta Para o Futuro*, claro). E quando a história começa com um enorme engarrafamento em Los Angeles e a sequência musical de *Another Day of Sun,* eu sabia que estava prestes a assistir um filme que faria história. E ele fez. O longa recebeu 14 indicações ao Oscar, mesmo número de indicações que os filmes *A Malvada* (1950) e *Titanic* (1997). Conquistou seis estatuetas, incluindo a de Melhor Atriz para Emma Stone e Melhor Direção para Damien Chazelle, que se tornou o diretor mais novo a conseguir esse feito. Porém, para minha tristeza, o filme perdeu o grande prêmio da noite: a estatueta de Melhor Filme acabou indo para *Moonlight* (2016). Com isso nasceu minha grande obsessão pelo Oscar.

Criada em 1927, a *Academy of Motions Pictures Arts and Sciences* (Academia de Artes e Ciências Cinematográficas) nasceu com o objetivo de cuidar da imagem dos estúdios de Hollywood e lidar com problemas trabalhistas. Os membros participantes, que incluíam grandes produtores, técnicos da indústria cinematográfica, atores e diretores da época, ao se reunirem, resolveram criar uma cerimônia para premiar as melhores atuações, roteiros, direção e, claro, produções de cada ano. Assim nasceu o "Oscar", como é popularmente conhecido.

Ao longo de seus quase cem anos de história, o Oscar premiou 97 filmes com a estatueta de Melhor Filme, marcando-os no legado da Academia, a exemplo de *Casablanca* (1942), O *Poderoso Chefão* (1972), *A Lista de Schindler* (1993), *Titanic* (1997) e *O Senhor dos Aneis: O*

Retorno do Rei (2003). Apesar disso, muitos dos filmes vencedores nem sempre eram considerados os "melhores" segundo crítica e público de um determinado ano, já que esse resultado é influenciado por *lobbies* feitos pelos grandes estúdios, pelo perfil dos votantes — que por anos era majoritariamente formado por homens brancos americanos de classe média — e pelo próprio sistema de votação específico da categoria de Melhor Filme, que não escolhe necessariamente o melhor filme e, sim, aquele que agrada a mais votantes. Ainda assim, a premiação se mantém relevante, impulsionando carreiras de atores e diretores e influenciando o público a assistir aqueles foram indicados ou venceram alguma estatueta na premiação (o famoso "selo" Oscar), além de manter grande prestígio para os profissionais da indústria cinematográfica.

Dessa maneira, a ideia do projeto é criar um produto jornalístico em formato de almanaque com minhas opiniões a respeito dos indicados, com textos críticos sobre os indicados, elegendo aquele que eu acredito que deveria ter sido premiado com a estatueta de Melhor Filme, cobrindo os anos de 1968 até 2025. Este Trabalho de Conclusão de Curso faz parte do campo do Jornalismo Cultural e tem como foco a crítica cinematográfica. A proposta é revisitar os longas desse recorte, analisando essas obras e propondo novas leituras sobre quais filmes mereciam ter vencido a categoria. Mais do que contar a história do Oscar, este trabalho busca mostrar como a crítica de cinema é uma forma de jornalismo. Através dela, é possível informar, refletir sobre a sociedade e convidar o público a pensar sobre o cinema de forma mais profunda.

O pontapé inicial desse produto nasceu durante a pandemia de Covid-19, quando, incentivada por minha paixão pelo cinema, resolvi assistir os, na época, 94 vencedores da categoria de Melhor Filme ao longo do ano de 2020. O resultado da minha grande aventura foi o *Almanaque do Oscar: os 94 vencedores de Melhor Filme — críticas de uma cinéfila sem formação,* um projeto realizado durante minha graduação na matéria de Produção Gráfica e Editorial, que reunia todas as minhas críticas a respeito dos ganhadores da categoria de Melhor Filme.

Apesar de muito orgulho, uma frustração que me aflige até os dias de hoje é que muitas das minhas obras favoritas não receberam a estatueta e assim não fazem parte do almanaque produzido pela referida disciplina. Dessa maneira, por meio deste novo almanaque busco fazer a minha releitura sobre o Oscar, trazendo curiosidades, histórias de bastidores, polêmicas da premiação e, claro, minhas críticas e observações sobre quem deveria ter ganhado o Oscar de Melhor Filme.

Apesar de meu desejo ser avaliar todos os indicados da história, esse recorte não será possível por falta de recursos humanos. Sendo assim, acredito que o melhor recorte possível seja a partir dos filmes de 1967 que competiram em 1968, ano que marca o início da fase chamada de Nova Hollywood (Mascarello, 2012) dentro da premiação. A fase marca uma grande mudança no

mundo do cinema, em que os filmes passaram a ser realizados em menores proporções privilegiando o realismo, e desenvolvendo diversas técnicas utilizadas até hoje como o uso de locações reais e não em estúdios, o uso criativo de trilhas sonoras muitas vezes trazendo músicas populares pop ou rock, narrativas não-lineares e montagens rápidas para trazer um efeito mais dinâmico. A época também marca o início de atuação de diversos dos grandes diretores da atualidade como Francis Ford Coppola, Martin Scorsese e Steven Spielberg.

> Porém, a partir de 1967 (o marco é Bonnie & Clyde, uma rajada de balas, de Arthur Penn), desponta em Hollywood um cinema que, não apenas por aliar procedimentos clássicos e modernos, como também por explorar temáticas americanas de uma ótica predominantemente crítica (e, em muitos casos, bastante ousada em sua representação da violência e da sexualidade), obterá sucesso num significativo contingente de crítica e público. Suas denominações (Nova Hollywood, American Art Film, Renascimento hollywoodiano) e os diretores incluídos (dos mais antigos - Altman, Penn, Mike Nichols, Stanley Kubrick, entre outros - aos movie brats da film schoolgeneration como Scorsese, Coppola e mesmo Lucas ou Spielberg no início de carreira) variam de autor para autor,' mas há um certo consenso em torno de seu significado cultural (Mascarello, 2012, p. 343).

A escolha do almanaque é por ele ser um formato tradicional que mistura informação, opinião e curiosidades de maneira organizada e atrativa. Ele foi usado no jornalismo para apresentar conteúdos variados de forma acessível ao público, com linguagem clara e visualmente dinâmica. Por isso, funciona bem como um projeto jornalístico, especialmente quando a proposta é unir crítica, história e análise, como neste trabalho.

O almanaque, então, possibilita um olhar autoral, reunindo dados, contextos e opiniões, trazendo o jornalismo cultural e convidando o leitor a refletir, aprender e também se divertir com o conteúdo. Por meio do almanaque busco não só aumentar a conversa a respeito do cinema, salientar as diversas controvérsias da maneira de votação da premiação e também cultivar e instigar o senso crítico tanto dos leitores, como também o meu, já que pretendo seguir carreira como crítica em meu canal *Assista a um Filme* no youtube, tik tok e instagram. Hoje o perfil conta com mais de 770 seguidores ativos e perfis em outras redes sociais: Tik Tok (6 mil inscritos) e Youtube (mais de 2.3 mil inscritos), onde posto semanalmente minhas críticas sobre os mais diversos filmes, desde lançamentos, assistindo filmes em cabines de imprensa, até clássicos do cinema.

Mesmo sendo uma mídia antiga, o almanaque ainda é relevante e pode ser atualizado para os leitores de hoje. Ele funciona como uma coletânea de conteúdos variados — informações, curiosidades e opiniões — organizados de forma temática e fácil de ler.

Dessa forma o *objetivo geral* deste trabalho é analisar as escolhas do Oscar entre 1968 e

2024, propondo um almanaque crítico que reinterprete as premiações sob uma perspectiva autoral. Este objetivo amplo deve ser atingido por meio dos seguintes objetivos específicos:

a) Contextualizar historicamente o Oscar, destacando sua relevância cultural, curiosidades, padrões e as controvérsias associadas a suas decisões.

b) Explorar o papel da Nova Hollywood na redefinição das narrativas cinematográficas e na influência sobre o Oscar e o próprio cinema.

c) Ressaltar a importância do jornalismo cultural e a crítica cinematográfica para a indústria e sua influência.

Assim, o projeto nasceu pela indignação. Para a elaboração do trabalho, foram analisados os 356 filmes selecionados pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas que concorreram na categoria de Melhor Filme entre 1968 a 2025. Ao total, foram mais de 779 horas de filme, de mais de 220 diretores diferentes, que resultaram em mais de 800 páginas de críticas no produto final.

A construção do trabalho se deu, então, por meio de pesquisas bibliográficas para funcionar como base teórica, por meio da leitura de artigos, TCCs, livros sobre o cinema e jornalismo cultural e matérias sobre o Oscar. Além disso, a partir das pesquisas realizadas e dos conhecimentos adquiridos durante a graduação de jornalismo, ainda foram realizadas duas entrevistas, com um cineasta e um crítico e jornalismo; e uma pesquisa por formulário online, enviado para um público diverso majoritariamente jovem, de forma a justificar a importância e relevância do Oscar e da crítica cinematográfica atualmente.

No **2.º capítulo** deste trabalho a discorre sobre a história do cinema, usando principalmente como fonte o crítico e roteirista Celso Sabadin, entendendo que o cinema é fortemente influenciado pelos acontecimentos mundiais, sendo, portanto, uma fonte histórica e uma forte ferramenta política e social. Ao longo do capítulo a pesquisadora também contextualiza o movimento da Nova Hollywood, ao considerar o livro *Cenas de uma Revolução - o Nascimento da Nova Hollywood*, do jornalista Mark Harris (2008), considerado uma das grandes referências sobre o assunto. E também discorre sobre a história do Oscar, suas diversas injustiças, sistema de votação e sua relevância. Por fim, apresento e analiso os resultados do formulário elaborado para o trabalho.

O **Capítulo 3** aborda o jornalismo cultural, a crítica cinematográfica e a curadoria do almanaque, em que são explorados sua história, evolução e relevância para a sociedade. Ao longo de três tópicos, discorrendo sobre a importância e relevância do jornalismo cultural e sua influência na crítica cinematográfica, focando principalmente na vertente da crítica pessoal, contando com autores como o jornalista e crítico brasileiro Franthiesco Ballerini (2015), o crítico

de arte e jornalista Teixeira Coelho (Basso, 2006) e o crítico norte-americano Roger Ebert (1942 - 2013).

Já o **Capítulo 4** traz o descritivo metodológico, explicando o passo a passo do trabalho desde sua elaboração até os autores revisados, conceitos, inspirações e entrevistas realizadas.

Por fim, o **Capítulo 5** trata sobre a justificativa da escolha do formato de almanaque para o trabalho, discorrendo sobre suas características e história. A escolha do almanaque como formato do produto se deu por conta da informalidade dentro de gênero, o que permite maior informalidade e pessoalidade por se tratar de críticas de minha autoria, além da abertura para a presença de imagens, curiosidades e rankings. Dentre as principais inspirações para o formato e estética estão os livros: Livro do Cinema, da editora Globo Livros (2017), no The Film Book: A Complete Guide to the World of Cinema de Ronald Bergan (edição de 2021), no livro 1001 Filmes para Ver Antes de Morrer, um Livro que reúne filmes compilados por críticos de várias partes do mundo, editado por Steven Jay Schneider desde 2003, com versões anuais.

2. SÉTIMA ARTE, SÉTIMA MARAVILHA

2.1 DOS PRIMÓRDIOS A 2024

Desde 1895, com a exibição do filme de curta duração dos irmãos Lumière, conhecido como *A Saída dos Operários da Fábrica Lumière* (1895), em Lyon, na França,o cinema tem cada vez mais fãs apaixonados. Apesar da criação de um equipamento científico para documentar imagens em movimento ter sido alvo de interesse de diversos cientistas e pesquisadores, o grande mérito dos irmãos Lumière foi enxergar potencial no cinematógrafo, vendo nos filmes uma maneira de servir ao entretenimento, criando experiências para o público. Assim, nos anos que se seguiram, os Lumière começaram a enviar representantes comerciais para vários países e, em um período de 18 meses, já tinham construído um catálogo com mais de mil títulos. Esse empreendimento prosperou até 1897, quando os Estados Unidos implementaram restrições alfandegárias rigorosas sobre os produtos franceses. (Sabadin, 2018).

Com isso, a sétima arte se espalhou pelo mundo com rapidez, dando início a diversas produções mundo afora. As primeiras produções muitas vezes retratavam momentos comuns da vida, a maioria em um plano único sem cortes. Até que, após maior domínio da técnica, o cinema se distanciou de temas documentais e passou a contar histórias, como o curta *O Regador Regado* (1895), de Louis Lumière, considerado a primeira comédia de cinema, que era baseado em uma tirinha cômica de jornal (Sabadin, 2018).

Com os próximos anos o cinema foi se expandindo, não só graças aos avanços técnicos que garantem mais liberdade aos cineastas, mas também às suas experiências. George Méliès é um dos grandes marcos do cinema, utilizando seus talentos como mágico para inovar, ao trabalhar com a ilusão que dominou durante os primeiros anos a produção de filmes ficcionais (Mascarello, 2012).

Já nos Estados Unidos, o cinema chegou no final do século XIX, ganhando força por conta das invenções de Thomas Edison: o cinematógrafo, um antecessor das filmadoras, e o cinetoscópio, uma espécie de projetor interno de filmes. Mais tarde, suas invenções deram origem aos estúdios de filmagem, durante a década de 1920.

> MGM, o mais glamouroso. Paramount, o mais europeu. Warner Bros estava em sintonia com a classe trabalhadora. Universal Pictures ficou associada aos filmes de terror. Columbia cresceu como concorrente graças aos seus diretores criativos. RKO procurava extrair boas rendas com seus astros. Fox tinha apuro técnico e brilho visual. E surge a United Artists, por três grandes estrelas de Hollywood, Douglas Fairbanks, Mary Pickford e Charlie Chaplin, juntos ao diretor D. W. Griffith (Marques, 2018, online)

Com isso, o cinema foi ganhando força não só como meio de entretenimento, mas como um poderoso meio de comunicação, podendo influenciar formas de pensar e opiniões, além de ser um retrato de diferentes épocas, evidenciando muitas vezes os contextos sociais e políticos vividos pelas pessoas envolvidas no projeto, servindo muitas vezes como uma fonte para analisar a sociedade que produziu o filme (Ferro, 1971, *apud* Hall e Silva. 2010). Um exemplo disso é o longa *Mississipi em Chamas* (Parker, 1988), que acompanha o desaparecimento de três jovens e a investigação de agentes do FBI no estado norte-americano do Mississippi, evidenciando principalmente o envolvimento da polícia e da Ku Klux Klan no caso.“Mesmo quando não encena o passado, o produto audiovisual do cinema [...] sempre é um documento de sua época, [que] veicula valores, projetos, ideologias” (Capelato, 2006 *apud* Hall e Silva. 2010, p. 265).

Com o passar dos anos, a relação do público com o cinema deixou de ser apenas de admiração e consumo para se tornar algo mais participativo e identitário. A figura do fã, já presente desde os tempos do cinema clássico com astros e estrelas cultuados, ganhou novas formas de expressão à medida que o acesso à informação e às obras se expandiu. A formação de públicos apaixonados passou a envolver também formas de organização, troca de conhecimento e construção coletiva de significados em torno dos filmes e de seus universos.

A partir da segunda metade do século XX, e especialmente nos anos 2000, esse engajamento se transformou em comunidades organizadas — os chamados fandoms — compostas por fãs que acompanham cada novidade, produzem conteúdo, participam de eventos e formam uma cultura própria em torno de determinadas obras. Títulos como *Star Wars, Harry Potter, Senhor dos Aneis* e, mais recentemente, as franquias da *Marvel* e da *DC*, exemplificam esse fenômeno. Esses fandoms, muitas vezes formados por adolescentes e jovens adultos, mostram como o cinema não apenas entretém, mas também mobiliza afetos, identidades e formas de pertencimento, tornando-se parte do cotidiano de seus admiradores.

O cinema também pode ser interpretado como uma forte ferramenta política, se tornando até um agente da história (Souza, 2002, *apud* Deliberador, 2019), por conta de seu poder de atrair a atenção do público, funcionando como propaganda ideológica (Kellner, 2001). Um exemplo disso foi o uso do cinema durante a Segunda Guerra Mundial, um instrumento muito utilizado pelos nazistas com a ideia de passar os elementos essenciais do partido para as massas, funcionando pois esses filmes eram apresentados como entretenimento. E com a censura feita pelo Terceiro Reich, dos 1.150 filmes produzidos durante a vigência do Terceiro Reich, apenas um sexto destes foram propagandas (Leiser, 1974 *apud* Quinta Junior, 2023).

> …da mesma forma como o jornal ou o rádio, o cinema pode difundir notícias, anúncios, propaganda e lições de divulgação científica; e na maioria dos casos cuidará, como os bons jornais e as boas estações de rádio, de uma correta redação e coordenação fluente das matérias divulgadas sem que, por isso, se possa falar de arte(Rosenfeld 2002, p. 15 *apud* Mendonça, 2014, p. 16).
> .

Com cerca de 130 anos de história, o cinema já passou por diversas fases e mudanças, muitas vezes sendo um reflexo da própria realidade e sociedade, fazendo conexão entre a sociedade que o produz, mostrando seus valores e características, com o público que o assiste, e que o entende de acordo com suas próprias características e valores (Valim, 2006).

Um exemplo desses movimentos é o Expressionismo Alemão, que nasceu na Alemanha pós Primeira Guerra Mundial, em um momento em que o país se encontrava em uma grande depressão após as perdas da guerra. Essa estética da depressão atingiu a pintura e o cinema, que passaram a se inspirar no Expressionismo, um movimento que traz uma representação subjetiva e distorcida da realidade, em que emoções intensas, angústia e um lado sombrio da vida são colocados de forma exagerada, focando assim nas experiências emocionais dos artistas. Os filmes que surgiram neste período tinham um estilo marcante com distorções, figuras fantásticas e grotescas e interpretações mais teatrais, com temáticas centradas na loucura, aberrações e no próprio horror, ao representar a maneira como os autores viam a Alemanha durante esse período. Dentre as principais obras desse período se destacam: *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), *Nosferatu* (1922) e *Metrópolis* (1927), que mais tarde serviram de inspiração para diversos outros filmes e, principalmente, para o gênero do terror (Sabadin, 2018).

2.1.1 Nova Hollywood

Depois da Segunda Guerra Mundial o mundo se viu em necessidade de mudanças, uma delas na maneira de fazer cinema. A mentalidade das pessoas havia mudado por completo – após a guerra a fragilidade da vida era um tema que pairava no imaginário das pessoas. No cinema italiano, então, surgiu o Neorrealismo Italiano, momento no qual os cineastas sentiram a necessidade de ir para as ruas, com a câmera na mão, para filmar a realidade de forma crua, representando o momento passado pelos italianos. E poucos anos depois, na França, se iniciou a Nouvelle Vague quando os cineastas franceses resolveram tomar uma decisão contrária a do cinema norte-americano – que neste momento visava filmes comerciais e grandiosos – propondo uma nova maneira de filmar com longas, com uma visão mais intimista, baixo orçamento e sem uma estrutura narrativa fixa, uma montagem mais fragmentada e com mais liberdade autoral, fortalecendo esse olhar único (Sabadin, 2018).

Já no cinema norte-americano, essa mudança aconteceu no final da década de 1960. Parte da mudança que tomou Hollywood aconteceu por conta da ascensão da televisão (Sabadin, 2018), que diminuiu o público das salas de cinema, e, por consequência, a receita dos estúdios. Além disso, nessa época, um dos agentes ativos na produção de um filme era o produtor que pensava em diversos aspectos, visando o lucro, muitas vezes tirando o poder dos diretores e roteiristas. Isso porque os grandes estúdios de Hollywood nesta época foram comprados por grande conglomerados empresariais[1].

E para completar, Hollywood passava por um momento crítico de criatividade, muito por conta do sucesso ocorrido durante a década de 1960, quando a maioria dos investimentos foram direcionados para filmes de guerra, faroestes, grandes épicos bíblicos, musicais ou grandes filmes como *Cleópatra* (1963), que inclusive foi responsável por trazer a pior crise da história da Fox, quase levando o estúdio à falência (Dalenogare, 2024). Apesar de muitos desses filmes serem indicados ao Oscar e até serem sucesso nas bilheterias, muitas vezes nem os envolvidos na produção defendiam suas contribuições artísticas. A mudança podia ter surgido mais cedo em Hollywood, uma vez que alguns diretores tentavam trazer filmes diferentes, com temáticas mais sérias, mas acabavam ficando à deriva do Código de Hayes[2] (Harris, 2011).

Outra forte influência aportou em Hollywood com a chegada de diversos filmes internacionais (estrangeiros) nos Estados Unidos. Grandes sucessos de François Truffaut, Jean-Luc Godard (que marcaram a Nouvelle Vague francesa), Federico Fellini (Itália), Ingmar Bergman (Suécia) e Akira Kurosawa (Japão) passavam a ser exibidos em diversos cinemas estadunidenses, com uma nova forma de contar história e fazer filmes, atraindo muitos interessados (Harris, 2011).

A junção de todas essas questões fizeram nascer um novo movimento conhecido como Nova Hollywood que passava a representar uma geração de jovens que já não tinha mais interesse em consumir as mesmas fórmulas dos filmes de antes. Um dos marcos iniciais do novo cinema é o longa *Bonnie e Clyde - Uma Rajada de Bala* (1967), dirigido por Arthur Penn, que revolucionou ao trazer a história do casal de criminosos de uma forma mais romantizada, com personagens de moral questionável mas que ainda tinham sonhos e vontades de fácil identificação, fazendo os espectadores se conectarem mais com a história. O longa também se destaca por trazer um lado mais crítico e ousado com uma nova representação de violência e sexualidade (Mascarello, 2012).

Em seu livro *Especulações cinematográficas* (2023), o cineasta Quentin Tarantino conta

[1] 1 A Paramount foi comprada pelo grupo Gulf+Western (1966), que depois foi comprado pela Viacom (1994). A Warner foi comprada pela Kinney (1969) e mais tarde se tornaram o TimeWarner. A MGM passou por várias mãos, incluindo um investidor canadense (1967). (Sabadin, 2018)

[2] O Código de Hayes foi um conjunto de regras aplicadas aos filmes produzidos em Hollywood, regulamentando conteúdos considerados imorais, como violência, sexo, linguagem imprópria e representações criminais. Ele foi enfraquecido ao longo dos anos 1950 e substituído pelo sistema de classificação etária em 1968.

sobre algumas de suas primeiras experiências no cinema quando era criança, justamente na mesma época em que os filmes da Nova Hollywood chegavam ao público. Em um de seus relatos o diretor relembra a reação de risadas travessas do público diante das novas temáticas e tópicos abordados pelos filmes.

> Havia ainda um outro elemento na reação dos adultos que eu não percebia na época, mas do qual me dou conta agora. Se você mostrar a uma criança um filme com um cara falando palavrões [...] geralmente a criança vai rir. E, quando se trata de crianças um pouco mais velhas, se você mostrar uma piada sobre sexo, elas vão rir também — mas o tipo de risada que dão é uma risada travessa. Elas sabem que aquilo é inapropriado, e que talvez não devessem estar ouvindo ou vendo tal coisa. E a risada revela que elas se sentem um pouco travessas ao fazer parte daquilo. Bom, em 1970 e 1971 era assim que as plateias adultas respondiam ao humor sexual em filmes como O corujão e a gatinha, Como livrar-me de mamãe, M.A.S.H., Houve uma vez um verão, Garotas lindas aos montes e Bob, Carol, Ted e Alice. [...] a risada dos adultos tinha uma essência travessa semelhante. O que, olhando em retrospecto, faz sentido. Porque aqueles adultos não estavam acostumados a ver esse tipo de material. Eram os primeiros anos da Nova Hollywood (Tarantino, 2023, p. 17).

O novo cinema contou com uma nova legião de diretores, muitos deles com graduação em cinema, que até hoje são relevantes e responsáveis por diversos clássicos, como Francis Ford Coppola (*O Poderoso Chefão*,1972), Martin Scorsese (*Taxi Driver,* 1976), Steven Spielberg (*Tubarão*, 1975), George Lucas (*Star Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança*, 1977) , Brian De Palma (*Carrie*, 1976), que produziam filmes mais autorais e até mesmo ousados. A maioria dos filmes dessa geração contava com roteiros originais, muitas vezes inspirados em algum evento ou vivência, com uso de efeitos práticos, elaborando técnicas que são até hoje utilizadas no cinema. Foi durante a Nova Hollywood que também surgiram os chamados filmes *blockbusters*, filmes que muitas vezes traziam histórias de aventuras lineares com foco na ação idealizadas para um público amplo, mudando também a maneira de idealizar o marketing em torno dos filmes.

Dentro desse novo cenário narrativo e comercial que a Nova Hollywood consolidou, a estrutura da Jornada do Heroi passou a ser cada vez mais utilizada como base para os roteiros dos chamados blockbusters. Inspirada nos estudos do mitólogo Joseph Campbell, essa fórmula propõe uma trajetória clássica de transformação: um protagonista comum que parte para uma aventura, enfrenta provações e retorna transformado. Filmes como *Star Wars* (1977), dirigido por George Lucas, tornaram-se modelos perfeitos dessa narrativa, combinando ação, mitologia e apelo emocional de maneira eficaz. A padronização dessa estrutura se mostrou tão bem-sucedida que continua sendo aplicada até hoje em grande parte do cinema comercial, sendo um dos pilares da narrativa hollywoodiana contemporânea.

2.2 A INVENÇÃO DO OSCAR

A necessidade da premiação de filmes cinematográficos surgiu com os avanços das técnicas e tecnologias, o aumento de cineastas e filmes produzidos nos Estados Unidos e também para consolidar o prestígio de Hollywood no cenário internacional, tendo como objetivo eleger e premiar as melhores produções de cada ano e também proteger os profissionais da indústria cinematográfica. Assim, em 1929 o *Academy Awards*, entregue pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, popularmente conhecido como Oscar[3], acontece a sua primeira edição. "Reconhecemos e defendemos a excelência nas artes cinematográficas e nas ciências, inspirando a imaginação e conectando o mundo através de imagens em movimento" (The Academy of Motion Picture Arts and Sciences, 2019).

A premiação aconteceu no dia 16 de maio de 1929 no Hollywood Roosevelt Hotel e durou apenas 15 minutos e 12 categorias, premiando filmes lançados nos anos 1927 e 1928. Ao contrário das edições seguintes, o primeiro Oscar não teve nenhum tipo de transmissão, contando com 270 convidados. Ao final da noite, o filme *Asas (*1927) saiu como o grande vencedor, levando para casa a estatueta de Melhor Filme, ficando na história do Oscar como o primeiro ganhador da categoria Melhor Filme.

Desde o primeiro ano, até os dias de hoje, mais de 600 longas receberam indicações à categoria de Melhor Filme e 97 filmes receberam a honra de serem premiados como a melhor produção de determinado ano. Esses resultados, porém, nem sempre agradam os espectadores da premiação, muitas vezes não selecionando os filmes mais populares, ou aqueles considerados melhores pela crítica e público. Um exemplo disso é o ano de 1942, quando o filme premiado foi *Como era verde meu vale* (1941) que venceu *Cidadão Kane* (1941), que até hoje é reconhecido em diversos sites e revistas de avaliação e cultura, como IMDB, Cultura Genial e a revista norte-americana The Hollywood Reporter, como um dos melhores filmes já feitos.

Alguns fatores explicam esses acontecimentos ou equívocos de julgamento. Um deles é o perfil dos votantes da Academia, que por muito tempo era majoritariamente composto por homens brancos americanos de classe média, como revelam os dados da revista *The Hollywood Reporter* que sinalizam que até 2012, 92% dos votantes eram brancos e 77% eram homens. Esse perfil afetava diretamente a escolha dos filmes selecionados como o melhor, comumente sendo escolhidas obras que garantissem identificação com esse tipo de perfil, sendo longas-metragens

[3] O apelido "Oscar" para o prêmio da Academia surgiu de forma não oficial. Uma das versões mais populares é a de que Margaret Herrick, bibliotecária da Academia, teria comentado que a estatueta se parecia com seu tio Oscar. O apelido se popularizou nos anos seguintes e, embora o nome oficial continue sendo "Prêmio da Academia", "Oscar" passou a ser amplamente adotado pela mídia e pelo público.

com histórias de homens brancos americanos de classe média, dirigidos, roteirizados e protagonizados também por homens brancos americanos de classe média. Esse recorte revela não apenas uma falta de diversidade de gênero e raça, mas também marca um exemplo claro de racismo estrutural dentro da premiação, que reforçava estereótipos e invisibiliza narrativas de grupos historicamente marginalizados. Essa estrutura demoraria décadas para ser minimamente questionada e reformulada — e ainda hoje segue sendo alvo de críticas e cobranças por maior inclusão e representatividade.

> Em 1996, por exemplo, de 166 profissionais indicados, apenas um era negro. A revista People, duas semanas antes do evento, lançou a campanha Hollywood Blackout para denunciar a falta de diversidade na cerimônia. Além de ressaltar a desigualdade racial entre os indicados, a publicação também destacou a discrepância entre os membros votantes da Academy of Motion Picture Arts and Sciences: de 5.043 membros, menos de 200 eram negros. Contudo, a denúncia não foi muito repercutida, o que, consequentemente, não gerou impactos ao Oscar e à Academia (Serafini, 2022, p. 52).

Algumas mudanças significativas começaram a surgir a partir da década de 1960, quando a Academia começou a tomar medidas para aumentar a diversidade entre seus membros, aprovando, em 1966, uma regra que exigia que pelo menos 10% dos membros fossem mulheres. Essas mudanças, porém, ainda não foram suficientes, resultando em diversos movimentos como a *#OscarSoWhite*[4] em 2016, que pedia mais diversidade entre seus membros. Essa discussão de uma "falsa diversidade" chegou a inclusive estar presente de uma forma metalinguística dentro da premiação do filme *Ficção Americana* (Jefferson, 2023) que sobretudo, traz uma crítica à livros, filmes e a própria seleção da Academia que traz filmes indicados como "diversos" e que, na verdade, colocam pessoas negras sempre na mesma situação, sendo ou filmes históricos que contam sobre escravidão (*12 Anos de Escravidão*, 2013), ou filmes sobre uma infancia dificil e sofrida (*Moonlight: Sob a Luz do Luar*, 2016), ou longas que dão o protagonismo para o personagem branco, mesmo a história sendo sobre o personagem não branco - socialmente conhecidos como filmes *White Savior*[5]. Um exemplo disso é o filme *Um sonho possível* (2009), que conta a história do jogador de futebol americano Michael Oher (Quinton Aaron) da

[4] A hashtag #OscarSoWhite nasceu em 2015 e cresceu muito em 2016, quando diversos artistas, cineastas e profissionais da indústria cinematográfica passaram a reclamar da pouca diversidade não só dentro dos membros da academia, mas também nos indicados da premiação, visto que em 2015 e 2016 todos indicados das categorias de atuação eram atores brancos

[5] Filmes "white savior" retratam personagens brancos como heróis que salvam pessoas não brancas, focando mais na jornada do salvador do que nas lutas dos grupos representados. Esse tipo de narrativa é criticado por reforçar estereótipos raciais e por minimizar problemas sistêmicos ao colocá-los como desafios individuais.

perspectiva de sua mãe adotiva Leigh Anne Tuohy (Sandra Bullock), colocando-a numa posição de salvadora e protagonista da história.

Outra possível razão para os resultados da premiação não agradarem muitos dos espectadores é a maneira como acontece a votação na categoria de Melhor Filme, realizada por meio de um sistema de voto preferencial, desde 2009, em que os votantes (todos os membros da Academia) elencam os indicados por ordem de preferência. O processo de contagem é feito em rodadas: se um filme recebe mais da metade dos votos como a primeira escolha, ele ganha automaticamente. Se isso não acontecer, o filme com menos votos é eliminado, e os votos dele são redistribuídos para a segunda opção dos eleitores. Esse processo continua até que um filme alcance mais da metade dos votos, garantindo que o vencedor seja aquele com mais apoio geral, mesmo que não seja a primeira escolha de todos. Porém, muitas vezes as obras selecionadas são aquelas que agradam a maioria, mas não necessariamente o melhor filme.

Durante esse processo de votação muitas vezes são feitos lobbies [6]e campanhas insistentes, muitas vezes favorecendo grandes estúdios de cinema que, por sua vez, tem mais dinheiro. Uma das histórias mais populares em torno dessa questão aconteceu no Oscar de 2006, quando o filme *Crash - No Limite* (2005) venceu a estatueta de Melhor Filme ganhando do favorito da noite *O Segredo de Brokeback Mountain* (2005), dirigido por Ang Lee. O primeiro é um drama de temática racial que envolve diversos moradores da cidade de Los Angeles, e o segundo, um romance *western* sobre dois homens e sua trágica história de amor. *O Segredo de Brokeback Mountain* era considerado o favorito daquele ano, não só por uma história que trazia a tona questões como masculinidade e a homosexualidade mas também por ter conquistado prêmios na "Trinca Sagrada" formada pela PGA Awards (Producers Guild of America - Sindicato dos Produtores da América), DGA Awards (Directors Guild of America- Sindicato dos Diretores da América) e WGA Awards (Writers Guild of America- Sindicato dos Roteiristas da América) (Dalenogare, 2018), se destacando como um dos favoritos do ano, já que até então, nenhum filme premiado pela trinca sagrada tinha perdido o Oscar (Dalenogare, 2018).

A campanha a favor de Crash começou antes mesmo do Oscar, na premiação do *SAG Awards (Screen Actors Guild Awards)* quando, além das tradicionais exibições para os votantes, a Lionsgate, estúdio responsável por Crash, enviou 130 mil DVDs, para cada votante do SAG (Entertainment Weekly, 2018). Segundo a Variety, até então o comum era o envio de 12 a 15 mil cópias do filme. Em entrevista para o *Los Angeles Times*, Cathy Schulman, produtora de *Crash*

[6] Quando os estúdios de cinema, atores ou diretores tentam convencer os votantes da premiação a escolherem seus filmes através de festas, presentes, exibições especiais ou propagandas, assim promovendo seu trabalho para ser mais lembrado e bem visto pelos votantes.

disse que o envio dos DVDs foi um acerto: “A decisão da *Lionsgate* de enviar os DVDs para o SAG foi uma decisão muito inteligente. Ficou claro desde o começo do lançamento do filme que os atores estavam realmente apoiando o filme…Eu suponho que foi deles que grande parte dos votos vieram”.

Para além dos recursos financiados pelo estúdio, parte da vitória de *Crash* se dá por uma difamação em torno de *Brokeback Mountain* (Dalenogare, 2018). A temática de um relacionamento homossexual entre dois cowboys não agradou parte dos membros de Hollywood, que sempre que podiam, deixavam bem claro suas opiniões. “*Crash* ganhou Melhor Filme no Oscar porque era *anti-Brokeback*. *Crash* ganhou porque não tinha dois cowboys de mãos dadas e beijando de língua como protagonistas [...]*Crash* ganhou porque era uma escolha segura de um filme controverso " (Mehler, 2007 p. 149).

Apesar de restrita e muitas vezes injusta, a premiação é reconhecida até hoje como referência, servindo como uma grande honra para os indicados e vencedores, que ficam marcados por anos com o título de “Indicado/Vencedor do Oscar”, consolidando a carreira de diferentes profissionais, o que constitui um atrativo para novos trabalhos.

Um exemplo disso é o ator Timothée Chalamet, que após sua indicação na categoria de Melhor Ator com o filme *Me Chame pelo seu Nome* (2017) se tornou um dos atores jovens mais cobiçados em Hollywood, atuando em outros filmes de cineastas em ascensão que também fizeram sucesso como *Adoráveis Mulheres* (2019) de Greta Gerwig e *Duna* (2021) de Denis Villeneuve, além de participar de um comercial da marca Chanel dirigido pelo consagrado Martin Scorsese. Outro exemplo é o ator Denzel Washington que, em uma entrevista recente para o programa BBC Radio 1Xtra para promover seu novo filme *Gladiador 2* (2024), disse que desde sua primeira vitória no Oscar, na categoria de Melhor Ator Coadjuvante, em 1990 pelo filme *Tempo de Glória* (1989) ele escolhe seus papeis, não precisando passar por nenhum processo de audição.

Outro exemplo mais recente é o filme brasileiro *Ainda Estou Aqui* (2024), dirigido por Walter Salles, que já arrecadou R$ 8,9 milhões em bilheteria desde sua estreia (7 de novembro de 2024), levando mais de 390 mil [7]pessoas para o cinema. Para além de sua importância histórica e cultural para o Brasil e sua qualidade técnica, a possibilidade de uma indicação dentro do Oscar na categoria de Melhor Filme Internacional, Melhor Filme e Melhor Atriz, atraiu um grande público nacional para assistir ao filme.

[7] Os dados da ComScore, analisando o período entre os dias 21 e 24 de novembro de 2024. Fonte G1: https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2024/11/25/ainda-estou-aqui-volta-a-liderar-bilheteria-nacional-e-ja-soma-17-milhao-de-espectadores.ghtml

> Muita gente está indo ver porque o filme tem potencial de Oscar, não apenas pelo fato de ele ser um ótimo filme, de ele discutir um assunto extremamente importante para a história do país, por ele ser baseado num livro extremamente tocante do Marcelo Rubens Paiva, mas a palavra Oscar, a possibilidade de uma produção brasileira estar no horizonte do Oscar faz muita diferença (Camargo, 2024, Apêndice B).

Ainda que gradualmente, essa mudança vem acontecendo e é importante para abrir portas para a diversidade em Hollywood e no cinema em geral. A vitória do filme sul coreano *Parasita* na categoria de Melhor Filme durante a cerimônia de 2020 foi significativa para a premiação, já que em 2024 vimos a presença de dois filmes estrangeiros, o alemão *Zona de Interesse* (2023) e o francês *Anatomia de uma Queda* (2023), nas principais categorias da premiação como Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Roteiro Original e Adaptado. Já no Oscar de 2023 (que premiava os filmes de 2022) a atriz Michelle Yeoh, que começou a carreira em 1984 e se destacou em longas de ação como *O Tigre e o Dragão* (2000) e em 2022, com o filme *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (2022) venceu a categoria de Melhor Atriz na premiação, se tornando a primeira Mulher Asiática a conseguir esse feito. Durante seu discurso a atriz ressaltou a importância de sua vitória: “Por todos os meninos e meninas que parecem comigo assistindo esta noite, isso é um farol de esperança e possibilidade. Essa é a prova de que sonhos realmente se realizam”, declarou Michelle Yeoh ao receber sua estatueta.

A identificação é um elemento essencial para o envolvimento emocional do público com o cinema, e a presença de protagonistas diversos em narrativas igualmente plurais é fundamental para ampliar o senso de pertencimento nas telas. Quando o espectador se reconhece naquilo que vê — em sua linguagem, vivência ou história — a experiência se torna mais significativa e transformadora. O sucesso de *Ainda Estou Aqui* (2024), vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional na edição de 2025 da premiação, pode ser explicado, em parte, por isso, o povo brasileiro, e muitos da América Latina também, conseguiu se ver nas telas, vendo a sua realidade, seja pelo cotidiano da família Paiva, as músicas, as gírias ou até a situação da Ditadura Militar, algo que ressoa com diversos outros países latinos, gerando um sentimento de pertencimento, se sentindo ouvido e notado.

O “selo” do Oscar também ajuda diversos profissionais a receber mais confiança de estúdios e por consequência mais liberdade e orçamentos maiores para seus filmes. Um exemplo disso aconteceu com o diretor Francis Ford Coppola que, após a vitória de *O Poderoso Chefão* (1972) no Oscar de 1973, obteve maior liberdade criativa para o segundo filme da trilogia e o dobro de orçamento (o primeiro era de 6 milhões de doláres e o segundo de 13 milhões de

dólares). “Certamente o Oscar é um selo de qualidade, no sentido de que se uma produção recebe uma estatueta, seja como o melhor filme, melhor direção, melhor roteiro, melhor ator, atriz, ou alguma categoria técnica, essa produção será lembrada por essa premiação” (Camargo, 2024, Apêndice)

A premiação também se torna relevante ao documentar diversas passagens e grandes mudanças do cinema como a Era de Ouro de Hollywood[8] e o movimento de Nova Hollywood, muitas vezes evidenciando posições ideológicas e econômicas que estavam em debate na época e as próprias lutas sociais que aconteciam durante o período (Valim, 2006). As diferentes fases também acompanham movimentos externos, grandes eventos na história e pautas sociais de alta relevância. O movimento da Nova Hollywood tem seu início comumente aceito no ano de 1967, ano que no Oscar foram indicados os filmes *Adivinhe Quem Vem para Jantar* (1967) e *No Calor da Noite* (1967), ambos filmes que criticam o tratamento a pessoas negras e o próprio racismo e segregação da época.

> É fundamental que a interpretação de um ou mais filmes seja feita observando-se o seu contexto de produção para que se compreenda como ele relaciona-se com estruturas de dominação e com as forças de resistência, bem como as posições ideológicas e econômicas que propalam nos debates e nas lutas sociais em andamento (Valim, 2006, p. 28).

Assim, apesar de suas injustiças, a premiação ainda tem sua relevância dentro da indústria cinematográfica e da própria história do cinema.

[8] A chamada Era de Ouro de Hollywood compreende aproximadamente os anos de 1927 a 1960, período em que o sistema de estúdios dominava a produção cinematográfica nos Estados Unidos. Foi marcada por grandes produções, o surgimento dos gêneros clássicos (como o faroeste, o musical e o noir), astros e estrelas icônicos, além da consolidação de Hollywood como centro da indústria cinematográfica mundial.

3. JORNALISMO CULTURAL: CRÍTICA DE ARTE

3.1. CULTURA É JORNALISMO?

Jornalismo Cultural é uma vertente do jornalismo que se dedica às expressões culturais criativas, divulgando e relatando seus passos. Porém, apesar de fortemente se expressar sobre as sete artes[9] ou a cultura erudita, o jornalismo cultural não se limita a isso, abordando também os modos de vida, valores, tradições e crenças, superando as divisões entre cultura de elite, popular e de massa, conversando com todas. Dessa forma, o jornalista cultural tem como papel interpretar e analisar diferentes obras para além do seu valor no mercado, levando em consideração seu contexto social e histórico, e condensando isso de forma clara para seus leitores, também influenciando e os convidando a questionar sobre a arte e a própria sociedade (Basso, 2008).

> Jornalismo cultural", a rigor, é uma contradição de termos. A palavra "jornalismo" vem do latim diurnalis, que significa "do dia", menos no sentido de diurno do que de diário, cotidiano. "Cultural" é um termo figurado, por analogia ao cultivo da terra. Jornalismo é do dia a dia; cultural, de longa duração. O jornalismo reage rapidamente aos acidentes; a cultura define a identidade de um grupo, ou de uma sociedade, e só se transforma aos 8 poucos. O jornalismo cultural existe nessa tensão entre o contingente e o permanente, com a balança quase nunca no meio (Nestrovski, 2000 *apud* Magueta, 2021, p. 7)

Segundo o dicionário de Oxford a palavra cultura pode ser compreendida como um complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins. Ao longo da história diversos antropólogos tentaram definir esse conceito avaliando-o de formas diversas. O antropólogo britânico Edward Burnett Tylor trouxe uma das primeiras tentativas, definindo que a cultura é um conjunto amplo que envolve várias áreas da vida humana, desde a linguagem até a economia (Siqueira e Siqueira, 2007). No século XVI, o termo cultura, geralmente atrelado ao ato de cultivo da terra, começou a ser usado para representar o processo de desenvolvimento de uma habilidade humana (Thompson, 1990).

Para o escritor inglês Raymond Williams, cultura é um conjunto de significados que orienta como a sociedade vive, se organiza e valoriza suas práticas. Dessa forma, para o autor a produção cultural reflete as características sociais do período em que é criada, podendo ser relacionada ao contexto da época (Williams, 1992, apud Ballerini, 2015). Assim, analisando essas diferentes definições, a cultura pode ser entendida como um conjunto de atividades praticadas pelo ser humano, podendo inclusive ser uma representação de algum povo ou utilizada historicamente

[9] As sete artes tradicionais são: 1) arquitetura, 2) escultura, 3) pintura, 4) música, 5) dança, 6) literatura e 7) cinema — esta última reconhecida como a sétima arte a partir do século XX

para entender diversos eventos que fizeram parte da história da humanidade. E o jornalismo cultural também tem esse poder de documentar o presente além de explicar e contextualizar as obras sobre as quais escreve (Ballerini, 2015).

> Tais obras, porém, são atemporais em termos de apreciação e valor artístico-cultural. Ou seja, apreciar um quadro de Kandinsky ou um livro de Guimarães Rosa só é possível tendo consciência do contexto social e cultural no qual essas obras foram produzidas. Caso contrário, ficar-se-á apenas na apreciação de um borrão e de um livro de histórias de personagens. O mesmo se aplica a qualquer grande obra do cinema e até às críticas de intelectuais como Paulo Emílio Sales Gomes, Jean-Claude Bernardet, André Bazin. François Truffaut etc. (Ballerini, 2015, p. 32).

Junto a isso, a necessidade de contar, escrever e propagar sobre o que consumimos é um hábito que permeia a história humana. Apesar de não existir uma data concreta, o início do jornalismo cultural pode ser atribuído, segundo Ballerini (2015), juntamente com a criação da prensa de Gutenberg em 1450, que permitiu a publicação de livros, textos teatrais e poesias, espalhando diversos ensaios literários e teatrais pela Europa (Piza, 2013), Paralelo, surge a crítica desses campos, durante a Renascença, período de grande produção e consumo cultural.

O nascimento da crítica então é entendida por Ballerini (2015) durante o século XVII quando, por conta de mudanças sociais, a burguesia se fortaleceu politicamente e criou meios, como revistas e jornais, para expressar seu poder (Mendonça, 2001 *apud* Ballerini, 2015). Ainda segundo o crítico brasileiro, a crítica ganhou forças no século XVIII, com o aumento de teatros e museus nas cidades europeias, onde a crítica se tornou um prolongamento das conversas de intelectuais que frequentavam esses ambientes. Mas alguns estudiosos acreditam que o jornalismo cultural nasceu na cidade e com a cidade, tendo como marca a data de 1711 quando os ingleses Joseph Addison e Richard Steele fundaram a revista diária *The Spectator,* que contemplava diversas áreas da cultura artística (livros, óperas, teatros etc.) num tom casual, reflexivo e acessível, com o objetivo de "tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casa de chá e cafés". A revista ainda tinha um público-alvo bem focado: os homens da cidade, especificamente os que se mudaram do campo para a cidade, que estaria de olho nas novidades e nas mudanças de comportamento e política.(Piza, 2013), aspecto esse que mais tarde se tornaria muito popular dentro do que se entende como jornalismo cultural, como na revista *New Yorker*. "A New Yorker é ainda hoje uma das mais respeitadas publicações do jornalismo cultural mundial, marcada pela classe, caráter incisivo, profundidade e humor com que trata os mais diversos temas, desde sua fundação" (Rodrigues, 2018, p. 44).

E cada vez mais a crítica e os críticos de artes foram ganhando um espaço maior dentro do jornalismo. No século XIX surgem os folhetins franceses (*feuilleton,* "pequeno caderno") que

trazem a ideia de cadernos de cultura e variedades para o jornalismo (Ballerini, 2015). Porém no começo do século XX nos Estados Unidos, o jornalismo cultural se afasta do seu caráter opinativo e abraça um tom mais noticioso, com reportagens sobre o entretenimento e consumo de cultura, e é neste cenário que nascem diversas revistas como a *Vanity fair* e a *Esquire*. Mas em 1970, os textos opinativos voltam a aparecer em grandes jornais diários (como no *New York Times*) sendo críticas rápidas e provocativas que, mesmo com limitações relacionadas a extensão dos textos e uso de jargões (Rodrigues, 2018), rapidamente ganhou força e poder conseguindo decidir o sucesso ou fracasso de filmes, peças e discos (Piza, 2003 *apud* Rodrigues 2018*)*.

Para além de incentivar o debate e a conversa entre intelectuais no século XVIII, a cobertura das artes feitas pelos jornais e veículos de comunicação ganha importância por democratizar o acesso à cultura, muitas vezes chegando em audiências que a própria arte por si só não consegue chegar (Szantó, 2007 *apud* Rodrigues, 2018), dessa forma, gerando um impacto social e econômico da cultura (Dapieve, 2013, *apud* Rodrigues, 2018).

Além disso, a escrita de críticas e resenhas engrandece o trabalho e a bagagem intelectual de qualquer profissional, visto a necessidade de interpretação e a capacidade de resumir ideias e condensá-las de uma forma que seja atrativa para o leitor. Vemos esse exemplo com muita clareza na história, já que diversos autores famosos e aclamados começaram seus trabalhos no jornalismo cultural, como Machado de Assis, Luis Fernando Veríssimo e Edgar Allan Poe (Nina, 2007). Clarice Lispector é outro exemplo, inclusive assumindo que seu trabalho no jornal deixou suas obras mais conectadas com os leitores: "[...] basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo [...] nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com o leitor. Aqui no jornal falo apenas com leitor e agrada-me que ele fique agradado" (Lispector, 1992 *apud* Nina, 2007).

A atividade crítica, então, dialoga aqui com a tradição do jornalismo cultural e da crítica cultural em si – posto que é praticada em outras instâncias, além da imprensa. Embasaram essa prática autores como Marcelo Coelho ("Jornalismo e crítica", 2000; e *Crítica cultural: teoria e prática*, 2006); Roland Barthes (*Crítica e verdade*, 2003); Terry Eagleton e Matthews Beaumont (*A tarefa do crítico*, 2010).

3.2 A CRÍTICA CINEMATOGRÁFICA

Desde seu surgimento o cinema contou com cobertura jornalística. Em dezembro de 1895 quando os irmãos Lumière exibiram seu primeiro filme, a imprensa de todo o mundo, já bem desenvolvida, cobria o acontecimento, ajudando inclusive a divulgar as inovações técnicas que

foram sendo desenvolvidas no final do século XIX e começo do século XX (Ballerini, 2015 *apud* Cunha).

Em seu começo, a crítica foi marcada por diversos nomes como: Louis Delluc, Riccioto Canudo, Siegfried Kracauer, Jean Epstein, Otis Ferguson ou Grahan Greene, que escreviam textos em jornais e revistas voltado para cinéfilos. Os autores dessa época foram importantes não só para o desenvolvimento das críticas e do próprio cinema, mas também por defenderem a ideia de que os filmes deveriam ser avaliados como obra de arte e linguagem (Bordwell, 1991 *apud* Gomes, 2006).

> Philip French (1998) atribui a Máximo Gorky a paternidade do formato. Em abril de 1896, aos 28 anos, Gorky publicou em um pequeno jornal chamado Nizhegorodski listok, sob o pseudônimo I. M. Pacatus, relatos sobre a própria experiência diante do filme dos irmãos Lumiére, exibido em Nizhini-Novgorod, na Rússia. O texto, em primeira pessoa, é considerado a primeira peça de crítica jornalística cinematográfica, pois além de descrever o que viu na tela, o autor também emitiu juízos de valor sobre o resultado (Braga, 2013, p. 57).

Essa característica descritiva, porém, acabaria se tornando um traço fixo das críticas cinematográficas jornalísticas, já que os filmes eram vistos como mero entretenimento e muitas vezes deixados de lado como arte. Uma consequência disso é a carência de críticas com análises mais apuradas sobre os primeiros filmes (Gomes, 2006), em que a maioria das primeiras críticas jornalísticas tinham a função de noticiar o filme (Braga, 2013).

> O desenvolvimento da crítica jornalística cinematográfica caminha junto com o reconhecimento do cinema como um fenômeno da indústria cultural, ou seja, à medida que mais filmes eram lançados, os meios de comunicação abriam mais espaço para textos cada vez mais analíticos. Assim como ocorreu no campo da literatura, a proliferação da atividade relacionada aos filmes gerou no início do século XX uma pluralidade de enfoques críticos na imprensa (Braga, 2013, p. 58).

Com mais espaços para a crítica foram surgindo diferentes vertentes e abordagens, principalmente quando os textos foram se cruzando com outras áreas do conhecimento, analisando os filmes sob perspectivas diferenciadas. Alguns críticos analisavam o filme tendo em mente relações socioeconômicas em torno da obra, outros levavam em conta regras e orientações já estabelecidas, havia aqueles que trabalhavam conforme o interesse de distribuidoras e alguns levavam em consideração seus próprios valores como indivíduo, trazendo suas próprias impressões (Braga, 2013).

Um dos marcos da crítica cinematográfica que também justifica seu impacto no próprio cinema aconteceu pós Segunda Guerra Mundial, na França. Apesar de estar no lado vitorioso, a

ocupação nazista no país prejudicou profundamente diversos ideais franceses e sua presença no mercado internacional, já que ao final da guerra o mercado cinematográfico, antes protagonizado pelos franceses, agora era ocupado pelos norte-americanos, que aplicavam politicas cada vez mais fortes de exportação. Até que, em 1951, diversos críticos da revista *Revue du Cinéma* se juntou com os membros dos cineclubes *Ciné-Club du Quartier Latin* e *Objectif 49* e fundaram a revista *Cahiers du Cinéma,* que dentre seus principais críticos tinha nomes como François Truffaut e Jean-Luc Godard que mais tarde se tornaram aclamados cineastas. A *Cahiers du Cinéma* foi responsável por desenvolver diversas novas percepções e técnicas como o termo "*camera stylo"* (câmera-caneta), que prezava que o ato de filmar deveria ser uma expressão tão pessoal e autoral para o diretor quanto escrever é para um escritor, ressaltando a visão individual do cineasta, o que acabou inspirando o movimento cinematográfico *Nouvelle Vague* (Sabadin, 2018).

Com a criação de revistas especializadas e os avanços das narrativas dentro dos filmes, a crítica cinematográfica passou a, além de avaliar uma obra, também explicá-la para seus leitores. Dessa forma, é possível entender que a crítica cinematográfica foi se moldando conforme as necessidades de cada período na tentativa de se conectar com os diferentes públicos que foram nascendo com a evolução do cinema, o que originou diferentes formatos de análises jornalísticas (Braga, 2013). Com isso, a crítica passou a assumir um perfil de mediador entre público e realizador, tentando encontrar um lugar comum entre a análise, explicação e divulgação dos filmes (Gomes, 2006).

Para Ballerini, o jornalismo cultural ganhou uma nova gradação com a criação do cinema, que se tornou uma arte nobre para imprensa, ainda que fosse uma novidade em comparação com a literatura,o teatro e a música. O crescimento da mídia e da industrialização, além da produção dos novos materiais, foram responsáveis por impulsionar e expandir o jornalismo cultural na Europa, já que os críticos foram ganhando cada vez mais influência.

3.3 UMA CURADORIA PARALELA: OS FILMES QUE FORMAM ESTE ALMANAQUE

A curadoria é um processo de seleção e organização para apresentar determinado conteúdo de forma significativa, com base em critérios específicos. No Oscar essa curadoria acontece na seleção dos filmes indicados nas diversas categorias da premiação. A categoria de Melhor Filme foi criada com o objetivo original de eleger e premiar as melhores produções de cada ano pelo voto dos membros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, que reúne diversos profissionais da indústria cinematográfica, refletindo escolhas que não são apenas técnicas ou artísticas, mas também políticas, comerciais e culturais. E por mais que essa curadoria se torne limitada a alguns anos, excluindo filmes e grupos menos privilegiados devido a forte influência de interesses

comerciais e pressão de *lobbies*, a curadoria do Oscar acaba sendo um espelho das qualidades e das limitações da indústria cinematográfica, principalmente a hollywoodiana.

A seleção de filmes, então, que compõem este Almanaque vem da seleção dos filmes indicados à categoria de Melhor Filme entre os anos de 1968 a 2025, escolhidos pela própria Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. No total, assisti e analisei 356 filmes. Com este almanaque, pretendo apresentar minha visão, como crítica de cinema, sobre quem deveria ter vencido a estatueta de Melhor Filme ao longo dos 57 anos observados.

Desde o início, as críticas de filmes caminham lado a lado com a criação do cinema, desempenhando um papel importante na indústria cinematográfica, influenciando a visão do público, trazendo informações a respeito das técnicas e qualidade artística, e da própria história do cinema, e principalmente, promovendo discussões sobre a sétima arte, mantendo o legado dos filmes vivos, elevando o senso crítico dos leitores e propagando a relevância do cinema.

A ideia de trazer textos críticos autorais é fundamentada com base em alguns autores que acreditam que a crítica, para além de informativa e técnica, também tem como base a personalidade e visão de mundo dos autores, podendo inclusive servir como um documento de contexto histórico da época em que foi publicada. Durante os anos 1960 os chamados cinéfilo-autocríticos era muito presente no campo cinematográfico, período em que a crítica, cineastas, críticos e espectadores assumem papeis mistos: cineastas agiam como críticos, críticos como criadores e espectadores como ambos (Avellar, 1996 *apud* Altmann, 2008). Dessa forma, as críticas eram escritas levando em principal consideração a inspiração do próprio filme e as sensações e debates gerados pelos cinéfilos e não em teorias aprofundadas (Altmann, 2008)

O lado objetivo das críticas recentes é um tópico contestado pelo jornalista Marcelo Coelho, que em seu livro *Crítica Cultural: Teoria e Prática*, que expõe alguns problemas enfrentados pelo jornalismo cultural e a crítica como a tendência a uma grande objetividade, muitas vezes cedendo para a o gosto público ou apenas trazendo um texto na linguagem do marketing e falta de espaços, a luta pelo arbítrio individual do jornalista e a as limitações de espaço para essas críticas (Coelho, 2006).

> A faculdade mais valiosa do crítico é, sem dúvida, seu olhar. É sua única arma (a escrita nada mais é do que sua retórica). O que molda o olhar de um crítico? De que ele é feito? Ele é composto tanto de sua cultura cinematográfica (seu conhecimento: técnico, filosófico, histórico) quanto de sua personalidade (sua visão de mundo) – em iguais parcelas (1). No entanto, sua habilidade fundamental é saber se colocar: o crítico não é um artista, é um observador, o que torna sua maneira de posicionar-se diante dos filmes uma virtude decisiva para ele. Posicionar-se da maneira correta implica, posteriormente, em levantar as questões que são corretas e pertinentes ao filme (Nogueira, 2013,online).

Outra referência vem do norte-americano Roger Ebert, um dos mais aclamados críticos da história, sendo o primeiro crítico de cinema a ganhar o Prêmio Pulitzer de Crítica (1975), que entendia o cinema como um obra capaz de inspirar, enxergando a crítica cinematográfica com a mesma importância (Freire, 2022). O autor ficou conhecido por conta da sua escrita acessível que era capaz de conquistar diversos públicos, além de se manter fiel a suas opiniões fortes, muitas vezes ressaltando o impacto emocional do filme e correndo riscos ao elogiar filmes que foram esquecidos ou subestimados por outros. Além de crítico, Ebert também escreveu diversos livros sobre o cinema como *The Great Movies* (publicados em 2002, 2005, 2010 e 2016) e *I Hate, Hate, Hate that Film*, publicado em 2000, que traziam suas opiniões sobre grandes filmes e sobre os longas-metragens para os quais deu as menores notas, respectivamente.

Durante anos, Roger Ebert apresentou um programa junto com o também crítico Gene Siskel chamado Siskel & Ebert (1986–2010). Em uma de suas conversas - publicada pelo canal do youtube *Interview Archives Learning Objects* - os críticos discorreram sobre a formalidade dentro de críticas recentes. Segundo Ebert, o que falta é um tom pessoal, já que a crítica não é uma ciência exata e sim a visão do próprio autor, já que a arte não é objetiva e sim subjetiva: “Implícito ou não, a crítica é na primeira pessoa. Ela não é uma ciência, você não está falando sobre a verdade e você não está afirmando é isso que aconteceu, você está dizendo é isso que aconteceu comigo, é assim que eu me sinto.”

Outra referência é o crítico de arte e jornalista Teixeira Coelho. Segundo o autor, o verdadeiro jornalista cultural é aquele que consegue expressar sua opinião de forma distinta e singular (Basso, 2008), se tornando um exercício pessoal e único de cada crítico. A crítica ainda ocupa uma posição importante na interação entre quem cria e quem consome os filmes, funcionando

como uma resposta direta à obra, contribuindo para debates sociais sobre ela e ainda servindo como referência ao público, incentivando os leitores a formularem suas próprias análises sobre a obra (Braga, 2006 *apud* De Lima e Mousinho).

> Toda crítica parece ter um objetivo básico de filtragem, de separar o joio do trigo, de atribuir valores, distinguir. No caso da crítica de cinema, a filtragem se oferece para a decisão do leitor, que pode se organizar enquanto espectador, levando em conta aquelas informações e aquelas reações de gosto. Vou ver este filme e não aquele. Ao tomar essa decisão, ponho em movimento toda a máquina que tem na crítica cinematográfica de jornal a sua dinâmica. Pois a crítica não filtra apenas para nós – possíveis espectadores –, filtra para toda a indústria. As decisões da crítica comandam, direta ou indiretamente, boa parte dos negócios e das decisões e ângulos de criações (Braga, 2006 *apud* Braga 2013).

Dessa forma, este trabalho seguirá a vertente da crítica autoral, levando em consideração minhas experiências pessoais e interpretações. Além de únicas, essas interpretações trazem uma visão subjetiva, afinal a própria arte é subjetiva, apreciando o cinema de uma maneira singular e ainda fazendo referência ao cinema autoral, onde os cineastas faziam filmes segundo sua vontade, modelo que se fortaleceu durante a Nova Hollywood, movimento que dá o ponto de partida para o almanaque.

4. METODOLOGIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo produzir um almanaque com críticas sobre os filmes que deveriam ter sido premiados com a estatueta do Oscar de Melhor Filme, entre os anos de 1968 a 2024, fundamentado nos aprendizados adquiridos ao longo da graduação em Jornalismo pela UFPR, bem como nas leituras e investigações realizadas durante a elaboração do TCC 1.

A ideia inicial para o trabalho surgiu na pandemia quando, para escapar da realidade do isolamento social, eu resolvi assistir a todos os filmes vencedores da estatueta do Oscar de Melhor Filme. Durante a graduação, na matéria de Projeto Editorial e Gráfico, a pesquisadora produziu o *Almanaque do Oscar: os 94 vencedores de Melhor Filme — críticas de uma cinéfila sem formação,* projeto que reunia suas críticas sobre os 94 filmes vencedores da categoria de Melhor Filme do Oscar. E, para o TCC, a ideia era um projeto de um super almanaque, analisando todos os 356 filmes indicados para a categoria do Oscar entre os anos de 1968 até 2025, elaborando críticas sobre todos os indicados em um almanaque intitulado como *Era uma vez no Oscar*, fazendo referência às histórias infantis, visto que o almanaque vem como uma releitura dos acontecimentos da premiação. Para isso, de 2023 a 2025 assisti a todos os 356 filmes, entre o recorte selecionado do trabalho, para destacar os melhores de cada ano. A escolha do recorte temporal foi fundamentada pela importância histórica e cultural desse período, destacando a Nova Hollywood e as transformações no cinema global.

As transformações desse período são marcantes e decisivas para a história do cinema. O movimento trouxe uma geração de cineastas autorais, mais jovens e com influências do cinema europeu. Filmes passaram a abordar temas mais complexos, como violência, sexualidade, questões raciais, políticas e existenciais, com maior liberdade estética e narrativa. Além disso, houve uma expansão do cinema internacional nas premiações, impulsionando uma abertura para diferentes estilos, culturas e modos de fazer cinema. Com isso, o Oscar passou a refletir — ainda que lentamente — as mudanças culturais, sociais e tecnológicas que estavam em curso.

A parte teórica do trabalho, então, combinou fundamentação teórica, análise crítica e produção prática. A pesquisa desenvolvida neste documento se concentra na história do jornalismo cultural e da crítica, o estudo da crítica cinematográfica em uma vertente pessoal, levando em consideração minhas experiências, e no papel do almanaque como formato jornalístico e cultural. Dentre as principais fontes utilizadas se destaca Eliska Altmann (2008) que, em sua resenha temática *Olhares da recepção: a crítica cinematográfica em dois tempos* aborda a relação entre recepção e crítica cinematográfica, explorando os aspectos de interação entre crítica e público; o

jornalista Franthiesco Ballerini (2015), no livro *Jornalismo cultural no século 21,* que discute os desafios do jornalismo cultural no século 21, sendo essencial para compreender o cenário contemporâneo da crítica de cinema; Carolina Braga (2013), *A crítica jornalística de cinema na internet: um dispositivo em transformação,* que discute transformação do gênero de crítica cinematográfica na internet, relevante para compreender os novos contextos e plataformas de publicação; Mark Harris (2011), *Cenas de uma revolução: o nascimento da Nova Hollywood,* que ressalta as mudanças e importância do período da Nova Hollywood para o cinema e, por consequência, justifica a escolha do recorte do produto; e por fim, Celso Sabadin (2018), *A história do cinema para quem tem pressa: dos Irmãos Lumière ao século 21 em 200 páginas!,* que explica alguns dos principais momentos importantes da história do cinema, evidenciando como os eventos mundiais afetaram essa história.

Para justificar a relevância e importância da premiação do Oscar, atualmente foram realizadas duas entrevistas, uma com o cineasta e coordenador da Cinemateca de Curitiba, Marcos Stankievicz Saboia (Apêndice B), e outra com o jornalista e crítico de cinema Paulo Camargo (Apêndice C). Também foi realizada uma pesquisa por meio de um formulário do Google com 12 perguntas sobre o Oscar e sua influência, que foi enviado para um grupo composto por pessoas com variados níveis de interesse e conhecimento sobre o Oscar e o cinema, abrangendo desde quem acompanha a premiação regularmente até aqueles que não têm esse hábito, incluindo tanto leigos quanto conhecedores do evento, assegurando uma diversidade de pontos de vista.

Além das análises teóricas e críticas, foram consultados materiais como entrevistas e artigos que discutem injustiças e controvérsias no Oscar em publicações do *Los Angeles Times* e reportagens de veículos especializados em cinema, como *Entertainment Weekly*. O principal exemplo analisado é o caso da vitória do filme *Crash* (2004) que venceu o favorito do *ano O Segredo de Brokeback Mountain* (2004), explorada por Jim Stacy (2007), em seu livro *Reading Brokeback Mountain: essays on the story and the film*, e pelo historiador e crítico de cinema Waldemar Dalenogare (2020), *Como Crash desbancou Brokeback Mountain e venceu o Oscar de melhor filme - Histórias do Oscar #22.*

A etapa prática do projeto, que será realizada durante o TCC 2, vai consistir na produção do almanaque *Era uma vez no Oscar*, que reimagina os vencedores da estatueta de Melhor Filme segundo uma perspectiva autoral. Para isso, será utilizada a experiência adquirida na disciplina Projeto Editorial e Gráfico, com o protótipo do *Almanaque do Oscar: os 94 vencedores de Melhor Filme*. O formato do almanaque foi aprofundado com base nas discussões teóricas de Marlyse Meyer (2001) e de Carlos Ceia (2009) sobre o gênero almanaque como suporte cultural.

O almanaque, apesar de suas raízes populares e históricas, pode ser compreendido como um suporte cultural jornalístico por sua função de reunir, organizar e interpretar informações de forma acessível e atrativa para o público. Diferente de uma simples compilação, o almanaque atua como um mediador entre o conhecimento e o leitor, oferecendo curadoria, contexto e análise crítica — elementos centrais do jornalismo cultural. No caso deste trabalho, o formato do almanaque permite uma abordagem flexível e autoral das obras indicadas ao Oscar, articulando dados históricos, crítica cinematográfica e releituras criativas em uma linguagem que aproxima o público do universo do cinema sem abrir mão do rigor informativo e da intencionalidade jornalística.

4.1. SOBRE A JORNADA

Apesar de fortemente produzido no primeiro semestre de 2025, a ideia de elaborar um almanaque para meu Trabalho de Conclusão de Curso veio muito mais cedo. E com a ideia veio também o preparo.

Para produzir o *Era uma vez no Oscar, assisti* a todos os filmes indicados à premiação entre 1968 a 2025, 356 obras, totalizando mais de 779 horas somente em longas-metragens. Claro, muitos dos indicados já tinham cruzado a minha vida em algum momento, porém, grande parte dos filmes contemplados dentro do almanaque eu tive meu primeiro contato com esse projeto. Dentre os obstáculos que enfrentei, o principal deles foi a dificuldade de achar grande parte das obras, já que a maioria delas não estava disponível em nenhum serviço de streaming. Mas, com muita persistência, e alguns com uma qualidade bem mais baixa, consegui ter acesso a todos os filmes indicados.

Quando comecei esse projeto, tentava assistir as obras com um espaço de tempo entre elas, selecionando aleatoriamente dentre os 356 filmes para não ser injustiça ou repetir temáticas. Porém, conforme o trabalho se tornou cada vez maior e o tempo cada vez menor, na reta final assistia um filme por dia, para conseguir dar conta.

Enquanto assistia aos filmes, fui aos poucos produzindo as críticas. Para a elaboração das críticas, em sua maioria, primeiro procurava mais informações sobre os filmes, curiosidades e histórias de bastidores, para compor minhas análises e também contextualizar os futuros leitores, tendo como base as informações de sites como IMDb. O segundo passo era ler críticas feitas por outra pessoa, geralmente algumas feitas pelos portais *Plano Crítico, Omelete, Cinema com Rapadura, Adoro Cinema* ou *Cinema e Debate,* tentando ter contato com resenhas positivas e negativas das obras.

E por fim, a escrita, quando escrevo alguma crítica sempre penso nos pontos a serem abordados a respeito da direção, roteiro (aqui principalmente as temáticas da história e o que relacionei dentro do filme, o que ele me fez pensar), as atuações e demais considerações como trilha

sonora, cenários, figurinos etc. Cada crítica levou tempos diferentes para ser escrita, algumas, muitas vezes falando sobre as obras que mais gostei, consegui elaborar em menos de 30 minutos, outras, principalmente quando o filme em questão não me impressionou nem decepcionou, levaram mais de 2 horas.

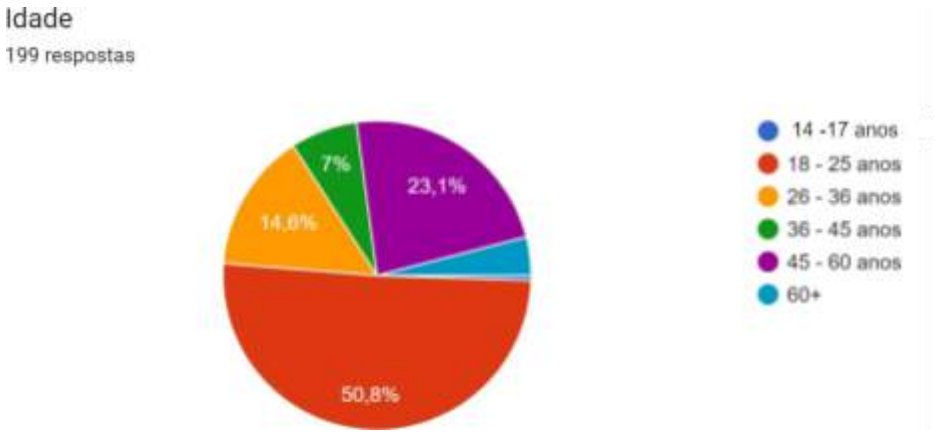
Idealmente, gosto de tirar pelo menos dois dias para pensar sobre o filme que assisti, até para conseguir traçar paralelos com outras obras. Mas, com meu trabalho como crítica de cinema no perfil do *Assista a um Filme*, percebi que nem sempre teria esse tempo extra, por conta do *timing* de lançamentos e também os pedidos dos estúdios nas cabines de imprensa, algo que fui adaptando ao longo dos anos, que também acabou sendo importante para esse trabalho.

E, juntamente com as críticas e os filmes, passei a produzir o produto, seu design e estética, ao mesmo tempo, no aplicativo *Indesign.* Como era meu primeiro contato com a plataforma passei por algumas dificuldades, mas com o tempo fui aperfeiçoando as técnicas dentro do aplicativo.

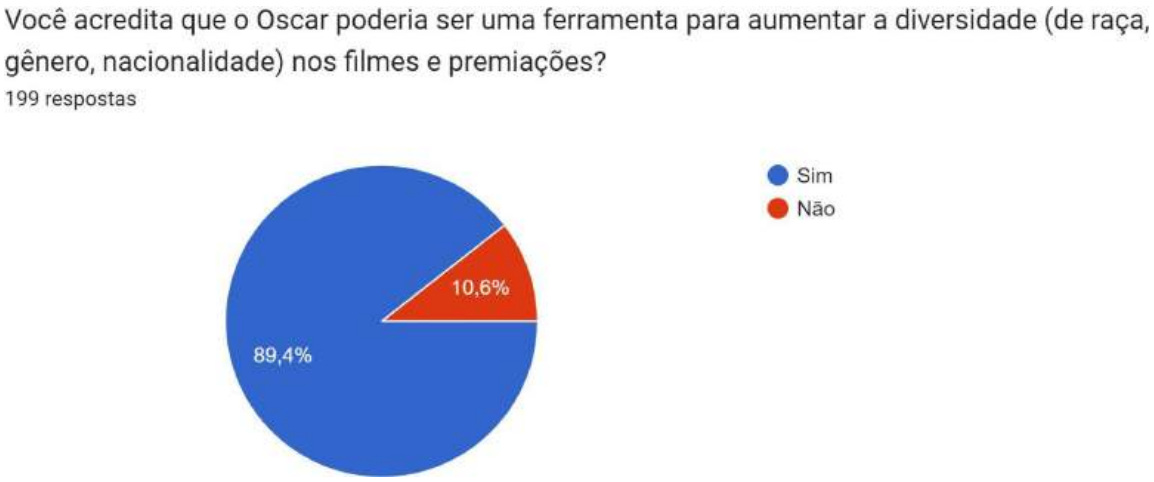
4.2. UM PRÊMIO, MUITAS INJUSTIÇAS: RESULTADOS DE UMA PESQUISA DE CAMPO

Para comprovar a relevância do prêmio e as injustiças presentes ao longo da história, elaborei um formulário na plataforma Google com 12 perguntas para entender a reação do público à premiação. O formulário foi aplicado entre os dias 3 a 11 de outubro de 2024 e enviado para os seguidores do perfil *@assistaaumfilme*[10] no instagram, alunos da Universidade Federal do Paraná e pessoas próximas. O critério de seleção dos respondentes para o formulário foi estabelecer uma amostra diversificada, composta por pessoas com diferentes níveis de envolvimento com o Oscar e com o cinema em geral. Foram incluídas tanto aquelas que acompanham a premiação regularmente quanto as que não o fazem, bem como pessoas com e sem conhecimento aprofundado sobre o evento, garantindo uma multiplicidade de perspectivas. Ao todo o formulário recebeu 199 respostas sendo 50,8% dos participantes entre 18 e 25 anos e 51,3% se identificando como gênero feminino (ver Anexo A e Apêndice A).

[10] Perfil criado e administrado pela autora do trabalho. Além de curiosidades, o perfil traz críticas da autora sobre diversos filmes, desde lançamentos até clássicos do cinema.

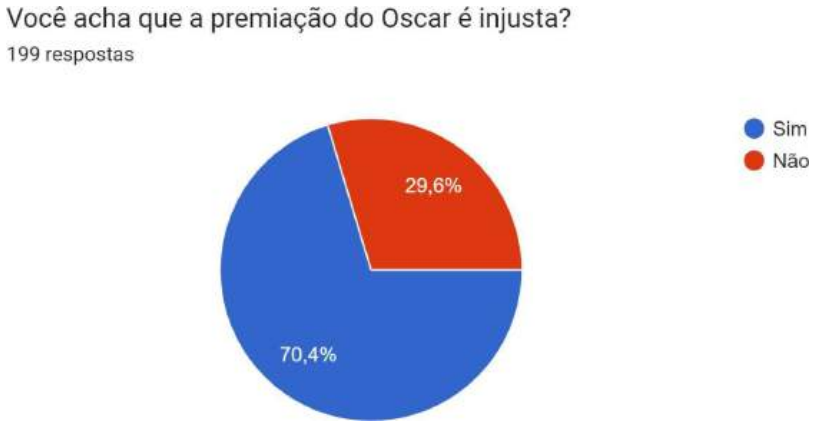


As respostas do formulário comprovam a relevância que a premiação detém, já que 80,9% dos participantes da pesquisa se sentem influenciados a assistir a um filme após receber uma indicação ou um prêmio - um "selo" do Oscar - e 91% acredita que essa vitória no Oscar influencia o sucesso comercial de filmes e carreiras de diretores e atores, visto que muitos profissionais realizam mais trabalhos após uma nomeação ou uma vitória. Para a maioria também (89,4%), a premiação poderia funcionar como uma ferramenta para aumentar a diversidade em filmes e premiações.



Porém, apesar de acompanharem a premiação 70,4% das respostas acreditam que a premiação é injusta. Dentre as principais respostas à pergunta "Já houve alguma vitória no Oscar que você achou injusta em relação aos outros indicados? Se sim, qual?" muitas se repetem como a não vitória de filmes como *La La Land* (2016), *O Resgate do Soldado Ryan* (1998) e *Cidadão Kane* (1941) ou pela estatueta de Melhor Filme ter sido entregue à *Oppenheimer* (2023) e *Green Book* (2018), porém, mais de 46% das respostas relembram o evento do Oscar de 1999 onde Fernanda Montenegro representava o Brasil na categoria de Melhor Atriz pelo filme *Central do*

Brasil (1998), o qual perdeu para Gwyneth Paltrow por *Shakespeare Apaixonado* (1998).



A maior parte dos participantes (75,9%) também acredita que o lobby ou campanhas feitas pelos estúdios influenciam os resultados das premiações, evidenciando assim um dos possíveis motivos para as injustiças dentro da premiação. E 82,4% acredita que exista um favoritismo relacionado ao gênero dos filmes, muitas vezes favorecendo filmes mais dramáticos e biográficos, o que pode ser explicado pelo perfil de votantes do Oscar.

5. UMA RELEITURA DO OSCAR

5.1 A ESCOLHA DO FORMATO

Apesar de constantemente ser associado com curiosidades sobre diversos assuntos, o almanaque tem suas origens desde antes do Egito antigo, também sendo desenvolvido na China durante a dinastia Ming. Esses primeiros almanaques tinham um formato de calendário e traziam estudos sobre os saberes astronômicos. Mais tarde na Idade Média, o almanaque era utilizado estritamente como calendário, até que, no século XV, ocupa o posto de primeira publicação periódica sem carácter jornalístico, dando continuidade a uma tradição iniciada em Mayence (Alemanha) em 1448, marcando um dos primeiros usos do formato impresso para disseminar informações ao público. (Tengarrinha, 1989 *apud* Ribeiro, 2018). Por definição do dicionário de Oxford, a palavra "Almanaque" conta com quatro definições, e para afirmar meu trabalho levarei em consideração apenas uma delas: "edição especial, mais volumosa, de revistas (esp. de histórias em quadrinhos), de publicação esporádica ou periódica".

Segundo o professor e escritor português Carlos Ceia (2009), o almanaque é uma publicação que reúne informações variadas e práticas, acessíveis para todos. Seu objetivo não é aprofundar os temas, mas apresentar resumos e dicas úteis. Além de variados assuntos, existem também almanaques voltados para áreas específicas diversas. Ainda de acordo com Ceia, o escritor e diplomata portugues, Eça de Queirós, no prefácio do *Almanaque Enciclopédico* (1896), destacou a importância histórica e social dos almanaques, ressaltando que essas publicações reúnem informações essenciais para a vida cotidiana, como dados sobre agricultura e organização da sociedade, sendo fundamentais para o funcionamento da vida coletiva.

Ao longo dos anos, apesar de sua antiga criação, o Almanaque como formato literário se manteve graças a suas características elementos de estabilidade e adaptação, conseguindo preservar conhecimentos antigos e tradicionais e também acompanhar novas tendências, assuntos, públicos e contextos. Além disso, o formato acaba sendo único e dinâmico já que carrega consigo informações antigas e úteis, e curiosidades, expostas de forma divertida e de fácil compreensão, não sendo exclusivo, conseguindo passar seu conteúdo para diversos públicos, se adaptando conforme a necessidade da informação. Além disso, o almanaque se diverge dos outros livros por sua diversidade de temas e formatos, trazendo uma mistura de textos, imagens e ideias (Meyer, 2001).

> Considerando nossos tempos de conquistas de outras linguagens como a da Internet, não nos seria difícil associar esta operação de linguagem a uma espécie de matriz virtual que se atualiza ou que se linka, cada vez que determinado segmento de informação se faz necessário. E o digo, tanto quanto ao processo de formação, seleção de assuntos, organização e edição de certos almanaques mas também quanto ao tipo de leitura que ele suscita, o uso que dele podem fazer leitores e consulentes, a deslocação de funções que os vários itens possibilitam (Meyer, 2001, p. 20).

Os elementos de estabilidade e adaptação do almanaque estão justamente em sua capacidade de manter uma estrutura reconhecível — com seções fixas, linguagem acessível e proposta informativa — enquanto se reinventa de acordo com as transformações culturais e tecnológicas de cada época. Essa dualidade permite que o gênero sobreviva ao tempo, mantendo sua função de transmitir conhecimento e curiosidades ao mesmo tempo em que incorpora novas linguagens, formatos visuais e interesses do público. Por isso, o almanaque pode abordar desde temas científicos até conteúdos de entretenimento, sem perder sua identidade, sendo um formato versátil tanto no impresso quanto em versões digitais, dialogando com o leitor contemporâneo sem abandonar suas origens.

A escolha da modalidade Almanaque para o trabalho, então, se deu por conta da liberdade do formato, conseguindo agregar um maior número de informações (além das críticas), como as notas, prêmios, curiosidades e várias possibilidades de exploração das imagens. Paralelo, o almanaque permite uma linguagem informal, por se tratar de textos de opinião, e também por facilitar a leitura.

A principal inspiração é o *Almanaque do Oscar: os 94 vencedores de Melhor Filme - críticas de uma cinéfila sem formação*, e agora com o Trabalho de Conclusão de Curso busco expandir o que foi feito no Almanaque do Oscar, trazendo as críticas daqueles que eu considero os melhores filmes de cada ano dentro dos indicados ao Oscar de Melhor Filme.

O projeto aqui relatado, no aspecto editorial, se inspira na tradição de colunas opinativas sobre cinema. No projeto gráfico, o Almanaque está inspirado no Livro do Cinema, da editora Globo Livros (2017), no The Film Book: A Complete Guide to the World of Cinema de Ronald Bergan (edição de 2021), no livro 1001 Filmes para Ver Antes de Morrer, um Livro que reúne filmes compilados por críticos de várias partes do mundo, editado por Steven Jay Schneider desde 2003, já que conta com versões anuais e no Almanaque dos anos 80, de Luís André Alzer e Mariana Claudino (Ediouro, 2004); e no formato de imagens do Almanaque de 1964, da jornalista especializada em cinema Ana Maria Bahiana (Companhia das Letras, 2014). Para a revisão de escrita, será utilizado o Manual de redação e estilo: o Estado de S. Paulo, de Eduardo Martins

(Estadão, 2001).

O público-alvo previsto para o produto é formado por cinéfilos, colecionadores, amantes ou interessados sobre cinema, de qualquer idade, gênero e região do país, tendo como base o público do perfil @assistaaumfilme, presente nas plataformas instagram, youtube e tik tok.

5.2 ERA UMA VEZ NO OSCAR

A proposta de título Era Uma Vez No Oscar faz uma alusão às histórias infantis, dessa forma, fazendo referência para as minhas escolhas ideais dentro do Oscar, como um "mundo mágico". Ao longo do almanaque então busco trazer minha visão sobre cada um dos anos do Oscar entre 1968 a 2024 com a crítica do filme que eu como crítica acho que deveria ter sido o vencedor, além de um breve contexto sobre o ano, os outros indicados e algumas curiosidades.

Em relação a parte estética do almanaque vou usar como referência, para ser expandido, o meu almanaque produzido ao longo da graduação na matéria de Projeto Editorial e Gráfico: *Almanaque do Oscar: os 94 vencedores de Melhor Filme - críticas de uma cinéfila sem formação,* como mostra o exemplo abaixo:

FIGURA 1 - Contextualização da década de 1920

DÉCADA 1940

1940
...E O VENTO LEVOU

★★★★★

Direção
Victor Fleming
Prêmios
Oscar de melhor filme
Oscar de melhor atriz coadjuvante
Oscar de melhor atriz
Oscar honorário
Oscar de melhor montagem
Oscar de melhor diretor
Oscar de melhor direção de arte
Oscar de melhor fotografia
Oscar de melhor roteiro adaptado
Notas
IMDb: 8.1
Rotten tomatoes: 90%

Scarlett O´Hara (Vivien Leigh) é uma jovem que consegue tudo o que quer, menos o amor de sua vida, o nobre solteiro Ashley Wilkes (Leslie Howard), que já tem um casamento arranjado. Nem mesmo o aventureiro Rhett Butler (Clark Gable) faz com que a garota esqueça seu amor.

Porém a situação muda completamente com o início da guerra civil norte-americana e Scarlett precisa lutar para sobreviver e manter sua família.

A fotografia do filme é majestosa e única para época, com uma paleta de cores super colorida. Os figurinos também não ficam de fora, principalmente os inspiráveis vestidos de Scarlett. A trilha sonora é inesquecível, sendo composta por melodias que marcam a relação de Scarlett com os outros personagens.

Mas o coração do longa é Vivien Leigh. O desenvolvimento foi muito bem trabalhado, indo de uma jovem mimada para uma mulher forte e trabalhadora. A protagonista, longe de ser perfeita, é extremamente arrogante e manipuladora, mas muito interessante.

Outro ator importante para a trama é Clark Gable que, junto com Vivien, forma um dos casais mais marcantes do cinema. Butler, gosta das coisas feitas à sua maneira e não tem problema em usar dinheiro para conseguí-las. Essas características fizeram com que ele e Scarlett fossem praticamente almas gêmeas.

Hattie McDaniel, que vive a escrava Mammy, também é importante para o longa. Ela é a guardiã da família, e funciona como voz da razão.

Com quase quatro horas de duração, E o vento levou é o clássico dos clássicos e dono de uma das maiores bilheterias de todos os tempos. Sendo um romance épico e um marco do cinema.

CURIOSIDADES

■ Mais de 1.400 atrizes foram entrevistadas para o papel de Scarlet O'Hara. Dessas, 400 foram selecionadas para fazer a audição final.

FIGURA 2 - Modelo de página de crítica (p.25)

1961
SE MEU APARTAMENTO FALASSE

★★★★★

Direção
Billy Wilder
Prêmios
Oscar de melhor filme
Oscar de melhor diretor
Oscar de melhor montagem
Oscar de melhor roteiro original
Oscar de melhor direção de arte
Notas
IMDb: 8.3
Rotten tomatoes: 98%

C. C. Baxter (Jack Lemmon) descobre como subir na carreira: emprestar seu apartamento para os encontros clandestinos de seus chefes. Porém, acaba descobrindo que Fran Kubelik (Shirley MacLaine), por quem está apaixonado, é amante de seu chefe, e tem que decidir entre ela e seu emprego.

Na época em que foi feito, as problemáticas abordadas (infidelidade e chantagem), eram consideradas impublicáveis, e dessa forma a escolha do protagonista para o longa teria que ser certeira.

O destaque do filme são os personagens. Jack Lemmon foi impecável com o ritmo para comédia, e traz um humor sarcástico bastante marcante para o longa.

Shirley MacLaine também não decepciona. Com uma atuação maravilhosa e de certa forma "sutil", interpretando uma personagem de fácil identificação.

O diretor entregou um filme leve, com o necessário de drama e comédia. O roteiro do filme também é muito inteligente, com trocadilhos e falas marcantes.

A fotografia é muito interessante, e impressiona na cena em que Baxter aparece em mar de mesas, e o escritório parece desaparecer na linha do horizonte.

Se Meu Apartamento Falasse é um filme muito divertido que traz personagens bem "gente como a gente", complexos e interessantes.

CURIOSIDADES

■ Em 1968 o roteiro do filme foi adaptado para a Broadway. A peça foi chamada "Promises, Promises".

1962
AMOR SUBLIME AMOR

★★★★★

Direção
Robert Wise e Jerome Robbins
Prêmios
Oscar de melhor filme
Oscar de melhor atriz coadjuvante
Oscar de melhor direção de arte
Oscar de melhor diretor
Oscar de melhor ator coadjuvante
Oscar de melhor figurino
Oscar de melhor montagem
Oscar de melhor fotografia
Oscar de melhor mixagem de som
Oscar de melhor musical original
Notas
IMDb: 7.5
Rotten tomatoes: 92%

O musical é baseado na famosa peça de Shakespeare: "Romeu e Julieta", e se passa em Nova Iorque na década de 1950, onde duas gangues disputam pelo controle de um bairro.

Os Jets são nativos norte americanos e brigam constantemente com os Sharks, que são imigrantes de Porto-Rico, até que Tony (Richard Beymer), melhor amigo de Riff (Russ Tamblyn), líder dos Jets, se apaixona por Maria (Natalie Wood) irmã de Bernardo (George Chakiris), líder dos Sharks.

Antes de ua versão hollywoodiana, a história foi lançada em 1957 na Broadway, inclusive, seis atores do elenco original foram para o filme.

FIGURA 3 - Modelo de página de crítica (p. 56 e 57)

6. CONCLUSÃO

Este trabalho mostrou como o jornalismo cultural pode ser uma ferramenta importante para analisar e reinterpretar a história do cinema. Ao escolher o formato de almanaque, foi possível reunir muitas informações e reflexões sobre os filmes indicados ao Oscar de Melhor Filme entre 1968 e 2025. Através de uma análise crítica e pessoal, o projeto propôs novas formas de olhar para essas obras, destacando filmes que, mesmo sem terem vencido o prêmio, marcaram o cinema de forma significativa.

A pesquisa feita com 120 pessoas ajudou a perceber que as escolhas do Oscar nem sempre refletem o gosto do público ou critérios claros de qualidade. Incluir essa pesquisa no projeto deu mais força à proposta do almanaque e mostrou que muitas pessoas também questionam as decisões da premiação. O trabalho também se conectou com áreas como a crítica cultural e o livro-reportagem, mostrando como o jornalismo pode ajudar a pensar o cinema de forma mais profunda.

Com isso, *Era uma vez no Oscar* não só revisita a história da premiação, como também oferece um novo olhar sobre suas escolhas e contradições. Unindo análise, linguagem acessível e diferentes pontos de vista, o projeto busca contribuir com o debate sobre o Oscar, o cinema e o papel do jornalismo na maneira como enxergamos a cultura e o entretenimento.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Eliska. Olhares da recepção: a crítica cinematográfica em dois tempos. **Caderno CRH, Salvador**, v. 21, n. 54, p. 611-622, dez. 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000300013. Acesso em: 24 nov. 2024.

AVELLAR, J.C. Arte da crítica, crítica da arte. Nossa América. **Revista do Memorial da América Latina**, São Paulo, n. 1, p. 42-46, 1996.

BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21**. São Paulo: Summus, 2015.

BASSO, Eliane Fátima Corti. Para entender o jornalismo cultural. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 9, n. 16, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.13037/ci.vol9n16.702. Acesso em: 23 nov. 2024.

BATES, James. Why 'Crash'? Academy members explain why the movie won. **Los Angeles Times.** Disponível em: https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2006-mar-07-fi-crash7-story.html. Acesso em: 04 nov. 2024.

BORDWELL, David. **Making meaning: inference and rhetoric in the interpretation of cinema.** USA: Harvard University Press, 1991.

BRAGA, Carolina. **A crítica jornalística de cinema na internet: um dispositivo em transformação**. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/49220. Acesso em: 26 nov. 2024.

CARVALHO, R. O lugar da crítica de cinema como gênero do jornalismo cultural e sua crise. **Baleia na Rede (Cessada)**, v. 1, n. 10, 31 dez. 1969.

CAPELATO, Maria Helena et al. (Org.). **História e cinema:** dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Editora Alameda, 2007.

CEIA, Carlos. Almanaque. **Enciclopédia Digital da Literatura de Língua Portuguesa.** 2009. Disponível em: https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/almanaque. Acesso em: 26 nov. 2024.

CLEÓPATRA. Direção: Joseph L. Mankiewicz. EUA: 20th Century Fox, 1963. 248 min.

CUNHA, Leonardo da Vinci Figueiredo da. **A ausência do gênero crítica cinematográfica nos portais jornalísticos natalenses.** 2021. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

DALENOGARE. Como Crash desbancou Brokeback Mountain e venceu o Oscar de melhor filme - Histórias do Oscar #22. 2020. **Dalenogare Críticas.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w_NCdsGJrhs. Acesso em: 04 nov. 2024.

DALENOGARE, Waldemar. Planet of the Apes (O Planeta dos Macacos, 1968) - Crítica: um clássico da ficção científica!. 2024. **Dalenogare Críticas.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TVZ6eswAVio. Acesso em: 22 set. 2024.

DE LIMA, M.; MOUSINHO, L. A. Dialogismo, personagem e ressignificações: leitura e recepção crítica de tudo sobre minha mãe, de Pedro Almodóvar. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 22, 2019. DOI: 10.5216/ci.v22i0.52984. Disponível em: https://revistas.ufg.br/ci/article/view/52984. Acesso em: 23 nov. 2024.

DERSCHOWITZ, J. Crash: diretor Paul Haggis diz que não teria votado no filme como Melhor Filme. **Entertainment Weekly**, 11 ago. 2015. Disponível em: https://ew.com/oscars/2018/03/02/crash-brokeback-mountain-best-picture-oscars. Acesso em: 04 nov. 2024.

FREIRE, Bernardo. A importância da crítica de cinema. **OBarrete**, 15 fev. 2022. Disponível em: https://obarrete.com/2022/02/15/a-importancia-da-critica-de-cinema/. Acesso em: 07 nov. 2024.

GOMES, R. Crítica de cinema: história e influência sobre o leitor. **Revista Crítica Cultural**, v. 1, n. 2, p. 18, 1 dez. 2006.

HARRIS, Mark. **Cenas de uma revolução:** o nascimento da Nova Hollywood. Porto Alegre: L&PM, 2008.

HATTENSTONE, S. Paul Haggis: "Eu não sabia que Crash ganharia o Oscar de Melhor Filme". **The Guardian**, 12 ago. 2015. Disponível em: https://www.theguardian.com/film/2015/aug/12/paul-haggis-crash-best-picture-oscar. Acesso em: 04 nov. 2024.

INSTITUTO DE CINEMA. **Cinema em Hollywood: a história completa**. Disponível em: https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cinema-em-hollywood-a-historia-completa. Acesso em: 09 nov. 2024.

JAMES, Lauren Brittney. **#OscarsSoWhite Movement: What is the Role of the News Media in the Changing Diversity of the Academy Awards?** 2020. 80 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo e Mídia Estratégica) – Universidade de Memphis, Memphis, 2020. Disponível em: https://digitalcommons.memphis.edu/etd/2386/. Acesso em: 4 nov. 2024

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: Edusc, 2006.

LOURENÇO, J.; CENTENO, M. J. **A cobertura jornalística do cinema: géneros e discursos jornalísticos nos media portugueses em 2019**. Media & Jornalismo, v. 21, n. 38, p. 223–239, 20 abr. 2021.

MAGUETA, Anna Gabryela Boucinha. **A construção da imagem do escritor na imprensa: Carlos Drummond de Andrade no jornal O Estado de S. Paulo**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11364. Acesso em: 22 nov. 2024.

MASCARELLO, F. (Ed.). **História do cinema mundial.** 7. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MENDONÇA, F. A. **A "sétima arte" que fecha a janela da alma: representações da ideologia do crescimento organizacional nos filmes norte-americanos vencedores do Oscar**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Positivo, Programa de Mestrado em Administração, 2014.

MEYER, Marlyse (Org.). **Do almanak aos almanaques.** São Paulo: Ateliê Editorial,

2001. NOGUEIRA, Calac. O Exercício do Olhar. **Revista Contracampo**, abr. 2013.

OLIVEIRA, Kauê Lucas Silvério. **Análise da influência de avaliações de críticos e usuários nas premiações do Oscar e do Globo de Ouro em 2023 usando aprendizado de máquina**. 2023. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência da Computação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

OPPERMAN, Alvaro. Inteligência artificial é mesmo de Spielberg, e não de Kubrick. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 7, dez. 2001, p. 47-48.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural.** 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

QUINTA JUNIOR, E. R. A estrutura da propaganda nazista no cinema: o caso de Leni Riefenstahl. **Convergências: Estudos Em Humanidades Digitais**, v. 1, n. 01, p. 49–66, 2023. DOI: 10.59616/conehd.v1i01.101.

RIBEIRO, Mariana Martins. **Almanaque (1959-1961): jornalismo e cultura num país em mudança**. 2018. Dissertação (Mestrado em Jornalismo e Comunicação) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018. Disponível em: https://hdl.handle.net/10316/82448. Acesso em: 26 nov. 2024.

RODRIGUES, Douglas M. **Sem ressonância: uma web reportagem sobre o rock curitibano e o jornalismo cultural.** Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Paraná. Setor de Artes, Comunicação e Design. Curso de Graduação em Jornalismo, 2018.

ROSENFELD, Anatol. **Cinema: arte e indústria.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

SABADIN, Celso. **A história do cinema para quem tem pressa:** dos Irmãos Lumière ao século 21 em 200 páginas!. Série Para quem Tem Pressa. São Paulo: Valentina, 2018.

STACY, Jim (Ed.). **Reading Brokeback Mountain:** essays on the story and the film. Jefferson: McFarland & Company, 2007.

SERAFINI, M. M. **#OscarsSoWhite:** Uma análise do gerenciamento de crise executado pela The Academy. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

SISKEL, G.; ELBERT, R. Siskel & Ebert Advise Young Movie Critics. **Interview Archives Learning Objects.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v= L9DzZIkwI. Acesso em: 22 nov. 2024.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; DE SIQUEIRA, Euler David. A cultura no jornalismo cultural. **Lumina**, v. 1, n. 1, 2007.

TARANTINO, Quentin. **Especulações cinematográficas.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1990.

VALIM, Alexandre Busko. Imagens vigiadas: uma história social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 197-200, 2006. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526864016.pdf. Acesso em: 8 nov. 2024.

ANEXO A

PERGUNTAS FORMULÁRIO:

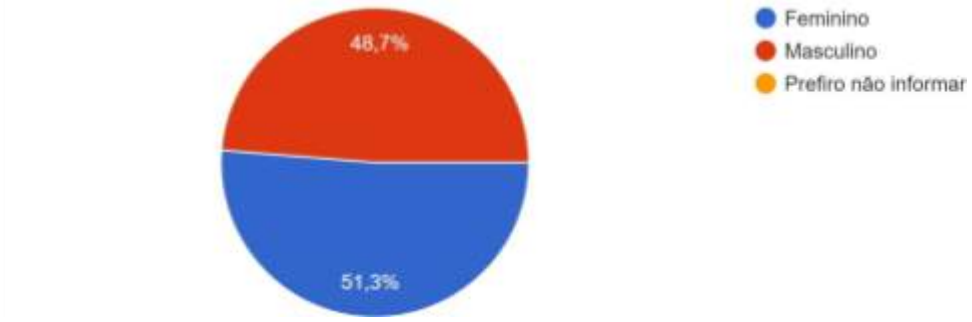
1. Gênero
2. Idade
3. Você costuma assistir aos filmes indicados ao Oscar?
4. Você se sente influenciado a assistir um filme quando ele recebe uma indicação ou é premiado pelo Oscar?
5. Você acha que a premiação do Oscar é injusta?
6. Já houve alguma vitória no Oscar que você achou injusta em relação aos outros indicados?
7. Se sim, qual?
8. Você acha que existe algum favoritismo em relação a certos gêneros de filmes (ex: dramas, biografias) na premiação do Oscar?
9. Você acredita que o lobby ou campanhas feitas pelos estúdios influenciam os resultados das premiações?
10. Você acredita que ganhar um Oscar aumenta o reconhecimento e prestígio de um filme ou profissional da indústria?
11. Você acha que o Oscar influencia o sucesso comercial de filmes e carreiras de diretores e atores?
12. Você acredita que o Oscar poderia ser uma ferramenta para aumentar a diversidade (de raça, gênero, nacionalidade) nos filmes e premiações?

APÊNDICE A

RESULTADOS DA PESQUISA:

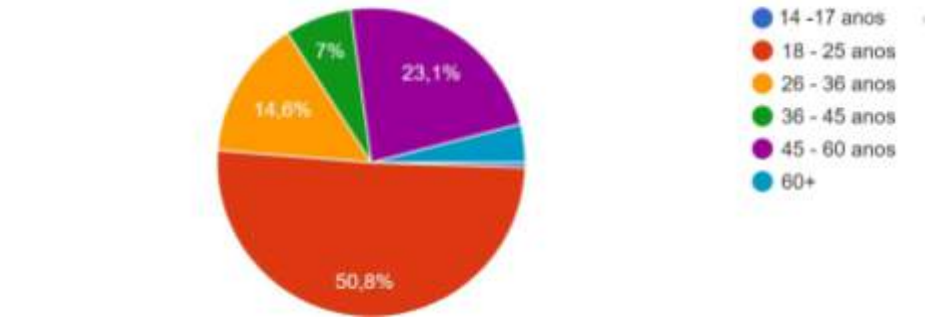
Gênero

199 respostas



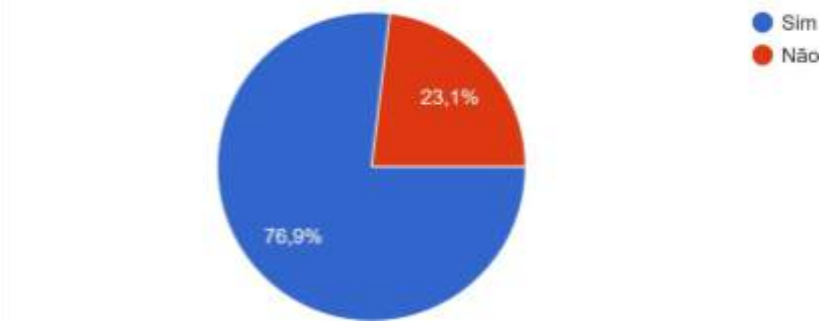
Idade

199 respostas



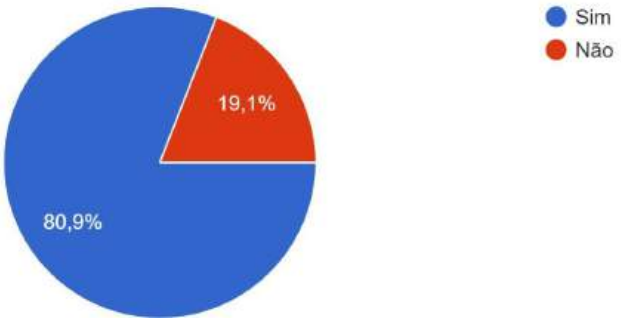
Você costuma assistir aos filmes indicados ao Oscar?

199 respostas



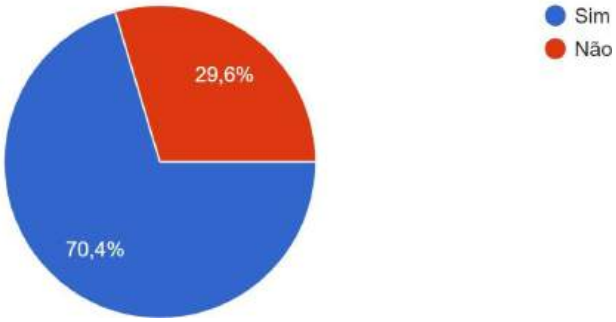
Você se sente influenciado a assistir um a filme quando ele recebe uma indicação ou é premiado pelo Oscar?

199 respostas



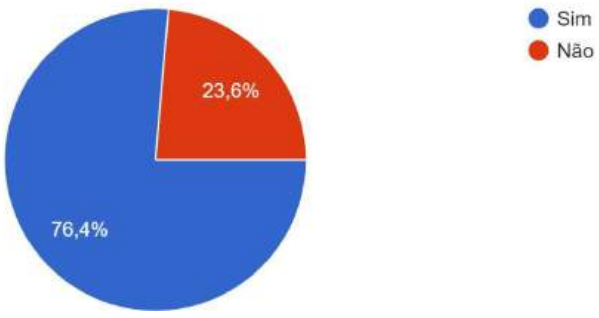
Você acha que a premiação do Oscar é injusta?

199 respostas



Já houve alguma vitória no Oscar que você achou injusta em relação aos outros indicados?

199 respostas

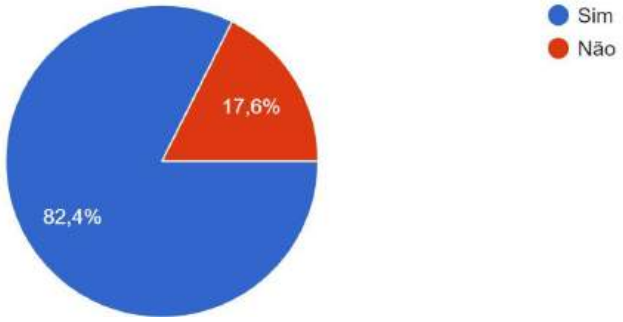


Se sim, qual?
O da Fernanda Montenegro pra Gwyneth Paltrow
Que eu lembre de cara Fernanda Montenegro e La La Land
Fernanda Montenegro
A vez que a Fernanda Montenegro perdeu, por exemplo (mas tem muitos outros)
Central do Brasil, Fernanda Montenegro
Fernanda Montenegro
Quando Central do Brasil não ganhou. Tem outros exemplos, mas esse é o que me chama mais a atenção
Gwyneth Paltrow como melhor atriz ao invés de Fernanda Montenegro
Fernanda Montenegro, 1999
Fernanda Montenegro
Oscar a Gwyneth Paltrow em Shakespeare in Love de 1999.
Quando a Fernanda Montenegro nao ganhou
Greenbook e The Shape of Water como filmes do ano. Eu adorei Shape of Water mas não merecia.
Fernanda Montenegro não ganhar
Moonlight ao invés de La La Land no Oscar de 2017, a derrota da Fernanda Montenegro em 1999, e Jamie Lee Curtis ter ganhado como atriz coadjuvante no Oscar de 2023
Fernanda Montenegro
Resgate do Soldado Ryan ter perdido, Fernanda Montenegro ter perdido, Cidadão Kane
Caso da Fernanda Montenegro em Central do Brasil
Central do Brasil
Oscar de Melhor Atriz para Fernanda Montenegro
Gwyneth Paltrow ganhando da Fernanda Montenegro
A da Gwenyth Paltrow no lugar da Fernanda Montenegro
Cidadão Kane é o maior exemplo. Mas teve Apocalypse Now derrotado por KramerXkramer. Ou Resgate do Soldado Ryan preterido por...Shakespeare apaixonado!
Gwyneth Paltrow como melhor atriz. Cate Blanchett ou Fernanda Montenegro mereciam mais.
Gwneth pathrow (sei lá como escreve) x Fernanda Montenegro
Fernanda Montenegro
Shakeaspeare Apaixonado, CODA e Green Book terem ganhado como Melhor Filme,
Quando a Fernanda Montenegro perdeu para a Gwyneth Paltrow; quando a Lady Gaga perdeu para a Olivia Colman, etc
fernanda montenegro quando perdeu para gwyneth

A clássica da Fernanda Montenegro, né, a diva merecia muito mais! Mas também a premiação de melhor música do Oscar 2024, tinha que ter sido da Olivia Rodrigo com Can't catch me now, mas não foi nem indicada :/
Fernanda Montenegro em 2001/1999 (clássico)
Tudo em todo lugar ao mesmo tempo e claro o oscar que não foi dado a Fernanda Montenegro
Leonardo DiCaprio merecia por Titanic, e Fernanda Montenegro
Gwyneth Paltrow invés da Fernanda Montenegro
Gweneth Paltrow ganhou da Fernanda Montenegro
Fernanda montenegro e o papelão das festas dadas pelas produtoras para os membros da academia
Não lembro o nome do filme, mas foi quando a Fernanda Montenegro perdeu para outra atriz americana que não lembro o nome!
oppenheimer como melhor filme ano passado e o da fernanda montenegro em 99
Fernanda Montenegro não ganhar, o resgate do soldado ryan, o irlandês ganhou nada se não me engano, Christian Bale em vice e no mesmo ano tinha o Willam Dafoe e quem ganhou melhor ator foi o Rami Malek, bohemian rhapsody achei meia boca, não merecia o oscar. E muitos outros também como por exemplo Shakespeare apaixonado ganhar sendo que estava concorrendo com filmes melhores. Não da pra entender e acho que nunca saberemos 100% os critérios. Esses foram os que eu lembro de cabeça.
Gwyneth Paltrow por Shakespeare Apaixonado
Ex. Fernanda Montenegro em Central do Brasil
Fernanda Montenegro perder para aquela sem sal
Duas até o momento: A derrota da Fernanda Montenegro de Central do Brasil na categoria de Melhor Atriz. E a vitória de Naatu Naatu de RRR na categoria Melhor Canção Original
Gwyneth Paltrow, quem deveria ter ganho era a Fernanda Montenegro
O Resgate do soldado Ryan perder para Shakespeare Apaixonado na indicação de Melhor filme.
Central do Brasil merecia levar o Oscar, além da Fernanda Montenegro, deveria ganhar como melhor atriz coadjuvante.
Fernanda Montenegro, Central do Brasil
Fernanda Montenegro não ter ganho como melhor atriz
Fernanda Montenegro merecia o Oscar.
Fernanda Montenegro
A vitória da Gwyneth Paltrow sobre a Fernanda Montenegro.
Tiveram algumas, mas pra mim a maior é Shakespeare Apaixonado ganhar os Oscars que ganhou.
Gwyneth Paltrow ganhando melhor atriz em 1999 quando deveria ter sido Fernanda Montenegro a ganhar

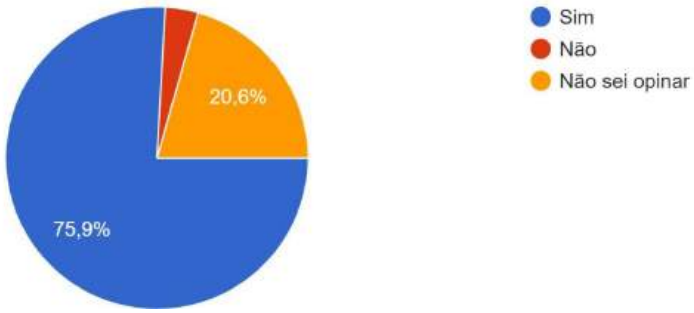
Você acha que existe algum favoritismo em relação a certos gêneros de filmes (ex: dramas, biografias) na premiação do Oscar?

199 respostas



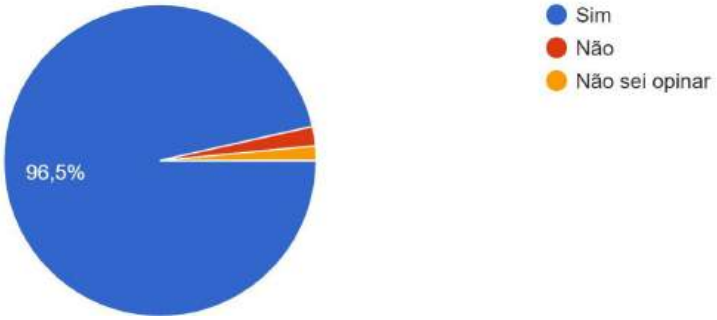
Você acredita que o lobby ou campanhas feitas pelos estúdios influenciam os resultados das premiações?

199 respostas



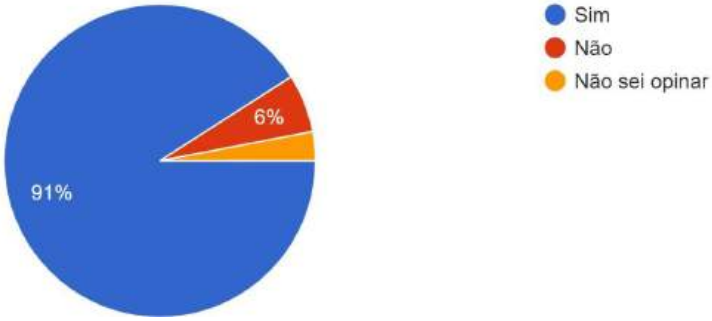
Você acredita que ganhar um Oscar aumenta o reconhecimento e prestígio de um filme ou profissional da indústria?

199 respostas



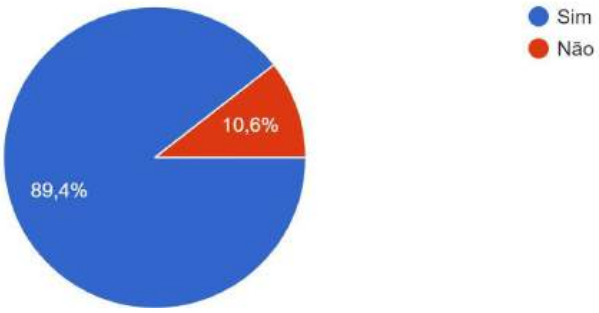
Você acha que o Oscar influencia o sucesso comercial de filmes e carreiras de diretores e atores?

199 respostas



Você acredita que o Oscar poderia ser uma ferramenta para aumentar a diversidade (de raça, gênero, nacionalidade) nos filmes e premiações?

199 respostas



APÊNDICE B:

Entrevista Marcos Stankievicz Saboia - Coordenador da Cinemateca de Curitiba, graduado em Educação Artística/Música e Cinema

1. Qual é o papel do Oscar na construção e manutenção do legado de um filme? Ele ainda é uma referência para a qualidade cinematográfica?

2. De que forma o Oscar impacta o sucesso comercial de um filme e a carreira dos profissionais envolvidos, como atores, diretores e roteiristas?

3. Qual é a importância da crítica cinematográfica no sucesso de um filme? Uma crítica positiva pode determinar o alcance e a relevância de uma obra?

4. Na sua opinião, o crítico deve ser mais um mediador entre a obra e o público ou uma voz autorizada que orienta interpretações?

5. As experiências pessoais e a opinião do crítico devem influenciar sua análise de um filme?

Respostas Marcos Stankievicz Saboia:

Quanto ao papel do Oscar na construção do legado de um filme ou de ser uma referência da qualidade, acho que é uma premiação basicamente norte-americana e consequentemente comercial. Outras premiações como Berlim, Cannes, etc., podem ser mais representativas no quesito qualidade artística. Obviamente quando um filme ostenta em sua propaganda, vencedor de x óscares, ele chama atenção para si e a própria participação na premiação coloca o filme sob os holofotes da mídia, que tem um valor comercial de propaganda incalculável.

Os profissionais recebem esta mesma atenção, e é lógico que esta exposição ajuda muito a dar visibilidade ao seu trabalho.

Quanto à crítica cinematográfica, como quase todas as áreas envolvidas no audiovisual, passou por mudanças notáveis nos últimos tempos. O crítico de cinema clássico, que analisava o filme

em primeira mão, com a ajuda da produção do filme e dos marqueteiros do estúdio, e então publicava suas análises em jornais e revistas, está agora disperso em milhares de pessoas que dão sua avaliação pessoal em sites e blogs e etc. Obviamente o trabalho de marketing dos filmes também mudou, estimulando este barulho sobre as obras e criando um frisson para que, por algum tempo, o filme tente se sobressair sobre os concorrentes.

O papel do crítico, e obviamente existem bons e maus críticos, varia de acordo com interesses e de em que parcela do público se inserem. Existem os críticos chapa branca que recebem mimos dos estúdios e existem críticos de revistas especializadas que analisam os filmes com profundidade (exemplo da revista Cahiers du Cinèma, que elevou o cinema ao status de arte).

Estes perfis possuem inúmeras gradações mas acho que é impossível uma análise imparcial absoluta, uma vez que a formação ou gosto pessoal levam as pessoas ao seu próprio estilo.

A crítica deveria trazer à luz aspectos e conceituações que colocam perspectivas que vão além da simples apresentação da obra. Deve conduzir o leitor das críticas para além da simples indicação de qualidade mas de despertar caminhos de interpretação, de apresentar novas obras e novos caminhos de interpretação. Os algoritmos de empresas de streaming conduzem os espectadores para obras que identificam como do gosto pessoal deles, mas isto coloca os indivíduos em nichos que empobrecem a experiência de descoberta de novas ideias e estilos. O crítico não pode se limitar ao papel de algoritmo e sim levar provocação, diversidade e conhecimento às pessoas.

Hoje percebo que temos uma retomada de interesse nos Cineclubes. Até os anos 1970 os cineclubes eram uma maneira de se ter acesso a obras difíceis de se encontrar e até não liberadas pela ditadura, e discuti-las. Hoje me parece que as pessoas estão interessadas nestas mesmas coisas, da fruição coletiva e de conversar sobre os filmes. Estas conversas valorizam a experiência de se assistir um filme e este também deve ser o papel da crítica.

APÊNDICE C

Entrevista Paulo Camargo - Doutor em Comunicação e Linguagens, Fulbright alumni. Jornalista, professor, crítico do site @escotilhajor e colunista da Paraná Educativa - 97.1 FM

1. Qual é o papel do Oscar na construção e manutenção do legado de um filme? Ele ainda é uma referência e influência?

2. Você acredita que o Oscar reflete as transformações sociais e culturais do momento, ou ele ainda está preso a padrões tradicionais de avaliação?

3. Você acha que a possibilidade de uma indicação ao Oscar ajuda a atrair público para um filme?

4. Na sua visão, a crítica cinematográfica é capaz de dar maior longevidade e relevância histórica a um filme? A crítica ainda é significativa dentro do mercado cinematográfico?

5. Você acredita que a experiência de vida de um crítico enriquece ou limita sua análise de uma obra? Na sua visão, as críticas mais interessantes vem junto das vivências e opiniões do autor?

Respostas Paulo Camargo:

É muito difícil dizer qual o papel do Oscar no que diz respeito à construção do legado de um filme. Certamente o Oscar é um selo de qualidade, no sentido de que se uma produção recebe uma estatueta, seja como o melhor filme, melhor direção, melhor roteiro, melhor ator, atriz, ou alguma categoria técnica, essa produção será lembrada por essa premiação. Mas daí a falar em legado é um pouco complexo, porque o legado está relacionado intrinsecamente à qualidade técnica, estética e o impacto histórico e artístico que o filme vai ter em relação ao seu tempo e espaço. Portanto, fica difícil falar nisso. Certamente o filme será lembrado por ter vencido o Oscar, mas não necessariamente o fato de ter levado o Oscar de Melhor Filme fará com que ele seja pensado no futuro como um grande filme. Eu posso citar N exemplos de longas metragens que receberam o Oscar de Melhor Filme e que não tem essa aura de grande cinema. Mais recentemente, por exemplo, posso falar de “Green Book”, posso falar de “Quem Quer Ser Um Milionário?”, posso falar de “O Artista”, que são filmes que fizeram sucesso, que alcançaram um

relativo sucesso de crítica, foram bem recebidos pela crítica a seu tempo, mas que não se firmaram ao longo dos anos como grandes filmes, ao passo que há outras longas metragens, outras produções que foram indicadas, não venceram e que tem uma potência muito maior dentro da história do cinema.

Eu acho que o Oscar, sim, tem um diálogo com o tempo, e com o tempo aqui eu falo das circunstâncias do contexto histórico cultural em que ele está inserido. Eu gosto de me lembrar de um ano em que o Oscar de Melhor Filme foi concedido ao longa-metragem “Perdidos na Noite”, Midnight Cowboy, do John Schlesinger, ali no fim dos anos 1960. É um filme pequeno, independente, que fala sobre dois marginais, o personagem do Jon Voight é um um garoto de programa, o personagem do Dustin Hoffman é um cara doente, um pária, uma pessoa que está à margem da sociedade, e é um filme muito emblemático naquele tempo espaço de contracultura, de movimentos sociais, e o Oscar percebeu isso assim como também percebeu mudanças quando premia, mais ou menos nessa mesma época, “A Primeira Noite de um Homem” com Oscar de melhor direção para o Mike Nichols, que é um filme bastante moderno para aquele tempo com forte influência da nouvelle vague, é um filme autoral com um olhar extremamente crítico em relação à sociedade americana falando de revolução sexual e de mudança de valores. Recentemente aí tivemos o filme sul-coreano, “Parasita”, vencendo o Oscar de Melhor Filme, foi o primeiro longa falado num idioma que não inglês a receber essa essa estatueta, então com as mudanças do tempo e do que está acontecendo em termos de vida social, política, cultural, o Oscar vai refletir. Nos últimos anos a gente vem percebendo que o colegiado dos votantes do Oscar se alterou bastante, a academia procurou ser muito mais inclusiva, convidando profissionais de cinema de outras nacionalidades, afro-americanos, muitas mulheres, artistas e profissionais da comunidade LGBTQIA+, então, e o Oscar vem se internacionalizando ao longo dos anos. Essa é uma característica que a gente percebe. Mas, volta e meia, a gente percebe uma busca por formatos cinematográficos mais tradicionais, mais consagrados. A vitória do “Oppenheimer”, no ano passado, que é um filme do Christopher Nolan, um diretor importante dentro do cinema norte-americano, do cinema mundial, nos lembra que esses grandes filmes, sobre grandes temas, de conteúdo histórico, biográfico, ainda têm uma forte ressonância. Essa premiação veio logo depois de “Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo”, que é um filme independente, muito mais nichado, de dois diretores, sobre a comunidade asiática nos Estados

Unidos e que tem esse olhar que busca atingir outros setores, tanto da indústria, quanto da sociedade.

Eu acho que sim, indicações ao Oscar sempre fazem uma enorme diferença na vida comercial do filme, e se o filme for pequeno, no sentido de ser uma produção independente, com baixo orçamento, uma produção estrangeira ou realizada fora dos grandes estúdios, de um diretor mais autoral, faz toda a diferença o Oscar. A gente tem visto isso acontecer, no ano passado nós tivemos o caso de "Zona de Interesse", de "Anatomia de uma Queda", que foram filmes reconhecidos no circuito dos festivais internacionais, mas eram filmes fora da curva da grande indústria. Então, esse endosso do Oscar faz com que os filmes alcancem uma grande visibilidade e despertem interesse. Isso é potencialmente intensificado, digamos, já na temporada de prêmios, quando as associações de críticos dos Estados Unidos e da Inglaterra começam a escolher os melhores do ano e os filmes se despontam aí como favoritos para o Oscar, isso tem um reflexo direto na carreira comercial do filme, na distribuição, na visibilidade que os filmes têm, no circuito em que eles são exibidos. Isso é inegável. Não precisa nem o filme, efetivamente, ganhar o Oscar, mas basta que ele seja indicado em muitas categorias para que ele desponte aí como um fator de interesse. A gente está vendo o que está acontecendo com "Ainda Estou Aqui", que é um filme que foi premiado no Festival de Veneza, está sendo premiado em diferentes festivais ao redor do mundo, e desponta como provável indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional e talvez em outras categorias e a possibilidade de ser um filme com esse nível de reconhecimento internacional impacta diretamente a percepção que o público no Brasil tem desse filme. Muita gente está indo ver porque o filme tem potencial de Oscar, não apenas pelo fato de ele ser um ótimo filme, de ele discutir um assunto extremamente importante para a história do país, por ele ser baseado num livro extremamente tocante do Marcelo Rubens Paiva, mas a palavra Oscar, a possibilidade de uma produção brasileira estar no horizonte do Oscar faz muita diferença.

O que a gente percebe é que a crítica contemporânea, especialmente depois do surgimento da internet e dos meios digitais e de diferentes plataformas, ela tem um caráter mais imediatista, mais instantâneo e mais impressionista, porque os diferentes portais, os críticos que atuam aí no Tik Tok, no YouTube, eles sentem a necessidade de produzir as suas críticas o mais rápido possível e essas críticas, portanto, elas são muito feitas no calor da hora e, portanto, elas não são

resultado de uma reflexão mais aprofundada, de uma discussão mais estruturada do ponto de vista estético, técnico, reflexivo. Há vários tipos de crítica, né? A gente pode falar desde a resenha jornalística mais tradicional, passando por esses meios digitais mais instantâneos, de alto consumo até as revistas e veículos especializados, que trazem textos mais robustos, de maior fôlego, Eu acho que, mais do que a crítica, a fortuna crítica, o que se diz a respeito de um filme, quando ele é lançado, a soma do que foi apontado, discutido, a recepção, ela é importante do ponto de vista histórico. Muitos filmes são recebidos com relativa frieza quando eles são lançados e, ao longo do tempo, eles vão estar adquirindo um caráter mais cult, ou a própria crítica que começa a reavaliá-los ao longo do tempo e, não raramente, críticos mudam de opinião a respeito de filmes, o que eu acho algo absolutamente normal, porque uma obra de arte existe no seu tempo e espaço, e ela reverbera, e essa reverberação que ela traz em termos de provocação, seja no tema ou nos temas que ela aborda, quanto na forma como ela apresenta isso, a narrativa, os recursos técnicos, a percepção do diretor, ela vai sendo assimilada, e ao longo do tempo, e novas percepções são possíveis ao longo do tempo dessas obras. Eu acho que a crítica tem um papel fundamental, por mais que muitas das vezes ela seja leviana e ela não acrescente muito. Eu volto a dizer, cada crítica é uma crítica, mas existe algo chamado fortuna crítica, que é a soma do que é dito a respeito de uma obra de arte no tempo em que ela vem ao mundo e ao longo dos anos subsequentes, que é extremamente importante para a gente poder perceber a ressonância dessa obra dentro da história do cinema.

Eu acho que o crítico, ele é o resultado das experiências que ele vivenciou, tanto como espectador de cinema ao longo dos anos, o que a gente vai chamar como repertório, tudo que ele viu ao longo da vida, que vai se somando, e vai construindo uma espécie de grande patrimônio, ao qual ele se remete quando ele produz um texto, uma reflexão sobre um filme, mas também as experiências vivenciadas por ele ao longo dos anos. Eu, como crítico, quando leio textos que eu escrevi aos 20, 30, 40 anos, percebo diferentes perspectivas. Claro que existe uma pessoa ali que tem uma visão de mundo, uma concepção de cinema, que permanece, de certa maneira, presente e atravessa o tempo, mas as experiências acumuladas ao longo desses anos, dessas décadas, e não apenas o repertório acumulado, mas as experiências pessoais fazem com que você olhe para a obra de arte de forma diversa, porque você vai amadurecendo, você vai se transformando, você vai, de alguma forma, se modificando em torno de um núcleo, de um core, que é a tua essência

como pessoa, mas, sim, a experiência de vida está ali, e eu acho, eu gosto, particularmente, de críticos que escrevem com pessoalidade, com um ponto de vista, que não são extremamente técnicos e impessoais, eu gosto de ouvir, de sentir a voz de um crítico, e essa voz, esse tom que está no texto, que está na forma dele escrever, de falar e tal, está associado à pessoa que ele é. Então, eu acho muito, para mim, difícil pensar na crítica como algo absolutamente cirúrgico, asséptico e dissociado de personalidade.

ERA UMA VEZ NO OSCAR

CAROLINA GENEZ

ERA UMA VEZ NO OSCAR

ERA UMA VEZ NO OSCAR

“E o prêmio não vai para” – Os filmes não venceram, mas bem poderiam – uma releitura dos longas indicados à estatueta entre 1968 a 2025.

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná.
Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná
Rua Bom Jesus, 650, Juvevê, CEP 80035-010
Curitiba-PR

Orientação: José Carlos Fernandes.

Produzido, Editado, Diagramado e Escrito por Carolina Serra Genez.

ERA UMA VEZ NO OSCAR

“E o prêmio não vai para” – Os filmes não venceram, mas bem poderiam – uma releitura dos longas indicados à estatueta entre 1968 a 2025.

Para minha avó Eunice,
que me ensinou a reclamar.

ERA UMA VEZ UM OSCAR... NÃO, ESPERA!

Esse ainda não é o início do almanaque. Esse é um pequeno fragmento da trajetória da autora desta obra, Carolina, narrada por suas cinco melhores (e modestas) amigas. Então, vamos lá!

Participar da trajetória da Carol, sempre foi saber o porquê de La La Land (2016) ter sido injustiçado na cerimônia do Oscar e quais eram as chances de um novo musical estar na corrida pela estatueta. Era celebrar remakes como *West Side Story* (2021) e *Wicked* (2024), e questionar como *Hamlet* (1948) levou o prêmio para casa - ou como *Emilia Perez* (2024) chegou a ser indicado.

Seu entusiasmo sempre foi nítido nas conversas pelos corredores da universidade. Entre as fofocas e reclamações sobre a vida acadêmica, os próximos filmes que seriam lançados já viravam assuntos entre uma aula e outra. Porém, antes disso, no EaD, durante a pandemia, é que se formou a amizade que depois daria a ideia do Almanaque do Oscar, no Putz Virtual.

Esse é o nome que leva o nosso grupo de mensagens, criado em 2021, para um trabalho acadêmico do curso de jornalismo. Putz vem do nome "Prêmio Universitário Trash Zé do Caixão", em que os alunos da UFPR produzem um curta-metragem de qualidade duvidosa. Também é o momento que introduz à matéria de telejornalismo onde treinamos roteiro, direção, filmagem, edição e produção. Tudo isso com um plus: vale nota, e também um vinho de péssima qualidade durante a premiação feita por alunos de outros anos.

Foi durante a produção do curta que a nossa amizade começou e dali não ia acabar mais.

Das seis integrantes, a Carol não abriu mão de escrever o roteiro e, junto com a Paula, deram vida ao "Bagulhos Sinistros", que também contou com Luisa, Marina, Joana e Jessica. E, no semestre seguinte, o grupo voltou a se reunir para uma produção, mas agora apenas a Jessica, Carol, Marina e Paula. A matéria de Projeto Editorial e Gráfico é considerada uma das mais difíceis durante a graduação em jornalismo, mas desde a primeira aula já sabíamos o que fazer: por que não juntar as críticas de filmes que a Carol escreveu e fazer um livro sobre isso? A ideia foi aceita por ela de primeira.

A Carol, que já havia escrito resenhas sobre algumas obras, resolveu elaborar críticas sobre os, na época, 94 filmes que ganharam o Oscar de Melhor Filme ao longo da história da premiação. Foram meses para a produção. Aquela versão, com mais de 150 páginas, tinha na capa "Críticas de uma cinéfila sem formação". É interessante pensar nisso agora, que ela fez uma versão bem mais completa daquilo que um dia lhe descreveu como sem formação, para justamente concluir o curso. Mas faz todo sentido, durante a graduação a Carol nos provou repetidamente como o cinema tem o poder de mudar a vida das pessoas.

Além do almanaque, nossos trabalhos sempre foram guiados para a editoria de cultura. Apesar de todas terem um apreço por todas as artes, o cinema – paixão maior da Carol – nos levou

a produzir um programa de 30 minutos sobre o Oscar na disciplina de telejornalismo, com reportagens sobre a sétima arte. Com uma trajetória dessas ao longo da graduação, não teria como ser diferente o TCC da cinéfila que estamos falando. Era uma vez no Oscar é o reflexo do que Carol fez durante a universidade e a chave de ouro para finalizar a trajetória acadêmica no jornalismo.

Assistir a um filme é bom, comentar também, mas saber criticar, sem favoritismo pra diretor ou ator, não é todo mundo que consegue. Arrisco dizer que antes mesmo da Carol se formar, ela já é uma jornalista de opinião e crítica. Apesar do clichê de graduandos que anseiam trabalhar em uma redação movimentada de um grande veículo, ou mesmo apresentar o Jornal Nacional e estar na bancada para anunciar algum evento fora do comum, quando ela falava de jornalismo, seu coração se voltava para os grandes tapetes vermelhos de Hollywood, sempre deslumbrando um universo em que exercer a profissão lhe aproximasse daquilo que sempre amou: o cinema. A formação só complementa todo o olhar aguçado que ela desenvolveu durante esses anos se aprofundando – por si só – no mundo cinematógrafico.

O caminho de noites sem sono é recompensado por este trabalho, cheio de paixão e talento, feito pelas mãos de uma jornalista cultural com 'J'maiúsculo. Que orgulho acompanhar essa aventura de quem ousou sonhar e, sonhando, foi feliz para sempre. Mas esse não é o fim para quem acompanhou a trajetória da Carol até aqui.

O Era uma vez no Oscar encerra a trajetória na graduação, mas as críticas e curiosidades continuam no TikTok, Youtube e Instagram do Assista a um Filme, para quando você, leitor, terminar por aqui.

Nós, amigas, sabemos que a autora tem o potencial para fazer do hobby seu trabalho. E por isso, não se espante se vir ela entrevistando algum ator na frente do tapete vermelho em uma premiação ou um diretor na pré-estreia de seu filme. Porque esse é só o começo.

Assim como cita uma de suas franquias favoritas: "Seu futuro ainda não está escrito, o de ninguém está. Seu futuro será o que você quiser, então faça dele algo bom".

Com carinho, de suas amigas, Jessica, Luisa, Marina, Joana e Paula.

La La Land (2016) - Imagem: Variety

OI CINÉFILOS!

Meu nome é Carolina Genez e esse é o Era Uma Vez no Oscar, um almanaque que busca reescrever a história da premiação, entregando a estatueta de Melhor Filme para aqueles que eu, Carol, acho que realmente merecem. Assim, caro leitor, no auge dos meus 23 anos, trago minha visão sobre os 356 filmes contemplados pela categoria de Melhor Filme entre 1968 a 2025.

Minha paixão pelo cinema começou desde cedo graças aos meus pais, que me apresentaram a diversos mundos mágicos da sétima arte, brincando com o Ursinho Pooh no Bosque do Cem Acres, ajudando Sully e Mike a coletarem gritos de crianças e sonhando com o mundo fora do mar com Ariel. As idas ao cinema eram uma parte essencial da minha semana, conhecendo diversos lançamentos conforme ia crescendo.

Mas para além de lançamentos, minha infância e adolescência foram recheadas de longas mais antigos, onde conheci Ferris Bueller, Indiana Jones e, principalmente, Marty Mcfly. Arrisco dizer que minha vida foi mudada no dia que assisti *De Volta para o Futuro* (1985) pela primeira vez, tornando minha paixão pelo cinema uma verdadeira obsessão. Assisti a trilogia protagonizada por Michael J. Fox incontáveis vezes, chegando a maratonar diariamente os filmes e obrigando todas as minhas amigas a assistirem também. Assim, comecei minha jornada dentro do cinema, cada vez fazendo mais questão de conhecer obras antigas que deixaram sua marca na história.

Mas, diria que o pontapé inicial para esse almanaque veio em 2017, quando *La La Land* (2016) perdeu o Oscar de Melhor Filme. É até um pouco maluco pensar que todo esse projeto de mais de 800 páginas só nasceu por indignação, em que uma obra que mexeu tanto comigo não foi premiada pela Academia.

Esse almanaque é na verdade um segundo filho, já que o primeiro seria um projeto feito durante minha graduação, o *Almanaque do Oscar: Os 94 Vencedores de Melhor Filme - Críticas de Filmes de uma Cinéfila sem Formação*, analisando apenas os premiados com a estatueta de Melhor Filme, visitando obras lançadas de 1927 até, na época, 2021. Mas, assim como tantos musicais grandiosos que admiro, a conclusão da minha graduação teria que ser ainda mais ambiciosa, trazendo críticas de 356 obras e revisitando a história do Oscar, premiando aqueles que mais se destacam para mim.

Admito que não foi uma jornada fácil, mas com certeza foi repleta de curiosidade e aprendizado. Ao todo foram quase 780 horas de filmes, mais de 220 diretores e 11 línguas diversas, que tive contato ao longo de 2 anos pensando e elaborando esse projeto. Mesmo com dificuldades, o resultado foi extremamente recompensador, não só pelo projeto em si, mas também tudo que aprendi em relação ao cinema e sua história, o que apenas fortaleceu minha paixão. Além disso, o projeto foi importante para evidenciar ainda mais a carreira que quero seguir como crítica de cinema, usando minhas habilidades jornalísticas para escrever resenhas sobre lançamentos e, o que gerou tudo isso, filmes que marcaram a história de alguma forma.

Então, cinéfilo, este almanaque é de certa forma dedicado para você, que assim como eu também é obcecado. Espero que minhas indignações e reclamações também o inspirem a tirar suas próprias conclusões.

ERA UMA VEZ EM UMA GALÁXIA TÃO TÃO DISTANTE...

A sétima arte, desde sua criação, atrai o interesse de diversos apaixonados. Seu surgimento foi datado em 1895 com a exibição do filme de curta duração dos irmãos Lumière, conhecido como *A Saída dos Operários da Fábrica Lumière* (1895), em Lyon, na França, e hoje é uma arte global que se expande cada vez mais, gerando conversas entre diferentes gêneros, diretores e criadores.

O cinema chegou nos Estados Unidos no final do século XIX, ganhando força por conta de uma invenção de Thomas Edison: o cinematógrafo. Mais tarde, suas invenções deram origem aos estúdios de filmagem, na década de 1920, que, por fim, gerou a criação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, devido ao aumento de cineastas e filmes produzidos nos Estados Unidos. Então, a fim de consolidar o prestígio de Hollywood no cenário internacional, além de premiar os filmes de cada ano e também proteger os profissionais da indústria cinematográfica, em 1929 foi criado o Academy Awards, popularmente conhecido como Oscar, entregue pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

A primeira premiação durou cerca de 15 minutos e contou com 12 categorias, premiando filmes lançados nos anos 1927 e 1928. Ao final da noite, o filme Asas (1927) saiu como o grande vencedor, levando para casa a estatueta de Melhor Filme, ficando na história do Oscar como o primeiro ganhador da categoria.

Cidadcao Kane (1941) - Imagem: IMDb

Desde o primeiro ano até os dias de hoje, mais de 600 longas receberam indicações à categoria de Melhor Filme e 97 filmes receberam a honra de serem premiados como a melhor produção de determinado ano, marcando-os no legado da Academia. Porém, esses resultados nem sempre agradam os espectadores da premiação, não necessariamente selecionando os filmes mais populares ou aqueles considerados melhores pela crítica e público, como é o caso de *Cidadão Kane* (1941), que é até hoje um dos mais aclamados e referenciados filmes da história, e que não venceu a estatueta de Melhor Filme, que ficou com *Como Era Verde Meu Vale* (1941).

Alguns fatores explicam esses acontecimentos ou equívocos de julgamento, como o perfil dos votantes da Academia, que por muitos anos era composto majoritariamente por homens brancos americanos de classe média que, por sua vez, votavam em obras que garantiam identificação com esse tipo de perfil, sendo longas-metragens com histórias de homens brancos americanos de classe média, dirigidos, roteirizados e protagonizados também por homens brancos americanos de classe média.

Outra possível razão é a votação na categoria de Melhor Filme que, desde 2009, é realizada por meio de um sistema de voto preferencial em que os votantes (todos os membros da Academia) elencam os indicados por ordem de preferência. O processo de contagem é feito em rodadas: se um filme recebe mais da metade dos votos como a primeira escolha, ele ganha automaticamente. Se isso não acontecer, o indicado com menos votos é eliminado, e os votos dele são redistribuídos para a segunda opção dos eleitores. Esse processo continua até que algum deles alcance mais da metade dos votos, garantindo que o vencedor seja aquele com mais apoio geral, mesmo que não seja a primeira escolha de todos. Porém, muitas vezes as obras selecionadas são aquelas que agradam a maioria, mas não necessariamente o melhor filme.

Assim, esse almanaque busca trazer a minha visão como crítica de cinema de quem eu acredito que deveria ter vencido o grande prêmio de Melhor Filme dentro do Oscar entre os anos de 1968 a 2025, dando o destaque e legado que eles merecem.

MAS, POR QUE 1968?

Esse recorte foi escolhido por conta da revolução que aconteceu no cinema no ano de 1967, o que acabou gerou o movimento Nova Hollywood. Depois da Segunda Guerra Mundial o mundo se viu em necessidade de mudanças, uma delas na maneira de fazer cinema, já que a fragilidade da vida era algo que pairava no imaginário das pessoas. Assim, no cinema italiano, surge o Neorrealismo Italiano, quando os cineastas passaram a ir para as ruas e gravaram a realidade do momento passado pelos italianos. Também na Europa, surge a Nouvelle Vague, quando os cineastas franceses foram contra a maré de filmes épicos, muito fortificada pelo cinema norte-americano, passando a trazer filmes com uma visão mais intimista e com maior liberdade autoral dos realizadores.

Bonnie e Clyde - Uma Rajada de Bala (1967) - Imagem: IMDb

Esse movimento chega nos Estados Unidos no final da década de 1960, em que o cinema norte-americano precisa se reinventar por conta da ascensão da televisão, o que diminuiu o público das salas de cinema. Juntamente a isso, surgem mais dois problemas: a forte influência de produtores, tirando o poder autoral dos diretores e roteiristas e pensando no lucro de um filme; e a crise de criatividade de Hollywood, que nessa época ainda investia muito em obras de guerra, faroestes, grandes épicos bíblicos ou musicais, como o próprio *Cleópatra* (1963), que foi responsável por trazer a pior crise da história da Fox, quase levando o estúdio à falência.

A mudança podia ter surgido mais cedo em Hollywood, uma vez que alguns diretores tentavam trazer filmes diferentes, com temática mais sérias, mas acabavam ficando presos ao Código de Hayes (1930 - 1968) - regras de censura em Hollywood que regulamentavam moralidade dentro das narrativas.

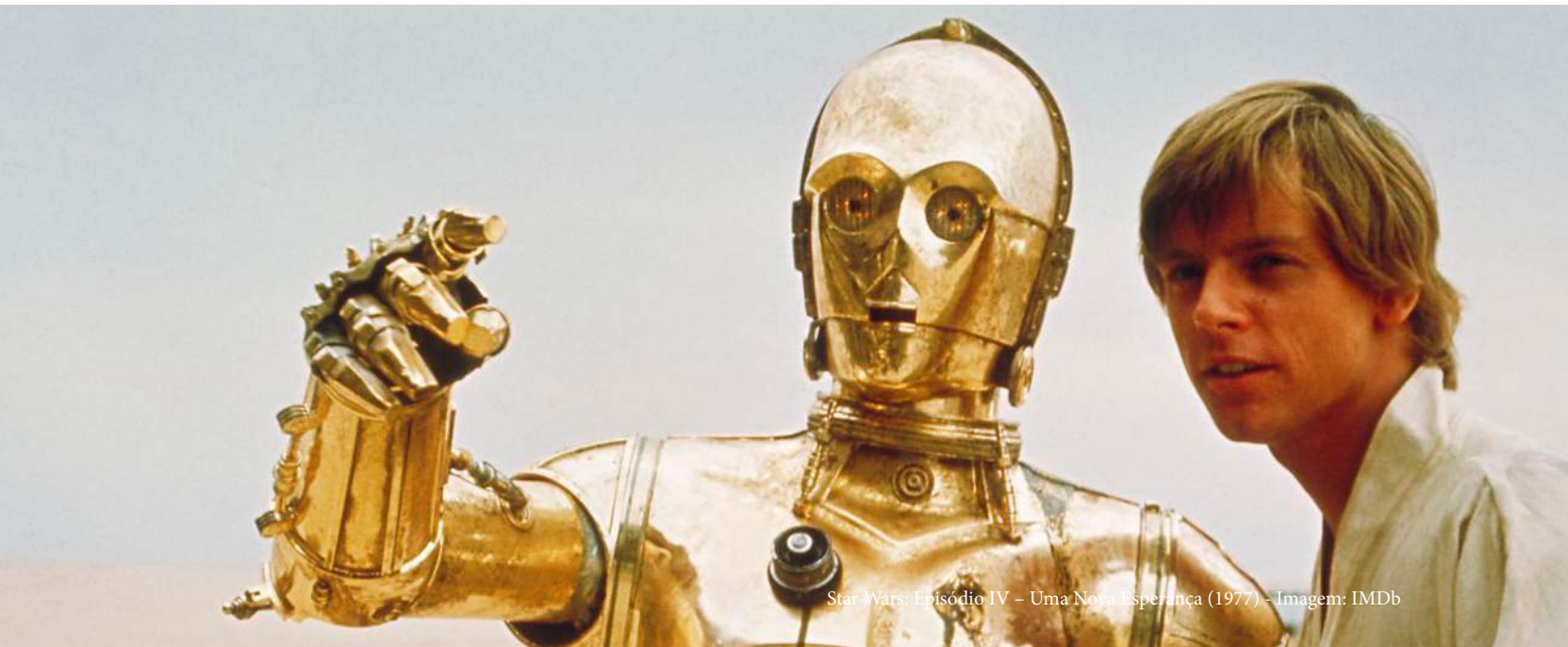
Outra forte influência para essa mudança foi a chegada de diversas obras internacionais (estrangeiros) nos Estados Unidos. Grandes sucessos de François Truffaut, Jean-Luc Godard (que marcaram a Nouvelle Vague francesa), Federico Fellini (Itália), Ingmar Bergman (Suécia) e Akira Kurosawa (Japão) passavam a ser exibidos em diversos cinemas estadunidenses, com uma nova forma de contar história e fazer filmes, atraindo muitos interessados.

A junção de todas essas questões fizeram nascer o movimento conhecido como Nova Hollywood (1967) que passava a representar uma geração de jovens que já não tinha mais interesse em consumir as mesmas fórmulas de antes. Um dos marcos iniciais do novo cinema é o longa

Bonnie e Clyde - Uma Rajada de Bala (1967), dirigido por Arthur Penn, que revolucionou ao trazer a história do casal de criminosos de uma forma mais romantizada, com personagens de moral questionável, mas que ainda tinham sonhos e vontades de fácil identificação, fazendo os espectadores se conectarem mais com a história.

O novo cinema contou com uma nova legião de diretores, muitos deles com graduação em cinema, que até hoje são relevantes e responsáveis por diversos clássicos, como Francis Ford Coppola (*O Poderoso Chefão*, 1972), Martin Scorsese (*Taxi Driver*, 1976), Steven Spielberg (*Tubarão*, 1975), George Lucas (*Star Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança*, 1977), Brian De Palma (*Carrie*, 1976), que produziam filmes mais autorais e até mesmo ousados. A maioria das produções dessa geração contava com roteiros originais, muitas vezes inspirados em algum evento ou vivência, com uso de efeitos práticos, elaborando técnicas que são até hoje utilizadas no cinema. Foi durante a Nova Hollywood que também surgiram os chamados blockbusters, longas que traziam histórias de aventuras lineares com foco na ação, idealizadas para um público amplo, mudando também a maneira de pensar no marketing em torno dos filmes.As mudanças no cenário cinematográfico também acompanharam a premiação do Oscar, sendo possível reconhecer diversas influências da Nova Hollywood dentro dos filmes indicados a partir de 1968.

A escolha da data também vem pelo meu amor por cinema, que surgiu graças a influência dos diretores Steven Spielberg, Martin Scorsese e George Lucas, que dirigiram e produziram diversos filmes que não só fizeram parte da minha infância e adolescência, como até hoje são alguns dos meus favoritos. Os três cineastas foram algumas das principais referências no nascimento da Nova Hollywood e na incorporação de diversas outras técnicas dentro do cinema.



Star Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança (1977) - Imagem: IMDb

A Primeira Noite de um Homem (1967) - Imagem: IMDb

ANOS 1960.

No começo dos anos 1960, o cinema norteamericano ainda carregava fortes influências da Era de Ouro de Hollywood, marcado fortemente pela prevalência dos grandes filmes e na presença ativa do produtor na idealização do longa, muitas vezes tirando a visão autoral dos diretores. Na premiação do Oscar, os grandes destaques ficam com os épicos Ben-Hur (1960), que venceu onze estatuetas, e Lawrence da Árabia (1962), que conquistou sete prêmios, e os musicais Amor, Sublime Amor (1961), que recebeu dez indicações no total, e A Noviça Rebelde (1964), que levou para casa cinco estatuetas.

Mas a década também é marcada por mudanças. Alguns filmes passavam a desafiar as regras impostas por Hollywood, como o clássico Psicose (1960), que conta com cenas de violência mais explícitas e uma abordagem psicológica inovadora, chocando o público e demonstrando que as restrições estavam se tornando ultrapassadas. Esse enfraquecimento abriu caminho para uma maior liberdade criativa, culminando na substituição do código pelo sistema de classificação etária em 1968.

Além da obra de Hitchcock, outros longas passaram a trazer grande inovação, como O Sol é Para Todos (1962), que trouxe temas sobre racismo e justiça social, refletindo mudanças na sociedade, e Dr. Fantástico (1964), que mostrou um humor ácido e uma abordagem política ousada.

Dessa forma, os diretores foram conquistando maior prestígio, as narrativas passaram a explorar diferentes estilos temporais, os personagens passaram a ter uma ambiguidade moral, dando inicio assim à Nova Hollywood.

No Calor da Noite (1967) - Imagem: MUBI

1968

O ano de 1968 no Oscar é um marco dentro da Nova Hollywood, trazendo entre seus indicados quatro filmes que marcam as mudanças de pauta e estilo dentro do cinema dos Estados Unidos, enquanto um, o mais fraco dos selecionados, segue o mesmo formato anterior, um grandioso musical de mais de 2h30 de duração baseado em um livro infantil.

Adivinhe Quem Vem Para Jantar (1967) é um dos indicados. Ele conta a história do casal Joey (Katharine Houghton), uma mulher branca, e John (Sidney Poitier), um homem negro, que pela primeira vez vão jantar na casa dos pais, ditos "mente aberta" da garota. A obra acaba sendo um ótimo retrato da época, quando a luta pelos direitos civis aumentava, além de uma crítica pertinente, visto que nos Estados Unidos do século XIX aos anos da década de 1950, a maioria dos estados norte-americanos aprovaram leis antimestiças que só foram consideradas inconstitucionais em 1967.

O filme, então, vem para colocar em jogo os ideias discutidos fora de casa já que, por mais liberais que os pais de Joey, Christina (Katharine Hepburn) e Matt (Spencer Tracy) sejam, o incômodo dos dois demonstra uma certa discriminação. A história se passa em um período de uma tarde em que os pais de Joey lidam com a situação ao mesmo tempo em que se auto cobram uma resposta similar aos seus ideais.

Adivinhe Quem vem para Jantar (1967)
Dir: Stanley Kramer

O filme recebeu dez indicações ao Oscar e levou para casa duas delas: Melhor Roteiro Original e Melhor Atriz (Katharine Hepburn).

A narrativa conquista principalmente pela sua simplicidade, trazendo uma crítica não só contra a situação atual nos Estados Unidos, mas também ao não cumprimento das crenças defendidas fora de casa, podendo ser atrelada a diversos temas, aqui em principal, o anti-racismo e a segregação.

Já *A Primeira Noite de um Homem* (1967), acaba sendo uma obra extremamente ousada para a época, por explorar um tom sexual ainda não visto dentro de Hollywood, além de trazer isso no fomrato de um triângulo amoroso pouco convencional: um jovem recém formado da faculdade, uma mãe solitária e a filha dessa mãe.

Outro destaque é seu protagonista que, após se formar fazendo tudo certo, acaba se encontrando perdido e desamparado dentro da própria vida e carreira, encontrando sua liberdade em alguns comportamentos rebeldes e impulsivos, tentando achar algum significado dentro da vida. Assim, o personagem acaba sendo um reflexo dos jovens daquela década, mas também consegue ressoar com as dúvidas e receios da fase de transição para a vida adulta presente em qualquer época.

A Primeira Noite de um Homem (1967) - Imagem: IMDb

O longa tem um tom pessimista, mas se permitindo ser dessa forma. Seu final icônico deixa isso bem claro, assim como seus personagens, como a vida de Mrs. Robison que, apesar da música animada que a acompanha e uma vida luxuosa, é extremamente solitária e carente, nos sendo transmitido com uma performance comovente de Anne Bancroft.

É um filme que ousa com sua temática sexual, sendo corajoso o suficiente para mostrar as vontades não somente do jovem Benjamin (Dustin Hoffman), mas também da própria Mrs. Robinson, ao mesmo tempo em que, a todo momento, deixa explícito que a vida não é um conto de fadas e que os finais felizes não são exatamente o que imaginamos.

O filme recebeu sete indicações ao Oscar, incluindo a de Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator e Atriz, e levou para casa a estatueta de Melhor Direção.

No mesmo ano temos *Bonnie e Clyde - Uma Rajada de Balas* (1967), que concorreu em dez categorias, levando duas estatuetas para casa: Melhor Atriz Coadjuvante (Estelle Parsons) e Melhor Fotografia. Com direção de Arthur Penn, as contribuições do longa para a Nova Hollywood vem principalmente graças aos seus personagens.

Ao contar, "livremente", a história dos ladrões Bonnie e Clyde, o cinema hollywoodiano viu protagonistas moralmente corrompidos, com mais defeitos do que qualidades, extremamente humanos, forçando o público a torcer para o "lado errado".

Bonnie (Faye Dunaway) é uma personagem super interessante e de fácil identificação. A garota vive uma vida pacata e entediada esperando mais, até que um dia conhece Clyde (Warren Beatty), que vem para ela com a proposta de grandes aventuras e um romance intenso, o que acaba conquistando Bonnie. Tem um certo glamour nas ambições da garota, um desejo pela fama e conhecimento, que acabam nos cativando, além de uma teatralidade que a deixa mais interessante.

E Clyde é o clássico aventureiro, que desde o primeiro momento em que aparece, nos conquista por conta de sua coragem. A obra, ainda, se destaca por conta da química entre os dois atores, que dão vida ao casal intenso que impressiona por sua cumplicidade.

O filme acabou revolucionando também por conta de sua violência, o que na época incomodou alguns. Inclusive para o longa foram desenvolvidas tecnologias para deixar os ferimentos balísticos mais realistas.

O quarto indicado foi *O Fantástico Dr. Dolittle* (1967), que no total recebeu nove indicações ao Oscar. De todos os indicados de 1968, é o único que ainda seguia a identidade de Hollywood antes da virada da Nova Hollywood.

Protagonizado por Rex Harrison, o filme tem como base diversos livros infantis escritos por Hugh Lofting, que acompanham o Dr. John Doolittle, um médico que prefere cuidar de animais ao invés de humanos.

Em sua versão cinematográfica, o doutor passa por algumas poucas e boas até que é preso e foge da prisão graças aos seus amigos e "pacientes", entrando em uma busca para encontrar Grande Caracol Cor de Rosa.

Apesar de ser uma amante de musicais, devo admitir que o longa não me conquistou, se tornando cansativo em diversos momentos. As músicas foram longas demais e pouco marcantes para um musical, além de seus personagens serem pouco cativantes. E num geral, a obra acaba tendo esse gosto amargo por, em comparação com todos os outros indicados, não trazer nada de novo.

O filme merecidamente levou para casa o Oscar de Melhores Efeitos Visuais, isso porque, além de alguns animais adestrados, grande parte dos pacientes de Doolittle foram feitos com efeitos animatrônicos, como o Caracol Gigante, que foi construído em tamanho real.

O Fantástico Dr. Dolittle (1967) - Imagem: MUBI

NO CALOR DA NOITE.

Indicado a sete categorias no Oscar, *No Calor da Noite* (1967) foi o grande vencedor, levando para casa o prêmio de Melhor Filme. E honestamente? A vitória foi muito merecida.

A história se passa em uma pequena cidade do Mississipi, em que um importante empresário é encontrado morto. No mesmo dia, Virgil Tibbs (Sidney Poitier) chega à cidade e é preso na estação de trem sob a acusação de assassinato por conta de sua cor. Após Tibbs se revelar como um detetive da polícia da Filadélfia, ele é convidado a participar da investigação.

Sendo lançado três anos após a abolição das leis segregacionistas, a narrativa aborda as questões de racismo durante os anos 1960 de forma forte e firme. Apesar da fotografia brincar em alguns momentos com um jogo de luzes para distorcer certos acontecimentos da investigação, não há dúvidas quanto à sua temática e a crítica explícita ao racismo enraizado em diversas cidades dos Estados Unidos. O filme não é sutil, ele é óbvio.

O longa funciona como uma investigação clássica policial de "Whodunnit", mas se destaca graças ao seu lado crítico e seus personagens, em que um homem negro precisa liderar uma investigação de assassinato, com seus erros e acertos, em uma cidade que tanto a polícia, quanto seus habitantes são extremamente racistas.

Sidney Poitier é um dos grandes destaques, dando vida a um homem honesto, seguro e confiante, que impressiona por sua calmaria. Porém, o mais interessante na performance do ator são seus olhares e expressões que revelam suas verdadeiras emoções de injustiça e indignação, algo que, naquela época, se fosse apresentado seria facilmente oprimido pelos personagens brancos. Além disso, ele é um personagem que nos cativa por conta de seu orgulho de querer se provar para todos ali, o que o torna muito humano.

Compondo a dupla, Rod Steiger aqui dá vida a um xerife mal-humorado, autoritário, que também conserva diversos pensamentos racistas, desmerecendo Tibbs e o julgando. Porém, conforme a história se desenvolve, o policial, embora obrigado a aceitar a ajuda de Tibbs, se vê com uma admiração crescente pelo trabalho do detetive. A dupla tem uma dinâmica interessante que acaba prendendo a atenção com facilidade.

A fotografia também é um ponto essencial para passar a opressão e desconforto, evidenciando principalmente o calor sufocante do Mississippi. O uso das luzes, como comentei antes, distorcem em vários momentos o que é visto, fazendo com que o público também entre de cabeça nessa investigação, se questionando a todo momento.

Num geral, *No Calor da Noite* traz uma história bem escrita e fácil de acompanhar, que acaba sendo engrandecida graças ao seu contexto histórico e por sua coragem de não ser um filme sutil, sendo óbvio em todas suas críticas, deixando seus espectadores chocados e incomodados com os absurdos do racismo.

No Calor da Noite (1967) - Imagem: IMDb

Oliver! (1968) - Imagem: IMDb

1969

Embora não tão revolucionário quanto seu antecessor, o ano de 1969 dentro do Oscar trouxe algumas surpresas positivas. Mas, esse não é o caso do filme que levou a estatueta de Melhor Filme para casa, *Oliver!* (1968), que ainda mantinha traços já conhecidos de filmes antes da Nova Hollywood. O longa musical é uma adaptação de uma das obras mais famosas de Charles Dickens, Oliver Twist, e recebeu onze indicações, levando para casa, além da estatueta de Melhor Filme, outros quatro prêmios, incluindo Melhor Direção.

Já vou aproveitar a obra para dizer que tenho um fraco por musicais, e, honestamente, achei Oliver! um musical bem agradável, mesmo não sendo meu favorito dos indicados. O longa inclusive foi o quarto musical a levar a estatueta de Melhor Filme na década ao lado de *Amor, Sublime Amor* (1961), *Minha Bela Dama* (1964) e *A Noviça Rebelde* (1965).

Voltando para *Oliver!*, na história acompanhamos o órfão Oliver (Mark Lester), que após muito sofrimento, acaba sendo acolhido por um ladrão de Londres que o ensina, juntamente com outras crianças, a roubar em troca de comida e abrigo.

Dentre todos os personagens, o menos interessante é o protagonista Oliver. O próprio ator pouco se destaca no filme e, por causa disso, sofremos quando acompanhamos apenas o garoto, na primeira parte do musical, sendo bem arrastada e cansativa. Porém, após a primeira hora, o longa pega um bom ritmo graças a outros personagens mais interessantes.

Artful Dodger (Jack Wild) é a criança que mais chama atenção, sendo extremamente carismático e divertido, responsável por apresentar Londres a Oliver. Outros personagens marcantes da história são Fagin (Ron Moody) e Nancy (Shani Wallis). Fagin é o ladrão que adota Twist e possui um esquema de roubo com crianças. Ele é um personagem de moral questionável que sempre se coloca em primeiro lugar.

Já Nancy é namorada de Bill, outro ladrão que também trama com Fagin. A atriz traz uma performance emocionante, nos conquistando por conta da bondade de sua personagem e impressiona cantando uma das melhores músicas do longa: *As Long As He Needs Me.*

Num geral as músicas do longa são esquecíveis, mas, te ganham nas coreografias elaboradas, principalmente a cena de abertura, que acompanha as crianças do orfanato cantando sobre comida como se fossem prisioneiras. O filme tem uma ambientação que facilmente nos transporta para Londres do século XIX, com grandes cenários e figurinos desgastados e escuros, retratando a situação vivida pelos personagens e por grande parte da população na época.

Até gostei de *Oliver!*, mas sinto que sua vitória diz mais sobre uma recusa da Academia a aceitar a nova leva de filmes, com suas temáticas diferentes do que o mérito e relevância da obra em si.

Dentre os indicados de 1969, *Rachel, Rachel* (1968), na minha opinião ,é o mais fraco deles.

Na realidade ele é um filme meio estranho. A história tem como base o livro *A Jest Of God*, da canadense Margaret Laurence, publicado em 1966.

Rachel, Rachel (1968)
Dir: Paul Newman

O filme recebeu quatro indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Atriz (Joanne Woodward) e Melhor Atriz Coadjuvante (Estelle Parsons), mas não venceu nenhuma categoria

Na narrativa, acompanhamos Rachel, uma mulher de 35 anos que ainda vive como adolescente, sempre obedecendo sua mãe. E esse é um dos pontos positivos da obra: o relacionamento de Rachel com sua mãe. É fácil se colocar na posição da protagonista que vive uma vida marcada pelo domínio de sua mãe que, a todo momento, tenta a prender mais dentro de casa. Dessa forma, grande parte das cenas dentro da casa de Rachel são sufocantes e angustiantes.

Para além de sua mãe, a vida de Rachel é sem graça, trabalhando como professora do primário e com uma vida social bem mais ou menos. Em diversas vezes durante ao longo da história, a garota quase não se sente parte da própria vida - temática que se repetiria mais vezes dentro do cinema, como em *Frances Ha* (2012) e *A Pior Pessoa do Mundo* (2021), se mostrando um tema atemporal e de fácil identificação.

E quando Rachel completa 35 anos, idade chamada como meio do caminho para ela, sua vida passa a mudar e a personagem começa a finalmente descobrir o que é a vida, o que gosta e quem é. Infelizmente parte dessa mudança só acontece por conta da chegada de um homem em sua vida, mas o longa tenta ao máximo fazer a história ser focada em Rachel e não no seu relacionamento.

O filme acaba sendo extremamente vívido, já que conseguimos sentir o tédio dentro da solidão de Rachel, que passa essa sensação angustiante para os espectadores. Acho que esse é um dos grandes acertos da narrativa.

A obra acaba inovando por trazer uma visão de uma personagem feminina bem diferente do que estávamos acostumados, que é estranha, tem pensamentos sexuais, se questiona sobre a religião e também sobre quem é. Mas, assistindo o filme com os olhos de hoje, admito que ele não me consquistou muito. Achei a história sem graça e cansativa, não consegui me conectar com a personagem - o que aqui sinto ser essencial - e me desconectei em alguns momentos, muito por conta dos flashbacks.

Assim como *A Primeira Noite de um Homem*, aqui Paul Newman, em sua estreia como diretor, não se preocupa em mostrar um final feliz, e sim as pessoas reais e sobretudo comuns.

Já *O Leão no Inverno* (1968), foi uma surpresa muito positiva. Apesar de ser mais uma história

sobre os reis da Inglaterra, a obra te ganha graças às atuações e principalmente toda a comédia dentro de seu roteiro.

Em 1183, o rei Henrique II da Inglaterra (Peter O'Toole) resolve fazer uma reunião familiar durante o Natal, com seus três filhos e a Rainha Eleanor (Katharine Hepburn), de quem está separado há vários anos. O rei a mantém detida em um castelo distante para impedir que ela interfira politicamente no seu reino. Porém, durante as comemorações, começam diversas conspirações para decidir qual dos três filhos será o sucessor de Henrique.

Dentro do filme temos diversos esquemas, conspirações, alianças, quebra de alianças e planos para atingir o objetivo de selecionar o sucessor de Henrique. Todos têm suas motivações e estão dispostos a passar por cima de quem for para conquistar seus objetivos.

O filme me lembrou muito *Game of Thrones* (2011 - 2019), a série de sucesso da HBO, que inclusive é uma das minhas favoritas da vida, justamente por conta desse jogo político em que os personagens se aliam uns com os outros e elaboram grandes mentiras. Também me lembrei da série por conta da personagem da Rainha Eleanor me lembrar tanto a Cersei Lannister, mas de um jeito mais sarcástico e engraçado. Eleanor tem seus objetivos, mas ainda assim se diverte, principalmente com a bagunça que cria e por brincar com seu antigo parceiro.

E a personagem se torna ainda mais especial por conta de Katherine Hepburn, que traz uma performance memorável, interpretando essa grande diva que, por mais que seja fria e calculista, ainda carrega os machucados de

O Leão no Inverno (1968) - Imagem: Copyright MGM UA Photofest

O Leão no Inverno (1968) - Imagem: Copyright MGM UA Photofest

um amor desprezado. E isso não sou só eu que estou dizendo, mas também a própria Academia, já que sua performance a rendeu sua terceira estatueta ao Oscar. E a noite da sua vitória também foi histórica, já que o resultado do prêmio de Melhor Atriz foi um empate, sendo entregue para Hepburn e também Barbra Streisand, em sua estreia no cinema com o filme *Funny Girl - A Garota Genial* (1968).

O longa merecidamente levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Adaptado. Acho que essa vitória vem muito por conta do formato, de contar uma história da Inglaterra de uma maneira diferente, o que também aproxima o filme de seus espectadores, já que mostra a família britânica como uma família normal, garantindo identificação, e também pela teatralidade presente dentro do texto, com diálogos afiados, muitos escondendo os reais objetivos dos personagens, o que apenas o deixa mais divertido.

Os filhos de Henrique também se destacam graças a suas personalidades estereotipadas. Temos Ricardo I, interpretado por Anthony Hopkins em sua estreia dentro do cinema, que é o filho mais velho, e o favorito da mãe, sendo mais sério, já que sente que deve ser o sucessor por ser o primogênito. Já Nigel Terry interpreta o caçula da família, o príncipe John, curiosamente o favorito do pai, por sua ingenuidade. O personagem é extremamente mimado e usa isso em seu favor em diversos momentos. E o meu favorito, John Castle, como Geoffrey II, o filho do meio. Ele não é o favorito de nenhum dos pais e sabe que suas chances de ser rei são mínimas, então, dentro da trama, ele está a favor do caos. Castle aqui incorpora um personagem ardiloso e extremamente manipulador,

conseguindo mexer com todos os personagens à sua volta e rendendo algumas das cenas mais engraçadas.

Por fim, *O Leão no Inverno* ainda contém muitas das características da antiga Hollywood, mas acaba se destacando por resolver contar essa história da Inglaterra de uma maneira cômica, se diferenciando de tantas outras adaptações.

Na minha opinião, e aqui acho que estou sozinha nessa, o mais fraco dos indicados, é *Romeu e Julieta* (1968). O longa conta a icônica história de amor proibido de William Shakespeare entre os jovens Romeu e Julieta, filhos de famílias rivais que acabam se apaixonando perdidamente.

O maior destaque da obra é a seleção do seu elenco. Leonard Whiting e Olivia Hussey são a perfeita personificação do casal, conseguindo passar apenas com sua aparência toda a juventude e ingenuidade de Romeu e Julieta. Os dois conseguem com perfeição incorporar a intensidade de seu amor, evidenciando que seu amor é algo muito raro, o que é importante para a história funcionar.

A juventude dos atores também é essencial aqui para passar toda a trágedia dentro da narrativa, de dois jovens que "foram" mortos por uma guerra que eles nem acreditam.

Mas, no final do dia, o filme é exatamente o que você espera de Romeu e Julieta, se passando na mesma época, com falas similares às da peça de Shakespeare, tudo do mesmo jeito que já foi feito antes. Então pra mim, o longa se tornou muito sem graça e monótono em vários momentos.

Talvez… esse filme seria mais legal se fosse um musical, e ao invés de Verona se passassem em Nova Iorque nos anos 1960, e os Capuletos fossem imigrantes latinos e os Montéquios jovens americanos sem qualquer tipo de pretensão do futuro… só uma ideia.

Romeu e Julieta (1968) | Imagem: Divulgação

Funny Girl (1968) - Imagem: Jerusalem Cinematheque – Israel Film Archive

E o Oscar deveria ir para...

FUNNY GIRL - A GAROTA GENIAL.

Eu sei, pode soar meio hipocrita tirar o Oscar de um musical alegando ele ser "datado" para dar para outro, mas eu prometo que faz total sentido. Primeiramente, Funny Girl é uma obra muito importante dentro da minha vida, já que eu cresci respirando a série Glee (2009 - 2015). Dessa forma *Don't Rain on My Parede* é até hoje uma das minhas músicas favoritas da vida. Então quando finalmente assisti ao musical, acabei me apaixonando ainda mais.

A narrativa é vagamente inspirado em uma história real, o que vemos pelos nomes dos próprios personagens. Na história acompanhamos Fanny Brice (Barbra Streisand), uma jovem judia vista como patinho feio, que sonha com o estrelato e enfim conquista seu espaço nos palcos. Descoberta por um grande produtor, sua carreira decola. Mas seu romance com o charmoso Nicky Arnstein (Omar Sharif) enfrenta turbulências, à medida que o sucesso dela cresce.

Esse é, sem dúvidas, um filme forte e marcante, um musical que grita com você, no melhor sentido possível. Apesar de um dos temas constantes dentro da história seja a ambição de Fanny, característica essa que nos conecta ainda mais com a personagem (afinal, quem nunca teve grandes sonhos que pareciam distantes demais?), a narrativa não é sobre como foi a ascensão da artista, e sim a independência da personagem nessa crescente e sua batalha para tudo que conquistou.

É uma obra que foge do esperado dentro da sua narrativa e também na escolha da sua protagonista. Fanny é uma garota judia, pobre, que tem uma beleza que foge dos padrões da época, algo que a própria personagem enxerga muito bem. Mas o interessante é que por se tratar de um sonho, a garota nunca desiste.

Antes de ser Fanny Brice nas telonas, Barbra Streisand era a protagonista no teatro, em sua montagem original. Dessa forma Fanny é Streisand e vice e versa. A personagem é muito corajosa e carismática que nos conquista pelo seu espírito e paixão, tanto pela arte em si, mas também no romance com Nicky Arnstein, aspecto que a leva a tomar decisões importantes ao longo da história. É uma personagem que nos cativa com extrema facilidade e que nos prende até os créditos finais do filme.

E claro, Fanny também impressiona por conta do talento musical indiscutível de Streisand. Cada música é um destaque por motivos diferentes, nos fazendo rir e chorar. As performances da atriz torna palpáveis os sentimentos da personagem, principalmente a música final, *My Man*, que traz a tragédia dentro de sua história ao mesmo tempo em que destaca a sensação de amar alguém incondicionalmente.

Funny Girl sempre vai ser um filme muito importante pra mim, não só pelas suas músicas terem feito parte da minha infância e adolescência, mas pela força com que ele consegue passar com sua mensagem de nunca desistir dos grandes sonhos e batalhar por eles.

ANOS 1970.

Aqui a Nova Hollywood e suas novas temáticas ganham ainda mais força com filmes que conversam com os espectadores mais jovens, representando sentimentos humanos de uma forma diferente, o que atraiu novamente o público para os cinemas.

A ascensão de novos cineastas como Martin Scorsese, Steven Spielberg, Brian De Palma e George Lucas, conhecidos como Movie Brats, marcam o novo cinema com narrativas diferentes, que também se desafiam no campo dos efeitos especiais. A trilogia de *Star Wars* (1977 - 1983) foi pioneira em diversas técnicas ainda são utilizadas dentro do cinema. O que diferencia esses diretores de diversos outros foi ter crescido com o cinema e, por consequência, desenvolvido uma paixão pelas obras clássicas de Hollywood, levando muitos deles a ir atrás de uma formação em cinema. Os cineastas também foram influenciados por mestres do cinema "internacional", como Akira Kurosawa, que foi uma forte influência para George Lucas em *Star Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança* (1977).

Os filmes lançados dentro dessa época vieram para desafiar e inovar, trazendo diversas temáticas que eram proibidas pelo Código de Hayes nos anos anteriores. Dentro do Oscar as críticas à Guerra do Vietnã começam na década de 1970, com obras como *Apocalypse Now* (1979) e *O Franco Atirador* (1978), tema que ganha ainda mais força por conta dos movimentos sociais contra a guerra que cresciam nos Estados Unidos. Além disso, a violência passa a ser retratada com mais frequência e mais explicitamente, como em *Laranja Mecânica* (1971) e até em *O Poderoso Chefão* (1972), e o sexo e desejo passam a fazer parte de diversas narrativas.

A década também acaba sendo um destaque pensando no legado dos filmes de terror com a estreia de diversos clássicos como O Massacre da Serra Elétrica (1974), Carrie, a Estranha (1976) e O Exorcista (1973), que se consagrou como o primeiro longa de terror a ser indicado ao Oscar de Melhor Filme.

O Poderoso Chefão (1972) - Imagem: Divulgação

Perdidos na noite (1969) - Imagem: IMDb

1970

O grande vencedor da noite foi *Perdidos na Noite* (1969), indicado a sete categorias dentro do Oscar, levando para casa três delas: Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Roteiro Adaptado. O filme representa bem as novas temáticas dando luz a histórias pessimistas urbanas de grupos marginalizados.

Na história, o jovem texano Joe Buck (Jon Voight), está a procura de uma vida melhor e decide se mudar para Nova Iorque, onde começa a trabalhar como garoto de programa. Na cidade nova, ele acaba fazendo amizade com Ratso Rizzo (Dustin Hoffman) e descobre o lado cruel das cidades grandes.

O longa não romantiza as grandes metrópoles, evidenciando as dificuldades de se adaptar ao cotidiano. O diretor tem a intenção de mostrar que a vida não é um mar de rosas, enfatizando o choque cultural que Joe sente, trazendo reflexões sobre a desilusão, miséria e solidão.

Além disso, a história desmistifica as figuras do cowboy americano, que aqui é um jovem extremamente inocente que é muitas vezes enganado, e do malandro da rua, que aqui vive apenas as desvantagens de sua vida. Seus figurinos representam muito bem suas personalidades. Joe usa roupas mais coloridas e estampadas, claramente destoando do restante, o que representa o otimismo e a ingenuidade do personagem, já Ratso usa roupas mais neutras e desgastadas, quase se mesclando com o restante da cidade, representando uma pessoa já desiludida com a situação que vivia.

A própria Nova Iorque de *Perdidos na Noite* é suja e lotada, com muito crime e pessoas mal intencionadas, passado com facilidade essa atmosfera de desespero e depressão.

Apesar de tudo isso, não me conectei com o filme. Honestamente, não me importava com os personagens e nem com a história, muito disso por conta da forma como eles são apresentados dentro do longa. Ainda assim, Hoffman entrega uma ótima performance com um personagem que, a princípio, parece querer se aproveitar de Buck e ao final se torna um amigo fiel. Seu personagem parece ter abandonado toda e qualquer esperança dentro de sua vida, apenas sobrevivendo, vivendo com uma tosse constante e andando mancando. Mas, o mais trágico dele, é que Ratso ainda tem otimismo de uma vida melhor na Flórida.

Pra ser sincera, talvez eu tenha assistido ao filme no momento errado da minha vida. Ainda assim, *Perdidos na Noite* é um dos marcos da nova era de Hollywood, ousando e quebrando as regras convencionais do cinema na época.

No mesmo ano temos *Z* (1969), um filme francês. Dirigido por Costa-Gavras esse é um forte filme político, com uma mensagem muito clara desde seu início quando a frase “qualquer semelhança com pessoas e eventos reais não é mera coincidência e sim intencional”. E o longa fez história no Oscar, se consagrando como o primeiro filme a ser indicado nas categorias de Melhor Filme e Melhor Filme Internacional, sendo também o segundo filme não falado em inglês a ser indicado a Melhor Filme.

Z (1969) - Imagem: IMDb

Baseado em um evento que aconteceu na Grécia dos anos 1960 (o caso de Grigor Lambrakis), o longa traz a história de um político de esquerda que, no meio de muita confusão, é morto. A narrativa, então, acompanha as investigações da morte do político, que é encoberta pela polícia e exército.

O que mais engrandece a história é sua relevância, se mantendo atual até hoje. Apesar de ser falado em francês, o longa não deixa explícito onde se passa, o que faz com que qualquer espectador possa relacionar com histórias do próprio país, o que nos aproxima da narrativa.

O filme é praticamente dividido em dois atos, o antes e o depois da morte do político. O primeiro ato é o mais forte, muito pela maneira que o diretor resolve retratar a agitação nas ruas com sua câmera trêmula.

O aviso de um possível atentado é comunicado aos pacifistas, que tentam a todo custo evitar, e nós espectadores, por sabermos dessa informação, ficamos a todo momento esperando o pior acontecer, o que cria uma tensão.

Admito que seu segundo ato me perdeu em alguns momentos, principalmente pela quantidade de nomes, pessoas e histórias dentro da trama, além de ter um ritmo bem mais devagar.

Mas, ainda assim, *Z* é um filme corajoso, que vem para criticar e dar luz para uma história chocante que aconteceu na Grécia, e que, ao mesmo tempo, também critica a corrupção de grandes entidades de um governo, e principalmente sua influência dentro de um país, se aplicando tanto para a Grécia mas também para tantos outros.

Como no Oscar de 1969, temos dentre os indicados mais um filme musical protagonizado por Barbra Streisand. Se diversos filmes estavam apostando em uma nova forma de fazer cinema, *Hello, Dolly* (1969) não é um deles, se inspirando nos grandes musicais das décadas de 1950 e 1960. Não é à toa que o filme tem

direção de Gene Kelly. Mas, longe de isso ser uma reclamação.

Minha curiosidade em relação a obra veio muito antes do que esse desafio de assistir a todos os indicados ao Oscar de Melhor Filme. Isso porque conheci a música principal, *Put On Your Sunday Clothes*, no filme *Wall-e* (2008) quando, bem no começo da animação, o simpático Wall-e resolve assistir obras antigas, dentre eles *Hello, Dolly*, e me apaixonei pela música desde esse momento. Inclusive uma rede britânica de venda de DVDs vendeu mais cópias deste filme entre julho e setembro de 2008 do que em todos os dez anos anteriores, o que foi atrelado à popularidade de Wall-E

No longa acompanhamos a casamenteira Dolly Levi (Barbra Streisand), que parte rumo a Yonkers com a missão de encontrar um par ideal para o rico Horace Vandergelder (Walter Matthau). No trajeto, ela também convence a sobrinha de Horace (Joyce Ames), o noivo da sobrinha (Tommy Tune) e dois empregados de Vandergelder (Michael Crawford e Danny Lockin) a acompanhá-la até Nova York.

Aqui, após interpretar uma garota com suas peculiaridades em *Funny Girl*, Streisand dá a vida a Dolly, uma mulher chamativa, muito mais confiante, que lembra bastante personagens como Nanny Mcphee (2005), Mary Poppins (1964) e Maria de Noviça Rebelde (1965). Ela é uma personagem que se coloca na posição de ensinar e, por isso, tenta ajudar todos os personagens a conseguirem seus objetivos, chegando a ser quase mágica.

Os melhores momentos dentro da história são os que Dolly está presente, tanto pelo carisma da personagem, que nos puxa para a história, já que ela é praticamente uma caixinha de surpresas, se usando de jogos e dissimulações para se beneficiar, mas também pelas canções

Hello, Dolly! (1969) - Imagem: IMDb

Hello, Dolly! (1969) - Imagem: IMDb

performadas por Barbra Streisand, que são sempre um espetáculo.

O filme conquista também graças a sua grandiosidade, com cenários cheios de detalhes, coreografias com diversos atores e figurinos, principalmente os de Streisand, impecáveis e chamativos. É uma obra que surge numa época de baixa de musicais e que ainda assim consegue atrair muita atenção. Tanto que o longa foi uma das cinco maiores bilheterias de 1969 nos Estados Unidos, recebeu sete indicações ao Oscar e levou três delas: Melhor Direção de Arte, Melhor Som e Melhor Trilha Sonora.

Sinto que o maior problema é sua longa duração, com suas quase 2h30, e os diversos subplots que nem sempre atraem nossa atenção, o que por vezes pode deixar o filme cansativo.

Já *Ana dos Mil Dias* (1969) conta uma história da monarquia da Inglaterra, quando Henrique VIII (Richard Burton) se divorcia de sua esposa Catarina de Aragão (Irene Papas), após as tentativas falhas de gerar um filho homem, e resolve ir atrás da jovem Ana Bolena (Geneviève Bujold) que é escolhida como substituta.

Como falei antes, a história da Inglaterra é uma temática adorada pela Academia. Sinto que se pegarmos todos os filmes indicados a Melhor Filme, teremos pelo menos uns 200 anos de história adaptados para o cinema. Dito isso, de todas as histórias, a de Henrique VIII e suas seis esposas é uma das minhas favoritas. O longa é interessante, principalmente, pela escolha de dar mais destaque para Ana que, apesar da distância temporal entre a história real e os espectadores, é uma personagem de fácil identificação.

Durante o filme acompanhamos os mil dias que antecedem a data de sua morte, onde a garota vai do ódio ao amor e depois ao ódio de novo pelo rei, ao mesmo tempo que arma diversas movimentações políticas para se beneficiar e ajudar sua família. Durante a história o jogo político fica bem claro, já que todos os personagens manipulam e formam alianças para conseguir atingir seus objetivos. A obra, com facilidade, nos coloca no ponto de vista de Ana, desde o momento em que a vemos abdicar de sua felicidade por poder e proteção, até sentimos a traição na pele, quando Henrique a descarta.

O casting de Geneviève Bujold como Ana Bolena foi o maior acerto do filme. Bujold tem uma beleza natural e jovem que nos conquista, assim como conquistou Henrique VIII. Mas, conforme a história avança, vemos ela como uma personagem que é muito mais que isso.

Apesar de suas recusas no começo da narrativa, Ana Bolena se acostuma com o poder de rainha e se beneficia dele, sabendo manipular seu marido para conseguir o que quer. A personagem cresce ainda mais depois que engravida e dá luz a Elizabeth, se revelando uma forte mãe, o que claro, complica seu relacionamento.

É uma história trágica e infelizmente cíclica: Ana ouve o mesmo que Catarina e sofre como sua filha vai sofrer anos depois. Talvez ele seja datado em seu formato para os dias de hoje, mas achei ousado trazer esse retrato de uma corajosa Ana Bolena.

Ana dos Mil Dias! (1969) - Imagem: MUBI

BUTCH CASSIDY AND THE SUNDANCE KID.

Para quem meu coração bate muito mais forte nessa edição do Oscar é *Butch Cassidy and the Sundance Kid* (1969). O filme recebeu sete indicações dentro da premiação e levou as estatuetas de Melhor Roteiro Original, Melhor Fotografia, Melhor Trilha Sonora e Melhor Canção pela icônica *Raindrops Keep Fallin' on My Head*.

"A maior parte do que se segue é verdade". No longa somos colocados em Wyoming, no início de 1900, e acompanhamos a dupla de bandidos Butch Cassidy e Sundance Kid e suas aventuras. Depois que o roubo de um trem dá errado, a dupla decide fugir para a Bolívia e tentar a vida lá.

O filme é a combinação perfeita entre faroeste e a comédia, conseguindo pegar o melhor de cada um dos gêneros. Na questão de faroeste, o longa traz personagens fortes, que trazem uma certa confiança, mas também tira parte da glória, desmistificando os herois, trazendo os protagonistas mais próximos da realidade, fazendo com que seja fácil se identificar e torcer por eles ao longo da história, rendendo aventuras muito divertidas.

Parte da comédia vem também dos dois protagonistas: Paul Newman e Robert Redford, uma dupla carismática, com timing cômico excelente, e ótima química, que nos convence de uma amizade verdadeira. A dupla voltou para outro filme indicado ao Oscar, que inclusive levou a estatueta de Melhor Filme para casa, *Golpe de Mestre* (1973), onde também interpretam parceiros nada convencionais. Em Butch Cassidy, os dois interpretam a dupla perfeita, Cassidy é o cérebro, quem elabora os planos, tendo uma personalidade muito mais falante, já Sundance é o típico cowboy de *western*, mais quieto, pronto para atirar no momento que seu parceiro pedir.

É impossível não se apegar aos seus personagens e não temer pelo seu destino, o que adiciona ao filme uma dose de urgência e perigo. O longa também evita romantizar a vida do faroeste e as ações dos dois personagens já que, mesmo que as cenas dos roubos pareçam muito legais, os momentos perigosos também são muito reais.

Ao final do filme, eu senti que facilmente assistiria mais 2 horas daquela dupla. As aventuras vividas pelos protagonistas têm um leve tom de fantasia que nos deixam ansiosos para o próximo assalto ou a próxima fuga dos dois, juntamente com seu roteiro com piadas muito bem colocadas que brincam com nossas expectativas - como quando a dupla não consegue assaltar um banco na Bolívia pois não falam a língua. E é esse tom fantasioso que deixa o final da obra tão impactante e ao mesmo tempo bonito, sabemos o que aconteceu com os dois, mas uma partezinha de nós ainda acredita em outro desfecho.

Pra mim, Butch Cassidy and the Sundance Kid é um filme único que contou com uma sequência de acertos, ousando ao misturar com perfeição o *western* e a comédia, trazendo uma história divertida e gostosa de acompanhar e, principalmente, por nós apresentar a dupla Newman e Redford que funciona tão bem.

Butch Cassidy and the Sundance Kid (1969) - Imagem: IMDb

Patton, Rebelde ou Herói? (1970) - Imagem: IMDb

1971

Com direção de Franklin J. Schaffner e roteiro de ninguém mais ninguém menos que Francis Ford Coppola, *Patton, Herói ou Rebelde?* (1970) foi o vencedor da estatueta de Melhor Filme na edição de 1971. A obra começa já com um grande monólogo de Patton em frente a uma bandeira dos Estados Unidos, onde somos apresentados a essa figura arrogante, orgulhosa e ignorante que nos acompanha durante toda a história, o general George S. Patton (George C. Scott).

No filme biográfico conhecemos a história do controverso general, desde sua ascensão com campanhas bem sucedidas no norte da África e na Europa. O longa recebeu dez indicações ao Oscar, vencendo sete delas, incluindo Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Direção e Melhor Ator para George C. Scott, prêmio o qual o ator não aceitou, alegando que a competição entre atores era injusta, criticando o processo de votação da Academia... e eu meio que entendo a crítica.

Voltando para o filme, na história conhecemos um general com uma personalidade conturbada e única, agindo muito bem durante as batalhas, mas falhando quando se relacionava com outras pessoas, demonstrando uma falta de sensibilidade. O longa enfatiza bastante os defeitos do personagem, principalmente quando Patton se relaciona com seus subordinados, sendo praticamente uma sátira para criticar esse abuso de poder.

Destaco aqui principalmente a fotografia da obra, que soube muito bem passar para nós espectadores a forma como Patton era visto, muitas vezes filmando o personagem de baixo para cima justamente para expor esse poder que ele tinha e/ou achava ter, o que passa esse ar de "grandiosidade".

O grande destaque é George Scott, mesmo o ator não aceitando seu Oscar. Ele consegue nos impactar desde a primeira palavra em seu monólogo inicial, nos convencer em alguns momentos a ignorar sua grosseria, teimosia e comportamento abusivo por ser um grande estrategista. É um personagem complexo que por vezes parece estar fora de sua época (e também fora da nossa) mas que não deixa de ser um retrato verdadeiro de generais durante a guerra, até por ser um filme biográfico.

Mas honestamente, eu não gostei. Apesar do filme ser visto por muitos como uma das melhores cinebiografias de Hollywood, eu achei ele extremamente cansativo, até por ter suas quase 3 horas de duração. O longa tem um ritmo que oscila, desprendendo a atenção em vários momentos, e, pra ser sincera, nenhuma cena ficou comigo após o longa acabar. Talvez com uma duração mais curta e focando em menos episódios da vida de Patton a história se tornaria mais dinâmica.

Ainda na temática de guerra e sátira, temos, dentre os indicados, o longa *MASH* (1970). Claramente inspirado pelos movimentos anti-guerra e pró-paz que ganhavam cada vez mais força nos Estados Unidos nos anos 1970, uma reação à Guerra do Vietnã, que parecia sem fim. MASH, inclusive, foi um dos primeiros filmes a criticar os absurdos da guerra, exemplo que foi seguido por diversos outras obras como

Apocalypse Now (1978), *Platoon* (1987) e *Nascido em 4 de Julho* (1989), que também receberam indicações à categoria de Melhor Filme.

O longa se passa durante a Guerra da Coreia, onde acompanhamos o 4077º Hospital Cirúrgico Móvel do Exército Americano na Coreia. Para não enlouquecer em meio ao caos, os médicos responsáveis passam a praticar diversos atos de rebeldia, gerando situações espalhafatosas.

Acho que a ideia se criticar os propósitos da guerra através de uma comédia foram muito assertivos. A narrativa não precisou mostrar cenas chocantes e violentas para nos impactar com os absurdos que aconteciam dentro do Hospital Móvel e, por consequência, no restante da guerra, criticando principalmente a maneira como o governo tratava a guerra, mas também como muitos dos soldados envolvidos são apenas jovens extremamente alienados e ingênuos que são arrastados para os terrores.

O longa se destaca por uma naturalidade que fortalece as cenas de comédia, grande parte disso se deve ao estilo da direção, que opta por uma câmera observadora, captando o caos daquele batalhão com planos mais longos e bastante espaço para o improviso, o que deixa esses momentos mais espontâneos.

Eu gosto da crítica aqui, mas acho que é um dos filmes mais preconceituosos que eu já assisti, mesmo para uma sátira. Definitivamente envelheceu muito mal. Enquanto assistia fiquei incomodada em vários momentos, principalmente na maneira como eles tratam a enfermeira Margaret Houlihan (Sally Kellerman), a única mulher da história. Entendo a indicação e a importância dele para o cinema, até pela coragem de criticar uma guerra que ainda estava acontecendo, mas é uma obra difícil de assistir nos dias de hoje.

Aeroporto (1970) é outro dos indicados desta edição do Oscar. O longa ficou conhecido como o primeiro filme do cinema de catástrofe, um

MASH (1970) - Imagem: MUBI

Aeroporto (1970)
Dir: George Seaton

O filme recebeu dez indicações, levando a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante para Helen Hayes, se tornando a primeira mulher a conquistar o EGOT (Emmy, Grammy, Oscar e Tony).

gênero que mais tarde se tornou muito popular, que mistura apocalipse, drama e ação, junto de efeitos especiais. *Aeroporto* foi um sucesso de crítica e de bilheteria e também gerou mais três sequências: *Aeroporto 75* (1974), *Aeroporto 77* (1977) e *Aeroporto 80 - O Concorde* (1979).

Na história acompanhamos um dia que parece normal dentro do fictício Aeroporto Internacional Lincoln localizado perto de Chicago, Illinois. Porém, o dia se torna um grande caos quando chega uma suspeita de bomba.

A obra é bem realista retratando a confusão que é administrar um aeroporto, chegando a ser divertido. Dentre a nevasca que implica a partida dos aviões, brigas internas entre funcionários e problemas com passageiros, Mel Bakersfeld (Burt Lancaster) precisa manter o aeroporto funcionando enquanto tenta salvar seu casamento.

Honestamente, esse drama familiar é sua parte mais fraca, não só nos tirando das situações caóticas do aeroporto, mas também porque não implica em sua catástrofe, ficando meio sobrando no meio da narrativa e a deixando arrastada.

O filme atinge seu ápice com o decolar do avião, em que a suspeita de bomba passa a ser uma confirmação e os funcionários precisam não só investigar a situação e seus envolvidos, mas também tentar lidar da melhor forma possível, para que nenhum dos passageiros se machuquem. E nesse momento o longa atinge um ponto de tensão sensacional e importantíssimo para as obras do gênero catástrofe, já que tudo pode acontecer, o que aumenta a sensação de urgência.

Aeroporto (1970) - Imagem: Letterboxd

Cada Um Vive Como Quer (1970) - Imagem: Criterion Collection

O quarto indicado é *Cada um Vive como Quer* (1970), ou seu nome mais marcante em inglês, Five Easy Pieces, marcando o primeiro papel de protagonista de Jack Nicholson.

Aqui acompanhamos Robert Dupea (Jack Nicholson), um homem que vive uma vida comum como trabalhador de uma exploração de petróleo. Dupea tem um conturbado relacionamento com Rayette Dipesto (Karen Black), uma garçonete que valoriza muito o relacionamento. A narrativa começa quando Robert descobre que seu pai está morrendo e decide voltar para casa.

O filme acaba sendo um perfeito exemplo das novas mudanças de Nova Hollywood, principalmente quando o comparamos com outros movimentos cinematográficos ao redor do mundo, como a Nouvelle Vague, até pela sua produção que contou com um orçamento de apenas US$ 900 mil, sendo filmado em 40 dias. Mas ele se relaciona por trazer como protagonista um homem comum e real, sem certezas, que vive uma vida comum, e que na maioria das vezes não é uma boa pessoa.

Quando visita seu pai, entendemos que Robert vivia uma vida extremamente confortável com a sua família, muito diferente da vida que vive na exploração de petróleo, mas que, apesar disso, ele não se sente pertencente em nenhuma de suas vidas, sendo extremamente infeliz e insatisfeito, o que desencadeia esse seu comportamento agressivo. Robert não tem grandes sonhos ou objetivos, não é apaixonado por nada dentro de sua vida, um vazio que tanto o protagonista quanto nós espectadores sentimos. O protagonista acaba sendo uma representação da falha do American Way of Life, o personagem trabalha, tem uma namorada, vive uma vida financeiramente aceitável, mas é extremamente miserável, mas ao mesmo tempo, não se encaixa na época atual.

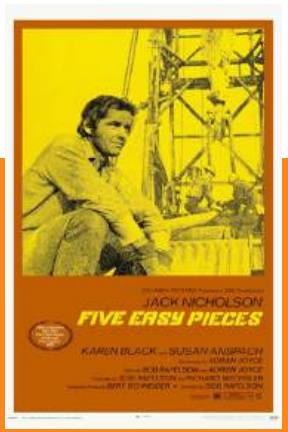
O maior destaque, com certeza, é ter Jack Nicholson como protagonista. O ator é um dos meus favoritos, principalmente pela sua intensidade dentro de grande parte dos filmes, seja interpretando, como aqui, um homem comum ou até interpretando um coronel em *Questão de Honra* (1992), ele acredita muito nas causas dos seus personagens e acaba passando isso pra gente.

Cada um vive como quer (1970) - Imagem: IMDb

A performance se destaca também por conseguir trazer o caráter sarcástico do personagem com perfeição, ele é infeliz e desconta isso nos outros com uma arrogância misturada com sarcasmo. Até por ser um personagem dividido entre "duas" vidas, Robert se vê como uma pessoa mais inteligente do que todas as outras, o que também justifica esse tratamento.

Apesar de um drama, o roteiro traz diversas situações pateticamente cômicas, que também remetem a momentos da vida real, o que rende uma fácil identificação para dentro da história, mas que ainda trazem o vazio desesperador sentido pelo protagonista.

Antes de assistir ao filme, tinha receio de que ele seria mais um longa norte-americano que iria exaltar o American Way of Life, mas felizmente eu estava muito enganada. a obra representa muito bem os novos protagonistas da Nova Hollywood e seu foco em trazendo pessoas comuns, que são infelizes, que são maldosas e que geram ótimos momentos de identificação e pertencimento para quem assiste, de certa forma também sendo um forte retrato da época.



Cada um Vive como Quer (1970)
Dir: Bob Rafelson

O filme recebeu quatro indicações e marca a segunda indicação de Jack Nicholson na premiação, sendo sua primeira na categoria principal

LOVE STORY.

“Você parece burro e rico.”
“E se eu for inteligente e pobre?”

É com esse diálogo que conhecemos o icônico casal Oliver e Jenny, protagonistas do real merecedor do Oscar de Melhor Filme de 1971, *Love Story* (1970). Até pelo seu título, devo dizer que me apaixonei pela história e penso nela constantemente desde que assisti.

O filme traz a história de Oliver Barrett IV (Ryan O’Neal), um estudante de Direito de Harvard, que conhece Jenny Cavilleri (Ali MacGraw), uma estudante de música de Radcliffe. Os dois rapidamente se apaixonam, porém precisam lidar com os problemas da vida real.

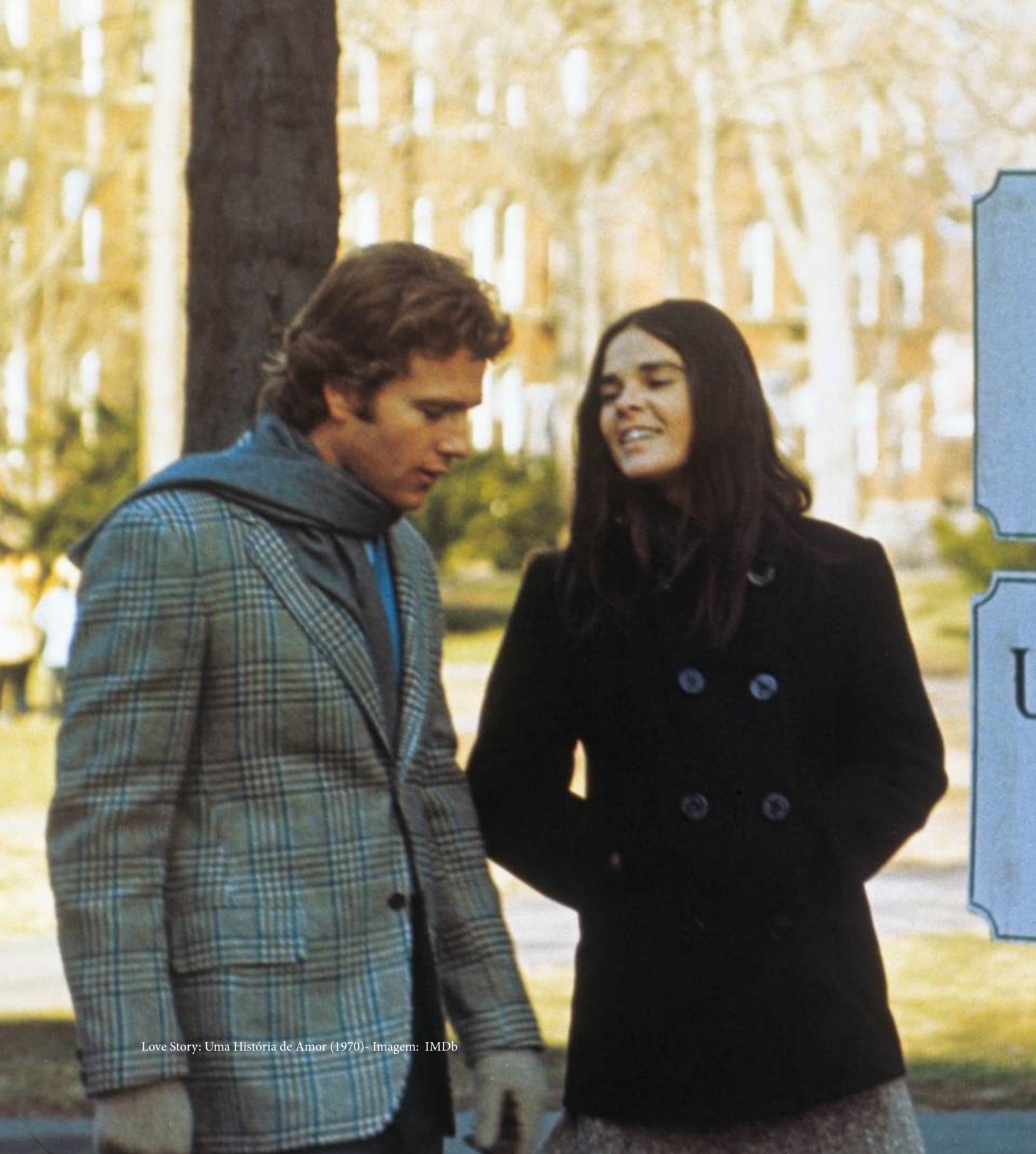
Após ler diversas críticas, sinto que a palavra que mais se repete em todas é dramalhão, mas acho isso um tremendo engano. O roteiro ganha muito graças a sua simplicidade. Ele nada mais mostra do que a vida real, com seus altos e baixos, e é justamente isso que fez o longa ser um sucesso de bilheteria, trazendo protagonistas carismáticos e de fácil identificação. Desde seu primeiro diálogo sarcástico já torcemos pelos dois, principalmente por serem personagens extremamente humanos, que erram e acertam, e continuamos assim até sofrer com o trágico final deles.

Para além de uma obra de romance, *Love Story* é um filme sobre a vida, não tendo medo de mostrar as dificuldades enfrentadas pelo casal, causadas, principalmente, pelas diferenças econômicas dos dois, também evidenciando escolhas difíceis que eles precisam fazer. É uma história de um amor invejável, se mostrando extremamente verdadeiro. Não importa o que aconteça os dois estão juntos e isso, para eles, é mais importante que qualquer coisa.

E mesmo com cerca de 10 anos de diferença entre suas idades verdadeira e de seus personagens, Ryan O’Neal e Ali MacGraw foram a escolha perfeita para viver esse casal. O ator vive um jovem que carrega as expectativas de seu pai, vendo uma libertação quando conhece Jenny, que o permite sonhar com outras coisas.

Mas o grande destaque do filme é MacGraw, que vive a interessante Jenny. Sinto que a personalidade dela pode ter dado inspirações para diversas outras personagens de obras de romance, ao mesmo tempo em que, para a época, não era uma personalidade tão comum dentro do gênero. Ambiciosa, inteligente e sarcástica, Jenny passa conforto gigantesco, nos conquistando com seus diálogos rápidos e engraçados. MacGraw é magnética na tela, tanto é que a atriz foi indicada na categoria de Melhor Atriz no Oscar e Globo de Ouro (inclusive vencendo o segundo).

Love Story é um marco quando falamos sobre longas de romance, não só inspirando tantos outros, mas também mostrando história de amor atemporal, impactando jovens apaixonados na década de 1970 e também nos dias de hoje.



Love Story: Uma História de Amor (1970)- Imagem: IMDb

Operação França (1971)- Imagem: IMDb

1972

Operação França (1971) foi o grande vencedor de 1972. O longa recebeu oito indicações dentro da premiação e levou cinco delas: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Ator, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Montagem, sendo o segundo filme com classificação R-rated (indica que o filme é voltado para maiores de 17 anos) a vencer a estatueta de Melhor Filme na história da premiação, seguindo seu antecessor *Perdidos na Noite* (1970). A obra também fez história na categoria de Melhor Direção, já que, na época, William Friedkin foi o mais jovem vencedor da categoria com 36 anos.

O longa tem como base o livro de Robin Moore, *The French Connection: A True Account of Cops, Narcotics, and International Conspiracy* (1969), que por sua vez é baseado em fatos reais. Friedkin descreve o filme como uma "impressão do caso" que aconteceu entre outubro de 1961 e fevereiro de 1962, envolvendo os policiais Eddie Egan e Sonny Grosso, que foram a inspiração para os protagonistas de Operação França. Os policiais verdadeiros inclusive atuaram como consultores técnicos, também fazendo pequenas participações especiais.

A história acompanha o obsessivo Jimmy "Popeye¨ Doyle (Gene Hackman) e seu parceiro Buddy "Cloudy" Russo (Roy Scheider), ambos policiais da divisão de narcóticos de Nova Iorque, que descobrem uma rede de tráfico de drogas originaria da França, organizada por Alain Charnier (Fernando Rey).

O filme se destaca graças ao seu realismo, acompanhando o trabalho dos policiais de perto, quase nos colocando dentro das perseguições e interrogatórios, evidenciando a vida caótica e violenta vivida por eles. A fotografia também acaba intensificando ainda mais essa vivência, trazendo uma Nova Iorque sem vida, com tons de marrom e cinza, remetendo aos barulhos e a criminalidade da cidade.

Neste sentido, o personagem de Doyle se encaixa perfeitamente na descrição de Nova Iorque, já que ele é hostil e grosseiro. Hackman, inclusive, quase não interpretou o papel por não sentir qualquer simpatia pelo Popeye real. Porém, o ator traz uma de suas mais marcantes performances para a tela, atuação essa que foi responsável por deslanchar sua carreira. Hackman é praticamente um anti-herói, sendo egoísta e por vezes cruel, ficando obcecado em solucionar o caso, obsessão essa que o prejudica em diversos momentos.

Roy Scheider também traz uma performance interessante, com um personagem que é o completo oposto de Popeye, o que funciona muito bem, já que ele é bem sereno e consegue conter os impulsos de seu parceiro.

O longa faz de tudo para passar o maior realismo possível, seja pela câmera instável enquanto acompanha os policiais, ou dos sons da cidade durante o filme. A obra foi um marco, revivendo histórias de policiais e servindo de referência para diversos outras, principalmente quando falamos sobre cenas de perseguição.

Mas pra ser sincera, apesar de todos esses pontos, a narrativa não me prendeu. Devo admitir que a investigação dentro da história me deixou confusa em diversos momentos, além de

não ser uma obra que ficou comigo, já que, após assistir, nunca mais pensei sobre ele.

No mesmo ano, tivemos mais um indicado conhecido pela sua violência: *Laranja Mecânica* (1971), de Stanley Kubrick. O filme tem como base o livro de mesmo nome escrito por Anthony Burgess, publicado em 1962. Talvez, esse tenha sido uma obra polêmica demais para a Academia, já que recebeu quatro indicações e não venceu nenhuma delas. Isso também pode ser explicado pelo desgosto que a premiação tem por Stanley Kubrick, visto que o diretor recebeu indicações por quatro filmes diferentes mas só levou para casa a estatueta de Melhores Efeitos Especiais por conta de *2001 - Uma Odisseia no Espaço* (1968).

Num futuro distópico acompanhamos Alex (Malcolm McDowell), o violento líder de uma gangue que comete todo tipo de crime até que acaba sendo preso. Na prisão, ele recebe a opção de participar em um programa que poderia reduzir o seu tempo na cadeia, virando uma cobaia de experimentos.

Com esses experimentos, a narrativa busca criticar a ideia das instituições governamentais e suas intervenções em cima dos indivíduos, muitas vezes os forçando a ser bons ou a ser algo que seja útil para seus próprios interesses. O filme acaba sendo meio filosófico trazendo questões sobre a bondade e se ela é de fato válida quando alguém é forçado a isso, explorando os limites da imposição e do livre arbítrio.

Laranja Mecânica (1971)- Imagem: Divulgação/Warner

A obra também traz questionamentos ao longo de sua história se Alex é de fato dessa maneira porque ele é violento, ou se ele é violento como um reflexo da própria sociedade. E as cenas "chocantes" servem justamente para fazer os espectadores pensarem em como a mídia transforma essas violências em um espetáculo, também criticando aqueles que consomem, de certa forma, colocando o próprio espectador como o criticado.

Em aguns momentos somos colocados no ponto de vista de Alex em que vemos o quão maluca é sua visão do mundo. Alguns objetos são distorcidos, as pessoas ao seu redor são esquisitas e Kubrick comete alguns erros de continuidade propositalmente para desorientar o espectador, também nos colocando no lugar do protagonista.

Mas eu não gostei do filme. O que faz ele funcionar é que Kubrick tenta a todo os momentos nos colocar dentro da gangue de Alex, fazendo com que a gente torça pelo protagonista, mesmo com suas atitudes nojentas. Porém, eu não consegui torcer por ele em nenhum momento, detestando tudo que envolvia o personagem.

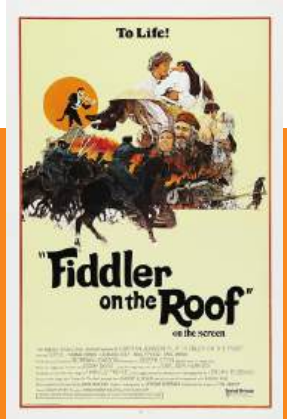
Sinto que parte do meu desinteresse veio pelas altas expectativas que eu criei em cima desse filme. Eu passei anos da minha vida querendo muito assistir e quando eu finalmente assisti eu achei ele "ok". Eu entendo a crítica e entendo que a maneira como ela foi feita era necessária na época justamente para chamar atenção, mas acho que hoje em dia ele não chama tanta atenção, até mesmo quando analisamos a filmografia do Kubrick, que tem tantos outras obras mais interessantes e diferentes.

Surpreendentemente, também nesse mesmo ano, temos dentre os indicados dois filmes de mais de 3h de duração: *Um Violinista no Telhado* (1971) e *Nicholas e Alexandra* (1971).

Um Violinista no Telhado é uma das grandes referências quando falamos de musicais. O filme é uma adaptação do musical da Broadway de mesmo nome lançado em 1964, que, por sua vez, é inspirado nos contos de Sholem Aleichem sobre a vida judaica no leste europeu no início do século XX.

A história se passa no vilarejo fictício de Anatevka, na Rússia czarista, acompanhando Tevye (Topol), um leiteiro judeu que tenta manter as tradições religiosas e culturais em meio a um mundo que está mudando, tanto fora quanto dentro de casa.

O longa traz, em principal, o embate entre tradições e as mudanças globais. A aldeia onde os personagens vivem é fortemente comandada pelas tradições religiosas que, por sua vez, são uma representação da sua cultura e identidade. Porém, mesmo para a época em que a história se



Um Violinista no Telhado (1971)
Dir: Norman Jewison

O filme recebeu oito indicações e venceu três delas: Melhor Fotografia, Melhor Som e Melhor Trilha Sonora Adaptada, vencendo nessa categoria do musical *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (1971).

Um Violinista no Telhado (1971)- Imagem: IMDb

passa, certos costumes são ultrapassados, o que afeta a qualidade de vida dos personagens. Aqui o embate vem das filhas de Tevye, que desejam escolher os seus maridos baseado no amor, algo impensável naquele contexto.

Dentro da aldeia, o pai comanda a casa e traz o dinheiro, a mãe cuida das tarefas domésticas, os filhos seguem os passos do pai para um dia tomarem seu lugar e as filhas são criadas ajudando dentro de casa, para um dia se tornarem esposas de algum marido, que é arranjado para elas, algo questionado pelas filhas de Tevye. Ao final, as tradições que tentam ser mantidas pela aldeia nada mais dão para aquele povo do que um senso de pertencimento, mas, ao mesmo tempo, o mundo está mudando e algumas coisas precisam ser questionadas.

Outra questão interessante abordada na narrativa é como a família é vista por Teyve. Mesmo querendo seguir com as tradições e ressaltando a importância delas, o personagem se desconstrói em diversos momentos por conta do amor que sente pelas filhas e o desejo de que elas sejam felizes. Um exemplo de pai.

O longa conquista graças ao seu tom bem humorado, com alguns ótimos momentos e suas canções. Aqui destaco principalmente *Matchmaker*, minha favorita, onde as filhas de Tevye contam sobre seus sonhos em relação ao casamento e seu medo de ser arranjadas para algum marido muito mais velho que elas. As coreografias do filme também são um destaque, sendo em sua maioria grande cenas em grupo incorporando muitas danças tradicionais da cultura para dentro das sequências musicais.

Um Violinista no Telhado (1971)- Imagem: IMDb

Além disso, ele fala sobre o cenário político vivido por aqueles personagens. Apesar da aldeia ser fictícia, essa situação foi vivida por pessoas reais que, por conta do governo autoritário russo, foram obrigados a abandonar suas casas. Sinto que esse é o lado mais dramático da história, trazendo a dor dos habitantes da aldeia de serem obrigados a abandonar suas casas e serem separados, tendo que se mudar para outros países e, por consequência, se adaptar aos novos costumes daquele país.

Mesmo a obra tendo sido lançada há mais de 50 anos é praticamente impossível não relacionar os eventos contados aqui com a situação atual passada por diversos imigrantes ao redor do mundo, dessa forma se mantendo relevante até os dias de hoje.

O filme também aborda a fé dos personagens e o que significa ser judeu em um contexto onde a religião é constantemente oprimida e perseguida. Aqui a fé de Tevye é representada de uma forma muito bonita, lhe dando forças para continuar, mesmo quando tudo está desmoronando.

O violinista no telhado, símbolo que aparece desde o começo, representa a tradição, vivência daquele povo, o pertencimento e presença da cultura judaica naquela aldeia, indo embora quando todos são expulsos de casa e separados.

Nicholas e Alexandra (1971), assim como *Um Violinista no Telhado*, também traz uma história que envolve o Czar russo, especificamente o governo de Nicolau II e o destino dele e sua família. Aqui vão algumas curiosidades: neste recorte escolhido por mim, o longa é o segundo menos popular no aplicativo *Letterboxd*, com

apenas 571 reviews, e, dentre os filmes, com mais de 3 horas de duração, um dos temas mais recorrentes é a história da Rússia.

E aqui ainda mais literal. A obra recebeu seis indicações e levou para casa duas delas: Melhor Figurino e Melhor Direção de Arte. O longa é uma adaptação do livro homônimo escrito por Robert K. Massie, publicado em 1967.

Na virada do século XX, o Czar Nicolau II (Michael Jayston) e sua esposa Alexandra (Janet Suzman) enfrentam o declínio do Império Russo em meio a crises políticas, guerras e a doença incurável de seu filho. Enquanto a monarquia resiste às mudanças sociais, a crescente influência do místico Rasputin (Tom Baker) e a pressão da revolução ameaçam destruir a dinastia Romanov.

Apesar de tudo nesse filme dizer que ele seria uma obra difícil de assistir, eu fielmente acreditava que acabaria gostando por ele trazer a história dos Romanov e por ser dirigido por Franklin J. Schaffner, diretor de um dos meus filmes favoritos: *O Planeta dos Macacos* (1968). Mas, eu estava errada e de fato tem um motivo para o longa ser um dos menos populares.

A ideia era equilibrar os dramas íntimos da família juntamente com os acontecimentos históricos da Rússia, desde o nascimento do filho do Czar, Alexei, até a execução da família. Dessa forma, ele tenta humanizar o casal Nicolau e Alexandra, apresentando suas falhas, mas também suas dores, principalmente com seu filho doente. Mas, é realmente impressionante como um filme que conta uma história cheia

Nicholas e Alexandra (1971)- Imagem: MUBI

de eventos marcantes (afinal acompanhamos a insatisfação do povo, a entrada da Rússia na Primeira Guerra e o começo da revolução) pode ser tão lento e cansativo.

O longa deixa claro todas as ações de Nicolau que definiram o destino de sua família. Apesar de ser mostrado como um cara bacana no off, o governante se recusava a ouvir seu público, liderando com rigidez e fé cega no absolutismo. Além disso, a história também mostra como diversos boatos e narrativas servem para enfraquecer um governo.

Um exemplo disso, é o personagem do Rasputin (Tom Baker), uma figura polêmica que passa a conviver na corte após milagrosamente salvar Alexei. Honestamente, os momentos com Rasputin são alguns dos mais interessantes dentro da trama, justamente por ser um personagem maluco. E sua influência sobre Alexandra, em função da cura do filho, acelerando a desmoralização do trono. Tom Baker traz uma performance interessante, interpretando esse homem intenso, carismático e perturbador, sendo bem teatral e representando bem o caráter ambíguo do personagem.

O que me incomodou profundamente foi romantização da figura de Nicolau II. Antes de assistir me questionei se o filme não seria parecido com *Maria Antonieta* (2006) de Sofia Coppola, que pega uma figura complexa da história e a humaniza, fazendo-a ser uma personagem que conseguimos nos identificar, porém não é isso que o longa faz. Em parte isso acontece porque não criamos em nenhum momento um vínculo emocional com os personagens, até porque eles não são interessantes, até por serem apresentados como passivos, assim, tirando a responsabilidade de suas ações.

Nicolau é mostrado como um lider incapacitado, porém, muitos de seus atos são tirados de sua responsabilidade e passado para seus conselheiros. O que me indigna é que a obra nunca consegue humanizar o personagem, então acabamos com um protagonista raso, com ações e questionamentos que não condizem. Talvez, valeria mais a pena apostar em trazê-lo como um vilão. E o que mais me deixou inconformada foi o final, em que o grande Czar mostra arrependimento e se apresenta como alguém misericordioso, decepcionante e ridículo igual a história de Michael Corleone em *O Poderoso Chefão: Parte III* (1990). E sejamos sinceros, dá pra acreditar mesmo que ele era essa pessoa?

Mas o maior problema do filme é sua duração, em vários momentos parecendo estar andando em círculos para contar a história. Falta dinamismo e ainda assim parece que algumas coisas são exploradas até a exaustão e outras deixadas de lado, como a presença de Lenin (Michael Bryant), Stalin (James Hazeldine) e Trotsky (Brian Cox), que parecem soltos dentro da história. Sinto que o longa seria muito mais interessante se os protagonistas fossem justamente os filhos de Nicolau, talvez dando ao longa um caráter meio Zona de Interesse (2023).

Mas pelo menos, ao final, tive uma sensação de dever cumprido, desafio vencido.

A ÚLTIMA SESSÃO DE CINEMA.

A Última Sessão de Cinema (1971) é pra mim o verdadeiro merecedor da estatueta de Melhor Filme. O longa foi indicado a oito categorias dentro da premiação incluindo Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Direção, porém levando para casa apenas duas delas: Melhor Ator Coadjuvante (Ben Johnson) e Melhor Atriz Coadjuvante (Cloris Leachman).

No filme acompanhamos três adolescentes, Sonny (Timothy Bottoms), Duane (Jeff Bridges) e Jacy (Cybill Shepherd), em um momento de transição entre a juventude e a vida adulta, em meio a amores frustrados, desejos reprimidos e desilusões. Enquanto isso, o mundo ao redor deles parece se enfraquecer: a cidade está morrendo lentamente, o cinema local está prestes a fechar, e os adultos parecem tão perdidos quanto os jovens.

O longa então pode ser entendido como um "coming of age", que carrega consigo um forte sentimento de melancolia, tanto pela nostalgia do fim da juventude e de grandes anos, principalmente os sentidos pela personagem da Jacy, quanto pela chegada da vida adulta, seus problemas e a desilusão de diversos sonhos.

Parte dessa desilusão também vem da maneira como os adultos são retratados aqui e como os jovens os vêem, como pessoas tristes, amarguradas, arrependidas, que carregam consigo uma saudades dos "bons tempos". Dessa forma, os jovens dentro do filme estão fadados a terem os mesmos destinos, mesmo sem perceberem. A dor de crescer e ver como muitos dos sonhos ficarão apenas na imaginação. Além das dores do passado e do medo do futuro, a cidadezinha onde os personagens moram fede a tédio. O tempo parece estar parado na cidade, mas não para seus personagens, que de certa forma parecem presos ali naquele local, onde de tempos em tempos as coisas vão fechando, mas nada novo abre no lugar.

Particularmente a trama de Jacy foi a que mais me interessou. A garota viveu a vida toda tendo apenas sua mãe como exemplo, que assim como outros adultos, vivia uma vida infeliz e deixava claro para a menina que sua aparência era o que mais importava. Jacy é egoísta, narcisista e manipuladora, mas não deixa de ser um produto daquela cidade e da sua mãe. Ela tenta de tudo para buscar emoção para não terminar como sua mãe: termina com seu namoradinho, sai com caras diferentes e até orquestra uma grande fuga, mas aquela cidade a aprisiona e ela está fadada a ser como sua mãe.

Acho que o filme mais que tudo acaba representando bem a Nova Hollywood, primeiro pela sua narrativa intimista e muito crua, de mostrar as tristezas na transição da vida juvenil para adulta, algo que ressoa em praticamente qualquer pessoa que assista ao filme, afinal quem nunca sentiu medo do futuro e com saudades do passado?

A transição aqui também representa bem o momento que o cinema em si passava, perdendo espaço para novidades como a televisão, e isso é um pouco o que os personagens adultos passam aqui, em uma cidade em que nada muda, eles estão fadados a serem substituídos, e vão ser, e eles sabem disso.

A Última Sessão de Cinema (1971)- Imagem: IMDb

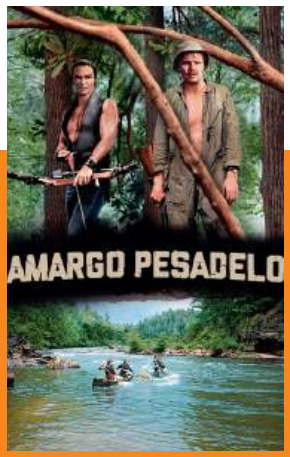
O Poderoso Chefão (1972)- Imagem: Reprodução/ O Globo

1973

Com a imagem à esquerda já dá pra imaginar como foi o ano de 1973. Para não começar falando sobre o elefante na sala, vou falar sobre os outros indicados desse ano. *Amargo Pesadelo* (1972), que mesmo não sendo visto como um filme de terror tanto pela Academia quanto por diversos críticos, não deixa de ser assustador.

Na história acompanhamos quatro amigos: Ed Gentry (Jon Voight), Lewis Medlock (Burt Reynolds), Bobby Trippe (Ned Beatty) e Drew Ballinger (Ronny Cox), que decidem descer de canoa um rio das florestas da Geórgia, antes que toda a região se transforme em uma represa, mesmo com diversas advertências dos habitantes locais.

O filme fala muito sobre a masculinidade e a própria performance dela, até pela motivação dos personagens de embarcar nessa jornada para escapar de suas vidas mundanas e suas famílias. O personagem de Burt Reynolds é o perfeito exemplo disso, a todo momento tentando se mostrar um grande entendedor da natureza, corajoso e bravo, incomodando não só nós espectadores, mas também seus colegas.



Amargo Pesadelo (1972)
Dir: John Boorman

O filme recebeu três indicações ao Oscar nas categorias de Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Montagem, porém não levou para casa nenhuma delas.

O longa nada mais é sobre a crua realidade da natureza, em um curto espaço-tempo do rio Cahulawassee, onde as pessoas largam a humanidade e vivem apenas pelos seus instintos. Tanto que seu principal destaque são os debates entre os quatro companheiros sobre como lidar com as situações e o que elas significam, se questionando sobre seus atos.

O filme tem uma mensagem triste de que eles jamais serão aqueles quatro homens inocentes que entraram na floresta, e jamais conseguirão escapar do que fizeram e do que sentiram nos momentos em que a sobrevivência estava em jogo. Admito que não é meu tipo de filme, até porque jamais me colocaria na situação dos protagonistas, mas gosto da mensagem.

Outro indicado do ano é o filme *Lágrimas de Esperança* (1972). O longa tem direção de Martin Ritt e recebeu quatro indicações, porém não levou nenhuma estatuetas. A história tem como base o livro de mesmo nome escrito por William H. Armstrong, publicado em 1969, abordando temas como racismo, dignidade e resiliência através da história de uma família negra no sul dos Estados Unidos durante a Grande Depressão.

O longa foi um desafio em vários sentidos. Primeiro, foi o filme que mais tive dificuldade em encontrar, precisando buscar ele nos confins da internet. E quando finalmente o encontrei, ele só tinha legenda no

Lágrimas de Esperança (1972)- Imagem: Divulgaação

idioma original e tinha uma qualidade muito baixa. Mas o maior desafio é sua narrativa, que é muito cansativa.

O filme conta a história de Nathan Lee Morgan (Paul Winfield), que é preso por roubar comida para sua família. Sua esposa, Rebecca (Cicely Tyson), assume a responsabilidade de cuidar dos filhos enquanto o primogênito David Lee (Kevin Hooks) parte em busca do pai.

Senti a história bem arrastada, ela demora um tempo para realmente começar. Essa demora vem da tentativa do roteiro de nos apresentar ao cotidiano dos personagens, tentando fazer com que nos apeguemos a eles. É muito fácil sentir empatia pela situação vivida, porém fora David Lee, todos os outros integrantes da família são unidimensionais. Tanto é que nem lembro seus nomes, se é que eles tinham.

Mas a melhor parte da trama é a jornada de David Lee que, mesmo não conseguindo salvar seu pai, acaba tendo contato com uma escola diferente, que realmente desafia seus alunos. O garoto então acaba ficando fascinado por isso, descobrindo o valor da educação como caminho para a liberdade em momentos de opressão, recebendo uma chance de quebrar o ciclo de pobreza vivido por sua família.

Sinto que o filme poderia ser muito melhor, focando principalmente na força e resiliência da família diante da injustiça racial e da pobreza, tentando se salvar após o pai ser preso, como foi feito anos depois em *Um Lugar no Coração*

(1984). Mas, honestamente, parece apenas uma grande enrolação.

Em inglês, o nome do filme é *Sounder*, que é o nome do cachorro da família, descrito pelo pai como o melhor cachorro do mundo, que simplesmente não tem envolvimento nenhum dentro da trama, sendo apenas o bicho de estimação da família.

Eu realmente não gostei do filme, mas por um lado é legal ver que a obra recebeu quatro indicações, até por trazer um elenco majoritariamente negro, recebendo indicações nas categoria de atuação, principalmente uma época de pouca representatividade em Hollywood.

Outra indicação ficou com o longa *Os Emigrantes* (1971), uma grande jornada de mais de 3 horas de duração baseada no livro de mesmo nome de Vilhelm Moberg, publicado em 1949. Com direção de Jan Troell, o filme recebeu cinco indicações, mas acabou saindo de mãos vazias da premiação.

Na Suécia rural do século XIX, o fazendeiro Karl Oskar (Max von Sydow) e sua esposa Kristina (Liv Ullmann) enfrentam a fome, a miséria e a dureza da vida no campo. Decididos a buscar uma vida melhor para sua família, eles embarcam em uma longa jornada rumo aos Estados Unidos.

Como o título sugere, a obra fala sobre a jornada de imigração, não explorando sobre a vida do imigrante em um novo país, e sim tudo que o leva a tomar essa decisão e a grande jornada enfrentada para ter uma vida digna.

Os Emigrantes (1971)- Imagem: IMDb

A história, então, segue Karl Oskar e sua família, que vivem uma vida sem grandes prosperidades, passando fome, sem visar uma melhora na situação.

A aldeia onde os personagens moram não só tem poucos recursos, como também é fortemente controlada pelas autoridades. Em determinado momento, um dos personagens diz que eles seguem sete chefes diferentes, todos tentando ao máximo controlar a vida dos habitantes, os mantendo sempre na mesma situação de necessidade.

Assim, levados pela promessa de melhora, influenciados pelo "Sonho Americano", a insatisfação e o autoritarismo local, a família resolve se mudar para os Estados Unidos. A narrativa ressalta a coragem dos personagens em ir atrás de coisas melhores, mesmo com uma promessa incerta.

A história é basicamente dividida em três partes. A primeira acompanha a rotina da família durante um período, nos fazendo nos apegar aos personagens e simpatizando por sua triste realidade, o que nos faz entender sua decisão.

Durante o começo do filme, a narrativa mostra a influência da religião dentro da aldeia, muitas vezes sendo uma ferramenta de opressão ao invés de reconfortante, também usada para conter os moradores da aldeia.

Os Emigrantes (1971)- Imagem: IMDB

Os Emigrantes (1971)- Imagem: The Criterion Collection

A segunda parte acompanha a viagem de barco tomada por diversos imigrantes em condições precárias. As cenas dentro do barco são verdadeiramente claustrofóbicas e angustiantes, mostrando a luta enfrentada por diversas pessoas para mudar sua realidade, passando fome, pegando doenças e muitas vezes até perdendo pessoas amadas no caminho.

E a terceira, e mais curta, acompanha os imigrantes já nos Estados Unidos, agora tentando se acostumar à nova realidade. Ao contrário de outros filmes da mesma temática, a história não entra nas possíveis dificuldades enfrentadas no novo país, sendo praticamente o prólogo dessas questões, algo mostrado em *O Brutalista* (2024), por exemplo.

Mas devo admitir que a longa duração é uma dificuldade. Honestamente, senti cada minuto das 3 horas e 12 minutos de duração. Faltou um dinamismo maior e um encurtamento, principalmente da primeira parte da história. Mas, ainda assim, não deixa de ser um épico muito real, evidenciando uma história vivida, e sonhada, por muitos imigrantes.

Mas pra mim, ele fica marcado como o último longa assistido desse projeto, não amei a história, me desconectei em diversos minutos, mas agora tenho uma ligação emocional com o filme.

"Life is a Cabaret, old chum"

Cabaret é um filme que eu gostaria de ter assistido antes, muito pelo quanto ele me impactou quando assisti. O longa foi indicado a dez categorias dentro do Oscar e venceu oito delas, não levando apenas as estatuetas de Melhor Filme e Melhor Roteiro Adaptado, visto que é uma adaptação do musical da Broadway de mesmo nome de 1966. Ele inclusive detém o recorde de mais Oscars conquistados por um filme não-honrado com o prêmio de Melhor Filme.

Em Berlim dos anos 1930, em meio ao crescimento do nazismo, Sally Bowles (Liza Minnelli) se apresenta no decadente Kit Kat Club, um cabaré que funciona como fuga dos eventos políticos à sua volta. Quando o reservado escritor britânico Brian Roberts (Michael York) chega à cidade e se envolve com Sally, os dois mergulham em um triângulo amoroso e em conflitos existenciais.

Assim como no cabaré, Sally Bowles é o grande destaque do longa. É praticamente impossível tirar os olhos dela quando está em cena, principalmente pela energia contagiante e talento de Liza Minelli. Sally é carismática, ingênua, não consegue ser misteriosa e tem grandes sonhos de ser descoberta e se tornar uma grande atriz, uma heroína que nos conquista logo na sua primeira cena. Na versão da Broadway, a ideia é a protagonista não cantar bem, mas aqui a atriz se destaca não só pela atuação, com essa personagem tão interessante, mas principalmente por suas performances.

As cenas musicais, que na sua maioria acontecem dentro do cabaré, são maravilhosas. Primeiro pela direção de Bob Fosse, que capta o local como um grande sonho, até por ser um local de escape para a realidade de guerra, com um ar embriagado, sendo um espaço de diversão sem regras ou amarras. Segundo pelas músicas que acrescentam muito para os personagens, entregando suas personalidades, sonhos e desilusões, como *Maybe This Time*, minha favorita, e também conversando com o que acontecia durante a narrativa, trazendo uma crítica forte ao período em que a Alemanha passava, como em *If You Could See Her*, na cara dos soldados alemães que frequentavam o lugar. Dessa forma, as cenas musicais não são usadas para avançar a trama e sim para comentar o que aconteceu dentro da narrativa, se utilizando de muita ironia e cinismo.

O contexto histórico em que a obra se encontra consegue deixar o longa ainda mais profundo. Na história acompanhamos um íntimo triângulo amoroso, enquanto o filme nos dá pequenas dicas sobre o que estava acontecendo na Alemanha naquela época. Essas "dicas" nos incomodam, claro, mas queremos mais que tudo acompanhar nossos protagonistas e suas novas descobertas, e é aí que o filme se torna certeiro, porque ele quebra isso. O partido nazista cresce cada vez mais e os personagens são obrigados a lidar com as crueldades da realidade.

Cabaret é um musical extraordinário que evidencia o poder da arte como entretenimento e também como crítica, além de mostrar as consequências da ignorância em nome do prazer. O filme é um exemplo de como é essencial ter alguém que ama musicais à frente desse tipo de produção, só não ganhando Melhor Filme porque deu azar de cair exatamente no ano de *O Poderoso Chefão* (1972).

Cabaret (1972)- Imagem: BBC/ Getty Images

O Poderoso Chefão (1972)- Imagem: Reprodução/Gazeta do Povo

E o Oscar deveria ir para...

O PODEROSO CHEFÃO.

Não tinha como tirar o Oscar de Melhor Filme de O Poderoso Chefão. Para além do legado do filme, que é, até hoje, reconhecido por muitos como o melhor e um dos mais influentes filmes de todos os tempos, além de um marco do gênero máfia dentro do cinema, eu gosto bastante do filme.

O longa recebeu "onze" indicações (entre aspas porque rolou uma confusão na categoria de Melhor Trilha Sonora, que acabou revogando a indicação do longa na categoria) e levou para casa três deles: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator para Marlon Brando, que, inclusive, recusou a estatueta e no seu lugar enviou a ativista Sacheen Littlefeather para criticar a forma como Hollywood retratava os povos indígenas...digamos que foi uma edição emocionante para os organizadores do prêmio.

O longa tem direção de Francis Ford Coppola e foi responsável por impulsionar a carreira de Coppola e de Al Pacino e reerguer a carreira de Marlon Brando. O filme tem como base o livro de mesmo nome escrito por Mario Puzo, publicado em 1969, que ficou 67 semanas nas listas dos mais vendidos dos Estados Unidos.

Na história acompanhamos a família Corleone. Em 1945, Vito Corleone (Marlon Brando) é um dos mafiosos mais poderosos de Nova Iorque. Ele tem costume de apadrinhar as pessoas e muitos devedores de favores, mas quando se recusa a facilitar a entrada de narcóticos na cidade, ele passa a sofrer atentados. É aí que seus filhos Sonny (James Caan), Fredo (John Cazale) e Michael (Al Pacino) têm que agir e assumir os negócios.

O longa tem uma história simples e fácil de acompanhar, mas o que nos ganha é justamente o que fez ele ser revolucionário quando falamos de filme sobre a máfia: seu realismo, seu caráter político, e o emocional de sua história e seus personagens.

Em relação ao realismo, o filme mostra o cotidiano da máfia em Nova Iorque, seu funcionamento, código de honra, lealdade entre as famílias, e como a violência e o poder tem uma forte influência dentro da máfia. Uma tecla em que o longa bate constantemente é a importância da própria família, algo que Vito Corleone levava muito a sério, e os valores familiares são usados tanto para defender quanto justificar os crimes.

Além disso,o longa faz uma ambientação dos anos 1940 de uma forma impressionante. Ele é repleto de tons escuros e acinzentados, ternos e carros pretos e salas mal-iluminadas. Tudo isso contribuiu para mostrar o modo de vida "por baixo dos panos" que os personagens viviam. A fotografia do filme ambienta perfeitamente o tom violento da cidade equilibrando com as aparências mantidas pela máfia.

E por falar em "por baixo dos panos" o lado político crítica a forma com que todos, incluindo políticos e policiais, se beneficiam da máfia nos Estados Unidos, algo que fica ainda mais claro no segundo e terceiro filme da trilogia. O longa também critica o fato de que o funcionamento da máfia é muito semelhante ao funcionamento político dos Estados Unidos, que também funciona com regras, influências, medo, corrupção e acordos.

O Poderoso Chefão(1972) - Imagem: IMDb

Já os personagens da obra, arrisco dizer, são minha parte favorita. Afinal, são eles que deixam a história mais trágica, por serem humanos, ambíguos e movidos por suas emoções. Não existem mocinhos ou vilões, todos ali são movidos pelos seus próprios motivos, sejam eles lealdade, medo ou poder.

Os filhos de Vito Corleone são os mais interessantes de serem analisados, em parte porque cada um deles carrega uma das características do pai, mas nenhum deles é o pai. Sonny, o filho mais velho, herdou a coragem e a lealdade da família, porém é muito impulsivo. Tom, o advogado e filho, é cabeça fria e consegue pensar mais estrategicamente, mas não tem o lado emocional de Vito. Fred, o filho do meio, é mais sensível mas também é mais inseguro. Michael têm o pensamento estratégico e é um líder nato, mas não consegue equilibrar poder e afeto, o que fica mais claro nos outros dois filmes da trilogia. E Connie carrega os mesmos ideais de família que Vito, mas seu defeito inicial acaba sendo sua inocência.

E falando das atuações, os dois grandes destaques são Marlon Brando e Al Pacino. Brando vive um dos mais marcantes ícones do cinema. Seu personagem é duro, sutil e por vezes seco na hora de liderar os negócios, não precisando demonstrar abertamente seu poder. Tem um lado emocional desenvolvido visto, especialmente quando demonstra importância que a família tem para ele.

Mas o protagonista da trama é Michael, o filho mais novo de Vito, que volta da Guerra como um heroi. Ele não tem interesse em se ligar aos negócios do pai. Michael é quem passa pelo maior arco dramático da história. No início do filme ele tem vergonha dos negócios da família e quer se manter o mais distante possível, porém conforme o filme se desenvolve, ele é obrigado a deixar esse repúdio de lado e defender seu pai e sua família. Mas o problema é que Michael gosta do poder e da influência.

O ódio de Michael aos negócios da família fica evidente pelo o jeito de se portar, como

um outsider, e na sua relação com Kay (Diane Keaton) que, representa a vida fora do crime, algo enfatizado pelas roupas coloridas usadas pela personagem que destoam dos demais. Al Pacino traz uma performance perfeita, principalmente ao apresentar a transformação da personalidade do protagonista que é praticamente obrigado a entrar nesse mundo e acaba se "viciando" no que ele oferece e representa.

E claro, o filme fala principalmente sobre o Sonho Americano e a realidade dele. Vito é um imigrante que só conseguiu prosperar e sobreviver, na "terra das oportunidades", usando a violência e burlando o sistema. Apesar da máfia e a política andarem de mãos dadas, o governo não tem interesse em ajudar os imigrantes, algo que é exemplificado na cena de abertura do filme, quando vemos um pai pedindo a ajuda de Vito Corleone para vingar a morte de sua filha porque não conseguiu isso pedindo à Justiça, que o ignorou, mostrando que no Sonho Americano a realidade é outra.

O tom trágico da história também é enfatizado pela trilha de Nino Rota que traz uma dramaticidade para a narrativa e o destino de seus personagens.

O Poderoso Chefão é próximo a perfeição todos os aspectos de um filme e uma das obras mais marcantes e memoráveis do cinema. E, claro, a maior obra-prima de Francis Ford Coppola.

O Poderoso Chefão (1972) - Imagem: Alternate Ending

1974

O ano de 1974 é um dos melhores anos do Oscar. Todos os indicados trazem algo de novo para o cinema ou para dentro da Academia e seus indicados, são extremamente diferentes entre si.

O grande vencedor da noite foi *Golpe de Mestre* (1973). Se você, querido leitor, está acompanhando esse almanaque com atenção, então já sabe o que significa eu estar falando sobre o vencedor de determinado ano tão cedo: vou tirar o Oscar de Melhor Filme dele. E, acredite, isso me dói demais. Mas, quando ver para quem eu vou dar a estatueta, tudo vai fazer sentido, eu prometo.

Voltando para *Golpe de Mestre*, o filme foi indicado a dez categorias e levou para casa sete delas, incluindo Melhor Direção e Melhor Roteiro Original. O filme tem como uma de suas inspirações o livro The Big Con: The Story of the Confidence Man, de David W. Maurer, publicado em 1940, que conta sobre os golpistas da vida real Fred e Charley Gondorff.

Na históra, após o assassinato de seu amigo em comum, a dupla de golpistas, Johnny Hooker (Robert Redford) e Henry Gondorff (Paul Newman), se juntam para se vingar de Doyle Lonnega (Robert Shaw), o responsável pelo crime. Os dois criam um golpe super elaborado para pegar Lonnega, porém em muitos momentos o plano sai pela culatra e são necessárias improvisações.

Um dos grandes destaques é a volta da dupla Paul Newman e Robert Redford, que já tinha mostrado seu calibre em *Butch Cassidy and the Sundance Kid.* Aqui, os dois atores voltam novamente com personagens de moral questionável em uma parceria motivda por vingança. Ambos entregam personagens extremamente carismáticos que, mesmo sendo trapaceiros, nos deixam torcendo por eles desde o início do longa.

Newman traz um personagem irônico e experiente no ramo de golpista, sabendo cada passo necessário para alcançar seu objetivo, enquanto Redford, faz um vigarista novato, que mesmo promissor, ainda tem muito a aprender.

O longa é dividido por atos, fazendo referência aos filmes mudos e dando mais força a teatralidade de seu roteiro, intensificado pela trilha sonora que traz melodias divertidas de piano. Assim como em Butch Cassidy, a história se inspira em filmes de época mas traz isso de uma forma leve, cômica e com um roteiro simples acompanhando a elaboração desse grande golpe, o que o deixa atemporal. Todos os personagens parecem ter segundas intenções e estar escondendo alguma coisa e a história, cheia de reviravoltas fogem do clichê, mas fazem sentido com a lógica da narrativa.

Leve, bem humorado e despretensioso, *Golpe de Mestre* garante uma sessão divertida ao telespectador, com piadas de um humor inteligente, atuações fantásticas e reviravoltas que prendem a atenção do começo ao fim.

Outro indicado é *Um Toque de Classe* (1973), uma comédia romântica.A história gira em torno de Vickie Allessio (Glenda Jackson), uma designer de moda divorciada, e Steve Blackburn

Golpe de Mestre (1973)- Imagem: MUBI

Um Toque de Classe (1973)- Imagem: IMDb

(George Segal), um executivo americano casado que vive em Londres. Os dois se conhecem de forma casual e iniciam uma relação extraconjugal que começa como algo puramente físico, sem grandes expectativas.

O roteiro do filme se aproveita de tudo que há de melhor no gênero das comédias românticas, com diálogos afiados e situações cômicas entre os dois protagonistas, mas se diferencia de outros filmes do gênero justamente pelo seu olhar cínico sobre relacionamentos.

A princípio, a trama parece estranha, principalmente pela naturalidade com que os personagens começam a ter o caso amoroso. Mas aí entra a crítica principal do filme sobre as relações modernas (leia-se modernas em 1970) e sua casualidade. Vickie e Steve começam a relação de uma forma até fria, pensando apenas no seu lado sexual, mas depois de passar por poucas e boas, os dois acabam se conhecendo e se apaixonado, e a crítica vem justamente no balde de água fria que é a realidade e as consequências do caso. Apesar da relação ter começado de forma casual, os dois estavam fadados a desenvolver sentimentos e se permitir serem vulneráveis, o que causa problemas dentro do combinado.

O ponto alto do filme é Glenda Jackson e sua personagem Vickie, tanto que ela ganhou o Oscar de Melhor Atriz, o único conquistado pela obra. Sua personagem é tão rápida, sarcástica e até fria que nos deixa intrigados.

Tentando ao máximo não dar spoilers (mesmo lançado em 1973), adorei principalmente o final. Gosto como ele mostra como as coisas são e como nada é simples. Apesar de ser uma

comédia, o final melancólico nos traz de volta a realidade, para o bem ou para mal.

Já *Gritos e Sussurros* (1973) tem uma pegada bem diferente. O longa tem direção de Ingmar Bergman e recebeu cinco indicações ao Oscar, inclusive nas categorias de Melhor Roteiro Original e Melhor Direção, e levou a estatueta de Melhor Fotografia.

O filme se passa no final do século XIX e acompanha os últimos dias de Agnes (Harriet Andersson), uma mulher que sofre de uma doença terminal, enquanto é cuidada por suas duas irmãs — Karin (Ingrid Thulin) e Maria (Liv Ullmann) — e pela fiel empregada Anna (Kari Sylwan), em uma antiga e silenciosa mansão. À medida que Agnes se aproxima da morte, o filme mergulha profundamente nos sentimentos, memórias e tensões entre as três mulheres.

Muito mais intimista, o filme conquista por trazer temas universais, como: o medo da morte e da solidão, o papel da mulher dentro da sociedade e a forma de se portar, a repressão familiar e a dor emocional e existencial de todos esses fatores.

O longa é bem pessoal para o diretor, tanto é que ele produziu com o próprio dinheiro e ainda teve dificuldades em encontrar uma distribuidora nos Estados Unidos. A presença do vermelho também vem da mente do diretor, isso porque ele enxerga o filme como uma exploração da alma e, desde a infância, esse conceito se traduz para ele como uma úmida membrana em diversos tons de vermelho.

Gritos e Sussurros (1973)- Imagem: MUBI

É uma história sofrida, num sentido positivo. Acompanhamos esses últimos dias numa casa quase claustrofobia em que, apesar de ser Agnes a única doente, as outras duas irmãs que sofrem em silêncio são as que mais saem machucadas.

A narrativa evidencia como diferentes pessoas lidam com o trauma, explorando temas como o amor, a solidão e a decepção, dentro de uma casa que fica cada vez mais sufocante com os sussurros de suas moradoras. O sufoco chega em um momento em que temos uma explosão de sentimentos, em que os segredos se acabam. Assim como uma das irmãs, neste momento, achamos que as coisas mudariam e melhorariam, mas alguns machucados dependem do querer das pessoas de mudar, e então tudo volta como estava antes. O silêncio e a indiferença. Mostrando de certa forma um narcisismo humano, se importando apenas com si mesmo e suas dores, preferindo sofrer sozinhas do que se abrir e consertar as coisas.

Parte dessa angústia também passa para nós espectadores, que vemos as irmãs se tratando com frieza naquela casa vermelha sufocante, que é apenas preenchida pelos gritos de Agnes. A única que consegue aliviar as dores de Agnes é a empregada Anna, que embora seja mais empática que as duas irmãs, acaba "usando" Agnes para sarar as suas dores após perder um filho. Acho que por conta do seu luto, Anna sabe o que é o amor verdadeiro e a importância das relações humanas, do carinho, da troca, e com isso consegue se desprender dos sussurros. Triste.

Triste.

Antes de viajar para uma galáxia tão distante, George Lucas já deixava sua marca no Oscar com *American Graffiti* (1973), que nada mais é do que um coming-of-age retrata com nostalgia e realismo uma noite na vida de um grupo de adolescentes em uma pequena cidade da Califórnia, em 1962.

O longa recebeu cinco indicações: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Atriz (coadjuvante/ secundária) (Candy Clark), Melhor Roteiro Original e Melhor Edição e marca a primeira parceria entre George Lucas e Harrison Ford, também impulsionando a carreira do ator. Inclusive o filme quase não foi feito já que diversos estúdios recusaram o roteiro, isso porque George Lucas queria muitas músicas na trilha sonora, o que teria um custo alto pelos direitos autorais. A Universal só concordou em financiar o filme quando Francis Ford Coppola, amigo de Lucas, que recém dirigiu *O Poderoso Chefão*, entrou como produtor do longa.

A trama se passa ao longo de uma única noite e acompanha diferentes aventuras vividas pelos personagens: Curt (Richard Dreyfuss), que está prestes a partir para a faculdade mas começa a duvidar da decisão; Steve (Ron Howard), seu melhor amigo, que também pensa em sair da cidade mas tem conflitos com a namorada; Terry "The Toad" (Charles Martin Smith), o nerd que finalmente tem a chance de impressionar uma garota; e John Milner (Paul Le Mat), o rebelde corredor de carros que se depara com a transição para uma nova era.

O filme conta sobre uma noite que representa exatamente o fim da juventude e a entrada na vida adulta e suas responsabilidades, em que os personagens dessa história precisam tomar importantes decisões. E a narrativa em si é muito divertida de se acompanhar, para além

American Graffiti (1973)- Imagem: IMDb

das questões internas dos personagens, que são inclusive de fácil identificação, os amigos se metem em diversas situações enquanto se encontram e se desencontram durante a noite.

Além disso, o filme funciona como uma homenagem aos anos 1950 e começo dos anos 1960 e sua cultura, algo visto pela própria trilha sonora do filme que contém mais de 40 músicas extremamente icônicas da época, um momento em que o mundo estava começando a passar por grandes mudanças sociais e culturais, uma homenagem nostálgica mas também melancólica (mas ainda mais bem humorada que *A Última Sessão de Cinema*). Um momento de despreocupação em que a juventude pensava apenas em namoros, carros e nos amigos que não voltaria mais.

O realismo também se dá por George Lucas ter vivido sua adolescência durante essa época, inspirando a história do longa e também garante ainda mais o caráter nostálgico do longa. E até por ter "sentido na pele" o diretor consegue com que o filme toque em assuntos universais de toda a juventude como as inseguranças do futuro em relação a carreira e relacionamentos.

O Exorcista (1973) - Imagem: IFC CENTER

O EXORCISTA.

Gosto de verdade de todos os indicados desse ano, e a vitória de Golpe de Mestre não me chateia, mas *O Exorcista* é o filme que mais me impactou.

Sinto que o filme não só foi o que mais me impactou mas também o que mais impactou o cinema como um todo, não só por todas as inovações feitas aqui, que falarei mais tarde, mas também por se tornar um ícone da cultura pop. Demorei anos para assistir ao filme justamente por ter MEDO dele, e acho que esse é o melhor legado que um filme de terror pode ter.

O filme é baseado no livro de mesmo nome, que por sua vez é baseado em "fatos reais", publicado em 1971 e escrito por William Peter Blatty, que também assina o roteiro do longa. Já a direção ficou com William Friedkin, que chegou a ser indicado para o Oscar de Melhor Direção. Além de Melhor Direção, o filme foi indicado para outras nove categorias incluindo Melhor Atriz (Ellen Burstyn), Melhor Ator e Atriz Coadjuvante (Jason Miller e Linda Blair) e Melhor Direção de Arte, sendo conhecido como o primeiro filme de terror a ser indicado ao Oscar de Melhor Filme. Apesar de muitas indicações, ele acabou levando para casa somente duas estatuetas: Melhor Roteiro Adaptado e Melhores Efeitos Sonoros.

E para além das premiações, o filme também fez muito sucesso sendo o filme mais lucrativo da história até o lançamento de *Tubarão* (1975) dois anos depois, e serviu como inspiração para diversos outros filmes de terror, considerado um divisor de águas para o gênero.

Por conta das gravações de um novo filme, Chris MacNeil (Ellen Burstyn) se muda para Georgetown juntamente com sua filha Regan (Linda Blair). Porém, conforme o tempo passa, Chris começa a se preocupar quando sua filha começa a se comportar de maneira estranha.

O roteiro do filme é muito corajoso tocando em assuntos polêmicos para a época que envolvem religião e doenças mentais, o que acabou causando muita crítica, principalmente da igreja católica, mas que ajudou o filme por conta da curiosidade que gerava. O longa ainda traz essas questões de maneira direta, sem qualquer tipo de rodeio, desfiando as convicções religiosas e sociais, enquanto fala sobre fé, dúvidas, morte e o sobrenatural.

E por falar da curiosidade, seus aspectos "assustadores" também ajudaram a sua divulgação, já que o filme contou com filas absurdas, histórias de desmaios, histeria e motivou debates sobre censura. Enfim, um evento cultural.

Além disso, o roteiro é fechadinho, tudo, e reforça o tudo, tem uma importância pra dentro da história, mesmo não percebendo assistindo o filme apenas uma vez, o que incentiva a assisti-lo novamente. Todos os elementos, e todas as histórias dos personagens, que misturam o real e o sobrenatural, se cruzando e se conectando de uma maneira satisfatória, mas ainda sim conseguem deixar espaços para interpretações pessoais e teorias, se tornando um filme que consegue ser atemporal trazendo sempre novos debates. Inclusive muitas pessoas acreditam que a

história fala sobre o uso de drogas, ou a ausência de um pai na criação e até mesmo o período da puberdade para as mulheres.

Além da história de Regan e sua mãe, que inclusive é essencial para dar um tom mais emocional para o filme, acompanhamos também histórias de outros três personagens: o padre Merrin, o padre Damien Karras, e o tenente William Kinderman. O Padre Merrin é uma das primeiras aparições do filme, e encontra uma escultura antiga em um sítio de escavação. Já o padre Damien Karras é principalmente quem nos traz os debates mais interessantes sobre a fé, já que após a morte da sua mãe ele começa a se questionar e entra em uma crise existencial e espiritual. E por fim, William Kinderman é um investigador cético, que traz o lado mais racional da história, tentando entender o que pode ter acontecido, após uma morte suspeita.

Falando da trilha sonora, ela é suave mas ainda sim aterrorizante, e ocupa um papel de coadjuvante dentro do filme, deixando maior espaço para os sons dentro do filme, o que explica o Oscar de Melhor Som, garantindo um maior realismo.

E claro, precisamos falar sobre a maquiagem do filme. A maquiagem aqui é essencial para contar a história da possessão de Regan, que sai de uma garotinha para um assustador demônio. Claro que para os dias de hoje a maquiagem é pouco realista considerando a tecnologia que temos hoje em dia, mas na época foi uma das primeiras vezes que algo assim era mostrado nos cinemas, o que justifica algumas das reações em 1973. E a maquiagem e diversas próteses também foram necessárias no filme para esconder os equipamentos para cenas mais grotescas, como um sistema de tubos que foi

O Exorcista (1973)- Imagem: IMDb

utilizado para a cena do vômito verde. Além disso, a maquiagem precisa ser resistente às mudanças de temperatura, visto que muitas das cenas no quarto de Regan eram gravadas em uma temperatura muito baixa, assim precisavam se manter intactas, o que justifica o fato de que Linda Blair chegava a passar mais de 3 horas na cadeira de maquiagem antes de filmar.

E um dos destaques do filme é a direção de Friedkin que contou com inovações que precisaram da ajuda de toda uma equipe. Em principal o longa impressiona pelos diferentes efeitos causados pela câmera e os diferentes ângulos que o diretor traz que apenas ajudam a aumentar a sensação de terror para quem assiste. Os efeitos especiais também são extremamente impressionantes para a época, fazendo muito uso de efeitos práticos inéditos, com uso de cabos e diferentes iluminações.

O realismo também pode ser atrelado a maneira como Friedkin conduziu os sets de filmagem, constantemente deixando os atores assustados e atentos. O diretor gostava de andar armado e dava tiros para o alto no set para captar reações genuínas do elenco, alimentava o místico do filme e também acabou provocando uma lesão na coluna da atriz Ellen Burstyn, em uma cena em que a mãe de Regan é arremessada contra a parede.

Durante as filmagens de *O Exorcista,* muitos membros do elenco e da equipe passaram a acreditar que havia algo sombrio nos bastidores, já que nove pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a produção morreram de forma inesperada. Um dos incidentes mais marcantes foi o incêndio que destruiu grande parte do cenário da casa dos MacNeil, atrasando as gravações por semanas — com a curiosa exceção do quarto de Regan, que permaneceu intacto. Preocupado com a atmosfera tensa, o diretor William Friedkin chegou a procurar o reverendo Thomas Birmingham para realizar um exorcismo no set. O religioso recusou a cerimônia, temendo aumentar o nervosismo da equipe, mas aceitou visitar o local algumas vezes para realizar bênçãos e oferecer apoio espiritual ao elenco.

E o elenco também ajudou a transformar o filme nesse marco que ele é hoje, tanto é que recebeu três indicações nas categorias de atuação dentro do Oscar. Os maiores destaques ficam com Linda Blair como Regan e a Ellen Burstyn como Chris, sua mãe. As duas atrizes têm uma química ótima entre si, o que faz com que seja muito fácil entender toda a dor que a mãe passa ao longo do filme vendo sua filha daquela maneira e ao mesmo tempo sofrendo junto com ela. Burstyn traz uma performance de uma mãe ao mesmo tempo aterrorizada com os acontecimentos mas que está disposta a fazer de tudo e mais um pouco para salvar sua filha. O relacionamento ainda acaba sendo um exemplo já que para além da química entre as duas, Chris leva a sério as queixas da menina, o que nem sempre vemos em filmes de terror. E Linda Blair que dá um show aqui no filme principalmente quando encarna a forma demoníaca de Regan, mesmo sendo dublada por Mercedes McCambridge.

O Exorcista é um daqueles filmes obrigatórios para qualquer um que goste de cinema, seja pelo seu roteiro ou seus aspectos técnicos. O longa é responsável por revolucionar diversos aspectos do gênero terror e veio a ser inspiração para vários outros filmes.

1975

Não tão forte quanto o ano de 1974, na minha opinião - até porque sinto que muitos podem discordar de mim, o ano de 1975 é um grande ano para o cinema, tendo como base o Oscar.

O grande vencedor da noite foi *O Poderoso Chefão: Parte II*, que inclusive é o favorito de muita gente. Não me levem a mal, eu adoro a segunda parte, mas não tanto quanto eu gostei de outro filme indicado aqui, então para a tristeza e indignação de muitos, ele não será o vencedor nessa releitura.

Apesar do amor de todos por *O Poderoso Chefão: Parte II,* o filme quase não rolou. Isso porque o Coppola passou por algumas dificuldades durante o primeiro filme e inclusive chegou a sugerir que Martin Scorsese dirigisse essa continuação, mas a escolha foi reprovada pelos executivos. Assim, Coppola só concordou em dirigir com algumas condições: que a sequência fosse interligada ao primeiro filme, com a intenção de que ambos fossem exibidos juntos futuramente; que lhe fosse permitido dirigir seu próprio roteiro de *A Conversação (1974)*, também indicado ao Oscar de Melhor Filme; que pudesse dirigir uma produção para a Ópera de San Francisco; e que pudesse escrever o roteiro de *O Grande Gatsby* (1974), tudo isso antes do início da produção da sequência, prevista para ser lançada no Natal de 1974.

E graças a essas condições que temos *O Poderoso Chefão: Parte II*, que funciona tanto como uma sequência mas também uma prequel da história.

O filme então se passa em dois tempos diferentes. No passado, seguimos o jovem Vito Corleone (Robert De Niro) que foge da sua cidade na Sicília para os Estados Unidos após a máfia matar sua família. Após sua chegada, acompanhamos sua ascensão ao submundo do crime. Já no presente, o filme começa onde o anterior termina, acompanhando Michael (Al Pacino) seguindo com os negócios da família, agora consolidado como Don, e precisando lidar com mais problemas.

E se o primeiro filme já fala sobre política e a máfia andando lado a lado aqui no segundo filme, isso é ainda mais forte. Na trama Michael passa a expandir os negócios de sua família e fortalece alguns relacionamentos políticos, porém isso acaba atraindo mais olhos do que ele deseja, enfrentando crises internas na família, traições e investigações do governo.

E no passado um dos temas tratados é a imigração italiana no começo do século 20, sendo apresentado pelo jovem Vito Corleone que, movido pelo amor da família recém iniciada, faz o seu negócio crescer com pontuais demonstrações de poder. E assim como sua versão mais velha interpretada por Marlon Brando no primeiro longa, aqui Vito Corleone já mostra seus ideais e regras que o tornam um Don diferente dos demais, principalmente seu amor e apoio à família, e até mais poderoso por conta do seu lado emocional, conquistando o povo comum que assim como ele também lidava com a imigração.

Com certeza, o filme e até mesmo a construção de um personagem tão icônico como Corleone,

O Poderoso Chefão: Parte II (1974)- Imagem: IMDb

não seria bem feita se não tivesse um ator tão bom como Robert De Niro. Ele consegue – de uma forma nada forçada – interpretar o personagem marcado por Marlon Brando, e ainda aprofunda trazendo uma performance especial e única, com as mesmas características e gestos do personagem de Brando.

Mas o real ponto alto da história é acompanhar a tragédia de Michael Corleone. Se no primeiro filme torcemos por Michael, agora no segundo passamos a teme-lo. O personagem entra de cabeça no mundo do crime, muitas vezes deixando de lado seu lado moral para garantir mais poder e controle sobre os outros, o que acaba complicando sua relação familiar com seus irmãos e esposa. Ele vai se tornando cada vez mais frio, isolado, solitário e paranoico se tornando praticamente irreconhecível para quem acompanhou sua jornada.
E a tragédia de Michael é ainda mais dolorida pela narrativa dividida entre o presente e passado do seu pai. Aqui a jornada de Vito Corleone é praticamente heroica, saindo do nada e crescendo dentro da máfia, mas ainda tentando ajudar aqueles da sua comunidade muitas vezes oprimida. Vito cresce com a lealdade que adquiriu, tanto daqueles que conhece ao longo de sua história, mas também a de sua família, que ocupa sempre um lugar de prioridade para ele. Dessa forma a história de *O Poderoso Chefão: Parte II* fala principalmente sobre as escolhas e consequências e como, apesar de muito poderoso, o caminho seguido por Michael não garantiu pra ele a mesma "vitória" que garantiu para seu pai, visto que o lado de sobrevivência grita muito mais para Michael do que seu lado moral.

O Poderoso Chefão: Parte II (1974)- Imagem: IMDb

E aqui Al Pacino vive uma de suas mais complexas e interessantes performances no cinema. Até por conhecer bem seu personagem, Michael aqui é um homem confiante mas ao mesmo tempo duro e rígido, principalmente com sua família. É visível que o peso do poder corrompeu dele indo de um "bom homem", que não queria se juntar aos negócios da família, mas que acaba sendo tentado e convencido pelo poder. A mudança de seu personagem também é vista na fotografia do filme que aqui usa cores frias nos momentos do presente, destoando das cores quentes e calorosas imagens do passado

Outro destaque dentro do filme é Diane Keaton aqui interpretando Kay Adams (esposa de Michael). Ela ganha mais destaque dentro do longa e é responsável por representar a vida "antiga" de Michael fora da máfia. A personagem acaba nos conquistando por conta de seu desespero vendo Michael se transformar, além de ver sua vida se tornar insegura e sem qualquer conforto, sendo muito fácil de se colocar no lugar da personagem, vivendo praticamente sufocada pelo poder e "legado" de Michael.

Apesar do primeiro filme da trilogia ser meu favorito, é inegável a marca que *O Poderoso Chefão: Parte II* deixa na história do cinema, até por trazer o passado de um dos mais icônicos personagens, Vito Corleone, de uma forma tão satisfatória. O segundo filme acaba se tornando uma parte mais íntima do primeiro, finalizando a história de *O Poderoso Chefão,* por uns bons anos pelo menos, uma forma dolorosa e trágica mas extremamente impactante.

O Poderoso Chefão: Parte II (1974)
Dir: Francis Ford Coppola

Esse é o primeiro filme na história do Oscar onde duas pessoas diferentes ganharam prêmios por interpretar o mesmo personagem: Marlon Brando como Vito no primeiro filme e De Niro no segundo.

E se em *O Poderoso Chefão: Parte II* já acompanhamos um personagem moralmente questionável, aqui isso é ainda mais forte e bem escancarado pelo protagonista Lenny, no longa *Lenny* (1974).

No longa acompanhamos a história do comediante Lenny Bruce (Dustin Hoffman) que, durante os anos 1960, se destacou pelo seu estilo inovador e sem limites, trazendo comentários sociais sobre política, religião, sexualidade e sobretudo a hipocrisia da sociedade que muitas vezes eram considerados rudes e obscenos demais para o público.

E se tem uma coisa que não se pode dizer sobre Lenny é que ele é um covarde, durante seus shows não tem ninguém que não possa ser alvo do comediante, desde pessoas da audiência, a polícia e outras autoridades oficiais do país. O longa então acompanha alguns anos da vida conturbada de Lenny, que era uma confusão dentro dos palcos mas também fora deles, principalmente por conta de seu relacionamento com Honey (Valerie Perrine).

Apesar de ser uma cinebiografia, o filme tem sua história contada por terceiros, pessoas próximas de Lenny, numa espécie de documentário, o

Lenny (1974)- Imagem: IMDb

que garante ao filme um maior dinamismo e o diferencia de tantas outras biografias do cinema. As entrevistas parecem muito verdadeiras, em parte porque parece que ainda estamos assistindo o material bruto, sem qualquer edição, principalmente pelas constatações feitas pelo entrevistador durante algumas respostas. Parte desse tom de veracidade é garantido já que muitas das cenas de stand up foram gravadas em clubes de verdade com audiência e tudo.

O longa também fala sobre obsessão e como isso acaba sendo a destruição de Lenny. Ao longo da história acompanhamos a ascensão e queda do comediante que se destaca por suas apresentações duras e críticas, porém esse seu lado briguento é o que o leva a um desespero, em principal sendo uma vítima do seu próprio ego.

O longa conta com grandes atuações de Dustin Hoffman como essa figura grosseira e desafiadora, e Valerie Perrine como seu par romântico. Devo assumir que os momentos entre Lenny e Honey são alguns dos meus favoritos do filme justamente por entregarem um casal com um lado tóxico bem aflorado, caminhando entre a paixão e a destruição mútua, de uma forma que mesmo sabendo que fazem mal um para o outro, os dois não conseguem ficar longe.

O filme sempre deixa muito claro os defeitos de Lenny, seu ego, narcisismo em momentos e sua insegurança, fazendo com que ao final do filme nós espectadores não consigamos ter certeza se ele fez tudo que fez por preocupação e sinceridade ou se foi apenas para ver o circo pegar fogo e garantir um grande espetáculo. Deixando para o espectador decidir se ele é um heroi esnobado ou um vilão.

Seguindo os mesmos passos de *Airport* (1970) entre os indicados de 1975 temos *Inferno na Torre* (1974), mais um filme do cinema de catástrofe, conseguindo ainda ser catalogado por diversos críticos como um dos primeiros blockbusters. O longa recebeu oito indicações ao Oscar vencendo três delas: Melhor Montagem, Melhor Canção Original (*We May Never Love Like This Again*) e Melhor Fotografia. Na época ele foi considerado um dos mais caros e mais ambiciosos filmes já feitos, custando cerca de 13 milhões de doláres, e se consagrou como a maior bilheteria de 1974.

O filme se passa em um arranha-céu fictício de 135 andares em São Francisco, chamado Glass Tower, considerado o maior do mundo. Durante a festa de inauguração no topo do prédio, um incêndio começa devido a falhas elétricas causadas por cortes de custo durante a construção. À medida que o fogo se espalha, os convidados ficam presos nos andares superiores, e os bombeiros precisam achar uma forma de salvá-los.

O longa se destaca principalmente pelo seu realismo, falando tanto em seus aspectos técnicos mas também na própria narrativa. Os efeitos especiais são realmente impressionantes não só conseguindo sobreviver a passagem do tempo mas sendo um aspecto essencial dentro do filme para manter a tensão que a história pede e engrandece as cenas de ação.

E por falar em histórias, devo admitir que são poucos os filmes catástrofes que realmente se

Inferno na Torre (1974)- Imagem: Empire

empenham em ser brutais e sinto que *Inferno na Torre* é um deles. Ao longo da história diversas mortes acontecem e nenhum personagem está realmente a salvo.

Ao longo da história acompanhamos diversas narrativas dentro do prédio, envolvendo relacionamentos, casos entre funcionários e a grande festa de abertura do prédio, situações essas que são impactadas pelo incêndio.

Com isso, sua história fala principalmente sobre a ganância e a negligência que vem com ela sendo quase um filme que prevê tantas outros acidentes e catástrofes que viriam. O longa também critica os avanços da modernidade e a falta de responsabilidade que vem com eles, de sempre querer fazer algo maior e mais grandioso mas que deixa a segurança em segundo plano. O prédio aqui na história funciona quase como um personagem, representando essa ganância e vaidade, mas ainda sim o poder que ele influencia como uma grande construção.

Acho que é um filme interessante, mas devo dizer que suas quase 3 horas de duração de fato pesam bastante. Gosto do seu realismo e brutalidade mas honestamente não me importava com todas as narrativas dos personagens.

E, sendo considerado um dos melhores filmes da história e um dos melhores roteiros do cinema, temos *Chinatown* (1974). O longa tem direção de Roman Polanski e foi indicado a onze estatuetas dentro do Oscar, saindo com apenas a de Melhor Roteiro Original nas mãos.

O longa acabou se tornando uma grande referência quando falamos de filmes neo-noir inspirando diversos outros filmes como *L.A. Confidential* (1998), também indicado a categoria de Melhor Filme. A história tem como forte inspiração um evento conhecido como o "Escândalo da Água de Los Angeles", uma disputa envolvendo o desvio de água do Vale de Owens para Los Angeles, que impulsionou a urbanização da cidade às custas de outras comunidades.

Na história, em Los Angeles nos anos 1930, acompanhamos o detetive particular J.J. "Jake" Gittes (Jack Nicholson), especializado em casos conjugais. Ele é contratado por Evelyn Mulwray, que quer provas da infidelidade do marido, Hollis Mulwray — um engenheiro-chefe do Departamento de Águas e Energia da cidade.

O filme começa como uma simples história de investigação policial que acaba envolvendo muitas organizações e pessoas e isso que deixa sua história intrigante, nos prendendo graças a sua simplicidade e nos mantendo atentos por conta de seus desdobramentos.

Assim como os outros indicados desse mesmo ano, *Chinatown* fala muito sobre um moralismo ou a falta dele, e como as coisas nem sempre são o que parecem, o que torna sua história ainda mais trágica e dolorida.

Aqui Jack Nicholson entrega uma de suas melhores performances como um típico detetive noir, sarcástico, amargurado e que sabe um "jeitinho" de se dar bem, até que conhece Evelyn Mulwray. Jake Gittes é um produto desse ambiente parecendo de primeira extremamente cínico e desiludido, mas a tragédia de seu personagem é que na verdade ele ainda acredita na justiça. Seu personagem é um meio termo, que vive fazendo o que é pedido, em uma certa

comodidade, até que resolve fazer algo a respeito, o que desencadeia diversas consequências.
Já Faye Dunaway traz uma personagem que de primeira parece uma Femme Fatale, uma típica personagem dos filmes do gênero. A personagem nos atrai assim como atrai o detetive Gittes por conta de seus diversos mistérios.

O longa então tem uma visão muito pessimista e fala principalmente sobre a natureza humana e seu lado malvado, ganancioso e egocêntrico, e como a grande parte das instituições de poder estão corrompidas com esse tipo de pensamento e pessoas. O longa traz uma visão realista sobre a busca falha atrás da verdade, impactando principalmente por sua visão dura e crua, sem qualquer tipo de final feliz.

O poder e o dinheiro compram e apagam tudo e aqui nem as melhores das intenções serão suficientes para solucionar a grande conspiração que se formou em Los Angeles. O longa inova justamente por retratar a vida real, em que nem sempre o bem vence e o mal sai punido, desconstruindo diversos estereótipos já extrapolados.

Seu final, talvez um dos mais icônicos do cinema, passa para nós espectadores justamente a sensação que Jake sentiu, uma impotência e injustiça. *"Forget it, Jake. It's Chinatown"*. Uma curiosidade é que o final era pra ser diferente nos planos do roteirista do filme, Robert Towne, que pensava em um final feliz. Porém Roman Polanski, já impactado com a tragédia pessoal que havia passado alguns anos antes, bateu o pé no final trágico, o que fez total a diferença, colocando o filme na prateleira dos icônicos.

Chinatown (1974)- Imagem: Culturedarm

A Conversação (1974)- Imagem: Eye Filmmuseum

A CONVERSAÇÃO.

Sei que pra muitos é praticamente um sacrilégio tirar o Oscar de Melhor Filme de *O Poderoso Chefão: Parte II,* mas pense que eu to tirando do Francis Ford Coppola para dar pro Francis Ford Coppola. O filme recebeu três indicações ao Oscar: Melhor Filme, Melhor Roteiro Original e Melhor Mixagem de Som, e infelizmente não venceu nenhuma.

O longa inclusive é um dos favoritos do próprio Francis Ford Coppola, sendo um projeto de anos já que o diretor escreveu o esboço do roteiro em 1966, mas só conseguiu financiamento depois que *O Poderoso Chefão* (1972) se tornou um sucesso.

O filme acompanha Harry Caul (Gene Hackman), um especialista em vigilância eletrônica. Ele é contratado para gravar uma conversa entre um casal em uma praça movimentada de São Francisco. À medida que ele limpa o áudio da gravação, começa a suspeitar que algo sinistro pode acontecer com as pessoas envolvidas.

O filme que te prende principalmente pela curiosidade, que conquista tanto nós espectadores e também o protagonista. De início parece apenas mais um trabalho para Harry, um trabalho que por si só já é nada ortodoxo, mas que acaba se desenrolando uma grande conspiração.

E o que mais atrai aqui é o enorme debate enfrentado pelo protagonista que precisa decidir o que fazer com as informações que descobriu, sabendo que pode ter sido a causa de uma grande catástrofe ou que poderia ter impedido uma. O filme fala sobre a interpretação e brinca com isso, tanto é que conforme refina a gravação ele interpreta o que ouve de maneiras diferentes, isso porque o diálogo foi gravado várias vezes com entonações diferentes, deixando um espaço em aberto para que nós espectadores também tirarmos nossas conclusões.

E isso nos ganha pelo seu personagem extremamente comum, Harry é um homem reservado em todas suas relações, que faz o que lhe é pedido sem mais nem menos, vivendo no confortável, mas que por conta da sua religião, sendo um catolico que constantemente se confessa, passa a ficar incomodado com a culpa das possíveis consequências de seu trabalho. Seria ele o cúmplice de um crime ou apenas um trabalhador inocente?

Com a relação que Harry tem com o trabalho também é possível tirar uma crítica a impessoalidade e mecanização dos trabalhos, que deixam de ter qualquer importância para além do pagamento.

O longa também fala sobre a privacidade, visto que o emprego de Harry é focado na perda dela, e o próprio passa a ficar paranoico se questionando se ele mesmo não está sendo espionado. Apesar do roteiro começar a ser elaborado antes, é quase impossível não relacionar o filme com o escândalo de Watergate, que aconteceu alguns anos antes do lançamento do longa, e gerou uma paranoia generalizada nos Estados Unidos em relação a espionagem e vigilância governamental.

"I'm not afraid of death. I am afraid of murder."

1976

Eu sei que vou soar meio repetitiva, mas sinto que da metade pro fim dos anos 1970 entramos em uma sequência de grandes anos para o Oscar quando falamos sobre os indicados.

O grande vencedor da noite foi *Um Estranho no Ninho,* e ele não só arrecadou cinco estatuetas como também ficou conhecido como o segundo filme a vencer o big five, levando os cinco prêmios principais do Oscar (Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator e Atriz), algo que só foi acontecer novamente na premiação dezesseis anos depois com *O Silêncio dos Inocentes* (1991).

Inspirado no livro best-seller de mesmo nome, – baseado na vivência durante trabalhos em clínicas psiquiátricas do autor Ken Kesey – Um Estranho no Ninho conta a história de Randall McMurphy (Jack Nicholson), um prisioneiro que resolve fingir que está insano para não trabalhar forçadamente. Seu plano, porém, sai errado e ele é mandado para um hospício. Preso, ele começa a estimular os internos a se rebelarem contra as regras rígidas impostas pela enfermeira Ratched (Louise Fletcher).

O roteiro do filme é bem inteligente, sabendo a dose certa de leveza e crítica, e de comédia e drama, entregando muitos momentos memoráveis e marcantes. O longa traz reflexões e enfatiza as crueldades e torturas vividas pelos pacientes do sanatório, que muitas vezes eram vistas como soluções para seus problemas, e em principal crítica às normas impostas pela sociedade.

O hospício funciona como uma sociedade em miniatura, onde o comportamento fora do padrão é reprimido. Randall visto pela organização é uma abominação que precisa ser domada e quando isso não funciona, ele é punido. Mas o protagonista não desiste de se rebelar, também funcionando como uma representação dos jovens da época.

Mas apesar disso, ele é um filme que consegue superar a passagem do tempo, conseguindo relacionar ele com o próprio uso das redes sociais, um local que parece passar por uma revolução mas que na verdade é só um local onde as pessoas acabam se acomodando reclamando de tudo sem realmente agir. Afinal, dentro do filme pequenos atos de resistência pequenos acabam se tornando grandiosos dentro do hospital.

O diretor soube trabalhar muito bem com os outros pacientes do hospital psiquiátrico, apresentando cada um deles e suas características. Dentro desse grupo existem vários atores conhecidos como Danny Devito, Christopher Lloyd e Sydney Lassick, que trazem uma sensação de família para aquele lugar, o que conquista a empatia do público por aqueles personagens.

Na história, Randall serve como um choque de realidade para aqueles pacientes, fazendo crescer uma sensação de inconformidade por aquela vida cruel. Durante a história questionamos não só os tratamentos a que esses pacientes são submetidos mas ao mesmo tempo se essas pessoas deveriam mesmo estar internadas. Os pacientes têm diversas manias, muitas delas sendo um resultado

Um Estranho no Ninho (1975)- Imagem: Divulgação

de algum trauma, mas são mais sensíveis do que perigosos, nos fazendo refletir se a “loucura” deles não é na verdade uma desculpa para manter os “diferentes” isolados. E Randall McMurphy é o quebrador desse ciclo.

Um dos grandes destaques do filme são suas atuações. Louise Fletcher dá vida a uma das vilãs mais frias e icônicas do cinema. Apesar de ter sido uma enfermeira, sua atuação como Ratched tem um toque de psicopatia, como se ela se divertisse às custas das torturas dos pacientes. Cada um dos movimentos da atriz parecem contidos e muito bem calculados, além de ter um ar enigmático e maligno, o que apenas enfatiza sua falta de humanidade da personagem.

E Jack Nicholson, que nos entrega um personagem teimoso, desafiador e carismático. Seu personagem mente e manipula para conseguir o que quer, em parte para gerar mudanças naquele local e em parte apenas para gerar um caos. Para os outros pacientes ele acaba se tornando uma representação da inconformidade, virando o motor da mudança contra as opressões e crueldades.

Um Estranho no Ninho é um filme impactante que de certa forma também representa o momento vivido pelos jovens dos anos 1970.

No mesmo ano temos *Barry Lyndon* (1975). Dirigido por Stanley Kubrick o longa recebeu sete indicações e levou quatro estatuetas para casa: Melhor Fotografia, Melhor Direção de

Barry Lyndon (1975)- Imagem: Harper’s Bazaar - UOL

Arte, Melhor Figurino e Melhor Trilha Sonora Adaptada. O filme tem como base o livro As Memórias de Barry Lyndon, de William Makepeace Thackeray, publicado em 1844.

No século XVIII, Barry (Ryan O'Neal), um jovem irlandês ambicioso, acaba infringindo a lei e precisa abandonar sua cidade natal. Ele se alista no exército, mas rapidamente se envolve em espionagem e traições. Determinado a ascender socialmente, Barry vê no casamento com uma aristocrata a chance de conquistar o prestígio que deseja.

O filme conta com uma grande jornada, até por ter suas mais de 3h de duração, onde acompanhamos as diversas aventuras e artimanhas de Barry. A história é dividida em duas partes, a primeira delas acompanhamos a ascensão de Barry indo de um jovem sem qualquer título que é rejeitado por seu amor de juventude e até passando por algumas guerras europeias, para enfim se tornar um aristocrata. Já a segunda parte tem um tom mais sério descrevendo a queda de Barry.

O filme vem para criticar a futilidade, a vaidade humana e as hipocrisias da alta classe. Interpretado por Ryan O'Neal, o Barry é ao mesmo tempo uma vítima da sociedade e também um causador, sendo corrompido pela ideia de um status social elevado. O personagem vive um ciclo, sendo desmerecido pela sua classe social e mais tarde em seu auge passando a ser igualmente arrogante e ganancioso, o que o leva à queda.

Barry em si é uma pessoa terrível mas que acabamos torcendo por ele, ou pelo menos engajando com seus objetivos, tanto por

Barry Lyndon (1975)- Imagem: Divulgação

Barry Lyndon (1975)- Imagem: IFC CENTER

acompanhar todas as diversas aventuras do personagem, mas também por ele ser um personagem muito interessante, começando inocente e eventualmente se tornando ardiloso e manipulador, mas ainda se mantendo muito carismático, dando seu jeitinho de conseguir o que quer em uma busca obsessiva ascensão social, pensando que enfim encontraria felicidade.

O personagem mente, é grosseiro e violento e pensa somente em si mesmo, visto que até seus atos "heroicos" são voltados para benefício próprio. Assim ele consegue assim gerar os mais diversos sentimentos dos espectadores, e sinto que a curiosidade de ver se o karma iria enfim alcançá-lo é algo que nos prende na história.

A história também tem um tom trágico que acaba nos prendendo com facilidade, intensificado pela narração irônica de Michael Hordern, que antecipa os acontecimentos, passando a sensação de que o destino de Barry já estava decidido desde o início. Seu comportamento, que cada vez ao longo da história se torna mais intoxicado, é o que sela seu destino. E aqui o roteiro não dá nenhum ponto sem nó, tudo eventualmente fará parte ou será importante para a história.

Sinto que o filme também nos faz questionar se não seria essa a única forma de conseguir essa ascensão social, se tornando esse tipo de pessoa, já que a própria elite é cruel e decadente, fazendo de Barry apenas uma consequência dessa sociedade. Mas Kubrick não dá ao personagem essa redenção, ao final do filme vemos Barry exatamente o que ele se tornou, um vilão, afinal

ele tomou cada uma das decisões por conta própria, se deixando ser corrompido pelo poder e riqueza da vida aristocrata.

O filme também se destaca pelo seu lado técnico, não é à toa ele ter vencido os Oscars que venceu. A fotografia é belíssima e vem com a ideia de lembrar pinturas antigas, e de fato consegue esse feito visto que cada take do filme é impressionante. Parte disso também vem da maneira como Kubrick escolheu filmar as cenas internas, sem o uso de uma iluminação artificial, o que deixa as cenas mais naturais. O diretor então se utilizou de lentes especiais para rodar as cenas noturnas usando apenas a iluminação de velas.

E parte da ambientação da época também vem do seu figurino que, além de chamar atenção por conta de seus detalhes e cores, é composto por roupas realmente confeccionadas no século XVIII. Também gosto do filme contar como era a vida "comum" e o dia a dia dos nobres da Inglaterra.

Barry Lyndon é um filme jornada, não só por acompanhar a vida de um personagem, mas por ser aquelas histórias em que a jornada importa muito mais que o destino.

Nashville (1975) marca a volta do diretor Robert Altman dentro do Oscar de Melhor Filme após Mash (1970). E assim como seu antecessor, esse também é uma sátira, dessa vez à cultura americana e a ligação entre o entretenimento (aqui representado pela música country) e a política.

Ambientado na cidade de Nashville, Tennessee — o coração da música country nos EUA —, o filme se passa durante cinco dias e acompanha 24 personagens cujas vidas se cruzam enquanto eles lidam com fama, fracasso, ambição e política.

Para bem ou para mal, *Nashville* traz a bagunça e a confusão da vida de artista e a inquietante busca por algo a mais. Parte disso vem de acompanharmos personagens demais, sem ter um protagonista definido, sendo um mosaico de histórias, o que pra ser sincera me incomodou em diversos momentos já que alguns personagens apenas estão na história, como a personagem de Shelley Duvall. O filme também tem essa sensação meio caótica pela escolha de usar o roteiro como guia. Os atores improvisaram grande parte do filme, passando boa parte do tempo ainda incorporados aos personagens.

O filme então traz uma crítica ao espírito e cultura americana, criticando em principal culto excessivo às celebridades, muitas vezes as transformando em divindades, o vazio existencial do estrelismo e a mistura de semelhanças entre

Nashville (1975)
Dir: Robert Altman

O filme recebeu cinco indicações ao Oscar, levando para casa a estatueta de Melhor Canção Original (*I'm Easy*). Inclusive todas as músicas do filme foram gravadas ao vivo, em vez de serem pré-gravadas em estúdio.

política e entretenimento, evidenciando que a política pode ser tão teatral e manipuladora quanto a indústria musical, representando principalmente o descontentamento estadunidense após as polêmicas de Watergate.

E falando do lado musical, Robert Altman traz o lado trágico e cínico dele, nos convida a acompanhar a busca inalcançável de uma fama, uma sensação de impotência, amor, sucesso e muito mais. Vemos ao longo de 2 horas esses personagens em constante movimento atrás de algo, mas o diretor traz essa ambição deles não de uma forma otimista, e sim triste, como algo que mesmo com muita vontade, eles jamais vão alcançar.

Já a indústria musical é aqui mostrada como uma fábrica de artistas descartáveis, se importando apenas com o lucro, ao invés da arte.

Mas admito que toda a confusão da história me cansou bastante, me desconectando do filme em diversos momentos. Também não sou a maior adepta do country, então digamos que a trilha sonora também não me conquistou muito.

Mas no final acho que *Nashville* traz uma crítica necessária, principalmente para a época, acho só que esse é um filme bem americano, consegui entender algumas piadas e momentos, mas perdi vários outros por não ter essa bagagem.

E agora falando sobre um dos mais icônicos e memoráveis filmes do cinema, *Tubarão* (1975). Com direção de Steven Spielberg, meu favorito, o filme tem como base o livro de Peter Benchley, publicado em 1974, e é considerado por muitos o primeiro grande blockbuster do cinema. Nos Estados Unidos mais de 67 milhões de pessoas foram assistir o filme quando ele foi lançado, quase um terço da população do país na época, o que fez o filme receber o título de maior bilheteria da história, arrecadando um total de 476 milhões de dólares.

O longa recebeu quatro indicações ao Oscar e venceu três delas: Melhor Som, Melhor Montagem e Melhor Trilha Sonora para a icônica trilha de John Williams, que é até hoje uma das mais lembradas do cinema.

Em Amity Island, um enorme tubarão-branco aterroriza os banhistas. O chefe de polícia Martin Brody (Roy Scheider) se une ao caçador Quint (Robert Shaw) e ao oceanógrafo Matt Hooper (Richard Dreyfuss) para caçar a criatura.

O filme fez história sendo considerado o segundo terror a ser indicado ao Oscar de Melhor Filme e é um dos mais importantes filmes da carreira de Steven Spielberg, consolidando sua carreira. Parte disso vem graças a tensão que o diretor consegue criar antes mesmo de nos apresentar ao "vilão", que inclusive aparece apenas por 4 minutos durante toda a história. Essa tensão acabou vindo também de uma solução encontrada pelo diretor, para desviar o uso do tubarão mecânico ("Bruce"), já que ele dava muito problema. E no final o resultado ficou ainda mais assustador, já que o medo daquilo que não se vê acabou assustando mais do que um terror explícito.

O Spielberg também faz uso de uma técnica muito utilizada por Alfred Hitchcock, simulando a perspectiva do vilão, passando justamente a impulsividade e imprevisibilidade dos seus movimentos e atitudes, o que dá muito mais medo.

O uso desse tubarão mecânico também se torna importante por não só trazer um maior realismo para dentro da história, mas também por revolucionar quando falamos em efeitos práticos, algo que o diretor levou para seus outros filmes.

Mas talvez um dos grandes diferenciais do filme, que fez ele ficar para a história, é a trilha sonora do parceiro de longa data de Spielberg, John Williams. A trilha tem uma crescente que transmite perfeitamente uma antecipação, ansiedade e o próprio medo do desconhecido, transformando a figura do tubarão em mais do que somente um animal, sendo quase uma figura sobrenatural. A trilha é uma das mais marcantes do cinema, rompendo a barreira e ficando na mente até daqueles que nunca o assistiram.

A história também é um destaque graças ao seu roteiro, que não só traz uma aventura de sobrevivência que consegue prender qualquer um com extrema facilidade, mas também por trazer personagens humanos e de fácil identificação, principalmente o caçador Quint que se torna obcecado pela criatura. Além disso, o filme também traz explora a dinâmica de uma comunidade e uma crítica a pressão política e interesses econômicos, que muitas vezes deixam a segurança em segundo plano.

O filme também inova dentro do cinema por criar um grande evento cinematográfico. Tubarão atraiu massas ao cinema durante o verão, inaugurando a tradição dos grandes lançamentos de verão e contou com uma campanha de marketing pesada.

Pra quem gosta de cinema, *Tubarão* é um filme obrigatório.

Tubarão (1975)- Imagem: Divulgação

UM DIA DE CÃO.

Eu pensei muito sobre para quem daria o Oscar nesta edição, gosto muito de *Um Estranho no Ninho* (1975), *Tubarão* (1975) é um filme icônico que merecia esse título também, mas honestamente *Um Dia de Cão* foi o que mais ficou comigo, pensando nele de tempos em tempos.

O longa tem direção de Sidney Lumet e recebeu seis indicações levando para casa apenas a estatueta de Melhor Roteiro Original. A narrativa inclusive é inspirada em uma história real, um assalto de banco que deu muito errado em 1972.

No filme acompanhamos Sonny (Al Pacino) e Sal (John Cazale) que tentam roubar um banco para financiar a cirurgia de mudança de sexo da namorada de Sonny, mas o plano rapidamente desmorona, levando a uma situação de sequestro e a um cerco policial transmitido pela mídia.

Gosto muito de histórias que se passam em um curto espaço de tempo e isso não só se passa no período de um dia, como também quase todo ambientado em um único local e em tempo quase real. Com isso o filme tem uma certa teatralidade, que prende nossa atenção com facilidade, com situações bizarras que se desdobram durante esse falho assalto.

E se em *12 Homens e uma Sentença* (1957) o diretor já conseguiu nos passar a angústia de ficar trancafiado em uma sala, aqui esse sentimento de agonia acaba se tornando ainda maior com Sonny tendo que bolar planos enquanto lida com os funcionários do banco, a polícia e seu parceiro instável Sal, o que também mantém um clima de urgência. Mas, apesar da tensão, o filme é extremamente divertido, principalmente pela presença de Al Pacino e as reações cínicas dos trabalhadores do banco que agem como se aquilo fosse apenas mais um dia de trabalho.

O filme, apesar de lançado em 1975, consegue trazer um roteiro atemporal, trazendo críticas à mídia e o sensacionalismo, que por vezes vê os assaltantes como bandidos e por outras como herois incompreendidos, a brutalidade policial, e a sedenta necessidade por um desfecho dos espectadores. O roteiro também é corajoso ao trazer a tona temas relacionados a homossexualidade, algo que não era comum na época.

Acho que esse é meu personagem favorito interpretado por Al Pacino. Lógico, Michael Corleone passa por uma jornada trágica brilhante de se acompanhar, mas sinto que nesse filme conseguimos ver o lado cômico do ator, que funciona muito bem. Aqui Al Pacino dá a vida a um jovem ansioso, que também nos deixa ansiosos por conta de sua agitação, e real que usa seu conhecimento de trabalhos passados para elaborar o plano de assalto, que foi a forma que ele achou de solucionar todos seus problemas.

De certa forma seu personagem acaba sendo um reflexo grande parte dos estadunidenses, que viviam um período de incertezas Watergate e a renúncia de Nixon, e queriam apenas dar um “basta’ disso, sendo uma representação do falso Sonho Americano.

1977

E se vocês acharam 1976 um bom ano dentro do Oscar, esperem até ver os indicados de 1977.

Na minha opinião o mais fraco dentre os indicados é *Esta Terra É Minha* (1976). Pode ser que seja porque não sou a maior entusiasta da música folk, mas mesmo deixando isso de lado, em um filme biográfico sobre um dos grandes cantores de folk, ainda sim achei a história cansativa e arrastada.

Com direção de Hal Ashby e com roteiro de Robert Getchell, o longa é baseado no livro autobiográfico de Woody Guthrie, Bound for Glory, publicado em 1943. O longa recebeu seis indicações e levou para casa duas delas: Melhor Fotografia e Melhor Trilha Sonora Adaptada.

Durante a Depressão, o cantor Woody Guthrie (David Carradine) deixa a família no Texas e vai para a Califórnia em busca de novas oportunidades. Lá, ele conhece um artista de rádio com consciência social, Ozark Bule (Ronny Cox), que o ajuda em sua carreira musical.

Na história então acompanhamos uma grande jornada, grande mesmo já que o filme tem suas 2h30 de duração, de Woody Guthrie passando por algumas poucas e boas até conseguir chegar na Califórnia. O filme fala um pouco sobre o Sonho Americano, em que Woody imaginava chegar na Califórnia e ter todos seus problemas resolvidos em uma terra de oportunidades, e na realidade lá ele encontra pessoas em situações piores que a dele quando estava no Texas.

Gostei do filme contar sobre a relação da crescente das pautas sociais e do folk, onde o estilo musical acaba se tornando um grito de resistência e liberdade para a classe trabalhadora dos Estados Unidos, assim trazendo uma reflexão sobre desigualdade, dignidade, força da arte como resistência política e, em principal a ligação da arte com a política. E com o contato com essas minorias, Woody passa por uma formação de sua consciência política, compor canções que dão voz aos trabalhadores explorados brutalmente, de certa forma os imortalizando.

Não conhecia muito sobre Woody Guthrie, sendo o filme meu primeiro contato com o cantor. David Carradine o interpreta como um homem teimoso, orgulhoso, que segue seu próprio instinto e vontades, algo que impressiona quando vemos ajudar diversas causas sociais se rebelando contra as autoridades, mas que vem de uma forma negativa quando vemos sua relação com a família. Sinto que muitos filmes indicados ao Oscar trazem essa mesma narrativa, um homem impressionante quando falamos de talento mas que em sua vida pessoal é uma pessoa terrível, então sinto que quando assisti esse filme já estava meio cansada dessa história.

Mas assim, totalmente uma opinião minha já que o filme é considerado por muitos como uma das melhores cinebiografias já feitas, sendo elogiado pelo seu retrato dos Estados Unidos dos anos 1930. Porém, terei de ser sincera, eu não gostei, não foi pra mim.

Nesse mesmo ano temos dois filmes jornalísticos, e como jornalista sinto que posso falar sobre eles com propriedade.

Rocky (1976) - Imagem: IMDb

O primeiro deles é considerado a bíblia dos filmes sobre jornalismo, *Todos os Homens do Presidente* (1976). E bom, não tem como ficar mais atual que isso. Pelas minhas outras críticas já deu pra reparar que Watergate era um tema constante no imaginário estadunidense, sendo "representado" em forma de preocupação em diversas outras obras. E agora o filme vem para contar a história do evento.

Com direção de Alan J. Pakula, baseado no livro homônimo dos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, responsáveis por toda a descoberta, publicado em 1974, o longa recebeu oito indicações e levou para casa quatro delas: Melhor Som, Melhor Direção de Arte, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Atriz Coadjuvante (Jane Alexander).

Na história, acompanhamos dois repórteres do Washington Post, Bob Woodward (Robert Redford) e Carl Bernstein (Dustin Hoffman), que revelam os detalhes do escândalo Watergate que levou à renúncia do presidente Nixon.

O filme conta sobre um dos mais impressionantes trabalhos de jornalismo investigativo, não só pelo que foi descoberto, mas também pelo perigo que ambos os jornalistas enfrentaram. O filme traz então a maneira obsessiva e meticulosa com que eles seguiram pistas, entrevistaram fontes secretas, como

Todos os Homens do Presidente (1976)- Imagem: Divulgação

o famoso “Garganta Profunda”, e ligaram o roubo do Comitê Nacional Democrata a figuras importantes do governo, retratando de uma forma realista o trabalho jornalístico.

Um fato interessante sobre o realismo dentro do filme é que os produtores não conseguiram autorização para filmar na própria redação do Washington Post e tiveram que criar uma réplica em estúdio. Além disso, Frank Wills, o segurança que descobriu a invasão no edifício de Watergate, também faz uma pequena participação atuando como ele mesmo.

Parte do sucesso da crítica do filme sinto que vem pelo espírito heroico retratado. Em um momento de incerteza dentro dos Estados Unidos dois jornalistas bravamente arriscam suas vidas, e a vida de suas famílias, para descobrir a verdade sobre um dos maiores escândalos da história do país. É uma história inspiradora e impactante.

Gosto muito do quase thriller que se forma aqui dentro justamente pela sensação de paranoia e medo que ambos os jornalistas passam a sentir, conforme vão descobrindo mais sobre o caso. E claro, o filme fala principalmente sobre a importância da imprensa dentro da sociedade, como um 4º poder, o poder do jornalismo investigativo e pelo realismo com que ele retrata a profissão e seu dia a dia.

Já o segundo indicado é *Rede de Intrigas* (1976) que tem um tom bem diferente de Todos os Homens do Presidente, sendo uma sátira sobre o sensacionalismo, a alienação e a espetacularização da mídia. O filme tem direção de Sidney Lumet e roteiro de Paddy Chayefsky.

Todos os Homens do Presidente (1976)- Imagem: IMDb

O longa recebeu dez indicações ao Oscar e levou para casa quatro delas: Melhor Roteiro Original, Melhor Ator (Peter Finch), Melhor Atriz (Faye Dunaway) e Melhor Atriz Coadjuvante (Beatrice Straight). Beatrice Straight inclusive tem apenas cinco minutos e quarenta segundos de participação no filme, sendo a atriz com menos tempo de tela na história do Oscar a receber uma estatueta.

A história se passa dentro de uma grande emissora de TV fictícia, a UBS, e gira em torno de Howard Beale (Peter Finch), um veterano âncora de telejornal que, ao ser demitido por queda de audiência, anuncia ao vivo que vai se suicidar na frente das câmeras, o que aumenta a audiência do programa.

Honestamente Howard Beale é um dos personagens de mais fácil identificação, apesar de sua loucura. O personagem havia perdido a esposa recentemente e a demissão foi sua gota d'água, dá pra culpar o personagem? E dentro do filme esse passa a ser um consenso já que as audiências só aumentam e Beale passa a ser visto como uma figura profética, falando sobre as crises da sociedade moderna, fazendo referência ao que o povo estadunidense passava fora do cinema.

O longa mostra as emissoras de televisão sem qualquer tipo de humanidade, buscando apenas o lucro a qualquer custo. A personagem de Faye Dunaway é a personificação disso, algo evidenciado pelo próprio figurino da

Rede de Intrigas (1976)- Imagem: Divulgação

Rede de Intrigas (1976) - Imagem: Divulgação

personagem que remete aos cenários da emissora. Diana Christensen está disposta a fazer de tudo para aumentar as audiências, inclusive dedicando um espaço da grade para um grupo terrorista, transformando toda e qualquer notícia em um espetáculo.

E sua frieza é algo que acaba "vazando" para diversas partes da sua vida, sendo extremamente calculista e prática em seus relacionamentos, o que vemos no sub-plot do filme em seu caso com Max Schumacher (William Holden). Max é uma voz mais "humana" dentro do caos da emissora que claro acaba sendo jogado para escanteio na primeira oportunidade quando as audiências aumentam. Pra ser sincera, não gostei dessa linha da história, acho que temos boas questões levantadas falando de relacionamentos, mas acho que acaba tirando o foco da trama.

Com isso o filme crítica não somente as grandes emissoras mas também os espectadores que consomem esse tipo de conteúdo. A temática acaba sendo extremamente atemporal, já que essa questão ainda se mantém muito presente nos canais de notícia, dando prioridade para histórias brutais, também sendo tema do recente *Não! Não Olhe!* (2022) de Jordan Peele.

Num geral, *Rede de Intrigas* é uma ótima sátira, conseguindo se manter atual mesmo quase 50 anos depois, conseguindo nos manter presos por conta das loucuras que vão se criando dentro da emissora.

E nesse ano também temos *Taxi Driver* (1976) dentre os indicados. Sinto que muitos, e justamente, irão argumentar que esse filme era quem merecia levar a estatueta de Melhor Filme, e eu entendo, mas gosto mais de outro dos indicados.

O longa tem direção de Martin Scorsese e roteiro assinado por Paul Schrader, e é um dos mais icônicos filmes do cinema. Ele recebeu quatro indicações: Melhor Filme, Melhor Trilha Sonora, Melhor Ator (Robert De Niro) e Melhor Atriz Coadjuvante (Jodie Foster), mas não levou nenhuma estatueta para casa. E o filme inclusive

Taxi Driver (1976) - Imagem: Divulgação

marca a segunda parceria entre Martin Scorsese e Robert De Niro, sendo o primeiro *Caminhos Perigosos* (1973).

E se todos os outros indicados antes desse já representavam o espírito dos estadunidenses naquela época, *Taxi Driver* mostra ainda mais, sendo um retrato do estado psicológico da América pós-Vietnã e o impacto da vida urbana moderna na saúde mental.

No filme acompanhamos Travis Bickle (Robert De Niro), um ex-fuzileiro naval solitário que trabalha como taxista noturno nas ruas sujas e violentas de Nova York. Ele sofre de insônia, alienação e um crescente desprezo pela decadência que vê ao seu redor.

Travis é um personagem que se vê em uma posição de superioridade em relação a todos os outros nova-iorquinos, dessa forma se distanciando dos outros, também se distanciando dos costumes e morais da sociedade, passando a sentir uma paranoia de tudo e todos, o que o incentiva a fazer algo a respeito dos seus sentimentos.

Com a desculpa de "limpar" a cidade, o personagem justifica seus atos violentos como heroicos, mostrando a decadência moral presente nas grandes cidades na década de 1970, e a busca desesperada por um propósito. Parte do sucesso do filme pode ser atrelada ao personagem, que de certa forma consegue trazer uma certa identificação, principalmente para a época, representando diversos soldados que voltam da guerra sem qualquer tipo de pretensão futura. Hoje em dia também dá pra relacionar o filme com Nascido em 4 de Julho (1989) em que o personagem passa por uma desilusão com sua volta da guerra mas que vai para um caminho oposto da violência.

E essa escolha desse retrato de Travis é algo que vem para deixar os espectadores incomodados também. O longa decide não julgá-lo moralmente, abrindo alguns momentos para o público se identificar e torcer pelo personagem.

E aqui a performance de Robert De Niro é impressionante, mostrando essa transgressão do personagem lentamente até o seu colapso mental, depois de ver e conviver com tanta violência e injustiças. Com isso o filme critica em principal a violência e a alienação que vem dela, expressando como é perigosa a ideia de que mais violência traria uma redenção.

O filme tem uma atmosfera de solidão quase palpável que é intensificado pela trilha sonora, que com seus toques de saxofone representam essa infelicidade quase tediosa, uma decadência. A trilha também tem momentos que traz sons românticos e outros ameaçadores, refletindo a mente fragmentada de Travis. No longa Scorsese mostra uma uma Nova Iorque sem glamour nenhum, sendo suja e escura, e uma representação dos habitantes, mas também deixa claro que estamos vendo através dos olhos do protagonista, conseguindo passar para nós espectadores o desgosto sentido por ele.

O filme também fala sobre as doenças mentais, um tema não tão recorrente naquela época, e a falta de amparo, criticando a incapacidade das instituições em resolver esses problemas.

O filme é um retrato da época, tanto dos estadunidenses lidando com a Guerra do Vietnã e seu imaginário, mas também do momento em que o cinema passava com decisões ousadas, narrativas mais intimistas e pessimistas.

Taxi Driver (1976)- Imagem: IMDb

Rocky (1976)- Imagem: MUBI

ROCKY.

Sempre é dito que a Academia busca passar uma mensagem com os seus vencedores e é um tanto quanto curioso que o único filme com uma mensagem de esperança tenha sido quem de fato levou a estatueta de Melhor Filme para casa. E honestamente? Eu gosto muito de *Rocky* (1976), tanto pela narrativa do filme mas também pela história de resiliência do seus bastidores.

Com direção de John G. Avildsen e roteiro de Sylvester Stallone, o longa se destaca pela sua simplicidade, conseguindo tocar os espectadores por conta da fácil identificação dentro da história.

Assim como seu personagem, Sylvester Stallone passava por momentos difíceis tentando uma carreira em Hollywood. Foi então que ele escreveu o roteiro do filme, que nada mais conta do que a história de um homem comum que tenta achar seu espaço. Apesar da demora para o roteiro ser comprado, por conta da insistência de Stallone em estrelar o longa, seu sucesso pagou essa luta, recebendo dez indicações ao Oscar, levando para casa três estatuetas: Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Edição.

No filme então acompanhamos Rocky Balboa (Sylvester Stallone) um boxeador que ganha a vida transitando entre a vida de lutador e extorsões que ele faz para mafiosos. Mas sua vida muda repentinamente quando recebe um convite para lutar contra o campeão da liga mundial Apollo Creed (Carl Weathers).

Apesar de um roteiro original, e de Stallone negar, o filme traz uma história quase que biográfica. A disposição de Rocky acordando às 4h da manhã e partindo para treinar não era só dele, mas também de Stallone, que estava tendo a oportunidade da vida de ator e roteirista que antes era negada.

E de certa forma, por ser próximo da realidade, o filme consegue gerar uma fácil identificação, já que ele nada mais retrata do que um homem comum, com sonhos e ambições, nos fazendo torcer por Rocky do começo até o fim.

Stallone traz um personagem muito determinado e cheio de paixão, e entrega uma performance inesquecível e emocionante, encarnando um verdadeiro lutador de boxe.

Talia Shire também é um destaque como a tímida Adrian, por quem Rocky tem uma desengonçada paixão, sendo um dos principais motivos do filme ser tão icônico, afinal a luta final não é sobre vencer na briga. O amor e química atrapalhada dos dois personagens traz ainda mais realismo à obra, já que evidencia que as dificuldades que os dois têm de se relacionar com outras pessoas não os impediram de encontrar um lindo amor entre si.

E completando o filme, a trilha sonora traz uma das mais memoráveis cenas com a inesquecível música *Gonna Fly Now*, que combina com a determinação do protagonista.

Rocky é cativante e tocante por sua simplicidade. Ele consegue essa aproximação com o público por mostrar personagens que existem na vida real, contando a história de quem vive o drama de tentar ser alguém na vida e realizar seus sonhos, trazendo uma mensagem de esperança e perseverança.

1978

O ano de 1978 teve uma temática comum entre quase todos os seus indicados: relacionamentos e as emoções que eles trazem. Tanto é que seu vencedor é um reflexo disso.

Annie Hall, ou conhecido em português como *Noivo Neurótico Noiva Nervosa* (o que não faz o menor sentido já que na história eles não ficam noivos), recebeu cinco indicações e levou para casa quatro delas: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Original e Melhor Atriz (Diane Keaton).

Com direção e roteiro de Woody Allen, *Annie Hall* é um marco dentro da carreira do diretor e no gênero das comédias românticas modernas, reflexões sobre o amor, insegurança e identidade urbana.

A trama gira em torno de Alvy Singer (Woody Allen), um comediante neurótico de Nova York que relembra seu relacionamento com a excêntrica e encantadora Annie Hall (Diane Keaton). O filme acompanha os altos e baixos da relação, com Alvy tentando entender por que eles se separaram.

O filme revolucionou a ideia que se tinha de comédias românticas justamente pelo sem tom realista, introspectivo e cínico, e acabou se destacando graças a sua narrativa não linear, mistura de flashbacks, quebras da quarta parede, animações e cenas surreais.

Na história então acompanhamos Alvy que passa a se questionar de várias questões sobre o amor e relacionamentos naquele clássico estilo irônico e melancólico de Woody Allen. Apesar de contar sobre um relacionamento em si, e até pelo nome da garota ser o nome do filme, o longa é de fácil identificação, justamente por externalizar diversas inseguranças dentro de relacionamentos e trazer um retrato honesto dos relacionamentos, mostrando o amor como algo complexo mas que também pode ser passageiro.

Aqui Woody Allen também protagoniza o filme, vivendo um personagem paranoico, nervoso, arrogante, intelectual e quase que autobiográfico, mesmo o diretor negando. Durante o filme em diversos momentos o protagonista quebra a quarta parede e tenta convencer os telespectadores de seus pontos de vista, de uma maneira bem interessante, ele traz o público para a realidade do filme e para suas discussões.

Já Annie é uma mulher muito magnética e encantadora, porém extremamente insegura. Diane Keaton traz uma ótima performance, entregando uma personagem cheia de hábitos estranhos e ao mesmo tempo é muito carismática, apaixonando os telespectadores da mesma forma que apaixonou Alvy Singer.

Com um humor cínico e diálogos afiados, Annie Hall é um filme de uma história falsamente simples, com ótimas atuações, que brinca muito com a linguagem cinematográfica, inovando muito para a época e trazendo reflexões dos relacionamentos e da natureza humana.

Seguindo na temática de comédias românticas temos *A Garota do Adeus* (1977). O filme recebeu cinco indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro Original, Melhor Atriz (Marsha Mason), Melhor Atriz Coadjuvante (Quinn Cummings)

Annie Hall (1977)- Imagem: IMDb

A Garota do Adeus (1977) - Imagem: Letterboxd

e Melhor Ator (Richard Dreyfuss), levando essa última para casa.

O filme conta a história de Paula McFadden (Marsha Mason), uma atriz desempregada e mãe solteira que inesperadamente termina com seu namorado e descobre que ele sublocou o apartamento para Elliot Garfield (Richard Dreyfuss).

O filme traz uma premissa típica que vemos muito nas comédias românticas de hoje em dia. Quase um "eles se odeiam mas só tinha uma cama e eles terão que dividir". Os diálogos aqui são seu maior destaque, sendo rápidos e irônicos e cheios de referências à cultura da época, o que me lembrou muito a série *Gilmore Girls* (2000 - 2007), que eu adoro, principalmente pela dinâmica da mãe e da filha.

A maior parte do filme se passa dentro do apartamento dividido pelos dois, o que dá mais espaço para os diálogos rápidos e sarcásticos dentro da história, deixando os atores mais livres para esses momentos.

Apesar de se passar em 1977, Paula é uma personagem de fácil identificação, até por lembrar tanto a icônica Lorelai Gilmore (*Gilmore Girls*). Carismática, nervosa, por vezes amargurada e cheia de emoções, Paula dentro do filme precisa aprender a se deixar ser amada de novo e a permitir coisas novas em sua vida após um pé na bunda. É clichê hoje em dia, claro, mas pra época era uma visão interessante de uma mulher moderna que após ter sua vida toda decidida acaba passando por um término.

Mas pra mim o grande destaque é Quinn Cummings, como a filha de Paula, Lucy. São poucas atrizes que conseguem se destacar no estereótipo de "criança espertalhona" nos filmes e pra mim Quinn Cummings foi uma delas, em parte por manter certas características de criança como o ciúme e a birra, e traz diálogos importantes com a mãe.

No final, o filme fica um pouco datado olhando com os olhos de hoje, vendo um homem

estranho e desconhecido indo morar com uma mãe e uma filha pequena...”meio” datado. Mas ainda assim, uma divertida comédia romântica sobre amar novamente e se permitir ser amada.

Falando de um outro tipo de relação, *Momento de Decisão* (1977). Aqui exploramos o relacionamento de duas amigas distantes, que são obrigadas a se reencontrar e confrontar decisões do passado, ressentimentos, se questionando que poderia ter sido.

O longa recebeu onze indicações ao Oscar, sendo um destaque nas categorias de atuação com duas indicações para Melhor Atriz (Anne Bancroft e Shirley MacLaine) e uma em Melhor Atriz Coadjuvante (Leslie Browne) e Melhor Ator Coadjuvante (Mikhail Baryshnikov), inclusive sendo esse o primeiro papel de Baryshnikov nos cinemas, mas infelizmente não levou nenhuma estatueta para casa. Primeiro de dois indicados ao Oscar de Melhor Filme, tantas indicações sem vencer em nenhuma categoria. O filme divide o recorde com *A Cor Púrpura* (1985) como o filme com mais indicações ao Oscar sem ganhar um único prêmio.

Na história conhecemos DeeDee (Shirley MacLaine) e Emma (Anne Bancroft) foram grandes amigas e bailarinas promissoras. DeeDee abandonou a carreira para casar e formar uma família, enquanto Emma seguiu no balé e se tornou uma estrela. Anos depois, quando a filha de DeeDee, Emilia (Leslie Browne), se junta à companhia de balé de Emma, e as duas amigas se reencontram.

O filme fala principalmente sobre arrependimentos e a raiva que vem deles. DeeDee tem uma família feliz mas ainda sim se questiona se estaria mais satisfeita se tivesse seguido com a carreira de bailarina. Já Emma

Momento de Decisão(1977)- Imagem: Academy Awards

seguiu com sua carreira, e se tornou uma reconhecida bailarina, mas sofre com a passagem do tempo, sendo substituída por pessoas mais jovens e muitas vezes desmerecidas.

E o filme entra de cabeça no mundo do balé trazendo os bastidores, os sacrifícios e a intensidade da profissão. Dentro do filme é possível sentir o cansaço extremo que as bailarinas, afinal o balé é uma arte que depende muito da beleza, disciplina e perfeição, algo que vemos mais afundo mais tarde com *Cisne Negro* (2010), sendo muito injusta em diversos momentos. E isso é algo que vemos principalmente nas personagens Emma e Emília.

Emma ao longo do filme se questiona sobre seu futuro da profissão, se existe algum lugar para ela, afinal ela dedicou sua vida toda abdicando de relacionamentos, filhos e uma família pela carreira, nos passando uma sensação de imponência. Anne Bancroft sabe muito interpretar personagens trágicas, assim como em *A Primeira Noite de um Homem* (1967), trazendo uma personagem muito parecida com a de Bette Davis em *A Malvada* (1950), uma mulher obrigada a ver a sua carreira se tornar uma lenda e ver diversas oportunidades ser passada para outra pessoa mais jovem, algo frustrante já que não há nada que ela possa fazer a não ser assistir.

Já Emília é uma jovem ambiciosa e muito ingênua que acaba caindo nesse mundo cheio de pressões que por vezes tem que escolher entre viver sua vida ou se dedicar ao extremo dentro da sua carreira.

O também se engrandece graças ao relacionamento entre Emma e DeeDee, e as atuações de MacLaine e Bancroft. E é nesse relacionamento que o filme discute suas principais temáticas sobre arrependimentos, sendo obrigadas a lidar com suas decisões enquanto invejam uma da outra, mesmo ambas estando infelizes. Outro grande destaque do filme com certeza são as cenas de balé, com coreografias impactantes e bem executadas que nos prendem com facilidade, principalmente pela presença de Mikhail Baryshnikov.

É um filme sobre caminhos não escolhidos, arrependimentos, maternidade e reconciliação. Um retrato das escolhas que definem uma vida.

E indo para um lado bem mais dramático: *Julia* (1977). Com direção de Fred Zinnemann, baseado nas memórias da escritora Lillian Hellman, especialmente em seu livro Pentimento, publicado em 1973.

O filme foi recebeu a onze indicações e levou para casa três estatuetas: Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Atriz Coadjuvante (Vanessa Redgrave) e Melhor Ator Coadjuvante (Jason Robards).

A pedido de uma velha amiga, a dramaturga Lillian Hellman (Jane Fonda) embarca em uma perigosa missão de contrabandear fundos para a Alemanha nazista.

As partes mais legais do filme são quando conhecemos sobre Julia (Vanessa Redgrave), uma mulher diferente, de ideais firmes que engajou na luta contra o nazismo desde jovens, impressionante tanto Lillian quanto nós espectadores. Com isso, o filme conta sobre a intensidade de alguns relacionamentos, já que mesmo o tempo tendo passado, Lillian manteve

Julia (1977)- Imagem: Prime Video

a mesma confiança que tinha na amiga na época da juventude, se sentindo empoderada a ajudar a amiga na causa.

As melhores partes do filme são quando Lillian abraça a missão dada por Julia, já que nesse ponto o filme se torna um thriller de espionagem, em que nós e a protagonista passamos a nos questionar de todos.

E gosto muito da protagonista, é bem interessante nessa época ver uma personagem forte, curiosa e teimosa, que deixa tudo de lado, até sua segurança, para ajudar a amiga por confiar e admirar ela e as causas que ela luta. E acho que se torna um destaque principalmente na última 1 hora de filme em que desenvolve o medo e nervosismo da protagonista com a situação, conseguindo também nos deixar nervoso.

Mas apesar disso, sinto que ele é um filme quase lá. Ele raspa em temas muito legais como o relacionamento de Lillian e Julia que é quase amoroso, mas acredito que por conta da época, o filme não foi tão corajoso quanto poderia.

Se ele tivesse sido mais ousado, poderia ter explorado toda a dualidade de sentimento amoroso/amizade, ou a questão de identidade sexual, ou até um lado religioso, afinal você tem uma protagonista judia em uma Alemanha nazista, mas ele fica apenas no básico. Além disso, por ficar no básico, ele é arrastado em vários momentos.

Num geral um filme ok, uma história diferente que acaba intrigando pelo seu lado thriller trazendo as tensões e perigos da Alemanha Nazista, mas fora isso, um drama como outros.

Star Wars: Episódio IV - Uma Nova Esperança (1977)- Imagem: Divulgação/Lucas Filmes/Disney+

STAR WARS: EPISÓDIO IV – UMA NOVA ESPERANÇA.

E como o único filme que foge do tema no Oscar de 1978, *Star Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança* (1977) é o verdadeiro merecedor da estatueta de Melhor Filme. Não me leve a mal, eu amo *Annie Hall*, mas *Star Wars* é um dos melhores filmes de todos os tempos, fazendo história dentro do cinema e também na minha vida.

Fui apresentada à saga pelo meu pai, que assistiu aos filmes no cinema, quando era pequena e fui completamente impactada por aquele muito e aqueles personagens.

O filme recebeu dez indicações, sendo um destaque nas categorias técnicas, e vencendo seis delas: Melhor Trilha Sonora, Melhor Som, Melhor Direção de Arte, Melhor Figurino, Melhor Edição e Melhores Efeitos Visuais, e também venceu um Prêmio Especial: Melhor Edição de Som. *Star Wars* foi um dos divisores de águas no cinema, tanto nas questões de sua produção e práticas técnicas e efeitos especiais, muito por conta da empresa *Industrial Light and Magic* (ILM), uma das empresas pioneiras de efeitos visuais e computação gráfica, criada pelo próprio George Lucas para os filmes.

Inclusive, nos relançamentos para o cinema em 1997, para comemorar o 20° aniversário de *Star Wars*, foram inseridas modificações nos filmes originais, motivadas primariamente pelo avanço da tecnologia de efeitos especiais, o que permitira a realização de cenas impossíveis de serem feitas na época das filmagens originais.

A história acompanha o jovem Luke Skywalker (Mark Hamill) que se vê envolvido numa verdadeira guerra intergalática quando seu tio (Phil Brown) compra os droides C-3PO (Anthony Daniels) e R2-D2 (Kenny Baker) e encontra com eles uma mensagem da princesa Leia Organa (Carrie Fisher). A mensagem tem como objetivo alertar o jedi Obi-Wan Kenobi (Alec Guinness) sobre os planos do poderoso império liderado pelo temível Darth Vader (David Prowse, voz de James Earl Jones). Luke e Kenobi se juntam então ao mercenário Han Solo (Harrison Ford) e Chewbacca (Peter Mayhew) e partem para enfrentar as forças do mal e resgatar a princesa Leia.

Eu sei, eu sei, muitos vão dizer que a trilogia de *O Senhor dos Anéis* (2001 - 2004) é a grande jornada do heroi, e provavelmente é uma das histórias que mais inspirou Star Wars, mas eu acho que a história de Uma Nova Esperança consegue ser melhor. Segundo George Lucas ele foi inspirado por diferentes gêneros, como: seriados cinematográficos, filme japonês, filme de faroeste, filme de guerra, mitologia, medievalismo, e a própria Jornada do Heroi de Joseph Campbell, para criar o universo de *Star Wars.*

O longa traz um roteiro que parece simples à primeira vista, mas que se desenrola ao longo das trilogias se tornando uma das obras mais completas do cinema, até por trazer críticas similares a de outros filmes mas de uma forma diferente, falando sobre a guerra, governos autoritários e a importância de lutar por aquilo que é certo.

Também acredito que parte do sucesso vem do cuidado dentro da produção.

Os filmes trazem seu próprio universo, leis e personagens extremamente únicos, que conseguem conquistar a empatia do público com facilidade, criando um elo duradouro que se espalha para o restante da saga. George Lucas também acerta sem muita enrolação no começo da obra, já jogando os telespectadores para dentro do universo, o que ajuda muito na ambientação. Além disso, o desenvolvimento, motivações e sentimento dos personagens são muito convincentes também e em nenhum momento geram uma quebra de continuidade.

E não tem como falar de *Star Wars* sem falar do maior vilão da história do cinema, Darth Vader. As roupas completamente pretas, a grossa voz de James Earl Jones e seu sabre de luz vermelho compõem o personagem que seria a personificação do mal. O personagem inclusive foi o primeiro criado por George Lucas. O cuidado com o personagem foi tanta que foram necessários 3 atores para dar vida a ele: Com isso, a voz do personagem ficou com James Earl Jones, David Prowse deu corpo ao vilão e Sebastian Shaw interpretou Vader sem capacete, em seus momentos finais em O Retorno de Jedi (1983).

O icônico som da respiração do Darth Vader foi criado por Ben Burtt, quem levou para casa o Oscar Especial de Melhor som, que colocou um pequeno microfone do bocal de um respirador de mergulho e gravou o som da própria respiração usando o aparelho. Sem dúvidas o vilão é um dos mais complexos da história do cinema, conseguindo, mesmo

Star Wars: Episódio IV - Uma Nova Esperança (1977)- Imagem: Divulgação/Lucas Filmes/Disney+

Star Wars: Episódio IV - Uma Nova Esperança (1977)- Imagem: Divulgação/Lucas Filmes/Disney+

com sua maldade e frieza, conquistar diversos fãs justamente por ser construído muito bem, conseguindo ser aterrorizante mas ainda fazer com que fiquemos aguardando sua próxima aparição dentro dos filmes.

Já Luke Skywalker, o heroi da história, é o completo oposto de Darth Vader. O personagem de fácil identificação, interpretado pelo carismático Mark Hamill, vai se transformando ao longo das sagas de um garoto inocente para um forte e poderoso Jedi. Para muitos ele pode parecer um personagem sem sal, mas, na verdade, ele é um dos mais puros herois, disposto a se sacrificar pelo bem e extremamente leal a seus amigos.

A princesa Leia é uma das minhas personagens favoritas. Muito forte e determinada, ela nos impacta desde seu primeiro minuto em cena. Carrie Fisher traz a vida uma mulher corajosa e inteligente, que luta pelo que acredita, algo muito interessante dada a época. Sua personagem em nenhum momento é tratada como uma donzela indefesa estando sempre junto com o restante dos personagens na ação tentando impedir os planos do império.

Já Harrison Ford, interpreta o sarcástico Han Solo, que além de trazer divertidos diálogos para a trama, ainda incorpora um personagem muito egoísta, que age por conveniência mas que nos conquista por seu jeito humano.

Star Wars: Episódio IV - Uma Nova Esperança (1977)- Imagem: Divulgação/Lucas Filmes/Disney+

E Chewbacca, vivido por Peter Mayhew, é o parceiro de Solo que, apesar do egoísmo de seu amigo, é extremamente bondoso.
O longa ainda conta com os divertidos androides R2D2 e C3PO, que são quem começa a narrativa da saga, ainda servindo como alívio cômico com divertidas discussões. Inclusive, nas primeiras versões do roteiro, R2-D2 podia falar normalmente. Apesar de suas falas terem sido removidas, as reações de C-3PO ao diálogo foram mantidas no roteiro, deixando as conversas dos androides ainda mais engraçadas.

O longa se tornou um ícone dentro da cultura pop, sendo inclusive a maior bilheteria de todos os tempos, na época, arrecadando mais de 775 milhões de dólares, marcando o início da era dos blockbusters.

E apesar do enorme sucesso George Lucas estava certo de que o filme seria um fracasso tanto que, em vez de comparecer à estreia, foi tirar férias no Havaí com seu grande amigo Steven Spielberg. Inclusive, foi durante essas férias que eles tiveram a ideia para Os Caçadores da Arca Perdida (1981), que logo mais aparecerá por aqui.
E claro, é impossível falar de *Star Wars* sem falar sobre a trilha sonora de John Williams. Williams compôs a mais memorável trilha do cinema, empregando temas dramáticos e profundos para a saga, sem roubar completamente a cena e ainda completando os eventos ocorridos ao longo do filme com muita harmonia.

Além disso, o compositor criou diferentes acordes para cada um dos personagens que são possíveis ouvir durante as cenas que eles estão presentes, os deixando ainda mais memoráveis. A trilha sonora de *Star Wars* inclusive foi eleita pelo *American Film Institute* (AFI) a mais memorável de todos os tempos.

Para além dos aspectos revolucionários da franquia, *Star Wars* é uma obra-prima do cinema que nasceu como um filme destinado aos jovens que cumpre com êxito sua função de divertir e entreter com uma maravilhosa jornada do heroi que até hoje atrai cada vez mais fãs.

Star Wars: Episódio IV - Uma Nova Esperança (1977)- Imagem: Divulgação/Lucas Filmes/Disney+

O Franco Atirador (1978)- Imagem: Divulgação

1979

Em comparação com os outros anos da década, considero 1979 um pouco mais fraco. Um dos indicados é *Uma Mulher Descasada* (1978), dirigido e escrito por Paul Mazursky. O longa foi indicado a três estatuetas, mas não levou nenhuma para casa.

Após ser abandonada pelo marido, Erica Benton (Jill Clayburgh), uma mulher de classe média alta em Nova York, precisa reconstruir sua vida e redescobrir sua identidade fora do casamento. Em meio à dor do divórcio, ela explora novas amizades, relações amorosas e sua própria independência.

O filme, então, traz uma premissa corajosa para a época, trazendo como protagonista uma mulher que se reinventa após o fim do casamento, trazendo a ideia de ser solteira não como uma falha, e sim uma forma de crescer. O crescimento começa com a nova autonomia que ela passa a ter, principalmente por não depender do marido para nada, enfim tomando decisões por si.

O longa também desmistifica a ideia de que o casamento é o único caminho que importa na vida adulta, já que Erica passa a descobrir a felicidade em outros patamares da vida. Um deles sendo suas amizades. O longa traz um retrato bem real dos relacionamentos femininos, inclusive mostrando um grupo de amigas bem unidas, grupo esse em que cada uma vive suas próprias lutas, criando uma rede de apoio.

Achei uma proposta de história interessante e até ousada dada à época, até por ele trazer uma protagonista real, que poderia muito facilmente se conectar com diversas mulheres. Com isso, eu pensei muito em um livro que estava lendo na época (*Como se Fossemos Vilões*, 2022), onde os personagens (do livro) encontram conforto nas peças de Shakespeare, vendo que em algum momento do passado alguém já se sentiu como eles se sentiam, e acho que a sensação deveria ser essa. E por uns 30 minutos eu pensei isso do filme, mas ele acabou me decepcionando.

Tive esperanças de que tinha nas minhas mãos um *Sex and the City* (1998 - 2004) antigo, um *Frances Ha* (2012) ou até um *Pior Pessoa do Mundo* (2021), mas chegou no final e eu não conhecia aquela personagem e, para além da raiva que ela sentia do ex-marido, eu também não sabia como ela tava se sentindo. Me senti entediada. Também me peguei pensando como a temática de traição está presente em tantos dos filmes indicados ao Oscar dessa época.

Com uma proposta um pouco mais pesada, mas ainda falando sobre se reinventar, outro indicado é *Amargo Regresso* (1978). Com direção de Hal Ashby, o longa recebeu oito indicações, levando para casa três prêmios: Melhor Roteiro Original, Melhor Ator (Jon Voight) e Melhor Atriz (Jane Fonda).

Durante a Guerra do Vietnã, Sally Hyde (Jane Fonda), esposa de um oficial do exército, começa a trabalhar como voluntária em um hospital de veteranos e reencontra Luke Martin (Jon Voight), um ex-soldado agora paraplégico. À medida que Sally e Luke se aproximam, ela passa a questionar a guerra, seu casamento e seu papel na sociedade.

Assim como outras histórias sobre o Vietnã, o longa quebra a ideia de um soldado heróico, mostrando as consequências da guerra que foi responsável por mutilar e paralisar diversos homens. Sentimos isso principalmente nas cenas dentro do hospital onde Sally resolve trabalhar, em que muitos dos veteranos de guerra dependem de cuidado o tempo todo, perdendo parte de sua liberdade e independência. Com isso, o filme conta sobre os efeitos da guerra na masculinidade, em que os machucados precisam se reconstruir como um humano agora com feridas e consciência crítica.

A reinvenção também é apresentada na personagem da Sally, que após a saída de seu marido, decide se voluntariar em um hospital de veteranos. Antes sendo apresentada apenas como a esposa de um militar, Sally acaba se importando com a realidade de diversos veteranos que não veem mais a guerra como um grande ato heroico. Sua convivência com eles a faz criar uma postura ativa e crítica, inclusive querendo atrair a atenção dos jornais para a situação dos ex-soldados.

E assim como outros indicados ao Oscar de Melhor Filme que tratam sobre a guerra do Vietnã, o longa traz a realidade da guerra de uma forma brutal, não mostrando a violência em si, mas a desumanização e desilusão sofrida pelos soldados, mostrando como a violência vivida no Vietnã destruiu vidas, lares e consciências. Tanto os que voltaram fisicamente intactos quanto os

Amargo Regresso (1978)- Imagem: Divulgação

que voltaram paralisados, chegaram em casa internamente corrompidos pelos horrores evidenciados.

Então, dentro da história, muito é dito dentro do silêncio. Os homem que voltaram não conseguem falar sobre o que viveram, sentem o peso da culpa do que aconteceu e de quem ainda está lutando, não conseguindo compreender o sofrimento que estão passando.

Muito por conta disso, quando o marido de Sally retorna, ele continua alienado, defendendo o sistema militar sem conseguir enxergar seus fracassos. Uma ideia de que seria pesado demais reconhecer que, com tanta perda e dor, a missão seria um fracasso.

Um bom filme que acaba se destacando por conta do romance conveniente entre os personagens de Jon Voight e Jane Fonda. Pra ser sincera, quando assisti o longa eu admito que estava cansada já de obras sobre o Vietnã, principalmente por trazerem criticas feitas de uma forma muito parecida, mas gostei do protagonismo de Sally no filme e como ela se reinventa após a saída do marido até desenvolvendo um pensamento mais crítico.

E com direção de Alan Parker e roteirizado por Oliver Stone, outro dos indicados é *O Expresso da Meia-Noite* (1978). O longa concorreu em seis categorias e levou para casa duas estatuetas: Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Roteiro Adaptado. A história tem como base o livro homônimo de Billy Hayes e William Hoffer (1977), sobre a experiência de Hayes como um jovem americano enviado para uma prisão turca.

Amargo Regresso (1978)- Imagem: Divulgação

O Expresso da Meia-Noite (1978)- Imagem: MUBI

O filme acompanha Billy Hayes (Brad Davis), um estudante norte-americano que, durante uma viagem à Turquia com sua namorada, tenta sair do país com uma pequena quantidade de haxixe presa ao corpo. Ele é detido no aeroporto, julgado de forma arbitrária e condenado a quatro anos de prisão, sentença que mais tarde é ampliada para 30 anos. Dentro da prisão turca, Billy enfrenta um ambiente brutal, desumano e psicológico opressor, tentando sobreviver às violências físicas, morais e emocionais enquanto busca desesperadamente uma saída.

Ao retratar a história de Billy, o longa mostra a cruel e brutal realidade da prisão, onde existe uma corrupção moral. A prisão turca não é feita para a reinserção dos indivíduos na comunidade, sendo utilizada praticamente como uma ferramenta de vingança, punindo os presos com torturas físicas e mentais.

É uma narrativa sobre injustiças, onde Billy, apesar de culpado, sofre uma pena muito mais intensa e longa do que deveria. O aumento da sentença de Billy é angustiante, não se tratando de justiça, e sim uma retaliação, usando o garoto como uma forma de vingança para um desrespeito estrangeiro.

O filme então traz uma grande jornada psicológica enfrentada por Billy, que ao longo dos anos se ilude com a possibilidade de sair. Ao longo dos anos ele cria esperança, vai ao desespero, sente raiva, não sente nada, e enfim

resiste para sobreviver e escapar do local.

Para mim, o longa ganhou um tom assustador, visto que a realidade de Billy é um dos meus maiores medos, ser preso em um país que não é o seu, o qual você não fala a língua.

Mas a história impressiona mesmo no seu terço final, em que já desesperançoso, Hayes passa a enlouquecer, juntamente com todos ao seu redor. O longa então traz sequências verdadeiramente angustiantes e claustrofóbicas, onde já não sabemos mais o que é verdade e o que é uma alucinação dos prisioneiros, entrando na cabeça de Billy, começando a enlouquecer junto com ele.

Mas apesar disso, sendo esse um dos últimos filmes que assisti durante meu projeto, não pude deixar de compará-lo com outras obras ambientadas na prisão que também fazem parte da seleção, como: *Em Nome do Pai* (1993), *Um Sonho de Liberdade* (1994) ou *Chicago* (2002), os quais eu gosto mais.

O Expresso da Meia-Noite é um bom filme, mas sinto que a narrativa peca com muita enrolação, não conseguindo trazer uma montagem dinâmica dos anos de Billy na prisão, muitas vezes sendo cansativo.

Também no mesmo ano temos *O Céu Pode Esperar* (1978), dirigido por Warren Beatty e Buck Henry. O longa é um

O Expresso da Meia-Noite (1978)- Imagem: Divulgação

O Céu Pode Esperar (1978)- Imagem: Divulgação

remake da obra *Que Espere o Céu* (1941), misturando comédia romântica, fantasia e sátira social, enquanto reflete sobre identidade, propósito e amor. O filme recebeu nove indicações e levou para casa o prêmio de Melhor Direção de Arte.

Joe Pendleton (Warren Beatty), jogador de futebol americano, morre acidentalmente antes da hora e, ao chegar ao céu, descobre que houve um erro. Como seu corpo já foi cremado, ele precisa habitar o corpo de Leo Farnsworth, um milionário recém-assassinado.

O longa traz uma história cheia de questões existenciais, afinal explora o conceito de reencarnação e suas consequências. Dentro da narrativa, a alma tem um propósito que vai além do seu corpo físico, assim, mesmo mudando de corpo ele continua indo atrás de seu grande sonho: se tornar um bem sucedido quarterback.

Com isso, o longa fala sobre identidade e como independente da aparência e da forma física, a essência continua a mesma. Dentro da narrativa isso rende cenas muito engraçadas, Joe é um jogador humilde cujo o único objetivo é se tornar um quarterback, quando de repente tem que viver a vida de um rico corrupto que controla uma grande empresa, passando a transformar completamente a vida de Leo Farnsworth.

Também é dentro dessa ideia que o filme aborda sobre o amor, mostrando o relacionamento entre Joe e Betty. O relacionamento dos dois é construído através de valores, indo além das aparências e status. tanto que o final da história representa isso.

Admito que as partes que eu menos gostei foram as falando da empresa de Farnsworth, e de certa forma até o filme percebeu isso já que da metade para o fim nem ouvimos mais sobre a empresa. A trama serve apenas para trazer uma crítica, hoje em dia óbvia, sobre o impiedoso mundo corporativo que, movido por lucro, está disposto a passar por cima de quem for, sem qualquer respaldo ético.

Mas admito que o final, depois de uma história tão divertida, me deixou um tanto quanto infeliz. Talvez a ideia fosse ser mais pé no chão, mas honestamente eu queria um final feliz e acho que essa escolha mais pra baixo não combinou com o restante do filme.

Ainda assim, foi uma surpresa muito positiva, em um ano com tantas obras sobre tristezas e sofrimento é legal ver um longa divertido com uma história que mistura fantasia com realidade dentre os indicados.

O Céu Pode Esperar (1978)- Imagem: Divulgação

O FRANCO ATIRADOR.

Mas a Academia acertou, o verdadeiro vencedor do ano foi o longa premiado, *O Franco Atirador* (1978). Com direção de Michael Cimino, o filme recebeu nove indicações, levando para casa cinco estatuetas: Melhor Filme, Melhor Edição, Melhor Som, Melhor Ator Coadjuvante (Christopher Walken) e Melhor Direção.

Durante a Guerra do Vietnã, os amigos de longa data Michael (Robert De Niro), Nick (Christopher Walken) e Steven (John Savage), resolvem se alistar no exército deixando suas vidas na siderúrgica para encontrar algo maior. Na selva, os sonhos de honra militar são dissolvidos pela crueldade da guerra onde eles são capturados e torturados, e até aqueles que sobrevivem são perseguidos pela experiência.

O filme tem como tema o homem e a perda do seu lugar no mundo. Tanto os soldados quanto suas companheiras sofrem com a guerra, perdendo o senso de pertencimento e suas identidades, sendo profundamente marcados pelos eventos.

O longa é dividido em três partes bem marcadas e bem diferentes entre si. O primeiro momento mostra a vida tranquila que os amigos vivem, quase que tediosa e previsível, importante para conhecermos e nos conectarmos com os personagens. O que bate de frente com segunda parte, a tortura, crueldade e tristeza tomam conta da tela. As cenas de tortura no filme marcam muito, não só pela violência mas principalmente pela incerteza.

E enfim, a terceira parte, as consequências, onde a intensidade diminui mas a tristeza aumenta cada vez mais, conforme nenhum dos personagens consegue lidar com tudo que viveram, desorientados, evidenciando principalmente o impacto psicológico da guerra.

Cada um deles foi afetado de uma maneira diferente, Steven, fisicamente debilitado, Michael, emocionalmente endurecido e Nick, completamente enlouquecido, não conseguindo seguir em frente. A primeira parte da história também se faz importante por mostrar as relações entre os amigos, que é completamente destruída depois da guerra. Com a história, o filme traz uma forte crítica a guerra, mostrando como ela não só destruiu os personagens mentalmente mas também a quebra de tradição.

Para além de criticar a desilusão da guerra, o longa crítica o pós dela, mostrando como diversas feridas, além das mortes, não teriam mais volta, mesmo voltando para casa sem ferimentos externos. Não só marcados emocionalmente, mas sem qualquer tipo de amparo dado pelo governo que os enviou para uma guerra perdida e depois os abandonou por completo.

Os maiores destaques ficam com Christopher Walken. O ator traz uma performance intensa e dramática de um homem que é corrompido pela adrenalina da guerra até um ponto que não tem mais volta, se tornando irreconhecível ao final da história.

O Franco Atirador mostra o horror da guerra, focando muito nas lembranças e as sequelas que ela trouxe, abordando a insegurança, a solidão e o desespero.

O Franco Atirador (1978)- Imagem: Divulgação

E.T.: O Extraterrestre (1982)- Imagem: Divulgação

ANOS 1980.

Com a ascensão de filmes como *Tubarão* e *Star Wars* a década de 1980 foi recheada de obras com a mesma pegada: blockbusters. Neste período os estúdios se consolidam novamente retomando o pensamento do lucro e seguindo os passos dos primeiros filmes desse estilo: grandiosas aventuras, destinados a plateias numerosas e uma forte campanha publicitária. E agora ao invés da televisão, a batalha passava a ser com a grande novidade: as fitas VHS.

Apesar de muitos estudiosos olharem para os anos 1980 com desdém, principalmente por retornarem alguns maus hábitos da antiga Hollywood como a visão do lucro acima de tudo e a volta dos grandes orçamentos, eu tenho um apego gigantesco com essa década, afinal foram os filmes desse período que me fizeram me apaixonar pelo cinema.

Mesmo com mais de 20 anos me separando da estreia de grande parte dos filmes dessa época, eu cresci com os personagens criados aqui, vivendo um dia de aventuras com Ferris Bueller, ajudando E.T. a voltar para casa, explorando tumbas com Indiana Jones e principalmente voltando no tempo junto com Marty Mcfly em um dos meus filmes favoritos da vida *De Volta para o Futuro* (1985) que, sem exageros, mudou minha vida.

A década também foi muito produtiva para o gênero do terror com o lançamento de clássicos como *O Iluminado* (1980) e *Sexta-Feira 13* (1980), e também apresenta ao cinema o diretor Tim Burton, que se inspira no terror para trazer o divertido *Os Fantasmas se Divertem* (1988). E aqui também vemos o nascimento de grandes herois, muito para reparar o espírito patriota norte-americano, que estava ferido após a Guerra do Vietnã, com filmes como *Conan, o Bárbaro* (1982) e *Rambo - Programado para Matar* (1982)

Mesmo assim, algumas obras não deixaram de abordar questões de intolerância, contracultura e pacifismo como: *A Cor Púrpura* (1985), *A Sociedade dos Poetas Mortos* (1989) e o próprio *Rain Man* (1988).

E falando no Oscar, sinto que a premiação não soube representar muito bem como realmente foi essa década, tanto que os filmes mais premiados foram: *O Último Imperador* (1987) com 9 estatuetas e *Amadeus* (1984) e *Gandhi* (1982), ambos com oito prêmios. Mas tudo bem, eu irei consertar isso.

1980

Apesar da década de 1980 ser marcada por diversos filmes grandiosos e blockbusters, a premiação do Oscar não contou com muitos desses filmes, seguindo dando destaque para as obras dramáticas. Pessoalmente, acho que essa foi uma das mais fracas décadas da premiação, em parte porque muitos dos indicados, e muitos dos vencedores da categoria de Melhor Filme, são esquecíveis. Ainda assim, existem alguns filmes que se destacam, como o vencedor da edição do Oscar de 1980, *Kramer vs. Kramer* (1979).

O longa tem direção e roteiro de Robert Benton e recebeu 9 indicações ao Oscar, levando cinco delas para casa: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Atriz Coadjuvante (Meryl Streep), sua primeira vitória na premiação, Melhor Ator (Dustin Hoffman) e Melhor Roteiro Adaptado. O filme também recebeu uma indicação na categoria de Melhor Ator Coadjuvante para o ator Justin Henry, que na época tinha apenas 8 anos, se tornando a pessoa mais jovem a concorrer ao prêmio.

Na história acompanhamos Ted Kramer (Dustin Hoffman), em que na sua vida o trabalho vem antes da família. Eventualmente esse seu pensamento faz com que sua mulher, Joanna (Meryl Streep), saia de casa deixando Ted e Billy (Justin Henry), o filho do casal. A saída de sua esposa faz com que Ted tenha que reajustar toda sua vida às novas responsabilidades de criar o filho sozinho.

O filme leva a vida de Ted de um completo caos a uma forte conexão com Billy, desenvolvendo o personagem de uma forma interessante: passando de um homem distante e viciado no trabalho para um pai dedicado a seu filho, entendo a importância de estar presente e as mudanças positivas que isso traz para dentro de sua vida. A história é simples mas extremamente humana, conseguindo tocar os espectadores justamente por falar sobre os relacionamentos, família e suas dificuldades, uma temática de fácil identificação.

O roteiro consegue fugir da maioria dos clichês, justamente por se apegar a vida real mostrando os momentos felizes e tristes, e as reais dificuldades enfrentadas por Ted criando seu filho, que é uma criança birrenta e muitas vezes mimada. E por conta disso, sinto que o filme nos conquista devagar, mas, com isso, as cenas dramáticas e emocionais acabam nos impactando ainda mais. Parte disso vem dos personagens da história.

O personagem de Dustin Hoffman é quem mais nos afeiçoamos, afinal, acompanhamos o filme do seu ponto de vista. Hoffman entrega uma performance emocionante e interpreta um pai sem jeito com o filho, o que evidencia ainda mais a sua ausência e a falta de sua mulher. Durante o longa as mudanças da relação de Ted com o filho são postas de forma sutil e realista, trazendo um lado mais carinhoso e afetuoso do personagem, mudança que Dustin Hoffman interpreta muito bem.

Já a Joanna de Meryl Streep é uma personagem mais polêmica, até por trazer uma questão ainda nova para época: o abandono materno. Apesar de Joanna deixar seu filho, ela é uma personagem humana e complexa, principalmente

Kramer vs. Kramer (1979)- Imagem: Divulgação

por trazer uma infelicidade palpável através de suas expressões entristecidas e voz embriagada. Mesmo acompanhado de Ted criando o filho e vendo como a ausência da mãe impacta aquela criança, acho que o filme consegue ser justo mostrando o cansaço e a infelicidade que Joanna vivia no casamento, fazendo com que compadecemos pela personagem.

E Justin Henry completa o trio de atores como o filho do casal, Billy. Billy dentro do filme é uma criança difícil, que também tem muito a aprender com o pai. Sinto que o ator ganha principalmente nas cenas em que fala sobre sua mãe, sendo impossível não sentir pena do personagem, e nas cenas de troca com seu pai.

Kramer vs Kramer é destacado por trazer às telas a temática do divorcio e a criação do filho pelo pai, algo que na época foi muito ousado e não era nada presente no cinema. Emocionante, sutil e dramático, o filme traz grandes performances e uma história que prende a atenção do início ao fim justamente por trazer às telas a dificuldade dos relacionamentos e do casamento.

No mesmo ano temos *All That Jazz* (1979). Com direção e roteiro de Bob Fosse, o filme é praticamente uma autobiografia do diretor, misturando drama, música e fantasia para trazer as aflições de seu elaborador. O diretor é o responsável por outros indicados ao Oscar: *Cabaret* (1972) e *Lenny* (1974), lhe rendendo

All That Jazz (1979)- Imagem: MUBI

dezesseis indicações dentro da premiação e oito vitórias, todas para *Cabaret*, incluindo Melhor Direção.

Fosse também era um impressionante coreógrafo, principalmente para o jazz. E, além do cinema, o diretor e coreógrafo também foi responsável por diversos sucessos no teatro, dirigindo e coreografando o musical *Chicago*. Inclusive, durante os ensaios de *Chicago* que Fosse sofreu um ataque cardíaco, experiência que o inspirou para *All That Jazz*.

O filme recebeu nove indicações na premiação e levou para casa quatro estatuetas: Melhor Edição, Melhor Figurino, Melhor Direção de Arte e Melhor Trilha Sonora (Adaptada).

O filme acompanha Joe Gideon (Roy Scheider), um renomado coreógrafo e diretor da Broadway e do cinema, que vive à base de cigarro, drogas, trabalho intenso e relacionamentos instáveis. Enquanto prepara seu novo espetáculo, Joe lida com os efeitos físicos e emocionais de seu estilo de vida autodestrutivo. Aos poucos, seu corpo começa a ceder, e ele entra em um estado entre a realidade e o delírio, revisitando suas memórias, amores, fracassos e paixões.

Acho que o que mais me impressiona aqui é o quanto você precisa se conhecer para fazer uma autobiografia sua, que inclusive traz uma crítica ao seu modo de viver, e que ainda assim consegue ser tão real, a ponto que quem assiste sente que te conhece tão bem mesmo sem te conhecer.

A história conta sobre os bastidores dos musicais, trazendo a vida toda aquela ambição desesperada, suor e a excêntrica vivência dos

All That Jazz (1979)- Imagem: Divulgação

All That Jazz (1979)- Imagem: Divulgação

atores. No longa então acompanhamos esse homem que vive em velocidade máxima, que quer fazer tudo, mas que nunca estava presente no presente, sempre pensando no compromisso e ação seguinte.

A agitação da vida de Gideon nós sentimos pela montagem do filme com seus cortes curtos e rápidos, não é atoa que ele levou para casa a estatueta de Melhor Edição, que nos passa uma urgência e até traz uma sensação de falta de fôlego ao final da história. Enquanto coreógrafa seu novo musical, Gideon vive um ciclo de autodestruição com drogas, relacionamentos rasos, dormindo pouco, nunca satisfeito, dando sua vida para fazer aquilo acontecer. Apesar do exagero, acho que é uma história de fácil identificação, afinal, quem nunca se sentiu tão apaixonado por um projeto a ponto de dar sua vida (figuradamente) para ele acontecer?

O roteiro aborda temas diferentes ao longo de sua história, falando sobre perfeição e obsessão, a mortalidade, legado e a vida do Show Business, que cultua as grandes performances, algo que será explorado muito bem também por Cisne Negro (2010). E o que é interessante, é que mesmo Gideon concordando com muitas das críticas feitas a ele ao longo da história, ele não pode parar, precisa dar certo, precisa ser perfeito.

Não é atoa que ao longo da história acompanhamos uma conversa entre Gideon e Angelique (Jessica Lange), que seria o anjo da morte, que se encanta pelo protagonista e sua forma de viver, e Gideon, nessas conversas, tenta não ser seduzido por ela e a calma e alívio que ela passa.

E até por ser um coreógrafo consagrado e premiado, as cenas musicais são um show à parte, prendendo a atenção com facilidade e trazendo toda a extravagância do teatro com muito brilho e sensualidade. Particularmente as melhores sequências são as do final, onde vemos diferentes mulheres da vida de Gideon dançando e cantando sobre sua situação.

E ainda dentro da história Gideon está montando “The Stand-Up”, um filme que traz o comediante, Davis Newman (Cliff Gorman). Gideon trabalha e trabalha com o material o editando e reeditando sem parar, justamente para atingir a perfeição. O filme editado, claro, é uma referência para o longa Lenny, dirigido por Bob Fosse, que conta sobre o polêmico comediante Lenny Bruce. Novamente uma autocrítica.

Apesar das críticas à sua vida, feitas por ele mesmo, Bob Fosse era genial e vivia pela arte, morrendo de um ataque cardíaco em 1987, se preparando para novo show na Broadway, dando ao filme um ar profético. Um filme diferente, ousado e muito carismático que fala principalmente sobre o vazio existencial de seu protagonista e diretor, sendo muito corajoso ao ser brutalmente sincero.

Talvez um dos melhores filmes sobre a Guerra do Vietnã, *Apocalypse Now* (1979) também foi indicado ao Oscar de Melhor Filme. Sinto que esse é um dos melhores filmes, se não o melhor, justamente por ser tão completo, conseguindo trazer a atmosfera assustadora da guerra e suas consequências.

Com direção de Francis Ford Coppola, o longa recebeu oito indicações e levou para casa duas delas: Melhor Fotografia e Melhor Som. O filme tem como inspiração o livro Coração das Trevas de Joseph Conrad, publicado em 1902. Apesar de lançado em 1979 a ideia para o filme surgiu na mente de Coppola dez anos antes, mas, na época, o estúdio procurado não aceitou a proposta, achando que o diretor não tinha condições de comandar uma grande produção. Porém, isso mudou após o sucesso de *O Poderoso Chefão*.

Apocalypse Now (1979)- Imagem: Divulgação

Apesar de toda a luta para que o filme fosse produzido, também foi uma batalha finalizar ele. No cronograma original as filmagens seriam de apenas 6 semanas, mas a produção terminou se estendendo para 16 meses. Diversos motivos explicam essa demora: Marlon Brando ameaçou abandonar o filme diversas vezes, além de não ter lido o roteiro e aparecer bêbado diversas vezes, Martin Sheen, que interpreta o Capitão Willard, protagonista do longa, teve um ataque cardíaco durante a produção, e até um furacão apareceu e destruiu os sets de filmagem. O diretor inclusive ameaçou suicidio diversos momentos ao longo da produção.

No final, a esposa de Coppola, Eleanor, filmou um making off da produção do filme, que mais tarde foi lançado com o título: *Francis Ford Coppola – O Apocalipse de um Cineasta* (1991), um nome que acho que representa bem toda a experiência. Mas no final, acho que valeu a pena, já que o filme venceu, além do Oscars, a Palma de Ouro em Cannes e foi fortemente elogiado pela crítica.

No longa então acompanhamos o Capitão Benjamin Willard (Martin Sheen), que recebe a missão secreta de encontrar e eliminar o coronel Walter Kurtz (Marlon Brando), um militar altamente condecorado que enlouqueceu e está comandando um grupo de seguidores como uma espécie de deus em território cambojano.

Apocalypse Now (1979)- Imagem: Divulgação

Gosto bastante quando um filme traz uma missão a ser cumprida por um personagem e sinto que as obras de guerra que eu mais gosto são justamente as que trazem esse tipo de narrativa. No livro de Conrad a aventura se passa durante o colonialismo britânico, mas aqui Coppola adapta para a Guerra do Vietnã, cujo fantasma ainda aterrorizava diversos norte-americanos.

O longa traz uma forte crítica a passagem dos Estados Unidos no Vietnã, trazendo os absurdos dentro da guerra e de seus soldados. O filme então evidencia que mesmo os vietnamitas serem vistos como "selvagens", quem realmente se rendeu a brutalidade foram os próprios soldados norte-americanos, que jogam napalm sobre civis ao mesmo tempo se divertem surfando em praias durante a guerra como se fosse mais um dia de verão. Dessa forma, a obra de Coppola traz a ideia de que a civilização e a barbárie andam na verdade lado a lado, vendo as atrocidades brutais que os Estados Unidos cometeram com o objetivo de civilizar o Vietnã.

O filme tem um aspecto de pesadelo intensificado pela presença de muita fumaça, evidenciando os delírios e loucuras sofridas pelos soldados ao longo da guerra. A narrativa é praticamente dividida em várias histórias onde vamos cada vez mais adentrando a floresta e, por consequência, cruzando com cada vez mais loucura, com ataques cada vez mais repentinos, sendo muitas vezes preciso voltar aos instintos básicos para sobreviver, atirar antes de qualquer pergunta.

E claro, toda a presença do personagem de Marlon Brando explica muito isso. O coronel Kurtz vira uma figura quase que sobrenatural que constroi uma semi civilização que também

Apocalypse Now (1979)- Imagem: Divulgação

Apocalypse Now (1979)- Imagem: MUBI

se baseia muito na selvageria. É assustador ver o estado em que o coronel se encontra, de um colapso moral, basicamente consumido pela loucura, os horrores presenciados e o abandono de uma estrutura ética.

E esse tema não é algo questionado apenas por Coppola, sendo explorado também no livro O Senhor das Moscas, de William Golding, publicado em 1954, no qual crianças isoladas em uma ilha abandonam a ordem e mergulham em rituais violentos e primitivos, e também na série Yellowjackets (2021 - atualmente), em que adolescentes sobreviventes de um acidente de avião também constroem uma nova ordem baseada em instinto, trauma e desespero.
Em todas essas obras existe a "presença" do sobrenatural, que de certa forma alivia as brutalidades feitas pelos personagens, e na maioria delas esse "sobrenatural" é apenas uma invenção da loucura para justificar a transgressão cometida longe da sociedade. O poder que o medo tem de trazer à tona os instintos mais selvagens dentro de nós.

O longa ainda conta com uma trilha sonora memorável que acompanha diversas das cenas marcantes dentro da história, ressaltando ainda mais a brutalidade e violência vivida.

Apocalypse Now é um filme muito completo, trazendo uma forte mensagem antibélica e trazendo a realidade da insanidade da guerra a retratando como irracional. O longa também ao mesmo tempo fala sobre a natureza humana, em que no primeiro sinal de terror, nosso primeiro instinto é voltar à selvageria, tanto para lidar com os terríveis acontecimentos mas também para sobreviver, questionando o que nos separa dos instintos mais primitivos.

Mas nem tudo são flores. Para mim, o mais fraco dos indicados a Melhor Filme do ano é o longa *Norma Rae* (1979), que tem como base a vida de Crystal Lee Sutton, uma operária têxtil do sul dos EUA que se tornou símbolo da luta sindical.

Norma Rae (Sally Field) é uma operária de uma fábrica têxtil no interior dos EUA que, após conhecer o sindicalista Reuben Warshowsky

(Ron Leibman), desperta para as injustiças do trabalho que enfrenta todos os dias. Enfrentando patrões, colegas e até sua própria família, ela se torna uma líder na luta por melhores condições e direitos trabalhistas.

A história ressalta os perigos da ignorância, onde os operários viviam em condições terríveis de trabalho por não conhecerem seus próprios direitos. Acho legal que a narrativa mostra um afastamento de início dos trabalhadores com o sindicato, muito por conta de um medo, principalmente do desconhecido, o medo de sair do comodismo, o medo da situação que já é ruim, mas eles estão acostumados, ficar pior.

A narrativa então deixa evidente a desigualdade estrutural dos operários e empresários, em especial nas fábricas do sul dos EUA. A história então deixa clara a necessidade de organização e união dos trabalhadores, para conseguirem enfrentar os donos das fábricas por direitos melhores. O que é interessante é que essa "luta" não vem com violência, e sim com o silêncio e a resistência.

Essa luta não brutal também acaba contrastando com a própria fábrica onde os personagens trabalham. O local tem um barulho constante e ensurdecedor, tanto que a mãe de Norma no início do filme sofre com um problema de audição, sendo difícil até para nós espectadores assistimos as cenas lá dentro. E até por conta disso, cena em que os trabalhadores enfim se rebelam é mais forte, onde eles desligam máquinas, deixando apenas eles e o silêncio.

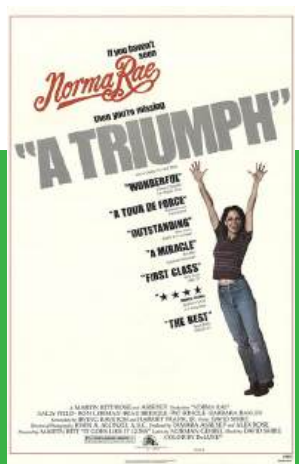
O grande acerto do filme é Sally Field como a protagonista. A atriz traz uma performance magnética mesmo interpretando uma pessoa real, com suas limitações e defeitos. Ela rouba qualquer cena pelo seu carisma e forte personalidade conforme entende que a luta por direitos é uma luta coletiva. Norma Rae não é a típica heroína, sendo impulsiva e explosiva diversas vezes, mas por necessidade e consciência acaba liderando uma revolução dentro da sua cidade.

Não que seja um filme ruim, longe disso, mas também não acho que seja uma grande história, principalmente em comparação com os outros indicados do ano, falta nele uma carga emocional maior, embora fiquei feliz dele não ter se transformado em um drama de relacionamento.

Ainda assim, *Norma Rae* evidencia os perigos da ignorância ressaltando a força da união civil, de certa forma trazendo uma mensagem otimista ao final de que com persistência e resiliência as coisas podem ser conquistadas. Tudo nosso nada deles, eu acho...

Norma Rae (1979)
Dir:Martin Ritt

A obra recebeu quatro indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Atriz (Sally Field) e Melhor Canção Original (It Goes Like It Goes). Inclusive, Sally Field foi a única indicada na categoria de Melhor Atriz que fazia parte de um filme indicado a Melhor Filme naquele ano.



Breaking Away (1979)- Imagem: TCM

BREAKING AWAY.

Acho que esse filme foi uma das grandes surpresas do meu desafio de assistir a todos os indicados a Melhor Filme. Isso porque o filme é sensacional e antes disso eu nunca sequer tinha ouvido falar sobre ele.

Breaking Away (1979), também conhecido como *O Vencedor*, tem direção de Peter Yates e traz um engraçado e emocionante coming of age. O longa recebeu cinco indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original.

O longa acompanha quatro amigos de uma pequena cidade lidam com as incertezas do futuro após o ensino médio. Dave (Dennis Christopher), apaixonado por ciclismo e pela cultura italiana, desafia as barreiras sociais ao competir contra estudantes universitários.

Breaking Away é um filme que bebe diretamente da fonte de American Graffiti (1974), falando sobre as incertezas da passagem da juventude para a vida adulta, onde acompanhamos amigos que vivem um tédio de verão desde que se formaram e tentam descobrir seu próximo passo.

O longa também fala muito sobre pertencimento. Ao longo da história, Dave é obcecado pela cultura italiana, ouvindo ópera e falando em italiano, o que enfurece seu pai. Apesar de render cenas muito engraçadas, essa escolha nada mais é do que um escapismo de Dave, que tenta fugir da sua realidade em uma cidade onde os nativos são vistos com desdém pelos ricos universitários.

E ao longo da história acompanhamos a jornada de Dave, treinando para competir em uma prova de ciclismo. O filme por sua simplicidade e por trazer temas universais de fácil identificação, que não só consegue se conectar com espectadores mesmo décadas depois de seu lançamento, mas também consegue fugir do clichê caricato, trazendo uma história divertida e emocionante que prende com facilidade por estarmos a todo momento torcendo pelo protagonista.

Além de Dave, outro personagem interessante dentro da história é Mike (Denis Quaid), um garoto que teve seu auge jogando futebol durante os anos de escola e que agora tem medo de falhar no próximo passo. O medo de Mike é tão grande que ele muitas vezes desmerece os amigos que tentam seguir em frente, querendo que todos fiquem ali com ele no mesmo estágio, praticamente sendo a personificação da frase “o medo de perder tira a vontade de ganhar”.

É interessante que o filme tem uma atmosfera de que algo ruim e traumático está prestes a acontecer com os personagens, meio parecido com *Conta Comigo* (1986) ou com *Vidas Sem Rumo* (1983), que também traz essa tensão entre os ricos e os pobres da cidade. Mas a grande jogada é que nada disso acontece, porém esse sentimento faz parecer que a vida ali é preciosa.

E o ponto alto da história é a amizade entre os quatro amigos, que ali estão dispostos a fazer o que for um pelo outro, trazendo um retrato muito legal de lealdade.

Breaking Away é sobre pessoas comuns, com dramas comuns e sonhos grandes e pequenos, um filme sobre todos nós que nos prende graças a essa sinceridade.

1981

Sinto que esse ano dentro do Oscar se destaca não só por seus filmes de diferentes temáticas e gêneros, que de certa forma todos estudam um só personagem complexo, mas principalmente pelos cineastas envolvidos nesses projetos, com nomes como Robert Redford, Martin Scorsese, Roman Polanski e David Lynch concorrendo em um mesmo ano.

O grande vencedor da edição de 1981 foi o longa *Gente como a Gente* (1980), que marcou a estreia de Robert Redford como diretor. O filme recebeu seis indicações e levou para casa quatro delas: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator Coadjuvante (Timothy Hutton) e Melhor Diretor, sim, na estreia dele como diretor.

O filme é uma adaptação do livro de mesmo nome escrito por Judith Guest, publicado em 1976.

O filme acompanha a história do filho mais novo da família Jarrett, Conrad (Timothy Hutton) que tenta voltar à vida normal após ser internado por tentar se suicidar devido a culpa e o sofrimento da morte de seu irmão.

O longa toca em muitos assuntos que na época não eram discutidos, como as doenças mentais e o suicidio, nos colocando dentro da casa daquela família que tem uma atmosfera de melancolia. O roteiro é bem escrito e sai do básico trazendo esses assuntos de maneira sutil e emocionante, com muitos diálogos tensos e cheios de mágoa.

O foco principal são os relacionamentos entre Conrad e seu psiquiatra (Judd Hirsch), sua mãe (Mary Tyler Moore) e seu pai distante (Donald Sutherland), mostrando como a morte do irmão afetou suas relações.

Mesmo sendo seu primeiro trabalho como diretor, Robert Redford conduz o filme de uma forma simples e elegante, apostando muito em planos médios e closes que realçam as atuações, que são o grande destaque dentro do filme.

Mary Tyler Moore representa uma personagem muito complexa, que pode parecer egoísta e fria em alguns momentos e em outros deixa extremamente claro seu sofrimento pela morte de seu filho, e isso a torna mais humana, aproximando-a do telespectador.

Compondo as grandes atuações têm Donald Sutherland, que interpreta um pai preocupado, porém distante que não sabe mais o que fazer para manter o equilíbrio de sua família. E Judd Hirsch, que interpreta um psicólogo seguro que trata Conrad como um adulto, mesmo que com certa frieza.

E claro, o protagonista do longa, Timothy Hutton que entrega um personagem inseguro e ansioso apenas pela forma de andar e o jeito de se portar diante das pessoas, conseguindo passar esse nervosismo para os espectadores. O personagem traz uma dor visível, nos fazendo sentir por ele.

A fotografia e paleta de cores do filme trabalham de uma forma criativa com a dramaticidade do filme e as emoções do personagem, usando cores sem vida tanto nos cenários como nos figurinos, dando um enfoque ainda maior na melancolia passada pelos personagens. Além

Gente como a Gente (1980) - Imagem: Divulgação

O Destino Mudou sua Vida (1980)- Imagem: Divulgação

disso, conforme o desenvolvimento do filme, a fotografia passa a destacar ainda mais angústia de Conrad, com as sombras no escritório do psiquiatra, sendo extremamente escuro e bagunçado, chegando a ser claustrofóbico.

Gente Como a Gente é um filme emotivo e muito bonito que sai de ser apenas mais um drama, apresentando as angústias dos Jarrett que são absolutamente universais, assim, gente como a gente.

E na minha opinião, o mais fraco dentre os indicados desse ano: O Destino Mudou Sua Vida (1980). Pode ser que eu seja meio culpada de não ter gostado tanto já que não sou a pessoa mais chegada no country, mas pra mim esse foi um filme que não fede e nem cheira.

Com direção de Michael Apted, o longa recebeu sete indicações ao Oscar e levou para casa uma estatueta: Melhor Atriz para Sissy Spacek, que interpreta a protagonista, a Rainha da Música Country, Loretta Lynn. A história, inclusive, é baseada na autobiografia da própria Loretta, co-escrita com George Vecsey, publicada em 1976.

O filme, então, acompanha Loretta Lynn (Sissy Spacek) desde sua infância pobre no interior do Kentucky. Aos 13 anos, ela se casa com Doolittle "Mooney" Lynn (Tommy Lee Jones) e começa uma vida difícil como dona de casa e mãe de vários filhos. Mas tudo muda quando Mooney descobre seu talento musical e a incentiva a cantar e compor.

Apesar do filme contar sobre a carreira de Loretta, o grande tema central é seu casamento e seus altos e baixos. Doolittle é um homem controlador que manipula Loretta diversas

vezes, sendo o principal causador das baixas do casamento. Olhando com os olhos de hoje é impossível não se sentir compadecido e indignado pela vida da menina, repare na palavra homem e menina, que é tirada de casa aos 13 anos para virar uma esposa e é constantemente maltratada pelo marido. Infelizmente, essa era uma realidade extremamente realista, tanto que o filme é elogiado justamente por trazer com sinceridade a vida das comunidades mineradoras do sul dos Estados Unidos, e a realidade de diversos casamentos.

Grande destaque do filme são as atuações e trocas entre Sissy Spacek e Tommy Lee Jones. Spacek vive Loretta Lynn uma mulher que se torna um ícone do country, lutando pelo seu lugar já que era um gênero fortemente comandado por homens, e conquistando um público fiel. E ao longo da história acompanhamos Loretta passar por uma grande transformação, indo de uma jovem quieta e infeliz, que apenas fazia o que seu marido mandava, para uma adulta cheia de vida e sonhos que se torna forte o suficiente para lutar por eles, se defendendo de seu marido.

E Tommy Lee Jones aqui interpreta um homem patético, que nada mais é do que um retrato do homem comum e machista da época. O casamento entre Doolittle e Loretta se torna ainda mais doloroso de assistir já que no começo da relação dos dois ele se mostra uma pessoa boa, enganando Loretta e nós espectadores.

O Destino Mudou sua Vida (1980)- Imagem: Letterboxd

Tess (1980)- Imagem: Divulgação

O filme foi um sucesso de crítica e ajudou a perpetuar a imagem de Loretta como um dos grandes nomes do country, além de apresentá-la para uma geração mais jovem. Mas honestamente, ele me pareceu diversos outros filmes biográficos de artistas. Talvez na época tenha sido algo impressionante, mas olhando com os olhos de hoje ele acaba caindo na mesmice de tantos outros.

Ainda sobre o papel das mulheres, no mesmo ano um dos indicados foi o drama *Tess*. Dirigido por Roman Polanski, o longa tem como base o livro Tess of the d'Urbervilles, de Thomas Hardy, publicado em 1891, e traz sobre a tragédia dos efeitos do destino, da classe social e da moralidade vitoriana sobre a vida de uma jovem mulher.

O longa recebeu seis indicações e levou para casa três delas: Melhor Fotografia, Melhor Direção de Arte e Melhor Figurino.

A história acompanha Tess Durbeyfield (Nastassja Kinski), uma camponesa inglesa que, ao descobrir que descende de uma família nobre decadente, é enviada por seus pais para se conectar com os ricos d'Urbervilles. Lá, ela conhece Alec d'Urberville (Leigh Lawson), que a violenta, um evento traumático que transforma sua vida.

Talvez a melhor forma de resumir esse filme é com a palavra sofrimento. Algo passado pela protagonista diversas vezes ao longo das duas três horas de duração. E até pela sua duração, acompanhamos uma grande jornada da nossa protagonista, Tess.

A história tem um tom realmente assustador, justamente por ser tão fielmente baseada na realidade, e nos fazer questionar quantas mulheres que já não passaram pelo mesmo vivido por Tess. Dessa forma, o filme vem para criticar a opressão da sociedade vitoriana sobre as mulheres, impondo normas e regras que, não só não se aplicavam aos homens, como também, quando descupridas, acabavam com a vida dessas mulheres, já que a sociedade praticamente as abandonava.

Nastassja Kinskiv traz uma grande performance conseguindo captar nossa atenção mesmo com poucos diálogos. A atriz fala muito pelos seus olhos, deixando sempre clara sua indignação e raiva. E acho que isso é uma das coisas que eu mais gosto na personagem, mesmo sincera com seus sentimentos, quando as coisas acontecem ela não fica somente triste, e sim com raiva, algo que consegui me relacionar com a personagem.

O filme se torna muito melancólico ressaltado pela trilha sonora, muito bonita por sinal, justamente por retratar toda a história de Tess como uma injustiça, já que as coisas que aconteceram com ela não estavam sob seu controle, conseguindo passar essa impotência para o espectador através da relação que criamos com a protagonista, sempre torcendo por ela e se sentindo indignados por ela.

Tess nos toca pela tragédia de sua história com uma protagonista condenada a pagar sempre o que aconteceu com ela no passado. É uma luta sem fim, com ela pagando aquilo que não causou nem escolheu, sendo obrigada a isso por conta da sociedade ao seu redor.

Tess (1980)- Imagem: TCM

E, com direção de David Lynch, um dos indicados do ano foi *O Homem Elefante* (1980). O filme conta a história real de Joseph Merrick, um homem com deformidades físicas severas que viveu na Londres vitoriana e foi tratado como aberração pela sociedade.

O longa tem como base duas obras publicadas: "The Elephant Man and Other Reminiscences" (1923), de Sir Frederick Treves, e "*The Elephant Man: A Study in Human Dignity*" (1973), de Ashley Montagu. Além de Melhor Filme, o filme recebeu outras 7 indicações, mas infelizmente não venceu nenhuma.

Em Londres no século XIX, John Merrick (John Hurt) é um homem com deformidades extremas, explorado em espetáculos de "shows de horrores". Quando o médico Frederick Treves (Anthony Hopkins) o encontra, percebe que por trás da aparência assustadora existe uma mente sensível, inteligente e gentil. Treves leva Merrick para o hospital e passa a lutar por sua dignidade, tentando inseri-lo na sociedade.

Longa trata bastante sobre a compaixão, mostrando principalmente o relacionamento de Treves com Merrick, em que finalmente ele é tratado com dignidade como ser humano. Gosto bastante do questionamento que Treves tem ao longo da sua amizade com Merrick, se até que ponto essa "ajuda" não pode se tornar uma forma sutil de exploração.

Com esse questionamento também o filme traz uma crítica a sociedade do entretenimento

O Homem Elefante (1980)- Imagem: MUBI

O Homem Elefante (1980)- Imagem: Divulgação

e como essas pessoas vivem para consumir o sofrimento alheio, evidenciando que esse consumo não é restrito apenas nos circos, onde John é tratado como um animal, mas também na forma como a elite vê Merrick como uma curiosidade exótica.

O filme também emociona com muita facilidade, justamente por conseguir sem qualquer dificuldade fazer com que a gente se conecte e sinta por John Merrick, nos deixando indignados quando o personagem é maltratado ou insultado. Até porque, a maioria dessas agressões vem de forma repentina, sem qualquer motivo, apenas por conta da aparência de Merrick. Emocionando justamente pela indignação de ver alguém tendo que implorar para ser visto e tratado como humano.

O filme também é um destaque graças ao seu estilo surrealista. Filmado em preto e branco o longa passa uma atmosfera sombria que remete a uma época mais antiga e remete ao expressionismo alemão, conseguindo passar uma atmosfera melancólica e a opressão feita pela sociedade.

Mesmo John Merrick sendo visto pelos outros como um monstro, o longa vem para expor que os monstros na verdade são aqueles crueis e superficiais, com isso trazendo o questionamento sobre o que define a humanidade — aparência ou essência?

Touro Indomável (1980)- Imagem: Divulgação

TOURO INDOMÁVEL.

E o primeiro Oscar de Martin Scorsese não deveria ter vindo só em 2007 com *Os Infiltrados* (2006) e sim em 1981 com o *Touro Indomável*. Apesar de gostar bastante de quase todos os indicados, é indiscutível que nessa seleção de filmes quem se destaca é a obra de Scorsese.

O filme é uma biografia do boxeador Jake LaMotta acompanhando sua ascensão e queda dentro do mundo do boxe, explorando sua complicada personalidade e autodestruição. O filme então não se trata de uma história de esporte, e sim de uma narrativa acompanhando um ambíguo personagem.

O longa recebeu oito indicações ao Oscar e levou para casa duas delas: Melhor Ator para Robert De Niro, o consagrando como um dos grandes atores da década, e Melhor Edição.

O filme representa um importante momento na carreira do diretor e do seu protagonista. Para Scorsese, *Touro Indomável* era a sua grande chance de sucesso. Depois do fracasso de New York, New York (1977), o diretor se voltou para as drogas vivendo um período tenebroso de sua vida, ele precisava de um sucesso.

Já para De Niro, esse era o momento de se consagrar como um dos grandes atores da geração. E bom, nem preciso falar que isso deu muito certo para os dois.

O filme então conta sobre a vida de Jake LaMotta (Robert De Niro), um boxeador cuja violência e temperamento que o levaram até o topo dos ringues destruíram a sua vida fora deles.

Touro Indomável é um filme sobre uma violência desenfreada e o ciclo que ela se encontra. Conforme avança com sua carreira profissional, se tornando cada vez mais conhecido, Jake afunda sua vida pessoal, descontando sua infelicidade naqueles ao seu redor.

Apesar de toda a fama e reconhecimento, a fúria e a raiva não se esvaiam. Há quem diga que o filme metaforiza com perfeição a época que Scorsese vivia.

Um dos grandes destaques dentro filme são as cenas dentro da arena de luta, sendo até hoje vistas como referência pela maneira como foram filmadas e fotografadas. O ringue é retratado quase como um sonho, com muita fumaça ao seu redor, representando um ponto de escape para o protagonista, onde ele pode descontar sua raiva.

Com uma única câmera, Scorsese acompanha a luta de dentro do ringue, na cara da ação, conseguindo passar o realismo dos movimentos dos lutadores e suas pancadas, gerando até uma agonia para quem assiste, quase lutando junto com os personagens. E nessas cenas outro grande destaque são os sons de pancadas, extremamente vividos, conseguindo nos colocando na mente do protagonista

E talvez um dos grandes diferenciais dentro do filme: seu protagonista. Jake é uma pessoa terrível e tem um comportamento intenso, destratando sua esposa Vickie (Cathy Moriarty) e seu irmão Joey (Joe Pesci).

Touro Indomável (1980)- Imagem: Divulgação

Jake tem uma fúria inesgotável, sentida por nós dentro e fora do ringue, mas que durante as lutas se tornam uma qualidade, se mantendo em pé após diversas pancadas por conta de sua fúria. Porém, fora dos ringues, essa é sua grande fraqueza.

O personagem usa essa agressividade como uma armadura emocional, se isolando dos outros, e sendo cada vez mais corroído por isso.

Ele é um personagem difícil de acompanhar, o que causa um certo desconforto e explica a reação inicial da crítica quando o filme foi lançado, Jake é grosseiro, paranoico, ciumento e seu comportamento e a violência que ele incentiva dentro e fora do ringue é o que acaba o destruindo. Ele vive a vida como se estivesse sempre dentro do ringue, preparado para partir pra cima de quem quer que entre em seu caminho, quando na realidade seu maior inimigo é ele mesmo.

E justamente o que me ganhou nesse protagonista é o fato de Scorsese não o apresentar como um grande homem complexo e sim como um homem patético, que não percebe o próprio destino que cria e se recusa a mudar. E Robert De Niro interpreta o personagem com perfeição, sendo uma de suas grandes performances.

O filme é um retrato sobre um homem em guerra consigo mesmo, mostrando a trágica vida de Jake LaMotta que foi marcada por violência constante que so gerava mais violência. Sua infelicidade fora dos ringues entra descontada dentro e vice-e-versa.

É um filme dificil de se acompanhar por conta de seu protagonista controverso, mas a sensação que isso gera em nós é a grande vitória do longa; Sentimos raiva do protagonista, assim como ele sente daqueles ao seu redor, assim garantindo ainda mais imersão, por recebermos parte da raiva e fúria que Jake sente.

Touro Indomável (1980)- Imagem: Divulgação

Carruagens de Fogo (1981)- Imagem: Divulgação

1982

Talvez trazendo uma das mais icônicas trilhas de corrida na história do cinema, o grande vencedor da noite foi *Carruagens de Fogo* (1981). Com direção de Hugh Hudson o longa recebeu sete indicações e levou para casa quatro prêmios: Melhor Filme, Melhor Roteiro Original, Melhor Figurino e Melhor Trilha Sonora Original.

Carruagens de Fogo conta a história de homens com vivências paralelas e que são conectados pelo amor ao esporte e o desejo de ganhar. De um lado temos Eric Liddell (Ian Charleson), um cristão escocês que deseja ser um missionário e que corre por seu amor à Deus. Já o segundo, o judeu britânico Harold Abrahams (Ben Cross), sofre preconceito e corre para lidar com o antissemitismo, e tem as OlimpÍadas de 1924 como objetivo.

O roteiro do filme funciona muito bem com os dois protagonistas com motivações e personalidades diferentes, tendo apenas a dedicação e a paixão por correr como única semelhança. Apesar disso, sinto que é possível se identificar com ambos os protagonistas, principalmente pela ambição de ambos envolvidos no esporte e os questionamentos que isso traz para ambos.

Além de falar muito sobre os conflitos internos dos personagens, muito relacionados à fé, a religião, o sacrifício, pertencimento e a cultura, o longa também aborda os problemas externos a eles como a xenofobia e o fanatismo religioso. Também por ambos terem objetivos completamente diferentes, o filme traz questionamentos sobre o que significa vencer, se tornando um símbolo de inspiração e uma das referências quando falamos de obras sobre superação esportiva.

Ian Charleson faz um ótimo trabalho interpretando um personagem que tem diversos receios tentando conciliar a fé com o esporte, encontrando no esporte uma forma de honrar a Deus. Já Ben Cross traz um personagem muito determinado para ganhar, mas que anseia ser aceito pela sociedade.

Mas de longe o mais marcante do filme é sua trilha sonora. Não é atoa que um de seus principais momentos do filme são os atletas correndo na praia enquanto toca a marcante ¨*Chariots Of Fire*¨ de Vangelis, que se imortalizou como um dos símbolos da competição esportiva.

Os figurinos e cenários são bem verídicos, transportando o público para os anos 1920 com os uniformes dos atletas, o estádio pequeno e os trajes formais usados pelo público dos jogos Olímpicos. A fotografia do filme aposta em cores claras e em planos que realçam a beleza dos campos escoceses.

Mas apesar desses fatores, pra mim ele foi um filme extremamente cansativo, não conseguindo me prender. Além disso, por abordar vários temas, muitos momentos ficam apressados ou muito desconexos com o restante da história. Sinto que é uma obra que se mantém viva graças a sua trilha sonora, mas honestamente não é um longa que eu tenho vontade de revisitar.

Fazendo parte da seleção de filmes indicados de 1982 temos *Reds* (1981). O longa foi dirigido, co-

escrito, produzido e protagonizado por Warren Beatty, e conta a história da vida John Reed, um jornalista e ativista, "*Dez Dias que Abalaram o Mundo*", relato da Revolução Russa de 1917, e seu relacionamento com Louise Bryant. É meio impressionante ver um filme assim indicado ao Oscar em plena Guerra Fria abordando abertamente temas como socialismo, revolução, luta de classes e os conflitos ideológicos.

O filme recebeu doze indicações ao Oscar, um número bem alto para a época, sendo um destaque nas categorias de atuação com indicações para todo o elenco principal, e levou para casa três estatuetas: Melhor Direção, Melhor Atriz Coadjuvante (Maureen Stapleton) e Melhor Fotografia.

O longa acompanha a trajetória de John Reed (Warren Beatty) desde seus dias como jornalista e intelectual radical nos Estados Unidos, passando por sua paixão intensa e conturbada por Louise Bryant (Diane Keaton), também escritora. O filme conta sobre sua imersão no movimento socialista e comunista, culminando com sua participação na Revolução Russa.

O filme acompanha a agitação política nos Estados Unidos que surge nas precárias condições de trabalho dos operários, o que faz crescer os movimentos socialistas. John Reed foi um grande articulador desses movimentos sendo quase que puxado sempre em momentos de agitação para falar em público, sendo um grande orador.

Reds (1981)- Imagem: Divulgação

Reds (1981)- Imagem: Divulgação

Com isso também o filme fala sobre a importância do jornalismo durante grandes revoluções, até pela sua participação dentro da Revolução Russa, sendo um importante agente.

Além da história, o filme também tem um tom meio documental, com entrevistas com pessoas que viveram esse período, contando sobre suas observações sobre John Reed e a época em que se viviam. Através desses relatos o filme evidencia como dentro da história um mesmo evento pode ser observado e sentido de diversas maneiras, explicando assim como as coisas não são tão simples. A relação mesmo com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, visto por alguns como uma missão suicida e outros como uma forte representação patriótica.

O filme se divide como um grande épico e em outros como uma obra intimista. Sinto que essas questões foram o que garantiram a estatueta de Melhor Direção. O longa traz grandes momentos da história contadas em uma longa jornada de mais de 3 horas de duração, mas ao mesmo tempo se mantém íntimo, e até próximo de nós, por conta dos problemas de relacionamento enfrentados por John e Louise, sendo esses meus momentos favoritos.

Falando sobre a relação de John e Louise sinto que o filme traz um retrato muito interessante entre a dinâmica do casal. Louise é uma mulher apresentada para nós como extremamente independente, mas que, em seu relacionamento com John acaba se tornando dependente sem perceber, até por muitas vezes ser jogada de lado dado a prioridade de Jack pela luta trabalhista. É uma personagem que constantemente é jogada para as sombras de seu companheiro famoso e que busca reconhecimento intelectual, querendo ser mais do que apenas a esposa de John Reed, sendo dividida entre a escolha da liberdade e o amor. O relacionamento dos dois tem muitos altos e baixos ao longo da história, falando principalmente sobre cumplicidade e como isso foi criado entre os dois personagens ao longo da jornada.

Reds (1981)- Imagem: Letterboxd

Já John Reed é um personagem que nos é apresentado como um grande jornalista, responsável por cobrir um dos eventos mais importantes da história: A Revolução Russa. Warren Beatty traz uma de suas grandes performances interpretando esse homem claramente apaixonado pela luta socialista, disposto a morrer pela revolução. A performance de Beatty nos conquista por conta de seu carisma, mas ele nunca é demonstrado como um grande heroi e sim como um personagem extremamente falho e complexo.

Um dos pontos mais interessantes da história também é a desilusão passada por Reed. O jornalista passa o filme todo dando tudo de si e mais um pouco lutando pela causa, mas gradualmente percebe a enorme burocratização, opressão e distanciamento que isso vai gerando. Com isso o filme fala principalmente sobre a fascinação existente dentro dos ideais revolucionários, trazendo um olhar crítico sobre os limites de uma causa. Ao final do longa Reed precisa ir até o fim, mesmo já se questionando sobre os ideais que lutavam, se não teria dedicado sua vida a isso atoa.

Apesar de todas as questões interessantes dentro da história, devo admitir que eu senti cada um dos minutos dessas 3 horas de duração. Acho que o filme traz questionamentos interessantes sobre a prática do idealismo, revolução e o papel do jornalismo, mas ele acaba perdendo o espectador durante suas conversas revolucionárias, com muitas e muitas palavras grandes que vão nos cansando.

Reds é um filme jornada, é um longa extremamente corajoso para a época falando sem medo sobre diversas temáticas consideradas

tabu e conseguindo trazer reflexões para os espectadores.

Também no mesmo ano temos o filme *Atlantic City* (1980), com direção de Louis Malle, que recebeu cinco indicações, porém não levou nenhum prêmio para casa.

Lou (Burt Lancaster) é um velho gângster decadente que vive de memórias e pequenos favores em uma cidade à beira da ruína. Ele conhece Sally (Susan Sarandon), uma jovem ambiciosa que trabalha em uma peixaria e sonha com uma nova vida como crupiê. Quando o ex-marido de Sally aparece com drogas, Lou vê a chance de reviver seus dias de glória. Juntos, os dois tentam escapar da estagnação que os cerca.

O filme aproveita o contexto de Atlantic City, uma cidade em forte crescimento, apesar de ainda estar em construção, onde muitos vão para se reinventar, para falar de desilusões. Lou é um ex-mafioso que vive no automático, cuidando da esposa do seu falecido chefe, lidando com sua própria irrelevância, até que um dia recebe a chance de sair desse lugar com uma proposta de dinheiro.

No meio disso, ele se conecta com Sally, uma garota jovem cheia de sonhos e esperanças, o que o faz querer recomeçar. A relação dos dois é o foco do longa, porém é um romance bem diferente, parecendo mais um desespero por conexão humana e uma fuga da solidão do que amor verdadeiro.

Gosto da ideia de um mafioso covarde e uma história repleta de decisões idiotas, neste sentido ele lembra bastante *Fargo* (1996), mas não consegui me conectar com a história ou com os

Atlantic City (1981)- Imagem: Divulgação

personagens, e não me importava com o destino deles.

Já protagonizado por Katherine Hepburn e Henry Fonda, outro indicado é *Num Lago Dourado* (1981), um perfeito filme sessão da tarde. O longa recebeu dez indicações, levando para casa três estatuetas: Melhor Ator (Henry Fonda), Melhor Atriz (Katherine Hepburn) e Melhor Roteiro Adaptado, sendo baseado na peça de teatro de mesmo nome (1979) escrito pelo também roteirista Ernest Thompson. Norman Thayer Jr. (Henry Fonda) passa o verão com sua esposa Ethel (Katharine Hepburn) em sua casa à beira de um lago. A rotina tranquila é interrompida quando sua filha distante, Chelsea (Jane Fonda), chega com o novo namorado e o filho dele, pedindo para os pais cuidarem do garoto durante um mês.

Um dos grandes focos da história são as diferenças geracionais entre Chelsea e seu pai, algo que complica seu relacionamento ao longo de diversos anos. Ambos não se entendem e por conta disso vivem no ressentimento, se recusando a falar sobre isso. Sinto que a trama acaba ficando mais profunda por vermos pai e filha (Henry e Jane Fonda) nos papeis.

A diferença entre os dois não é mostrada de forma explícita, com gritos e discussões, e sim com gestos sutis, em que vemos Chelsea se magoar com o pai e ele sem ter ideia de que a magoou, e depois ficar se questionando de

Numa Lagoa Dourada (1981) - Imagem: MUBI

porque a filha não os visita constantemente. A atuação de Jane Fonda, nessas sutilezas, é muito efetiva, conseguindo nos passar com facilidade a decepção que ela sente ao ver como o pai não percebe o quanto a chateia, sem fazer esforço nenhum para criar laços com ela.

Num Lago Dourado (1981) - Imagem: Divulgação

A história se intensifica quando o filho do namorado de Chelsea, Billy (Doug McKeon), passa um mês na casa dos dois e consegue criar uma conexão forte com Norman, criando o vínculo que nunca conseguiu ter com a própria filha. Muito disso se dá por conta da personalidade de Billy, que ataca os comentários de Norman na mesma moeda, tendo mais afinidade com ele. O filme mostra relacionamentos reais, Norman ama sua filha, mas eles não conseguem se entender, o que não significa que seu amor não seja profundo.

O termo sessão da tarde também vem pelo longa evidenciar o bonito relacionamento entre Ethel e Norman. Os dois têm uma longa e duradoura relação, baseada em cumplicidade, paciência, memórias e admiração. Eles discordam, provocam-se, cuidam um do outro, mas o amor nunca é dúvida.

E por já serem idosos, o filme toca em temas como a morte e sua chegada, o que aumenta a carga emocional da narrativa. Norman é quem mais sofre com o envelhecimento dentro da história, com lapsos de memória e por vezes uma confusão mental. Mas esse não é o foco principal do filme, então a exploração do tema é superficial.

Para ser sincera eu não esperava gostar tanto do longa, mas ele me prendeu com facilidade do começo até o fim, muito por conta dos atores e suas performances, não é atoa que todo o elenco principal recebeu indicações ao Oscar. Todos entregam personagens interessantes que queremos conhecer mais sobre. E além de tudo isso, fala de diversos temas em uma história que, mesmo às vezes falando sobre morte, ainda se mantém leve e divertido.

INDIANA JONES E OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA.

Talvez eu seja muito clubista por sempre pender a dar a estatueta para os filmes do Spielberg ou do Scorsese, mas acreditem, eu estou sendo extremamente sincera ao falar que eu acho que *Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida* merecia ter levado a estatueta de Melhor Filme.

Na época era um pensamento maluco achar que sequer tinha chance da Academia premiar o longa, mas sinto que o filme é um dos que melhor representa a década de 1980, trazendo inovações técnicas para o cinema, principalmente em movimentos de câmera e efeitos visuais, além de ser uma história muito divertida de uma das aventuras do arqueólogo Indiana Jones, o começo de uma das grandes sagas do cinema, e, na minha opinião, o melhor filme de aventura de todos os tempos.

E isso não sou só eu que estou dizendo já que em 1999 o filme foi incluído no Registro Nacional de Filmes pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, que selecionam as obras que são "cultural, histórica ou esteticamente significativos".

O filme custou $18 milhões de dólares e arrecadou quase $240 milhões de dólares. O longa levou para casa quatro estatuetas: Melhor Direção de Arte, Melhor Som, Melhor Edição e Melhor Efeitos Visuais. Foi indicado ainda nas categorias de Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Fotografia e Melhor Trilha Sonora.

O longa se passa em 1936 e acompanha Indiana Jones, um arqueólogo que é contratado para encontrar a Arca da Aliança, que segundo as escrituras bíblicas conteria "Os Dez Mandamentos". A lenda porém continua e garante que quem possuir a arca terá um exército invencível, assim Indiana Jones precisa achar a arca antes que Adolf Hitler a encontre.

A ideia de fazer um filme sobre um arqueólogo surgiu porque Steven Spielberg sempre quis fazer um filme de James Bond e então George Lucas sugeriu que um filme sobre as aventuras de um arqueólogo seria mais interessante. O heroi inclusive foi batizado por George Lucas com o mesmo nome de seu cachorro, da raça malamute.

Existem muitos fatores que fazem Indiana Jones ser tão bom, um deles é seu roteiro. O roteiro, apesar de escrito por Lawrence Kasdan, é uma criação de George Lucas, que traz uma história com espionagem, ficção da história real, cheia de momentos de ação e claro muita aventura, mas ainda o mantém de bom humor. O que é interessante de se analisar é que as consequências existem, acreditamos que os personagens podem morrer, mas ainda sim o filme não fica com um clima pesado em nenhum momento entregando a quantidade perfeita de humor e aventura.

Outro destaque dentro do filme é na criação de um dos mais marcantes *MacGuffins* da história do cinema. O *Macguffin* é um termo criado pelo Alfred Hitchcock que basicamente significa um objeto, pessoa ou qualquer coisa cuja natureza não importa e que tem como objetivo mover a trama. E aqui temos a Arca da Aliança, que é um objeto místico, que gera um extremo interesse e curiosidade. O filme gira em torno de Indiana e dos nazistas tentando chegar a ela, porém se, por exemplo, fosse outra relíquia

Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida (1981)- Imagem: Divulgação

histórica não mudaria a narrativa, sendo relevante para a história como um “objetivo” para os personagens.

Outra razão que explica o sucesso do filme é o personagem Indiana Jones. O heroi é um dos mais icônicos personagens da cultura pop e apesar de trazer alguns estereótipos consegue se manter único. O protagonista é extremamente inteligente, trabalha muito com improviso e acaba ganhando por seu humor ácido herdado do próprio Harrison Ford que interpreta o personagem.

Originalmente era para o ator Tom Selleck - sim, o Richard de Friends - viver o personagem, sendo a primeira opção de Steven Spielberg mas a CBS acabou proibindo legalmente o ator de participar do filme por ele estar na série Magnum (1980 - 1988). Outros nomes como Steve Martin, Bill Murray, Chevy Chase e até Jack Nicholson também foram cotados para o papel e Jeff Bridges chegou a ser chamado para viver o personagem mas acabou recusando. Foi então que Spielberg sugeriu o nome de Harrison Ford para o papel. George Lucas ficou relutante, pois ele já era Han Solo em Star Wars, mas foi convencido pelo companheiro de trabalho.

E então Harrison Ford só foi escalado com menos de 20 dias antes do início das filmagens e essa foi uma das melhores decisões que eles tomaram. O personagem vem muito de Ford e sua personalidade, e o ator de fato é o Indiana

Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida (1981)- Imagem: Divulgação

Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida (1981)- Imagem: Divulgação

Jones, e hoje não vejo um mundo onde exista um reboot com outra pessoa interpretando o personagem. Acho que essa conexão com ator e personagem ajuda muito também na conexão entre público e filme, já que acabamos comprando mais tudo que é exposto.

E bom, o ator também por conta disso acaba conhecendo mais o personagem. Uma das mais famosas histórias de bastidores no roteiro original de *Caçadores da Arca Perdida* previa uma longa luta entre um homem com uma espada e Indiana Jones. Entretanto, como Harrison Ford estava com diarreia no dia de filmar esta cena, perguntou ao diretor Steven Spielberg se ela poderia ser diminuída e sugeriu, em tom de brincadeira, que Indy resolvesse o problema apenas sacar sua arma e atirar no homem. Todos os presentes riram da ideia e o diretor decidiu filmá-la exatamente deste modo. E a entrega da cena apesar de surpreendente ocorre de maneira natural exatamente como esperamos do personagem, nada fica destoante ou incoerente.

Os vilões do filme também são incluídos de uma forma interessante. Até por se tratar dos nazistas, não é necessário trazer nenhum tipo de introdução a respeito deles e muito menos mostrar Hitler. Só pelos estereótipos do grupo, uso das suásticas e objetivos a serem alcançados já sabemos exatamente tudo que eles são e querem.

Mas mesmo com todos esses fatores o filme só é o que é por conta da direção de Steven Spielberg. Vocês já sabem que o Spielberg é meu diretor favorito já que eu faço questão de relembrar isso quase toda a crítica que envolve ele, mas o que

Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida (1981)- Imagem: Divulgação

Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida (1981)- Imagem: Divulgação

vocês não sabem é que Indiana Jones talvez seja meu filme favorito do diretor. Claro, tem um apego emocional já que eu assisti o filme quando era criança e joguei muito o jogo Lego Indiana Jones, mas ainda sim ele é um filme que beira a perfeição se é que não atinge ela.

No início do longa já somos jogados para dentro da narrativa acompanhando esse grupo de exploradores. Dentro das cenas é quase como se fizéssemos parte do grupo e sentíssemos a coragem do líder Indiana antes mesmo de conhecer ele. A maneira como o Spielberg realiza a introdução do personagem é de fato impressionante e revela muito sobre ele antes mesmo de qualquer cena de ação. E aí, quando você pensa "ok não tem como ficar melhor", simplesmente vem uma das mais marcantes cenas da história do cinema, onde Indiana Jones foge de uma bola de pedra, e a melhor parte é que isso é só o começo do filme e tem muito pela frente.

O filme também é um destaque graças aos seus efeitos especiais. Por se tratar dos anos 1980 e de Steven Spielberg diversas cenas foram realizadas com efeitos práticos, que aumentam o realismo. Uma das cenas mais marcantes do filme acontece no seu final, que conta com o uso de diversos bonecos de plástico. Por conta dos efeitos realistas, o filme ganhou originalmente uma classificação alta e para se livrar disso o cineasta adicionou algumas faíscas de fogo na frente para ficar menos gráfico.

E claro, impossível falar de um filme de Steven Spielberg sem falar do John Williams, que aqui escreve uma de suas melhores trilhas sonoras combinando e melhorando diversos momentos dentro da história, fazendo referência às cenas de aventura, perigo e até romance.

Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida é um dos filmes que mudou a minha vida, me apresentando a uma história de aventura perfeita. É um filme mágico que, mesmo assistindo anos depois, ainda mantém sua magia.

1983

Voltando um pouco com a ideia de grandes filmes épicos, em 1983 o grande vencedor da noite foi o longa *Gandhi* (1982), com suas 3 horas e 11 minutos de duração. Com direção de Richard Attenborough, o longa recebeu onze indicações, levando para casa oito delas incluindo Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator (Ben Kingsley) e Melhor Roteiro Original.

O filme conta a história de Mohandas Karamchand Gandhi (Ben Kingsley), conhecido mundialmente como Mahatma Gandhi, um símbolo da paz, que pregava uma luta não violenta. O longa o acompanha desde o começo de sua jornada, em 1893, até o dia de sua morte, em 1948.

O roteiro do longa mostra os grandes acontecimentos na Índia e a participação e história de Gandhi, focando bastante nas suas escolhas a partir destes eventos. A montagem do filme consegue prender a atenção do filme muito bem, mesmo com sua longa duração, com saltos no tempo muito bem colocados junto com uma narrativa linear. Além disso, o diretor apresenta alguns momentos da vida de Gandhi sem mostrar na tela, destacando-os através de uma fala.

Ao trazer a história de Gandhi o filme fala bastante sobre o colonialismo e a opressão vivida por diversos países, aqui principalmente a Índia, evidenciado não só a violência bruta mas também a humilhação cultural, a exploração econômica e o racismo institucionalizado passado pelo povo, que se encontrava preso a esse sistema.

Como comentei, o filme retorna com a ideia dos grandes épicos como, os também vencedores do Oscar, *Ben-Hur* (1959) e *Lawrence da Arábia* (1962), o que é possível ver em sua fotografia, figurinos e trilha sonora.

A direção de arte acertou muito com as cores, usando os tons quentes para os momentos de exploração cultural da Índia e as cores frias nos momentos de opressão. Além disso, a fotografia destaca as lindíssimas paisagens da Índia enquanto Gandhi viajava de trem, onde ele começa a notar a pobreza do país.

Os figurinos complementam a fotografia árida (muito uso de bege e amarelo para retratar a pobreza), com predomínio de roupas brancas que também simbolizam a paz pregada por Gandhi. A trilha sonora grandiosa também ajuda na ambientação do país com acordes altos e cantos. E claro, a maquiagem também impressiona no último ato do longa onde todos os atores estão mais velhos.

Mas o pilar do longa é Ben Kingsley como Gandhi. Ele faz uma interpretação perfeita, conseguindo ser firme quando necessário e também consegue transmitir a paz interior de Gandhi com a fala mansa e o olhar sereno. Sua interpretação também tenta ao máximo apresentar Gandhi como um homem normal e falho, que está disposto a sacrificar tudo pelos seus ideais. O personagem inspira os outros por sua honestidade, agindo naquilo que acredita.

O filme também traz questionamentos sobre a forma de luta de Gandhi, mesmo que em momentos mostre que a desobediência civil não violenta pode ser mais poderosa do que armas, o personagem enfrenta muitas batalhas perdidas,

Gandhi (1982)- Imagem: Divulgação

como a unificação da Índia, e “rivais” que não pensam dessa forma, trazendo questionamentos sobre a eficácia e se de fato é possível combater a opressão em uma luta não armada.

Gandhi é uma boa cinebiografia, conseguindo trazer diversos aspectos pessoais, ideológicos, e a luta e a história inspiradora de Gandhi, que enfatiza sua busca por paz, igualdade e liberdade.

E ainda falando sobre história verdadeiras, no mesmo ano temos entre os indicados o filme *Desaparecido: Um Grande Mistério* (1982). O longa tem direção de Costa-Gavras que volta para a premiação, após *Z* (1969), com mais um drama político.

Com quatro indicações ao Oscar, o longa levou para casa apenas uma estatueta: Melhor Roteiro Adaptado. Ele tem como base uma história real, adaptada para o livro *The Execution of Charles Horman: An American Sacrifice*, de Thomas Hauser, publicado em 1978.

No filme acompanhamos os acontecimentos em torno do desaparecimento de Charles Horman (John Shea), um jornalista norte-americano que desapareceu durante o golpe militar de 1973 no Chile, quando o governo democrático de Salvador Allende foi derrubado e o ditador Augusto Pinochet assumiu o poder

Durante a história acompanhamos duas linhas narrativas. A primeira delas segue o pai de Charles, Ed Horman (Jack Lemmon), um homem conservador que discorda das escolhas de seu filho, e sua nora, Beth Horman (Sissy Spacek), que acompanhava o marido no Chile.

Desaparecido: Um Grande Mistério (1982)- Imagem: MUBI

Desaparecido: Um Grande Mistério (1982)- Imagem: Divulgação

Já a segunda acompanha os eventos passados por Charles desde seu desaparecimento.

Assim como em *Z* (1969), aqui o diretor não precisa mostrar uma violência explícita para conseguir nos passar a tensão das movimentações que estavam acontecendo, passando isso nos silêncios, nos papeis ignorados por embaixadas, nos olhares de autoridades cúmplices. Além disso, aqui o diretor foca muito mais na dor pessoal do que na trama política, conseguindo mais facilmente se conectar com os espectadores, por conseguirmos entender o sentimento dos personagens, reforçando o medo e a impotência dos protagonistas.

Durante a busca de Ed e Beth, é praticamente impossível não lembrar de *Ainda Estou Aqui* (2024) - quer dizer, pra mim foi impossível não lembrar já que vi o filme brasileiro antes de *Desaparecido* - pela similaridade de ambos em passar o desaparecimento de um membro de uma família e a dor que os outros familiares passam tentando descobrir a verdade. Ao longo da trama dos dois, Ed passa a descobrir mais sobre seu filho e tenta entender seu lado e suas motivações, entendendo que Charles tinha como intenção lutar por causas maiores.

Já na trama de Charles traz uma verdadeira investigação, onde o personagem passa a ouvir algumas conversas de pessoas do exército e passa a tentar entender que tipo de movimentação está para acontecer. Com as investigações do personagem, o filme traz uma denúncia do "possível" envolvimento dos Estados Unidos e diversas outras autoridades, auxiliando na instauração do golpe.

O longa também fala bastante na desilusão dentro das autoridades e instituições governamentais. Ed Horman representa o americano médio, que acredita no sistema, mas acaba confrontando verdades difíceis sobre seu próprio país durante a busca por seu filho.

Desaparecido: Um Grande Mistério é mais do que um thriller político, falando principalmente

O Veredito (1982)- Imagem: Divulgação

sobre a perda, trazendo uma realidade que foi vivida por diversas pessoas de vários países diferentes, denunciando principalmente a omissão, impunidade e envolvimento das autoridades dentro de golpes estaduais.

Falando de perdas também temos o filme *O Veredicto* (1982) dentre os indicados. Com direção de Sidney Lumet, o longa recebeu cinco indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Diretor, Melhor Ator (Paul Newman) e Melhor Ator Coadjuvante (James Mason).

Frank Galvin (Paul Newman) é um advogado que já foi promissor, mas hoje sobrevive aceitando casos menores. Sua chance de redenção surge quando ele pega um processo aparentemente simples de erro médico: uma jovem mulher entrou em coma após uma anestesia mal aplicada em um hospital católico de prestígio.

O filme traz uma atmosfera de um thriller noir. Apesar de não acompanhar um investigador, como geralmente acontece no gênero, a obra acompanha um advogado decadente, alcoólatra e desiludido que faz uma grande investigação para vencer o caso, passando por uma jornada de redenção.

O advogado é comovido a aceitar levar o caso para julgamento após ver o estado da vítima no hospital e a dor dos familiares, algo que acaba nos comovendo também. Assim, indo contra todos os conselhos, Frank decide ir para julgamento, enfrentando advogados poderosos, uma Igreja influente, e um sistema judicial enviesado.

O longa fala muito sobre ética e moralidade. A história não é sobre um erro médico e sim sobre o silenciamento realizado por essas grandes instituições (igreja, hospital e sistema legal) que se protegem mutuamente, denunciando como o poder tenta silenciar a verdade. Dessa forma o filme traz o questionamento se a justiça realmente pode ser feita em um sistema moralmente quebrado.

Essa questão também é explorada pelo personagem do próprio advogado. Frank de Paul Newman é um homem quebrado, que foi quebrado pela justiça, que tenta desesperadamente achar algum tipo de redenção, tentando fazer o certo, querendo ao mesmo tempo provar para os outros. Como uma grande fã da série *Better Call Saul* (2015 - 2022) é quase impossível não relacionar os dois protagonistas, que tentam a todo momento se provar, mas honestamente eu gostaria que o filme tivesse explorado mais isso como é feito na série.

Além disso, apesar de trazer fortemente uma crítica ao sistema e suas injustiças e desigualdades, eu senti que o filme me entregou apenas mais uma obra de tribunal, não se destacando, principalmente em comparação com outros indicados.

O Veredito (1982)- Imagem: Divulgação

Outro indicado do mesmo ano é *Tootsie* (1982), aqui trazendo uma denúncia para a forte presença do machismo na sociedade e, principalmente, na indústria do entretenimento.

Com direção de Sydney Pollack, a comédia recebeu dez indicações, incluindo nas categorias de Melhor Direção, Melhor Roteiro e Melhor Ator para Dustin Hoffman, mas levou apenas a estatueta de Melhor Atriz para Jessica Lange.

Michael Dorsey (Dustin Hoffman) é um talentoso ator nova-iorquino, mas também difícil de trabalhar. Ele já brigou com diretores, produtores e agentes, tornando-se praticamente inempregável. Desesperado por trabalho e dinheiro, Michael decide se disfarçar de mulher, Dorothy, para fazer um teste em uma novela.

O filme traz uma clássica trama de comédias, até porque o disfarce de Michael, faz um grande sucesso, porém, no meio de tudo isso, ele acaba se apaixonando por Julie (Jessica Lange), sua colega de elenco.

Ao longo da história, Michael passa por um processo de aprendizado, vendo literalmente na pele, todo o sexismo cotidiano vivido por mulheres: a falta de respeito, a objetificação, a dificuldade em ser ouvida, evidenciando a desigualdade de tratamento de gênero. Com essas situações, o protagonista passa também a olhar para as suas atitudes como homem em relação às mulheres dentro de sua vida.

O longa também denuncia a forte presença masculina dentro do ambiente televisivo, tanto

Tootsie (1982)- Imagem: JustWatch

é que Dorothy acaba se tornando uma ativa voz feminista dentro do local. Muito por conta das suas vivências como homem, Dorothy se impõe contra chefes grosseiros, colegas abusivos e estereótipos de gênero.

O filme também pincela levemente sobre toda uma questão de identidade e ética. Com o sucesso de Dorothy, Michael passa por diversas reflexões se questionando sobre até onde ele pode ir com sua mentira. Ao se disfarçar de outra pessoa, Michael descobre uma parte mais madura, empática e responsável de si mesmo, de certa forma aprendendo muito com Dorothy. Mas claro, eram os anos 1980, então toda a temática de identidade é explorada bem por cima.

Para a época, eu entendo que o filme talvez tenha sido revolucionário, mostrando um homem no lugar de uma mulher e expondo o sexismo diário passado pelas mulheres. Mas, olhando com os olhos de hoje, o filme é extremamente datado, perpetuando alguns estereótipos e preconceitos, mesmo com a intenção de ser progressista. E talvez seja a chata que habita em mim, mas é meio triste pensar que a única forma de ressaltar o machismo para os homens é com um homem se fantasiando de mulher e tendo revelações, óbvias, sobre isso.

Tootsie (1982)- Imagem: Canal+

E.T.: O Extraterrestre (1982) - Imagem: Divulgação

E.T.: O EXTRATERRESTRE.

Mas carol, dois anos seguidos de Spielberg vencendo Melhor Filme? Sim! Dois anos seguidos de Spielberg vencendo Melhor Filme. Até mais do que *Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida* (1981), sinto que quando falamos de cinema dos anos 1980, *E.T.: O Extraterrestre,* é a maior representação desse período. Tanto é que o filme foi um enorme sucesso se tornando a maior bilheteria da história na época.

O filme recebeu nove indicações, incluindo Melhor Roteiro Original e Melhor Direção, e levou para casa quatro delas: Melhor Som, Melhor Mixagem de Som, Melhor Efeitos Visuais e Melhor Trilha Sonora. Inclusive, a tristeza da derrota de E.T. não é só minha, já que Richard Attenborough, diretor de *Gandhi* (1982), filme que venceu a estatueta de Melhor Filme, disse que se sentiu mal pela vitória de seu filme, porque ele achava que o filme Spielberg merecia mais, descrevendo o filme como "uma obra cinematográfica realmente extraordinária".

A trama acompanha Elliott (Henry Thomas), um menino solitário de 10 anos que um dia encontra um alienígena perdido e assustado, deixado para trás por sua nave. O garoto passa a tentar esconder o alienígena dos adultos, especialmente de agentes do governo que o querem capturar, enquanto tenta ajudá-lo a voltar para seu planeta.

Após o sucesso de *Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida* e *Contatos Imediatos de Primeiro Grau* (1977), o diretor decidiu fazer uma história menor e mais emocional. Para além de um filme de ficção científica, o longa é uma fábula emocional sobre infância, perda e conexão O longa traz uma história para a família, mostrando uma das mais bonitas e verdadeiras amizades do cinema. Aqui o diretor filma a maior parte do filme na altura dos olhos de uma criança para criar uma conexão maior com Elliott e E.T., criando uma identificação direta com o olhar infantil. E por se tratar do ponto de vista infantil, o filme acompanha isso apresentando E.T. como uma grande descoberta, tratando o alienígena sempre com empatia e gentileza.

E a infância é um dos principais temas aqui, sendo apresentada como um momento de intensas emoções, descobertas e vulnerabilidade. A relação entre E.T. e Elliott se dá por conta do abandono, E.T. que foi deixado para trás e Elliott que lida com a ausência do pai, encontrando no alienígena um "amigo imaginário" uma saída para os sentimentos de solidão e frustração.

E harmonizando tudo isso temos mais uma icônica trilha sonora de John Williams. A trilha mistura todos os sentimentos apresentados dentro da história sendo ao mesmo tempo mágica, melancólica e épica, ajudando a conduzir as emoções do público sem manipulá-lo. O compositor inclusive teve uma experiência marcante ao compor a trilha: Spielberg pediu que ele conduzisse a orquestra como num concerto, e depois ajustou o filme à música.

E.T. O Extraterrestre é um conto de fadas moderno, trazendo à tela todos os questionamentos da infância ao mesmo tempo que consegue se conectar também com qualquer público. O filme nos apresenta a uma verdadeira amizade, que ultrapassa qualquer barreira de linguagem e distância, se conectando pelo afeto e empatia.

1984

Olhando a seleção do ano eu diria que o tema recorrente aqui são conflitos internos, em sua maioria trazendo história de pessoas comuns com problemas reais.

Um dos indicados é o longa *O Fiel Camareiro* (1983), dirigido por Peter Yates. A história é baseada na peça teatral homônima de Ronald Harwood (1980), que também é responsável pelo roteiro do filme. O longa recebeu cinco indicações dentro da premiação mas saiu de mãos vazias.

A narrativa acompanha um veterano ator shakespeariano em decadência, Sir (Albert Finney), que luta para manter a sanidade e subir ao palco durante uma apresentação de Rei Lear. Ao seu lado está Norman (Tom Courtenay), seu leal camareiro, que faz de tudo para prepará-lo emocional e fisicamente para o espetáculo.

O filme então se passa em um curto espaço de tempo, acompanhando algumas horas antes de Sir entrar no palco, enquanto se prepara, e a apresentação da peça, até seu final. Gosto bastante de histórias assim, já que conseguem nos imergir dentro da realidade, aqui do teatro, praticamente nos tornando um personagem observador em meio a toda a confusão.

Até por se tratar de um ator shakespeariano, o longa é bem intenso e dramático, trazendo um homem já enlouquecido dentro de tantos papeis interpretados e o sofrimento que vem com todos eles. O protagonista tem uma dedicação extrema ao teatro, o que prejudicou diversos aspectos de sua vida, mas ao mesmo tempo a interpretação de sua vida e sua razão de viver.

E prestes a entrar no palco, Sir entra em um colapso mental, em que Norman precisa mantê-lo lúdico o suficiente para encenar o protagonista. Com isso o filme fala sobre lealdade e dependência. A vida de Norman gira em torno de Sir e sua carreira, o colocando como prioridade máxima dentro da sua vida. O longa então questiona se esse tipo de devoção é lealdade, amor ou até uma co-dependência, onde um se aproveita do outro.

Porém, por trabalhar nos bastidores, Norman é muitas vezes invisível, ele puxa as cordas e faz o show continuar a todo custo mas jamais será aclamado, vivendo por Sir, demonstrando esse "amor" e nem sempre sendo correspondido.

O Fiel Camareiro é um filme claustrofóbico, mostrando o caos e a bagunça dos bastidores do entretenimento, que na verdade só funciona por conta de muitas mãos invisíveis. Intenso e trágico, Sir se transforma por completo em um de seus personagens, Rei Lear, também enlouquecendo depois de interpretar tantas vidas e sofrimentos.

Também no mesmo ano temos *Os Eleitos* (1983). Dirigido e escrito por Philip Kaufman, o longa tem como base o livro de mesmo nome de Tom Wolfe (1979), que por sua vez conta os eventos reais dos primeiros anos do programa espacial americano, com foco nos astronautas do projeto Mercury. O filme recebeu oito indicações e levou quatro estatuetas para casa: Melhor Trilha Sonora, Melhor Edição, Melhor Som e Melhor Efeitos Especiais.

Sete pilotos de elite são escolhidos para integrar o programa Mercury, que marca os primeiros

Laços de Ternura (1983) - Imagem: Divulgação

passos dos EUA na corrida espacial. Enquanto treinam para se tornarem astronautas, enfrentam pressões políticas, desafios físicos extremos e o peso de serem transformados em heróis nacionais.

O longa foca muito no nacionalismo e o senso de patriotismo dentro desses "eleitos". Os astronautas selecionados têm um sentimento maior do que apenas cumprir um dever, eles têm um senso de responsabilidade com o país. A história evidencia o heroísmo mas também destaca o grande risco e sacrifício que eles estão correndo.

Parte desse sacrifício é mostrado com a presença das esposas dentro da trama. A narrativa mostra como elas vivem na incerteza se seus maridos irão voltar para casa, como na cena inicial.

A história se passa no contexto da Guerra Fria, mostrando a corrida espacial e como ela foi muito além dos avanços científicos e tecnológicos, também mostrando a influência de poder e imagem entre as duas potências. A publicidade passa a ser um tópico muito importante dentro da competição. Essa questão acaba sendo mostrada com a narrativa de Chuck Yeager (Sam Shepard), um piloto de testes lendário que é deixado de lado por não ter um diploma.

Apesar de ter uma longa duração, com mais de 3 horas, o filme consegue manter um bom equilíbrio, sem se tornar cansativo, trazendo momentos cómicos, tensos e dramáticos. Alguns dos eventos mais impactantes são dos astronautas em suas missões, mostrando a claustrofóbica cabine e a grandiosidade do espaço. Já as cenas

Os Eleitos (1983) - Imagem: Divulgação

Os Eleitos (1983) - Imagem: MUBI

de treinamento ganham um tom mais leve, enquanto os astronautas são submetidos a diferentes testes, competindo entre si.

É um grande épico que te conquista por ressaltar os riscos tomados pelos astronautas e a dedicação deles para conquistar esse espaço dentro do projeto. Porém, é um filme feito para assistir dentro de uma sala de cinema, não é atoa que ele levou para casa as estatuetas técnicas da premiação. Mas como eu não era viva nesta época, fui obrigada a assistir em casa, o que admito que tira boa parte do impacto da narrativa.

E para mim, o mais fraco indicado do ano, *A Força do Carinho* (1983), dirigido por Bruce Beresford. O filme recebeu cinco indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Ator (Robert Duvall) e Melhor Roteiro Original.

Mac Sledge (Robert Duvall), um ex-cantor de música country afundado no alcoolismo, encontra redenção quando é acolhido por Rosa Lee (Tess Harper), uma viúva que o ajuda a reconstruir sua vida no interior do Texas. Enquanto tenta se reerguer,

Essa é uma história sobre redenção e, em principal, sobre querê-la e trabalhar para atingi-la. Mac no início do longa é um homem quebrado, sem pretensão de melhora, querendo se afogar em seus arrependimentos, de certa forma se punindo. Porém, ao conhecer Rosa Lee, uma mulher humilde, o cantor passa a enxergar a vida de outra forma.

A vida de Rosa Lee é praticamente o oposto da vida agitada de shows de Mac, representando para o cantor um local de libertação, longe de vícios, caos e a pressão da fama. Dessa forma, a história valoriza as coisas simples da vida, destacando o poder transformador do cotidiano. E através da vida simples que os dois constroem Mac passa a se curar, enfim conseguindo ver uma segunda chance para si mesmo, o que também o faz querer consertar alguns erros do passado, em principal seu relacionamento com sua filha, Sue Anne. A relação dos dois é cheia de

A Força do Caminhi (1983) - Imagem: Divulgação

Após o suicídio de Alex, um velho amigo da faculdade, um grupo de ex-colegas se reúne para um fim de semana em uma casa no sul dos EUA. Durante o reencontro, eles revivem memórias, confrontam frustrações e questionam os rumos de suas vidas. Entre risos e mágoas, percebem o quanto mudaram desde os anos 1960.

ressentimento e extremamente realista, por mais que Mac tente talvez não seja possível reparar todos os erros do passado, e isso é algo que ele passa a lidar com.

Mas não me conectei com a história, achando o filme cansativo em diversos momentos. Sinto que ele perpetua essa ideia do músico country que destrata a esposa e trata mal seus filhos como vemos em *Esta Terra é Minha Terra* (1976), além de claro, lembrar outros longas onde essa temática já foi explorada. Não foi uma obra para mim.

Já uma feliz surpresa é o longa *O Reencontro* (1983). Com direção de Lawrence Kasdan, que também assina o roteiro com Barbara Benedek, o filme recebeu três indicações, mas acabou saindo da premiação de mãos vazias.

O filme traz uma história simples mas atemporal, e talvez esse tenha sido seu grande acerto, por trazer situações e questões universais, conseguindo ser de fácil identificação para os espectadores. O longa já começa os jogando dentro da história, alguém morreu e todos estão indo para um velório, onde já de cara somos apresentados a algumas situações dentro do grupo de amigos como: relacionamentos falhos, problemas com drogas e situações mal resolvidas.

Ao reunir novamente o grupo de amigos, o filme fala sobre a amizade, a nostalgia, a passagem do tempo, a perda da inocência, frustração com o mundo adulto e sobretudo a vida real. Assim, a trama tem um tom agridoce, eles lembram do passado com carinho mas também se questionam sobre seu presente, tentando compreender como pararam ali. O suicidio de Alex acaba sendo um motor para que eles revejam suas escolhas

O Reencontro (1983) - Imagem: Divulgação

e relações, mas também um momento em que pensam impulsivamente.

O tom agridoce também vem pelo seu realismo, sabemos que tudo retratado dentro do filme faz parte do ciclo da vida, em principal do choque entre a juventude e a vida adulta, que nem sempre é o que esperamos. E aqui, cada um dos personagens lida com esse conflito à sua maneira, seja através do humor, do cinismo, da negação ou da tentativa de reconexão, e o longa equilibra para que cada um dos personagens tenha seu momento de ser o protagonista, apresentando suas questões.

E pelo contexto da história, o longa acaba sendo bem ousado para a época ao tocar em temas como saúde mental e suicidio, tentando trazer isso da forma mais natural possível. Alex tinha suas questões, assim como todos do grupo de amigos conforme aprendemos durante a narrativa, mas seu suicidio pega grande parte dos amigos de surpresa. Ele mantinha contato com alguns dos amigos, tinha uma namorada, que só lembrava de seus momentos bons e felizes, e vivia uma vida tranquila, mostrando como muitas vezes as doenças mentais são silenciosas e invisíveis.

E mesmo falando sobre morte e crises existenciais, o filme não é pesado, conseguindo se manter leve e até reconfortante, até por fazer com que a gente se sinta parte do grupo, também mostrando como todos nós estamos um pouco perdidos. Com certeza esse virou uma obra para reassistir e revisitar, principalmente por conseguir trazer reflexões sobre relacionamentos, emprego, escolhas e a vida.

Laços de Ternura (1983) - Imagem: Divulgação

LAÇOS DE TERNURA.

E o grande vencedor da noite, inclusive muito merecido, também foi uma feliz surpresa, o filme *Laços de Ternura* (1983). O longa tem direção e roteiro de James L. Brooks e é baseado no romance homônimo de Larry McMurtry (1975), trazendo a história da vida de uma mãe e uma filha.

Além de Melhor Filme, a obra também levou outras estatuetas para casa: Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Atriz (Shirley MacLaine) e Melhor Ator Coadjuvante (Jack Nicholson).

O filme conta a história dos altos e baixos do relacionamento entre Aurora (Shirley Maclaine) e sua filha Emma (Debra Winger) no decorrer da vida. Em determinado momento, Emma se casa com Flap (Jeff Daniels), o que não agrada sua mãe, que passa a desenvolver um relacionamento com seu vizinho mulherengo, Garrett (Jack Nicholson).

O longa é uma gangorra de emoções, indo de um filme de comédia para um drama em minutos. A história acompanha uma relação entre mãe e filha muito verdadeira e interessante onde, mesmo com personalidades completamente opostas, elas não conseguem viver uma sem a outra, e de certa forma se completam.

O longa acaba sendo realista também ao mostrar como, apesar de muito amor envolvido, essa relação também é composta por frustrações, perdões, falhas e conflitos.

O filme acaba sendo bem ousado em seu roteiro, principalmente pensando na época em que ele foi lançado, onde também crescia um conservadorismo, quebrando alguns costumes, como por exemplo, ao mostrar uma mãe e uma filha tendo uma relação de melhores amigas, ou ao retratar o sexo como uma parte integrante do cotidiano.

E num filme sobre relacionamentos, o que mais se destaca são as atuações. Shirley Maclaine – premiada com a estatueta de Melhor Atriz – entrega uma mãe muito dedicada e exageradamente protetora, que por vezes pode parecer até sem senso de humor. Já Emma traz uma personagem muito forte e de fácil identificação, que não se submete a ninguém.

Para Jack Nicholson, o papel caiu como uma luva. Ele interpreta um mulherengo muito sarcástico que ficou famoso por ser um astronauta, inclusive esse é o primeiro de quatro filmes que o ator e o diretor James L. Brooks trabalharam juntos. Seu personagem dentro do longa tem como importância falar sobre recomeços e o envelhecimento, em que ele e Aurora encontram uma segunda chance dentro de seu repentino relacionamento, mesmo sendo mais velhos.

Laços de Ternura, mesmo não sendo um dos mais memoráveis vencedores do Oscar de Melhor Filme, ainda assim é uma obra muito cativante e sensível. O longa prende a atenção com seus personagens bem desenvolvidos e de fácil identificação, trazendo uma história que, mesmo próxima da vida real, é cheia de reviravoltas.

1985

Olhando os indicados sinto que o ano de 1985 foi um ano mais morno. A grande maioria dos filmes trazem conflitos entre oprimidos e opressores, viajando por diversas épocas e nações diferentes.

Um dos indicados é *Passagem para a Índia* (1984), dirigido por David Lean, sendo esse o último filme da carreira do cineasta. O longa é uma adaptação do romance homônimo de E.M. Forster, publicado em 1924, que critica o colonialismo, relatando a tensa relação entre os britânicos e os indianos durante o domínio do Império Britânico no início do século XX.

A trama gira em torno de Adela Quested (Judy Davis), uma jovem inglesa que viaja à Índia com a futura sogra, Mrs. Moore (Peggy Ashcroft), para visitar o noivo — um funcionário colonial britânico. Curiosa sobre a "real" Índia, Adela quer conhecer o país além das fronteiras impostas pela elite britânica. Elas fazem amizade com o Dr. Aziz (Victor Banerjee), um médico muçulmano gentil e respeitado na comunidade local, que as convida para um passeio às misteriosas Cavernas de Marabar.

Vou ser bem sincera, esse filme era o meu maior desafio dentro de todos os indicados ao Oscar. Parte disso foi por conta da duração, já que o longa tem suas 2 horas e 40 minutos de duração, mas também de tudo que vi sobre a narrativa, ela não me parecia muito atrativa. Mas no final das contas achei um filme ok.

O longa é bem contemplativo, nos fazendo refletir com sua fotografia grandiosa, evidenciando a beleza natural da Índia. Mas também sempre deixa clara a tensão entre os indianos e os britânicos, mostrando muitas vezes como os nativos são injustamente prejudicados e oprimidos, tratados como empregados dentro de seu próprio país.

A situação nos passa uma certa revolta justamente por mostrar como o sistema de governo indiano estava corrompido por completo, protegendo os britânicos e não agindo justamente.

O longa traz assim uma crítica forte ao colonialismo e o tratamento realizado pelos britânicos com os indianos, e também retratando o próprio choque cultural entre as duas nações, onde uma é incapaz de compreender a outra, o que não permitia conexões verdadeiras.

Mas apesar de tudo isso, o filme acaba mostrando esses eventos com um olhar ainda britânico, até pelo cineasta ser britânico, do que verdadeiramente

Passagem para a Índia (1984)
Dir: David Lean

O longa recebeu onze indicações e levou para casa duas estatuetas: Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Atriz Coadjuvante para Peggy Ashcroft, sendo essa, curiosamente, sua única indicação ao Oscar.

Amadeus (1984) - Imagem: Divulgação

Um Lugar no Coração (1984) - Imagem: Divulgação

é claro da escolha de escalar Alec Guinness para interpretar um personagem indiano..

Me incomodou um pouco a construção dos personagens e a forma como eles constantemente mudam drasticamente de opinião sem nenhuma razão aceitável. A personagem Adela é a que mais me incomodou, durante todo filme a garota toma e "destoma" decisões impulsivamente, sem saber muito o que quer, comportamento esse que me estressa profundamente.

No final das contas, *Passagem para a Índia* é um filme legal e que traz críticas que, embora óbvias atualmente, na época era algo ainda pouco abordado dentro da premiação. Claro, vendo com os olhos de hoje o filme também acaba sendo muito racista enquanto tenta criticar o racismo do século XX (precisamos falar sobre o personagem interpretado pelo Alec Guinness), também de certa forma servindo como um retrato histórico das visões dos anos 1980.

Mas digo mais, aqui segue uma seleção de filmes lançados em 1984 que poderiam substituir este dentro dos indicados ao Oscar: *Duna, Indiana Jones e o Templo do Destino, Caça-Fantasmas, Era Uma Vez na América* e *Dublê de Corpo.*

Agora viajando para os Estados Unidos durante a Grande Depressão, outro indicado é o filme *Um Lugar no Coração*. Dirigido e roteirizado por Robert Benton, o longa aborda temas como sobrevivência, fé, racismo, e a busca por dignidade humana em tempos difíceis.

O filme recebeu sete indicações ao Oscar e levou para casa duas estatuetas: Melhor Roteiro Original e Melhor Atriz para Sally Field. Surpreendentemente ele é o único indicado ao

Um Lugar no Coração (1984) - Imagem: Rotten Tomatoes

Oscar de Melhor Filme do ano que também foi indicado a Roteiro Original.

O filme se passa no Texas rural dos anos 1930 e acompanha Edna Spalding (Sally Field), uma mulher que perde o marido em um tiroteio acidental. Repentinamente viúva, com dois filhos pequenos e uma fazenda à beira da ruína, Edna recebe ajuda de Moses (Danny Glover), um trabalhador negro, e Mr. Will (John Malkovich), um hóspede cego e amargurado.

Por trazer protagonistas marginalizados, cada um deles serve para denunciar alguma questão dentro da sociedade da época. Edna precisa se reinventar após a morte de seu marido, sendo constantemente diminuída pelo machismo dentro da sociedade. Edna passa uma mensagem sobre perseverança e força, tentando manter sua casa e sustentar sua família.

Já Moses evidencia a forte presença da Ku Klux Klan durante os anos 1930, que se encontrava presente em todas as instituições da cidade. O personagem representa dignidade e resiliência, se tornando um grande parceiro de Edna. E Mr. Will passa por um grande aprendizado, indo de um homem amargurado, sofrendo com a exclusão social, para uma pessoa afetuosa, por conta do contato com os filhos da protagonista.

E o longa acaba nos prendendo graças a união improvável entre os personagens que simboliza a possibilidade de superação coletiva. A dor da perda e o trabalho duro acabam servindo como persistência, trazendo uma mensagem bonita sobre resiliência e compaixão.

O que é surpreendente é que segundo o google esse filme é catalogado como infantil...infantil para quem? Quem são essas crianças? Claro, o filme tem uma vibe de sessão da tarde, trazendo uma mensagem de resiliência e persistência, mas ele toca em assuntos bem pesados, inclusive começando com duas mortes, sendo uma delas de um jovem que é arrastado preso em um carro.

O filme também ganha um tom bem assustador nas cenas em que a KKK está presente, principalmente seu final que é construído cheio

Os Gritos do Silêncio (1984) - Imagem: MUBI

de tensão, mas que nada mais retrata do que uma história que provavelmente aconteceu dentro dos Estados Unidos, o que dá ainda mais medo.

O filme ganha mesmo por conta de seu final, onde mostra todos os personagens dentro de uma igreja e tudo está bem, mostrando um mundo ideal, onde todos são bons e tudo está certo. Um final impactante e sinceramente? Bem corajoso.

Agora vamos para o outro lado do mundo para falar sobre a história de *Os Gritos do Silêncio* (1984). Com direção de Roland Joffé, o filme é baseado em fatos reais relatados no artigo de Sydney Schanberg no The New York Times, contando sobre a guerra do Camboja.

O longa recebeu sete indicações e venceu três delas: Melhor Edição, Melhor Fotografia e Melhor Ator Coadjuvante para Haing S. Ngor, que se tornou o segundo ator não profissional a ganhar um Oscar. Antes dessa performance, Ngor, era um médico que sobreviveu aos campos de extermínio na vida real.

O filme retrata a amizade entre o jornalista americano Sydney Schanberg (Sam Waterston) e seu tradutor e amigo cambojano Dith Pran (Haing S. Ngor), durante o período turbulento da Guerra Civil do Camboja e a ascensão do regime genocida do Khmer Vermelho. Quando os Estados Unidos se retiram do país e os rebeldes tomam o poder, Pran é capturado e enviado aos "campos da morte", onde milhões de pessoas foram assassinadas pelo regime.

O longa é praticamente dividido em duas histórias. A primeira delas acompanha os dois amigos cobrindo os acontecimentos em Camboja. Os momentos são filmados repletos de tensão e acompanham as crueldades e medos vividos pelos habitantes de Camboja. A primeira parte se destaca por mostrar a importância e impacto do trabalho jornalístico, ao mesmo tempo que evidencia o enorme perigo enfrentado por eles para conseguir cobrir. E se antes eu já tinha certeza, esse filme me fez ter mais certeza de que eu jamais conseguiria ser repórter de guerra.

Os Gritos do Silêncio (1984) - Imagem: TCM

Já a segunda parte acompanha Dith Pran nos chamados “campos da morte”, basicamente um campo de concentração que realiza uma bruta e forte lavagem cerebral naqueles capturados, os obrigando a trabalharem de forma escrava a favor do regime. Nesse momento vemos os verdadeiros horrores da guerra, até porque na maioria das vezes, os prisioneiros ali, todos asiáticos, não recebem a atenção de notícias, finalmente dando voz às vítimas. Com isso o filme também denuncia o privilégio ocidental onde apenas alguns conseguem fugir e outros são dolorosamente deixados para trás.

O grande coração do filme é o relacionamento entre Schanberg e Pran, principalmente da metade para o fim quando os dois acabam se separando. Por conta da relação dos dois, o filme questiona a conduta como jornalista de Schanberg e responsabilidade pessoal com Pran.

Um filme impactante que dá a luz para um evento brutal dentro da humanidade, enfim dando voz para suas vítimas e ressaltando a importância do trabalho jornalístico.

Agora voltando para os Estados Unidos, mas dessa vez em 1944, temos *A História de um Soldado* (1984). O longa tem direção de Norman Jewison, e tem como base peça teatral homônima de Charles Fuller, que também assina o roteiro do filme.

A história se passa dentro do exercito dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, acompanhando um batalhão composto

apenas por homens negros. O filme traz uma reflexão intensa sobre racismo, identidade, lealdade e autoimagem dentro das Forças Armadas dos Estados Unidos.

O filme recebeu três indicações ao Oscar: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator Coadjuvante (Adolph Caesar), mas não levou nenhuma estatueta para casa, sendo o único filme dos indicados a Melhor Filme a não vencer nenhum prêmio.

A história começa com o assassinato do sargento Vernon Waters (Adolph Caesar), um oficial negro severo, em uma base militar segregada durante a Segunda Guerra Mundial. O capitão Richard Davenport (Howard E. Rollins Jr.) é enviado para investigar o caso, o que causa tensão entre os soldados, por ele também ser negro e ter uma posição de autoridade incomum para a época.

Até por compartilharem o mesmo diretor, o longa lembra muito *No Calor da Noite* (1967), filme vencedor do Oscar de Melhor Filme na edição de 1968, que também traz uma investigação conduzida por um homem negro em um local fortemente administrado por brancos. E assim como no primeiro, aqui em A História de um Soldado o capitão Davenport enfrenta principalmente o desdém de oficiais brancos e a intervenção deles. O longa discute fortemente diversas formas de racismo: o institucional, o internalizado e o estrutural, criticando a

A História de um Soldado (1984) - Imagem: Divulgação

A História de um Soldado (1984) - Imagem: MUBI

organização do sistema militar em que os soldados negros eram vistos como inferiores e designados funções e patentes mais baixas.

O tema central aqui é a lealdade, algo que vemos tanto nos soldados branco quanto nos soldados negros. Ali no exército o batalhão cria uma família, se sentindo responsáveis uns pelos outros, e por isso arranjando brigas quando dão de cara com alguma injustiça. Essa lealdade também é algo que acaba prejudicando a investigação de Davenport, já que algumas informações são omitidas dele.

A narrativa também se torna muito interessante já que durante a investigação, conforme vamos conhecendo a polêmica e controversa personalidade de Vernon Waters, entendemos que qualquer um dos personagens poderia ter cometido o crime, movidos por racismo, vingança ou lealdade.

Mas o ponto alto dentro do filme é abordar justamente as tensões dentro da comunidade negra. O sargento Waters é um homem desprezível que é tão racista quanto os homens brancos, disposto a matar para "limpar" a comunidade, com a ideia de estaria eliminando aqueles mais fracos para fortalecer e alavancar o processo do geral. Interessante é o filme se passar durante a Segunda Guerra Mundial, criando um paralelo interessante entre os planos de Waters e os de Hitler. Apesar do personagem ser uma pessoa horrível, ele é construído com complexidade com camadas de dor, orgulho e autodepreciação, sendo um produto de sua criação e vivências.

O filme também ganha muito graças a sua trilha sonora que traz músicas impactantes e muito bem perfumadas dentro da história, trazendo o clássico estilo do blues. Recentemente assisti ao filme *Pecadores* (2025) que fala justamente sobre a importância do blues dentro da comunidade negra, e acho que por ter esse filme em mente, acaba engrandecendo a história da obra de 1984.

Apesar de não ter vencido suas indicações, o filme acabou ainda sim abrindo caminho para uma maior e mais diversa representatividade, até por ser centrado em personagens negros e escrito por um dramaturgo negro, algo raro em Hollywood na época.

Amadeus (1984) - Imagem: Divulgação

AMADEUS.

E diferente de todos os outros indicados, o verdadeiro merecedor é *Amadeus*, justamente o filme que levou a estatueta de Melhor Filme para casa...pela minha fazia tempo que o Oscar não acertava.

Com direção de Miloš Forman, o filme tem como base a peça homônima escrita por Peter Shaffer que também assina o roteiro. Amadeus é uma obra grandiosa e emocionalmente intensa sobre genialidade, inveja e o custo da arte.

O longa recebeu onze indicações e levou para casa oito estatuetas: Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator (F. Murray Abraham), Melhor Direção de Arte, Melhor Figurino, Melhor Som, Melhor Maquiagem e, claro, Melhor Filme.

O filme conta a história do jovem Wolfgang Amadeus Mozart (Tom Hulce), mas pelo ponto de vista de seu arqui-inimigo Antonio Salieri (F. Murray Abraham), que após tentar se suicidar, decide confessar ao padre que foi o responsável pela morte do gênio Mozart.

A história acompanha o relacionamento de Mozart e Salieri desde seu início, contando detalhadamente como conheceu, conviveu e viu seu ódio crescer, já que mesmo sendo muito talentoso, ele sabia que jamais se igualaria ao jovem, o que desencadeou uma onda de ódio movido por inveja no compositor.

O longa não se trata de uma biografia fiel do compositor, tomando algumas liberdades criativas para dramatizar mais ainda a narrativa. uma dessas liberdades é justamente o retrato de Salieri como vilão, já que historicamente não há evidências de conflito entre os dois compositores.

A ideia de contar a história de Mozart através de seu inimigo foi extremamente brilhante e criativa, tendo um diferencial quando comparado a outros filmes. Aqui é interessante que, mesmo retratando o absurdo talento de Mozart, ele também é mostrado no ponto de vista de Salieri como um jovem extremamente irresponsável e infantil.

O longa é uma grandiosidade sem fim, até para combinar com toda a tragédia e drama dentro da história. Os figurinos, cenários e a fotografia transportam os telespectadores com facilidade para o século XVIII. Inclusive, para ajudar na ambientação, o diretor mudou a produção para Praga devido a ótima conservação da arquitetura da cidade, utilizando até o mesmo o teatro que Mozart tocou pela primeira vez para a mesma cena do filme.

O ponto alto do longa é a sua trilha e montagem sonora, trazendo algumas das mais marcantes músicas do compositor que acompanha Mozart durante o processo de criação de suas músicas e nas estreias das apresentações de suas óperas, e ao mesmo tempo representam muito bem os sentimentos intensos de seus protagonistas. A música é o que move o filme, sendo presente até mesmo na mente dos personagens.

Tom Hulce, que vive Mozart, é bem ousado em sua interpretação, trazendo um personagem com uma personalidade expansiva, muito infantil e mimado, mas extraordinário. De certa forma também nos enfurecendo da mesma forma que

Amadeus (1984) - Imagem: Divulgação

Salieri. Seu personagem também serve para trazer a discussão sobre inovação versus tradição, já que Mozart desafia desafia as regras musicais e sociais da época.

A atuação de Hulce impressiona ainda mais quando comparado com o desenvolvimento de seu personagem da primeira para a segunda parte do filme, já que começa a decair, beirando a loucura.

Mas a atuação mais marcante do filme é de F. Murray Abraham, o qual vive o rival de Amadeus, que tem uma inveja quase que palpável e é capaz de prender e comover o telespectador com o seu sofrimento de nunca conseguir ultrapassar Mozart. Um personagem trágico que traz todo o drama da ambição e dedicação à arte. Sua inveja por Mozart e frustração é algo tão forte que chega a ser religiosa, culpando Deus por ter dado habilidades assim para alguém como Amadeus. O personagem é muito complexo e narra a história com paixão e ao mesmo tempo culpa, frustração e amargura.

A fotografia do filme também se destaca por acompanhar o estado emocional de Mozart, no começo sendo composta de cores vivas e elétricas da maneira como ele via o mundo, e na segunda metade vai escurecendo conforme o filme avança e Amadeus cai na doença e na loucura.

Como uma trágedia grega, a história é extremamente encantadora e repleta de diversos momentos cômicos que completam o filme. *Amadeus* é uma obra que demonstra como a inveja corroi o ser humano, trazendo o melhor de todos os aspectos cinematográficos e entregando um longa inesquecível à altura de quem a inspirou.

Amadeus (1984) - Imagem: Divulgação

Entre Dois Amores (1985) - Imagem: Divulgação

1986

Na 58ª edição o grande vencedor foi o romance *Entre Dois Amores* (1985), que além de Melhor Filme levou outras seis estatuetas, incluindo Melhor Diretor para Sydney Pollack e Melhor Roteiro Adaptado. A história tem como base a autobiografia de Karen Blixen, Den afrikanske Farm (1937), publicado usando seu pseudônimo Isak Dinesen, contando sobre seus anos morando em uma fazenda no Quênia.

O longa acompanha Karen Blixen (Meryl Streep), que vai morar em uma fazenda de café no Quênia com seu marido Bror Blixen-Finecke (Klaus Maria Brandauer), com quem se casa por conveniência. Mas seu marido quase nunca permanece na propriedade, o que faz sua vida amorosa ganhar mais emoção com a chegada de Denys Finch Hatton (Robert Redford), um aventureiro inglês por quem Karen acaba se apaixonando.

O filme tem como pano de fundo, o colonialismo da África, mesmo que de uma forma romantizada. A narrativa até pincela de forma superficial questões de desigualdade racial e exploração colonial, mas não se aprofunda nos conflitos entre os colonos europeus e os africanos. O foco do longa acaba sendo o romance de décadas entre Karen e Denys, mostrando como duas pessoas podem se amar mesmo com suas diferenças, e como essas diferenças afetam a relação.

O roteiro, então, aposta em um romance devagar, mas bem desenvolvido, dando espaço para os próprios personagens evoluírem também, conseguindo se manter graças à ótima química e talento de Meryl Streep e Robert Redford.

E por conta de um romance devagar, o longa consegue passar o sofrimento que os dois personagens passam, vivendo praticamente um amor impossível e cheio de desencontros, já que jamais poderão ficar juntos, tanto pela sociedade, mas também por viverem vidas muito diferentes. O filme mostra então que nem sempre o amor verdadeiro vai aparecer da maneira mais tradicional, às vezes sendo um romance que jamais se concretizará em uma união.

Meryl Streep vive uma mulher muito à frente de seu tempo. Karen é uma mulher forte, porém, muito carente afetivamente, sendo perceptível na infelicidade que a personagem sente com seu casamento. A performance de Meryl Streep é excepcional, trazendo sentimentos fortes principalmente em relação a Denys apenas com a expressão e o olhar, sem necessitar de nenhum diálogo.

Sua personagem acaba mostrando também as consequências da falta de pertencimento. Karen é uma estrangeira tentando criar raízes em uma terra que não é a sua, vivendo questões existenciais e se sentindo solitária, não só pelos relacionamentos vivos mas também por não se sentir em casa na fazenda.

Já Robert Redford entrega o personagem mais interessante da narrativa. Denys é um homem simples que tem paixão por viver, apreciando muito sua liberdade. O aventureiro funciona como um certo estímulo na vida de Karen, protagonizando os momentos mais importantes da vida dela. Porém, por viver livre, o personagem vai e vem, o que acaba magoando Karen.

A Honra do Poderoso Prizzi (1985) - Imagem: Divulgação

Charley Partanna (Jack Nicholson) é um assassino de confiança da poderosa família mafiosa Prizzi. Durante um casamento, ele se apaixona por Irene Walker (Kathleen Turner), uma mulher misteriosa e independente. Porém, Irene trabalha como assassina profissional, e está envolvida em uma missão que ameaça os interesses da família.

Apesar do filme ser um romance épico, tem ritmo lento e acaba cansando em alguns momentos, sendo bem esquecível, apesar de ter levado o grande prêmio da noite. Acho que a narrativa tem seus momentos, trazendo uma história de amor que foge do conveniente, mas é um longa fraco comparado com outros indicados do mesmo ano.

Outro, para mim, fraco indicado do mesmo ano é o longa *A Honra do Poderoso Prizzi* (1985). Dirigido por John Huston, a história tem como base o livro homônimo de Richard Condon (1982), que também co-escreveu o roteiro com Janet Roach, e traz uma mistura de comédia cínica, máfia e uma tragédia romântica. O filme recebeu oito indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante (Anjelica Huston).

Um dos principais focos dentro do longa é a lealdade, principalmente dentro da máfia, sendo essa uma das grandes regras dentro do grupo. A história então traz o grande dilema enfrentado por Charley, ser leal a sua família ou a sua esposa, por quem é completamente apaixonado, mostrando como muitas vezes o amor é uma fraqueza.

E por se tratar de uma comédia, o filme faz graça dos códigos morais dentro da máfia, mostrando como esses valores são manipulados para justificar diversas atrocidades cometidas pelo grupo.

Os personagens falam com extrema tranquilidade sobre assassinatos, traições e negócios ilegais, se apoiando em valores como a lealdade e respeito como justificativa para os mafiosos cometerem

crimes. Como uma morte que precisava acontecer já que o alvo desrespeitou o padrinho.

O filme também subverte diversas questões dentro do gênero de máfia e um exemplo disso é a personagem Irene, que aqui, para além de uma femme fatale, é também uma assassina treinada. Independente, moderna e perigosa, ela se diferencia bastante das mulheres que vemos em *O Poderoso Chefão* (1972), trabalhando para seus próprios interesses. Porém claro, essa sua autonomia também é o que a faz ser caçada, justamente por não ter lealdade a ninguém, ressaltando a importância desse valor dentro da máfia.

Apesar de uma proposta divertida, não consegui gostar nada da história. Fora os personagens principais, todos os outros mafiosos são extremamente rasos, sendo ou apenas capangas ou apenas chefões. Além disso, me desconectei em vários momentos, acho que ele dá rodeios demais dentro da história, sendo pouco dinâmico. Admito que não vi o filme nas melhores condições possíveis, só consegui achar uma versão dublada do longa e a dublagem aqui peca em diversos momentos, tirando parte da carga emocional da narrativa.

Já indo para uma trama mais pesada, outro indicado é *A Testemunha* (1985). Com direção de Peter Weir, o longa recebeu oito indicações, levando para casa o prêmio de Melhor Roteiro Original.

A história acompanha John Book (Harrison Ford), um detetive da Filadélfia que investiga o assassinato de um policial, testemunhado por Samuel (Lukas Haas), um menino da comunidade Amish. Quando Book descobre

A Testemunha (1985) - Imagem: Divulgação

que o crime foi cometido por membros da própria polícia, ele precisa proteger Samuel e sua mãe, Rachel (Kelly McGillis), refugiando-se com eles em sua fazenda isolada na Pensilvânia. Lá, enquanto se adapta ao modo de vida Amish, Book desenvolve um vínculo afetivo com Rachel e passa por uma profunda transformação pessoal.

A história me prendeu com muita facilidade, principalmente pela minha curiosidade com a cultura dos Amish mostrada dentro da história e as instigantes revelaçoes da investigaão em torno do assassinato presenciado por Samuel. A narrativa então fala principalmente sobre um choque cultural, evidenciando o contraste da violência moderna com o modo de vida pacifico dos Amish.

Ao fugir da Filadélfia, Book se choca com uma comunidade onde as armas, gritos e brutalidade não têm lugar, com o tempo também encontrando uma paz interior com a vida simples, se redescobrindo com o silêncio e a rotina. E por conta dessa paz, John Book enfim se permite criar conexões relevantes, desenvolvendo um romance com Rachel e criando um forte relacionamento com Samuel.

O romance entre os dois é praticamente um amor impossível. É interessante como ele acontece de maneira devagar, em que os personagens passam pouco a pouco a admirar um ao outro, criando uma relação de cumplicidade e respeito. Mas pelas suas diferenças, o romance é marcado pela

impossibilidade, devido às restrições culturais. A história também acaba abordando muito sobre a ética, que também move o personagem John Book. O detetive vai contra tudo e todos para conseguir justiça, algo que por vezes parece impossível em um sistema corrompido, ressaltando a coragem e moral do protagonista.

Me incomodei como a investigação acaba ficando solto dentro da história, por querer mostrar esse choque cultural, tanto que lembro pouco sobre a resolução do crime. E, olhando com os olhos de hoje, o romance dentro da história é um tanto quanto estranho, mas é legal a maneira como o filme mostra outra religião/cultura e suas tradições, apesar de ter alguns julgamentos da própria obra, mas era 1985, então só de mostrar algo fora do padrão o longa já estava sendo ousado.

E outra indicação, ficou com a co-produção Brasil e Estados Unidos, *O Beijo da Mulher Aranha* (1985), dirigido por Hector Babenco. O filme recebeu quatro indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Ator (William Hurt). A história é baseada no livro de mesmo nome de Manuel Puig, publicado em 1976.

Na prisão durante a ditadura militar, dois homens dividem uma cela: Luis Molina (William Hurt), um homossexual preso por "desvio de conduta", e Valentín Arregui (Raul Julia), um preso político. Para suportar o confinamento, Molina narra antigos filmes melodramáticos, misturando fantasia e realidade. Aos poucos, uma inesperada conexão emocional se forma entre os dois.

Conforme sigo minha saga dos filmes indicados a Melhor Filme, tem crescido em mim uma admiração gigantesca pelo William Hunt, que aparece em diversos dos indicados. Mas nesse filme o ator traz uma de suas melhores performances, nos impactando com suas excentricidades, tanto que ele acabou levando um Oscar por sua atuação. Acho que o ator tem um ar melancólico muito bem aproveitado aqui, trazendo um homem solitário em busca de conexões.

O Beijo da Mulher Aranha(1985) - Imagem: Divulgação

Molina é um homem sonhador e sensível que é constantemente desprezado pelo mundo ao seu redor, o que também justifica sua indiferença para a situação política, aprendendo a se tratar como prioridade máxima. Assim, quando, spoiler, ele é revelado como um informante dos chefes da prisão, para tirar informações de Valentin, o longa tenta ao máximo não julgá-lo, olhando para ele com compaixão, trazendo sua atitude como a forma que ele achou de sobreviver.

Até por se passar durante a ditadura militar, o longa tem um tom político bem forte. O personagem de Valentin é um preso político, constantemente torturado para passar mais informações sobre a resistência. Em momentos, me lembrei um pouco de *Ainda Estou Aqui* (2024), principalmente quando Valentin conta que, apesar do medo e do risco, não dava para não se impor contra a ditadura, mostrando um senso de justiça e coragem.

A relação dos dois personagens é o coração do filme, onde um aprende com o outro. De início, os dois são praticamente dois opostos, pouco entendendo sobre a posição de cada um, Valentin com a luta revolucionária e Molina pouco impactado pela situação política. Inicialmente, Valenti vê seu companheiro de cela como fraco e superficial, mas com o afeto de Molina ele acaba se conectando novamente com seu lado humano. Já Molina, vendo os sacrifícios de Valentin, entende a importância da imposição.

O Beijo da Mulher Aranha (1985) - Imagem: Divulgação

O Beijo da Mulher Aranha (1985) - Imagem: Divulgação

Também por meio da relação entre os dois, o filme mostra a importância das relações e conexões em momentos de medo, solidão e perigo. A história mostra que mesmo muito diferentes, os dois acabam se encontrando no afeto e compreensão, mostrando a empatia como um forte poder, principalmente como resistência. Ambos se mantêm vivos dentro da prisão.

A história também mostra a arte como uma forte ferramenta de escapismo, sendo uma das coisas que mantém Molina e Valentin ainda vivos e lúcidos em meio a tanto sofrimento. Molina usa os filmes antigos, que inclusive tem um tom político fortíssimo apesar do personagem focar apenas na alienação que eles garantem, como forma de escapar da realidade violenta da prisão, evidenciando como o cinema e a fantasia podem oferecer consolo, mas também esconder verdades difíceis.

E nas cenas de fantasia é onde a direção mais se destaca, saindo da cela triste, escura, suja e claustrofóbica, e dando vida a histórias cheias de melancolia e grandes eventos.

Gostei da história, achei que teria me apaixonado mais e particularmente não fui tão fã do final, mas o meio do filme é sensacional. Gostei bastante como o filme mostra o entretenimento e o cinema em si como escapismo ao mesmo tempo que questiona seu lado político. E o lado político do longa também tem bastante força, fiquei marcada pelo personagem Valentin dizendo que não queria morrer um mártir e que a imposição precisava ser feita.

A Cor Púrpura (1985) - Imagem: Divulgação

A COR PÚRPURA.

Mas o verdadeiro vencedor deveria ter sido *A Cor Púrpura*. Com direção de Steven Spielberg, o longa é uma adaptação do livro homônimo de Alice Walker, publicado em 1982, concorrendo em onze categorias dentro da premiação e saindo de mãos vazias. Talvez seja meu clubismo falando, mas além de sair sem nenhum prêmio, esse foi o único filme indicado a Melhor Filme naquele ano que não teve indicação a Melhor Diretor, um absurdo.

Na Geórgia em 1909, mora Celie (Whoopi Goldberg), uma jovem de 14 anos, constantemente violentada por seu pai, mas que mantém seu espírito graças ao seu amor por sua irmã mais nova Nettie (Akosua Busia). Porém um dia Celie é obrigada a se casar com Albert Johnson (Danny Glover), um homem machista e cruel que a separa da irmã, mas Celie nunca desiste de reencontrá-la.

Ao longo do filme acompanhamos a história de Celie por diversos anos em pequenas crônicas conforme a personagem cresce e amadurece, e em principal, entende seu lugar e seus direitos. A história é bem impactante e com muitos momentos duros e pesados que remetem a momentos que diversas mulheres negras passaram. Mas a mensagem que permeia durante toda a narrativa é a enorme esperança que Celie tem em momentos melhores e em principal reencontrar sua irmã.

O roteiro também acaba sendo extremamente ousado para época, falando sobre racismo, violência doméstica, abuso, identidade e até sexualidade, onde narrativas como essas, principalmente protagonizadas por personagens negros, não eram tão exploradas e não tinham tanta atenção como o filme acabou tendo.

As atuações são um dos seus pontos mais fortes, tanto é que três das atrizes principais foram indicadas ao Oscar. O coração do filme sem dúvidas é Whoopi Goldberg. Acompanhamos os anos da personagem e Golberg consegue representar com perfeição e naturalidade as mudanças que Celie vive, passando de uma garota tímida e amedrontada para uma mulher decidida e confiante mas que ainda assim mantém a mesma doçura e essência que tinha quando era mais nova.

Oprah Winfrey aqui interpreta Sofia, uma mulher bem diferente de Celie que traz um contraste maravilhoso. Sofia é forte, independente, corajosa e simplesmente age do jeito que quer. A performance de Winfrey impressiona principalmente no terço final da história quando encontramos a personagem muito traumatizada, conseguindo assim conduzir sua personagem em momentos engraçados e também mais dramáticos.

Já Margaret Avery aqui interpreta a cantora Shug Avery, nos conquistando com a mesma facilidade que conquista Celie graças ao seu carisma e confiança. A personagem também é essencial para o crescimento de Celie passando ensinamentos de vida e dando mais confiança para a garota. E completando o elenco, Danny Glover que aqui interpreta Albert, um homem patético mas também cruel, abusivo e machista.

A direção de Spielberg também é um ponto importante dentro da trama já que traz diversos

A Cor Púrpura (1985) - Imagem: Divulgação

enquadramentos que deixam explícitos algumas das temáticas exploradas pelo filme, como o patriarcado e a união feminina, e movimentos de câmera que ressaltam a própria esperança. O longa é visualmente impecável trazendo muitas cores se conectando com o jeito da protagonista e também a própria espiritualidade dentro da história.

Eu li uma crítica que falava que a direção do Spielberg no filme era falha, por não enfatizar e dramatizar mais alguns acontecimentos e trazer muitas vezes cenas otimistas e sentimentais, algo comum dentro da cinematografia do diretor, principalmente na época que o filme foi lançado.

Porém eu discordo, talvez eu seja clubista demais, mas acho que a direção é respeitosa e sutil ao retratar os momentos mais pesados da história, respeitando as personagens e até impactando mais, já que sentimos por elas mesmo com aquilo que não vemos explicitamente.

Já os momentos mais doces da narrativa trazem a representação perfeita da protagonista, que a todo momento tem esperança de uma melhora. Com esses momentos é possível se conectar melhor com os personagens e com a própria história. Eu acho que o filme não é livre de erros, acho que algumas conclusões ficaram um pouco bruscas e alguns arcos dos personagens poderiam ter sido melhor explorados, como a relação de Shug Avery com seu pai, mas é um filme muito bonito que consegue terminar de forma positiva.

Comovente e emocionante, *A Cor Púrpura* é um daqueles filmes que fica com você por muito tempo, principalmente por conta de suas personagens inesquecíveis. É um daqueles filmes que estamos a todo momento torcendo pela protagonista e que ficamos felizes com a felicidade dela.

A Cor Púrpura (1985) - Imagem: Divulgação

Platoon (1986) - Imagem: Divulgação

1987

O grande vencedor da noite foi *Platoon* (1986). Se eu puder ser honesta, eu acho que o filme, apesar de ser muito querido pelos críticos, é uma obra fora de época, justamente por trazer novamente a temática da Guerra do Vietnã. Acho que já dá pra me considerar uma estudiosa do Oscar, né? Então como estudiosa do Oscar, devo admitir que nessa altura eu já to meio cansada desse tema, então Platoon pra mim fica com essa imagem quando volto a pensar nele.

Com direção e roteiro de Oliver Stone, o longa recebeu oito indicações e levou para casa quatro delas: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Edição e Melhor Som.

Baseado nas vivências do cineasta Oliver Stone, Platoon aborda a guerra do Vietnã a partir do ponto de vista de Chris Tyler (Charlie Sheen), um jovem idealista insatisfeito com a vida que resolve se alistar no exército. Mas a realidade que Chris cegamente procura é rompida quando dois sargentos do exército americano, Barnes (Tom Berenger) e Elias (Willem Dafoe), acabam colocando os soldados uns contra os outros.

Com a sinopse é praticamente impossível não lembrar de *Nada Novo no Front* (1930 e 2022), por trazer um protagonista que vê na guerra uma forma de escapar de sua realidade, de certa forma incentivado por patriotismo e um senso de heroismo. Os filmes também carregam mensagens parecidas: na guerra só existem perdedores. Com isso, o diretor destaca a perda de inocência de Chris, principalmente com as cartas que o jovem envia à avó contando sobre sua passagem dentro do exercíto.

O filme traz em principal uma crítica a passagem dos Estados Unidos dentro do Vietnã, mostrando os diversos erros e crueldades cometidas pelos norte-americanos. Chris acaba entendendo que o inimigo nem sempre está do outro lado da linha de fogo, acompanhando o combate entre dois sargentos, que representam duas visões diferentes de guerra.

O longa fala muito mais sobre o ego dos dois homens do que qualquer outra coisa, que passam a batalhar um com o outro esquecendo totalmente a missão, levando consigo os soldados e em muitos momentos recorrendo a selvageria.

O Sargento Barnes (Tom Berenger) é brutal e cínico, sendo um produto da própria guerra, um resultado de todos os horrores vistos e sofridos, recorrendo à violência para conter a violência. Já o Sargento Elias (Willem Dafoe) representa um lado mais emocional, sendo ético, humano, relutante em abusar do poder. Ao contrário de Barnes, o efeito da guerra em Elias é o completo oposto, perdendo a motivação e não vendo finalidade naquela Guerra.

A fotografia e direção do filme também focam em retratar a selva em que os soldados andam como um ambiente hostil, utilizando uma câmera panorâmica e pouca iluminação, o que transfere ao telespectador o mesmo incômodo e agonia que o exército passou. Mesmo durante o dia, a fotografia aposta em tons frios e escuros, focando bastante no verde da selva, e trazendo o local como quase claustrofóbico, também passando a mensagem de que o verdadeiro inimigo está lá com eles.

Charlie Sheen faz um ótimo trabalho mostrando a transformação de Chris durante o filme, em que ele precisa escolher entre resistir à barbárie ou se entregar a ela. Apesar disso, mesmo sendo o protagonista, ele é o personagem mais desinteressante do filme, o que acaba deixando o longa arrastado.

O filme aposta na realidade: tanto nas mudanças dos personagens, quanto nos ferimentos e batalhas. Mesmo assim, em comparação com os outros filmes de guerra ele, pra mim, não se destaca. Em certos momentos o filme é bem lento e cansativo, e mesmo se tratando de uma batalha, tem um ritmo bem devagar.

Ainda assim, o filme traz fortemente uma mensagem sobre a desilusão da guerra, desmontando a narrativa heroica e mostrando o caos, o medo e os abusos cometidos por soldados americanos, evidenciando a perda da inocência americana, que marcou tanto a vida do diretor como muitas outras.

Ainda sobre brutalidade, mas dessa vez na América do Sul temos o filme *A Missão* (1986). Com direção de Roland Joffé, o longa mistura fé, política, colonização e redenção acompanhando a missão dos jesuítas na América do Sul. A obra recebeu sete indicações e levou para casa uma delas, Melhor Fotografia.

No século XVIII, o padre Gabriel (Jeremy Irons) lidera uma missão jesuíta para evangelizar os indígenas Guarani. Ele é acompanhado por Rodrigo Mendoza (Robert De Niro), ex-mercador de escravos em busca de redenção. Com a chegada dos colonizadores portugueses, a missão passa a ser ameaçada pela escravidão.

Talvez o maior destaque aqui é o personagem de Robert De Niro, que após matar seu irmão, que encontra nos jesuítas uma maneira de escapar de sua culpa e enfim encontrar sua redenção, achando uma saída na religião e na ajuda.

A Missão (1986) - Imagem: MUBI

Mas o coração do filme é o embate entre a luta pacífica e a luta armada, parecido com o que vemos em Gandhi (1982), e aqui conectando esse pacifismo à religião. O padre

A Missão (1986) - Imagem: Divulgação

Gabriel defende a resistência pacífica e espiritual, já Mendoza decide defender os Guarani com armas, combatendo a injustiça fogo contra fogo. Trazendo novamente esse debate de se diante de uma injustiça brutal, a resistência consegue ser pacífica ou precisa armada para vencer.

Talvez para a época de Hollywood, a ideia de trazer um filme contando a história de jesuítas e apresentando esse grupo como bondosos e preocupados com a situação dos indígenas. Mas, sinto eu que para nós sul americanos, que temos constantes aulas de história sobre o assunto, temos outra visão sobre o assunto, observando como os jesuítas vem para catequizar e impor sua religião em cima dos indígenas.

O filme até tenta mostrar um certo embate entre a igreja católica e os interesses geopolíticos, em que, apesar de ainda querer continuar com a missão, ainda precisa manter sua aliança com as coroas europeias, sendo de certa forma um cúmplice da violência colonial. Mas admito que essa romatização da figura dos jesuítas me incomodou profundamente, afinal esses "personagens" realizaram uma violência da mesma forma, só não de uma forma brutal.

O longa também denuncia como os povos indígenas foram usados, evangelizados e depois descartados pelos poderes coloniais. Apesar das minhas questões com o filme, os Guarani, grupo de maior destaque, são apresentados com muito respeito e dignidade, evidenciando a riqueza de sua cultura. E as cenas de brutalidade contra

Uma Janela para o Amor (1985)- Imagem: MUBI

os indígenas são verdadeiramente assustadoras, mostrando a violência excessiva e desigual usada contra eles.

E a trilha sonora é na minha opinião a melhor parte do filme, sendo quase um personagem à parte. A composição é assinada por Ennio Morricone e mistura elementos clássicos, indígenas e litúrgicos criando momentos marcantes e emocionantes.

Deixando a briga de lado e indo para um gênero mais tranquilo, dentre os indicados temos *Um Janela para o Amor* (1985). Com direção de James Ivory, o filme é um romance de época baseado no romance homônimo de E.M. Forster, publicado em 1908, e explorando as convenções sociais da época e a busca pela liberdade emocional.

O filme recebeu oito indicações ao Oscar e levou para casa três delas: Melhor Figurino, Melhor Direção de Arte e Melhor Roteiro Adaptado.

Ambientado no início do século XX, o filme acompanha Lucy Honeychurch (Helena Bonham Carter), uma jovem inglesa de classe alta em sua primeira viagem à Florença, Itália, acompanhada de sua prima e tutora Charlotte Bartlett (Maggie Smith). Hospedadas em uma pensão, conhecem o excêntrico George Emerson (Julian Sands) e seu pai, Mr. Emerson (Denholm Elliott). Lucy e George desenvolvem uma conexão intensa, mas, ao retornar à Inglaterra, Lucy se vê noiva de Cecil Vyse (Daniel Day-Lewis), um homem que representa os valores tradicionais da sociedade vitoriana.

E bom, não é atoa que o filme levou as estatuetas que levou nesta edição do Oscar. Na história

somos facilmente transportados para o século XX graças a toda a atmosfera do longa. Os figurinos são muito bonitos e seus cenários remetem à classe alta britânica durante esse período. O diretor conduz a narrativa com elegância, destacando-se por sua atenção aos detalhes e pela capacidade de capturar as sutilezas das interações sociais da época.

A história explora principalmente as rígidas normas sociais exigidas pela alta classe, e como todos esses padrões aprisionam a protagonista Lucy é uma personagem que se encontra confusa, tentando entender que caminho seguir e também tentando entender uma explicação para cada uma das regras impostas a ela, utilizando os contrastes entre as bonitas paisagens naturais para representar a liberdade e as construções antigas, apesar de também impressionantes, representam essa repressão.

Em sua estreia no cinema Helena Bonham Carter impressiona com uma Lucy cativante e sensível. A personagem se encontra em um embate entre desejo pessoal e as expectativas sociais. E com sua jornada, o filme questiona as restrições impostas às mulheres e celebra a liberdade emocional e a coragem de seguir o coração.

Mas apesar disso, e ainda sendo uma forte apoiadora dos filmes de época, achei esse meio sem graça. Claro, ele traz todas essas críticas, mas de uma forma que eu já vi diversos outros filmes fazer e muitas vezes fazerem de uma forma melhor. Num geral, achei um filme esquecível que eu não tenho vontade de revisitar.

Uma Janela para o Amor (1985)- Imagem: MUBI

Outro indicado é *Filhos do Silêncio* (1986). Com direção de Randa Haines, o longa recebeu cinco indicações, levando para casa uma estatueta: Melhor Atriz para Marlee Matlin, que se tornou a primeira atriz surda a vencer a estatueta, com apenas 21 anos. A obra acaba sendo um destaque por trazer uma história ao redor da surdez de forma respeitosa, com protagonismo de uma atriz com deficiência real.

James Leeds (William Hurt), um idealista professor de fala, começa a trabalhar em uma escola para surdos e se encanta por Sarah Norman (Marlee Matlin), uma jovem surda inteligente, orgulhosa e resistente a aprender a falar. À medida que os dois se envolvem romanticamente, suas diferenças em relação à comunicação e identidade geram conflitos profundos. Enquanto ele tenta aproximá-la do mundo dos ouvintes, ela luta para preservar sua autonomia e cultura.

O filme fala sobre comunicação e as suas dificuldades, aqui tendo como foco um casal onde um é ouvinte e outro não. O grande embate dentro do romance de James e Sarah é centrado sobre o direito de se expressar da própria maneira. O longa se questiona se E aqui a linguagem é uma ponte ou uma barreira, já que James insiste que Sarah deve aprender a falar e ela se recusa. A briga constante entre os dois também evidencia como a linguagem também é uma disputa de poder e visibilidade.

Gosto muito da naturalidade do romance dos dois personagens, ele é a grande engrenagem

Filhos do Silêncio (1986)- Imagem: Divulgação

Filhos do Silêncio (1986) - Imagem: Divulgação

do filme. A história de amor dos dois é mostrada com muito realismo, até por trazer um conflito que não é simples. O amor entre os dois é terno mas também cheio de mal-entendidos, expectativas e frustrações causadas por diferenças profundas.

A história dos dois mostra como o amor tem suas dificuldades, precisando se colocar no lugar do outro, por mais difícil que seja. A narrativa também traz questionamentos sobre até onde o amor pode ir quando duas pessoas têm formas tão distintas de estar no mundo. Sarah exige ser amada como é, sem que sua identidade seja apagada. O amor é suficiente? Podemos amar alguém tentando mudá-lo?

Sinto que o filme também é importante pela maneira como a comunidade surda é retratada, não mostrando a surdez como uma deficiência a ser "curada", ou a tratando como uma vítima, mas mostrando a surdez como uma parte da identidade e cultura de Sarah, algo que ela se recusa a apagar para agradar os ouvintes.

Mas no final ele é um filme que me fez refletir porque Marlee Matlin não apareceu em outras obras hollywoodianas que fujam da temática de surdez. A atriz é o coração da obra com uma performance emocionante, comovente e cheia de raiva, conseguindo passar sua indignação para os espectadores. Sarcástica, orgulhosa e intensa, a personagem rouba qualquer cena que participa pela sua complexidade, nos deixando também intrigados assim como o protagonista do filme.

Filhos do Silêncio é um longa que se diferencia de tantas outras histórias de romance dos anos 1980, trazendo um retrato sensível sobre o poder da linguagem e da comunicação, o respeito às diferenças e o direito de cada um ser quem é, trazendo uma bonita representação da comunidade surda tanto em sua trama mas também em seu elenco.

HANNAH E SUAS IRMÃS.

Mas pra mim o verdadeiro merecedor do Oscar neste ano é o filme *Hannah e suas Irmãs* (1986). Com direção e roteiro de Woody Allen, o longa se desenrola entre dois jantares de Ação de Graças, explorando as complexas relações familiares, amorosas e existenciais que conectam essas mulheres e os homens ao seu redor.

O filme recebeu sete indicações e levou três delas para casa: Melhor Ator Coadjuvante (Dianne Wiest), Melhor Atriz Coadjuvante (Dianne Wiest) e Melhor Roteiro Original.

Na história acompanhamos, ao longo de dois anos, a vida de três irmãs nova-iorquinas: Hannah (Mia Farrow), a mais centrada e bem-sucedida; Lee (Barbara Hershey), a sonhadora envolvida com um artista mais velho; e Holly (Dianne Wiest), aspirante a atriz e escritora em busca de seu lugar no mundo.

Característico do diretor, dentro dessa dinâmica, temos um roteiro recheado de momentos misturando humor, drama e reflexões filosóficas, abordando temas como fé, solidão, mortalidade e busca por sentido na vida, se conectando com os espectadores por explorar essas temáticas universais.

Sem dúvidas um dos grandes destaques dentro da história é o próprio Woody Allen, que aqui interpreta novamente um personagem, Mickey, que parece muito fielmente inspirado em sua personalidade. O personagem de Allen é um muito bem sucedido alívio cômico, um homem hipocondríaco que acha que está prestes a morrer. Ao longo da narrativa das três irmãs o personagem passa por sua própria jornada, recorrendo a diversos médicos, experimentando outras religiões e se questionando sobre a vida e seu sentido, em busca de lidar com o diagnóstico que ele criou em sua cabeça.

A jornada vivida por Mickey é talvez uma das mais humanas do filmes justamente por falar sobre a consciência da morte e como ela pode paralisar e libertar. O evento vivido pelo personagem vem para falar que a vida talvez não tenha um sentido, mas que ainda pode ser repleta de coisas bonitas como o amor, a arte e os momentos de alegria.

O filme também fala bastante sobre a complexidade dos relacionamentos familiares, que são repletos de apoio, inveja, ressentimento, competição e afeto, o que vemos perfeitamente na dinâmica entre Hannah, Lee e Holly, apresentando um falho, mas verdadeiro, relacionamento entre irmãs.

O longa também fala sobre um desejo reprimido através da relação entre Elliot (Michael Caine) e Lee. Elliot é casado com Hannah, mas acaba se interessando por sua cunhada. É interessante que Woody Allen não retrata esse adúlterio como algo explosivo ou super dramatico, trazendo um tom mais realista e atrelando as motivações de Elliot a um desejo por novidade, uma nostalgia do que nunca viveu, e não pela falta de amor por sua esposa. Dessa forma o filme fala sobre um impulso autodestrutivo humano, de buscar em outro lugar o que na verdade nos falta internamente, o que vale tanto para Elliot quanto para Lee.

Hannah e suas Irmãs (1986)- Imagem: Divulgação

Hannah e suas Irmãs (1986)- Imagem: Divulgação

Lee mesmo vive um conflito entre dois tipos de amor. De um lado o escondido romance leve e apaixonante com Elliot e de outro lado seu relacionamento intelectualizado, estéril e paternalista com Frederick (Max von Sydow). O conflito vivido pela personagem no final nada mais é do que uma busca por para se sentir vista e notada, algo maior do que o amor aqui.

Hannah e suas Irmãs (1986) - Imagem: Divulgação

E Holly representa a busca profissional. A personagem pula de carreira em carreira tentando achar o seu lugar. Dianne Weist interpreta a personagem como um caos criativo incerto, que tanta a todo momento "alcançar" suas irmãs, sempre se questionando. A personagem talvez seja a de mais fácil identificação dentro da história, justamente por apresentar a frustração de encontrar uma identidade própria e sair da sombra de suas irmãs.

O longa é o verdadeiro vencedor do ano de 1986 justamente por conseguir ser a narrativa mais humana dentro dos indicados, trazendo a vida real, a imperfeita.

O filme é um dos meus favoritos do diretor, justamente por ser tão completo, misturando a comédia, o drama e em principal pensamentos filosóficos em relação a vida. A mensagem final do filme é que a vida não precisa necessariamente ter um sentido, se fazendo valer principalmente pelos seus pequenos eventos: o amor que se reencontra, da gestação inesperada, de uma sessão de cinema que provoca risos.

O mundo e a vida é incerta, e tudo bem.

1988

Dentre os indicados da década de 1980, sindo que os selecionados de 1988 são os mais fracos, tanto que fico em dúvida sobre qual filme deveria ter sido o premiado do ano. Não acho que as obras são ruins, longe disso, mas nenhuma se destacou para mim.

O grande vencedor da noite foi *O Último Imperador* (1987). Com direção de Bernardo Bertolucci, o longa venceu todas as categorias que foi indicado, levando nove estatuetas para casa, incluindo Melhor DIreção,.

Após ser capturado pelo exército vermelho como um criminoso de guerra em 1950, Pu Yi (John Lone), o último imperador da China, recorda de suas memórias passando por sua infância, seu reinado tumultuoso e sua fase adulta quando é capturado.

O filme acompanha o Pu Yi (Richard Vuu) desde o momento em que ele é nomeado imperador quando tinha apenas 3 anos, em 1908. A posição que ele ocupava era simbólica sem nenhum poder efetivo, ocupando de certa forma uma prisão de luxo, o que fez com que ele se tornasse sedento por poder.

Pu Yi é criado como se fosse um semi deus, apesar de nunca ter tido poder real, pensamento esse que acaba o corrompendo conforme amadurece. O personagem é uma importante figura política que é constantemente usado por forças maiores, sendo deslocado, manipulado e redefinido, o que o faz perder parte da sua identidade, se tornando cada vez mais frio.

O diretor, Bertolucci, aproveitou muito a rara autorização para filmar na Cidade Proibida, em Pequim, o que torna o filme ainda mais grandioso, já que ele soube muito bem explorar a beleza da cidade proibida. A história também acaba trazendo um relato importante das mudanças históricas dentro da China, mostrando o embate entre tradição e modernidade, e o crescimento de novas ideologias.

Além disso, os figurinos são belíssimos, luxuosos e muito detalhados principalmente na primeira parte do filme, quando Pu Yi é o imperador. Através desses figurinos é possível ver as fortes tradições chinesas que eram impostas ao garoto. Os figurinos também se destacam ao final, quando comparados com os uniformes da prisão.

A fotografia também é responsável por sinalizar a divisão da narrativa ao telespectador através da cor predominante. Durante a infância e parte de sua vida adulta a cor é vermelha, que representa a influência das tradições chinesas. Já na sua fase adulta a cor é azul, representando a frieza do personagem. Durante a passagem pela prisão a cor em destaque é a verde, que mesmo fria e sombria, simboliza esperança.

Ao contrário do que ocorre em muitos filmes, os três atores diferentes interpretando o mesmo personagem funcionam muito bem, principalmente John Lone, que interpreta o personagem na fase adulta. Lone entrega um personagem muito sério e firme extremamente fascinado pelo poder.

A obra tem um ritmo muito bom, principalmente durante a infância e adolescência de Pu Yi, essa

O Último Imperador (1987)- Imagem: Divulgação

parte é muito grandiosa e detalhada. A narrativa se mantém constante nesse ritmo quase o filme todo, apenas em alguns períodos durante a fase adulta ela fica meio confusa e lenta, mas conseguindo retomar o ritmo.

O Último Imperador é um filme bem desenvolvido que apresenta uma narrativa tocante e humana mostrando a vida trágica de Pu Yi. Além disso, mostra fatos históricos marcantes que ocorreram durante sua vida, mostrando a vida de um homem que mesmo tendo sido preso apenas na sua fase adulta, viveu sempre como um prisioneiro sem controle de sua vida.

Outro indicado é *Esperança e Glória* (1987), com direção e roteiro de John Boorman, sendo praticamente uma semi-autobiografia recriando as próprias experiências de infância do cineasta durante a Segunda Guerra Mundial. O filme recebeu cinco indicações, porém acabou saindo da premiação de mãos vazias.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o pequeno Billy Rowan (Sebastian Rice-Edwards) vive em Londres com sua família e vê sua infância moldada pelos bombardeios alemães. Enquanto os adultos enfrentam o caos e a perda, Billy encontra liberdade, aventura e descoberta em meio à destruição. Sua mãe (Sarah Miles) tenta manter a família unida após o pai (David Hayman) ser enviado ao front. .

Esperança e Glória (1987) - Imagem: MUBI

Esperança e Glória (1987) - Imagem: Divulgação

Por mais que se trate de uma obra de guerra, o filme é leve e divertido, trazendo o ponto de vista de Billy sobre o evento, como o período de diversas aventuras por conta de sua imaginação. Muito por conta disso, me lembrei bastante de Jojo Rabbit (2019) e imagino que a história de Esperança e Glória deve ter servido de forte inspiração, mostrando como a infância tem a capacidade de ressignificar a realidade, mesmo em meio ao horror.

Os maiores destaques dentro do longa são nos momentos em que conhecemos a família de Billy, contando a história daqueles que ficaram. Sua mãe tenta se reinventar durante a guerra, precisando cuidar de duas crianças e uma adolescente, Dawn. Honestamente as vivências de Dawn foram as minhas favoritas dentro da história, a menina passa a romper barreiras sociais e sexuais, gerando divertidas crônicas.

Mas apesar de tratar tudo com bom humor, o filme evidencia algumas perdas que grande parte da população britânica sentiu durante o período. Para Billy, a mudança mais relevante sentida foi a perda de sua casa, que pegou fogo enquanto a família estava na praia. Por conta disso, a família vai morar com os avós numa área mais suburbana, onde se depara com hábitos mais conservadores.

Esperança e Glória é um filme que se diferencia de outros longas do gênero por trazer um olhar único. Nós espectadores, e o próprio diretor que olha para o passado com outros olhos, vemos os perigos e tristezas vividas durante a guerra, mas ainda assim, o cineasta consegue mostrar parte do encanto que o período teve para ele, sendo um momento de liberdade e descobertas.

E com direção e roteiro de James L. Brooks, outro indicado é Nos Bastidores da Notícia (1987). O filme recebeu sete indicações, mas não levou nenhuma estatueta para casa.

Jane Craig (Holly Hunter) é uma produtora de TV talentosa e dedicada, dividida entre dois colegas opostos: o inteligente e sarcástico repórter Aaron Altman (Albert Brooks),

Nos Bastidores da Notícia (1987) - Imagem: Letterboxd

e o carismático, porém superficial, âncora Tom Grunick (William Hurt). No ambiente competitivo de uma redação de telejornal, os três enfrentam dilemas éticos, tensões emocionais e escolhas difíceis sobre carreira e amor.

Os melhores momentos da história são com certeza quando ela foca nas questões jornalísticas, mostrando os bastidores da notícia. Aqui vemos com muito realismo a apuração de furos, gravação de reportagens e como tudo acontece durante o jornal. Com esse lado, o longa também fala sobre a ambição competitiva dentro da profissão, onde mesmo trabalhando juntos ainda existe um embate entre grande parte dos profissionais. No filme, isso é mostrado principalmente com a relação entre Aaron e Tom, que tem muita admiração e inveja.

Na relação dos dois a obra também toca em temas como a importância da aparência dentro do jornalismo. Aaron é um profissional mais competente, fazendo grandes textos dentro de reportagens, porém Tom tem uma beleza mais atrativa, fazendo com que os chefes sempre escolham ele. E por falar em aparências, o filme também traz questões éticas dentro da profissão, questionando o papel da emoção e da encenação dentro das reportagens, que criam uma certa espetacularização da notícia.

Sinto que a história também é um tanto quanto moderna, principalmente por trazer uma protagonista feminina tão interessante e ocupando um cargo de poder de forma justa. Jane é uma protagonista complexa, que também permite se apaixonar e evidencia as contradições

enfrentadas por mulheres em posições de liderança.

E por falar em paixão, eu diria que o triângulo amoroso é o elo mais fraco e desinteressante da história. Não senti nenhum dos relacionamentos como um grande romance e honestamente achei todos os desdobramentos muito chatos, e não me importava com esse lado da história. Sinto que ao empurrar esse triângulo amoroso o longa perdeu parte de sua força.

Já protagonizado por ninguém mais ninguém menos que Cher, outro indicado é Feitiço da Lua (1987).

Loretta Castorini (Cher), uma viúva ítalo-americana que vive no Brooklyn, está prestes a se casar novamente quando se apaixona inesperadamente por Ronny (Nicolas Cage), o irmão mais novo e rebelde de seu noivo. Enquanto tenta lidar com esse amor proibido, Loretta também enfrenta as crises do casamento em sua própria família.

Sempre fico muito feliz quando filmes fora do "padrão Oscar" acabam sendo selecionados, e dessa vez uma comédia romântica. O longa traz uma história sobre o amor, e sua impossibilidade de controle.

Loretta já tinha aceitado que não encontraria puro amor novamente após morte de seu marido, então se conforma em casar apenas por compatibilidade, com um homem que gosta mas não ama. Mas quando conhece Ronny os dois acabam se conectando de uma forma genuína, se apaixonando perdidamente.

Assim, o filme mostra como o amor nem sempre vem da forma que imaginamos ou quando esperando, se dentro da história sendo um sentimento que resiste ao tempo, da paixão que nos tira da razão. Loretta é uma personagem até meio cínica, com medo de amar novamente após passar pelo luto e ao longo da narrativa, ela entende que as vezes é necessário correr riscos e que o amor é algo que vale ser vivida.

Grande destaque dentro do longa sem dúvidas é a Cher. Loretta é uma personagem de fácil identificação, principalmente pelo seu sarcasmo, prendendo a atenção graças ao seu timing cômico. Alguns podem discordar, mas a estatueta de Melhor Atriz foi mais do que merecida.

Mas pra ser bem sincera, achei o final bem anticlimático, parece que faltou uma conclusão em relação a todas as tramas da narrativa, basicamente tudo sendo resolvido facilmente. É um filme divertido, mas faltou algo a mais.

Feitiço da Lua (1987)
Dir: Norman Jewison

O longa recebeu seis indicações, levando para casa três estatuetas: Melhor Roteiro Original, Melhor Atriz Coadjuvante (Olympia Dukakis) e Melhor Atriz (Cher). Esse é o único filme indicado a Melhor Filme em que Cher ou Nicolas Cage atuaram.

Atração Fatal(1987)

ATRAÇÃO FATAL.

Mas meu favorito da seleção de 1988 é *Atração Fatal* (1987). O filme tem direção de Adrian Lyne e recebeu seis indicações, porém saiu de mãos vazias da premiação.

Dan Gallagher (Michael Douglas), um advogado bem-sucedido e casado, se envolve em um caso extraconjugal com Alex Forrest (Glenn Close), uma mulher intensa e instável. O que parecia uma aventura passageira se transforma em um pesadelo quando Alex se recusa a aceitar o fim da relação. A obsessão dela coloca em risco a vida de Dan, sua esposa Beth (Anne Archer) e sua filha.

Sinto que a história tem uma premissa muito similar com O Pecado Mora ao Lado (1955), sendo a versão thriller do longa do Billy Wilder. A história toca em temas como a culpa, obsessão e as consequências das escolhas impulsivas. Na história, a traição não é apenas como um deslize moral, a abertura para um colapso de toda uma vida construída.

A traição de Dan não é algo movido por sentimentos e sim por um desejo e um egoísmo do personagem, que pratica o ato na certeza da impunidade. Porém, o personagem escolhe a pessoa errada na hora errada para ter um caso.

Alex Forrest não deixa isso barato, trazendo uma sequência de loucuras para o filme, intensificando cada vez. Acho legal que aqui, de certa forma, não existem vilões e herois, todos são causadores e vítimas ao mesmo tempo, permitindo com que a gente sinta por esses personagens.

O filme tem uma atmosfera lembrando praticamente uma obra de terror, trazendo uma sensação de paranoia, tanto nós quanto Dani jamais sabemos quando Alex irá fazer algo e o que será. Por conta da personalidade imprevisível da personagem, o longa nos surpreende a cada momento, com cenas de gritaria, perseguição e ameaças.

Para mim, ele é um filme que te ganha na intensidade e nas performances de Michael Douglas e, principalmente Glenn Close, que mais uma vez se prova merecedora de uma estatueta na premiação.

Alex é uma personagem impulsiva mas que fielmente acredita que suas ações são justificáveis. De certa forma, na performance de Close é possível sentir até uma pena pela personagem, que se encontra visivelmente desesperada após Dan terminar seu breve relacionamento.

Não dá pra negar que esse é um filme impactante. É uma história nunca jamais contada? Não, mas tem dois atores muito bons envolvidos e consegue nos prender com facilidade.

1989

O grande vencedor do ano foi *Rain Man* (1988), e sim irei tirar seu Oscar mesmo gostando do filme. O longa tem direção de Barry Levinson e recebeu oito indicações ao Oscar e venceu quatro delas: Melhor Filme, Melhor Ator (Dustin Hoffman), Melhor Roteiro Original e Melhor Direção.

O filme conta a história de Charlie (Tom Cruise) que descobre na leitura do testamento do pai que ele não era seu único herdeiro, e acaba descobrindo que tem um irmão chamado Raymond (Dustin Hoffman) que é autista e mora em sua cidade natal em uma instituição. A trama então conta da viagem de carro dos dois irmãos indo de Ohio à Califórnia para que Charlie consiga disputar sua parte da herança e se livrar da custódia do irmão.

O filme traz uma história sobre a descoberta do amor através da relação entre os dois irmãos. Uma das coisas mais interessantes na relação, é que eles acabam se identificando um com o outro, já que, cada um à sua maneira, tem dificuldades de se relacionar com outras pessoas, o que é evidenciado nos outros relacionamentos de Charlie.

A relação construída através da viagem é de uma forma muito real, e mesmo com os momentos de tensão, ainda traz uma naturalidade com momentos leves e engraçados entre eles, o que conquista mais ainda a empatia dos espectadores.

Tom Cruise entrega um protagonista muito egoísta e estressado, sem muita sensibilidade e disposto a fazer qualquer coisa para conseguir o que quer. Porém com o desenvolvimento de seu relacionamento com Raymond ele vai se transformando de forma lenta e natural em um homem preocupado, principalmente com o irmão.

Mesmo assim, é Dustin Hoffman quem mais se destaca no longa com uma atuação excelente, sensível e emocionante. O ator se atenta aos mínimos detalhes ao compor seu personagem, como os gestos e seu olhar vago sendo feito de forma natural, o que gera ao público uma conexão com o personagem.

Rain Man é um filme definitivamente bonito com a dosagem perfeita de comédia e drama. Sem nenhuma vez parecer forçado, apresenta uma história emocionante de fraternidade. Gosto bastante do filme, mas não é uma história que penso muito a respeito.

Outro indicado do mesmo ano é o filme *O Turista Acidental* (1988). Dirigido por Lawrence Kasdan, o filme recebeu quatro indicações ao Oscar e levou para casa uma estatueta, Melhor Atriz Coadjuvante para Geena Davis.

Macon Leary (William Hurt), escritor de guias de viagem para quem odeia viajar, mergulha em um estado de apatia após a morte do filho e o fim de seu casamento com Sarah (Kathleen Turner). Tudo muda quando ele conhece Muriel (Geena Davis), uma adestradora de cães excêntrica e vibrante, que desafia seu isolamento e o impulsiona a recomeçar a vida.

O tema central dentro da história é o luto, em principal o vazio que ele causa. Após a morte do filho, Macon não vê felicidade em nada se

Rain Man (1988)- Imagem: Divulgação

O Turista Acidental (1988))- Imagem: Divulgação

afundando na sua rotina de uma forma quase robótica para conseguir seguir em frente sem lidar com a dor e a falta. Ele se move sem realmente viver. E seu emprego, escrevendo guias de viagem para "turistas acidentais" é a representação perfeita dessa forma de viver no automático, sem conseguir se abrir para o real e o imprevisto.

Eu realmente achei esse um dos filmes mais deprimentes de todos, não pela dor passada por Macon, mas pela sua vida extremamente chata. E aí é que tá, temos filmes que não acontecem grandes eventos e que apenas mostram a vida cotidiana que conseguem ser emocionantes e impactantes, mas olhando para *O Turista Acidental* eu sinto apenas tédio.

A melhor parte do filme é a personagem de Geena Davis, Muriel, e não é atoa que a atriz levou para casa a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante. Talvez por acompanharmos essa vida miserável e chata de Macon sentimos um forte impacto quando Muriel passa a aparecer, uma sensação parecida com a experienciada pelo protagonista. A personagem é o oposto de Macon, sendo o único sopro de vida dentro da história, mesmo exagerada em momentos, nos fazendo rir com sua personalidade expansiva e também nos emocionando mostrando a realidade de uma mãe solteira.

Pra ser sincera, esse filme me dá um pouco de raiva, principalmente por conta do seu protagonista extremamente sonso que machuca os outros ao seu redor. A raiva também vem porque acho que ele poderia ser muito melhor do que ele realmente é, explorando em principal o luto do protagonista e talvez a conexão dele com o filho de Muriel, e como isso o ajudou

a passar pela dor, mas ele escolhe focar nesse triângulo amoroso estranho. No final, pra mim, *O Turista Acidental* é um filme estranho, que ficou comigo apenas pela raiva que senti.

Também no mesmo estilo de comédia dramática, temos o filme *Uma Secretária de Futuro* (1988). O longa tem direção de Mike Nichols e traz uma divertida comédia romântica juntamente com uma crítica ao mundo corporativo e o tratamento que as mulheres recebem neste ambiente. O filme recebeu seis indicações e levou para casa apenas uma estatueta: Melhor Canção Original (Let the River Run).

Tess McGill (Melanie Griffith) é uma secretária inteligente e ambiciosa de Staten Island, Nova York, que luta para ser levada a sério no mundo corporativo dominado por homens — e mulheres poderosas que jogam pelas regras patriarcais. Quando sua chefe, Katharine Parker (Sigourney Weaver), sofre um acidente de esqui, Tess aproveita a ausência para assumir um projeto de fusão empresarial que havia idealizado — e que Katharine planejava roubar. Fingindo ter mais poder do que realmente tem, Tess se envolve com Jack Trainer (Harrison Ford), um investidor influente, e tenta mostrar que é tão capaz quanto qualquer executivo homem.

Esse talvez seja o filme mais anos 1980 que eu já vi, ou pelo menos o que mais traz a vida a ideia do que foram os anos 1980 que eu tenho na minha cabeça. O filme é repleto de roupas icônicas, maquiagens chamativas e coloridas e cabelos cheios e com muito laquê. E ele me lembra deste conceito principalmente pela narrativa da mulher independente trabalhadora.

Uma Secretária de Futuro (1988))- Imagem: MUBI

Uma Secretária de Futuro (1988))- Imagem: Divulgação

E bom, essa é a principal temática dentro do filme, o empoderamento feminino dentro dos ambientes corporativos. Aqui nossa protagonista, Tess, representa uma trabalhadora, muitas vezes diminuída por conta de sua origem humilde, sotaque e aparência, que precisa "tomar emprestado" o poder para ser ouvida. De certa forma, apesar de trazer uma crítica, o filme acaba sendo bastante inspirador, mostrando a Tess como uma mulher cheia de ideias e competências, que aproveita completamente a oportunidade que recebe.

Gosto bastante dos personagens serem cheios de defeito, o que os torna mais verdadeiros, mas também mais interessantes. Até mesmo Tess é uma pessoa egoísta e manipuladora, tirando essa ideia de mocinha indefesa. E claro, o filme também tem seu lado comédia romântica que ganha muito graças ao carisma de Harrison Ford.

Um bom filme que com certeza inspirou filmes melhores como *Como Perder um Homem em 10 Dias* (2003) e, claro, *O Diabo Veste Prada* (2006).

E indo para temáticas mais fortes, outro indicado é *Mississippi em Chamas* (1988). Com direção de Alan Parker, o longa tem como base eventos reais: o assassinato de três ativistas dos direitos civis em 1964, James Chaney, Andrew Goodman e Michael Schwerner. O filme foi indicado a sete categorias dentro do Oscar e acabou levando para casa uma delas: Melhor Fotografia.

O filme, então, acompanha dois agentes do FBI enviados a uma pequena cidade do Mississippi para investigar o desaparecimento de três jovens.

A história prende por conta da investigação feita pelos agentes. Conforme os dois se aprofundam no caso, acabam descobrindo um sistema corrompido por racismo, com a forte presença da Ku Klux Klan dentro de diversas instituições da cidade, o que, claro, prejudica a investigação, já que eles se protegem e silenciam possíveis testemunhas.

Com isso, o filme critica principalmente o racismo enraizado dentro da política, policia, igreja e a vida comum dos Estados Unidos, não só mostrando um indivíduo como culpado, mas todo o sistema que pratica um um pacto de silêncio e violência para manter o poder branco. A história é extremamente forte por mostrar o sofrimento que a comunidade negra da cidade precisa aceitar apenas para poder continuar vivo, sem nenhum tipo de justiça, nos passando uma sensação de impotência.

O filme ganha muito por conta da relação entre os dois agentes. O agente Alan Ward (Willem Dafoe), metódico e obediente às regras, entra em conflito com Rupert Anderson (Gene Hackman), mais experiente e pragmático, que cresceu no sul e entende que, para lidar com a cidade, é preciso ir além da formalidade. Os dois entram em conflito constantemente por seus diferentes pensamentos, mas acabam se conectando por sua vontade de resolver o caso e trazer justiça, levantando o debate de até onde se pode ir para fazer justiça quando o sistema falha.

Tenso e brutal, *Mississippi em Chamas* mostra a triste e assustadora realidade vivida dentro dos Estados Unidos apenas algumas décadas atrás. O longa enfatiza a importância da resistência, mesmo batalhando contra um sistema muito bem protegido.

Mississippi em Chamas (1988))- Imagem: Divulgação

LIGAÇÕES PERIGOSAS.

E, em um ano com muitas comédias dramáticas, pra mim o verdadeiro vencedor deveria ser *Ligações Perigosas* (1988) que mergulha com estilo em uma comédia de época. O longa tem direção de Stephen Frears e traz uma adaptação da peça francesa Les liaisons dangereuses, escrita em 1782. O longa recebeu sete indicações, levando para casa três prêmios: Melhor Figurino, Melhor Direção de Arte e Melhor Roteiro Adaptado.

Na França do século XVIII, a elegante e manipuladora Marquesa de Merteuil (Glenn Close) propõe ao seu ex-amante, o sedutor Visconde de Valmont (John Malkovich), um jogo cruel: seduzir a jovem e inocente Cécile de Volanges (Uma Thurman) para se vingar de um antigo desafeto. Paralelamente, Valmont tem como alvo Madame de Tourvel (Michelle Pfeiffer).

O filme é vivo e mistura a manipulação com jogos sexuais e sociais. Dessa forma a obra explora temas fortes como poder, desejo e corrupção emocional, trazendo um retrato cruel das manipulações humanas escondidas em uma "falsa" elegância aristocrática, que na verdade esconde uma sociedade decadente e podre.

A Marquesa de Merteuil e o Visconde de Valmont se divertem com o sofrimento alheio de uma forma quase psicopata, dispostos a mexer drasticamente com a vida de todos. E, por conta disso, o filme mostra os sentimentos, em principal o amor, como uma fraqueza. Mas claro, esses jogos saem do controle dos personagens, já que eles são humanos e acabam desenvolvendo sentimentos reais.

Até por ter diversos planos para manipular os outros personagens, o filme é repleto de reviravoltas, muitas delas envolvendo cartas. As cartas aqui representam uma forte arma de comunicação, é como Madame de Tourvel descobre a difícil reputação de Valmont, é a forma de prova que a Marquesa de Merteuil exige do visconde e é a principal fonte de traição, intimidade e manipulação.

A personagem de Glenn Close é divertidamente maligna. Acho que agora mais que nunca faz total sentido ela ter sido escalada como Cruella alguns anos depois. Sua personagem combina a elegância da elite com planos em nome da vingança, evidenciando a manipulação como poderosa arma social e sexual. É um tanto quanto surpreendente que a atriz não venceu a estatueta de Melhor Atriz ou que até então ela não tenha vencido.

E talvez o ponto mais interessante desenvolvido pela personagem é a crítica às regras de submissão impostas às mulheres de sua época. As ações da Marquesa, apesar de crueis, são movidas por uma vingança e sede de controle contra as normas da época e o domínio masculino, tentando usar o próprio sistema para sair por cima.

Apesar de criticar a aristocracia francesa, o filme acaba se tornando atual trazendo um retrato de como o poder corrompe e como a sociedade molda a destruição das emoções humanas, seduzindo com sua beleza estética e esmagando com sua frieza.

Ligações Perigosas (1988))- Imagem: Divulgação

ANOS 1990.

Ainda no final da década de 1980 os grandes blockbusters dão espaço para o cinema indie, talvez estimulado pelo Festival de Sundance, criado em 1985 por Robert Redford, em homenagem ao seu personagem em *Butch Cassidy and the Sundance Kid*, para promover o cinema independente.

Assim, ao longo dos anos 1990, surgem nomes como Spike Lee, Steven Soderbergh e Quentin Tarantino, com filmes que tinham temas autorais e muitas vezes provocativos. A década é marcada pela experimentação e busca de novas linguagens, abordagens autorais e uma abertura maior para temas que até então ficavam à margem de Hollywood. Dentre os principais temas da década ficam os existencialismos, crises de identidade, desilusões, principalmente com sonho americano, além de trazerem cada vez mais atenção para questões sociais.

A década também contou com novos avanços tecnológicos que transformar profundamente a estética e a produção dos filmes, como por exemplo *Jurassic Park* (1993) revolucionou os efeitos especiais com seus dinossauros criados em CGI, e *Matrix* (1999), que misturava questões filosóficas com ação, contando com técnicas visuais diferentes.

O interesse dos espectadores também voltou a ir além de Hollywood, com o crescimento cada vez maior de interessados pelo cinema do restante do mundo. No Oscar inclusive alguns filmes conseguiram quebrar o preconceito da Academia sendo indicados a categorias principais como *O Carteiro e o Poeta* (1994) e *A Vida é Bela* (1997). E a categoria de Melhor Filme Internacional contou com a presença de três longas brasileiros: *O Quatrilho* (1995), *O Que É Isso, Companheiro?* (1997) e *Central do Brasil* (1998), que também foi indicado à categoria de Melhor Atriz (Fernanda Montenegro).

A animação também ganhou mais força, principalmente por conta dos avanços tecnológicos. Em 1994, Steven Spielberg, Jeffrey Katzenberg e David Geffen, anunciam a criação do estúdio Dreamworks SKG, e em 1995 temos o lançamento do clássico da Pixar: *Toy Story* (1995), um marco dentro do cinema. E a premiação do Oscar também sentiu isso já que na edição de 1992 temos pela primeira vez uma animação concorrendo na categoria principal: *A Bela e a Fera* (1991), que também recebeu outras cinco indicações e levou duas estatuetas para casa: Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Canção Original por *Beauty and the Beast*.

Pulp Fiction (1994)- Imagem: Divulgação

Conduzindo Miss Daisy (1989)- Imagem: Divulgação

1990

Enfim chegamos nos anos 1990, em que as narrativas dentro do cinema passam a ter um tom mais intimista, com histórias mais próximas da realidade, muitas vezes trazendo críticas sociais.

Um dos indicados do ano é o filme *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989). Com direção de Peter Weir, esse é um dos queridinhos de muita gente, em parte por explorar conceitos sobre Carpe Diem, mas também pelo seu tom de conforto, apesar de suas tragédias. O filme foi indicado a quatro estatuetas e levou para casa o Oscar de Melhor Roteiro.

Na conservadora Welton Academy, em 1959, um grupo de estudantes têm suas vidas transformadas pela chegada do novo professor de literatura, John Keating (Robin Williams). Com métodos nada convencionais, ele inspira os alunos a pensarem por si mesmos e a viverem com paixão através da poesia. Motivados por seu lema "Carpe Diem", os jovens desafiam regras rígidas e passam a questionar a autoridade. Porém, as consequências dessa libertação pessoal são profundas e, por vezes, trágicas.

O filme segue em principal três alunos da escola: Neil Perry (Robert Sean Leonard), Todd Anderson (Ethan Hawke), Charlie Dalton (Josh Charles), que acabam sendo motivados e desafiados pelo novo professor de literatura.

A história então fala sobre a importância da educação, mas não necessariamente em um estilo clássico, mas um estilo de ensino que desafia, provoca e incentiva os alunos a questionar a autoridade, desafiar a conformidade e a explorar seus próprios pensamentos e paixões. O professor vê a educação não só como conhecimento acadêmico, como uma ferramenta importante para o desenvolvimento pessoal, emocional e criativo, acreditando que a educação deve abranger todos os aspectos da vida, incluindo a criatividade e a empatia.

As aulas de Keating usam de poesia e filosofia como ferramentas para incitar os estudantes a pensarem de forma independente, apelando ao lema "Carpe Diem", aproveite o dia, instando-os a viverem a vida de forma autêntica, buscando a realização pessoal e sem arrependimentos. De certa forma, esse lado da trama, me lembrou um pouco um dos meus livros favoritos, se não meu favorito, *A História Secreta,* de Donna Tartt (1992), que também traz um grupo de alunos que inspirados pelos aprendizados em gregos entram em uma sequência de eventos. O livro é bem mais pesado do que o filme, mas acho que tem uma relação interessante entre os dois.

As aulas então acabam causando uma revolução silenciosa, levando os jovens a questionar as normas impostas por suas famílias e pela própria sociedade. O filme, então pode ser analisado também como um coming-of-age, falando principalmente das mudanças da vida adolescente para a vida adulta, explorando principalmente as pressões experienciadas pelos personagens, como Neil, que sonha com uma vida artística mas é forçado pelos pais a seguir uma carreira diferente, tornando a narrativa de fácil identificação. Uma luta pela própria identidade e autonomia.

Sinto que essa identificação é o que fez o filme se tornar tão popular, além, é claro, de trazer

uma mensagem bonita sobre viver a vida que você deseja. A narrativa também consegue equilibrar momentos de humor e leveza com cenas profundas e trágicas, capturando a essência da luta interna dos jovens personagens, algo que ressoa com o público. Já o lado conforto da obra vem muito da sua fotografia, apostando em tons amarelados e quentes que passam essa sensação de conforto, aconchego e representa perfeitamente os laços de amizade formados ali.

O longa também se tornou icônico pela presença de Robin Williams. O ator pra mim passa a ideia de conforto e confiança, até por ter feito parte da minha infância, o que eu acho que ajuda o personagem. John Keating é um professor carismático e leve que inspira os alunos que também consegue nos impactar, principalmente nas cenas mais dramáticas, graças a performance do ator.

Mas honestamente, sinto que minha visão do filme foi prejudicada pelo hype ao seu redor. Fui assistir com altas expectativas, esperando que a história fosse mudar minha vida, e acabei não sendo tão tocada pelo filme quanto a maioria das pessoas. É um filme legal, não penso muito nele, entendo porque gostam mas simplesmente não consegui ser mudada pela história.

Agora indo para uma história mais leve, *Campo dos Sonhos* (1989), um dos clássicos do cinema americano dos anos 1980. O filme tem direção de Phil Alden Robinson e recebeu

Sociedade dos Poetas Mortos (1989)- Imagem: Divulgação

Campo dos Sonhos (1989)- Imagem: Divulgação

três indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Trilha Sonora Original, mas não levou nenhuma para casa. O filme tem como base o romance Shoeless Joe, de W.P. Kinsella, publicado em 1982, que trouxe a mistura entre fantasia, nostalgia e beisebol.

Ray Kinsella (Kevin Costner), um fazendeiro de Iowa, ouve uma misteriosa voz dizendo: “Se você construir, ele virá.” Movido por essa mensagem enigmática, ele constroi um campo de beisebol em seu milharal. Para sua surpresa, jogadores lendários do passado, como Shoeless Joe Jackson (Ray Liotta), começam a surgir

O roteiro é leve e traz uma abordagem sensível sobre perdão, fé, redenção, reconciliação familiar e os sonhos que nos movem. Sinto que o tema mais constante é o perdão, ao longo da narrativa Ray comenta sobre sua difícil relação com seu pai e conforme entrar nessa jornada obedecendo a misteriosa voz ele vai aprendendo a perdoar o pai e entender seu lado.

O perdão acaba se aplicando também para Shoeless Joe Jackson. Shoeless foi um talentoso jogador de beisebol que em 1919 foi banido do esporte junto a outros jogadores do Chicago White Sox, acusado de participar do escândalo de manipulação de resultados conhecido como “Black Sox Scandal”. Porém a história de Shoeless traz algumas evidências controversas sobre sua culpa, aqui no filme enfim trazendo um perdão ao jogador e dando a ele uma segunda chance.

Campo dos Sonhos (1989) - Imagem: Divulgação

O filme tem um caráter meio inspirador, em parte pela família de Ray estar tentando de todos os jeitos não perder sua fazenda por conta de dívidas, mas principalmente pelos acontecimentos passados por Ray. Quando o protagonista começa a ouvir as vozes e passa a obedecê-las grande parte das pessoas ao seu redor acreditam que ele enlouqueceu, porém Ray nunca deixa de acreditar que está passando por isso por conta de alguma coisa maior, sempre seguindo sua intuição. O filme mostra um chamado inexplicável para corrigir os erros do passado, reconciliar-se com a memória e confiar no invisível.

O longa tem um tom meio fantasioso e eu achei bonito, acho que a narrativa engrandece demais quando James Earl Jones passa a fazer parte da grande aventura de Ray, o cara é bom demais. É uma história inspiradora que termina com uma sensação nostálgica mas ao mesmo tempo feliz.

Sinto que quando falamos de indicados a Melhor Filme esse não é o tipo de obra que nos vem em mente, mas é legal ver que dentro da premiação teve espaço para um longa que foi tão popular.

E esse ano tivemos mais um filme icônico indicado ao Oscar: *My Left Foot* (1989). Com direção de Jim Sheridan, o longa recebeu cinco indicações e levou para casa duas estatuetas: Melhor Atriz Coadjuvante (Brenda Fricker) e Melhor Ator para Daniel Day-Lewis, sua primeira indicação e primeira vitória na categoria. A obra foi inspirada na autobiografia *My Left Foot: The Story of Christy Brown* (1954).

Nascido com paralisia cerebral, Christy Brown (Daniel Day-Lewis) só consegue controlar o pé esquerdo. Criado em uma família pobre de Dublin, ele supera os limites físicos e sociais para se tornar um artista e escritor reconhecido. Com o apoio incansável de sua mãe (Brenda Fricker), enfrenta preconceitos e desafios pessoais.

O que mais gostei da história é justamente como a família de Christy é retratada. Seu pai é uma pessoa difícil e que acaba sendo um retrato da época, um homem teimoso e cabeça fechada. Mas, todo o resto da sua família se importa

profundamente com Christy e sua condição, sempre tentando o ajudar, em principal sua mãe. Dentro da história talvez o lado mais inspirador seja justamente o apoio inabalável de sua mãe, um retrato que nem sempre vemos em narrativas dessa forma.

Outra coisa legal é que, apesar do apoio da família, a força de superar seus obstáculos vem do próprio Christy que, com muita força de vontade, ele se torna um renomado artista e escritor, superando os limites físicos e sociais impostos pela deficiência e pela classe social.

Parte do meu interesse pela vida da família de Christy vem também pela direção, que tem um tom mais intimista, sem fazer a história ser melosa ou clichê. O diretor opta por mostrar a vida do protagonista com veracidade e respeito, mostrando suas dificuldades mas não se prendendo a isso, evidenciando a vida de Christy como muito mais complexa, também passando por dificuldades de amadurecimento, desilusões amorosas e etc.

A interpretação de Daniel Day Lewis é o coração do longa. Aqui o ator interpreta um homem muito corajoso e inteligente, que se recusa a ser somente sua necessidade. É realmente impressionante a veracidade com que o ator incorpora a condição do protagonista. E mais importante, Lewis retrata Christy como uma pessoa real, com qualidades e um espírito forte de superação, mas também com defeitos: sua frustração, explosões de raiva, solidão e vícios, tornando o personagem mais humano e de mais fácil identificação.

Assim como Sociedade dos Poetas Mortos, também achei que isso mudaria minha vida, e

My Left Foot (1989)- Imagem: Divulgação

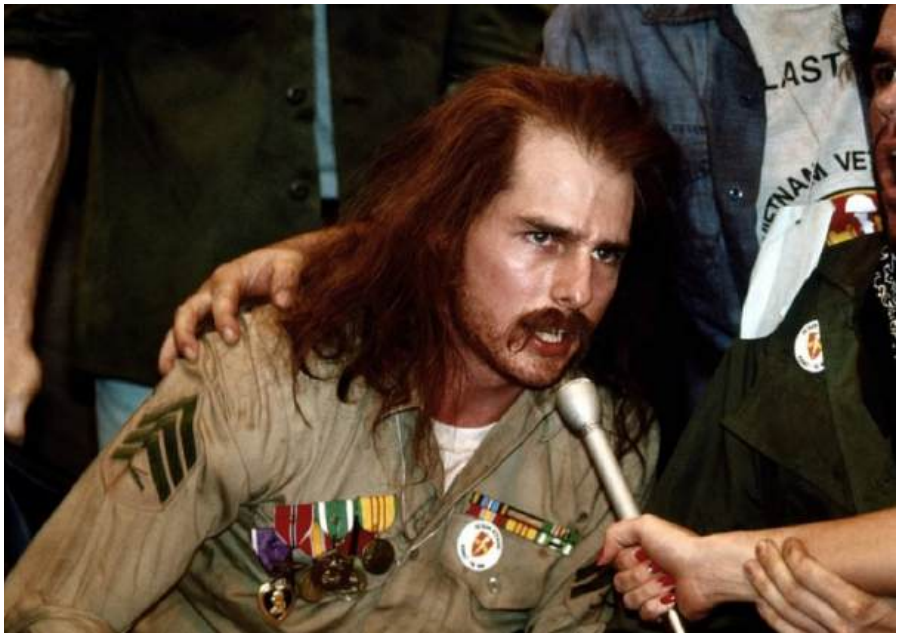
não mudou. Mas acho que tenho uma relação diferente com esse filme. A história conseguiu me inspirar mais, principalmente por conta da performance de Daniel Day-Lewis (ele é tudo isso mesmo), mas também por trazer um tom melancólico, principalmente nos relacionamentos amorosos de Christy. No final, um bom filme biográfico.

E com direção e roteiro de Oliver Stone, também trazendo uma história de superação, outro indicado é *Nascido em 4 de Julho* (1989). O filme tem como base a autobiografia de Ron Kovic, publicada em 1976. O longa recebeu oito indicações e levou para casa duas estatuetas: Melhor Direção e Melhor Edição.

Ron Kovic (Tom Cruise) cresce com ideais patrióticos e se alista voluntariamente para lutar na Guerra do Vietnã. Lá, vive o horror do combate, fica paraplégico após ser baleado e volta para casa marcado física e emocionalmente. Abandonado pelo governo que jurou servir e desiludido com os ideais que o motivaram, Ron passa por uma transformação radical — de heroi de guerra a ativista contra o conflito.

O filme traz uma crítica direcionada ao governo e em principal a propaganda patriótica incentivada por eles. Ron Kovic é um homem influenciado pela ideia de lutar pelo seu país, assim resolve se alistar para lutar no Vietnã. A denúncia principal é para a falta de amparo que os soldados sentiram após seu retorno. Kovic foi para a guerra, fez seu papel, ficou paraplegio

Nascido em 4 de Julho (1989)- Imagem: Divulgação



Nascido em 4 de Julho (1989) - Imagem: Divulgação

e quando voltou ele não tinha mais nada, não conseguia emprego por conta da situação, ele se sentia abandonado, e através dessa reflexão ele passou a questionar todo o espírito patriotico que havia aprendido.

O longa então acompanha a desconstrução de Ron, acompanhado desde inocência adolescente à amargura e ao ativismo. O começo da história então é repleto de ideias relacionadas ao sonho americano: baseball, religião, bandeiras e orgulho nacional. Mas isso acaba com a ida do protagonista ao Vietnã, em que ele volta para casa com uma sensação de desilusão, arrependimento e culpa, até por ter "feito seu papel" e matado inocentes, inclusive, acidentalmente, um colega de combate.

Oliver Stone é um cineasta completamente marcado pelas suas experiências na Guerra do Vietnã, as quais transmite dentro de seus filmes. O diretor já tinha vencido a categoria de Melhor Filme com o longa *Platoon* (1986), contando os horrores da guerra. Porém em *Nascido em 4 de Julho*, o diretor vai para um caminho mais pessoal, trazendo a história de desilusão e terror vivida por diversos soldados que voltaram da guerra. Dessa forma, a guerra não é mostrada como uma experiência heroica e sim como uma violência brutal, em que todos saem de certa forma traumatizados e machucados.

Achei um bom filme, porém, analisando os outros indicados ao Oscar, essa é uma história que eu já vi outras vezes é também feita de formas mais interessantes. *Nada de Novo no Front* (1930) é acho que o primeiro filme que me vem na cabeça, ao contrário da obra de Stone, ele se passa durante Primeira Guerra Mundial e acompanha soldados alemães, mas a história é muito similar. Outro filme que me lembro também é outro vencedor da estatueta de Melhor Filme: *Os Melhores Anos de Nossas Vidas* (1946), também sobre a Primeira Guerra, que conta sobre o retorno de três soldados para casa. Enfim, pra mim apenas mais um filme da Guerra do Vietnã.

CONDUZINDO MISS DAISY.

E dessa seleção, meu favorito é justamente o filme que faturou a estatueta de Melhor Filme: *Conduzindo Miss Daisy* (1989). O filme tem direção de Bruce Beresford e recebeu nove indicações, levando para casa quatro delas: Melhor Maquiagem, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Atriz (Jessica Tandy) e, claro, Melhor Filme. O filme tem roteiro de Alfred Uhry e tem como base a peça teatral escrita também por ele.

Após sofrer um acidente de carro, a idosa judia Miss Daisy Werthan (Jessica Tandy) é forçada por seu filho Boolie (Dan Aykroyd) a aceitar os serviços de um motorista negro, Hoke Colburn (Morgan Freeman). A princípio relutante, ela gradualmente constroi uma amizade profunda e comovente com Hoke, ao longo de 25 anos marcados por mudanças sociais e tensões raciais no sul dos Estados Unidos.

O longa tem uma sinopse simples e acompanha a amizade improvável e bonita formada entre Daisy e Hock. O longa toca em temas como o preconceito racial e religioso, a velhice e a amizade verdadeira.

O diretor tenta ao máximo deixar o filme o mais natural possível, principalmente o desenvolvimento entre os dois personagens, o que é executado com perfeição. Mesmo se tratando de um drama, o diretor não usa nenhum tipo de exagero na hora de contar a história, cobrindo muitos anos da vida de Daisy e Hoke sem parecer cansativo ou forçado.

Vemos essa naturalidade também dentro do seu roteiro, que traz muitas das tensões raciais dos anos 1950, mas tudo isso de forma sutil dando atenção aos detalhes, focando nos gestos, silêncios e dinâmicas sociais implícitas. O filme não mostra momentos de confronto direto, mostrando tensão dentro do cotidiano. A história também me ganhou pelo seu humor, com diálogos sarcásticos e inteligentes.

A fotografia do filme representa muito da personalidade de Daisy, sendo discreta e sem vida, já que a personagem não gosta de chamar atenção. Os figurinos, cenários e maquiagem são muito detalhados, e impressionam acompanhando a passagem dos anos de uma forma natural, refletindo com precisão o envelhecimento dos personagens.

Mas claro, a melhor parte do longa são as atuações de Tandy e Freeman. Daisy é uma mulher muito teimosa e ranzinza, que rejeita qualquer tipo de ajuda e odeia quando as coisas saem de seu controle. Sinto que parte do meu afeto pelo filme é porque a personagem me lembrou a minha avó. A atriz entrega uma performance muito tocante, recebendo, inclusive, seu primeiro e único Oscar aos 81 anos.

Já Morgan Freeman traz um personagem que é quase o completo oposto de Daisy, sendo muito paciente e bondoso, tendo jeitos muito marcantes que o tornam único como sua risada e seu tom de voz. O ator entrega uma atuação emocionante, sendo este um dos papeis que abriu as portas para o ator.

Porém o filme não inova tanto, trazendo uma história um tanto quanto clichê. Apesar disso, o longa é leve e bonito, falando sobre a velhice e a mais pura das amizades.

Conduzindo Miss Daisy (1989)- Imagem: Divulgação

Dança com Lobos (1990)- Imagem: Prime Video

1991

O grande vencedor da noite foi Dança com Lobos (1990). Dirigido e protagonizado por Kevin Costner, o longa recebeu doze indicações e levou para casa sete estatuetas incluindo Melhor Direção e Melhor Roteiro Adaptado. Já o roteiro foi escrito por Michael Blake, baseado em seu próprio romance, publicado em 1986, que fala principalmente sobre segundas chances e o autoconhecimento.

Durante a guerra civil americana o jovem tenente John Dunbar (Kevin Costner) cria uma estratégia não violenta de aproximação com os índios Sioux. Os nativos americanos que acham a amizade de Dunbar com uma loba curiosa passam a conviver pacificamente com ele, fazendo com que dentro do exército, ele se torne uma aberração na visão de seus companheiros.

O filme traz de volta o faroeste, que vinha perdendo sua força nos últimos anos, e foi um sucesso de crítica e bilheteria em 1990, mesmo com três horas de duração. Ele também traz um olhar respeitoso sobre a população nativa, que em outros filmes da época eram demonizados e só recebiam tratamentos estereotipados e unidimensionais, aqui representados com humanidade.

Essa mudança também vai para o exército americano, que constantemente eram representados como heroicos, e aqui se apresentam como bárbaros gananciosos.

A fotografia garante ao filme seu caráter contemplativo, com paisagens lindas e memoráveis, planos abertos e close-ups com muitos detalhes, trazendo uma certa intimidade com o povo nativo americano. Além disso, o diretor usa os movimentos da câmera de uma forma criativa para demonstrar os sentimentos e sensações do protagonista.

Kevin Costner interpreta um personagem que, ao tentar conhecer a tribo dos Sioux, acaba passando por um processo de transformação e autoconhecimento, e de certa forma atingindo uma harmonia em si e com o cotidiano e a natureza ao seu redor, adquirindo um novo senso de pertencimento.

Porém não achei a obra ousada e inovadora, já que ela aposta bastante numa jornada emocional que converse com o telespectador, e eu não consegui sentir essa conexão. O longa tem um ritmo bem lento e não tem nenhuma pressa em seu desenvolvimento. O enredo dele não me prendeu nenhum pouco e, apesar de lindas, as paisagens de faroeste tornaram ele ainda mais cansativo.

Apesar de muitos considerarem um filme brilhante, eu achei bem mediano, ainda mais comparando com outros vencedores do Oscar e os indicados desse ano.

Outro indicado é o filme *Tempo de Despertar* (1990). O longa tem direção de Penny Marshall e recebeu três indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator (Robert De Niro), mas não levou nenhuma estatueta para casa. O longa é baseado em uma história real que é contada no livro do neurologista Oliver Sacks, *Awakenings*, publicado em 1973.

A história acompanha o neurologista Dr. Malcolm Sayer (Robin Williams), que descobre os possíveis efeitos da droga L-Dopa em pacientes catatônicos há décadas em um hospital psiquiátrico. Ao administrar a medicação em Leonard Lowe (Robert De Niro), ele testemunha um "despertar" milagroso, reacendendo vidas e emoções há muito adormecidas.

De certa forma, o filme acaba sendo uma carta de amor à vida, onde acompanhamos esses diversos pacientes que de repente recebem uma segunda vida de viver momentos de liberdade. A história incentiva a enxergar beleza no cotidiano e a agradecer por aquilo que, muitas vezes, é tomado como garantido.

Porém, seu final também nos lembra de como a vida é frágil e temporária e por isso deve ser aproveitada ao extremo.

O filme me lembrou bastante outro indicado a Melhor Filme, *O Homem Elefante* (1980), por também abordar questões éticas dentro dos casos médicos. Pela condição dos pacientes, que praticamente voltam a vida, voltam diversas discussões éticas sobre a autonomia e os direitos das pessoas em estados alterados de consciência. Afinal, os personagens despertaram e querem voltar com suas vidas onde pararam, mas no que isso implica?

A atuação de Robert De Niro é o coração do longa. Leonard é um homem preso em seu

Tempo de Despertar (1990)- Imagem de divulgação

próprio corpo que aos poucos recebe uma nova oportunidade de viver. O personagem então passa a querer recuperar todos seus anos perdidos, de fato aproveitando todos os pequenos e grandes momentos da vida. E claro, sua convincente atuação, acaba deixando o filme ainda mais emocionante quando a cura de Leonard acaba sendo revertida, e ele volta ao estado catonico.

É um filme emocionante que impressiona por ser baseado em uma história verdadeira. Acho que em comparação com os outros indicados do ano ele acaba ficando de escanteio, até por trazer uma narrativa padrão dramática, mas é um bom filme.

Também no mesmo ano temos a finalização da trilogia de Francis Ford Coppola com *O Poderoso Chefão: Parte III* (1990). O filme recebeu sete indicações, porém acabou não levando nenhuma...e eu meio que concordo muito com isso.

Michael Corleone (Al Pacino), envelhecido e cheio de culpa, tenta legitimar os negócios da família Corleone e se afastar do mundo do crime. Enquanto negocia com o Vaticano, ele enfrenta traições internas e o surgimento de um novo herdeiro, Vincent Mancini (Andy Garcia). A tragédia se intensifica com o envolvimento de Vincent com Mary (Sofia Coppola), filha de Michael.

É de se questionar o fato de Coppola, depois de resistir tanto em fazer a segunda parte, tenha resolvido fazer uma terceira de sua história, que já tinha finalizado de uma ótima forma.

O Poderoso Chefão: Parte III (1990)- Imagem: Divulgação

Lógico, ao final do segundo filme, Michael se torna aquilo que seu pai não queria, sendo frio, paranoico e isolado, mas essa é a maravilha de sua história, a tragédia, o que faz os dois primeiros longas serem tão icônicos.

Porém nessa terceira parte as coisas desandam. A narrativa fala principalmente sobre a culpa que Michael sente de tudo que fez, apesar de terem se passado alguns bons anos de tudo, e que agora tenta fazer as coisas do jeito certo, legitimando seus negócios e tentando buscar respeitabilidade pela igreja, para se afastar da máfia, principalmente pensando nos seus filhos.

Mas claro, nem tudo é tão simples, novamente surgem novos conflitos da máfia, conspirações internas e a grande dúvida de quem será o próximo herdeiro.

Me incomoda bastante essa história de redenção. Primeiro porque acho que nem todo o personagem precisa de uma redenção e pra mim Michael era um desses. Ele se transforma em alguém que não queria, porém esse é o preço do poder. Não só isso, mas acho um tanto quanto desconexo o personagem mais de 20 anos depois do primeiro filme começar a se remoer pelo que fez, sinto que isso tira um pouco da personalidade que conhecemos do protagonista.

Mas bom, com isso a ideia da história é ressaltar que certas escolhas são irreversíveis, e o passado sempre cobra seu preço. Assim, o filme tem um tom meio tragédia shakespeariana, falando muito mais das questões internas e existenciais do que um grande épico com cenas de ação.

E também como os outros filmes da trilogia, aqui novamente vemos a corrupção presente dentro de grandes instituições. Se nos outros filmes eram os senadores, prefeitos e até policiais, aqui vemos como o Vaticano e a igreja católica também acabam firmando ofertas irrecusáveis com o padrinho.

O Poderoso Chefão: Parte III (1990) - Imagem: Divulgação

Sinto que esse filme tem dois pontos de muito destaque. O primeiro deles é a personagem de Talia Shire, a Connie, irmã de Michael, que aqui faz o caminho inverso do irmão, indo cada vez mais fundo dentro

O Poderoso Chefão: Parte III (1990)- Imagem: Divulgação

do submundo do crime, porém fazendo isso para proteger sua família, assim como seu pai.

Gostei como Connie finalmente virou uma forte protagonista da história, antes sempre sofrendo na mão de outros, seja seu ex-marido ou Michael, e aqui traz uma personagem muito interessante, funcionando como uma mão invisível por trás de Michael.

E com isso também, temos o segundo destaque, a sequência final da obra dentro da ópera, onde a família Corleone assiste à estreia de Cavalleria Rusticana, ópera de Pietro Mascagni, na qual Anthony (Franc D'Ambrosio), filho de Michael, faz sua estreia como tenor.

A cena segue uma sequência já feita dentro dos filmes, misturando o lado religioso, com a música da ópera, com muita violência, onde diversos assassinatos são cometidos. Então, juntamente com a música de ópera com seus tons dramáticos, vemos diversos personagens se movimentando a todo momento, um tentando matar o outro, muito bom.

E sobre a personagem de Sofia Coppola, digamos que tem momentos que o nepotismo vai longe demais.

Ao fim, acho que é legal reencontrar os personagens até anos mais velhos e acompanhar a evolução de alguns deles, principalmente de Connie. Mas era um filme que não precisava ser

feito e que tira um pouco do impacto do final do segundo.

E ainda falando sobre filmes icônicos, outro indicado do ano foi o longa *Ghost: Do Outro Lado da Vida* (1990). Com direção de Jerry Zucker, o longa recebeu cinco indicações e levou duas para casa: Melhor Roteiro Original e Melhor Atriz Coadjuvante para Whoopi Goldberg.

Após ser assassinado durante um assalto, Sam Wheat (Patrick Swayze) permanece na Terra como espírito e descobre que sua morte foi parte de uma traição. Incapaz de proteger sua amada Molly (Demi Moore), ele conta com a ajuda da médium Oda Mae Brown (Whoopi Goldberg), que descobre ter o dom de se comunicar com os mortos. Juntos, eles tentarão alertar Molly e fazer justiça.

O filme então acompanha uma grande investigação feita por Sam e seus esforços para impedir que Molly seja machucada. O longa prende a atenção com facilidade por conta do seu humor, mesmo falando sobre morte e luto, o que deixa a história mais divertida e instigante.

A obra também conquista os espectadores ao mostrar o amor transcendente entre Molly e Sam. Os dois têm uma conexão maior que a própria morte. Além disso, por apresentar os momentos do casal com sempre muito carinho e sensibilidade, a morte de Sam acaba sendo

Ghost: Do Outro Lado da Vida (1990). Imagem: Divulgação

Ghost: Do Outro Lado da Vida (1990)- Imagem: Divulgação

ainda mais dolorida. A narrativa também levanta reflexões sobre a vida após a morte e a importância de fazer o bem na vida, já que como o filme mostra, as ações têm consequências que serão pagas em algum momento.

Apesar da história de amor entre Molly e Sam ser emocionante, o coração do filme está na performance de Whoopi Goldberg como Oda Mae Brown. A médium, antes de conhecer Sam, era uma farsa, fingindo ajudar aqueles que querem se comunicar com o além. A atriz melhora todas as cenas que participa graças ao seu senso de humor e timing cômico, sempre trazendo divertidas interações com Sam. Sua estatueta pelo filme foi muito mais que merecida.

Talvez hoje em dia, esse filme não receberia essa indicação, mas feliz que na época ele conseguiu o reconhecimento. Hoje *Ghost* é um clássico, trazendo uma narrativa que te prende com facilidade transitando entre romance, comédia, suspense e elementos espirituais sem perder a emoção.

Os Bons Companheiros (1990) - Imagem: Divulgação

OS BONS COMPANHEIROS.

"Desde que me lembro, eu sempre quis ser um gângster."

Esse é um dos absurdos do Oscar que mais me deixa indignada. Lógico, há quem ame *Dança com Lobos*, mas não reconhecer *Os Bons Companheiros* (1990), a grande obra-prima de Martin Scorsese, como o melhor filme do ano chega a ser desrespeitoso.

O longa recebeu seis indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante (Joe Pesci). O filme tem roteiro assinado por Scorsese e Nicholas Pileggi, baseado no livro Wiseguy (1985), escrito por Pileggi, retratando a ascensão e queda de um mafioso de forma crua.

No longa acompanhamos Henry Hill (Ray Liotta), um garoto do Brooklyn, Nova York, que sempre sonhou ser gângster, começando sua "carreira" aos 11 anos e se tornando protegido de Jimmy Conway (Robert De Niro), um mafioso em ascensão. O filme então conta sobre sua trajetória no mundo da máfia, ao lado do impulsivo e violento Tommy DeVito (Joe Pesci), participando de golpes e crimes cada vez maiores, o que acaba complicando todos os seus relacionamentos dentro e fora da máfia, inclusive com sua esposa Karen Hill (Lorraine Bracco).

O longa é contado da perspectiva de Henry Hill, que quebra diversas vezes a quarta parede para explicar algumas das situações vividas por ele e seus comparsas, incluindo o espectador nesse mundo. Ao contrário de outros filmes sobre máfia, aqui Scorsese traz uma visão mais ampla da vida daqueles homens, mostrando não só suas vidas em trabalhos para os chefes, mas também seus momentos de divertimento e suas vidas familiares, visto que eles também se consideravam família. Com isso, dentro do filme também ganhamos a visão da mulher de Henry, que com o tempo vai se entristecendo com o casamento.

Além disso, o filme não só acompanha a vida de Henry como também consegue tocar em outras temáticas como a corrupção de policiais e como o sistema carcerário trata os mafiosos, a culpa católica e muito mais. E mesmo com todos esses temas, ele consegue manter um ritmo de risco durante toda a narrativa como se a qualquer momento algo pudesse dar errado dentro dos planos deles.

E mesmo sendo bem violento, ele não é um daqueles filmes que pesam. O longa conta com um humor bem interessante, em principal por conta dos protagonistas, que o deixa mais leve, apesar das cenas fortes, que muitas vezes são tratadas com naturalidade pelos personagens. Meio a mesma vibe que *Os Infiltrados* (2006) ou as obras de Tarantino. Apesar disso, Scorsese também não romantiza as vivências desses homens, constantemente lembrando ao espectador os riscos e o medo constante presentes dentro do trabalho.

E aqui nada é feito por acaso. A direção de Scorsese faz uso de tudo de melhor com planos sequências, zooms e planos diferentes que tornam a obra mais dinâmica e conseguem passar diversas sensações para os espectadores e também fazer com que entendam com facilidade as dinâmicas e os poderes garantidos sendo da máfia. Além disso, o filme contém algumas das

Os Bons Companheiros (1990) - Imagem: Divulgação

características mais marcantes do diretor, como a linguagem informal, personagens excêntricos envolvidos em situações complexas e claro as cenas de violência extremamente realistas.

A fotografia do filme também é impressionante repleta de tons escuros e forte presença da cor vermelha, comumente utilizada para representar a violência, um aviso e os sentimentos fortes como amor e ódio. E a cor se torna ainda mais presente quando os gangsters cometem algum crime, fazendo referência a vida que eles vivem.

E claro, um dos grandes destaques do filme, as atuações do filme. Henry de Ray Liotta é consumido pelo glamour da vida de mafioso desde criança, se tornando obcecado pelo poder e pelo dinheiro que a vida garante a ele, algo que em determinado ponto da história se torna um problema. Seu personagem chega a ser explosivo porém o interessante é que quando o comparamos com outros personagens do filme, ele é um dos mais tranquilos.

Já Jimmy, interpretado por Robert De Niro, compartilha também essa irritação prestes a explodir. O personagem é mostrado diversas vezes como um mentor de Henry sendo respeitado por diversos membros, a sensação que a gente tem é que o personagem do De Niro sempre sabe o que fazer.

E completando o trio de protagonistas, Joe Pesci, que faz uma atuação tão boa que é fácil odiar seu personagem. Tommy é o mais sem noção, instável e mais explosivo de todos os personagens, dentro do filme ele tem momentos em que esbanja seu poder, por fazer parte da máfia, e sai fazendo o que bem entende, o que acaba gerando diversos problemas. Vale citar também a performance de Lorraine Bracco, que interpreta a Karen, a esposa de Henry, que é uma personagem muito interessante. No começo do filme Karen é uma mulher que vive uma vida comum, porém conforme a narrativa avança, ela vai enlouquecendo por conta do mundo da máfia por paranoia, medo e solidão.

Os Bons Companheiros é um filme inesquecível, ficando na memória de qualquer um que assiste. O longa inovou o gênero de máfia se tornando um dos grandes exemplos do cinema autoral. Uma obra estilosa, inteligente, divertida e moralmente complexa. Obra-prima.

Os Bons Companheiros (1990) - Imagem: Divulgação

O Silêncio dos Inocentes (1991) - Imagem: Divulgação

1992

Gosto muito da seleção de filmes de 1992, acho que conseguiu extrair obras bem diferentes entre si e, em principal, todos me agradaram. Mas como algum deles precisa ser o mais fraco, pra mim, essa posição fica com *O Príncipe das Marés* (1991). O filme tem direção de Barbra Streisand e recebeu sete indicações, porém acabou saindo de mãos vazias.

O longa tem como base o livro homônimo de Pat Conroy, que também co-escreveu o roteiro ao lado de Becky Johnston, publicado em 1986. A história tem um tom bem similar a outros dramas dos anos 1990, falando sobre traumas familiares e o poder da cura por meio da conexão humana.

Após a tentativa de suicídio de sua irmã, Tom Wingo (Nick Nolte) viaja do sul dos EUA para Nova York e começa a trabalhar com a psiquiatra Susan Lowenstein (Barbra Streisand) para ajudar no tratamento de sua irmã. À medida que revela traumas profundos de sua infância, Tom enfrenta memórias dolorosas e acaba criando um vínculo inesperado com Susan.

O longa tem como principal temática o trauma, e como ele funciona dentro da maioria das famílias em um ciclo de silêncio. A história narra como a repressão dos sentimentos acaba se tornando algo tóxico, que consome ao longo dos anos, também interferindo no comportamento adulto. Tom é um homem emocionalmente reprimido, moldado por uma infância de abusos, segredos e violências familiares, e a relação que cria com Susan, e essa terapia, se torna um instrumento de revelação e libertação.

E o trauma aqui é mostrado como uma questão familiar, principalmente em famílias disfuncionais, onde o orgulho mascaram as tragédias, criando um pacto de silêncio. A mãe de Tom é o exemplo disso, criando seus filhos com rigidez, exigindo que eles engulam os sentimentos e as tristezas. De certa forma, essa ideia do filme critica também uma masculinidade tóxica, onde a ideia de força gira em torno da falta de vulnerabilidade.

O longa também acaba sendo muito corajoso, falando sobre doenças mentais e suas diversas implicações em um momento que isso não era comum dentro do cinema. O filme mostra isso com extremo respeito, ao mesmo tempo falando sobre como essas questões afetam a família ao redor. E com isso, a história também fala sobre a importância da terapia, e a diferença que as sessões e esse desabafo fazem na vida dessas pessoas.

Admito que fui pega de surpresa com o quão pesado o filme acabou ficando, mas gostei. O longa tem um tom dramático mas consegue se equilibrar bem, não se tornando cansativo.

E com direção de Oliver Stone, outro indicado é *JFK: A Pergunta que Não Quer Calar* (1991). O longa recebeu oito indicações e levou para casa duas estatuetas: Melhor Fotografia e Melhor Edição, e conta sobre as investigações realizadas após o assassinado do presidente John F. Kennedy.

Após o assassinato do presidente John F. Kennedy, o promotor Jim Garrison (Kevin Costner) reabre uma investigação que desafia a

versão oficial dos fatos, convencido de que houve uma conspiração envolvendo o governo e outras entidades poderosas. Com a ajuda de sua equipe, ele enfrenta pressões e ameaças enquanto tenta revelar a verdade.

Me interessei bastante com a história, já que eu sou obcecada com teorias da conspiração e as ao redor da morte de Kennedy são minhas favoritas. O longa ganha muito com a história em si, que gera uma curiosidade e interesse, e evidencia como a morte do presidente impactou o mental dos norte-americanos.

O promotor Jim Garrison é o principal exemplo disso, já que ele acaba ficando obcecado com a história, não só por suas diversas ramificações, envolvendo cada vez mais pessoas, mas também por querer trazer algum espírito de justiça para o país. O filme até tenta dramatizar ainda mais esse foco de Garrison mostrando seu afastamento da família, porém isso é muito mal desenvolvido, passando sensação de quebra, além do fato da esposa de Garrison não ter qualquer tipo de personalidade além de esposa.

O longa tem um tom meio documental, contando a história de uma forma não linear, alternando entre reconstituições do crime, interrogatórios, flashbacks e sequências de arquivo histórico, o que aumenta a tensão e a sensação de urgência e paranoia, passando para nós espectadores o sentimento vivido pelos norte-americanos durante esse período. Assim,

JFK: A Pergunta que Não Quer Calar (1991) - Imagem: Divulgação

JFK(1991) - Imagem: Foto: U.S. National Archives and Recor / U.S. National Archives and Record

acompanhamos Garrison investigando e descobrindo diversas inconsistências dentro da história, principalmente as questões envolvendo Lee Harvey Oswald, o culpado na versão oficial. O promotor, então, começa a suspeitar de uma conspiração muito maior, envolvendo a CIA, o FBI, o exército e empresários da indústria bélica. Assim, a narrativa denuncia uma possível manipulação feita pelo governo, incentivando a formação de senso crítico e o papel do cidadão diante do Estado.

Honestamente, eu senti falta de algumas coisas nessa história, principalmente sobre o Kennedy e suas posições políticas. O longa também tem um senso patriotico meio forte em momentos, algo que me incomodou, em momentos só faltou os personagens na frente de uma bandeira com uma águia do lado.

Mas apesar de tudo, é um bom filme de investigação. É mais fácil de acompanhar conhecendo um pouco sobre a história, mas ainda assim me prendeu bastante. Acho que esse foi tipo o *Oppenheimer* (2024) de 1991. O longa também se torna forte por não conseguir responder quem matou Kennedy, e por quê?

Indo contra a crítica geral, outro dos indicados que eu gosto bastante é *Bugsy* (1991). Com direção de Barry Levinson, o longa recebeu dez indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Direção de Arte e Melhor Figurino. O longa se baseia em eventos reais, trazendo a trajetória do gângster Bugsy, que foi responsável por criar o primeiro cassino de Las Vegas.

Benjamin "Bugsy" Siegel (Warren Beatty), um mafioso elegante e impulsivo, vai para Los Angeles expandir os negócios da máfia, mas se apaixona pela ambiciosa atriz Virginia Hill (Annette Bening). Movido por uma visão grandiosa, ele decide construir um luxuoso cassino em pleno deserto, o que desperta desconfiança em seus parceiros criminosos.

Bugsy foi pra mim uma grande surpresa positiva. O filme tem uma narrativa que lembra alguns dos mais clássicos longas sobre máfia, como, o

Bugsy (1991)- Imagem: Letterboxd

também indicado ao Oscar de Melhor Filme, *Os Bons Companheiros* (1990), mostrando os luxos da vida e as implicações que isso acaba gerando. O longa também se diferencia por mesclar o glamour clássico de Hollywood com os elementos crus e brutais do mundo do crime.

Gostei bastante do personagem de Bugsy, muito por conta da performance carismática de Warren Beatty, que é mais humanizado. O mafioso se diferencia dos outros principalmente por ser mais vaidoso e contar com um senso de humor, o que dá mais personalidade para o longa. Gostei também como o personagem separa a vida pessoal da vida profissional, sendo bruto com os outros criminosos, mas extremamente querido e amoroso com as mulheres da sua vida.

O filme me lembrou em momentos *Whiplash* (2014), por conta da obsessão do protagonista com a construção do cassino. Bugsy vê com a construção do cassino uma enorme oportunidade para crescer ainda mais como mafioso, mas acaba sendo corrompido por conta de sua ambição, deixando projeto cada vez maior e por consequência atrasando mais sua construção, o que incomoda os seus superiores. Seu sonho então passa a misturar glamour, violência e delírio megalomaníaco. E o longa, então, passa a questionar até onde uma pessoa pode ir por vaidade e desejo de deixar um legado.

Outro destaque é a personagem da Virginia Hill, que entra na história como uma enigmática e apaixonante atriz de Hollywood, que acaba se apaixonando por Bugsy. O relacionamento dos

dois é extremamente intenso e passa a ser uma pedra no caminho do mafioso, já que a atriz passa a se envolver em seus negócios. Também se destaca por conta das trocas de Warren Beatty e Annette Bening, todas as cenas dos dois são sensacionais.

Um bom filme para quem gosta do gênero, conseguindo divertir e ao mesmo tempo trazer a história pesada da criação de Las Vegas, que envolveu sangue e corrupção.

Esse ano também foi histórico onde, pela primeira vez, um filme de animação foi indicado a categoria principal: *A Bela e a Fera* (1991). O longa tem direção de Gary Trousdale e Kirk Wise e recebeu seis indicações, levando duas estatuetas para casa: Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Música Original (Beauty and the Beast).

A obra foi lançada durante o chamado "Renascimento da Disney", um momento de revitalização criativa do estúdio, e também foi o primeiro filme de animação a estrear no Festival de Cannes.

Em uma aldeia francesa, a jovem Bela (voz de Paige O'Hara) troca sua liberdade pela de seu pai e passa a viver em um castelo encantado, onde conhece a misteriosa Fera (voz de Robby Benson), um príncipe amaldiçoado. Com a ajuda de objetos mágicos como Lumière (voz de Jerry Orbach), Cogsworth (voz de David Ogden Stiers) e Mrs. Potts (voz de Angela Lansbury), Bela começa a enxergar além das aparências e a despertar sentimentos que podem quebrar a maldição.

A Bela e a Fera (1991) - Imagem: Divulgação

Apesar da minha princesa da Disney favorita ser a Ariel (A Pequena Sereia, 1988), Bela é uma das mais interessantes princesas da Disney, reforçando ideais como a coragem, a empatia, o incentivo aos estudos, e a importância de criar um senso crítico, mesmo que às vezes vá contra a maré.

A personagem também é uma grande heroína, saindo do estereótipo de princesa passiva, sendo culta, assertiva e salvando a si mesma e também o protagonista masculino, usando sua inteligência e não sua força.

A principal moral dentro do filme é a importância do julgamento além da superfície, tanto para bem, quanto para mal. Mesmo com sua aparência de fera, Bela descobre no príncipe um homem culto e simpático, enquanto Gaston, mesmo charmoso, é uma pessoa extremamente narcisista e egoísta.

E com isso também, o longa acaba incentivando um amor mais profundo, falando muito mais do que vem internamento do que o externo.

E falando em amor, a narrativa mostra a transformação feita pelo amor e a empatia, sendo uma forte ferramenta de humanização e cura. A relação de Bela e Fera evolui de uma forma realista, onde eles se conhecem se odiando e pouco a pouco vão se soltando um com outro, conseguindo se entender, e vão se apaixonando.

A Bela e a Fera (1991) - Imagem: Divulgação

A Bela e a Fera (1991) - Imagem: Divulgação

O visual do filme também é muito bonito e apaixonante, conseguindo conquistar a cada cena, principalmente as dentro do castelo da Fera, que é recheada de detalhes. A animação também foi extremamente inovadora, criando técnicas que mais tarde seriam replicadas, como a cena da dança entre Bela e Fera em que a câmera gira em 360º, ao redor dos personagens.

A trilha sonora do longa também é apaixonante, com músicas românticas, ressaltando o nervosismo de uma nova paixão, e também canções divertidas principalmente as que representam os personagens como *Gaston* ou *Be Our Guest*.

E por fim, os personagens coadjuvantes são grandes destaques dentro do filme, principalmente os objetos do castelo. Lumière, Cogsworth e Mrs. Potts são extremamente carismáticos, roubando todas as cenas que participam por conta de suas personalidades excêntricas, principalmente as discussões de Lumière e Cogsworth.

O filme não é um dos meus favoritos da Disney, porém é inegável seu impacto dentro do cinema e dentro da premiação do Oscar.

SILÊNCIO DOS INOCENTES.

E dessa vez a Academia acertou, a vitória de *O Silêncio dos Inocentes* (1991) foi muito assertiva. A história tem como base o romance de mesmo nome de Thomas Harris, publicado em 1988, combinando thriller psicológico, terror e elementos de investigação criminal.

O longa tem direção de Jonathan Demme e recebeu sete indicações e levou cinco delas: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator (Anthony Hopkins) e Melhor Atriz (Jodie Foster), completando o big five (sendo o último filme a conquistar esse feito), vencendo as principais categorias.

O longa acompanha Clarice Starling (Jodie Foster), uma talentosa investigadora do FBI que é escolhida para investigar o caso de um criminoso intitulado de "Buffalo Bill", que arranca a pele de suas vítimas após matá-las. E para entender a mente do assassino, ela é aconselhada a conversar com Hannibal Lecter (Anthony Hopkins), um perigoso psicopata que está preso por canibalismo.

O filme é um terror psicológico, tendo uma atmosfera sombria que passa agonia ao espectador. A fotografia ajuda nesse aspecto, usando cores frias e pouca iluminação. E parte da tensão é o embate verbal entre Clarice e Lecter, com muitos diálogos enigmáticos.

O roteiro faz com que o espectador se sinta parte das investigações de Clarice, analisando as pistas junto com a protagonista, já que todos os passos da detetive são bem explicados. Ainda sim, o filme não é previsível, sendo repleto de suspense e tensão, surpreendendo bastante. A história é cheia de detalhes que completam a trama. Assim, o grande segredo do filme é sua simplicidade, que garante um realismo à obra.

Mas, quem move a trama são os personagens de Starling e Lecter. Jodie Foster entrega uma performance impressionante. Durante o filme, a atriz incorpora na personagem um olhar marcante que evidencia todos os sentimentos da protagonista. Clarice é uma personagem forte, durona e determinada, mas ainda muito humana.

Já Lecter tem o mesmo olhar penetrante e até mesmo hipnotizante, mas passa uma sensação oposta ao de Clarice, transmitindo uma frieza. Anthony Hopkins traz uma atuação maravilhosa e constroi um dos mais assustadores psicopatas do cinema. Hannibal é um personagem muito inteligente e insano que, mesmo sendo um serial killer, é extremamente calmo.

A fotografia do filme também se destaca e usa muito o uso da cor marrom, principalmente nas cenas em que Clarice conversa com Hannibal na prisão, que parece uma gruta, como se o personagem fosse um animal enjaulado. A própria cena da primeira vez que a detetive vai conversar com o criminoso é muito agoniante e claustrofóbica, já que o espectador sente na pele o medo de Clarice passando por várias outras celas.

Com um roteiro e direção espetacular, junto com personagens complexos e um dos mais inesquecíveis psicopatas do cinema, *O Silêncio dos Inocentes* é um dos melhores filmes que recebeu a estatueta do Oscar e um dos melhores longas já feitos.

O Silêncio dos Inocentes (1991) - Imagem: Divulgação

Os Imperdoáveis (1992)- Imagem: Divulgação

1993

Essa edição do Oscar foi marcada por filmes bem dramáticos, que contaram com atuações intensas de algum ator de seu elenco.

Com direção de Martin Brest, um dos indicados é o filme *Perfume de Mulher* (1992). O longa recebeu quatro indicações, levando para casa uma delas: a estatueta de Melhor Ator para Al Pacino, surpreendentemente, sua primeira e única vitória (esse fato é meio, muito, absurdo).

Charlie Simms (Chris O'Donnell), um estudante bolsista em uma escola preparatória de elite, aceita um trabalho temporário como acompanhante de fim de semana para o ex-coronel cego Frank Slade (Al Pacino), um homem amargo e imprevisível. O que parecia uma tarefa simples se transforma em uma jornada inesperada por Nova York, repleta de lições sobre arrependimento, honra e redenção.

Arrisco dizer que Frank Slade é um dos homens mais insuportáveis do cinema, ele simplesmente não fica quieto nunca. O ex-coronel é uma pessoa complexa, que se isolou completamente tanto fisicamente, mas principalmente, emocionalmente, vivendo uma vida buscando por liberdade após ser obrigado a morar com sua sobrinha. O personagem vive uma vida amargurada até que conhece Charlie.

A jornada vivida por Frank, cheia de ceticismo e amargura, contrasta com a juventude esperançosa de Charlie. A interação entre os dois levanta reflexões sobre envelhecimento, perda de propósito e como a dignidade pode ser restaurada, mesmo em meio ao desespero.

Mas o jovem também aprende com o ex-coronel, tendo novas reflexões sobre coragem e honra. Um dos grandes arcos do filme é o dilema moral de Charlie, que presencia um ato de vandalismo na escola, mas se recusa a trair seus princípios para obter benefícios, passando o final de semana com Slade tentando decidir o que fazer sobre o caso.

Os melhores momentos dentro da história é quando os dois personagens viajam para Nova Iorque, onde Frank planeja muitas atividades intensas e tem como objetivo se suicidar ao final, algo que não é aceito por Charlie. Apesar de serem muito diferentes, a viagem acaba sendo o momento onde mais trocam experiências e vivendo, onde os dois passam a entender porque são do jeito que são, ambos desenvolvendo um senso maior de empatia.

Porém, apesar da ótima performance de Al Pacino, seu personagem é o grande desafio da história, não por ser amargurado e ranzinza, mas por ser extremamente irritante. Gostei das cenas em Nova Iorque, mas a história da escola me tirou do sério em diversos momentos, principalmente no final quando criam um tribunal para resolver um caso minúsculo. Também achei que o filme se força muito em seus momentos dramáticos, o que me desconectou da narrativa.

Entendo a história que tentaram contar aqui, mas sinto que mais pra frente outros filmes, inclusive indicados ao Oscar de Melhor Filme, *Up - Altas Aventuras* (2009) e *The Holdovers* (2023), fazem muito melhor.

Já falando sobre dramas de época, outro indicado é *Retorno a Howards End (*1992). O longa tem direção de James Ivory, um especialista quando falamos de obras de época, e é baseado no romance homônimo de E.M. Forster publicado em 1910. O filme foi indicado a nove categorias e levou para casa três Oscars: Melhor Direção de Arte, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Atriz (Emma Thompson).

Na Inglaterra do início do século XX, três famílias de diferentes classes sociais se entrelaçam em conflitos de valores, herança e identidade. Margaret Schlegel (Emma Thompson) forma uma inesperada amizade com Ruth Wilcox (Vanessa Redgrave), que deseja lhe deixar sua casa, Howards End. Após a morte de Ruth, a família Wilcox, liderada por Henry Wilcox (Anthony Hopkins), ignora seu último desejo. Enquanto isso, Helen Schlegel (Helena Bonham Carter) tenta ajudar Leonard Bast (Samuel West), um jovem pobre com aspirações culturais.

O filme deixa bem clara a diferença existente entre as diferentes classes sociais na Inglaterra do século XX, evidenciando não só as vivências de cada uma delas, mas também suas linhas de pensamento e sua incompreensão. Os Wilcox são ricos e tradicionais industriais, os Schlegel são intelectuais liberais da classe média e os Bast fazem parte da classe trabalhadora, muitas vezes se sentindo deslocados.

E o roteiro do filme traz bastante dessa elegância, com diálogos sofisticados, como nas outras

Retorno a Howards End (1992)- Imagem: Divulgação

obras do cineasta, e ressaltando a tensão entre as diferentes classes, onde apenas os Schlegel conseguem transitar entre os grupos. E o embate entre os Schlegel e os Wilcox que se cria no desenvolver do filme, evidenciam essa disputa entre a modernidade e a tradição. Na trama Wilcox representa a rigidez do capitalismo e da tradição patriarcal, querendo manter as tradições e papeis já existentes, e os Schlegel são símbolos do pensamento progressista e intelectualismo, principalmente as mulheres, que desafiam papeis convencionais.

E até por conta disso, a Howards End, a casa, acaba se tornando o símbolo físico de herança, não só material, mas também de valores, cultura e espaço. A disputa em torno da casa reflete uma luta por identidade e espaço na sociedade.

Outro quesito interessante do longa é sua estética visual com figurinos luxuosos, uma direção de arte meticulosa, tanto que levou a estatueta para casa, e uma fotografia que valoriza a beleza campestre e os interiores clássicos britânicos, conseguindo facilmente nos transportar para essa época.

Mas no final, é mais um filme de época. Gosto bastante da atmosfera e, principalmente da Emma Thompson, acho que todas as obras de época com ela sempre acabam sendo mais interessantes. Porém, senti ele meio apressado em alguns momentos, não conseguindo trazer a carga dramática ideal. Mas adorei o tom social, algo que não vemos muito em muitos filmes do gênero. Enfim, eat the rich...eu acho.

Agora falando sobre o ciclo de silêncio dentro dos exércitos, outro indicado é *Questão de Honra* (1992). O filme foi dirigido por Rob

Retorno a Howards End (1992)- Imagem: Divulgação

Questão de Honra (1992)- Imagem: Divulgação

Reiner, com roteiro de Aaron Sorkin, baseado em sua peça homônima de 1989. O longa recebeu quatro indicações, mas não levou para casa nenhuma delas.

O jovem advogado da Marinha Daniel Kaffee (Tom Cruise) é designado para defender dois fuzileiros navais acusados de assassinato em uma base dos EUA em Guantánamo. Ao lado da advogada JoAnne Galloway (Demi Moore), ele enfrenta o poderoso coronel Nathan R. Jessup (Jack Nicholson) para descobrir se os acusados estavam apenas seguindo ordens.

A história, então, traz uma denúncia para as estruturas de poder militar, evidenciando a cultura de silêncio dentro dessas instituições, onde um protege o outro, tanto por uma lealdade mas também por obediência e medo das consequências. Mostrando que por conta dessas culturas, muitas vezes a verdade não vem à tona, sendo sufocada em nome da honra.

O filme também discute muito o tipo de treinamento dentro dessas instituições, onde a ideia é criar homens fortes e corajosos para lidar com diversas ameaças.

Ele lembra bastante *A História de um Soldado* (1984), outro indicado a Melhor Filme, que também aborda bastante sobre a masculinidade tóxica dentro desses ambientes, onde aqueles mais sensíveis e vulneráveis são punidos, em um falso pretexto de fortalecer os outros.

Mas a principal temática aqui é a linha tênue entre obediência e moralidade. O longa então traz um dilema explorando a tensão entre seguir ordens superiores e fazer o que é moralmente correto. Onde, muitas vezes por conta do medo de uma retaliação, os soldados acabam seguindo cegamente as ordens, depois precisando lidar tanto com questões burocráticas de suas ações, como aqui o julgamento, mas também o peso da culpa.

O longa também acompanha uma grande jornada enfrentada por Kaffee, um personagem que já levava seu trabalho no automático, sendo preguiçoso em diversos momentos. O advogado acaba se comovendo com a situação dos soldados em julgamento e ficando indignado com o tratamento realizado no exército, passando a dar tudo de si para que a verdade seja exposta, se desafiando moralmente e profissionalmente. E sinto que Tom Cruise era a pessoa certa para esse personagem, ressaltando bem o dilema vivido pelo protagonista já que ele também foi criado com as normas do exército.

Mas o destaque do filme é Jack Nicholson, interpretando o frio e muitas vezes sarcástico coronel. Desde o momento que ele aparece já sentimos um estranhamento com seu personagem, o que acaba sendo incentivado ao longo da história. Seu personagem é seguro e confiante de que vai se safar, conseguindo passar medo por conta de sua postura.

Acho que no final eles poderiam ter segurado um pouco mais algumas informações, para deixar

Questão de Honra (1992)- Imagem: Divulgação

a história mais instigante. Mas, ainda assim, gostei das investigações feitas, trazendo todos os detalhes de forma amarrada.

E com direção e roteiro de Neil Jordan, outro indicado é *Traídos pelo Desejo* (1992). O longa recebeu seis indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original

A trama acompanha Fergus (Stephen Rea), um voluntário do IRA (Exército Republicano Irlandês) que se vê emocionalmente envolvido com Jody (Forest Whitaker), um soldado britânico que seu grupo mantém como refém. Após a morte de Jody, Fergus viaja a Londres e tenta cumprir uma promessa feita a ele: proteger Dil (Jaye Davidson), a misteriosa namorada do prisioneiro.

O longa é dividido em duas partes bem definidas. A primeira parte, minha favorita, acompanha o sequestro de Jody e a relação de amizade que desenvolve com Fergus. Sinto que o roteiro traz seus melhores momentos aqui, com diálogos impactantes e reflexivos em que os dois personagens percebem que, mesmo de lados diferentes, são muito parecidos, encontrando uma empatia um pelo outro.

Com essa história, o filme fala muito sobre um tipo de alienação sofrida pelos cidadãos por seu governo, além de uma generalização. Jody se alista para conseguir um emprego, vendo os irlandeses como vilões caricatos, da mesma forma que Fergus, que entra no exército republicado para combater os britânicos. Assim, os personagens criam uma amizade e empatia

Traídos pelo Desejo (1992)- Imagem: MUBI

um pelo outro que por vezes os fazem questionar suas escolhas.

Já a segunda parte acontece após a morte de Jody, em que Fergus, em respeito a conexão que criou com o falecido soldado, vai cumprir a promessa de proteger a namorada do britânico, Dil. Aqui a história muda completamente o tom, indo de um thriller político para quase um filme de romance, mas claro que isso é interrompido.

Ele é quase um filme ousado, bom, ele tenta isso não dá para negar, já que dentro do longa Dil é revelada uma mulher trans. Bom, eram os anos 1990, então também acho que a narrativa comete algumas gafes, até pela personagem servir apenas para elevar a narrativa do protagonista, sendo até meio rasa. Mas ainda é de se impressionar pela representatividade, trazendo uma personagem trans no centro da história, além de também incentivar mais discussões sobre representatividade e suas problemáticas.

Também na segunda parte, o filme toca em temas como o amor, desejo e identidade, onde Fergus, que se apaixona perdidamente por Dil, tenta entender seus sentimentos, até pensando nas pressões da sociedade. E ao mesmo tempo, o protagonista trabalha com a culpa, de ser responsável pela morte de Jody, e o peso que começa a sentir cada vez que se envolve mais com a garota.

A história não conseguiu me prender por completo. Sinto que na segunda parte, para além do desenvolvimento da personagem da Dil, também tem uma evolução dos eventos da primeira parte pouco satisfatória, muitas vezes simplificando situações que poderiam ser mais exploradas, além de trazer um final anticlimático.

Traídos pelo Desejo (1992)- Imagem: Divulgação

OS IMPERDOÁVEIS.

E novamente a Academia acertou. O grande vencedor, merecidamente, foi *Os Imperdoáveis*. Com direção de Clint Eastwood, o filme rodou por 20 anos de mão em mão em Hollywood, esperando alguém que resolvesse filmá-lo, e 1993 se consagrou como o terceiro faroeste a ganhar um Oscar de Melhor Filme.

O longa recebeu nove indicações e levou quatro estatuetas para casa: Melhor Edição, Melhor Ator Coadjuvante (Gene Hackman), Melhor Direção e Melhor Filme.

O filme conta a história de Bill Munny (Clint Eastwood), um pistoleiro aposentado que volta à ativa quando lhe oferecem mil dólares para matar os homens que cortaram o rosto de uma prostituta. Neste serviço, ele é acompanhado por outros dois pistoleiros, Ned (Morgan Freeman) e Schofield Kid (Jaimz Woolvett), que confrontam o xerife (Gene Hackman), e um inglês (Richard Harris) que também quer a recompensa.

Deixando seus personagens mais humanos, o longa marca a mudança dos personagens de faroeste de Eastwood, que começam a ter um lado mais sensível, o que facilita a identificação do público. Todos os personagens agem motivados por medo, orgulho, dor ou sobrevivência, não trazendo um cowboy heroico, e sim expondo os traumas, consequências e banalidade da violência.

O filme tenta desconstruir as mentiras e lendas do faroeste, trazendo momentos mais reais como Murray caindo do cavalo e errando tiros, trazendo personagens complexos e interessantes que são mais ambíguos, não podendo ser catalogados apenas como “bons e maus”. O longa também critica a ideia da violência ilesa, mostrando ela como suja, evidenciando a culpa e traumas que os personagens carregam.Essa construção garante um apego aos personagens, trazendo até uma ideia de tragédia, o que ajuda a prender a atenção do telespectador.

A ideia da narrativa heroica também é ressaltada com os personagens English Bob e o escritor W. W. Beauchamp, que evidenciam que as histórias são muitas vezes distorcidas pela mitologia, onde é ressaltado sempre aquele que ganha, mostrando como a realidade é muitas vezes bem menos heroica.

A história apesar de mostrar os momentos duros do faroeste, até pelos crimes cometidos contra as prostitutas, ainda dá espaço a momentos engraçados e leves, muitos disso por conta da química entre Eastwood e Freeman, que trazem uma amizade crível para o longa.

Os cenários são muito interessantes, recreando a vastidão das cidades do faroeste, e nas cenas durante a noite em que são usadas diferentes formas de iluminação, como as velas, que dão ao filme um aspecto sombrio e amargo, remetendo ao estado dos personagens. A paisagem também reflete bastante ao ritmo mais lento e contemplativo da história

E claro, o filme se destaca também graças às atuações brilhantes dos atores envolvidos. Clint Eastwood, traz uma performance maravilhosa de um homem quebrado que largou a vida antiga de pistoleiro e construiu uma família seguindo as tradições cristãs, que tenta fortemente não

Os Imperdoáveis (1992)- Imagem: Divulgação

Os Imperdoáveis (1992)- Imagem: MUBI

retornar a violência que antes o definia.

De certa forma é um personagem triste que busca uma redenção, e segundas chances, encontrando na justiça uma maneira de conseguir isso. E a tragédia está no fato de que o filme em diversos momentos se questiona se isso realmente é possível ou se ele seria imperdoável (nome do filme, entendeu?).

Os Imperdoáveis (1992) - Imagem: Divulgação

Acho que sua performance fica ainda mais marcante quando analisamos o restante de sua filmografia dentro do faroeste, aqui interpretando um personagem completamente diferente mas ainda mais humano, mostrando ainda mais sua variedade como ator.

Morgan Freeman é o fiel parceiro de Murray, o Ned, que, assim como o personagem de Eastwood, também está transformado pelo tempo, não tendo a mesma agilidade e frieza na hora de matar.

E fechando as atuações brilhantes temos Gene Hackman no papel de xerife "Little" Bill Daggett. O xerife é um homem de ideias simples e objetivos humildes, apesar disso ele se acha dono da própria verdade e executa a justiça do modo que ele acha certo. E não é atoa que o ator levou a estatueta de Melhor Coadjuvante para casa.

Os Imperdoáveis é ao mesmo tempo uma crítica e uma homenagem aos filmes de faroeste e a própria carreira do diretor e protagonista Clint Eastwood, não trazendo respostas fáceis sobre quem está certo.

O filme é um marco dentro da carreira do cineasta, não só por sua performance, tanto na direção quanto na atuação, mas também pelo barulho que fez, abrindo portas para outras histórias de faroeste mais sombrias e trágicas como o também indicado ao Oscar *Django Livre* (2012) e *Os Oito Odiados* (2015).

O longa traz uma exploração muito verdadeira e até cruel do faroeste, saindo do clichê e do previsível com uma história trágica trazendo um homem melancólico que tenta dar um novo significado para sua vida e sua história.

1994

Na minha opinião, esse foi um ano mais fraco dentre os indicados. Os filmes selecionados são legais, mas acho que são mais fáceis de cairem no esquecimento.

Um dos indicados é *Vestígios do Dia* (1993). Com direção, novamente, de James Ivory (o homem tava pra trabalhar nessa época), o longa recebeu oito indicações, mas não acabou levando nenhuma para casa. A obra tem como base o livro de mesmo nome de Kazuo Ishiguro, publicado em 1989, falando principalmente sobre o peso das escolhas que fazemos em nossas vidas.

O filme acompanha Stevens (Anthony Hopkins), um mordomo britânico que serviu com absoluta lealdade a um aristocrata simpatizante dos nazistas, o Lord Darlington (James Fox), nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Anos depois, já aposentado, Stevens viaja pelo interior da Inglaterra e relembra, em flashbacks, seus anos de serviço no imponente Darlington Hall e sua relação reprimida com Miss Kenton (Emma Thompson), a governanta com quem compartilhou um laço emocional nunca consumado.

Apesar de se tratar de um filme mais tranquilo já que, mesmo se passando na Segunda Guerra Mundial, ele não mostra os grandes embates, e sim o cotidiano durante a guerra, o longa tem uma tensão gigantesca. A direção é calma, mas demonstra pelo clima da casa uma atmosfera esquisita, como se algo estivesse errado, o que gera uma sensação de agonia.

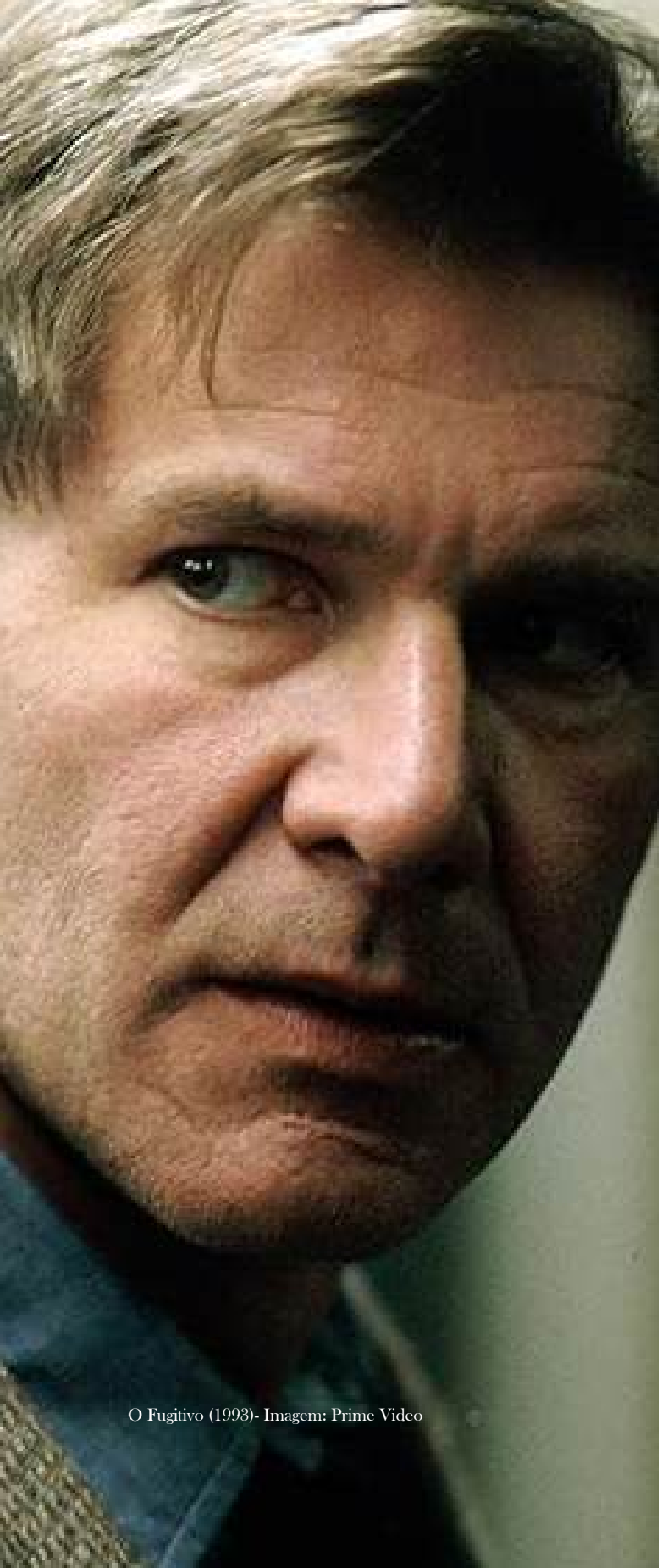
O filme fala principalmente sobre a devoção cega onde, entendendo que seu dever era apenas seguir sem questionar, Stevens trabalha auxiliando um homem que conversa com o nazismo. No primeiro ato do filme, o mordomo faz aquilo que lhe é mandado sem questionar, porém conforme desenvolve um relacionamento com Miss Kenton, ele passa a se questionar sobre sua moral e atitudes.

É um longa que evidencia muito os perigos da conformidade e comodidade, e a casa onde Stevens trabalha representa perfeitamente isso. A casa é mais isolada, e continua com suas vivência normais, mesmo com uma guerra acontecendo, festas, mais funcionários e um dia a dia bem cotidiano, o que dificulta para principalmente Stevens entender a realidade vivida durante aquele período, escolhendo apenas seguir seu chefe, talvez por medo, talvez por comodidade e uma pequena falta de empatia.

E, assim como outros filmes do diretor, aqui as palavras não ditas são aquelas mais cheias de significado, tanto no romance lento de Stevens e Miss Kenton, mas também nas atividades do patrão Lord Darlington. O longa também tem um ritmo lento e contemplativo, ressaltando o peso do tempo e a ideia de que a vida se desfaz nas pequenas decisões não tomadas.

Anthony Hopkins como sempre dá um show de atuação, dessa vez deixando de lado a intensidade de Hannibal Lecter e dando vida a um homem trágico e contido. Seu personagem esconde todas suas emoções dentro de sua própria disciplina, o que deixa seus questionamentos dentro da história ainda mais tristes, Stevens fez o que fez

A Lista de Schindler (1993)- Imagem: Prime Video



O Fugitivo (1993)- Imagem: Prime Video

achando que era o seu dever, e depois pagou a culpa de algo que ele não cometeu.

Já Emma Thompson traz um pouco mais de vida e emoção, dentro da frieza da narrativa e do personagem Stevens. Thompson interpreta uma personagem amorosa e sensível que facilmente nos conquista.

Vestígios do Dia é um bom filme que serve para trazer questionamentos sobre a servidão, escolhas, comodidade e a passagem do tempo que, muitas vezes, não permite a volta daquilo que perdemos. Nem tudo é recuperável.

Outro indicado é o longa *O Fugitivo* (1993). O filme conta uma história de investigação, misturando ação, suspense e um personagem muito inteligente interpretado por Harrison Ford, tendo como base a série de televisão de mesmo nome. Com direção de Andrew Davis, a obra foi indicada a sete categorias, levando para casa apenas uma estatueta: Melhor Ator Coadjuvante (Tommy Lee Jones).

O respeitado cirurgião Dr. Richard Kimble (Harrison Ford) é acusado injustamente pelo assassinato de sua esposa (Sela Ward). Condenado à prisão perpétua, ele escapa após um acidente com o ônibus penitenciário. Determinado a provar sua inocência, Kimble mergulha em uma investigação paralela para encontrar o verdadeiro assassino enquanto é caçado pelo US Marshal Samuel Gerard (Tommy Lee Jones), um caçador implacável que não acredita em inocência — apenas em capturas.

O filme traz uma icônica disputa de gato e rato, onde cada um dos personagens tenta ser mais esperto que o outro. E essa perseguição acontece

em cenários urbanos, deixando a trama mais próxima da realidade, parte disso também é garantido já que o diretor escolheu filmar em locações reais, principalmente Chicago.

Talvez a parte mais legal da história, que torna a trama ainda mais interessante, é o fato de ambos os protagonistas serem muito inteligentes, sempre elaborando planos diferentes tentando um pegar o outro, o que torna a perseguição tão tensa quanto cerebral. De certa forma essa premissa lembra um pouco o filme *Fogo contra Fogo* (1995), mas menos intensa.

A inteligência dos personagens também permite com que simpatizamos com ambos os protagonistas, tirando parte da impulsividade que geralmente vemos em obras do gênero. Mas também por conta disso, sinto que o filme perde em seu lado dramático, afinal, a esposa de Kimble morreu e ele consegue ser extremamente frio para escapar e resolver o caso...um tanto quanto estranho.

O longa também denuncia diversas corrupções dentro do sistema, principalmente a indústria farmacêutica que é o grande vilão da história. No filme a farmácia é mostrada priorizando seus interesses econômicos, mesmo que estes possam destruir vidas. E Kimble representa a luta do inocente contra um sistema que o condenou sem provas.

É um filme interessante, mas admito que não pensei mais nele desde que assisti e também não tenho interesse em revisitar.

E um dos favoritos da crítica, outro indicado é *O Piano* (1993). Dirigido e escrito por Jane Campion, o filme recebeu oito indicações,

O Fugitivo (1993)- Imagem: Divulgação

levando para casa três delas: Melhor Roteiro Original, Melhor Atriz (Holly Hunter) e Melhor Atriz Coadjuvante (Anna Paquin). A diretora fez história em duas premiações, sendo a primeira mulher a ganhar a Palma de Ouro em Cannes (dividido com Adeus, Minha Concubina (1993)) e a segunda a ser indicada ao Oscar de Melhor Direção.

No século XIX, a escocesa Ada McGrath (Holly Hunter), muda desde os seis anos de idade, é enviada à Nova Zelândia para se casar com um colono que nunca conheceu, Alisdair Stewart (Sam Neill). Leva consigo sua filha pequena, Flora (Anna Paquin), e seu piano, o seu bem mais precioso. O marido, insensível à importância do instrumento, o deixa com seu vizinho George Baines (Harvey Keitel). Em troca da possibilidade de tocar seu piano, Ada aceita um acordo íntimo com Baines, dando início a uma relação proibida.

O longa conta muito sobre a experiência feminina do século XIX, evidenciando o desejo e a opressão vividos pelas mulheres, que eram obrigadas a aceitar muitas coisas caladas. E aqui, a personagem de Ada, por ser muda, é praticamente a personificação disso.

Mas ainda assim, mesmo muda, a personagem é extremamente teimosa, e recusa a aceitar muitas das questões impostas por seu marido, como o próprio abandono de seu piano. Até pelo instrumento ser a única forma da personagem se comunicar completamente, sendo praticamente dependente dele. E mesmo seu marido tentando

O Piano (1993)- Imagem: MUBI

O Piano (1993) - Imagem: Divulgação

forçá-la a entrar em certos padrões e moldes, confundindo amor com posse, ela luta com todas suas forças contra isso, expressando muito do seu descontentamento pelos seus olhares e gestos, em uma atuação brilhante de Holly Hunter, não à toa ela levou a estatueta de Melhor Atriz.

De certa forma, esse tipo de temática também se relaciona perfeitamente com o contexto vivido pelo personagem: a colonização. No longa os europeus colonizaram os maoris, começando uma relação de dominação com eles, mas nem sempre essa adaptação é bem aceita pelos povos nativos.

Outro destaque é a atuação de Anna Paquin. Sua Flora é ao mesmo tempo ingênua e manipuladora, doce, imprevisível e sobretudo uma criança, que age por impulso e birra. Talvez um dos melhores momentos do filme são as trocas entre ela e sua mãe Ada, entre brigas e compreensão, as duas dão vida a uma relação de mãe e filha muito honesta e verdadeira.

O filme também tem um tom meio contemplativo, com a ausência de diálogos, se comunicando apenas com expressões e o silêncio. O silêncio também faz um paralelo com o relacionamento escondido que a personagem começa com George Baines, que é cheio de desejos reprimidos, muitos deles pela forma como a sociedade enxerga as mulheres.

Honestamente esse foi um filme cansativo. Talvez olhando com os olhos dos anos 1990, essa não é uma obra que incomoda, mas hoje em dia... Me frustrou bastante. A mulher só queria tocar piano, e por conta disso teve que passar por diversos abusos, inclusive do seu "par romântico", só para tocar alguns minutos por dia. Fiquei triste ao final, não foi uma obra pra mim, não consegui achar emocionante.

Já uma feliz surpresa foi o longa *Em Nome do Pai* (1993). Com direção de Jim Sheridan, o filme é baseado na história real de Gerry Conlon, um dos "Quatro de Guildford", jovens irlandeses injustamente condenados por um atentado terrorista do IRA em 1974. A obra recebeu sete indicações, mas não levou nenhum prêmio.

Em Nome do Pai (1993)- Imagem: Divulgação

Gerry Conlon (Daniel Day-Lewis) é um jovem de Belfast sem rumo que se muda para Londres e acaba sendo preso injustamente, junto com amigos e familiares, acusado de envolvimento em um atentado à bomba do IRA em Guildford. Condenado à prisão perpétua, ele divide a cela com seu pai Giuseppe (Pete Postlethwaite), que também foi acusado sem provas. Ao longo de 15 anos, Gerry luta para provar sua inocência e limpar o nome de sua família com a ajuda da advogada Gareth Peirce (Emma Thompson).

Honestamente não esperava gostar tanto da história, mas ela me prendeu com uma facilidade absurda. Durante o filme somos movidos pelo senso de impotência sentido por Gerry, seus amigos e família. A narrativa em nenhum momento nos deixa em dúvida sobre sua inocência, o que faz com que a situação seja ainda mais angustiante. É aquilo, ser preso é ruim, mas ser preso por algo que você não cometeu é ainda pior. E por conta disso a história também tem um tom extremamente assustador, porém aterroriza mais do que um filme de terror, justamente por contar sobre eventos reais, conseguindo com facilidade nos colocar no lugar dos personagens.

O longa então traz uma crítica forte e clara ao governo britânico, que mesmo sem provas, deixou diversas pessoas presas por anos, onde perderam grande parte das suas vidas. Gerry e seus amigos foram usados de bodes expiatórios, na falta dos verdadeiros culpados, presos por vingança e feitos de exemplo, perpetuando ainda mais a rixa entre os irlandeses e britânicos, muito baseada em um preconceito.

Mais do que uma injustiça, a história mostra como o sistema judicial era corrompido, alterando provas e deixando aquelas pessoas presas por anos de propósito. Assim, evidenciando como em tempos de medo, os governos querem se mostrar rígidos e prestativos, preferindo encontrar culpados a qualquer custo do que buscar a verdade.

Em Nome do Pai (1993)- Imagem: Divulgação

Sem dúvidas uma das melhores partes do filme é o personagem de Gerry. Inconsequente e aventureiro, o protagonista traz a essência da rebeldia dos anos 1970, inclusive geralmente acompanhado de alguma trilha marcante como Like A Rolling Stone de Bob Dylan, que traduz o personagem perfeitamente. Gerry demora para se dar conta da situação em que se encontra, vivendo dias inconsequentes dentro da prisão também, até que, claro, acaba se metendo em confusões graves.

Mas a alma do longa é a relação entre Gerry e seu pai, marcada por frustrações, desconexões e ressentimentos. Dentro da prisão os dois são obrigados a conviver o que causa diversos embates, em parte pelas diferentes linhas de pensamento sobre resistência, onde Gerry a vê como violenta e seu pai como pacífica. Porém, seu tempo juntos na prisão se transforma em um processo de amadurecimento e perdão onde, depois de muito custo, Gerry aprende sobre o peso de suas ações, passando por uma mudança moral.

Pra não dizer que amei completamente a obra acho que ele se perde um pouco no seu terço final, principalmente como a personagem da Emma Thompson é apresentada. A atriz está ótima, como sempre, mas a personagem podia ter uma participação maior e mais interessante, dada sua importância para a trama, simplificando grande parte das suas ações.

Forte e assustador, *Em Nome do Pai* é um filme impactante conseguindo aterrorizar apenas por apresentar uma história verdadeira. Gostei bastante e estarei recomendando ele.

A Lista de Schindler (1993)- Imagem: Divulgação

A LISTA DE SCHINDLER.

E o Oscar acertou novamente. O grande vencedor foi *A Lista de Schindler* (1993), o grande épico de Steven Spielberg. O filme recebeu doze indicações, levando para casa sete delas, incluindo: Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Trilha Sonora Original. O longa é baseado no livro Schindler's Ark, de Thomas Keneally, publicado em 1982.

A narrativa conta a emocionante história real Oskar Schindler (Liam Neeson), que durante a Segunda Guerra Mundial decide abrir uma fabrica de mão de obra judia, uma solução fácil e viável para lucrar durante a guerra. No entanto, ele abdicou toda sua fortuna para salvar a vida de mais de mil judeus em plena luta contra o extermínio alemão.

O longa é um retrato cru, sensível e devastador do Holocausto, poré também tocando em tema como redenção, coragem e humanidade. E se Vestígios do Dia é sobre comodidade, A Lista de Schindler é sobre a quebra dela.

A obra é bem tocante e sensível, e faz questão de mostrar cenas fortes da época do holocausto. Spielberg usa diferentes planos ao longo da história, usando planos mais abertos ao mostrar o campo de concentração para mostrar a vastidão e o grande número de judeus presos, e closes durante os períodos com diálogos de maior dramaticidade focando nas brilhantes atuações. O diretor também faz uso da câmera de mão, o que dá ao filme um aspecto de documental, dando ao telespectador uma sensação de imersão.

O roteiro do filme foca em retratar não so os personagens principais, mas toda a violência que o povo judeu passou, evidenciando desde os judeus tendo seus lares saqueados, à ida para o gueto e a realidade dos campos de concentração. A escolha de ser em preto e branco foi um grande acerto, já que ressalta a tristeza e a sofrência da época e ameniza as muitas violências mostradas na tela e cria um aspecto pesado de sofrimento e melancólico. O diretor evita sensacionalismo e foca no realismo, muitas vezes deixando a barbárie ocorrer fora da câmera, o que acaba sendo ainda mais doloroso, trazendo até um medo do desconhecido.

Liam Neeson interpreta um personagem muito carismático que se aproveita disso para criar uma boa imagem aos olhos dos nazistas. O ator mostra com excelência a transformação de um personagem egoísta e ganancioso que se torna um ser humano altruísta após observar os horrores da guerra, carregando certa culpa. A mudança de seu personagem é feita de maneira muito convincente e gradual.

E por fim, Ralph Fiennes compondo um dos vilões mais assustadores do cinema. O personagem do ator é a representação da maldade dos nazistas. A personalidade fria e cruel do personagem é quase palpável. O ator transmite segurança e confiança de suas ações através do tom de voz, o que o deixa ainda mais temível. Chega a ser meio absurdo o ator não ter vencido a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante.

A Lista de Schindler é um dos mais pessoais, bonitos e impactantes filmes da carreira de Spielberg, que inclusive se recusou a dirigi-lo por anos, por não se sentir emocionalmente pronto. Um filme obrigatório.

1995

Sem dúvidas 1995 é um dos melhores anos dentro da premiação, com alguns dos mais marcantes filmes da década. O grande vencedor da noite foi *Forrest Gump: O Contador de Histórias* (1994). Com direção de Robert Zemeckis, o longa recebeu treze indicações, levando para casa seis estatuetas, incluindo Melhor Direção e Melhor Ator (Tom Hanks).

Forrest Gump (Tom Hanks), é ingênuo e cheio de boas intenções. Quando criança, ele convive apenas com a mãe (Sally Fields) e a amiga Jenny (Robin Wright), e sofre bullying na escola por usar um aparelho nas pernas para consertar sua postura. Mas a vida de Forrest muda quando ele aprende a correr.

No decorrer do filme, acompanhamos o amadurecimento de Forrest e ao mesmo tempo a história dos Estados Unidos através de seus olhos, passando por grandes eventos, como: a Guerra do Vietnã, Woodstock e as presidências de Kennedy e Johnson.

O roteiro intercala entre o presente e flashbacks, enquanto Forrest conta diversas histórias do seu passado que o fizeram estar naquele banco esperando o ônibus. Além disso, inova ao trazer todos esses eventos pelo ponto de vista do protagonista, misturando ficção com realidade de uma maneira crível. A mistura gera muitos momentos divertidos e deixa o filme mais leve, mesmo mostrando períodos sombrios e cheios de maldade.

A fotografia do filme também ajuda com a leveza do roteiro, já que é repleto de cenas à luz do dia, com cores muito vivas e coloridas. Ela também inova ao mostrar os momentos tristes e ruins da vida de Forrest com chuva e sombras.

Um dos grandes destaques do longa é a atuação de Tom Hanks. O ator entrega uma performance impecável, sendo quase magnético, atraindo e emocionando o espectador por suas histórias e entonação de voz. Hanks interpreta até os mínimos detalhes do personagem, como as falas pausadas quando processa uma informação, trajeto que emprestou do ator que interpretou a versão jovem de Forrest (Michael Conner Humphreys) sua enorme concentração para coisas corriqueiras e ao mesmo tempo seu jeito distraído.

Além de Forrest, o filme também é repleto de personagens coadjuvantes muito interessantes, como Jenny, que desenvolve um amor verdadeiro por Forrest, com uma comovente e convincente performance Wright. Outro destaque é Bubba (Mykelti Williamson), que cria uma das amizades mais verdadeiras do cinema com o protagonista. E também Tenente Dan (Gary Sinise), que marca a vida de Forrest, com uma impecável atuação de Sinise interpretando um homem revoltado e indignado.

Com uma trilha sonora imortal, Forrest Gump é um filme com uma história que, mesmo alegre, é repleta de momentos melancólicos, deixando como mensagem final que a vida pode ser trágica, mas também pode ser bela... “a vida é como uma caixa de bombons, você nunca sabe o que vai encontrar”.

Também no mesmo ano temos *Quatro Casamentos e um Funeral* (1994). Com direção

Forrest Gump (1994)- Imagem: Divulgação

Quatro Casamentos e um Funeral (1994)- Imagem: Divulgação

de Mike Newell, e recebeu duas indicações: Melhor Filme e Melhor Roteiro Original, mas não levou nenhuma estatueta para casa.

Charles (Hugh Grant) é um inglês encantador, porém emocionalmente imaturo, que vive cercado por um grupo de amigos excêntricos. Em uma série de quatro casamentos e um funeral, ele encontra e se apaixona por Carrie (Andie MacDowell), uma americana independente e misteriosa. A história se desenrola entre encontros e desencontros, reflexões sobre amor, compromisso e mortalidade.

Gosto muito do quão literal o filme é, ao longo da história acompanhamos de fato quatro casamentos e um funeral. E o humor dentro da história está justamente em pegar eventos formais como o casamento e um funeral e transformá-los em palco para momentos desastrosos e embaraçosos. A narrativa, então, conta sobre os eventos a partir de um grupo de amigos que cresceram juntos, enfrentando decepções amorosas, perdas e mudanças, e sinto que essa aliança é minha parte favorita da obra.

A temática central é o amor e o medo dele. Charles é um homem que morre de medo de compromisso, e por conta disso tem dificuldade em expressar seus sentimentos. Porém, suas atitudes só mudam quando ele percebe o quão vazia a vida se torna sem riscos.

De certa forma, o longa foi responsável por criar uma fórmula que seria muito efetiva no futuro: protagonista britânico adorável e desajeitado, cercado por personagens secundários carismáticos e interessantes, com muito humor irônico, o que tornou o filme mais identificável.

Formula essa replicada pelo roteirista do longa em suas duas outras obras: Um Lugar Chamado Notting Hill (1999) e Simplesmente Amor (2003), ambas com Hugh Grant.

Mas devo ser sincera, eu me decepcionei com o filme. Acho legal a presença dele como indicado ao Oscar, abrindo portas para mais filmes de comédia romântica, mas eu não consegui me conectar com a narrativa e não é uma obra que penso em assistir novamente. Talvez o hype tenha me iludido ou talvez eu só esteja mais acostumada com as comédias românticas dos anos 2000, que tem um humor diferente.

Agora falando sobre uma surpresa positiva, o indicado, *Quiz Show – A Verdade dos Bastidores* (1994). O filme tem direção de Robert Redford e foi indicado a quatro categorias, mas acabou não levando nenhuma estatueta para casa.

O filme narra o escândalo real envolvendo o programa de televisão Twenty-One nos anos 1950, nos Estados Unidos. Quando o produtor do programa começa a manipular os resultados para favorecer concorrentes mais carismáticos, como Charles Van Doren (Ralph Fiennes), um jovem professor elegante, em detrimento do brilhante mas desajeitado Herb Stempel (John Turturro), um escândalo começa a se formar. O investigador do Congresso, Dick Goodwin (Rob Morrow), entra em cena para expor a fraude.

Quatro Casamentos e um Funeral (1994)- Imagem: Divulgação

Quiz Show (1994)- Imagem: Divulgação

O filme fala sobre o poder das narrativas e a manipulação feita pela mídia. O programa Twenty-One molda as histórias apresentadas para o público, dando fama e tirando a fama como bem entende, conforme seus próprios interesses. Assim , o longa crítica à visão capitalista desses programas priorizam o lucro, tomando decisões para agradar o público e manter a audiência, mesmo que isso custe a verdade.

A história também vai mais afundo, mostrando como essa manipulação também afeta diversas instituições, desde o programa até o governo e universidades, participam ou se beneficiam de práticas questionáveis. Por envolver diversas pessoas, a culpa acaba sendo compartilhada, o que suaviza o peso dela, tanto nos próprios indivíduos mas também para a sociedade, passando essa ideia de que todos fazem.

E o que impulsiona a manipulação do programa são as aparências. Herb Stempel é um judeu de classe média do Queens, pouco carismático e fácil de ridicularizar, já Van Doren é loiro, branco, protestante, formado em Yale e membro de uma respeitada família de intelectuais, uma figura mais fácil de ser aceita pela sociedade americana.

Sinto que a história também tem um gosto meio amargo. Durante suas investigações Dick Goodwin acaba se apegando a Van Doren, o que torna a verdade mais dolorida. Dentro da história os “culpados” não são retratados de forma

caricata, trazendo um debate moral dentro deles, o que os torna mais humanos e torna a história mais difícil de ser decidida. Suas investigações também mostram que muitas vezes, mesmo com a verdade revelada, a justiça não é feita.

Gostei do filme, acho que ele traz uma história interessante, reflexões e ainda conta com bons atores. Talvez se ele não fosse selecionado pelo Oscar eu jamais assistiria, então fico feliz que a Academia deu essa vaga para ele.

E talvez um dos mais importantes filmes dos anos 1990, temos *Um Sonho de Liberdade* (1994). O longa foi dirigido por Frank Darabont que também assina o roteiro, que por sua vez é baseado na obra homônima de Stephen King, publicada em 1982.

O longa se passa em 1946 e conta a história de Andy Dufresne (Tim Robbins), um bem-sucedido banqueiro condenado à prisão perpétua pelo assassinato de sua esposa e do amante dela. Enviado à Penitenciária Estadual de Shawshank, Andy conhece Ellis Boyd "Red" Redding (Morgan Freeman), um detento que controla o contrabando dentro da prisão. A amizade entre os dois se desenvolve, enquanto Andy mantém viva sua esperança de liberdade.

Dentro dos mais diversos sites de crítica, comumente existem as listas dos melhores filmes de todos os tempos que geralmente variam entre três filmes: *Cidadão Kane, O Poderoso Chefão e Um Sonho de Liberdade*. Admito que demorei muito tempo para assistir ao filme, em parte porque eu imaginava, muito por conta desse título de "um dos melhores filmes de todos os tempos", que ele seria um grande drama, e eu tinha muito medo de não gostar. Mas para minha felicidade, eu estava completamente errada.

O filme prende a atenção com muita facilidade desde os primeiros minutos e não necessariamente surpreende os espectadores, mas definitivamente não tem medo de mostrar diversas crueldades. O longa acompanha o dia a dia dentro da prisão de Shawshank, onde vemos as corrupções, quebras do sistema carcerário e injustiças dentro da penitenciária, mostrando o mundo que se cria ali dentro. E com isso, a obra

Um Sonho de Liberdade (1994) - Imagem: Divulgação

traz uma das mais bonitas histórias de amizade e uma das mais sensíveis narrativas sobre redenção.

A crueldade, tristeza e injustiça dentro do filme é passada com perfeição pela fotografia do longa, que se utiliza de tons cinzentos e um azul marinho para compor a roupa dos detentos, refletindo assim também como é a vida dentro da prisão. Inclusive, os momentos em que vemos outras cores mais vivas e que o sol de fato aparece são poucos, mas extremamente importantes para a narrativa, de certa forma trazendo esperança para os espectadores e também para os detentos, sendo esse um dos principais assuntos abordados.

Além disso, o roteiro é muito bem construído, fazendo com que tudo dentro da história, tenha um significado por trás e um motivo, mesmo não revelando de primeira. O longa também fica com você por muito tempo principalmente pelos seus diálogos marcantes cheios de metáforas e também pelo destino de diversos personagens, afinal, vivemos a realidade da prisão com eles e acabamos nos apegando. Como eu disse, é um filme que não se segura. Mas apesar disso, ele não tem um tom pesado, a narrativa impacta mas ainda tem espaço para momentos engraçados, divertidos e até reflexivos, muito por conta da amizade entre Andy e Red, que embora diferentes, ambos conseguem se complementar, aprender e ajudar um ao outro.

Os personagens são extremamente interessantes, desde os protagonistas até os personagens secundários que compõem os prisioneiros, principalmente por conta das histórias de suas vidas, que vamos aprendendo ao longo do filme.

O nosso protagonista Andy tem sua história narrada por Red, começando durante o julgamento em que ele é condenado à prisão perpétua. E o interessante é, o longa demora para revelar se ele é culpado ou não, nos deixando com essa dúvida por muito tempo, até pelo personagem ser bem introspectivo e frio. O personagem é muito inteligente e é mostrado de uma maneira como se ele não pertencesse a aquele lugar, mas ainda assim criamos empatia com ele com muita facilidade, até por toda a admiração que ele consegue ao longo da história, mas também por todo sofrimento vivido dentro da prisão, trazendo uma sensação de injustiça e impotência. Tim Robbins, então, dá vida a uma pessoa paciente, calculista que mesmo dentro de uma situação terrível, tenta a todo custo reverter isso. Ele não é necessariamente um otimista, mas ele é um personagem que sabe que precisa de calma para resolver seus problemas.

Já Red é um homem não só já acostumado com a prisão, mas que tem um controle absurdo ali dentro. Mas, apesar disso, ele constantemente tenta ser liberado, o que na minha opinião deixa o personagem ainda mais realista. Mas, muito por conta de seu poder e os longos anos de vivência na prisão, o personagem carrega uma serenidade, quase uma paz em todos os momentos que aparece em cena. Ele é um daqueles personagens que lida com o que tem.

Humano e emocionante, mesmo fazendo tempo que assisti, admito que penso em sua história e a cada semana. Esse é um dos clássicos e um dos “melhores filmes de todos os tempos” que vale cada segundo.

Um Sonho de Liberdade (1994)- Imagem: Divulgação

Pulp Fiction (1994)- Imagem: Divulgação

PULP FICTION.

Mas sem dúvida, o mais icônico filme da década é *Pulp Fiction* (1994). O longa tem direção de Quentin Tarantino e roteiro assinado por ele e Roger Avary, e recebeu sete indicações, sendo um destaque nas categorias de atuação com a presença do elenco principal, porém, ele levou apenas uma estatueta: Melhor Roteiro Original.

O filme acompanha 3 histórias diferentes contadas em pequenos recortes. A primeira história acompanha os capangas Vincent Vega (John Travolta) e Jules Winnfield em uma missão. A segunda narrativa conta a história do lutador de boxe Butch (Bruce Willis) e o chefão do crime Marsellus Wallace (Ving Rhames). E na terceira voltamos a seguir Vincent mas dessa vez ele tem a missão de cuidar da esposa de Wallace, Mia (Uma Truman).

Lançado em 1994, Pulp Fiction é um dos mais aclamados e importantes filmes da carreira do diretor, inspirando diversas outras obras, sendo lembrado não só por seu roteiro marcante, mas também por sua montagem criativa.

No longa as histórias não são apresentadas de maneira cronológica, sendo apresentado pequenas crônicas que são costuradas e vão se conectando conforme o desenvolvimento do filme.

Por conta disso, o roteiro do filme faz necessária uma imersão completa do espectador para tentar juntar todas as peças do quebra-cabeça. Tarantino traz um dos mais impecáveis roteiros e narrativas do cinema ao juntar com excelência cada um dos episódios contados já que todos os recortes são minuciosamente selecionados, seguindo ainda a ordem de introdução, desenvolvimento e conclusão, mesmo não sendo cronologicamente correta.

A escolha dos recortes inclusive segue outra lógica também, que é a de contar uma história fracionada da vida no crime trazendo suas introdução, consequências e libertação.

Além disso, apesar de se tratar de uma temática extremamente violenta sobre o dia a dia de uma máfia, o longa traz diversos diálogos inesquecíveis e ainda assim cotidianos e rápidos, se utilizando muito de um linguajar mais urbano e informal que conseguem trazer um maior realismo.

Também são nos diálogos mundanos dos personagens que acabamos conhecendo mais sobre eles e sobre as tramas apresentadas. Assim o diretor consegue contextualizar o telespectador de uma maneira super natural trazendo pequenas “dicas”, sobre as personalidades e relacionamentos dentro de cada uma das narrativas conforme a história se desenvolve.

O filme, ainda, retrata a vida criminosa de uma maneira bem diferente do que o usual. Em Pulp Fiction as cenas a luz do dia são muito comuns e quase constantes na história, os personagens são mais divertidos do que assustadores e a trilha sonora é energética - e ainda harmoniza e complementa o filme perfeitamente.

Com isso, Tarantino consegue não só prender a atenção dos espectadores, mas também fazer com que eles simpatizem com os personagens. Apesar disso, o filme aposta com um realismo ao não suavizar nenhuma violência dentro do filme,

Pulp Fiction (1994) - Imagem: Divulgação

constantemente mostrando mortes, drogas, agressões e sequências de ação verdadeiramente memoráveis.

Além da criatividade envolvida na montagem, o longa inova ao trazer um aspecto popularizado por Hitchcock: "Macguffin", que seria um objeto que não tem nenhuma função a não ser guiar os personagens. No filme esse conceito é posto na maleta de Marcellus. Até hoje diversas teorias são elaboradas para responder qual é o conteúdo da maleta, porém até onde se sabe, ela nada mais serve do que motivar os personagens e mover a história.

E claro, um dos destaques do filme é a construção dos personagens e as atuações marcantes dos atores. John Travolta e Samuel L. Jackson são sem dúvidas os mais carismáticos e interessantes personagens do longa e não é atoa que ambos foram indicados ao Oscar. Os atores têm uma química maravilhosa entre si, que rende diversas cenas e situações divertidas. Além disso, os dois quebram os estereótipos de capangas de mafiosos durões e sérios.

Além dos dois, o longa ainda conta com uma marcante e impecável performance de Uma Thurman, que também recebeu indicação à estatueta do Oscar. A atriz traz uma personagem misteriosa e instigante que traz um mistério novo a cada passo, e consegue cativar nossa atenção e interesse por conta de seus mistérios.

Com muito estilo e criatividade *Pulp Fiction* é uma verdadeira aula de cinema graças a sua composição impecável e muito revolucionária para a época, inspirando muitos outros filmes. Um marco do cinema.

Pulp Fiction (1994)- Imagem: Divulgação

Coração Valente (1995)- Imagem: Divulgação

1996

A edição 68º é marcada por trazer histórias mais antigas. Um dos indicados é o longa *Babe: O Porquinho Atrapalhado* (1995), acredite se quiser. O filme tem direção de Chris Noonan e recebeu sete indicações, levando para casa a estatueta de Melhores Efeitos Especiais.

Na fazenda do Sr. Hoggett (James Cromwell), o porquinho Babe (voz de Christine Cavanaugh) surpreende a todos ao sonhar em se tornar um cão pastor de ovelhas. Com a ajuda da cadela Fly (voz de Miriam Margolyes) e enfrentando a resistência do cão Rex (voz de Hugo Weaving), Babe usa empatia e gentileza para desafiar seu destino.

A primeira vez que eu assisti ao filme eu era uma criança e, por consequência, eu lembrava dele ser muito melhor do que ele realmente é. A história é dividida em pequenas crônicas e aprendizados de Babe na fazenda.

Dito isso, o longa fala sobre preconceitos e estereótipos, principalmente a superação deles. A partir da presença de Babe na fazenda, ela passa por uma quebra dos papeis sociais, onde o porquinho quer trabalhar junto com os cães pastores. Apesar de gerar uma resistência no começo, com muita persistência ele segue seu sonho.

Com isso, a história incentiva a busca por identidade e pertencimento. Mesmo se tratando de um protagonista que é um porquinho, o filme fala sobre autoconhecimento, onde Babe busca achar seu lugar mesmo o mundo tentando rotulá-lo, e suas vitórias estão nas aceitações.

O filme também fala sobre a força da empatia. Os cães usam a força e o medo para controlar as ovelhas, porém Babe vem para mudar isso, até por não ter a mesma força. Ao invés disso, Babe usa de gentileza, educação e respeito, conseguindo os mesmos feitos dos cães e de jeito até mais eficiente. Com isso, o longa ressalta como a liderança não precisa ser agressiva, e sim empática.

Sinto que a indicação do longa veio por seus aspectos técnicos, não é atoa que o longa venceu a estatueta de Melhores Efeitos Visuais. Quando pensamos na época, é realmente impressionante o realismo que o filme constroi os animais da fazenda, conseguindo também atribuir personalidades a eles.

Mas, apesar disso, eu realmente não gostei do longa. Achei sua história extremamente desinteressante e os personagens não me chamaram atenção para além do protagonista. Senti que a resolução também foi muito facilmente resolvida. Talvez esse seja um daqueles filmes para assistir quando criança e depois nunca mais, para manter as boas memórias.

No mesmo ano também temos um filme internacional dentre os indicados: *O Carteiro e o Poeta* (1994). Dirigido por Michael Radford, o longa recebeu cinco indicações e venceu uma delas: Melhor Trilha Sonora Original. A história tem como base o livro homônimo de Antonio Skármeta, publicado em 1985, contando sobre uma improvável amizade.

Em uma pequena ilha italiana nos anos 1950, Mario Ruoppolo (Massimo Troisi), um carteiro simples, começa a entregar cartas para o poeta chileno exilado Pablo Neruda (Philippe Noiret). Aos poucos, uma amizade cresce entre os dois, e Mario aprende a ver o mundo por meio da poesia. Inspirado, ele tenta conquistar o coração de Beatrice (Maria Grazia Cucinotta), usando as palavras que aprendeu.

O filme mostra a arte como uma poderosa ferramenta. Com seus aprendizados com Pablo Neruda, Mario passa a enxergar o mundo de forma diferente, não só ganhando mais autoconfiança, mas também desenvolvendo um pensamento crítico, passando a se preocupar com as questões políticas da cidade. O contato com a poesia também o deixa mais sensível, conseguindo expressar seus sentimentos, não só os amorosos por Beatrice, mas também as sensações da vida.

A obra traz uma atmosfera calma, como o verão italiano, nos permitindo, juntamente com os personagens, apreciar os pequenos gestos e momentos da rotina, como as colinas, o balançar das ondas e o barulho do sino da igreja, encontrando a beleza da vida no amor, amizade e as pequenas coisas.

Mas apesar disso, o fala bastante sobre o contexto político, em principal, o que acontecia no Chile, que faz com que Pablo Neruda precise se exilar. Assim, a história dá breves pinceladas sobre identidade e pertencimento, já que o poeta foi obrigado a abandonar sua terra natal por seus

O Carteiro e o Poeta (1995)- Imagem: Divulgação

pensamentos políticos. Ao abordar o contexto da época, o longa traz reflexões sobre os efeitos da repressão, da desigualdade e da censura.

Porém, o longa toca nesses assuntos sutilmente, já que o foco é a arte como transformadora e, em especial, a amizade sincera desenvolvida por Mario e Pablo. Apesar de um estranhamento de início, os dois personagens acabam criando uma conexão muito bonita, aprendendo muito um com o outro. Mario aprende as belezas da arte, enquanto Pablo aprende com a simplicidade do carteiro as belezas da ilha italiana e seu cotidiano.

Massimo Troisi traz a atuação de maior destaque dentro do longa. O ator interpreta Mario como um homem simples e humilde que tem grande curiosidade e coração, rapidamente se interessando pela vida de Neruda e suas obras. O ator interpreta com muita convicção as mudanças vividas por Mario ao longo da história, mas ainda consegue manter o personagem sensível e sem jeito.

Honestamente, achei que iria gostar mais do filme, é uma boa obra pra quem gosta de reflexões sobre a vida. O longa se destaca pela sua delicadeza, ressaltando as belezas mundanas do dia a dia.

Já com direção de Ron Howard, outro indicado é *Apollo 13: Do Desastre ao Triunfo* (1995). O filme traz a história da missão especial quase trágica da nave Apollo 13, da NASA, em 1970. A narrativa, então, é baseada no livro Lost Moon: The Perilous Voyage of Apollo 13, escrito por Jim Lovell (astronauta real da missão) e Jeffrey Kluger, publicado em 1994. O longa recebeu nove indicações e levou para casa duas estatuetas: Melhor Som e Melhor Edição.

O Carteiro e o Poeta (1995)- Imagem: Divulgação

Apollo 13 (1995)- Imagem: Divulgação

Durante a missão Apollo 13, o astronauta Jim Lovell (Tom Hanks) lidera uma equipe formada por Jack Swigert (Kevin Bacon) e Fred Haise (Bill Paxton) em uma jornada que deveria levá-los à Lua. Após uma explosão a bordo, a missão se transforma em uma corrida desesperada pela sobrevivência. Com o apoio da NASA, liderada por Gene Kranz (Ed Harris), os astronautas lutam para retornar à Terra em segurança.

O filme é uma ode a engenhosidade humana, ressaltando a coragem e brilhantismo dos homens envolvidos. O longa acompanha então uma missão que parece impossível sendo realizada com poucos recursos. A narrativa, então, desmonta a ideia de vitória, que seria a chegada a Lua, e transforma o triunfo como a volta dos astronautas em segurança.

Olhando com os olhos de hoje é possível encontrar dentro da história uma crítica a tecnologia, que é falha diversas vezes, ressaltando a importância da criatividade humana, que vez após vez se mostra mais poderosa que qualquer sistema.

Por conta disso, mesmo o filme sendo de 1995, acho que é possível traçar paralelos com as inteligências artificiais hoje em dia, e o próprio debate de humanos versus I.A., como os protestos dos atores e roteiristas que aconteceram em 2024.

Também é interessante que o longa não mostra um heroísmo individual, e sim como uma vitória em equipe. Na história, tanto os astronautas dentro da nave quanto diversos técnicos e

cientistas na Terra, trabalham para que Apollo 13 volte em segurança para o planeta.

Infelizmente sinto que ele é uma obra que depende da experiência cinematográfica para causar uma maior imersão. Além disso, como um filme de sobrevivência no espaço, achei o longa muito fraco. Honestamente não me conectei e nem me importava com os personagens e sinto que *Gravidade* (2013) e *Interstellar* (2014) fazem um trabalho bem melhor.

Outro indicado é *Razão e Sensibilidade* (1995). O filme não tinha como dar errado: direção de Ang Lee, adaptação de um romance de Jane Austen (1811) e protagonizado por Emma Thompson, obra-prima. A obra recebeu sete indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Adaptado, que foi para Emma Thompson, a responsável pela adaptação.

Após a morte do patriarca da família Dashwood, suas filhas Elinor (Emma Thompson) e Marianne (Kate Winslet) enfrentam dificuldades financeiras e são forçadas a viver com poucos recursos em uma casa modesta no interior. Ambas enfrentam decepções amorosas e desafios sociais enquanto tentam encontrar um equilíbrio entre o coração e a cabeça em uma sociedade rígida e patriarcal.

Ao longo da minha jornada com o Oscar me tornei obcecada com a filmografia de Ang Lee, afinal, ele não cansa de acertar. Não só isso, mas consegue trazer narrativas interessantes,

Apollo 13 (1995)- Imagem: Divulgação

Razão e Sensibilidade (1995)- Imagem: Divulgação

muito diferentes entre si, mas ainda muito emocionantes, até por falar sobre emoções reprimidas.

O filme também se torna impactante por conta de seu roteiro. Emma Thompson traz com fidelidade a história de 1811, mas consegue modernizar os personagens os tornando mais acessíveis.

O filme também traz muito da sociedade da época, em principal falando sobre as regras que as mulheres eram submetidas. E o título da obra representa bem a situação que as irmãs viviam. Elinor por ser a mais velha via as questões amorosas com lógica, representando contenção, o dever, a racionalidade.

Já Marianne é guiada pelo emocional, dando prioridade para o romantismo, a entrega e a paixão. O longa não julga nenhuma das duas, apresentando seus prós e contras ao longo da narrativa enquanto as meninas exploram os limites de suas visões e se deparam com sofrimento, amor e injustiça.

E assim como todo bom filme de época, a história crítica às regras impostas às mulheres pela sociedade como a dependência financeira de homens e por consequência a importância de "bons casamentos" para garantir a sobrevivência.

E de certa forma, Marianne, até por ser a irmã mais nova, representa uma espécie de resistência a essas normas buscando amor antes de qualquer coisa.

O longa também demonstra o peso que as irmãs mais velhas precisam carregar nesse tipo de situação. Se Marianne tem liberdade para lutar

pelo amor verdadeiro é só porque sua irmã não tem. Elinor pode ser em vários momentos fria e distante, isso porque ela tem autocontrole, e sabe que o controle das emoções é essencial para sobreviver nesse tipo de sociedade.

Talvez um pouco do romance que vimos em *Brokeback Mountain* (2005), um dos grandes filmes de romance contemporâneo, tenha vindo de inspiração de Razão e Sensibilidade. A coisa dos sentimentos intensos, as emoções reprimidas e os padrões impostos pela sociedade, podem ser vistos em ambas as histórias.

Muito mais do que um romance, Razão e Sensibilidade é um filme que critica as normas impostas para as mulheres dentro da sociedade, explorando tudo isso com relacionamentos intensos cheios de emoções não ditas. O longa também foi responsável por elevar a carreira de Kate Winslet, pouco antes de *Titanic* (1997) e consagrar Emma Thompson como uma grande atriz.

Não tinha como ser melhor.

Razão e Sensibilidade (1995)- Imagem: Divulgação

CORAÇÃO VALENTE.

Mas a obra que merecia a vitória é *Coração Valente* (1995) e ele realmente venceu. Dirigido e protagonizado por Mel Gibson, o filme recebeu dez indicações e levou para casa cinco prêmios: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Fotografia, Melhor Edição de Som e Melhor Maquiagem.

A história acompanha o escocês William Wallace (Mel Gibson) que foi um dos líderes do que conhecemos com a Primeira Guerra da Independência Escocesa, iniciada no século XII. O protagonista, quando pequeno, acompanhou a morte de seu pai e as injustiças que seu povo sofria, o que o motivou a assumir a liderança da nação em busca da independência do reinado inglês.

Claro, o épico é muito mais romântico do que fiel, porém o longa sabe apresentar a dose certa entre batalhas impressionantes e também a medida certa de romance, drama, denúncia e comédia. O roteiro é inspirado na vida real de William Wallace com fortes liberdades criativas. Em parte a história é baseada no poema "The Acts and Deeds of Sir William Wallace" (século XV), de Blind Harry, que mistura fatos e lendas.

Com isso, o diretor apresenta William Wallace quase como uma figura mitológica, sendo um trágico heroi. Mel Gibson entrega na direção e atuação um personagem autoafirmação e inspirador que se firma em nome da liberdade. O ator é muito carismático e entrega uma performance cativante. Wallace passa por uma mudança brutal, já que no começo do filme tem sonhos de iniciar uma família, e após uma tragédia pessoal, passa a ser movido por vingança, indo de um homem apaixonado para um guerreiro brutal. Evidenciando o amor como um forte catalisador.

A narrativa é bastante violenta, e conta principalmente sobre a guerra pela liberdade, onde um povo simples resolve se rebelar contra seu opressor, o que de certa forma dá ao filme um tom universal. Na história também, muitos dos nobres são retratados como corruptos, covardes e subservientes ao rei inglês, assim também criticando as alianças políticas que negociam a liberdade do povo.

Com isso, temos diversas cenas de batalha, que são os pontos altos do longa, principalmente por seu realismo. O cineasta inclusive teve que suavizar diversas sequências para que o filme não levasse à censura máxima. Mas as cenas não deixam a desejar, praticamente nos jogando para dentro da luta. Durante a batalha de Stirling, o diretor faz uso de cortes rápidos e movimentações inquietas de câmera, trazendo essa sensação e passando o caos da guerra.

Patrick McGoohan também entrega uma performance convincente na pele do Rei Eduardo I. Mesmo sendo o vilão do filme, o rei é mostrado como um líder nato, muito inteligente e sério, qualidades respeitáveis e marcantes do verdadeiro rei.

Coração Valente é um dos mais completos filmes épicos de Hollywood que, mesmo não sendo 100% verídico aos fatos, ainda assim homenageia o mito escocês com uma obra emocional e visualmente impecável, que influenciou outros longas como o próprio *Gladiador* (2000).

Coração Valente (1995)- Imagem: Divulgação

O Paciente Inglês (1996)- Imagem: Divulgação

1997

Honestamente senti esse ano meio fraco, principalmente em comparação com os outros indicados da década. O grande vencedor foi *O Paciente Inglês* (1996), vencendo nove estatuetas das doze indicações que recebeu. O longa tem direção de Anthony Minghella e traz uma adaptação do livro de Michael Ondaatje, publicado em 1992.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o desconhecido paciente inglês, que teve queimaduras quando seu avião foi abatido, recebe os cuidados de uma enfermeira canadense, Hana (Juliette Binoche). Com o tempo, ele acaba contando a história do épico amor proibido que teve, mas alguns detalhes parecem não vir à lembrança.

O filme, então, é conduzido por duas linhas diferentes, indo e vindo ao longo da narrativa. A primeira delas acompanha o passado do paciente inglês, já a segunda se passa no presente com a enfermeira Hana que o atende e escuta sua história, o que deixa a obra mais dinâmica. Além disso, por conta dessa divisão, o longa conta com momentos pré e pós Segunda Guerra, trazendo as causas e consequências da guerra em alguns detalhes da história. Com isso a história também conta sobre o impacto da guerra para além das batalhas, mostrando como o momento afetou também o dia a dia.

O longa foi gravado nas regiões da Itália e Tunísia, garantindo belíssimas imagens que passam tranquilidade, mas ao mesmo tempo transmitem uma melancolia que combina com a trama. As imagens se destacam ainda mais ao comparar com as linhas narrativas de passado e presente, já que a história contada pelo paciente tem início antes da guerra, e o presente se passa em uma época do meio ao final, onde tons mais frios e sombrios tomam conta da tela. Além disso, o cenário do presente mostra claramente os efeitos da guerra com muitas construções quebradas e sujas.

Mesmo o filme sendo no contexto da guerra, este é apenas seu pano de fundo já que o foco é o romance proibido entre Katharine (Kristin Scott Thomas) e Almásy (Ralph Fiennes) e o triângulo amoroso que se forma entre eles e Geoffrey Clifton (Colin Firth). Para além de um romance proibido, o filme traz uma trágica história, envolvendo traição, impossibilidades sociais e consequências. A narrativa acaba se tornando ainda mais dolorida já que o romance entre os dois é desenvolvido de uma forma lenta e gradual, deixando a relação fica mais realista e também permitindo com que nos apeguemos ao relacionamento.

Além da tragicidade romântica, o filme tem um tom dolorido por conta da paciente inglês que, além de desfigurada, também é um homem que perdeu sua identidade. Enquanto revive suas memórias, e por consequência enfrenta seus fantasmas do passado, o paciente inglês faz uma busca de quem é, já que perdeu seu rosto, nome, nacionalidade e suas certezas.

Ralph Fiennes entrega uma performance impressionante de um homem conflituoso que nutre uma forte paixão por Katherine. Thomas também se destaca no filme trazendo uma mulher de personalidade forte e decidida, que em alguns momentos age com seriedade e

Shine (1996)- Imagem: Divulgação

cautela, e outros com impulsividade, trazendo uma personagem muito real.

E claro, Juliette Binoche, que entrega uma mulher muito devota ao trabalho após perder seu amado na guerra. A atriz cria uma personagem simpática e muito dedicada, representando compaixão em um mundo já quebrado, mesmo carregando um certo sofrimento.

Mesmo assim, o longa tem momentos cansativos e confusos, e honestamente é um dos mais esquecíveis vencedor da estatueta de Melhor Filme. O longa até tem seus momentos bonitos, conseguindo trazer reflexões, mas não foi uma história que ficou comigo.

Outro dos indicados é o longa *Shine* (1996). Com direção de Scott Hicks, o filme conta a história real do pianista David Helfgott, recebendo sete indicações e levando para casa uma estatueta: Melhor Ator para Geoffrey Rush.

Um jovem pianista prodígio, David Helfgott (interpretado por Alex Rafalowicz, Noah Taylor e Geoffrey Rush em diferentes fases da vida), cresce sob a pressão de um pai autoritário, Peter (vivido por Armin Mueller-Stahl), que interfere em seu desenvolvimento emocional e artístico. À medida que enfrenta desafios mentais graves, David encontra na música um refúgio e um caminho para a reconexão com o mundo

O filme traça uma dualidade entre a genialidade e a vulnerabilidade, similar a outras obras como *Uma Mente Brilhante* (2001) e *Teoria de Tudo* (2014), que também estão neste almanaque. Na história, David é um talentoso músico, porém sua mente acaba sucumbindo a pressão externa da sociedade e, principalmente, seu pai, e a busca

pela perfeição, o que também lembra *Whiplash* (2015).

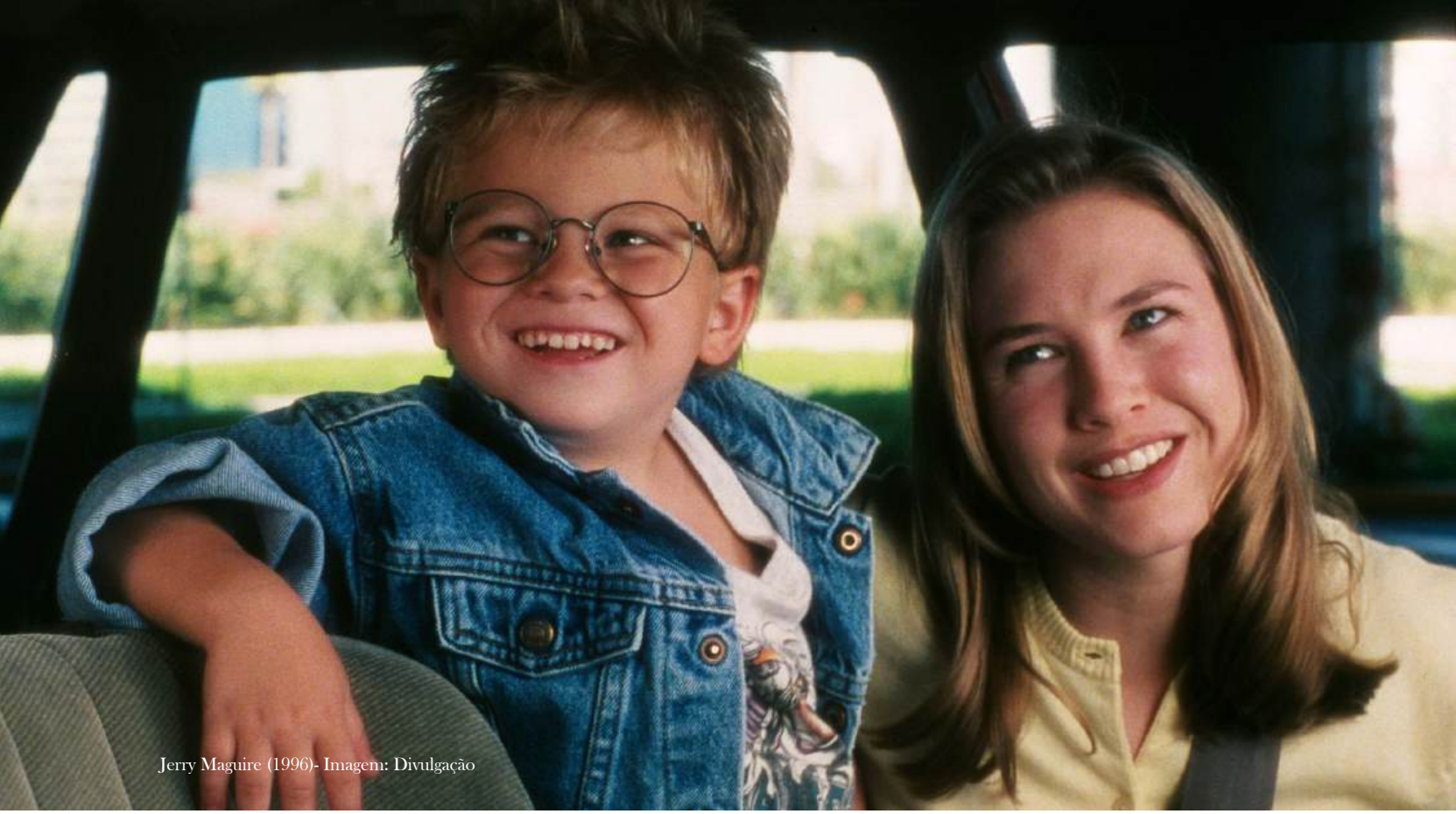
E com isso também o filme fala sobre os impactos do autoritarismo familiar e a perpetuação do trauma. O pai de David é marcado por sua própria dor, como um imigrante judeu, o que acaba respingando no filho, como uma forma de proteção. Porém, a ideia de proteção de Peter é feita de uma maneira tóxica, tentando controlar David, impedir que ele saia de casa e moldá-lo segundo suas ideias.

E claro, o filme fala sobre música. No longa, ela chega a ser um dos protagonistas da história, sendo a forma mais pura de expressão para David, o momento em que ele realmente consegue se expressar e é também reconhecido. Por conta disso, a música também acaba sendo sua ponte com o mundo, por onde ele consegue criar conexões com outras pessoas e a alegria de viver

Geoffrey Rush traz uma de suas grandes atuações. A cada filme que vejo com ator acabo gostando ainda mais dele. O ator traz uma performance comovente dando vida a um gênio que acaba sendo corrompido pela obsessão pela perfeição. Rush captura com precisão os surtos emocionais do pianista, trazendo seus tiques e personalidade contida, sendo o grande destaque do longa.

Mas, mesmo gostando muito do Geoffrey Rush, sinto que esse filme não foi pra mim. Não me

Shine (1996)- Imagem: Letterboxd



Jerry Maguire (1996)- Imagem: Divulgação

engajei com a história, muito menos com os personagens.

Talvez eu esteja sendo meio injusta, afinal a versão que eu consegui assistir do longa não era das melhores, talvez fosse a pior. Senti que os coadjuvantes não tinham outra função senão atrapalhar ou ajudar o protagonista, nada mais nada menos, impossível de criar conexão com qualquer um deles.

Outra vaga na categoria ficou com o longa *Jerry Maguire* (1997). Com direção e roteiro de Cameron Crowe, o filme recebeu cinco indicações, levando a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante (Cuba Gooding Jr.) para casa.

Jerry Maguire (Tom Cruise) é um bem-sucedido agente esportivo que representa atletas ricos e famosos. No entanto, após ter uma crise de consciência, ele escreve um memorando propondo uma mudança radical na ética do mercado: menos clientes, mais atenção individual. Isso o faz ser demitido da empresa e abandonado por quase todos, exceto por uma contadora idealista chamada Dorothy Boyd (Renée Zellweger) e um único cliente: o carismático jogador de futebol americano Rod Tidwell (Cuba Gooding Jr.).

O filme tem um tom meio sessão da tarde, trazendo uma narrativa que conta sobre personagens superando as adversidades enquanto buscam por algo maior.

A história também tem essa atmosfera por conta de seu humor por conta de seus personagens sem jeito e carismáticos.

A narrativa fala principalmente sobre a culpa e o peso dela, já que as ações de Jerry são motivadas por conta de um surto moral após anos de trabalho automatizado. O personagem passa a buscar por um propósito, após observar que vive num mundo onde tudo gira em torno de status e dinheiro.

Com isso, Jerry Maguire passa a trabalhar por conta, cuidando apenas do único cliente que continuou com ele, agora dando completa atenção para ele. O filme com isso explora como o verdadeiro sucesso vai além dos números e resultados, evidenciando o valor nas conexões e aprendizados com os outros.

O longa também acaba sendo de fácil identificação por acompanhar em principal três personagens que se encontram meio estagnados dentro de sua vida, sem necessidade de mudanças, tanto emocionais como profissionais. Além disso, por trazer as questões morais dentro da mente de Maguire, acaba tornando o personagem mais realista e humano.

O maior destaque do longa é Rod Tidwell. O jogador tem seus momentos, mas é sobretudo uma pessoa difícil de lidar que também mantém um relacionamento difícil com a mídia. Porém, com um pouco mais de atenção de Jerry, Rod passa a mudar seu comportamento, atraindo cada vez mais atenção.

De certa forma, o filme me lembrou bastante *O Homem que Mudou o Jogo* (2011), que mais tarde também estará presente na

Jerry Maguire (1996)- Imagem: Prime Video

Segredos e Mentiras (1996)- Imagem: MUBI

premiação, porém sem o desenvolvimento de um grande plano de mudança e também sem desenvolvimento do próprio protagonista, que começa e termina o longa da mesma maneira, com medo de ficar sozinho.

Sinto que o romance dentro do longa até tinha muito potencial, principalmente na relação de Jerry com Ray, o que poderia gerar diversos aprendizados. Porém, o filme fica muito focado na ideia de um "amor à primeira vista", e não dá espaço para um real desenvolvimento. Achei que iria gostar muito mais. Saio da obra decepcionada.

Dirigido e roteirizado por Mike Leigh, outro indicado é *Segredos e Mentiras* (1996). O filme recebeu cinco indicações mas surpreendentemente, mesmo vencendo a Palma de Ouro no Festival de Cannes, saiu de mãos vazias da premiação.

Uma mulher negra de classe média, Hortense (Marianne Jean-Baptiste), decide procurar sua mãe biológica após a morte da mãe adotiva — e se surpreende ao descobrir que é filha de Cynthia (Brenda Blethyn), uma mulher branca e trabalhadora do subúrbio londrino. À medida que Hortense se aproxima da nova família, segredos há muito tempo escondidos começam a emergir.

O longa traz uma dramédia para falar sobre família e os traumas silenciosos que vem com isso. A história se aproveita das personalidades sem jeito e do desconforto para criar seu humor. Literalmente uma história sobre famílias reais com segredos e mentiras (tudum tiss), que não sabem/não conseguem demonstrar seus sentimentos de uma maneira comum, claramente

com bloqueios emocionais por conta da dificuldades da vida e a vergonha.

Assim, o filme fala sobre as mentiras familiares que se criam por medo ou vergonha e se perpetuam ao longo de gerações, e a chegada de Hortense obriga a quebra disso, até por não carregar esse “legado”. A família ali é acostumada a engolir seus sentimentos e traumas, quase chegando em um ponto limite de repressão, ao mesmo tempo não conseguindo se conectar por conta disso. A história então destaca a verdade como uma poderosa ferramenta de libertação, mesmo que dolorosa em momentos.

O filme te ganha pelas atuações que são extremamente naturais, mesmo com gritos e choros. Tudo é muito humano. Parte disso vem por conta do processo de construção de Mike Leigh, que constroi seus personagens em colaboração com os atores, com muito improviso envolvido.

Segredos e Mentiras é sobretudo um filme muito honesto, em todos os assuntos que toca, mostrando o lado bonito mas também, e principalmente, o lado feio, desde a maternidade até o processo de adoção, enquanto explora sentimentos de amor, culpa e frustração. E mesmo tocando em assuntos pesados, o longa tem um gosto agridoce graças ao seu humor.

Segredos e Mentiras (1996)- Imagem: MUBI

FARGO.

E a estatueta deveria ter ido para...*Fargo* (1996). Dirigido e roteirizado por Joel Coen e Ethan Coen, o longa recebeu sete indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Roteiro Original e Melhor Atriz para Frances McDormand, sendo essa sua primeira vitória na premiação.

No gélido estado de Minnesota, um crime mal planejado sai completamente do controle, desencadeando uma série de acontecimentos violentos e imprevisíveis. A policial grávida Marge Gunderson (Frances McDormand) lidera a investigação, tentando fazer sentido do caos com sua gentileza e astúcia.

Gosto muito do humor dos irmãos Coen, acho que eles trazem ele sempre carregado de um cinismo, uma tragicidade e personagens excêntricos. A narrativa então é praticamente inspirada no efeito borboleta, onde um acontecimento acaba desencadeando em diversos outros.

Os irmãos então evitam vilões geniais ou grandes conspirações. Aqui os criminosos são pessoas comuns: patéticos, desorganizados e impulsivos.

O personagem Jerry Lundegaard (William H. Macy), não é uma pessoa má, e sim um homem covarde que quer uma forma fácil de resolver seus problemas. E até por ser humor meio mórbido, o filme alterna entre o grotesco e o cotidiano, desbanalizando o crime e fazendo ele ser cometido por pessoas comuns, muitas vezes em atos de desespero. E claro que por conta desse nervosismo os planos saem do controle dos personagens.

O longa, então, se passa em um lugar frio, coberto de neve, onde esse clima reflete com perfeição o estado dos personagens: frios e vazios.

Os irmãos Coen criam quase um mundo absurdo, onde até os eventos mais extremos são tratados com naturalidade, como se fosse apenas mais um dia na cidade, o que rende cenas muito engraçadas.

E também por essa naturalidade com que os personagens agem, que a performance de William H. Macy acaba sendo um grande destaque dentro da história, com um personagem intenso com um nervosismo palpável que também nos deixa angustiados.

O filme então mostra como na vida adulta a maioria das pessoas apenas finge que sabe o que está fazendo e a personagem da Marge acaba sendo um contraste dentro de um mundo corrompido. Marge não faz um discurso moral, ela apenas faz o que é certo, evidenciando na obra a diferença entre quem assume as responsabilidades e quem foge delas.

Mas para ser sincera, eu não amei tanto o filme e ele está longe de ser o meu favorito dos diretores. Porém, em comparação com os outros indicados, sinto que ele é o mais criativo e impactante das obras selecionadas.

Fargo (1996)- Imagem: Divulgação

Titanic (1997)- Imagem: Divulgação

1998

Esse foi um ótimo ano. O grande vencedor da noite foi *Titanic* (1997), um dos mais icônicos filmes dos anos 1990. Com direção e roteiro de James Cameron, o filme recebeu catorze indicações, levando para casa onze delas, se consagrando principalmente nas categorias técnicas como Melhores Efeitos Visuais, Melhor Fotografia, Melhor Edição e Melhor Direção.

Preciso admitir, eu tenho uma questão com o James Cameron. É meio que um desgosto unilateral. Todos os filmes que assisti dele tem um enorme hype ao redor, e quando finalmente assisti, eu achei ok. E por vezes essa coisa de priorizar a todo custo a experiência cinematográfica, o que faz de alguns roteiros dele meio fracos. Mas, apesar de tudo, eu gostei de Titanic.

No longa acompanhamos a jovem rica Rose Dewitt (Kate Winslet) que embarca junto com sua família e seu noivo no navio Titanic. Apesar da vida luxuosa, Rose é extremamente infeliz com seu casamento arranjado e decide se atirar no mar. Prestes a se jogar, ela é salva pelo jovem artista Jack Dawson (Leonardo DiCaprio), por quem se apaixona perdidamente.

Mesmo sendo uma história com final conhecido, o foco não é o naufrágio do barco e sim o romance entre os dois protagonistas. Apesar de não ter levado a estatueta na noite, o roteiro do filme, escrito pelo próprio diretor, é cheio de pequenos detalhes que serão relevantes ao final da trama, fazendo questão de reforçar como o navio era visto como inafundável – o que enfatiza o quão grande foi a tragédia na época. Outros detalhes fortalecem essa visão, como o tempo durante a viagem, já que o céu sempre está ensolarado e o mar calmo.

Durante o próprio acidente, o diretor enfatiza o medo e a angústia que os passageiros sentiram, o que conferiu mais realismo ao filme. James Cameron usa muitas vezes a câmera de mão para criar a atmosfera caótica da tragédia junto com close no rosto dos passageiros para revelar o medo.

Com mais de 3 horas de duração, a montagem do filme garante alguns respiros ao espectador já que o filme tem momentos no passado, em que acompanha a história de Rose e Jack, e no presente, com a busca de um colar muito valioso, quando a história do navio é contada.

Outro fator interessante são os pequenos detalhes do longa, como a sensação de que Rose se sente deslocada da alta classe e não se comporta como tal. Isso pode ser visto através de seus figurinos já que todas as outras mulheres ricas usavam roupas com tons mais claros e pasteis, enquanto as roupas de Rose eram extremamente vivas.

Já a fotografia muda conforme o tempo que a narrativa se passa. No presente a cor mais marcante é o azul, transmitindo uma sensação de melancolia e nostalgia. E no passado, o longa recebe um tom mais vivo e iluminado que ressalta o luxo do navio e a felicidade do casal apaixonado. Mais pro final do filme os tons escurecem bastante, o que passa para o público a sensação de angústia que os personagens sentiam.

Titanic (1997) - Imagem: Divulgação

Apesar disso, Titanic é uma obra grandiosa que foi um sucesso de bilheteria e crítica, e se consagrou como um dos maiores e mais marcantes filmes de todos os tempos.

Mas nem tudo são flores, claro, temos filmes fracos também, categoria essa que pra mim fica com *Ou Tudo ou Nada* (1997). O longa recebeu quatro indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Trilha Sonora.

E a maior parte da grandeza do filme é graças aos dois atores protagonistas. DiCaprio e Winslet têm uma química surpreendente fazendo com que o público torça por eles. O casal é composto por dois personagens opostos mas que ao mesmo tempo se complementam de uma forma natural. Além disso, por serem dois jovens que buscam pertencimento e se sentem muitas vezes deslocados, o casal causa fácil identificação, o que explica seu enorme sucesso.

De certa forma, o longa ser um marco do cinema foi uma das coisas que estragou a minha experiência. O romance – mesmo formando um dos casais mais inesquecíveis da história – é muito previsível e não consegue fugir do clichê. Além disso, sua longa duração, embora cheia de detalhes, deixa o filme cansativo em alguns momentos.

A obra tem direção de Peter Cattaneo trazendo a realidade da classe operária mas apresentando isso com muito humor e leveza.

Desempregado e sem dinheiro, Gaz (Robert Carlyle) tem uma ideia inusitada para sustentar o filho: montar um grupo de strip-tease masculino com seus amigos também afetados pela crise econômica em Sheffield. Enquanto ensaiam, enfrentam inseguranças, julgamentos e redescobrem sua autoestima e amizade.

O filme então conta sobre as dificuldades passadas pela classe operária da cidade, que são os mais afetados durante uma crise econômica. Porém, nesse momento de desespero, o longa embarca em uma jornada de superação coletiva, criando laços e se apoiando durante a narrativa.

Ou Tudo Ou Nada (1997)- Imagem: Canal+

E muitas vezes usam o humor como ferramenta para conseguir superar os desafios.

A história também fala sobre auto aceitação e autoestima. Nenhum dos personagens tem corpos padrões e todos tem suas inseguranças e receios, mas para conseguir sobreviver eles precisam enfrentar seus medos. Assim, a narrativa traz reflexões sobre os padrões de beleza e sexualidade impostos socialmente.

Uma das coisas que mais gostei dentro da história é como Gaz é mostrado como um bom pai, que faz todo o sacrifício para se manter presente dentro da vida do filho. Os dois tem uma conexão que é a parte mais legal dentro da história.

Mas honestamente eu não curti o filme. Me desconectei da história diversas vezes já que, fora o protagonista, eu realmente não me importava com os outros personagens. Tem seus momentos divertidos mas não me pegou e, ao contrário dos outros indicados, eu não tenho vontade de assistir de novo.

Ainda nas comédias, outro indicado é *Melhor é Impossível* (1997). O longa recebeu sete indicações e levou para casa duas delas: Melhor Ator (Jack Nicholson) e Melhor Atriz (Helen Hunt). Com direção de James L. Brooks, que também escreve o roteiro juntamente com Mark Andrus, a obra aborda sobre solidão, preconceitos e a empatia, como uma força de mudança.

Melvin Udall (Jack Nicholson) é um escritor de romances rabugento com transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). Sua rotina é virada do avesso quando precisa cuidar do cachorro de seu vizinho artista Simon (Greg Kinnear) e se envolve com a garçonete Carol (Helen Hunt), que enfrenta dificuldades com a saúde do filho. A convivência com essas pessoas o obriga a confrontar seus preconceitos e abrir espaço para o afeto.

A comédia traz a história de um homem ranzinza, que se isola dos outros sob o falso pretexto da sua paz, mas que na verdade é uma pessoa solitária, que tenta desesperadamente manter o controle da vida. O filme fala sobre como a convivência e a empatia podem ser uma ferramenta para a mudança, algo que Melvin sente, pouco a pouco se tornando mais aberto a diferentes contatos e experiências, algo que enriquece mais sua vida.

Seu primeiro contato real acontece com o cachorro de Simon. No começo do filme Melvin tem uma rixa com o cachorro, mas isso acaba mudando quando passa a tomar conta do animal, algo muito fácil de entender, afinal o cachorro era muito fofo e companheiro, e passa a tirar Melvin de seu casco solitário, aprendendo a dar uma segunda chance para as pessoas e dando espaço para conhecer os outros melhores.

E conforme o personagem passa a conviver mais com Carol e Simon ele passa a praticar mais empatia, conseguindo enfim entender o lado do outro e sentir por isso. E dentro da história, isso

O Melhor é Impossível (1997)- Imagem: Divulgação

é mostrado de forma real, como um processo gradual, cheio de recaídas, como na vida.

E a relação de convivência dos três personagens também acaba sendo algo positivo para todos. Assim como Melvin, Simon vivia uma vida solitária, por conta da rejeição passada por sua família, além de um colapso mental após ser agredido. Já Carol vive uma vida cansativa, muitas vezes deixando de dar atenção para a sua vida pessoal por sempre ter que cuidar de seu filho doente. E através da relação que criam os três acabam tendo uma vida melhor.

O longa também tem uma forma legal de mostrar o TOC, que muitas vezes é ridicularizado dentro do cinema. Apesar de ter seu lado cômico, o filme consegue evidenciar com facilidade as dificuldades de se viver com TOC: as manias, os rituais compulsivos, a rigidez, a angústia e como pequenas mudanças podem parecer assustadoras, evidenciando essa necessidade de controle vivida pelo protagonista.

Tenho minhas questões com o terço final da história em que ela se transforma em uma comédia romântica, algo que não tinha necessidade, já que a relação platônica entre os personagens já era forte o suficiente. É um bom filme que prendeu minha atenção com facilidade. Não é uma história que me vejo pensando constantemente, mas vale a pena assistir por conta das atuações de Hunt e Nicholson.

Já inspirado nos clássicos filmes noir da década de 1950 temos *L.A. Confidential* (1997). O longa se passa em uma corrupta Los Angeles e traz uma história sobre crime, poder, escândalo e moralidade.

O Melhor é Impossível (1997)- Imagem: Divulgação

L.A. Confidential (1997)- Imagem: Divulgação

O longa tem direção de Curtis Hanson e tem como base o livro homônimo de James Ellroy, publicado em 1990.

O longa recebeu nove indicações e levou para casa duas estatuetas: Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Atriz Coadjuvante (Kim Basinger).

A obra se passa em Los Angeles dos anos 1950 e acompanha três detetives com métodos e motivações muito diferentes: o idealista Ed Exley (Guy Pearce), o brutal Bud White (Russell Crowe) e o cínico Jack Vincennes (Kevin Spacey, que investigam um caso que revela uma teia de conspirações Porém, à medida que se aprofundam no caso, os detetives são forçados a confrontar seus próprios limites morais.

Para quem gosta de filmes Noir, sinto que esse é uma ótima pedida. Durante a história, então, acompanhamos uma mesma investigação conduzida por lados diferentes, o que nos dá a possibilidade de investigar juntamente com os personagens, juntando as peças descobertas e completando um enorme quebra-cabeça. Dessa forma, o filme prende a atenção com facilidade, já que nos tornamos ativos dentro da narrativa.

E o longa traz tudo que tem de melhor nos filmes do gênero: personagens melancolicos e ambiguos, uma femme fatale misteriosa (interpretada maravilhosamente por Kim Basinger e o envolvimento da polícia, crimososo e Hollywood em uma enorme conspiração, onde tudo é manipulado, nunca conseguindo

ter certeza se alguem é culpado ou não. O longa então traz uma denúncia sobre as entranhas podres da polícia e da política de Los Angeles nos anos 1950, quando a imagem pública de glamour mascarava uma cidade tomada por escândalos e impunidade, onde as instituições estão dispostas a fazer de tudo para manter o poder.

E sinto que o mais legal é justamente acompanhar esses três personagens com abordagens completamente diferentes que acabam passando por aprendizados ao longo da investigação confrontando suas morais e crenças. O personagem de Guy Pierce joga dentro das regras, porém se depara com um sistema extremamente corrompido, precisando se questionar se tem como vencer sem se sujar. Já Bud White, interpretado por Russell Crowe, é intenso e violento, porém se mantém fiel a suas lealdades e ao longo da história precisa decidir se ficará do lado da justiça ou de seus amigos. E Jack, vivido por Kevin Spacey, se aproveita do sistema quebrado para se sobressair, mas conforme investiga, ele busca redenção por suas ações, acreditando em uma possível mudança dentro da cidade.

Uma história instigante sobre poder, moralidade e corrupção que conseguiu revitalizar o gênero noir dentro do cinema.

L.A. Confidential (1997)- Imagem: Divulgação

GÊNIO INDOMÁVEL.

E o grande merecedor da vitória é *Gênio Indomável* (1997). Admito que demorei mais tempo do que deveria para dar uma chance ao filme, mas felizmente dei e fiquei extremamente impactada. O longa foi indicado a nove estatuetas dentro do Oscar, levando para casa duas delas: Melhor Roteiro Original e Melhor Ator Coadjuvante para Robin Williams.

O longa tem direção de Gus Van Sant e roteiro assinado pelos jovens de 20 e poucos anos Ben Affleck e Matt Damon. Inclusive não foi fácil para os dois venderem esse roteiro, já que muitas das produtoras não liam ele até o final e já os rejeitavam. Mas foi aí que eles trombaram com a Miramax Films, que topou produzir o filme, porém só autorizou a produção quando foi confirmada a participação de Robin Williams no elenco. E o pedido de Williams no filme foi certeira já que o ator é o grande coração do longa.

No filme conhecemos a história de Will Hunting (Matt Damon), um garoto que trabalha como faxineiro em uma famosa universidade. Um dia, enquanto trabalhava, Will soluciona um dos problemas propostos pelo professor de matemática do local (Stellan Skarsgård). Mostrando ser um gênio da matemática, o professor resolve ajudar Will, que por conta de problemas com a justiça precisa fazer terapia. Nenhum dos terapeutas conseguem entender Will, que debocha de todos eles, até que ele conhece Sean Maguire (Robin Williams).

E a vitória de Matt Damon e Ben Affleck na categoria de Melhor Roteiro Original foi muito mais do que merecida. A história aqui traz questões filosóficas que nos fazem refletir não só sobre a vida de Will Hunting mas também da vida como um todo. O filme aborda fortemente sobre o trauma, a superação, a culpa e o destino, mas também dá espaço para temas universais como o próprio amor, amizade, aqui evidenciado com perfeição na relação dos personagens de Matt Damon e Ben Affleck, e o luto, o que faz com que seja muito fácil se prender dentro da narrativa e se identificar com seus personagens.

O roteiro conta com diálogos extremamente marcantes mas ainda sim despretensiosos, como uma conversa, mas ainda profundos nos fazendo refletir enquanto conta mais sobre os diversos personagens.

E acho que a presença deles dentro dos sets de filmagem não só como roteiristas mas também como atores foi muito importante e fez com que o filme ficasse muito verdadeiro e forte já que eles conheciam muito bem os personagens. Tanto é que o diretor Gus Van Sant pediu para Matt Damon e Ben Affleck escrever uma cena em que Chuckie, personagem de Affleck, morreria em um acidente na construtora. Os dois atores protestaram contra a ideia, mas ainda assim escreveram a cena solicitada. Após ler o novo material, Gus Van Sant concordou com os dois de que aquela não tinha sido uma boa ideia.

O filme também acaba prendendo mais a atenção já que, assim como os coadjuvantes da história, vamos aos poucos tentando entender Will e seus comportamentos, algo que é desbravado pelo psicólogo Sean, que o desafia durante todo o filme a se abrir e de certa forma enfrentar seus medos, algo que Will também faz

Gênio Indomável (1997)- Imagem: MUBI

Gênio Indomável (1997)- Imagem: Divulgação

com o próprio psicólogo, sendo estes alguns dos grandes momentos dentro da história.

A obra também traz uma discussão interessante sobre o conceito de sucesso, que é visto de maneira diferente pelos personagens. Na trama o personagem de Stellan Skarsgard se torna obcecado por Will por ver nele tudo que ele nunca conseguiu ser, despejando nele seus próprios sonhos e expectativas, muitas vezes brigando com o garoto por ele não analisar a situação da mesma forma. Apesar de muitos prêmios, o professor se sente frustrado, não conseguindo agradar a si mesmo, ao contrário de Sean Maguire, que mesmo sem diversos prêmios, atingiu a paz e a felicidade com a esposa.

Mas a alma do filme é o personagem do Robin Williams. Eu realmente acho que ele não seria tão bom e impactante como ele é se fosse outro ator em seu lugar. Talvez sejam minhas memórias afetivas falando, já que meu primeiro contato com o ator foi quando eu era criança em filmes como Jumanji (1995), que é até hoje um dos meus filmes favoritos, ou Uma Noite no Museu (2006), em que Williams interpreta personagens que passam uma confiança e conforto absurdo, mas nesse filme acho que isso é ainda mais real, já que todo relato, sentimentos e dor do personagem dentro do filme sobre si mesmo parecia extremamente verdadeiro.

Toda vez que ele abria a boca pra falar da esposa eu já estava pronta pra chorar, e o que é mais interessante é que é tudo mérito do próprio Robin Williams, já que em nenhum momento o longa mostra sequer uma cena entre ele e a falecida esposa. Uma atuação extremamente humana e verdadeira que faz com que os espectadores sintam os mesmos sentimentos que os personagens mesmo sem estar passando pelo mesmo.

Acho que esse filme também traz uma das minhas performances favoritas de Matt Damon. O personagem do Will é extremamente complexo, em diversos momentos, não deixando nem o psicólogo Sean, nem os espectadores o entenderem. Porém a todo momento estamos torcendo pelo personagem graças ao carisma de Damon e pelas descobertas que fazemos ao longo do filme, onde compreendemos através da história da vida do personagem porque ele é do jeito que é, muitas vezes se utilizando de deboches e agressões para se proteger.

Por muito tempo eu tive um ranço absurdo desse filme, eu tenho um pouco disso com filmes bem avaliados que todo mundo gosta, e eu realmente fui assistir ele querendo odiar e falar muito mal, mas a realidade é que eu me apaixonei por completo, a história me prendeu com facilidade do começo até o fim, não só pela curiosidade que eu tinha em querer saber o que iria acontecer, mas por me importar com os personagens e torcer pelo bem deles.

Gênio Indomável é um filme extremamente verdadeiro e humano, com personagens complexos e um elenco com muita química entre si. O longa consegue emocionar e divertir com extrema facilidade, conseguindo trazer um final extremamente satisfatório.

1998

Enfim, a polêmica 71ª edição do Oscar. A competição pela estatueta de Melhor Filme foi marcada por possíveis interferências externas para o resultado, que não agradou grande parte dos cinéfilos com a vitória de *Shakespeare Apaixonado* (1998). E para o Brasil a edição é marcada pelo roubo da estatueta de Melhor Atriz, que deveria ter ido para Fernanda Montenegro pelo filme *Central do Brasil* (1998), porém quem levou o prêmio para casa foi Gwyneth Paltrow.

Além de Melhor Filme, *Shakespeare Apaixonado* concorreu em outras treze categorias, levando para casa outras sete estatuetas.

O astro de teatro William Shakespeare (Joseph Fiennes) sofre de um bloqueio criativo e não consegue escrever sua nova peça. As coisas começam a mudar quando ele conhece a jovem Viola de Lesseps (Gwyneth Paltrow), que sonha se tornar atriz apesar de sua família ser contra seus sonhos. Viola se torna a musa e a grande paixão de Shakespeare, que logo descobre que ela já está prometida para outro homem, o Lorde Wessex (Colin Firth).

O filme é uma comédia romântica poética, mas ao mesmo tempo com um humor um pouco mais moderno. O longa acompanha Shakespeare enquanto ele escreve sua peça mais famosa para seduzir Viola, inspirado na situação que os dois viviam de um amor proibido, Romeu e Julieta.

Joseph Fiennes entrega um Shakespeare de certa forma mais moderno, jovem e inconsequente, mas que ao mesmo tempo é muito carismático e apaixonado pelo teatro e pela poesia. O ator tem uma ótima química com Gwyneth Paltrow, o que sem dúvidas ajuda muito na trama.

Já Paltrow faz um trabalho ok, interpretando a jovem ambiciosa Viola, uma performance que não incomoda mas não impacta. A vitória da atriz incomoda não só pela derrota, mas também pelas outras atrizes que concorriam no mesmo ano: Cate Blanchett (Elizabeth), Emily Watson (Hilary e Jackie) e Meryl Streep (Um Amor Verdadeiro), cuja vitória incomodaria menos.

O roteiro do filme tem muitos diálogos inspirados nas próprias obras de Shakespeare que são inseridos de uma maneira bem divertida, como os diálogos de Romeu e Julieta que partem de conversas do escritor com Viola. O filme, apesar de ser um clichê, é uma doce comédia romântica, que consegue prender a atenção.

Os cenários e ambientação são um destaque, conseguindo transportar o espectador para à Londres do século XVI, com ruas sujas e ainda assim ambientes grandiosos, como o teatro e a casa luxuosa de Viola. A diferença entre a população rica e pobre também fica explícita através dos figurinos já que os usados pela alta classe são muito detalhados, enquanto os utilizados pelo povo são rasgados e maltrapilhos.

É um filme divertido, com uma história legal trazendo criativas referências às grandes obras do dramaturgo, mas que fica marcado como uma vitória amarga dentro do Oscar, tanto na categoria de Melhor Atriz, mas principalmente em Melhor Filme.

Shakespeare Apaixonado (1998) - Imagem: Divulgação

Para não dizer que *Shakespeare Apaixonado* era o filme que eu menos gosto da seleção da Academia naquele ano, essa vaga fica com o longa *Além da Linha Vermelha* (1998) de Terrence Mallick que também assina o roteiro baseado na obra de James Jones (1962). A obra recebeu sete indicações, mas saiu de mãos vazias da premiação.

Durante a Segunda Guerra Mundial, soldados americanos são enviados à ilha de Guadalcanal para enfrentar tropas japonesas. No meio da brutalidade do combate, cada homem lida com seus próprios dilemas existenciais, espirituais e morais. A narrativa acompanha figuras como o soldado Witt (Jim Caviezel), o sargento Welsh (Sean Penn) e o coronel Tall (Nick Nolte), revelando a guerra como um confronto interno tanto quanto externo.

Assim como grande parte dos filmes sobre a Guerra do Vietnã dentro da seleção do Oscar, também vejo uma enorme similaridade dos longas sobre a Segunda Guerra, raramente conseguindo inovar. E esse é o caso de Além da Linha Vermelha. Assistir o filme foi um verdadeiro desafio, me desconectei da história diversas vezes e, honestamente, não me importava com os personagens, algo que considero essencial em uma narrativa de guerra.

A narrativa então mostra a guerra com realismo, sem espaço para heroísmo, mostrando as batalhas como realmente foram: brutais e

Além da Linha Vermelha (1998)- Imagem: MUBI

violentas, evidenciando a tragédia espiritual e perda coletiva. O longa também tem um tom bem contemplativo, constantemente mostrando a natureza local, o balançar das árvores, o céu, a grama, de certa forma nos remetendo a indiferença da natureza a brutalidade e a eternidade do planeta, o ciclo continua independente da violência, similar ao que o diretor faz com o longa *A Árvore da Vida* (2011), também indicado a Melhor Filme.

Além da Linha Vermelha (1998) - Imagem: Divulgação

Enquanto analisam a beleza da natureza, o longa questiona se somos naturalmente violentos ou se a guerra nos corrompe, chegando na conclusão que o homem possui ambas as forças lutando entre si internamente, o que vemos nos questionamentos dos diferentes personagens.

Parte disso também vem da escolha do filme de dar voz aos monólogos internos dos personagens, enquanto se questionam sobre suas vidas na guerra, seus medos, arrependimentos e receios. Mallick então, não define um protagonista, dando um pouco de voz para cada um dos protagonistas, mostrando também os diferentes pontos de vista dentro do campo de batalha.

Porém, para mim, essa decisão deixou o filme impessoal e confuso, até pelos atores serem muito parecidos entre si usando uniformes, tirando o impacto emocional da história.

Mas pra mim esse é só mais um filme de guerra. Nada na história me chamou atenção, mesmo tendo em seu elenco atores interessantes. Senti o plano da operação pouco acessível dentro da história, não consegui acompanhar e talvez não me senti interessada o suficiente para acompanhar. Parece uma história que já vi antes, e feito de uma forma melhor.

E com direção de Shekhar Kapur, outro indicado é *Elizabeth* (1998). O longa é um drama histórico que retrata a ascensão ao trono da rainha Elizabeth I da Inglaterra. O filme recebeu sete indicações e levou para casa uma estatueta: Melhor Maquiagem.

Após a morte de sua meia-irmã Mary Tudor, Elizabeth (Cate Blanchett) herda o trono de um

Elizabeth (1998)- Imagem: Divulgação

país dividido religiosamente e politicamente. Jovem, protestante e despreparada, ela enfrenta conspirações internas, ameaças externas e a pressão para se casar. Ao longo do tempo, ela se transforma em uma figura calculista e quase divina — "a Rainha Virgem" —, sacrificando laços humanos em nome do poder.

A história mostra de forma palpável o preço do poder e os sacrifícios que vêm com ela. Sinto que a história é tudo que *House of the Dragon* (2022 - atualmente) tentou ser e falhou, trazendo a história de uma rainha, uma menina, obrigada a cumprir diversas obrigações que não queria, em nome da coroa, principalmente relacionadas a casamento e amor.

Elizabeth, então, não apenas governa um país, mas também se reinventa como uma imagem, o trono exige uma performance, basicamente se tornando uma figura mística ao final da história, sacrificando sua vida pela Inglaterra. Uma história trágica e infelizmente cíclica. A personagem precisa renunciar de tudo, inclusive sua própria humanidade para conseguir governar, algo que ela aprende ao longo da história, passando por perdas e traições.

A história também explora as batalhas religiosas que tomavam conta da política na Inglaterra na época. Aqui a religião é mostrada como uma forte ferramenta de poder, controle e alianças. A história ressalta como a fé pode se tornar perigosa quando manipulada por intenções maiores, sempre demonizando seus inimigos, o que causa intrigas.

O longa também acaba tendo um lado bem feminino, mostrando as obrigações sofridas por Elizabeth por ser mulher, sendo sentido

Elizabeth (1998)- Imagem: Divulgação

principalmente nos temas de amor e casamento. Ao longo da história, a rainha é subestimada, sendo fortemente pressionada para se casar, algo recusado por ela, até por estar apaixonada por Robert Dudley (Joseph Fiennes, sim, ele de novo). Assim ela cria a figura da "Rainha Virgem" como empoderamento, se "casando" com o país.

A personagem amadurece muito durante o filme, em parte porque é esmagada por suas responsabilidades e os atentados a sua vida. Cate Blanchett, como sempre, dá um show de atuação, conseguindo passar para os espectadores as dores vividas pelo seu fardo de governo.

Ao longo da história ela abdica pouco a pouco de sua personalidade, até se perder por completo, se transformando em uma figura mítica.

Gosto como os filmes que contam sobre a história da Inglaterra, trazendo uma protagonista feminina, mostram como a história se repete. uma rainha doente sendo substituída por outra mais jovem que eventualmente sofrerá também o peso da coroa.

No mesmo ano, um filme internacional conseguiu vencer a barreira e foi indicado à categoria de Melhor Filme, *A Vida é Bela* (1997). O filme é dirigido, co-escrito e protagonizado por Roberto Benigni, trazendo uma ideia diferente de história sobre o holocausto. A obra

A Vida é Bela (1997)- Imagem: Divulgação

recebeu sete indicações e levou para casa três estatuetas: Melhor Filme Internacional, Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Ator (Roberto Benigni).

Durante a Segunda Guerra Mundial, o judeu Guido (Roberto Benigni) e seu filho Giosué (Giorgio Cantarini) são levados para um campo de concentração nazista. Afastado de sua mulher, Guido passa a usar a imaginação para fazer com que seu filho acredite que estão participando de uma brincadeira, para protegê-lo do terror e da violência que os cercam.

Assim como em *Noviça Rebelde* (1965), que também se passa durante o mesmo período, o filme é dividido em duas partes. A primeira parte tem um tom mais leve e engraçado, sendo praticamente uma história de romance, dando apenas alguns pequenos indícios da chegada da guerra.

Já a segunda muda completamente o gênero do longa, se tornando uma obra sobre o holocausto, trazendo o dia a dia de Guido e seu filho no campo de concentração.

Roberto Benigni, então, se utiliza muito de humor, sem tirar a seriedade do holocausto, trazendo fortes inspirações no humos físico de Chaplin para tornar a vivencia de seu filho no campo de concentração menos aterrorizante, não querendo passar para ele o pesadelo da guerra.

E não é atoa que ele levou a estatueta de Melhor Ator pra casa. Ao longo da história Guido nos conquista pelo seu jeito meio atrapalhado mas extremamente emocional, resgatando dentro de si durante a guerra um olhar infantil para proteger seu filho.

A história destaca o poder da imaginação como um lugar de fuga, para onde Guido leva Giosué quando a realidade fica dolorida demais. Apesar de se usar desses elementos lúdicos, o filme não diminui a gravidade do período, mostrando em grandes e pequenas cenas o preconceito e intolerância vividos pelos personagens. Até pelo próprio final.

O roteiro traz uma combinação de cenas impactantes e comoventes, nos fazendo rir e chorar com facilidade. A história nos prende por apresentar com calma os personagens, nos fazendo se apegar a eles, o que também dá o tom trágico da história.

O longa recebeu duras críticas ao longo dos anos, sendo acusado por muitos por diminuir a gravidade de um período tão sombrio. Mas honestamente eu não vejo o filme assim, a história não é uma reconstrução verídica da Segunda Guerra Mundial, e sim sobre amor e paternidade, ressaltando as distâncias que o protagonista Guido vai para proteger aqueles que ele ama. Uma história que fica com você por muito tempo.

A Vida é Bela (1997)- Imagem: Divulgação

O Resgate do Soldado Ryan (1998)- Imagem: Divulgação

O RESGATE DO SOLDADO RYAN.

Curiosamente, acho que a temática do ano foi Segunda Guerra Mundial, com três obras do gênero. E até para continuar, e ressaltar isso, eu entrego a estatueta de Melhor Filme para *O Resgate do Soldado Ryan* (1998), de Steven Spielberg. O longa recebeu onze indicações e levou para casa cinco estatuetas: Melhor Direção, Melhor Efeitos Sonoros, Melhor Fotografia, Melhor Som e Melhor Direção de Arte.

Durante a Segunda Guerra Mundial, após o desembarque na Normandia, o Capitão John Miller (Tom Hanks) recebe a missão de localizar e resgatar o soldado James Ryan, cujos três irmãos morreram em combate. Acompanhado por um pequeno grupo de soldados, ele atravessa territórios inimigos em busca do jovem.

O filme é uma das grandes obras de Spielberg impressionando desde sua primeira cena em uma recriação do Dia D. Talvez seja clubismo, mas eu amo quando o cineasta dirige batalhas, acho que ele consegue torná-las assustadoras e caóticas mas ainda a tornando fácil de acompanhar, nos jogando dentro da brutalidade da guerra. Inclusive, muitos veteranos do Dia D parabenizaram o diretor Steven Spielberg pela autenticidade do longa.

O diretor não só mostra um retrato da guerra realista, mas a mostra como aleatória, tanto em suas mortes como muitas vezes nas decisões tomadas por aqueles em comando. Assim tirando o glamour e momentos heroicos, a mostrando como cruel e suja. E sentimos isso também pelas mortes dentro do longa, que acontecem de forma rápida, muitas vezes sem precedentes.

O roteiro também é extremamente acessível, tornando a missão até divertida de acompanhar. A narrativa tem como inspiração uma história real trazendo uma grande jornada enfrentada por diversos soldados.. Por conta disso, a missão de salvar um homem em meio a morte de milhares traz diversas reflexões para os soldados em relação ao valor humano, sacrifício e sentido da guerra.

Com isso, a história traz a sensação de impotência e ainda fala sobre o peso do comando. Capitão Miller é um homem comum que é convocado para a guerra que agora comanda homens. Ele não tem treinamento prévio, sendo obrigado a seguir ordens e tomar decisões difíceis que podem significar a vida de seus homens, adicionando uma tragicidade dentro da história. Miller também ressalta uma luta interna vivida por diversos soldados, tentando manter a moral em meio ao caos e à barbárie, sendo pouco a pouco consumidos pelos terrores e injustiças da guerra.

O longa também explora a culpa carregada por diversos soldados, algo mostrado ao final da história, quando o soldado Ryan visita o túmulo de Miller. O soldado carrega o fardo de ter sobrevivido, quando tantos outros morreram por ele.

Acho que esse é meu filme de guerra favorito, conseguindo impactar tanto pelas batalhas, mas principalmente pela jornada enfrentada pelos soldados, que exigiu tanto fisicamente quanto mentalmente, falando sobre o que significa "salvar" alguém e o preço das decisões.

Chicago (2002) - Imagem: Netflix

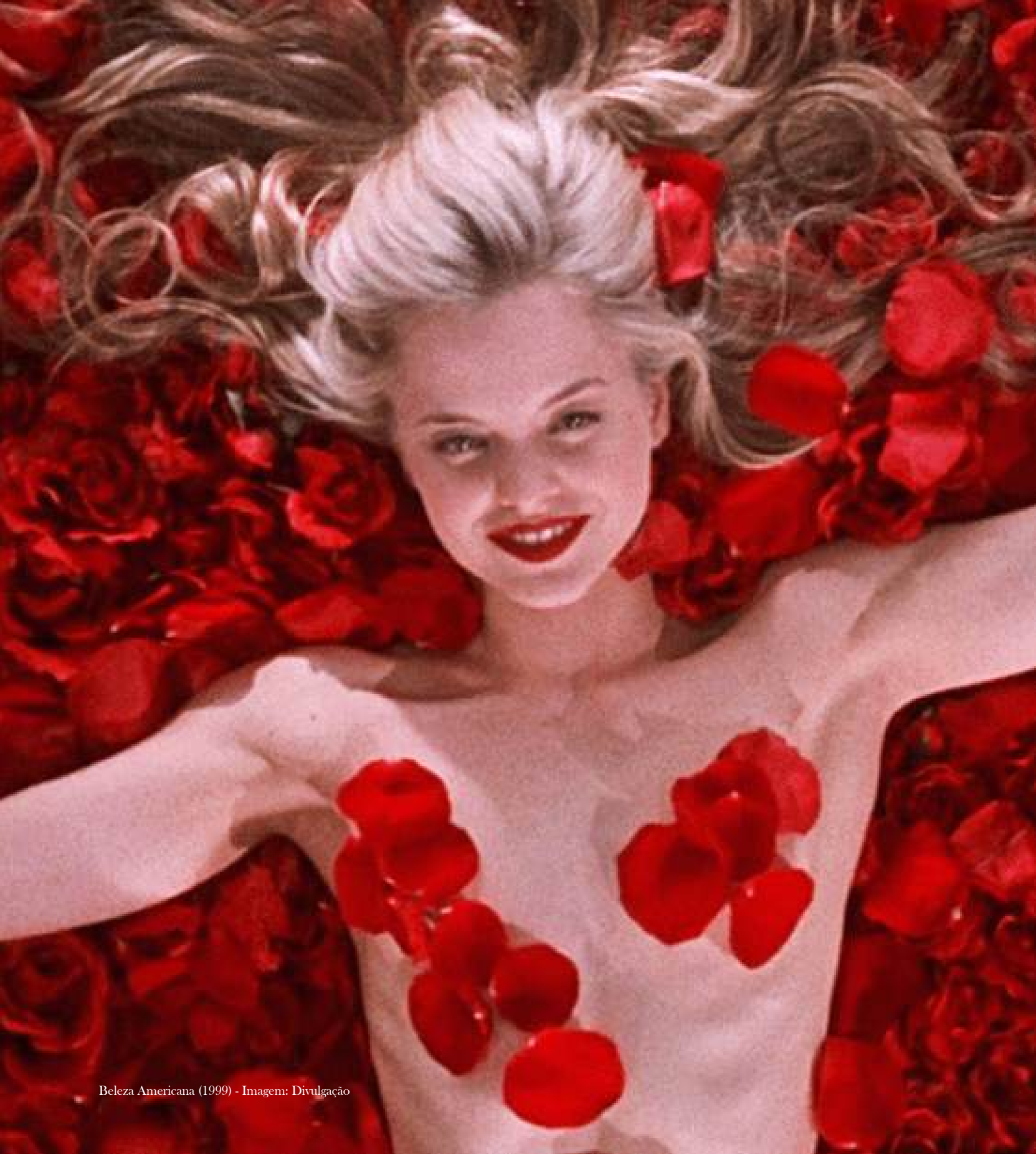
ANOS 2000.

O cinema dos 2000 teve uma grande evolução na computação gráfica. Com isso, adaptações de fantasia como *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis* ganharam popularidade. Também parte dessa revolução tecnológica, as obras de super-heróis, que já saíram dos quadrinhos com Superman (1978), agora ganham mais força com trilogias como *Homem-Aranha* (2002, 2004 e 2007) e o *Batman* de Christopher Nolan (2005, 2008 e 2012).

A forma de ver filmes estava passando por mudanças com DVDs e a criação de streamings, precisando criar formas novas para atrair o público para o cinema. Se na década de 1970 um dos tema mais presentes é a Guerra do Vietnã e suas consequências, aqui o 11 de Setembro acaba sendo uma forte influência em Hollywood, que passou a abraçar temas como a insegurança e paranoia, como em *Munich* (2005) e *Guerra ao Terror* (2008), falando sobre guerra, trauma e o medo daquilo que não se pode controlar.

Além disso, as pautas sociais ganharam mais espaço ainda, com longas que falam sobre a importância da representatividade, identidade, imigração e racismo recebendo indicações dentro do Oscar. E também como nos anos 1970, cinema autoral crescia novamente, com obras de cineastas como Paul Thomas Anderson, Darren Aronofsky e Sofia Coppola, criando obras densas, melancólicas e cheias de ambiguidade. O cinema internacional cresceu ainda mais, com filmes como *O Tigre e o Dragão* (2000), *Cidade de Deus* (2002) e *O Labirinto do Fauno* (2006), também presentes em algumas categorias do Oscar.

A animação cresceu ainda mais, inclusive criando uma categoria de Melhor Animação dentro do Oscar, tendo *Shrek* (2001) como o primeiro longa premiado. Além disso, durante a década, a Pixar se consolidou como um dos maiores estúdios, trazendo animações que com facilidade conversam com adultos e crianças, com obras como *Procurando Nemo* (2003), *Os Incríveis* (2004), *Ratatouille* (2007) e *Wall-E* (2008).



Beleza Americana (1999) - Imagem: Divulgação

2000

O grande vencedor do ano foi o longa *Beleza Americana* (1999). O longa tem direção de Sam Mendes e recebeu oito indicações, levando para casa cinco estatuetas: Melhor Fotografia, Melhor Direção, Melhor Roteiro Original e Melhor Ator (Kevin Spacey) e Melhor Filme, quase se tornando um dos big five.

O *American Way of Life*, emprego estável, carro na garagem, casa no subúrbio, felicidade. É o sonho de todos, menos o de Lester Burnham (Kevin Spacey), que é infeliz com essa vida. Sua mulher (Annette Bening) e filha (Thora Birch) o ignoram e o emprego não traz satisfação. Tudo isso muda quando ele conhece a amiga de sua filha, Angela (Mena Suvari), por quem ele sente uma atração obcecada e começa a realizar mudanças em sua vida.

A história traz uma crítica a "vida perfeita" divulgada pela classe média dos Estados Unidos, seguindo uma jornada impulsiva de libertação, e autodestruição, do protagonista que tenta se livrar das expectativas sociais. Com isso, o filme explora temas como a beleza, desejo, repressão e liberdade, trazendo um tom reflexivo mas também sarcástico.

De certa forma, mesmo o filme sendo lançado em 1999, ele consegue trazer assuntos atuais que traçam um paralelo interessante com as redes sociais e uma sociedade performática, onde tudo é fingido.

O filme traz à tona a ideia de que as aparências enganam, e tem como pano de fundo os subúrbios americanos e a vida pacata. Com muito uso de zoom, o diretor tem como foco fazer com que o público se sinta como um observador daquele cotidiano.

Mesmo como observadores, sentimos uma certa claustrofobia daquele cotidiano, como um tédio incômodo, acentuado pela maneira como as casas do bairro onde o protagonista mora são construídas, de maneira muito simétrica.

O diretor aposta na estética simétrica que ilustra a grande preocupação com as aparências, mas ao mesmo tempo os elementos que compõem as cenas, principalmente dentro da casa de Lester, não tem sintonia entre si, o que reforça toda a artificialidade daquela vida.

O diretor, ainda, encaixa diversos simbolismos para descrever as sensações e sentimentos dos personagens. De formas criativas, muitos deles são mostrados atrás de janelas ou telas que simbolizam as prisões que eles vivem, aprisionados em suas vidas mundanas. Outra coisa interessante é a similaridade na primeira e última cena que Lester aparece, passando uma sensação de destino selado.

A coloração é muito focada na cor vermelha, inclusive em todos os momentos de empolgação de Lester a cor está presente, constantemente usada no cinema para representar o amor e também o perigo, e também servindo de contraste com o restante das cores dentro do longa que são neutras e artificiais.

Os diálogos do longa acabam sendo um destaque também, sendo extremamente marcantes. Os mais interessantes são entre Lester e sua esposa, Carolyn, que chegam a ser cômicos, por trazerem

muitos ressentimentos, escondendo e expondo a frustração de anos vivida pelos dois, combinando perfeitamente com as atuações intensas de Kevin Spacey e Annette Bening.

Beleza Americana é praticamente a personificação da frase "a ânsia de ter e o tédio de possuir", reproduzindo essa sensação para os espectadores. O longa apresenta uma história em que a jornada é mais importante que a chegada, onde todos os personagens buscam algo e muitos acabam frustrados, sendo um retrato da falsa vida boa do *American Way of Life*.

Outra indicação ficou com o filme *Regras da Vida* (1999). Dirigido por Lasse Hallström, a obra tem como base o livro homônimo de John Irving (1985), que também ficou responsável pelo roteiro. O longa recebeu sete indicações, levando para casa duas delas: Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator Coadjuvante (Michael Caine).

Homer Wells (Tobey Maguire) é um órfão criado por Dr. Wilbur Larch (Michael Caine) em um orfanato no interior do Maine, onde aprende medicina, mas se recusa a realizar abortos, contrariando seu mentor. Em busca de autonomia, Homer parte para trabalhar em uma plantação de maçãs, onde conhece Candy (Charlize Theron) e Wally (Paul Rudd). Confrontado com dilemas morais e sociais, ele precisa encontrar seu próprio caminho.

O filme tem um tom bem delicado, falando principalmente sobre ética e escolhas morais, já que a história se passa em um orfanato que realiza abortos, um tema ousado até para a época. A história na verdade não traz julgamentos, trazendo reflexões e dúvidas sobre o tema, algo ressaltado principalmente nas discussões entre Dr. Wilbur Larch e Homer Wells, que estuda para se tornar médico por insistência de Dr. Larch.

Regras da Vida (2000) - Imagem: Prime Video

Com isso também a história fala sobre identidade e pertencimento, apesar de se mostrar um profissional capacitado, se encontra em dúvida, em desejo de conhecer o mundo, afinal, até então, seu mundo todo era apenas o orfanato. Ao sair para o pomar Homer se depara com a vida real, passado por uma jornada de

amadurecimento enquanto descobre quem é, se deparando com novas realidades muitas vezes crueis e complexas.

Mesmo contra a lei, Dr Larch realiza os abortos, defendendo que está protegendo as mulheres, já Homer, mesmo aprendendo sobre, diz que nunca fará. Porém, quando sai para conhecer o mundo se depara com realidades que o fazem repensar em sua decisão. A história então ressalta como na vida a maioria das coisas não são tão simples de serem decididas e julgadas.

Ainda sobre a realidade, o filme fala sobre as regras sociais, aqui representadas pelas regras no dormitório dos trabalhadores do pomar. Antes de Homer chegar, ninguém conhecia as regras por não saber ler. Assim, quando Wells entra na vida dos trabalhadores, percebe que as regras foram impostas por pessoas de fora, que não vivem aquela realidade, por isso sendo muitas vezes hipócritas e opressivas.

Regras da Vida é um filme que convida seus espectadores a pensarem, não ganhando no grito ou no choque, mas sim nas reflexões que sugere. Admito que não é uma obra que penso constantemente mas trouxe questionamentos interessantes quando assisti ao longa.

Ainda sobre reflexões, outro indicado é o filme *À Espera de um Milagre* (1999) dirigido por Frank Darabont. O cineasta volta novamente na competição de Melhor Filme mais uma vez trazendo uma história que se passa dentro da prisão, sendo também uma adaptação de uma obra de Stephen King (1996). O filme recebeu quatro indicações, mas não levou nenhuma estatueta para casa.

Regras da Vida (1999) - Imagem: Divulgação

À Espera de um Milagre (1999)- Imagem: Netflix

O filme acompanha Paul Edgecomb (Tom Hanks), um guarda penitenciário no corredor da morte nos anos 1930. Sua vida muda ao conhecer John Coffey (Michael Clarke Duncan), um prisioneiro negro condenado pela morte de duas meninas brancas. Aos poucos, Paul e os outros guardas percebem que Coffey é um homem gentil, sensível e dotado de poderes sobrenaturais de cura. A revelação de sua inocência e seu dom provoca uma crise moral e espiritual nos que o cercam, especialmente diante da irreversibilidade da pena de morte.

Por muito tempo me afastei desse filme por conta da sua duração de mais de 3 horas. Mas felizmente com esse projeto dei uma chance e fui muito impactada pela história. A obra então fala sobre injustiça, empatia, fé e morte, combinando o realismo brutal do corredor da morte com elementos sobrenaturais e simbólicos.

A história é dolorida, principalmente por seus momentos mais traumáticos serem um reflexo da realidade. A história se passa nos anos 1930, no contexto de um Estados Unidos segregado e racista, o que respinga na vida de Coffey. John é preso por preconceito e medo, sem grandes provas para sua prisão, trazendo assim uma denuncia ao sistema jurídico, que pode ser falho e fatal. A história de John nos comove principalmente pela sua personalidade, se mostrando a todo momento um homem gentil, sensível e assustado.

E por falar no sistema judicial, o filme ressalta a pena de morte como uma saída brutal, tendo impactos em todos os envolvidos: presos, guardas e até testemunhas. Com o relacionamento que passa a criar com John Coffey, Paul, que sempre acreditou no sistema e cumpriu ordens, passa

À Espera de um Milagre (1999)- Imagem: Divulgação

a se questionar sobre seu trabalho e a própria instituição ao deparar com essa falha: John é inocente, não tem como escapar de seu trágico destino.

E por conta disso, a história também fala sobre culpa. O filme é contado por Paul idoso, em um asilo, anos depois dos eventos, obrigado a viver com as memórias dos eventos traumáticos e a culpa de não ter conseguido salvar Coffey de seu destino. Sinto que com isso o longa também nos faz questionar quantos mais presos morreram na cadeira elétrica por algo que não cometeram.

E o lado místico da história também acaba sendo mais um fardo para o personagem. John Coffey tem o poder de curar doenças, ressuscitar animais e absorver o sofrimento alheio, mas por conta disso ele carrega a dor do mundo, sendo injustiçado por conta disso. As coisas não são tão simples quanto parecem.

Ao final talvez não tenhamos certeza se tudo que foi mostrado foi real, essa é uma daquelas histórias para ser sentida e contemplada. De certa forma, essa ideia me lembrou um pouco *As Aventuras de Pi* (2012), que também tratam sobre a fé e eventos que questionam nossa realidade, mas que acaba a tornando mais fácil de aceitar. Uma história sobre libertação interna e externa.

E com direção de Michael Mann, outro indicado é *O Informante* (1999). O longa tem como base uma história real, falando sobre a importância da verdade, os riscos e a ética jornalística. O

O Informante (1999)- Imagem: Divulgação

filme recebeu sete indicações, porém não venceu nenhuma categoria.

Jeffrey Wigand (Russell Crowe), ex-cientista de uma empresa de tabaco, decide expor os segredos da indústria sobre como ela manipula os produtos para aumentar o vício. Com a ajuda do produtor de TV Lowell Bergman (Al Pacino), ele enfrenta ameaças, destruição de reputação e intensa pressão legal. Enquanto a CBS hesita em divulgar a denúncia, ambos lutam para que a verdade venha à tona.

O grande foco da história é o compromisso com a verdade, mostrado de forma clara pelos dois protagonistas. Após ser demitido, Jeff é contratado por Lowell, passando a cada vez mais sentir o peso da culpa pelas atividades de sua antiga empresa. Já Lowell, tem esse compromisso por conta da responsabilidade jornalística, destacando a importância de trazer ao público as informações.

Até por trazer uma grande corrupção da indústria do tabaco, o filme é marcado por uma atmosfera tensa, reforçando uma paranoia. A direção é intensa, tem muitos closes nos atores, passando a claustrofobia e a angústia dos personagens para os espectadores, principalmente Jeff, que se coloca em perigo pela verdade, e traz momentos cheios de tensão. De certa forma, é muito fácil se colocar no lugar de Jeff que vê sua vida virar de cabeça para baixo e ainda tem sua história duvida é questionada por muitos.

O longa, então, denuncia a corrupção das grandes empresas onde, visando o maior lucro, elas estão dispostas a manipular e prejudicar seus clientes, muitas vezes se escondendo atrás de declarações incertas, alegando inocência com apenas um “eu não sei”.

A questão dos lucros também é explorada na história com os conflitos internos gerados dentro da CBS por conta de uma entrevista dada por Wigand. Os executivos querem barrar, afinal passar a entrevista poderia significar uma perda significativa do lucro, que aqui é muito necessário para o jornal continuar funcionando, já Bergman defende a importância da verdade e também seu compromisso com sua fonte (Jeff).

A história, então, provoca, questionando até que ponto um jornal está disposto a confrontar seus próprios interesses econômicos em nome da verdade.

A história é extremamente dolorida. Jeff faz o que é certo, mas perde tudo no caminho, sua segurança, sua família e sua reputação. Aqui o heroísmo não é recompensado, significando na verdade se sacrificar por algo maior, o que torna as atitudes de Wigand ainda mais louváveis.

A narrativa tem um final agridoce, as coisas dão certo, mas não é um final feliz, evidenciando ainda mais a injustiça dentro de toda a situação. Jeff fez o certo, porém perdeu tudo em nome da verdade.

O Informante (1999)- Imagem: Divulgação

O SEXTO SENTIDO.

E meu favorito do ano é *O Sexto Sentido* (2000). Com direção e roteiro de M. Night Shyamalan, o longa recebeu seis indicações, porém, absurdamente, não venceu nenhuma delas. O filme foi responsável por lançar o cineasta, já trazendo algumas de suas características mais marcantes: a mistura do mistura suspense psicológico e drama intimista, personagens introspectivos e um grande plot twist.

Malcolm Crowe (Bruce Willis) é um psicólogo infantil renomado que se vê atormentado após ser baleado por um ex-paciente perturbado. Meses depois, ele começa a tratar Cole Sear (Haley Joel Osment). Enquanto tenta ajudá-lo, Malcolm começa a questionar a natureza de sua própria realidade.

O roteiro é muito inteligente e cheio de detalhes, dando dicas sutis sobre seu final ao longo de toda trama, permitindo com que o espectador consiga adivinhar o plot twist, mas sem entregar de bandeja, podendo trazer novos detalhes em uma revisitação. Com isso, a história não fornece nenhuma informação gratuita, prendendo a atenção do público com o mistério, surpreendendo e arrepiando, enquanto fala principalmente sobre a perda.

O longa traz uma atmosfera fria e aterrorizante, mantendo a tensão e o suspense. A narrativa consegue assustar sem o uso de atributos genéricos de longa do gênero, se utilizando muito a experiência do menino Cole, lidando com os terrores de suas alucinações. E, como seu ídolo Alfred Hitchcock, Shyamalan também faz uso de longas cenas em silêncio, o que apenas intensifica essas cenas de tensão.

O terror não vem do violento, mas da sugestão, o medo do desconhecido. De certa forma, o sobrenatural aqui nada mais é do que o medo de compartilhar nossas dores internas, com receio de não sermos compreendidos. Como Cole, que se isola não porque vê fantasmas, mas porque ninguém acredita nele.

Conforme a história se desenrola, entendemos que essa é uma jornada de redenção. Os mortos vistos por Cole não são vilões, sendo na verdade pessoas com assuntos inacabados, também confusos como os vivos. Assim, o garoto passa a ajudar para que eles consigam achar um final digno de suas histórias. Assim a história também convida os espectadores a terem uma visão mais empática, enxergando além das aparências, pensando também nas dores e fardos carregados pelas pessoas.

Além disso, por possuir poucos personagens, Shyamalan consegue desenvolvê-los fazendo com que o público se importe com eles e ainda sofram com suas dores e medos, tornando os espectadores quase “íntimos” desses protagonistas. Haley Joel Osment é o coração do filme, com uma performance vulnerável, nos comovendo com seus medos. Já Bruce Willis interpreta um psicólogo melancólico que nos instiga pela sua confusão em momentos.

E mesmo com todo o suspense o longa consegue emocionar e surpreender em seu final de maneira icônica. Mesmo relembrado por sua reviravolta, *O Sexto Sentido* é um longa que vale a pena conferir mais de uma vez devido a seu roteiro cuidadoso e criativo.

O Sexto Sentido (1999)- Imagem: Divulgação

Gladiador (2000)- Imagem: Divulgação

2001

A edição de 73º da premiação foi marcada pela presença de três grandes diretores: Ang Lee, Steven Soderbergh e Ridley Scott. Não só isso, mas a disputa foi acirrada, onde três filmes eram os grandes favoritos, disputando lado a lado o número de estatuetas.

Porém o ano contemplou cinco filmes indicados, ou seja, dois deles não participaram dessa disputa. Um deles é o longa *Chocolate* (2000), dirigido por Lasse Hallström. O longa é uma adaptação do livro de mesmo nome escrito por Joanne Harris, publicado em 1999, que traz reflexões sobre moralidade, liberdade e aceitação. O filme recebeu cinco indicações, mas não levou nenhuma para casa.

A história se passa em um pequeno vilarejo francês fictício chamado Lansquenet-sous-Tannes, na década de 1950. A chegada de Vianne Rocher (Juliette Binoche) e sua filha à cidade muda completamente o equilíbrio social do local. Vianne abre uma loja de chocolates bem no meio da Quaresma, escandalizando os moradores conservadores. Aos poucos, com sua empatia, talento culinário e sensibilidade, Vianne transforma a vida das pessoas ao seu redor.

O filme traz um conservadorismo que vem da religião, muito presente dentro do vilarejo, que passa a ditar como os habitantes devem viver suas vidas, tratando aqueles de fora com um certo desprezo, em parte pelo medo do desconhecido implantado pela igreja. Assim, a história fala do conflito entre liberdade individual versus repressão social/religiosa.

Dentro do vilarejo, Vianne representa o espírito livre, o acolhimento das diferenças, o prazer da vida, algo visto com desdém pelo prefeito, desafia a ideia de que moralidade está ligada à negação do prazer. O prefeito devoto, Comte de Reynaud (Alfred Molina), simboliza o controle, a moral rígida e o julgamento. De certa forma, esse embate também representa a briga entre a modernidade, que vem com o aumento de diferentes opiniões, versus o tradicionalismo, que acreditam que a novidade e melhoria é algo ruim, que vem para quebrar os bons costumes. Um tema que conseguimos relacionar com eventos dos dias de hoje.

A obra então crítica como o autoritarismo e a rigidez podem acabar sufocando boas ações como a empatia e humanidade, se transformando em uma ferramenta de opressão e culpa. A protagonista acaba sendo uma quebra disso, representando um lugar seguro. Vianne não impõe seus pensamentos, acolhendo, escutando e entendendo, transformando sua loja em um lugar de cura e reconexão.

Mas honestamente achei um filme sem graça, tanto narrativamente quanto tecnicamente. Ele não inova em nenhum momento e por conta disso parece uma história que já vimos antes várias vezes. Também sinto que filmes de comida, pra mim, precisam cumprir um requisito para ser bom (nos meus padrões): me dar fome. E apesar do título e das comidas serem bonitas durante todo o filme, não senti água na boca.

Outro longa que não participou ativamente da competição pela estatueta de Melhor Filme, foi outra obra de Steven Soderbergh (sim, ele

competiu por dois filmes no mesmo ano), *Erin Brockovich: Uma Mulher de Talento* (2000). Protagonizado por Julia Roberts, a obra é baseada em uma história real, e se tornou um marco dentro da carreira da atriz, tanto que garantiu para ela a vitória na categoria de Melhor Atriz, o único prêmio do filme de suas cinco indicações.

Desempregada e mãe solteira, Erin Brockovich (Julia Roberts) consegue um emprego em um pequeno escritório de advocacia e descobre um caso de contaminação de água envolvendo uma grande empresa. Sem formação jurídica, ela enfrenta o sistema e lidera uma das maiores ações civis dos EUA.

O filme prende a atenção principalmente quando a investigação começa, trazendo uma história que chega a ser até inspiradora, evidenciando a importância da luta coletiva contra injustiças. E a direção se apoia na ideia de ser baseado em uma história verdadeira, adotando um estilo realista, quase documental, com cores quentes, fotografia naturalista, usando de closes para ressaltar a atuação de Julia Roberts.

Ele lembra bastante o filme Norma Rae (1979), não só pela narrativa mas também por suas protagonistas. Ambos os filmes acompanham mães solteiras que precisam alimentar seus filhos que conquistam não só pela empatia pela sua situação, mas principalmente pelo carisma de suas atrizes protagonistas.

Erin Brockovich (2000) - Imagem: Divulgação

Erin Brockovich (2000) - Imagem: Divulgação

Adoro a Julia Roberts e acho que ela é a pessoa perfeita para o papel, nos conquistando por conta de sua presença magnética e uma personalidade grande, que não leva desaforo para casa. Erin Brockovich foge do que esperamos de uma heroína, o que torna ela mais real e mais fácil de se identificar. Ela é cheia de falhas, ousada, sarcástica, persistente, e principalmente, não aceita não como resposta, tornando sua jornada ainda mais inspiradora, de certa forma convidando os espectadores a terem a mesma atitude que a protagonista quando se depararem com injustiça.

E como em Norma Rae, o filme também fala sobre os perigos da ignorância e da falta de informação. Na história, o filme conta como as pessoas das classes mais baixas são quem mais sofre os efeitos das decisões das elites econômicas. Então na narrativa Erin, assim como Norma Rae, vinda da periferia acaba sendo a voz da classe trabalhadora.

A história também é extremamente acessível, conseguindo deixar de forma compreensível um processo jurídico e suas complicações científicas, assim, conseguindo manter a atenção dos espectadores. Além disso, com isso, o filme traz uma forte denúncia a grandes corporações, que constantemente colocam o lucro acima da vida humana.Um bom drama judicial que se destaca pela sua mensagem de persistência e resistência em nome da justiça.

Já falando sobre a outra obra de Steven Soderbergh, *Traffic* (2000), recebeu cinco indicações, levando para casa quatro estatuetas: Melhor Edição, Melhor Direção (superando a si mesmo, já que também concorria por Erin Brockovich), Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator Coadjuvante (Benicio Del Toro). A história tem como base a minissérie britânica "Traffik" (1989), trazendo um mosaico de histórias relacionadas com o tráfico de drogas.

A narrativa então traz o tráfico de drogas retratado por diferentes perspectivas: um policial mexicano (Benicio Del Toro) tenta manter a integridade em meio à corrupção; um juiz americano, Robert Wakefield (Michael Douglas),

Traffic (2000) - Imagem: Divulgação

lidera a política antidrogas sem saber que sua filha (Erika Christensen) é viciada; e uma dona de casa rica, Helena Ayala (Catherine Zeta-Jones), assume o negócio do marido traficante. As histórias se entrelaçam para revelar a complexidade da guerra às drogas.

Aqui a história acompanha diferentes pessoas dentro do processo do tráfico de drogas, desde o cartel, quem movimenta a droga pros EUA, policiais e ministro antidrogas e os usuários. A ideia é interessante e é quase impossível não lembrar de Breaking Bad (2008 - 2013), não só pela temática principal, mas também por trazer personagens que fogem do padrão de vilões e herois, sendo todos ambiguos, fazendo surgir debates morais e éticos.

Com isso a história traz personagens verdadeiros, que dentro da trama entendemos porque eles são do jeito que são. Um exemplo disso é a personagem Helena, que após a prisão do marido se encontra sem rumo, precisando proteger sua família, encontrando no negócio do seu marido uma forma de continuar seguindo em frente.

O longa também fala sobre desigualdades. A narrativa que se passa no México mostra o local como um campo de guerra, com civis à mercê de carteis e autoridades corruptas, sem perspectiva de melhora, trazendo danos desiguais quando comparado ao cotidiano da família Wakefield.

E para acompanhar com facilidade todas as histórias, o diretor faz a divisão pelas cores presentes na fotografia. O tom azul fica com a narrativa do juiz Wakefield, até passando uma sensação de melancolia conforme vemos sua filha entrar cada vez mais no mundo das drogas.

Traffic (2000) - Imagem: Divulgação

O tom neutro fica com Helena, até marcada pela divisão de mundos entre o cartel de drogas e a vida comum, também de certa forma, “escondendo” as atividades da dona de casa.

E o tom amarelado...já sabe com quem ficou, né? É claro que foi na narrativa do México, tentando remeter ao calor e a tensão constante. Piadas à parte, olhando com os olhos de hoje é uma decisão meio cafona, já que as cores são bem fortes, mas na época foi algo revolucionário e essencial para o filme se tornar acessível.

A direção, que também entendo que é da época, me incomodou em alguns momentos já que a câmera balançava a todo momento A ideia vem justamente para dar ao filme um tom documental e realista, em uma tentativa de maior imersão e para aumentar a sensação de urgência, porém para mim, isso foi apenas uma distração. Também senti que existem pequenos cortes no meio de ações que me pareceram desnecessários e sinceramente me tiraram da imersão da história. Porém ele levou para casa a estatueta de Melhor Edição, então talvez o problema seja eu.

Mas, em geral, o filme tem seus momentos bons justamente por não precisar cruzar as histórias literalmente, todos ali estão ligados e até mesmo fadados aos seus destinos mesmo não se conhecendo. Ele é pessimista mas ao mesmo tempo realista, retratando a guerra contra as drogas como uma batalha perdida, ressaltando as falhas na estratégia até então adotadas.

O Tigre e o Dragão (2000) - Imagem: Divulgação

Com direção de Ang Lee, *O Tigre e o Dragão* (2000) foi um dos marcos da década. O longa recebeu dez indicações, levando para casa cinco estatuetas: Melhor Filme de Língua Estrangeira, Melhor Direção de Arte, Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Fotografia. O filme se tornou um destaque por conseguir mesclar ação, romance, fantasia e filosofia oriental, levando o gênero de artes marciais a um novo patamar.

No século XIX, o mestre guerreiro Li Mu Bai (Chow Yun-Fat) decide abandonar a vida de lutas e entrega sua lendária espada "Destino Verde" à guarda da amiga e também guerreira Yu Shu Lien (Michelle Yeoh). Quando a espada é roubada, os dois embarcam em uma jornada que cruza o caminho da jovem aristocrata Jen (Zhang Ziyi), dividida entre o dever e seu desejo de liberdade.

Sinto que esse é um filme bem diferente, tanto para o diretor mas também em comparação com os outros indicados ao Oscar de Melhor Filme.

Um dos grandes destaques são, sem dúvidas, as cenas de luta que são muito criativas, praticamente contando uma história. As cenas são muito bem coreografadas, prendendo nossa atenção com facilidade, e muitas vezes trazendo um embate muito mais do que físico, sendo filosófico e moral. Parte da imersão das cenas de luta também vem graças ao trabalho sonoro do filme, sendo muito marcante.

Gosto muito das personagens femininas dentro da história, principalmente por elas serem as protagonistas dentro de um filme desse gênero. As personagens não só são muito interessantes, como também carregam dilemas que acabam sendo atemporais e envolventes, falando sobre amor, sacrifício, dever, solidão e a falta de liberdade.

E assim como outros filmes do diretor, uma das principais temáticas é a repressão, trazendo isso em formato de uma tragédia. Um exemplo disso é o amor entre Li Mu Bai e Yu Shu Lien, que jamais é concretizado por conta do noivo falecido de Shu Lien, amigo de Mu Bai, mostrando como o excesso de repressão e autocontrole pode impedir a vida de ser vivida plenamente.

A repressão e tragédia também é representada na narrativa de Jen Yu (Zhang Ziyi) uma mulher criada pelas regras rígidas da aristocracia chinesa, que deseja mais que tudo ser livre. Sua busca por liberdade a conduz por caminhos sombrios, muitas vezes cruzando uma linha moral tentando ser livre, não conseguindo nunca viver a liberdade plena.

Com essas histórias o longa fala sobre a importância do equilíbrio dentro da vida, trazendo isso como uma metáfora explorando a questão dentro da arte marcial. O próprio título da obra representa isso, evidenciando a importância do balanceamento perfeito entre força bruta e a sabedoria espiritual, mostrando como muitas das tragédias estão relacionadas com a falta de equilíbrio. Jen, por exemplo, tem a força bruta, mas é impulsiva pela falta de autocontrole. Já Mu Bai segue fortemente os ensinamentos que lhe são impostos, carregando com força a honra e o dever, mas muitas vezes abrindo mão de suas vontades e amores. Muitas vezes a sabedoria está em saber quando lutar e quando ceder.

O Tigre e o Dragão é sobre os sentimentos não ditos que nos movem e machucam profundamente. O filme se destaca principalmente por trazer algo novo, unindo elementos do cinema artes marciais chines e a linguagem cinematográfica ocidental, trazendo uma obra diferente e profunda.

O Tigre e o Dragão (2000) - Imagem: Divulgação

GLADIADOR.

Mas a estatueta de Melhor Filme de fato era para ser de *Gladiador* (2000), como realmente aconteceu. O filme tem direção de Ridley Scott e recebeu doze indicações, levando para casa cinco estatuetas: Melhor Efeitos Visuais, Melhor Figurino, Melhor Som, Melhor Ator (Russell Crowe) e Melhor Filme.

Na Roma antiga, em seus momentos finais de vida, Marcus Aurelius (Richard Harris) expressa a sua vontade de deixar o trono para Maximus (Russell Crowe), o comandante do exército romano. Porém isso desperta a ira de seu filho Commodus (Joaquin Phoenix), que sedento pelo poder resolve matar seu pai e culpa Maximus. Para sobreviver o comandante foge, mas acaba sendo capturado e vendido como escravo.

O longa traz novamente os grandes filmes épicos que muito populares da década de 1960. Obras essas gloriosas, que contavam com grandes cenários e tramas de grandes acontecimentos com conspirações e traições, como Ben-Hur (1959) e Spartacus (1960).

O roteiro, então, traz um Império Romano que, apesar de vencer muitas batalhas, se vê numa necessidade de mudança, principalmente pensando no lado do povo romano, assim surgindo uma crescente para a volta de um senado.

Porém, a trama é movida pelas fortes emoções humanas dos protagonistas, que buscam de uma forma ou de outra corrigir injustiças das suas vidas, trazendo assim momentos bem trágicos e dramáticos tal qual uma tragédia grega, aqui no caso uma romana.

Acho que isso é uma das coisas que eu mais gostei do filme, seus personagens, em principal Máximo e Cômodos. Máximo é o grande heroi da história, torcemos por ele desde seus primeiros momentos em tela em que ele nos impressiona em batalha, se mostrando um general muito talentoso, corajoso e respeitado.

O personagem é um homem honesto, que ama a família, que quer fazer o que é certo, o que poderia ser algo muito chato, mas aqui isso é complementado com o desejo de vingança que surge no personagem após alguns eventos, o que o deixa mais humano e verdadeiro e até mais próximo dos espectadores, afinal acabamos sofrendo e sentindo raiva com o personagem.

Já Cômodos, apesar de ser um grande vilão da história, é um personagem muito bem construído. Em seus primeiros momentos de aparição ele se mostra um homem confiante que quer muitas coisas e mais importante, ele acha que merece essas coisas, e está disposto a fazer o que for pra conseguir isso.

E o que o torna mais crível são justamente os pequenos momentos em que ele conta sobre o relacionamento com o pai e como ele cresceu sendo deixado de lado pelo falecido imperador. Joaquin Phoenix consegue incorporar tudo isso muito bem, já que durante o filme é possível sentir raiva mas também pena do personagem.

Apesar de algumas inconsistências históricas, eu gostei bastante do contexto dado para a história. O filme conta sobre um período em que Roma tinha uma crescente insatisfação do povo, que passava fome, lidava com a peste e baixo

Gladiador (2000)- Imagem: Divulgação

Gladiador (2000)- Imagem: Divulgação

Gladiador (2000)- Imagem: Divulgação

saneamento, com seu governo. Um desses momentos é justamente quando Cômodos assume, em que, para garantir o apoio do povo e, por consequência, mais poder, ele aposta na ignorância, instituindo a política do Pão e Circo, que havia sido proibida por seu pai Marco Aurélio, aqui dentro do filme, claro.

O longa também ganha muito graças a sua ambientação que garante uma imersão na narrativa. Aqui a produção de design cuidou desde os menores detalhes até os maiores cenários (dignos de filmes épicos) para entregar uma Roma crível. Inclusive, Ridley Scott mandou erguer uma réplica do famoso Coliseu em tamanho natural, em pleno Marrocos, onde boa parte do filme foi rodado.

As cenas de combates dos gladiadores são bem violentas mas ainda assim legais e bem coreografadas, sendo um dos pontos altos dentro do filme já que conseguimos acompanhar bem as movimentações dos personagens. Porém, senti que o diretor não consegue fazer o mesmo na cena de batalha com os bárbaros no início, aumentando e diminuindo a velocidade e deixando toda a sequência confusa de acompanhar.

Apesar de tudo isso, sinto que o roteiro se desfoca em diversos momentos querendo dar o passado e os objetivos de de outros personagens, mas não consegue trazer isso de forma tão detalhada e satisfatória quanto seus protagonistas.

Gladiador se destaca graças aos seus protagonistas e, em principal, as emoções sentidas e sofridas por eles. Mesmo com suas liberdades criativas quando se trata sobre a história em si, acho que ele entrega um filme grandioso que nos prende com facilidade graças ao personagem do Máximo e seu senso de justiça, dever e vingança e suas cenas de ação.

2002

Acho que a Academia fez uma boa seleção esse ano, contemplando filmes de gêneros bem diferentes entre si. Representando a fantasia e aventura temos o longa *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* (2001), o primeiro filme da marcante trilogia dirigida por Peter Jackson. Baseada na obra de Tolkien (1954), o longa recebeu treze indicações, levando para casa quatro estatuetas: Melhor Efeitos Visuais, Melhor Maquiagem, Melhor Trilha Sonora e Melhor Fotografia.

Ambientado na fictícia Terra-Média, o filme acompanha Frodo Bolseiro (Elijah Wood), um jovem hobbit incumbido de destruir o poderoso Um Anel, forjado por Sauron, o Senhor do Escuro. Com a ajuda de uma "sociedade" formada por homens, elfos, anões e outros hobbits, Frodo parte em uma jornada para impedir que o mal retorne ao mundo.

Se por um lado o livro de Tolkien é muito descritivo, aqui isso é incrementado de forma perfeita, tanto é que o longa recebeu uma indicação na categoria de Melhor Roteiro Adaptado. No filme Peter Jackson constroi a Terra-Média até seus últimos detalhes, trazendo um mundo vivo e de fato conseguindo nos transportar para o local, passando uma sensação palpável de um lugar fictício.

O longa também acaba sendo revolucionário usando técnicas e tecnologias novas para criar todo o cenário do longa. Além disso, as filmagens foram realizadas na Nova Zelândia, se aproveitando de suas bonitas paisagens naturais, que combinam perfeitamente com o tom da história.

E talvez o que mais faça a história ser instigante seja seu protagonista: um heroi improvável. Frodo é pequeno, humilde e não tem dons de guerreiro, mas recebe o convite para a aventura por conta de sua simplicidade e coragem, conseguindo assim vencer a tentação do Anel.

A história também ganha um tom maior de identificação por conta da amizade do protagonista e Sam, outro hobbit que o acompanha nesta jornada. A amizade dos dois é o coração emocional da história por trazer um amor fraternal com sacrifício e empatia, se tornando uma das duplas mais icônicas do cinema.

E a história de Senhor dos Anéis, gira em torno da luta entre o bem e o mal, simbolizado pelo Um Anel, um objeto poderoso que corrompe todos que o desejam. O Anel representa o desejo de controle total, tentando todos aqueles que entram em contato com ele, independente de quem sejam. Mas o interessante é que dentro do filme não é necessariamente uma força oposta do bem, não sendo um inimigo facilmente identificável, se infiltrando nos corações, nos desejos e na sede por poder.

Honestamente acho que esse é meu filme favorito da trilogia. Sinto que a história é acessível e fácil de acompanhar, até por ser a introdução, e gosto bastante do mundo e a forma como ele nos é apresentado aqui. O longa foi responsável por abrir portas para diversas outras produções da fantasia e por revitalizar o gênero, trazendo novamente a ideia de fandoms antes popularizados com Star Wars. Terminando a história com aquele gostinho de quero mais.

Uma Mente Brilhante (2001) - Imagem: Divulgação

Representando os musicais, outro indicado é Moulin Rouge: Amor em Vermelho (2001). Com direção de Baz Luhrmann e roteiro assinado por ele e Craig Pearce, o filme recebeu oito indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Figurino e Melhor Direção de Arte.

Em plena Paris boêmia de 1899, Christian (Ewan McGregor), um jovem escritor idealista, se apaixona por Satine (Nicole Kidman), a estrela do cabaré Moulin Rouge. Enquanto eles vivem um amor proibido, o dono do Moulin Rouge promete Satine a um Duque (Richard Roxburgh), em troca de financiamento.

Se Senhor dos Anéis redefiniu a fantasia, a obra de Luhrmann foi responsável por repagina o que temos em mente quando falamos de musicais, trazendo um filme cheio de estilo e ousadia, enquanto fala sobre amor, arte e sacrifício. Na história acompanhamos uma tragédia digna de Shakespeare, intensa, com amores proibidos e muito desejo e amor.

E parte da sua intensidade vem das características marcantes do diretor: um ritmo frenético, montagem acelerada, uma estética maximalista e uma iluminação teatral. O longa é como um grande espectáculo. E trilha sonora também transmite isso, misturando diversos gêneros musicais desde a ópera até o pop com sequências marcantes e covers interessantes e diferentes como “Your Song” e “Like a Virgin”. O passado e o futuro se juntam criando esse lugar que parece um grande sonho.

E nesse caos todo, o filme nada mais fala do que sobre o amor, tanto é que um dos lemas

Moulin Rouge! (2001) - Imagem: Divulgação

Moulin Rouge! (2001) - Imagem: Divulgação

da história é “a coisa mais importante que você pode aprender é amar e ser amado em troca”. O longa então traz o amor intenso de Christian e Satine que é proibido, emocionante, e inevitavelmente trágico. O filme não idealiza o amor, e foca principalmente nos sentimentos ruins que vem com ele como as escolhas, perda e dor, mas sempre ressalta como uma emoção que vale a pena ser sentida apesar disso. Moulin Rouge é um filme intenso mas que impressiona por conta da sua vivacidade.

Para o drama, a indicação fica com *Entre Quatro Paredes* (2001). Com direção de Todd Field, o longa recebeu cinco indicações, porém não levou nenhuma para casa, infelizmente.

Em uma cidade da Nova Inglaterra, um jovem Frank (Nick Stahl), se envolve com uma mulher mais velha, Natalie (Marisa Tomei), mãe de dois filhos e com um ex-marido problemático. Seus pais, Matt e Ruth (Tom Wilkinson e Sissy Spacek), observam a relação com cautela, enquanto tensões familiares e sociais começam a surgir.

É um pouco impossível falar desse filme e expressar seus feitos sem dar spoilers, então leia por sua conta e risco. Na história acompanhamos a vida pacata dos subúrbios e o que parece ser mais um drama familiar. Acompanhamos o protagonista Frank desenvolver cada vez mais seu relacionamento com Natalie, algo questionado por seus pais, principalmente sua mãe. Até que, Field encarna Hitchcock em Psicose (1960) e mata Frank, nos deixando sem rumo. Se tornando uma história sobre o que resta quando tudo aquilo em que se acreditava como certo desaparece.

A narrativa então passa a acompanhar Ruth e Matt, que assim como nós espectadores, ficam sem rumo após a morte de seu único filme. A narrativa então passa a falar sobre luto e superação, enquanto traz uma crítica ao sistema judiciário. O longa então se torna silencioso, sendo praticamente claustrofóbico, observando o casal lentamente se afastando enquanto lidam com a ausência do filho.

Entre Quatro Paredes (2001) - Imagem: Divulgação

Sinto que a história acaba sendo muito comovente por ser tão realista, mostrando seus personagens como pessoas reais, cheias de defeitos, o que torna a dor aqui dentro ainda mais palpável. Ruth e Matt experimentam o luto de formas opostas. Matt lida com o luto de forma silenciosa, muitas vezes evitando falar de Frank, apenas seguindo com sua rotina. Enquanto Ruth se despedaça pouco a pouco, com raiva, exigindo justiça, o que gera atrito e afastamento.

Para mim o grande destaque da história é a performance de Sissy Spacek. A atriz traz com muita sensibilidade uma personagem humana, que se encontra sem rumo após a morte do seu filho. Ruth se torna raivosa, descontando muitas questões do passado em seu marido para tentar conseguir alguma coisa. Acho que para alguns ela pode parecer uma personagem chata, mas isso só a deixa mais verdadeira, conseguindo passar para nós espectadores o vazio vivido pela mãe.

O longa traz de forma vívida a sensação de impotência, onde Ruth e Matt se encontram em um local onde a justiça não será feita, sendo obrigado a cruzar pela cidade com o assassino de seu filho. Assim, vai se criando dentro da narrativa uma tensão enorme, onde os pais de Frank passam a precisar de uma justiça para conseguir seguir em frente. O filme então traz reflexões sobre como agir quando o sistema falha.

Sem dúvidas é um filme que fica com você, seja pelo choque ou pelas reflexões que ele gera em torno do luto e da justiça. Uma positiva surpresa que muito provavelmente eu nunca teria assistido se não fosse esse projeto.
E como filme de época, o indicado é Assassinato em *Gosford Park* (2001). Com direção de Robert Altman, o longa recebeu sete indicações, levando para casa a estatueta de Roteiro Original.

Durante um fim de semana em uma mansão rural da Inglaterra dos anos 1930, nobres e seus criados convivem entre jantares, caçadas e segredos, até que um assassinato abala a rotina da casa.

Mesmo sendo um roteiro original, o filme lembra muito as diversas obras de Agatha Christie, sendo instigante e cheio de reviravoltas, e como uma fã dos livros de investigação, eu adorei a narrativa. O filme nos joga dentro de uma enorme mansão cheia de cômodos secretos, convidados, empregados, e todos são suspeitos.

O roteiro é bem amarrado, sempre dando dicas sobre seu final porém sem deixar isso óbvio. O filme segue diversos personagens, desde os patrões até seus subordinados, em tramas que vão se cruzando ao longo da história, cada uma revelando detalhes sobre os personagens tanto da aristocracia quanto da criadagem, detalhe esses que serão revisitados ao final. Os atores circulam de forma livre, conversando entre si em conversas muitas vezes sobrepostas, sendo ricas em subtextos.

Além de uma obra de investigação, o filme traz uma crítica aos ricos do século XX, se mostrando uma classe sobretudo de interesses e jogos de manipulação.

Um dos perfeitos exemplos é a personagem Constance Trentham, com uma performance marcante de Maggie Smith. Trentham é uma senhora sem papas na língua que jamais deixará os outros acharem que ela passa necessidade, ela desmerece tudo e todos a sua volta como uma forma de se elevar. O longa então retrata a aristocracia como uma grande fachada de elegância e formalidade, mas que esconde diversas invejas, traições, ambições e decadência moral.

Admito que demorei um pouco para entender quem era quem, por serem muitos personagens parecidos. Também senti falta, até por comparar com os livro de Agatha Christie, da figura de um detetive e por consequência mais investigação por parte dele, mas ainda assim é um bom filme, sendo mais do que um longa de investigação, usando esse contexto para expor a sociedade.

Gosford Park (2001) - Imagem: Divulgação

Uma Mente Brilhante (2001)- Imagem: Prime Video

UMA MENTE BRILHANTE.

Mas meu favorito do ano foi também o favorito da Academia, o longa *Uma Mente Brilhante* (2001). O filme tem direção de Ron Howard e foi indicado a oito categorias, levando para casa quatro prêmios: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Atriz Coadjuvante (Jennifer Connelly).

O filme acompanha a história de vida do gênio matemático John Forbes Nash Jr (Russell Crowe), que no final da década de 1940 desenvolveu uma teoria que viria a revolucionar a economia nas décadas seguintes.

O longa acompanha o matemático desde a faculdade até 1994, quando ganhou o prêmio Nobel. Ele tem muitas semelhanças com os filmes: Teoria de Tudo (2014) e O jogo da Imitação (2014), que mais tarde também irão concorrer à estatueta de Melhor Filme em seus respectivos anos, mas não ganharam.

Um dos grandes méritos do filme é seu roteiro imersivo, o que dá a sensação de viver na pele do personagem. Ele faz o equilíbrio perfeito entre os feitos de Nash e suas descobertas científicas, o suspense e seu romance com Alicia (Jennifer Connelly). Apesar de contar alguns outros detalhes importantes da vida de John Nash, o filme fez um ótimo trabalho apresentando a vida dele e seus feitos, prendendo bastante atenção e comovendo o espectador.

O roteiro é bem elaborado, sendo inspirado na biografia homônima de Sylvia Nasar (1998). O roteirista Akiva Goldsman faz um trabalho muito interessante e criativo na forma de retratar a esquizofrenia de Nah pela perspectiva do mesmo, o que também deixou o filme mais instigante. Dessa maneira, assim como o personagem, também não conseguimos dizer o que é real ou falso, também nos deixando paranoicos e angustiados.

Russell Crowe traz uma de suas melhores atuações vivendo o genial matemático, o que lhe rendeu mais uma indicação à estatueta de Melhor Ator, porém não a levou para casa. Crowe consegue abordar a complexa personalidade e o peso da condição do personagem, focando nos mínimos detalhes como os gestos e tiques, o deixando ainda mais interessante e real.

Outro foco no quesito atuação é de Jennifer Connelly, que traz uma personagem cativante e apaixonante com uma performance igualmente forte e comovente.

O filme não inova tanto nas questões cinematográficas, mas os planos básicos usados funcionam na obra, já que destacam mais as atuações e a própria narrativa sem desvios. O longa também deixa de fora algumas questões sobre Nash como outros feitos e posicionamentos políticos, mas com isso ele tem espaço para desenvolver sobre a esquizofrenia do personagem e o impacto disso em sua vida.

Um ótimo filme que dá luz a uma figura genial que nem sempre recebe atenção, também impactando pela forma como retrata as doenças mentais, de maneira humana, conseguindo equilibrar bem o suspense, drama, romance e a parte biográfica.

2003

O ano de 2003 no Oscar é marcado por histórias intensas. Um dos indicados é o filme: *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres* (2002). Com direção de Peter Jackson, o longa traz a segunda parte da adaptação do épico de Tolkien, onde a aventura se torna ainda mais perigosa. Além de Melhor Filme, a obra recebeu outras cinco indicações, faturando as estatuetas de Melhor Edição de Som e Melhor Efeitos Visuais.

Após a separação da Sociedade do Anel, Frodo (Elijah Wood) e Sam (Sean Astin) seguem rumo a Mordor para destruir o Um Anel, guiados (e ameaçados) pela criatura dividida Gollum (Andy Serkis). Enquanto isso, Aragorn (Viggo Mortensen), Legolas (Orlando Bloom) e Gimli (John Rhys-Davies) enfrentam a guerra iminente em Rohan, liderando o povo do rei Théoden (Bernard Hill) contra as forças de Saruman (Christopher Lee), culminando na épica Batalha do Abismo de Helm. Gandalf (Ian McKellen), agora renascido como Gandalf, o Branco, retorna para unir os povos livres contra as sombras que se espalham por toda a Terra-média.

Em sua sequência os eventos vão ficando mais sombrios, até pela morte de Gandalf. O segue mal crescendo, a esperança parece escassa. Mas, é com esse contexto que o longa fala sobre coragem em meio ao desespero, ressaltando a importância da persistência mesmo quando a vitória parece impossível.

Sinto que a trilogia vai pouco a pouco crescendo sua grandiosidade, aqui apresentando eventos ainda maiores do que o primeiro filme. Parte disso acontece pela narrativa acompanhar várias jornadas paralelas, já que os personagens acabam se separando, buscando cumprir diferentes objetivos. E muito por essa separação, os personagens acabam se tornando mais complexos e interessantes.

O filme também continua com a ideia da dualidade entre o bem e o mal, aqui representado fortemente pelo personagem Gollum/Smeagol. O personagem é o que mais representa a corrupção causada pelo Anel, de certa forma, espelhando o que Frodo pode se tornar se sucumbir ao poder, nos fazendo refletir sobre a força que devemos fazer para não cair na comodidade da escuridão. O personagem também se torna icônico por revolucionar na captura de movimento, sendo um dos primeiros personagens digitais com atuação baseada em movimento e expressão facial de um ator real.

O longa também traz questionamentos sobre uma verdadeira liderança, se ela precisa ter poder ou capacidade de inspirar liderança, algo que vemos em Aragorn, que enfim começa a aceitar seu destino como herdeiro do trono de Gondor.

O filme elevou as apostas de Sociedade do Anel, consolidando a fantasia como um dos grandes gêneros, trazendo como mensagem a importância da persistência do bem em meio a escuridão.

Já com direção de Roman Polanski, *O Pianista* (2002) é outro indicado do ano, que tem como base memórias do pianista judeu polonês W□adys□aw Szpilman, no livro homonimo de 1946. O filme recebeu sete indicações e levou para casa três estatuetas: Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Direção e Melhor Ator (Adrien Brody).

Chicago (2002) - Imagem: Divulgação

O Pianista (2002) - Imagem: Divulgação

Durante a Segunda Guerra Mundial, o talentoso pianista judeu Wladyslaw Szpilman (Adrien Brody) vê sua vida desmoronar quando os nazistas invadem a Polônia. Forçado a viver no gueto de Varsóvia, ele enfrenta a perda da família, a fome e o medo, tentando sobreviver em meio ao horror do Holocausto.

O longa não é uma grande jornada, e sim um relato cru e sincero sobre os horrores da Segunda Guerra Mundial. É um filme difícil de se assistir por conta do enorme sofrimento que o protagonista passa. A história acaba se tornando mais dolorida já que acompanhamos pouco a pouco a evolução da guerra, onde a família Szpilman perde seus bens, casa e enfim sua liberdade, tudo sendo tirado deles.

A música tem um papel muito importante no filme. Até por ser sua profissão, a música tem um papel essencial na vida de W□adys□aw, inclusive no início do longa representando um símbolo da vida. Mais tarde, com os eventos da guerra, a música é silenciada, e até por conta disso o silêncio passa a carregar um enorme peso emocional. A música ressurge apenas ao final como um resquício de humanidade que sobrevive à crueldade.

A narrativa então acompanha o pianista em uma tentativa desesperada para sobreviver durante o holocausto. O protagonista é obrigado a se desapegar de seus bens e separado de sua família, sem saber o que acontece com eles, tentando se manter vivo em meio a tiros, explosões e soldados nazistas.

O longa então não traz uma história cheia de heroísmos, e sim um retrato do desespero para sobreviver.

Gangues de Nova Iorque (2002) - Imagem: Divulgação

E com direção de Martin Scorsese, temos *Gangues de Nova Iorque* (2002). O filme recebeu dez indicações, porém infelizmente acabou não levando nenhuma para casa.

Em 1862 Amsterdam Vallon (Leonardo DiCaprio) retorna ao bairro de Five Points em Nova York para vingar a morte de seu pai, assassinado pelo temido líder nativista Bill "The Butcher" Cutting (Daniel Day-Lewis). Ambientado nos violentos confrontos entre imigrantes e nacionalistas no século XIX, o filme retrata o nascimento brutal da identidade americana.

Mesmo trazendo uma história do século XIX, e sendo um filme lançado em 2002, é possível traçar um paralelo com eventos recentes, principalmente a relação dos imigrantes. Em uma das cenas do longa, diversos imigrantes, em principal irlandeses, movidos pelo Sonho Americano, chegam em Nova Iorque, e rapidamente escutam dos nativos frases como "voltem para o seu país". Scorsese então explora a história dos Estados Unidos, expondo as raízes violentas do nacionalismo americano, que nasce principalmente na hostilidade contra imigrantes.

Aqui no filme Nova Iorque é bem diferente do que estamos acostumados, sendo um terreno sujo, basicamente uma terra de ninguém, corrompida por diversos criminosos que brigam entre si. Dessa forma, o longa ressalta que o país não nasceu de ideais puros, mas sim de disputas violentas por território, poder e pertencimento, em que todas lutavam por sobrevivência. Era um lugar onde ou você matava ou você era morto.

Dentre todas as gangues, a que mais possui poder é a de Bill Cutting que representa os "americanos nativos" (brancos anglo-saxões protestantes), comandando não só outros diversos criminosos mas também tendo uma mão dentro da política. Devo ser sincera e dizer que lembrei bastante de West Side Story (1961, 2021), principalmente pela briga imigrantes versus brancos nativos.

A história também traz muitos questionamentos morais. Amsterdam se infiltra na gangue de Bill para vingar seu pai e a causa dos imigrantes, porém conforme se torna mais próximo do

assassino ele passa a admirá-lo e também se interessar pela comodidade vivida pela gangue. Bill também é um personagem complexo, se questionando sobre a perda da moral na cidade, entendendo que todos vivos são corrompidos.

Basicamente, é um filme que não tinha como ser ruim. Gangues de Nova Iorque traz boa história de vingança juntamente com reflexões morais a respeito de legado e identidade. Mas admito que ele me perdeu principalmente em sua hora final, achei ele muito longo em alguns momentos e algumas questões dentro da história, principalmente os políticos, não me traziam interesse. Mas Daniel Day-Lewis e Leonardo DiCaprio, como eu falei, não tem como dar errado.

E pra mim, a grande surpresa positiva do ano é o longa *As Horas* (2002). Com direção de Stephen Daldry, o filme tem como base o livro homônimo de Michael Cunningham, publicado em 1998. A obra recebeu nove indicações, levando para casa a estatueta de Melhor Atriz (Nicole Kidman).

O longa acompanha três mulheres de épocas distintas: Virginia Woolf (Nicole Kidman), Laura Brown (Julianne Moore) e Clarissa Vaughan (Meryl Streep), que vivem dias cruciais marcados por angústias pessoais. Entre Londres de 1923, Los Angeles dos anos 1950 e Nova York contemporânea, o filme entrelaça suas histórias por meio de temas como depressão, identidade e o peso da existência.

As histórias são conectadas através do tempo com o romance Mrs. Dalloway. Em 1923, Virginia Woolf luta para escrever o livro, enquanto enfrenta sua depressão e pensamentos suicidas. Anos depois a dona de casa grávida, Laura Brown, lê o livro. Extremamente infeliz, Brown lida com sentimentos de vazio e inadequação, procurando uma saída para uma vida sufocante e entediante.

E nos anos 2000, Clarissa Vaughan vive uma vida bem similar a da personagem Clarissa Dalloway, enquanto cuida de seu melhor amigo e ex-amante, Richard (Ed Harris), um poeta com AIDS.

Apesar de viverem em décadas bem diferentes, as três mulheres lutam buscando um sentido para suas vidas e existência. Por fora, elas parecem viver vidas perfeitas, porém se encontram desmoronando por dentro. Por conta disso, o filme tem um ritmo lento, remetendo a um tédio, um vazio, passando para nós espectadores o sentimento vivido pelas protagonistas.

Senti esse um filme extremamente feminino, apesar de roteirizado e dirigido por homens. A história é simples mas consegue prender a atenção por conta da sua fácil identificação, entregando personagens que sofrem caladas e sentem muito.

O longa não traz grandes acontecimentos, tudo basicamente acontece internamente na mente das três protagonistas, como as emoções, pensamentos e pequenas decisões, o que relaciona com o estilo de Woolf.

A narrativa passa para nós a angústia, o sentimento de aprisionamento e aquele tédio que não dá vontade de fazer nada, mostrando mulheres que enfrentam de uma forma ou de outra os limites e regras impostas socialmente ao papel de mulher, da mãe, da esposa, da amante,

e lutam por autenticidade.

E as atuações dentro do filme, até por depender muito da dor interna, são extremamente impactantes. Pra mim o maior destaque é Meryl Streep, arrisco dizer até ´que essa virou minha performance favorita da atriz. Clarissa Vaughan é uma personagem muito humana, que em momentos carrega uma culpa de algo que não necessariamente é sua, movida pelo amor e a memórias.

E Nicole Kidman se encontra irreconhecível no papel, de fato se transformando fisicamente e emocionalmente para viver Virginia Woolf. A atriz traz uma atuação inquietante, ela é calma, mas consegue nos incomodar de alguma forma, como se algo estivesse errado em sua vida e ela não conseguisse reconhecer, e nem nós espectadores. Passei o filme todo pensando o quanto Kidman merecia a estatueta de Melhor Atriz por esse papel, então fiquei muito feliz quando descobri que a Academia pensou o mesmo.

As Horas é um filme que conta sobre o peso da existência e o desejo da fuga, explorando como grande parte dos momentos banais são os que realmente definem nossa existência. E ao final, eu fiquei com muita vontade de ler Mrs. Dalloway.

As Horas (2002) - Imagem: Divulgação

Chicago (2002) - Imagem: Divulgação

CHICAGO.

E o bem venceu, *Chicago* (2002) é meu favorito do ano e foi premiado pela Academia. Arrisco a dizer também que a obra de Rob Marshall, sendo esse inclusive seu primeiro trabalho de direção para o cinema, é também um dos meus vencedores do Oscar de Melhor Filme favorito.

A obra tem como base a peça de mesmo nome da Broadway, inclusive alguns atores que fizeram parte do elenco na Broadway também estão no longa. Inclusive, a peça Chicago foi uma releitura de Maurine Dallas Watkins sobre dois julgamentos de assassinato amplamente divulgados que ocorreram em Chicago em 1924, envolvendo Beulah Sheriff-Annan e Belva Gaertner. Watkins cobriu esses julgamentos para o Chicago Tribune e criou a personagem Mary Sunshine como um autorretrato.

O filme recebeu treze indicações e levou para casa seis delas: Melhor Direção de Arte, Melhor Figurino, Melhor Edição, Melhor Som, Melhor Atriz Coadjuvante (Catherine Zeta-Jones) e, claro Melhor Filme.

O musical acompanha a história de Roxie Hart (Renée Zellweger), uma jovem aspirante a cantora, e de Velma Kelly (Catherine Zeta-Jones), uma cantora já consagrada. O filme segue a trajetória das duas, que contam com a ajuda do interesseiro advogado Billy Flynn (Richard Gere), até o tribunal onde serão julgadas por homicídio.

O longa então fala sobre fama, ambição, publicidade e o quão longe você está disposto a ir para se tornar reconhecido, levando em consideração um mundo extremamente corrupto. O filme se passa nos anos 1920, mas sua crítica poderia ser atual, retratando o poder das narrativas e ao mesmo tempo o fascínio da sociedade por esse tipo de história, aqui tendo como contexto um julgamento por homicídio. Durante o filme então vemos de perto a obsessão da sociedade com o escândalo e ao mesmo tempo a rapidez que a fama passa de uma pessoa para a outra, conforme Velma e Roxie brigam pela atenção de Billy Flynn.

A história acompanha Velma Kelly, uma cantora acusada de matar o marido, que acaba se tornando uma grande celebridade por conta do feito graças a seu advogado Billy Flynn, que também se dá bem graças à fama de Kelly. Roxie Hart é uma jovem comum que sonha com essa fama e quando vê uma oportunidade a agarra sem nem pensar duas vezes, o que a leva a prisão.

O longa alterna entre momentos reais e cenas criadas na imaginação de Roxie, que anseia pela magia das performances. Esses números são grandiosos e lembram muito as apresentações em teatros musicais, passando muita energia e vivacidade ao espectador, mesmo naquelas apresentações com temas como assassinato.

As sequências musicais também fazem muito sentido dentro da narrativa passando as impressões da personagem como na performance de *We Both Reached for the Gun*, quando Roxie se sente uma marionete na mão de Flynn e em *Razzle Dazzled* onde o tribunal se transforma em um grande circo, destacando o poder das performances e como o sistema é muito bagunçado e corrupto.

Chicago (2002) - Imagem: Divulgação

cada uma delas é encaixada dentro da história de uma forma importante dizendo muito sobre os personagens, como Mr Cellophane, ou a época em que os personagens vivem e servindo até como uma condução pra história. Grande destaque vai principalmente para as sequências musicais dentro da prisão que são magnéticas de assistir.

O longa também conquista nossa atenção graças a sua impecável ambientação que com facilidade nos leva para a confusão e desejo de fama dos anos 1920 com seus cenários e principalmente figurinos brilhantes que captam nossa atenção. A fotografia aposta em tons escuros: com muito vermelho, dourado, prata e preto que representam muito bem a época, e os figurinos seguem nesse tom com roupas luxuosas com franjas e muito brilho. E claro, como um bom musical, ele também presta homenagens a outros musicais como *Os Homens Preferem as Loiras* (1953).

A história é simples mas consegue nos cativar por conta do desejo ambicioso das duas protagonistas, que demonstram sua necessidade e desejo da fama quase como um desespero. E claro, a trilha sonora é impecável, é uma das trilhas que não tem nenhuma música pra pular,

E claro, os personagens super interessantes do filme também são responsáveis por prender a atenção. Roxie Hart é uma garota mimada e ingênua que está disposta a fazer de tudo para atingir sua tão cobiçada fama. Renée Zellweger entrega uma performance incrível que deixa a personagem menos detestável e mais humana.

Velma Kelly é uma veterana da fama, que já está acostumada ao estrelato, mas mesmo assim segue apaixonada. Com uma voz maravilhosa, movimentos elegantes e uma atuação excelente, ela levou a estatueta de melhor atriz coadjuvante.

Apesar de um roteiro simples, *Chicago* é um dos melhores musicais já feitos. Está marcado na história do cinema e consegue transmitir uma euforia e entretenimento cativante, ousado e impressionante, sendo capaz de tirar o fôlego de qualquer um.

Chicago (2002) - Imagem: Divulgação

O Senhos dos Anéis: O Retorno do Rei (2003) - Imagem: Divulgação

2004

Essa edição da premiação é marcada por grandes jornadas, ou o fim delas. O grande vencedor foi *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei* (2003). Ainda com direção de Peter Jackson, o longa recebeu onze indicações e levou para casa as onze estatuetas, sendo um destaque principalmente nas categorias técnicas como: Melhor Diretor, Melhores Efeitos Visuais e Melhor Edição.

Com a guerra pela Terra-média no auge, os exércitos de Sauron cercam Gondor, e a última batalha pela liberdade começa. Enquanto Aragorn (Viggo Mortensen) assume seu papel como legítimo rei e lidera os povos livres contra as forças do mal, Frodo (Elijah Wood) e Sam (Sean Astin) seguem sua jornada solitária rumo a Mordor para destruir o Um Anel. A lealdade, a coragem e o sacrifício serão levados ao limite, culminando em uma das conclusões mais grandiosas e emocionantes da história do cinema.

Este é sem dúvidas o mais pesado dos três filmes. Com poucos momentos de humor, focando bastante nas consequências da grande guerra e passando isso para os espectadores. Parte disso também acontece pelo longa mostrar Frodo cada vez mais afetado pelo anel e a responsabilidade de sua jornada, o que fica mais evidente quando comparamos seu estado com o de Sam. E em sua terceira parte, mais que tudo, o filme ressalta a importância da união. No longa, homens, elfos, anões e hobbits se unem, apesar de suas diferenças, para lutar por um bem maior, enfim atingindo a vitória por conta disso.

Os roteiros da trilogia nos levam para a batalha final que é disputada em O Retorno do Rei. No terceiro filme, a direção e roteiro deixam a batalha realista, na medida do possível, fazendo questão de ressaltar, na hora da preparação da batalha, que algum evento pode dar errado no arco de cada um dos personagens. A montagem impressiona por conseguir juntar cada narrativa das mais de 9 horas de trilogia, dando a sensação ao espectador de estar presente na aventura de Frodo.

E por ser o final da história, o longa ainda traz batalhas ainda mais grandiosas, com batalhas com lutas muito bem coreografadas e fluidas. E até pela grandiosidade, cada frame parece uma pintura, com uma ótima composição de luzes e sombras. Parecendo seguir os personagens, os movimentos de câmera praticamente nos colocam dentro da luta, dando uma maior imersão para os espectadores.

Os atores realmente encorpam os personagens. As atuações de todos são sólidas e realmente vemos os personagens e não os atores. A narrativa também acaba ajudando nisso, já que no longa cada um dos herois tem seu momento de glória. O longa então finaliza com uma forte mensagem de coragem, destacando a importância da resistência em momentos de medo e incertezas, persistência e esperança, mesmo em tempos de escuridão.

Em especial destaco Ian McKellen que incorpora o “novo” Gandalf, que mesmo com mudanças claras do antigo mago, ainda tem suas características marcantes como o amor aos Hobbits e se revelando um líder nato. Elijah Wood surpreende no filme também, mostrando com evidência o declínio de Frodo conforme o

O Senhos dos Anéis: O Retorno do Rei (2003) - Imagem: Divulgação

anel o consome.

Outro personagem e atuação interessantes é de Andy Serkis, que vive o Gollum/Sméagol. Nesse filme, finalmente conhecemos a história desse personagem icônico da trilogia. Toda a composição e retratação do Sméagol é impecável, deixando em evidência sua obsessão e paixão pelo anel e sua disposição de fazer qualquer coisa por sua posse.

O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei traz um ótimo fechamento de trilogia, e sua vitória mudou a forma como os filmes de fantasia eram vistos no cinema. Porém, não tenho receio de tirar a estatueta do longa, até por não ser meu favorito da trilogia. Admito que pra mim ele é uma obra meio cansativa e em momentos um tanto quanto confusa, que honestamente não me dá vontade de ressuscitar a história como os outros dois filmes da trilogia.

Ainda assim, o filme reafirma a força do cinema como arte e como instrumento de esperança. Um marco da sétima arte.

Outro indicado é o longa *Seabiscuit – Alma de Herói* (2003). Com direção de Gary Ross, o filme é baseado no livro Seabiscuit: Uma Lenda Americana, de Laura Hillenbrand, publicado em 1999, que por sua vez é inspirado em uma história real. A obra recebeu sete indicações ao Oscar, porém não venceu nenhuma categoria.

Durante a Grande Depressão, três homens — o jovem e problemático jockey Red Pollard (Tobey Maguire), o magnata em luto Charles Howard (Jeff Bridges) e o excêntrico treinador Tom Smith (Chris Cooper) — se unem em torno de um cavalo improvável, Seabiscuit, pequeno e aparentemente incapaz de vencer. Juntos, eles desafiam as probabilidades, enfrentam adversidades e conquistam o coração dos EUA com vitórias emocionantes nas pistas.

O filme traz com perfeição o contexto da Grande Depressão nos Estados Unidos, um período de enorme desilusão, onde grande parte das famílias foram afetadas e se encontravam sem esperança de uma melhora. A história traz uma poderosa mensagem de otimismo e persistência, contando

sobre a improvável ascensão de um cavalo de corridas pequeno e desacreditado, que se torna um símbolo e uma metáfora de esperança e resiliência.

O longa também fala sobre a união em períodos difíceis, onde os três protagonistas estão de certa forma tentando superar algum trauma. Red perdeu a família e a visão parcial de um olho, Charles perdeu o filho e o casamento e Tom é um homem fora do tempo, preso a métodos considerados ultrapassados. Porém, por conta de Seabiscuit, os três homens conseguem consertar suas vidas quebradas, encontrando na empatia e trabalho em equipe para esse "bem" maior, um propósito.

E com a história de Seabiscuit, a narrativa discute a importância de não julgar pelos rótulos. O cavalo era pequeno e teimoso, Red era considerado instável e Smith era excêntrico. Mas ainda assim, os personagens não deixaram essas aparências definirem suas capacidades.

E parte da sua mensagem otimista também vem graças a direção, que constroi o filme como um grande épico. Os momentos das corridas de cavalo são vibrantes e recheados de tensão, conseguindo prender nossa atenção com facilidade, até por colocar os espectadores na pista com seus movimentos de câmera. As corridas são ainda mais emocionantes por não sabermos o que vai acontecer, nos deixando torcendo por Seabiscuit.

Seabiscuit (2003) - Imagem: Divulgação

Mestre dos Mares: O Lado mais Distante do Mundo (2003) - Imagem: Divulgação

Um filme família que sobretudo passa uma mensagem de otimismo e persistência, trazendo a clássica história do underdog (azarão). Eu teria indicado ao Oscar para Melhor Filme? Provavelmente não. Facilmente trocaria ele por Procurando Nemo (2003) ou Irmão Urso (2003), mas era 2004 então isso jamais aconteceria...

Ainda sobre história épicas, outra vaga para a categoria de Melhor Filme ficou com *Mestre dos Mares: O Lado Mais Distante do Mundo* (2003). Dirigido por Peter Weir, o longa recebeu dez indicações, levando duas estatuetas para casa: Melhor Fotografia e Melhor Edição de Som.

Durante as Guerras Napoleônicas, o capitão Jack Aubrey (Russell Crowe) comanda o navio HMS Surprise em uma perigosa missão para capturar uma embarcação francesa poderosa. Ao seu lado está o médico e naturalista Stephen Maturin (Paul Bettany), seu amigo e contraponto filosófico. Em meio a batalhas no mar e dilemas morais, a tripulação enfrenta os desafios da guerra e da natureza.

O longa conta sobre o preço da obsessão, onde Jack Aubrey, contra tudo e todos, vai até os confins do mundo para tentar capturar a embarcação francesa, que constantemente escapa das mãos do capitão. Por conta disso, a narrativa explora profundamente o que significa liderar homens em tempos extremos.

Os momentos mais interessantes da história são aqueles internos explorando as discussões da tripulação, problemas na hierarquia, por conta das diferentes classes sociais dentro da embarcação e a própria obsessão do capitão, que é obrigado a tomar decisões de vida e morte. Nessa temática das questões internas, o longa

Mestre dos Mares: O Lado mais Distante do Mundo (2003) - Imagem: Divulgação

lembra bastante um vencedor do Oscar de Melhor filme, *O Grande Motim* (1935), que traz os desafios vividos por uma tripulação quando seu capitão se torna um tirano consumido pelo poder.

Outro quesito legal é que, apesar de mostrar a bravura do capitão Jack Aubrey, o filme traz um retrato verdadeiro das tripulações, não mostrando vilões caricatos ou grandes herois, e sim homens em pressão, que precisam cumprir uma ordem.

E pela presença do médico Stephen Maturin na embarcação, o filme também explora o embate entre a curiosidade científica e os rigores do conflito. Maturin está na missão para cuidar dos feridos, mas também sente curiosidades sobre novas espécies que acabam cruzando no meio do caminho. O que também traz uma carga mais humana para a história, um período de respiro.

Porém, acho que o longa podia ser muito melhor do que ele é, até por ter material para isso, focando mais nas brigas internas da embarcação do que na missão de Aubrey em si. Para ser sincera, esse não é meu tipo de filme, ficando cansada em diversos momentos, principalmente nas batalhas marítimas, que são difíceis de acompanhar por conta da enorme confusão.

E agora falando sobre o cinema independente, temos *Encontros e Desencontros* (2003). Com direção e roteiro de Sofia Coppola, o longa combina melancolia, humor sutil e uma atmosfera contemplativa, enquanto fala sobre

Encontros e Desencontros (2003)- Imagem: MUBI

solidão, conexão e deslocamento. O longa recebeu quatro indicações, levando para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original.

Em Tóquio, Bob Harris (Bill Murray), um ator americano em crise, conhece Charlotte (Scarlett Johansson), uma jovem recém-casada e perdida em sua própria vida. Ambos solitários e deslocados, formam um laço inesperado enquanto exploram a cidade e compartilham seus silêncios e incertezas. Entre hoteis, karaokês e madrugadas insones, nasce uma conexão profunda e efêmera.

Como o próprio título em inglês sugere, Lost in Translation (perdidos na tradução), ambos os personagens se encontram deslocados tanto culturalmente quanto emocionalmente.

Tanto Bob quanto Charlotte se encontram desconectados em suas próprias vidas, o ator em uma crise de meia-idade e a garota em seu casamento, desenvolvendo uma conexão por conta do vazio em suas vidas. Ambos acabam se identificando com a dor um do outro, desenvolvendo um relacionamento cheio de ternura, respeito e cumplicidade, quase um amor platônico.

E muito por conta desse vazio existencial que o filme tem um ritmo mais lento e contemplativo, sendo quase um tédio, cheio de momentos em que “nada acontece” e, ainda assim, tudo acontece. Com isso a história valoriza os

pequenos gestos: um olhar trocado, uma frase sussurrada, o silêncio e uma música tocando ao fundo.

O filme também ganha por conseguir trazer essas questões dos protagonistas de uma maneira de fácil identificação, afinal um dia todos nós nos sentimos perdidos, principalmente nos momentos de mudança de fases. E a jovem Charlotte se encontra no começo de sua vida adulta, pronta para novas experiências e aventuras, porém, por conta do emprego de seu marido, acaba sozinha no hotel. E Bob até queria continuar sua vida como ator, mas provavelmente por conta de sua idade e acomodação, esse sonho já não é mais realidade.

E por conta disso, os dois personagens acabam encontrando um no outro aquilo que falta em suas vidas, desenvolvendo um relacionamento com base em companheirismo e cumplicidade, encontrando a tradução das dores do mundo um no outro.

Admito que antes de assistir eu achava que iria gostar mais do filme, mas ele traz um retrato pessimista, mas verdadeiro, do amor dentro do mundo moderno, muitas vezes rodeado de incertezas e solidão.

Encontros e Desencontros (2003) - Imagem: Divulgação

SOBRE MENINOS E LOBOS.

"Às vezes eu penso... penso que nós três entramos naquele carro..."
Mas o verdadeiro vencedor deveria ser *Sobre Meninos e Lobos*. Dirigido por Clint Eastwood, o longa tem como base o livro homônimo de Dennis Lehane, publicado em 2001, que traz uma história sobre trauma, culpa, masculinidade e justiça. O longa recebeu seis indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Ator (Sean Penn) e Melhor Ator Coadjuvante (Tim Robbins).

O filme acompanha três amigos de infância — Jimmy (Sean Penn), Dave (Tim Robbins) e Sean (Kevin Bacon) — se reencontram tragicamente após o assassinato da filha de Jimmy. Enquanto Sean, agora policial, investiga o crime, Jimmy busca vingança, e Dave, assombrado por um trauma antigo, se torna suspeito.

O filme fala principalmente sobre trauma. Dave é sequestrado quando é menor, e isso molda toda a sua vida. Por conta disso, a história nos traz a sensação de impotência, Dave é levado pelo acaso, sem mais nem menos, e por conta dessa injustiça, passa o resto da vida em sofrimento. Apesar de adulto, o personagem jamais conseguiu escapar emocionalmente do porão onde é levado quando criança.

E muito da perpetuação do trauma vem por conta de uma crença de masculinidade, onde mostrar uma vulnerabilidade é um sinal de fraqueza. Os homens então escondem suas dores e dificuldades, algo que pouco a pouco vai os corrompendo por dentro. Talvez Dave nunca tenha se recuperado de seu trauma por conta disso, querendo parecer forte e inabalável.

O longa é uma grande tragédia, trazendo a ideia de que todo o destino daquele lugar e personagens, teriam sido traçados quando Dave foi sequestrado. De certa forma, também é o acaso que faz a filha de Jimmy ser assassinada, o que o leva a uma jornada de vingança e justiça desenfreada. O personagem não acredita na polícia ou no sistema, assim seguindo como juiz e executor em busca do culpado. Porém seu impulso vingativo corrompe seu desejo por justiça, o levando a tomar decisões precipitadas, perpetuando o ciclo de violência e silêncio vivido na comunidade.

Mas, além do trauma, o filme prende atenção com facilidade por conta da investigação. Acompanhamos duas linhas investigativas: de Sean e de Jimmy, enquanto ambos tentam recriar a noite da morte da filha de Jimmy, juntando as peças ativamente com os protagonistas.

E a atuação dos três protagonistas, por conta de uma narrativa tão pesada e trágica, também impressiona. Tim Robbins dá a vida a um homem quebrado. Sua performance nos comove por sofrermos pela injustiça dentro de seu passado. Já Sean Penn dá vida a um homem que se entrega à escuridão da vida para sobreviver, já corrompido por ela. E Kevin Bacon traz um personagem mais neutro, que analisa o caso sem ser levado pelas emoções mas que ainda é assombrado pelo passado.

O longa é dolorido por trazer uma tragédia contemporânea, nos fazendo refletir sobre o peso do passado, e como carregamos essas cicatrizes e seu impacto no futuro. Um filme duro.

Sobre Meninos e Lobos (2003)- Imagem: Netflix

Menina de Ouro (2004) - Imagem: Divulgação

2005

A edição 77ª do Oscar é marcada por histórias muito reais de grandes pessoas, tanto os longas biográficos quanto os fictícios.

Um dos indicados é o longa *Em Busca da Terra do Nunca* (2004). Com direção de Marc Forster, o filme tem como base a peça *The Man Who Was Peter Pan*, de Allan Knee, de 1998. O longa recebeu sete indicações, levando para casa apenas a estatueta de Melhor Trilha Sonora Original.

O escritor J.M. Barrie (Johnny Depp) encontra inspiração para criar Peter Pan ao conhecer Sylvia (Kate Winslet) e seus filhos, especialmente o sensível Peter (Freddie Highmore). Envolvido emocionalmente com a família, ele mergulha em um mundo de imaginação enquanto lida com críticas e conflitos pessoais. A relação transforma sua arte e sua vida.

O longa fala principalmente sobre a importância da fantasia, imaginação e criatividade para superar a dor, aqui sendo o luto. Durante a narrativa, então, acompanhamos a história real (claro, com algumas liberdades criativas) do J.M. Barrie, criador de Peter Pan, se inspirando em Sylvia Llewelyn Davies e seus quatro filhos para criação de sua peça mais famosa: Peter Pan.

O filme traz cenas que misturam realidade e fantasia, de onde Barrie tira suas inspirações para a peça. Os momentos de fantasia são bem criativos, também sendo onde as crianças falam sobre seus medos e angústias, mas fantasiadas de piratas, índios e cowboys, transformando suas inseguranças em histórias bonitas. Trazendo, assim, a infância como algo transformador.

Tanto as crianças, que sofrem com a perda do pai, quanto Barrie, que tenta superar o fracasso de sua última peça, acabam aprendendo muito uns com os outros, mostrando como para o escritor a família serviu não só de inspiração, mas também como um local seguro para desabafo. Já para as crianças, James não é exatamente um substituto para o pai, mas acaba sendo uma figura masculina de inspiração e admiração, sempre os incentivando para serem livres e criativos.

Acho que o elo mais fraco são as trocas entre James e sua esposa, que se encontram em um momento crucial do seu casamento. Sinto que o filme não faz parecer que aquele casamento era algo bom, sempre evidenciando as diferenças entre os dois. O que prejudica o lado emocional dessa trama da história, já que nem eles se importam com o relacionamento, ou sequer gostavam um do outro, então porque eu deveria?

E ainda sobre isso, acho que parte dessa perda de interesse vem da interpretação de Johnny Depp. Admito que ele não é um dos meus atores favoritos, mas sinto que dentro do filme, até por enfim não interpretar um personagem exótico, o ator traz uma performance muito sem graça, sendo sobressaído por qualquer um dos coadjuvantes.

Mas o que eu fiquei indignada, é o fato de Kate Winslet não ter sido sequer indicada ao Oscar. Assim como para seus filhos dentro do longa, a atriz é uma forte luz e presença para nós espectadores, tanto o é que a grande carga dramática do filme. A personagem de Winslet, juntamente com Freddie Highmore, são os pontos fortes do longa, interpretando uma mãe

Ray (2004)- Imagem: Divulgação

que faz de tudo para seus filhos serem felizes e criativos.

É um filme mais bobinho, mas que ainda carrega uma história bonita sobre o poder transformador da arte. Uma boa história que vale principalmente pelos coadjuvantes.

Também no mesmo ano, outro indicado é a cinebiografia de Ray Charles, *Ray* (2004). O longa tem direção de Taylor Hackford e roteiro de James L. White, baseado em fatos reais, com colaboração do próprio cantor. O filme recebeu seis indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Mixagem de Som e Melhor Ator para Jamie Foxx.

O longa conta a história de Ray Charles (Jamie Foxx), músico genial que superou a cegueira, o racismo e o vício em drogas para se tornar um ícone da música americana. A narrativa acompanha sua infância traumática, a ascensão na indústria musical e os conflitos pessoais intensos.

Olhando com os olhos de hoje, o filme traz tudo que existe de melhor em obras biográficas de cantores. Mas, até por ter sido lançado em 2004, é claro que o Ray que foi o precursor de todos esses clichês. A história é contada com algumas viagens temporais, trazendo flashbacks junto com recortes cronológicos da história de Ray, para tentar cada vez mais explicar quem é o cantor, o que deixa o filme mais dinâmico, prendendo ainda mais a atenção.

Com uma trilha sonora fenomenal, o longa conta sobre a ascensão do musico, que precisa enfrentar não só um racismo estrutural, mas também uma discriminação social por ser cego.

Ray (2004)- Imagem: Prime Vide

Mas apesar disso, o cantor acaba conquistando todos por conta do seu talento indiscutível.

Gosto bastante do fato que o filme é muito honesto em relação a persona Ray, sempre ressaltando seus talentos mas também seus defeitos. Em minha jornada pelos longa indicados ao Oscar, vejo constante obras de artistas revolucionários mas que eram pais ausentes e péssimos maridos. Porém, ao contrário dos outros, sinto que Ray não passa pano para o músico, deixando clara sua complexa e difícil personalidade.

O filme também conta muito sobre a pressão do mundo da fama, vendo isso em duas questões dentro da história: a liberdade artística e o vício nas drogas.

Em relação ao primeiro, o longa mostra como a maioria dos artistas que acabaram revolucionando a indústria da música, tiveram, em algum momento, uma grande briga com seus produtores. E aqui Ray briga principalmente por eles quererem moldá-lo a padrões seguros, enquanto o músico buscava sua identidade criativa. Dentre dos indicados a Melhor Filme, os longas: *O Destino Mudou Sua Vida* (1980) e *Um Completo Desconhecido* (2024), também abordam essas questões, ressaltando a força que esse artistas precisam ter para ir contra as decisões das gravadoras e produtores, assim se mantendo fieis a suas personalidades.

Já as drogas são um vício que acompanha Ray durante praticamente toda sua trajetória, sendo uma válvula de escape para o cantor lidar com

Sideways (2004) - Imagem: Divulgação

seus traumas do passado e a própria pressão da fama e expectativas.

É um filme ótimo que traz a vida de Ray Charles de forma honesta e respeitosa, trazendo grandes performances, principalmente de Jamie Foxx.

E com direção de Alexander Payne, no ano também temos *Sideways: Entre Umas e Outras* (2004), um longa que mistura comédia e drama em uma narrativa agridoce sobre amizade e amor. A obra recebeu cinco indicações, levando para casa a estatueta de Melhor Roteiro Adaptado, sendo baseado no romance homônimo de Rex Pickett.

Miles (Paul Giamatti), um escritor fracassado e apaixonado por vinhos, leva seu amigo Jack (Thomas Haden Church), um ator decadente prestes a se casar, para uma viagem pelas vinícolas da Califórnia. Lá, eles conhecem Maya (Virginia Madsen) e Stephanie (Sandra Oh), e a jornada se transforma em um confronto com desejos, frustrações e escolhas de vida.

A filmografia do diretor conta com obras que tratam sobre crises existenciais, falando principalmente sobre relacionamentos, encerramentos de ciclos, novos começos, amizades e inseguranças. Temas esses que conseguem ser universais, se conectando com diferentes tipos de espectadores. E aqui, o diretor usa o vinho e seus processos complexidade, acidez, tempo, maturação como uma metáfora para a vida dos dois protagonistas.

Durante a viagem pela vinícola, ambos os personagens, principalmente Miles, passam por uma jornada onde conhece novas perspectivas de vida das jovens Maya e Stephanie. A relação que os dois desenvolvem com as garotas também representa um certo amadurecimento tardio, onde, mesmo com seus 40 anos, os dois ainda são pouco desenvolvidos emocionalmente.

Paul Giamatti é o grande destaque do longa, com um personagem tragicômico. Miles não consegue seguir com sua vida, e acaba se encontrando estagnado em seu livro, por viver ressentido com o passado, remoendo os acontecimentos de seu

antigo relacionamento. E durante a viagem, até por conhecer Maya, que tem uma visão mais positiva da vida, começa a se curar do passado.

Os filmes de Payne trazem um olhar agridoce da vida, sempre destacando seus momentos bons e ruins, mas sendo sobretudo um relato muito verdadeiro. Esse não é um dos meus favoritos do diretor, mas foi um longa importante para o cinema independente, reforçando seu espaço dentro do Oscar.

Já dirigido por Martin Scorsese, *O Aviador* (2004) preencheu outra das vagas a Melhor Filme. O roteiro é assinado por John Logan, e tem como base o livro Howard Hughes: The Secret Life de Charles Higham, de Charles Higham, publicado em 1993. O longa recebeu onze indicações e levou para casa cinco estatuetas: Melhor Figurino, Melhor Direção de Arte, Melhor Fotografia, Melhor Edição e Melhor Atriz Coadjuvante para Cate Blanchett.

O Aviador narra a trajetória de Howard Hughes (Leonardo DiCaprio), um dos homens mais ricos e enigmáticos dos EUA no século XX. Herdeiro de uma fortuna, Hughes se destacou como produtor de cinema ousado e inovador, projetista de aviões revolucionários e magnata da aviação comercial. No entanto, por trás de sua genialidade havia um homem cada vez mais atormentado por transtornos obsessivo-compulsivos, paranoia e isolamento.

A história então acompanha três décadas da vida de Hughes, desde os anos 1920, em Hollywood, até os anos 1940, quando desafia o governo americano e a concorrência do setor aéreo, ao mesmo tempo que sua doença se fortalece cada vez mais.

O Aviador (2004)- Imagem: Divulgação

O Aviador (2004)- Imagem: Divulgação

Gosto como o filme conta sobre os bastidores do cinema, e muito disso se dá graças a performance e presença da personagem de Cate Blanchett, Katherine Hepburn. A atriz interpreta uma das grandes lendas do cinema de uma forma impressionante, não apenas imitando mas canalizando sua personalidade e efeito. Katherine é uma mulher forte, independente e muito interessante, que atrai nosso interesse assim como Hughes.

Ao contrário dos outros filmes do diretor, aqui Scorsese se distancia do realismo das ruas do mundo do crime e produz um verdadeiro épico, contando a história de Howard Hughes e suas excentricidades. Parte dessa grandiosidade também vem pelo momento retratado pelo diretor: A Era de Ouro de Hollywood, recriando o glamour da época, mostrando a gravação de seus filmes, festas, suas experiências com aviação e suas batalhas judiciais.

O roteiro então intercala os feitos de Hughes com a evolução da sua doença. Com isso a história fala sobre controle, obsessão, perfeccionismo e loucura, onde o aviador se torna cada vez mais obcecado por seus planos mirabolantes, se perdendo aos poucos dentro de sua própria ambição. E até pelo tom obsessivo do personagem, o filme também segue essa mesma temática, recriando grandes cenários (hangares, festas, sets de filmagem antigos) até seus últimos detalhes, não é atoa que o longa venceu Melhor Direção de Arte.

Leonardo DiCaprio dá vida a um gênio trágico, extremamente brilhante porém condenado a sua doença. Até por seu estado, o personagem clama por controle das coisas ao seu redor, os aviões, as mulheres em sua vida e seus negócios, em uma tentativa desesperada de estabilidade, já que não consegue isso com seu corpo e mente. Porém esse controle o faz perder dentro dos seus próprios rituais e fobias.

O ator traz uma performance comovente e intensa, trazendo um personagem carismático, arrogante e genial, impressionando principalmente na transformação física que seu personagem passa, conseguindo passar a angústia vivida por seu personagem para os espectadores.

O Aviador é um grande épico, servindo tanto uma homenagem ao cinema clássico quanto um estudo sobre obsessão e controle, refletindo sobre como a mente criativa pode se tornar a prisão. Um filme para ser visto e revisto.

O Aviador (2004)- Imagem: Divulgação

Menina de Ouro (2004) - Imagem: Divulgação

MENINA DE OURO.

E dessa vez, o Oscar acertou em cheio. O grande vencedor foi *Menina de Ouro* (2004), dirigido por Clint Eastwood. Com sete indicações, o filme levou para casa quatro estatuetas: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Ator Coadjuvante (Morgan Freeman) e Melhor Atriz (Hilary Swank).

Frankie Dunn (Clint Eastwood) é um treinador de boxe e administra uma academia, o problema é que ele mantém distância de todos, mantendo proximidade apenas com seu ex-pupilo Eddie Dupris (Morgan Freeman), que trabalha como zelador. Tudo muda quando Maggie Fitzgerald (Hilary Swank) vai ao ginásio de Frankie em busca de auxílio no treinamento e os dois criam um vínculo muito forte que inevitavelmente muda suas vidas.

O relacionamento dos dois protagonistas é muito bem construído na trama, já que ambos carregam uma certa dependência, como se fossem pai e filha. O filme consegue sair dos clichês já que Maggie vem de um lar sem harmonia e guarda boas memórias do pai, enquanto Frankie tenta se reaproximar da filha. Assim, os dois se completam e encontram um no outro o carinho que precisam.

A direção de Eastwood também não fica para trás, contemplando os tons dramáticos e uso de sombras e luz de uma forma natural. Além disso, ele ainda conta com ótimas sequências de boxe, conseguindo envolver o espectador, embora o real destaque do filme sejam seus personagens.

O roteiro traz uma história envolvente de superação, nos conectando com a protagonista por sua determinação. O longa fala não só sobre a superação no esporte mas também de traumas, onde Frankie e Maggie vão se abrindo e lidando com os acontecimentos do passado.

Porém, por lembrar tanto outros filmes esportivos, o filme surpreende de maneira chocante, praticamente mudando o gênero do longa, em seu segundo ato, se transformando em um drama moral e existencial, trazendo reflexões éticas e falando sobre honra e dignidade.

A atuação de Hilary Swank é realmente extraordinária, e não é atoa que levou a estatueta de Melhor Atriz. A maneira como sua personagem olha para o personagem de Eastwood, como uma espécie de admiração e agradecimento, consegue transmitir um amor puro e emocionante. A atriz comove com seu entusiasmo e determinação para alcançar seus sonhos e conquistar a aprovação de Frankie.

Já Clint Eastwood, traz um personagem durão mas ainda assim muito vulnerável. Frank é muito real, já que Eastwood não o cria para ser uma pessoa simpática, mas sim um humano real com qualidades e defeitos bem evidentes. O personagem é orgulhoso e bruto, mas mesmo assim faria de tudo por aqueles que se importam. O ator traz uma atuação impecável e minimalista, sendo marcada pela sutileza.

O longa é muito mais do que um drama esportivo, falando sobre a vida, a morte e o livre-arbítrio. *Menina de Ouro* é extremamente envolvente e prende muito a atenção, surpreendendo em seu segundo ato e entregando um filme complexo e instigante.

Crash (2005) - Imagem: Divulgação

2006

Na minha humilde opinião, 2006 foi um ano muito fraco dentro da premiação, com exceção de um filme. Os resultados da 78º foram bem políticos, com a forte influência de campanhas de marketing e lobby.

O grande vencedor da noite foi o longa *Crash - No Limite* (2004). O longa tem direção de Paul Haggis, que também assina o roteiro juntamente com Bobby Moresco, e entrelaça diversas histórias ambientadas em Los Angeles, abordando as complexidades do racismo, preconceito e empatia.

O longa recebeu seis indicações e levou para casa três estatuetas: Melhor Filme, Melhor Edição e Melhor Roteiro Original.

Ao longo de 36 horas em Los Angeles, diferentes personagens — incluindo um detetive (Don Cheadle), um casal negro de classe alta (Thandiwe Newton e Terrence Howard), um policial racista (Matt Dillon) e um persa dono de loja (Shaun Toub) — têm suas vidas cruzadas por situações cotidianas que revelam tensões raciais e morais.

No longa não existem personagens principais, sendo todos eles importantes para a história da mesma forma, o que dá a chance da maioria dos atores brilharem em suas partes. A história traz o clássico estilo de narrativa de mosaico, usado anteriormente por Traffic (2000) e mais tarde por Babel (2006), trazendo encontros acidentais e inevitáveis entre pessoas em uma cidade multicultural, e como essas conexões podem acabar mudando tudo.

Inclusive, um de seus pontos mais marcantes é seu elenco de peso, com nomes como: Don Cheadle, Sandra Bullock, Terrence Howard, e outros. Todos os atores entregam performances sensíveis e emocionantes de personagens que acima de tudo são humanos.

O filme, então, faz questão de ressaltar o preconceito internalizado presente até hoje na sociedade e que estão nas ações corriqueiras, destacando os personagens que em alguns arcos são herois e em outros são vilões.

A história também fala sobre culpa e consequências, onde alguns personagens buscam alguma forma de redenção por suas ações, por não aguentarem o peso da culpa.

Apesar disso, o filme é bem fraco e não inova muito nos aspectos técnicos como fotografia, maquiagem e figurinos. Além disso, ele peca gravemente em seu roteiro que é extremamente raso, forçando certas situações para tirar emoção dos espectadores, e perpetuando diversos estereótipos, em uma tentativa fracassada de ser inovador.

Para mim, o longa fica marcado como um prêmio roubado e nada merecido.

E com direção de George Clooney, outro indicado da noite foi *Boa Noite e Boa Sorte* (2005). A obra é uma recriação dos bastidores do jornalismo televisivo dos anos 1950, quando o apresentador Edward R. Murrow confrontou o senador Joseph McCarthy, destacando o papel ético do jornalismo em tempos de crise.

O longa recebeu seis indicações ao Oscar, incluindo Melhor Direção e Melhor Roteiro Original, mas acabou não levando nenhum.

A história acompanha o embate entre o jornalista Edward R. Murrow (David Strathairn) e o senador Joseph McCarthy durante a era do macarthismo nos Estados Unidos. Determinado a denunciar os abusos de poder na caça aos comunistas, e junto com o produtor Fred Friendly (George Clooney) e sua equipe, Murrow enfrenta pressões políticas, comerciais e até pessoais, enquanto luta para manter a integridade jornalística e alertar a população sobre os perigos do autoritarismo.

É um filme elegante, e a fotografia passa exatamente isso. O longa é filmado em preto e branco, até para remeter ao estilo televisivo de 1950, mas também para passar a sobriedade e tensão do assunto.

O filme é gravado praticamente apenas em espaços internos, como salas de redação, estúdios e escritórios, efetivamente mostrando os bastidores da notícia mas também aumentando a sensação de confinamento e pressão.

A história também preza pelo realismo, tendo um tom meio documental. Isso acaba sendo reforçado pela escolha de George Clooney em usar imagens reais de McCarthy, em vez de escalar um ator para interpretá-lo, o que

Boa Noite e Boa Sorte (2005)- Imagem: MUBI

intensifica a autenticidade, também evitando exageros, criando o drama apenas das situações reais e do contexto histórico da Guerra Fria, um momento de incertezas e paranoias.

Assim, o filme fala muito sobre a importância do jornalismo em momentos de crise, não só para transmitir informações mas também para desmentir outras. O trabalho dos profissionais também é exaltado graças a sua coragem, já que, naquela época (e também hoje em dia), fazer esse tipo de desafio para defender alguém acusado de comunismo podia acabar com a vida, perdendo emprego, confiança e muitas vezes sendo perseguido.

Além disso, esse tipo de "desafio" também tinha implicações financeiras, onde um jornal poderia perder seu patrocínio por conta de pressões políticas de ir contra o que o governo pensa. Mais tarde, também dentro dos indicados a Melhor Filme do Oscar, temos o longa *The Pos*t (2017), que também ressalta as problemáticas financeiras dentro dos jornais que, muitas vezes, acabam se metendo com a divulgação de notícias.

Mas honestamente, achei ele um filme sem graça. Acho que em comparação com as outras obras jornalísticas dentro da seleção do Oscar esse acaba sendo um longa esquecível e pouco marcante.

Já com direção de Steven Spielberg, outro indicado é o longa *Munique* (2006). Inspirado em fatos reais, e também no livro Vingança de George Jonas (1984), o filme trata das consequências do massacre das Olimpíadas de Munique de 1972, tocando em temas como vingança, moralidade, identidade nacional e trauma histórico. A obra recebeu cinco

Boa Noite e Boa Sorte (2005)- Imagem: Divulgação

Munique (2005)- Imagem: Divulgação

indicações, mas não levou nenhuma estatueta para casa.

Após o atentado nas Olimpíadas de Munique de 1972, o agente israelense Avner Kaufman (Eric Bana) é recrutado pelo Mossad para liderar uma operação secreta: eliminar os responsáveis pelo massacre de atletas israelenses. Ao lado de uma equipe que inclui Steve (Daniel Craig), Carl (Ciarán Hinds), Robert (Mathieu Kassovitz) e Hans (Hanns Zischler), Avner embarca em uma missão marcada por dilemas morais, paranoia e culpa crescente.

Parte da minha curiosidade para assistir ao filme veio por conta de uma obra recente, *5 de Setembro* (2024), que conta a história da transmissão do atentado de Munique, acompanhando a ética e os riscos em torno da transmissão. E no longa de Spielberg acompanhamos os acontecimentos seguintes.

O filme acompanha uma grande jornada de investigações, onde acompanhamos esse grupo de recrutas do Mossad viajando por toda a Europa atrás dos responsáveis por Munique. Admito que a investigação em si não me pegou muito, em parte por não conseguir acompanhar direito, muitas pessoas, nomes e lugares. Mas as cenas da equipe agindo e elaborando planos para matar os envolvidos são muito bem feitas, dependendo um pouco do acaso também, fazendo com que a tensão nunca abandone a trama.

Mas, com certeza, o ponto alto do filme é seu embate moral, em que os personagens passam a se questionar se suas ações são certas, lidando

com as mortes ao seu redor, e também temendo pela segurança de suas famílias, enlouquecendo por conta da paranoia. A história traz a reflexão se matar em nome de uma causa nacional é justiça ou apenas mais um ato de violência que perpetua o ciclo.

E gostei muito que ao final o filme conta como essa é uma luta perdida. “Corte uma cabeça e duas nascerão no lugar”. Ele tem um final amargo que fica com você depois de um tempo, evidenciando que o ciclo de violência não tem um fim, principalmente por ser baseado, sobretudo, em motivos religiosos, mostrando como ambos os lados tem sua versão dos fatos e as coisas vão além de herois e vilões. Um filme para revisitar.

Ainda sobre fatos reais, outra vaga para Melhor Filme ficou com o longa *Capote* (2005). A obra tem direção de Bennett Miller, e recebeu cinco indicações, levando para casa a estatueta de Melhor Ator (Philip Seymour Hoffman). O filme tem como base o livro Capote (1988), de Gerald Clarke e, de certa forma, A Sangue Frio (1965), obra-prima de Truman Capote.

O longa acompanha o escritor Truman Capote (Philip Seymour Hoffman), que, ao investigar o brutal assassinato de uma família no Kansas em 1959, começa a escrever sua obra-prima A Sangue Frio. Acompanhado por sua amiga Harper Lee (Catherine Keener), Capote se envolve emocionalmente com um dos assassinos, Perry Smith (Clifton Collins Jr.). À medida que mergulha no caso, ele se vê dividido entre a compaixão e a ambição literária.

Talvez até mais que todos os *Homens do Presidente* (1976), A Sangue Frio é uma das

Capote (2005)- Imagem: Divulgação

obras mais citadas durante o curso de jornalismo. Acho que é praticamente impossível terminar a graduação e não saber quem foi Truman Capote, suas contribuições para o jornalismo literário e a discussão ética que engloba sua obra.

A história do longa, entretanto, não é sobre o crime em si, e sim sobre o impacto emocional, moral e psicológico que o processo de criação teve sobre Capote. Durante a história, o escritor desenvolve uma relação complexa com um dos assassinos, Perry Smith, tanto é que o humaniza dentro do livro, o que desperta questões profundas sobre manipulação emocional, empatia e exploração artística.

Capote é um homem complexo, que estava determinado a completar sua obra. A ideia dele não era apenas escrever um livro sobre o caso, e sim fazer uma verdadeira obra-prima. Seu livro é quente e pulsante, escrito de forma parcial e apresentando todos seus personagens de maneira humana, o que traz sentimentos ambíguos para os leitores.

O longa então explora como seu contato com os assassinos e envolvimento com a história acabou o corrompendo, afinal o escritor demorou seis anos para finalizar a história, só conseguindo quando o destino dos assassinos foi definido, destino este que marcou a vida do autor completamente já que nunca mais finalizou um livro. E para que o livro fosse finalizado, Capote

Capote (2005)- Imagem: Divulgação

Capote (2005)- Imagem: Divulgação

sacrifica sua integridade e empatia, torcendo pela morte dos acusados, mesmo desenvolvendo uma conexão com um deles.

E como comentei, o filme traz discussões éticas como jornalistas. Ao longo da história, Capote é confidente e manipulador, ouvindo Perry, cuidando dele, mas também usa suas confissões mais íntimas para tornar sua obra mais impactante, de certa forma se aproveitando do "personagem". O longa com isso traz questionamentos sobre o que é certo e errado, também refletindo se o relacionamento entre Capote e Perry foi algum dia real, porém ele em nenhum momento dá essas respostas.

O grande destaque é Phillip Seymour Hoffman. O ator é o destaque em praticamente todo filme que faz, sempre trazendo personagens que, por mais que muitas vezes coadjuvantes, sempre roubam a cena por conta de suas peculiaridades, e aqui não é diferente. Hoffman entrega uma performance assustadora, de fato se transformando em Capote, desde a voz do escritor até os gestos calculados e sua personalidade ambígua.

Capote é muito mais que um filme jornalístico, trazendo um estudo de um personagem complexo: Truman Capote. De certa forma, o longa traz a famosa dúvida: o quão longe estamos dispostos a ir pela arte?

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN.

Mas é meio absurdo o fato de que o ganhador desse ano não foi *O Segredo de Brokeback Mountain* (2005). A Academia não estava pronta para uma obra-prima. O filme tem direção de Ang Lee e recebeu oito indicações, levando para casa três estatuetas: Melhor Trilha Sonora Original, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Direção.

Na década de 1960, os caubois Ennis Del Mar (Heath Ledger) e Jack Twist (Jake Gyllenhaal) se conhecem durante um trabalho de pastoreio nas montanhas de Brokeback, no Wyoming. Lá, nasce uma conexão profunda e uma paixão arrebatadora. Incapazes de assumir seu amor em uma sociedade repressora, eles seguem caminhos diferentes, mas continuam a se reencontrar por anos, vivendo um romance marcado por distância, culpa, repressão e desejo impossível.

O filme é dolorido em todos os sentidos possíveis, sendo muito mais do que um romance proibido. Esse é um daqueles filmes que fala muito durante as ausências e os silêncios e também nas grandiosas paisagens. E esses silêncios também carregam o peso da vergonha e da negação. A vastidão das montanhas, que gera essa sensação de liberdade, contrasta com o confinamento emocional dos protagonistas, sendo o único lugar de liberdade.

O longa traz um romance intenso e inegável. Ennis e Jack tentam ficar longe um do outro e negar seus desejos, mas a paixão que sentem um pelo outro é muito maior, sendo quase puxados sempre de volta para a companhia um do outro, como um imã, mostrando o amor entre os dois quase algo primitivo e inevitável.

E Heath Ledger e Jake Gyllenhaal interpretam muito bem essa paixão. Ambos os personagens tentam seguir em frente, até seguem uma vida cotidiana com casamentos, filhos e trabalhos, vivendo em automático, até a chegada de um postal de Jack na casa de Ennis.

O filme fala principalmente sobre o conceito de heterosexualidade compulsória. Os homens, Ennis, principalmente, foram criados para reprimir todas as emoções, fragilidades e afetos que poderiam sentir. E essa dureza acaba contrastando com o desejo que sente, o que o torna trágico e comovente. Ambos os homens negam fortemente que não são gays, por essa crença de uma masculinidade tóxica, mas também pelo forte preconceito da época, e por conta disso acabam sacrificando seu amor e felicidade. O trágico da história é o seu tempo perdido e no não admitido e dito.

Para além de produzir um filme com uma história LGBT em um período onde esse protagonismo ainda era escasso, o longa ainda é ousado trazendo dois grandes e conhecidos atores de Hollywood para interpretar esses dois protagonistas, e também por trazer esses personagens como cowboys, um dos grandes ícones de masculinidade do cinema estadunidense.

Para além de uma história comovente e envolvente, *O Segredo de Brokeback Mountain* é um dos filmes mais importantes do cinema contemporâneo, não só por seu impacto cultural, mas por marcar a virada no modo como histórias LGBTQIA+ foram tratadas pelo cinema.

O Segredo de Brokeback Mountain (2005)- Imagem: Divulgação

Os Infiltrados (2006)- Imagem: Divulgação

2007

A edição 79ª do Oscar se torna marcante pela presença de filmes de grandes diretores como Clint Eastwood, Martin Scorsese e Alejandro González Iñárritu.

Começando com o meu menos favorito do ano, o longa *Babel* (2006) de Iñárritu. O filme é o último capítulo da chamada Trilogia da Morte do diretor, que inclui também *Amores Brutos* (2000) e *21 Gramas* (2003), e foi produzido com um elenco internacional e filmado em diversos países. Com sete indicações, o filme levou para casa apenas uma delas: Melhor Trilha Sonora Original.

Quando um tiro acidental atinge a turista americana Susan (Cate Blanchett) no Marrocos, seu marido Richard (Brad Pitt) tenta desesperadamente salvá-la, desencadeando uma cadeia de eventos que conecta pessoas em três continentes. No México, a babá Amelia (Adriana Barraza) enfrenta dificuldades ao atravessar a fronteira com os filhos do casal. Enquanto isso, em Tóquio, a jovem surda-muda Chieko (Rinko Kikuchi) lida com a dor da perda e o isolamento.

Esse é um filme bem intenso, assim como os outros da filmografia do diretor, e parte disso é intensificada na direção, já que quase todo o filme, até mesmo as cenas de direção, foi filmado com uma câmera na mão. Essa sensação também vem pela temática do longa: armas e pecados, onde todos aqueles que possuem uma arma tem que pagar algum tipo de punição.

O longa também traz uma crítica ao mundo globalizado onde, embora tenham muito avanços, as pessoas se encontram cada vez mais isoladas e emocionalmente distantes, dificilmente conseguindo se colocar no lugar do outro e constantemente usando seus preconceitos como barreiras de segurança.

E o filme vai ainda além, mostrando uma desconexão dentro da própria casa, onde por conta de diferentes sofrimentos, pais e filhos ou maridos e esposas não se entendem. E, ao trazer essa questão, a obra mostra que a barreira linguística vai muito além da diferença cultural, onde mesmo falando a mesma língua, os personagens se perdem em seus silêncios, traumas e intenções não ditas.

Gostei bastante da ideia de conectar várias histórias e personagens ao longo do mundo com uma arma, assim por consequência, também ligando diversas tragédias. Para além do rifle, que conecta as narrativas, as histórias também têm em comum a falta de compreensão, dificuldades de comunicação e o preconceito. E aqui dentro da história, por trazer narrativas em diversos pontos do mundo, o longa força o espectador a ver além do preconceito e dos estereótipos.

Porém apesar disso, sinto que o filme se perde dentro da sua própria intensidade, com momentos desnecessários feitos unicamente para chocar, o que me incomodou profundamente, além de tirar o impacto e realismo da história. Entretanto, por ser intenso, o filme dá espaço para grandes atuações, onde o elenco inteiro impressiona principalmente por trazer personagens humanos, transmitindo com facilidade seus sentimentos e angústias.

Cartas de Iwo Jima (2006) - Imagem: Divulgação

Já dirigido por Clint Eastwood, outro indicado é *Cartas de Iwo Jima* (2006), onde acompanhamos a história da Batalha de Iwo Jima a partir do ponto de vista dos japoneses, tendo como base cartas reais encontradas após a guerra. O longa recebeu quatro indicações e levou para casa uma delas: Melhor Edição de Som.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o General Tadamichi Kuribayashi (Ken Watanabe) lidera a defesa da ilha de Iwo Jima contra as forças americanas. Ao lado de soldados como Saigo (Kazunari Ninomiya), um simples padeiro alistado à força, ele enfrenta não só o inimigo externo, mas também os dilemas morais e o peso da obediência cega.

Clint Eastwood é um diretor que sempre tenta se reinventar, e aqui o cineasta muda as perspectivas comuns da Segunda Guerra Mundial mostrando a visão dos japoneses e fazendo isso de forma humana, se afastando de estereótipos preconceituosos. Tanto é que o filme é inteiro falado em japonês, algo não tão comum para obras hollywoodianas, além de um elenco majoritariamente japonês.

O longa, então, revela os medos, sacrifícios, crenças e a humanidade de homens que lutavam por um país em ruínas.

Cartas de Iwo Jima, de certa forma, serve de complemento para outro filme de Eastwood: A Conquista da Honra (2006), que conta sobre a mesma batalha porém da perspectiva dos americanos, trazendo muito sobre o heroísmo. Já no indicado ao Oscar, a trama é muito mais dolorosa mostrando homens que foram arrastados e obrigados a lutar em uma guerra, que ainda precisavam cumprir certos sacrifícios, e seguirem uma obediência cega, que eles nem sempre acreditavam. E por conta disso, o longa traz uma fotografia desbotada, evidenciando o peso da guerra.

E uma das coisas mais legais, além de humanizar o “inimigo” norte-americano, é mostrar a questão de honra versus sobrevivência, pegando os conhecidos ideais do exército japonês, mas colocando eles na realidade, onde os soldados nem sempre estavam prontos para se sacrificar

pela pátria, até por serem forçados.
É um filme muito empático, obrigando os espectadores a se colocarem no lugar um do outro ao mesmo tempo que desconstroi a ideia de “bons e maus”. O longa não romantiza a guerra, até por trazer combates bem crus e brutais, e não traz as ações dentro da narrativa como heroicas, mostrando como todos sofreram durante esse período, independente da bandeira.

Honestamente esse não é meu estilo de filme, mas sai muito satisfeita da história por conta da crítica.

Agora viajando para a Inglaterra no final dos anos 1990, temos o longa *A Rainha* (2006). Com direção de Stephen Frears, o longa recebeu seis indicações, levando para casa a estatueta de Melhor Atriz para Helen Mirren.

Após a morte da princesa Diana em 1997, a Rainha Elizabeth II (Helen Mirren) enfrenta uma crise sem precedentes quando o público exige uma resposta emocional da monarquia, enquanto o recém-eleito Primeiro-Ministro Tony Blair (Michael Sheen) tenta mediar a situação. Isolada em Balmoral, a rainha precisa equilibrar tradição e mudança.

Senti que o filme tenta em muitos momentos permanecer em cima do muro, em alguns momentos ele ressalta aquilo que todos pensam, principalmente na relação de Diana com a família real. Porém, em outros, ele tenta defendê-los como coitados ou até os retrata como bonzinhos, como o personagem de Charles que é mostrado como um coitado.

Cartas de Iwo Jima (2005)- Imagem: Divulgação

A Rainha (2006)- Imagem: Divulgação

Mas uma das coisas mais interessantes é a forma como ele mostra a importância da mídia e do próprio povo em momentos históricos e, principalmente, as exigências emocionais do povo.

A morte de Diana impactou o país inteiro, que passou a exigir alguma fala de Elizabeth sobre o evento. Seu silêncio dá a liberdade da mídia criar conspirações, muitas delas aceitas pelo público, assim perdendo sua autoridade e gerando revoltas. Além disso, por trazer o ponto de vista do primeiro-ministro Tony Blair, a narrativa mostra os bastidores de uma crise política e as formas como elas são lidadas.

Com isso também, o filme mostra o embate entre a tradição e a modernidade, onde a família real preza pela privacidade e Blair traz uma postura mais midiática e sintonizada com a opinião pública. Essa questão acaba representando bem o choque entre as estruturas institucionais conservadoras e as novas expectativas sociais, que exigem mudanças. E por passar em um período de poucos dias, o filme consegue manter uma sensação de urgência por uma ação.

Essa "privacidade" pedida pela família real também me lembrou um pouco o filme *Zona de Interesse* (2023), em que os membros da realeza, após a morte de Diana voltam a viver suas vidas normalmente. Elizabeth e Phillip, principalmente, vivem como se fosse mais um dia normal, enquanto o país clama por algum pronunciamento, por estarem sofrendo de luto pela princesa.

Em relação às atuações, sem dúvidas os mais interessantes são Helen Mirren e Michael Sheen. Mirren dá a vida a uma Elizabeth complexa e

séria, conseguindo trazer muito dos sentimentos controversos da Rainha apenas com suas expressões, impressionando principalmente nas cenas mais silenciosas. Já Tony Blair é um personagem que dá muito valor ao povo, entendendo suas novas necessidades, ao final do longa fiquei com vontade de ver mais sobre a equipe e participação dele.

O final, ele é um filme que parece o começo de algo que seria desenvolvido depois, então acaba gerando uma insatisfação. É uma história interessante por se passar em um curto espaço de tempo e retratar um dos mais marcantes momentos passados pela família real, mas não se destaca pra mim como indicado ao Oscar ou como filme sobre a história da Inglaterra. Sinto que *Ana dos Mil Dias* (1969) ou *Elizabeth* (1998) tem muito mais personalidade.

O próximo indicado é um que me questionei muito se daria ou não a estatueta. Apesar de não premiá-lo, sinto que é um filme que merece destaque. *Little Miss Sunshine* (2006) tem direção de Jonathan Dayton e Valerie Faris e é uma comédia ácida e gostosa de assistir, explorando temas da vida contemporânea. O longa recebeu quatro indicações e levou para casa duas estatuetas: Melhor Ator Coadjuvante (Alan Arkin) e Melhor Roteiro Original.

A jovem e excêntrica Olive Hoover (Abigail Breslin) sonha em se tornar uma vencedora de concursos de beleza. Quando surge a chance de participar do concurso "Little Miss Sunshine", sua família decide apoiá-la, embarcando juntos em uma longa viagem. Na jornada, o grupo — que inclui o pai fracassado (Greg Kinnear), a mãe sobrecarregada (Toni Collette), o tio suicida (Steve Carell), o avô desbocado (Alan Arkin) e

A Rainha (2006)- Imagem: Divulgação

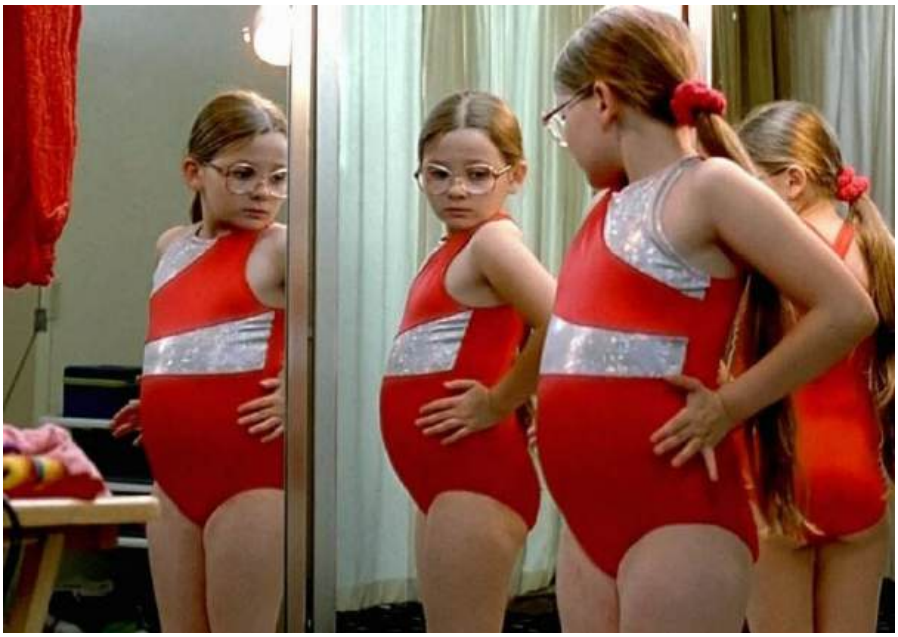
o irmão que fez voto de silêncio (Paul Dano) — enfrenta uma série de imprevistos que testam os limites do amor, da paciência e do sonho americano.Acho que o filme é muito sincero, trazendo personagens quebrados mas de fácil identificação, que acabam nos conquistando, principalmente pelas suas excentricidades.

O longa traz uma crítica aos padrões, não só de beleza, até por trazer um concurso de beleza, mas também o que a maioria das obras e narrativas apresentam como família. Aqui vemos um grupo disfuncional, cheio de questões e problemas, mas que tem um apoio e união extremamente raro.

Esse é um perfeito exemplo de comfort movie, conseguindo nos divertir, emocionar e trazer bonitas reflexões sobre a vida. O longa traz uma ideia diferente sobre o sucesso, mostrando e ressaltando que o fracasso faz parte da vida, sendo alguns dos seus momentos mais importantes e causando transformações.

Todos os personagens são interessantes e tragicômicos a sua maneira, trazendo situações hilárias envolvendo suas condições, mas também trazendo diversos medos e inseguranças da vida comum. E todos os atores interpretam com muita veracidade seus papeis. Mas o coração do filme é a performance de Abigail Breslin, não é atoa que ela recebeu uma indicação na categoria de Melhor Atriz Coadjuvante.

Muito carismática, Olive rapidamente conquista nossa empatia graças ao seu jeito único. Embora a garota tenha suas inseguranças, ela consegue inspirar para conseguir superar seus medos, não ficando presa a isso igual os adultos à sua volta. A performance de Abigail Breslin é muito convincente e nos conquista principalmente no seu relacionamento com seu avô (Alan Arkin).



Little Miss Sunshine (2006)- Imagem: Divulgação

É um longa com um gosto agridoce trazendo um equilíbrio perfeito entre a comédia e o drama. O longa se tornou uma das mais marcantes obras do cinema independente, impactando por mostrar que, às vezes, apenas cruzar a linha de chegada, mesmo com falhas, já é uma forma de vitória.

Little Miss Sunshine (2006)- Imagem: Divulgação

Os Infiltrados (2006)- Imagem: Divulgação

OS INFILTRADOS.

E o grande vencedor da noite, no fim, era o verdadeiro merecedor. Jamais conseguiria tirar o único Oscar de Martin Scorsese. O filme foi inspirado em uma produção de Hong Kong, chamada *Conflitos Internos* (2002), aqui sendo centralizado entre a guerra entre a polícia e o crime organizado de Boston. O longa recebeu cinco indicações, levando para casa quatro estatuetas: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Edição.

O filme acompanha a história de dois agentes duplos: Billy Costigan (Leonardo DiCaprio), que trabalha como infiltrado da polícia no grupo mafioso de Frank Costello (Jack Nicholson), e Colin Sullivan (Matt Damon), um infiltrado de Costello na polícia. Ambos sentem angústia da vida dupla e passam a correr perigo quando a polícia e máfia descobrem que há um espião entre eles.

O filme traz uma direção menos estilizada do que as outras obras de Scorsese, mas ainda assim conta com um ritmo acelerado e montagem nervosa referenciando a paranoia e suspense.

O roteiro tem uma ótima fluidez, apresentando diversas reviravoltas e personagens muito complexos e interessantes. A história traz muito sobre a fragilidade das relações, onde elas são constantemente desafiadas por mentiras, segredos e alianças instáveis. Além disso, a narrativa evidencia que o sistema policial também opera com traições e infiltrações, assim como o mundo do crime, sugerindo que a linha entre bem e mal é turva. Além de ressaltar que não existem herois, e até os “bons” cometem erros.

E o longa consegue aumentar sua tensão e senso de perigos por mostrar ambos os lados: tanto as motivações dos personagens, como as investigações para descobrir quem são os infiltrados, fazendo com que os público possa torcer para qualquer um dos lados.

Uma das principais características do longa está no seu elenco forte. Como em todos os seus trabalhos, os três atores principais entregam performances incríveis e cativantes. Leonardo DiCaprio traz um personagem intenso e amargo que, mesmo com um passado traumático, tem vontade de se tornar policial. DiCaprio consegue transmitir a raiva de seu personagem e o tormento que o passado causou.

Para Matt Damon, o papel lhe caiu como uma luva, ele realmente encarna a postura de policial novato. O ator entrega uma performance de um homem ambicioso e arrogante que consegue tudo na vida, mas ao mesmo tempo acaba ficando dividido entre seu trabalho e seu carinho profundo por Frank. Sua relação com Costello também é bem interessante, já que é apenas nesses momentos que Sullivan fica inseguro.

Já Jack Nicholson, que interpreta o vilão da trama, representa o poder. Frank já não precisa do dinheiro que faz ilegalmente, porém não consegue largar esse poder que tem. O ator entrega uma performance divertida e intimidadora, e às vezes beira a insanidade encorpando o gangster.

Os Infiltrados é um daqueles longas que não tem como dar errado, com ótima direção, grandes atuações e trilha sonora marcante.

Onde os Fracos Não Têm Vez (2007) - Imagem: Letterboxd

2008

Sinto que o ano de 2008 viaja por diversos gêneros, trazendo filmes leves e divertidos e também aqueles mais pesados e intensos. Um dos indicados do ano é *Michael Clayton* (2007), particularmente achei o mais fraco da seleção, que tem direção e roteiro de Tony Gilroy. O longa recebeu sete indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante para Tilda Swinton.

Michael Clayton (George Clooney) é um advogado especializado em "limpar a bagunça" dos clientes de um poderoso escritório de advocacia. Quando seu colega Arthur Edens (Tom Wilkinson) sofre um colapso enquanto trabalha em um processo contra uma gigante agroquímica, Michael se vê envolvido em uma trama de corrupção e decisões morais difíceis.

Esse filme me despertou uma nostalgia muito específica, principalmente por sua estética. Quando era pequena às vezes dormia na casa da minha avó e por consequência "assistia" (entre aspas porque era muito pequena então nunca entendia completamente a história) alguns filmes que passavam tarde da noite nos canais abertos, e todos, sem exceção, tinham essa mesma atmosfera. Então fiquei feliz pela nostalgia.

O filme, então, tem uma atmosfera baixa, com uma fotografia escura e mais azulada, trazendo uma história com muita tensão, ambiguidade moral e muito influenciado pelos thrillers dos anos 1970, como *Todos os Homens do Presidente* (1976). A tensão se cria muito com os diálogos dentro da história, os silêncios e os olhares. A tensão entre o certo e o conveniente

E bom, por ter esse clima, a todo o momento da narrativa esperamos que toda a situação vai crescer se tornando uma grande conspiração, mas infelizmente ele apenas se mantém no básico. Acho que a história sofre também por revelar grande parte das questões dentro da história muito cedo, não deixando o filme instigante.

O longa também lembra muito a história contada em *Erin Brockovich* (2000), mas sem o bom humor, até por ambos acompanharem advogados e uma crise agroquímica. Ambos, também, trazem um retrato sombrio do sistema jurídico corporativo, expondo como grandes empresas priorizam o lucro acima da vida humana.

A advogada Karen Crowder (Tilda Swinton) é o exemplo perfeito das pessoas desse meio. Fria e desesperada, a advogada toma decisões extremas para proteger a imagem e os interesses financeiros da empresa, inclusive orquestrando crimes, mostra como a ética, dentro dessas instituições, é tratada como um obstáculo, e não como algo inegociável.

O filme também é extremamente pautado em cima da moral e o peso da culpa. O personagem Arthur Edens (Tom Wilkinson), quem começa a história, sofre isso, entrando em colapso após conhecer a verdade e depois disso não conseguir mais ignorá-la.

Michael Clayton sofre um pouco disso, o personagem tem um tom meio detetive de filme noir, sendo apresentado como um homem cansado, ético, mas profundamente comprometido com um sistema que ele mesmo

Michael Clayton (2007)- Imagem: Prime Video

sabe estar quebrado. E aqui dentro da história, o protagonista passa por um dilema pessoal, que se encontra em crise financeira e pessoal, precisando decidir entre continuar acobertando a injustiça ou enfrentar tudo e todos. Porém o filme também mostra como o "bem" às vezes é um caminho solitário, ao final não mostrando Michael Clayton cheio de glórias, apenas aliviado de saber que alguém, mesmo tarde, fez a coisa certa.

Apesar de tudo isso, não consegui me conectar com a história. Para ser sincera, acho que esse não é meu tipo de filme. Hoje pensando, trocaria a indicação de Michael Clayton por *Zodíaco* (2007) de David Fincher, uma obra mais marcante e instigante.

Agora viajando para a Inglaterra em 1935, outro indicado é *Desejo e Reparação* (2007). Dirigido por Joe Wright, o filme tem como base o romance de Ian McEwan, publicado em 2002. O longa recebeu sete indicações e levou uma para casa: Melhor Trilha Sonora Original.

Na Inglaterra de 1935, a jovem Briony Tallis (Saoirse Ronan), aspirante a escritora, interpreta mal uma relação entre sua irmã mais velha, Cecilia (Keira Knightley), e o filho da governanta, Robbie Turner (James McAvoy). Sua falsa acusação muda para sempre o destino dos três. Em meio à Segunda Guerra Mundial, Briony (Romola Garai / Vanessa Redgrave) passa a vida tentando reparar o erro, enquanto amor, culpa e arrependimento se entrelaçam de forma trágica.

O filme tem como uma das suas principais temáticas a importância das narrativas, a culpa e as consequências, muitas vezes, irreversíveis de nossas ações. A história toda é gerada pela

imaginação fertil e infantil de Briony, que tem 13 anos e deseja ser escritora, que transforma um momento inocente (a troca de cartas e o encontro íntimo de Cecília e Robbie) em uma narrativa equivocada, interpretação essa que acaba gerando tragédias reais. Apesar de ter sentido muita raiva da personagem quando assisti ao filme, sinto que essa é uma daquelas histórias extremamente trágicas, afinal não é possível atrelar a culpa completamente a ninguém. Mesmo tendo feito algo terrível, Briony era uma criança.

De certa forma, essa ideia de narrativa, também traz questionamentos relacionados à memória e a passagem do tempo, algo evidenciado também pela montagem do filme, que nada mais é do que uma recriação de Briony, evidenciando ainda mais a fragilidade da verdade e da forma como escolhemos contá-la, destacando a responsabilidade que temos sobre as histórias que contamos.

Já a culpa e o "reparo" vem do arco de Briony, que é motivado completamente por esses sentimentos. Após os eventos a garota passa a vida toda tentando consertar seus erros e se redimir pelo que fez. A história então se questiona se é possível realmente se redimir de um erro que destruiu duas vidas. A narrativa mostra que nem sempre o arrependimento vem a tempo de mudar os fatos. Um filme sobre a impossibilidade de voltar no tempo, mesmo com as mais nobres intenções.

O longa também conta um pouco sobre a dureza da guerra. O amor de Cecília e Robbie não é interrompido somente pela mentira de Briony, mas também pela crueldade da guerra. Em determinado momento da história, Robbie

Desejo e Reparação (2007)- Imagem: Divulgação

acaba sendo convocado para lutar e cada um dos momentos do personagem se torna mais dolorido ainda, mostrando de forma crua a realidade da guerra.

Mas pra mim, esse é um filme que eu não quero assistir novamente, foi sofrido demais pela primeira vez acompanhar a trágica história de Cecília e Robbie e eu não quero passar por isso novamente.

E com um tom bem mais leve, outro indicado do ano foi o longa *Juno* (2007). O longa tem direção de Jason Reitman e recebeu quatro indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original.

Juno MacGuff (Elliot Page), uma adolescente espirituosa e sarcástica, engravida após uma relação casual com seu amigo Paulie Bleeker (Michael Cera). Em vez de abortar, ela decide entregar o bebê para adoção e encontra um casal aparentemente ideal, Vanessa (Jennifer Garner) e Mark (Jason Bateman). Mas, conforme a gravidez avança, Juno amadurece e começa a entender o que significa responsabilidade, descobrindo mais sobre si mesma, sobre o amor e sobre os adultos ao seu redor.

O longa é um coming-of-age diferente, usando a gravidez inesperada da adolescente como um evento de passagem da juventude para a vida adulta. Ao longo da história, conforme a gravidez avança, Juno precisa cada vez mais tomar decisões difíceis, passando por um

Juno (2007)- Imagem: Divulgação

Juno (2007) - Imagem: Divulgação

amadurecimento, principalmente internamente, quando passa a entender que crescer não significa perder a identidade, mas ganhar novas camadas de entendimento e visões sobre o mundo.

O longa também funciona muito bem dentro do gênero por Juno ser uma personagem tão interessante. A garota é autêntica e tem um gosto musical alternativo, opiniões fortes e uma maneira peculiar de enxergar a vida, dessa forma, a narrativa a retrata como mais do que uma apenas "uma adolescente grávida", mas como uma personagem real, o que também acaba gerando uma identificação para os espectadores.

Uma das coisas que eu mais gosto em Juno é a leveza da narrativa que os personagens ao redor da protagonista trazem. Depois de tantos filmes sobre desgraça e sofrimento, me dá um certo alívio ver uma história onde grande parte dos personagens são pessoas responsáveis e com noção.

Principalmente por mostrar uma ideia diferente de família mas que ainda sim é muito amorosa. A de Juno é disfuncional, morando com seu pai (J.K. Simmons) e madrasta (Allison Janney), mas muito apoiadora, ressaltando de uma forma bonita a maneira como eles lidam com a gravidez de Juno. Já o casal que pretende adotar o bebê (Vanessa e Mark) aparenta estabilidade, mas esconde conflitos profundos. Assim, ao longo da história, a garota aprende que família é muito mais do que apenas aparências e que nem sempre o "modelo ideal" é o mais verdadeiro.

A questão da família também é fortemente abordada na decisão de Juno a respeito do bebê, em que sua escolha não impacta mais somente ela. A decisão tomada pela personagem, então, traz questionamentos sobre o que é ser mãe, pai e família. O interessante é que Juno acaba aprendendo muito com Vanessa, que mesmo sem ter filhos, já é uma mãe por natureza, ensinando a Juno sobre esse amor diferente.

Gosto bastante de Juno. É um filme que constantemente me recordo com carinho e que tenho vontade de assistir novamente. Um

coming-of-age diferente, invadindo ao trazer o amadurecimento dentro da adolescência e durante uma gravidez, que ainda conta com cenas divertidas e bonitas.

Mas voltando para as narrativas mais dramáticas, *Sangue Negro* (2007) de Paul Thomas Anderson preencheu outra vaga dos indicados a Melhor Filme. A obra tem roteiro escrito também pelo cineasta e é inspirado livremente no romance Oil! (1927), de Upton Sinclair, em principal tocando em temas como: ambição, ganância, religião, capitalismo e a solidão existencial.

O longa recebeu oito indicações ao Oscar e levou para casa duas estatuetas: Melhor Fotografia e Melhor Ator para Daniel Day-Lewis, sua segunda vitória dentro da categoria.

No início do século XX, o ambicioso Daniel Plainview (Daniel Day-Lewis) constrói um império do petróleo com base em manipulação e ganância. Ao lado do filho adotivo H.W. (Dillon Freasier), ele enfrenta o jovem pregador Eli Sunday (Paul Dano), iniciando uma batalha entre fé e capital. Conforme sua riqueza cresce, Daniel mergulha cada vez mais na solidão e na destruição moral.

Aqui o personagem de Daniel é quase a personificação do capitalismo, seu desejo de domínio, lucro e poder é quase um vício, disposto a ultrapassar diversas barreiras, físicas e morais, para conseguir o que quer. Porém essa é uma história trágica, mostrando o preço do poder e do dinheiro.

Sangue Negro (2008)- Imagem: Divulgação

Conforme avançamos na narrativa Daniel vai se tornando cada vez mais consumido por sua ganância, se tornando paranoico e não conseguindo mais confiar ou se conectar com ninguém, e, por consequência, se isolando por todos, evidenciando a solidão desse caminho.

Sempre me impressiona o quanto o Paul Dano é subestimado dentro do Oscar. Por anos, ele entrega diversas performances extremamente diferentes entre si, mas ainda assim, extremamente impactantes. E aqui não é diferente. Claro, muito se fala sobre o Daniel Day-Lewis, que é um show a parte, mas acho que minha parte favorita é a performance de Dano.

Aqui o ator interpreta um jovem padre que apesar de parecer inocente, tem os mesmos objetivos que Daniel. Eli é ambicioso, manipulador, performático e sedento por autoridade religiosa, usando a fé como ferramenta de dominação. Seu personagem mostra a religião como poder institucional, entrando em embate com o capitalismo, mas sendo igualmente corruptível.

E os embates entre Daniel e Eli representam essa luta da religião versus o capital, onde ambos querem dominar a mesma terra e as mesmas pessoas. Nenhum é realmente "bom", ambos são manipuladores e destruídos por dentro.

Intenso e pesado, *Sangue Negro* foi responsável por consolidar Paul Thomas Anderson como um dos grandes autores do cinema moderno e confirmar, mais uma vez, Daniel Day-Lewis como um dos grandes atores de sua geração. A história fala sobre a ganância e crítica também o sonho americano, em que a promessa de sucesso e riqueza pode custar a alma.

Sangue Negro (2008)- Imagem: Divulgação

ONDE OS FRACOS NÃO TÊM VEZ.

Tá, talvez nos anos 2000 a Academia mais acerta do que erra...O grande vencedor da noite foi o longa *Onde os Fracos Não Têm Vez* (2007), dirigido e roteirizado por Ethan e Joel Coen, inspirado no romance homônimo de Cormac McCarthy, publicado em 2005. O longa recebeu oito indicações e levou para casa quatro estatuetas: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator Coadjuvante (Javier Bardem).

Llewelyn Moss (Josh Brolin), enquanto caçava, encontrou uma possível cena de venda de drogas onde os envolvidos se encontram mortos. Enquanto observa, ele encontra uma mala de dinheiro e resolve levá-la consigo. Porém, Moss passa a ser perseguido por Chigurh (Javier Bardem), um frio e soberbo assassino.

Desde a era de filmes de faroeste de Clint Eastwood, o heroi tem se desprendido do arquétipo de bom-moço, se tornado cada vez mais humano, com uma moral duvidosa e certo sarcasmo. E nesse filme, não é diferente. Não há mais lugar para os herois e, assim como a moral, a ambiguidade toma conta.

O roteiro traz muito sobre o acaso. Claro, o protagonista é moralmente questionável, o que torna de fácil identificação, mas no fim dia, ele apenas estava apenas no lugar e na hora errada.

O acaso também aparece no grande vilão do filme Chigurh, inclusive decidindo o destino de algumas vítimas com o lançamento de uma moeda. O personagem representa o mal absoluto, impessoal e aleatório, muitas vezes aparecendo inesperadamente, como a morte.

A performance excepcional de Javier Bardem impressiona a cada cena do personagem, sendo um dos mais marcantes vilões do cinema. O ator construiu um psicopata com um claro desprezo à vida humana, tornando a ação de matar tão natural quanto a respiração. Chigurh, mesmo sendo um assassino, age e dialoga com as vítimas de forma calma, cruel e quase que metódica, seguindo um ritual.

Outro personagem importante para a trama é o xerife Ed Tom Bell (Tommy Lee Jones), que forma o terceiro ponto de vista da trama. Bell tenta entender a escalada de violência do caso, representando a moral tradicional que, por conta da sobrevivência e a academia, acaba sendo ultrapassada pelo presente. O personagem de Lee Jones representa a esperança e, de certa forma, traz à trama mais próxima da realidade por sua perspectiva, já que ele não conhece aquelas pessoas que estão indo atrás, também funcionando como um narrador filosófico da história.

A direção se utiliza da paisagem do deserto para expressar solidão, tensão e angústia, e também trazer a ideia da decadência moral. A trilha sonora é praticamente ausente e se aproveitando dos sons ao redor, como os passos e respirações ofegantes dos atores, o que aumenta a sensação de tensão, suspense e desconforto.

Onde os Fracos Não Têm Vez traz a sensação de impotência diante do caos, acompanhando um homem tentando sobreviver em um mundo violento e impiedoso. Com um faroeste moderno e mais próximo da nossa realidade, ele é um dos mais inesquecíveis filmes a ganhar a premiação.

Onde os Fracos Não Têm Vez (2007)- Imagem: Divulgação

Quem quer ser um Milionário? (2008)- Imagem: Divulgação

2009

O ano de 2009 dentro do Oscar foi de certa forma marcado pelo esnobe de *Batman: O Cavaleiro das Trevas* (2008). Particularmente sou muito fã do filme, arrisco dizer até que é meu filme de heroi favorito, porém aparentemente a Academia não compartilhava essa mesma ideia, e por isso o filme ficou de fora. Mas apesar disso sinto que temos histórias interessantes aqui.

Um dos indicados é o filme *O Leitor* (2008). Dirigido por Stephen Daldry, o longa recebeu cinco indicações e venceu uma delas: Melhor Atriz, dando o primeiro e único Oscar a Kate Winslet. A obra tem como base o romance homônimo de Bernhard Schlink, publicado em 1995, e é muito provocativo, o filme toca em temas como culpa, memória e o legado do Holocausto.

Na Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial, o adolescente Michael Berg (David Kross) inicia um intenso e secreto relacionamento com Hanna Schmitz (Kate Winslet), uma mulher mais velha e enigmática. Anos depois, já estudante de Direito, ele a reencontra no banco dos réus, sendo julgada por crimes cometidos durante o Holocausto, revelando segredos sombrios sobre seu passado.

Se existe uma definição de filme de drama estilo Oscar, sinto que *O Leitor* cumpre todos os requisitos, uma obra de época, falando sobre questões da Segunda Guerra, com um romance intenso envolvendo a Kate Winslet e uma fotografia amarelada. É um filme perfeito para ser indicado ao Oscar.

A história então fala principalmente sobre a moral humana e a culpa, um sentimento que pairava sobre diversos alemães no pós-Segunda Guerra. O protagonista Michael representa uma juventude que tenta lidar com os horrores cometidos durante a guerra por figuras como seus pais e seus mentores. E mais tarde, o garoto, agora já adulto, enfrenta mais um dilema moral pensando no seu relacionamento com Hanna, o carinho que tem por ela e os crimes que ela permitiu serem cometidos.

A história, então, é uma uma reflexão tardia de Michael sobre tudo que aconteceu durante sua juventude, em principal tudo que ele viveu com Hanna. Com isso, o filme questiona o que significa perdoar, lembrar, esquecer e como essas ações moldam a identidade das pessoas e países.

Já Hanna representa um tipo de culpa diferente, já que fez parte do sistema e assim precisou cometer crimes terríveis, tentando sobreviver. Apesar disso, o que é interessante é que o filme em nenhum momento tira a responsabilidade de Hanna, a culpando principalmente por não ter feito nada, evidenciando a omissão como um crime tão grave quanto. Acho que aqui também é fácil pensar no longa Zona de Interesse (2023), que apesar de trazer personagens abertamente nazistas, fala principalmente sobre uma geração de alemães que ao se deparar com o terror da guerra não fizeram nada, não querendo comprometer seu conforto e comodidade.

A personagem Hanna é séria, mais reclusa e esconde um segredo: ela é analfabeta e tem vergonha disso. Essa vergonha é algo que molda sua vida e suas decisões profundamente, trazendo

um questionamento se a vergonha pessoal é mais poderosa do que o senso de justiça.

E bom, até pelo título do filme, a literatura tem um papel muito importante dentro da trama, sendo o que primeiro conecta Hanna e Michael. A leitura, tanto literal quanto simbólica, aparece como um ato de reconstrução e conexão, sendo uma questão importante dentro do relacionamento do casal, em que tentam entender os acontecimentos do passado, suas questões internas e o que tudo significa.

Mas honestamente, para mim, ele é um filme que quase "chega lá" em todos os assuntos que quer abordar, mas infelizmente não conseguiu me agradar e sair de um lugar comum. Acho que ele demora muito tempo para fazer o ponto que ele quer trazer e isso acabou me tirando da história em diversos momentos.

E ainda sobre justiça e culpa, outro dos indicados é *Frost/Nixon* (2008). Baseado em um dos momentos mais marcantes do jornalismo norte americano, o longa acompanha os bastidores de uma famosa entrevista televisiva entre o apresentador britânico David Frost e o ex-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, anos após o escândalo de Watergate.

O filme tem direção de Ron Howard e roteirizado por Peter Morgan, baseado na peça teatral homônima escrita pelo próprio Morgan. O longa recebeu cinco indicações mas acabou não levando nenhuma para casa.

O Leitor (2008)- Imagem: Divulgação

Três anos após renunciar à presidência por conta do escândalo de Watergate, Richard Nixon (Frank Langella) aceita conceder uma entrevista exclusiva ao apresentador britânico David Frost (Michael Sheen), esperando controlar a narrativa e limpar sua imagem. Frost, visto como um jornalista de entretenimento, surpreende ao desafiar Nixon em um confronto verbal intenso e revelador. O filme retrata os bastidores dessa batalha midiática, marcada por tensão política, jogos de poder e um momento histórico de admissão pública.

Antes de assistir devo admitir que a sinopse não me cativou, mas felizmente o longa foi uma surpresa positiva. Como jornalista devo dizer que gostei muito desse lado do filme, conseguindo me prender com facilidade. As entrevistas realizadas por Frost são mais um embate intelectual do que uma entrevista por assim dizer em que o ex-presidente tenta deixar o apresentador nervoso, assim escapando de dar respostas às acusações e o britânico tenta pegar Nixon no pulo, para assumir suas responsabilidades como presidente.

E até por ser uma opção de redenção para ambos os personagens, já que Nixon via a entrevista como uma forma de limpar sua reputação e Frost uma maneira de alavancar sua carreira, as entrevistas são recheadas de tensão. Os dois homens entram em jogo tenso de manipulação, controle e vulnerabilidade, transformando as entrevistas em verdadeiros duelos verbais, evidenciando assim o poder da linguagem e da comunicação na formação da memória histórica, afinal se você contar uma mentira várias vezes ela acaba se tornando verdade, e esse era o plano do ex-presidente, mudar a narrativa pública e se redimir.

Frost/Nixon (2008)- Imagem: Divulgação

Frost/Nixon (2008)- Imagem: Divulgação

Com isso o filme fala muito sobre comunicação e o próprio papel da imprensa em responsabilizar líderes políticos e grandes magnatas, e o poder que as narrativas tem, algo que é possível relacionar a diversos eventos recentes. O longa também traz reflexões sobre como figuras públicas tentam moldar sua imagem após graves escândalos se questionando se um pedido de desculpas é sincero ou apenas uma estratégia.

É legal analisar que dentro do Oscar temos a história de Watergate praticamente completa, com filmes como *The Post* (2017), que conta sobre a história do jornal Washington Post pouco antes dos eventos, *Todos os Homens do Presidente* (1976), que mostram as investigações realizadas, todos os diversos filmes sobre a Guerra do Vietnã, que de certa forma também contam essa história, e por fim, Frost/Nixon, que garante uma conclusão.

Quando assisti lembro de ficar incomodada com a forma como Nixon é representado, sendo praticamente um "vôzão", o que me fez questionar se isso talvez não seria uma forma do filme de romantizar a figura do ex-presidente. Porém, olhando agora, sinto que essa caracterização foi feita justamente para mostrar que ele não é um grande vilão caricato e sim um homem normal, mostrando que as decisões tomadas por ele nem sempre são tomadas por algum grande vilão, o que traz a história para uma realidade mais próxima.

Agora indo para a ficção, outro indicado é O *Curioso Caso de Benjamin Button* (2008). Com direção de David Fincher, o filme recebeu treze indicações, meu Deus, e levou para casa três delas: Melhor Direção de Arte, Melhor Maquiagem e Melhor Efeitos Visuais.

O Curioso Caso de Benjamin Button (2008)- Imagem: Divulgação

O longa acompanha Benjamin Button (Brad Pitt), um homem que envelhece ao contrário. Button nasceu velho, doente e a porta da morte, e conforme os anos passam ele vai se tornando jovem, embora sua mentalidade acompanhe o ciclo normal da vida.

Baseando-se em um conto de F. Scott Fitzgerald, o filme é um dos mais diferentes da carreira de David Fincher que, embora convincente, traz uma narrativa que foge da realidade expostas em outras obras do diretor. Mas ainda assim, a obra toca em temas universais como o amor, morte, juventude, inocência e, principalmente, o tempo e o aproveitamento dele.

Um dos destaques do longa são os efeitos visuais que ajudam muito na imersão e aceitação da trama, tanto é que o filme faturou a estatueta de Melhores Efeitos Visuais. Assim como Spielberg e Nolan, Fincher faz uso de efeitos especiais e práticos para trazer mais realismo. Na trama a produção envelhece Brad Pitt, de fato fazendo-o parecer um senhor em seu leito de morte, e depois o rejuvenescendo-o enquanto envelhece os demais personagens.

O roteiro escrito por Eric Roth, o mesmo que escreveu *Forrest Gump*, o que também justifica as similaridades entre os dois, acompanhado as aventuras da vida de Benjamin Button, traz uma história muito engajante com a quantidade perfeita de humor, drama e aventura. Além disso, o roteiro ainda traz uma belíssima e muito bem desenvolvida história de amor entre Benjamin e Daisy (Cate Blanchett), um

O Curioso Caso de Benjamin Button (2008)- Imagem: Divulgação

o longa ainda conta com a trilha sonora do maravilhoso Alexander Desplat, que complementa a narrativa com perfeição.

Em relação às atuações, Brad Pitt impressiona em um drama, saindo do seu estereótipo de galã e trazendo um personagem que cada vez mais entende sua condição. Melancólico mas, ainda assim, interessado em viver. Por conta dos efeitos especiais é bem interessante ver um mesmo ator interpretando o mesmo personagem desde a infância até a velhice, o que dá a chance de Pitt se conectar e desenvolver melhor o personagem.

dos pontos altos do filme. É através desse relacionamento nada convencional, visto que ela envelhece e ele fica mais jovem, que o filme traz reflexões sobre a problemática de Button e o aproveitamento do tempo.

O filme, ainda, traz uma breve contextualização sobre diversos eventos marcantes da história, passando desde os anos 1920 até os dias de hoje. Por conta disso, um dos destaques da obra é sua ambientação com figurinos, maquiagens e cenários maravilhosos realmente levando o espectador para dentro da narrativa. Uma coisa interessante sobre o figurino é como as roupas acompanham não só as décadas mas também o crescimento do personagem trazendo pequenos detalhes que fazem sentido com a questão de Button. A fotografia também segue o mesmo padrão, se naturalizando por completo quando chega nos dias de hoje, e fazendo referência aos sentimentos dos personagens. E para emocionar,

Cate Blanchett também impressiona com uma personagem muito real, bem independente e com muitas indecisões.

Criativo e emocionante, David Fincher impressiona mais uma vez com um filme que embora saia do óbvio, ainda consegue com facilidade se conectar com o público por conta de suas temáticas universais, sobretudo falando sobre a vida.

E a cota da cinebiografia ficou com o longa *Milk – A Voz da Igualdade* (2008) de Gus Van Sant. O filme traz a história Harvey Milk (Sean

Penn), o primeiro homem assumidamente gay a ser eleito para um cargo público importante nos Estados Unidos.

O filme não conta apenas sobre a história de Harvey Milk, evidenciando uma luta coletiva pelos direitos civis do movimento LGBTQIA+ durante os anos 1970. As ações de Milk são fortemente influenciadas pelos movimentos de resistencia negros que também ganham força neste periodo. Assim, o longa se passa durante um momento de necessidade de ação, movidos pelas injustiças sofridas pelas minorias.

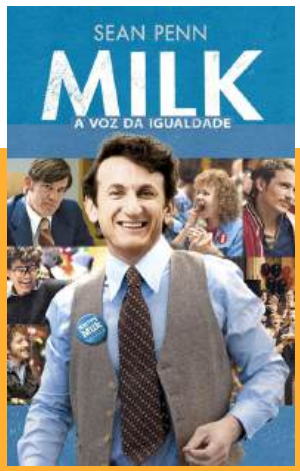
A candidatura de Milk vem então dessa necessidade, evidenciando a importância da representatividade, principalmente dentro da política. O personagem então sacrifica sua vida, especialmente a amorosa, para se tornar uma figura importante para a comunidade, servindo de porta-voz do movimento. Também achei interessante que o filme traz os dois lados da moeda, mostrando o quão perigoso é o jogo que Milk entra, algo que vemos principalmente no personagem Scott Smith, que se afasta de Milk e da política pelo medo de mais retaliação.

A história do ativista também mostra a política como uma ferramenta da mudança. Conhecemos Harvey Milk como um tímido comerciante que, movido pela insatisfação do tratamento que ele seus amigos recebiam, resolveu integrar na política. longa ressalta a importância organização, estratégia política, diálogo com diferentes grupos e uso da mídia. Mas, sempre deixa claro como a luta de Milk feita de maneira coletiva, já que ele mobilizou pessoas comuns a se juntar pela causa.

E mesmo sendo lançado em 2009, o filme traz temas que ecoam fortemente nos dias de hoje como a crescente do conservadorismo e sua relação com a religião. Na história vemos diversos políticos usando da religião como uma ferramenta de manipulação e propagação de ódio, usando disso para fazer o público ter medo do desconhecido.

A história acaba se tornando ainda mais assustadora pelo filme usar gravações reais de discursos de políticos da época, aterrorizando por lembrar que a história não é de ficção, e sim de eventos reais. Além disso, a cena final em que temos o assassinato de Milk é fria e brutal, se aproximando da realidade.

Milk tem um final triste mas traz uma mensagem bonita de esperança, ressaltando a união e a resistência.



Milk (2008)
Dir: Gus Van Sant

O longa recebeu oito indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Roteiro Original eMelhor Ator (Sean Penn), o que tornou o Penn o nono ator a ganhar dois Oscars de Melhor Ator na história.

QUEM QUER SER UM MILIONÁRIO?

E dessa vez o Oscar acertou. O verdadeiro vencedor dessa edição deveria ter sido *Quem Quer Ser Um Milionário?* (2008), filme que de fato levou a estatueta de Melhor Filme para casa.

Dirigido por Danny Boyle e co-dirigido na Índia por Loveleen Tandan, o longa recebeu dez indicações e levou para casa oito delas, incluindo nas categorias de: Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Direção.

O filme acompanha Jamal Malik (Dev Patel) que participa do programa televisivo "Quem quer ser um milionário?". Porém ele é acusado de trapaça e é preso pela polícia onde passa a ser interrogado. O longa então conta a história da vida de Jamal desde sua infância até o ponto que é interrogado, evidenciando suas motivações e mostrando como o jovem sabe as respostas.

A história então, começa por meio de flashbacks Jamal criança (Ayush Mahesh Khedekar) e seu irmão Salim (Azharuddin Mohammed Ismail), que acabam sozinhos no mundo e acabam aprendendo a se virar na rua. No meio de uma de suas aventuras eles conhecem Latika (Rubina Ali) por quem Jamal desenvolve um grande carinho.

O diretor aposta em muitas cenas externas que mostram a realidade de Bombaim (Mumbai), a maior cidade da Índia, não enganando com paisagens bonitas, mas mostrando a realidade da pobreza e violência que vem com uma cidade grande, denúncia diversas situações muito presentes dentro da Índia como o tráfico de crianças, a corrupção policial, o turismo sexual, e as gangues que exploram menores.

O roteiro do filme é pautado em cima do destino, dando a entender que tudo dentro da vida de Jamal foi programado para ele vencer o programa. Ainda assim, o longa não é sobre o jogo ou o dinheiro, e sim sobre a história do personagem e seu romance com Latika, por quem se apaixona perdidamente.

A história é divertida e de fácil identificação, com diálogos rápidos e contos muito interessantes da vida de Jamal recheados de aventuras e perigos, evidenciando como que suas experiências de vida são seu verdadeiro trunfo.

Além disso, o filme prende com facilidade do começo até o fim, muito por conta do estilo do filme, com um ritmo por vezes caótico, com momentos vibrantes e câmera na mão, o que não deixa a narrativa cansativa.

O longa também presta homenagens aos filmes de Bollywood, com uma fotografia super viva e colorida que também ajudam a prender a atenção do espectador já que é bem vibrante, estimulante e cativante.

A fotografia também impressiona por acompanhar a vida de Jamal. Em sua infância, são usadas cores mais quentes e vivas que vão escurecendo e sendo tomadas por sombras conforme a narrativa segue.

E claro, as atuações do longa se destacam. Mesmo sendo 3 atores diferentes interpretando os mesmos personagens, todos os atores carregam as mesmas características e questões vividas por eles, convencendo com facilidade.

Quem quer ser um Milionário? (2008)- Imagem: Divulgação

Quem quer ser um Milionário? (2008)- Imagem: Divulgação

Quem quer ser um Milionário? (2008)- Imagem: Divulgação

Jamal é o personagem mais interessante e o que mais gera identificação. Ele é determinado, sonhador e apaixonado, e disposto a mover montanhas para ajudar Latika. Dev Patel, que vive a versão do presente do personagem, entrega uma performance maravilhosa, simpática e muito convincente, que faz com que o espectador sempre torça pelo personagem.

Já Madhur Mittal, Azharuddin Mohammed Ismail e Ashutosh Lobo Gajiwala, interpretam Salim e carregam o mesmo olhar impetuoso junto com a impulsividade do personagem em todas suas versões.

E Rubiana Ali, Tanvi Ganesh Lonkar e Freida Pinto, que interpretam a apaixonante e sofrida Latika. A personagem é a que mais muda dentro da narrativa mas ainda consegue cativar e surpreender o público cada vez que aparece.

Quem Quer Ser Um Milionário? é um filme emocionante que prende a atenção com uma história muito interessante falando sobre o amor, a superação e os sonhos.

ANOS 2010.

A indústria cinematográfica começou a se movimentar, como streaming, muitos produtores passaram a fazer filmes diretamente para essas plataformas, sem exibição nos cinemas. A Netflix é quem mais recebe atenção, produzindo longas com grandes diretores como Alfonso Cuarón, Martin Scorsese e Noah Baumbach, que inclusive estiveram presentes na categoria de Melhor Filme: *Roma* (2018), *O Irlandês* (2019) e *História de um Casamento* (2019). E por conta disso, as salas de cinema passaram a disputar espaço com o sofá de casa, o que ocasionou algumas mudanças na forma de fazer cinema.

Sinto que a década de 2010 foi bem dividida, com espaço grande para filmes blockbusters, com o nascimento concreto da grande saga do Universo Cinematográfico da Marvel ou o renascimento de Star Wars com uma nova trilogia, mas também com um lugar para longas mais introspectivos e humanos como *Her* (2013) ou até *Boyhood* (2014), apesar de sua proposta ambiciosa.

E mesmo com o mainstream se tornando cada vez mais padronizado, o cinema autoral ainda estava em crescimento, com novos e diferentes cineastas em ascensão como: Jordan Peele com *Corra!* (2017), Greta Gerwig com *Lady Bird* (2017) e Yorgos Lanthimos com *O Lagosta* (2015), que também passaram a atrair a atenção da Academia a cada novo filme. Os diretores deram vida para histórias diferentes, contadas por pessoas diferentes, sobre vidas que não costumavam estar no centro da tela.

E também com isso a representatividade ganhou ainda mais foco nas discussões, principalmente no Oscar de 2015 com a campanha #OscarsSoWhite, que denunciava a falta de diversidade dentre os indicados. E até por conta disso filmes como *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016), *Corra!*, *Infiltrado na Klan* (2018), ganhando mais destaque dentro e fora da premiação.

E também, até pela crescente de blockbusters, a nostalgia seguiu como um forte motor, seja nos remakes live-action da Disney, nas sequências de filmes antigos, ou na volta de sagas como *Mad Max* (2015), *Jurassic Park*, agora *Jurassic World* (2015), e *Blade Runner* (2017). O cinema dos anos 2010 viveu entre o novo e o já conhecido.

La La Land (2016)- Imagem: Divulgação

Guerra ao Terror (2009)- Imagem: Divulgação

2010

Enfim chegamos em 2010, o ano em que foram abertas mais vagas para os indicados a Melhor Filme, passando de cinco longas para até dez.

Apesar de ser algo novo, não é a primeira vez que Academia abre espaço para mais filmes receberem a indicação na categoria principal, algo que já foi feito em 1934 e 1935, em que 12 obras foram contempladas e em 1943, ano em que *Casablanca* (1942) faturou o Oscar, o último ano a incluir mais de cinco filmes na disputa. Segundo o presidente da Academia da época, Sid Ganis, a decisão veio para dar espaço para outros filmes, até pelo descontentamento público do fato de *Batman: O Cavaleiro das Trevas* não ter recebido uma indicação na edição anterior, podendo assim enfim garantir a presença de longas internacionais, animações e até comédias, algo que tipicamente não são bem cotadas no Oscar.

E vou dizer que mesmo sendo o primeiro ano da mudança, acho que conseguiram fazer uma seleção bem diversa.

O grande vencedor da noite foi o longa *Guerra ao Terror* (2008), de Kathryn Bigelow. O filme recebeu nove indicações e levou para casa seis prêmios: Melhor Direção, Melhor Roteiro Original, Melhor Edição de Som, Melhor Edição, Melhor Mixagem de Som e, claro, Melhor Filme.

A história acompanha um esquadrão antibombas do exército americano em missão no Iraque. Entretanto, por conta de um erro um dos integrantes acaba morrendo. Por isso, em seu lugar é enviado o Sargento William James (Jeremy Renner), que é muito sangue-frio e arrogante, o que incomoda os outros membros da equipe, principalmente o Sargento JT Sanborn (Anthony Mackie).

Além de ser a primeira mulher a levar o Oscar de Melhor Direção, Bigelow é uma das primeiras a retratar os conflitos do Oriente Médio, até dentro da premiação. O filme não apela para discursos patrióticos e foca bastante no dia a dia dos soldados e seus conflitos internos de forma realista e crua. A diretora mostra não só a guerra que estava acontecendo, mas também foca bastante no estado que o ser humano se encontra no meio de toda aquela violência. Nesse sentido acho que é fácil relacionar o tipo de narrativa com outras obras indicadas ao Oscar de Melhor Filme que retrata a Guerra do Vietnã, que também traziam esse aspecto cru como *Franco Atirador* (1978), *Apocalypse Now* (1979) ou *Platoon* (1986).

Por se tratar de um esquadrão antibombas, a narrativa carrega uma atmosfera de tensão quase por completo, sendo movido pela adrenalina, mas não exatamente grandes batalhas e tiroteios, apresentando seus personagens como "trabalhadores" e não grandes guerreiros. Ao mostrar o cotidiano dos soldados, também evidencia a incerteza, o medo e a espera, fugindo do glamour muitas vezes evidenciados no gênero.

Em alguns momentos, a diretora usa a câmera no estilo de documentário, fazendo parte do esquadrão. De certa forma, isso funcionou em alguns momentos, porém me incomodou em outros, já que muitas vezes os movimentos e posições da câmera, não condizem com a cena

do filme, e em muitos momentos tranquilos a câmera balançava bastante, como se fosse uma cena de caos.

A questão da adrenalina é ressaltada pelo personagem de Renner, que de certa forma é viciado nisso. O sargento é corajoso, impetuoso e por vezes imprevisível, colocando a sua vida e a de seus colegas em risco. Com o personagem de Renner, Bigelow evidencia a mensagem do filme de que "a guerra é uma droga", visto que o próprio sargento não vê sentido em sua vida se não estiver trabalhando.

Honestamente me doi dizer isso, até por ser a primeira mulher a vencer o Oscar de Melhor Direção, mas eu não gostei do filme. Senti que a história tem muitos momentos muito parados e arrastados que complicam o ritmo da obra e acabaram me desconectando da história. Além disso, apesar de desenvolver completamente o personagem de Renner, que é o mais complexo, os outros acabam ficando unidimensionais e desinteressantes.

Mesmo com a vitória histórica de Kathryn Bigelow e de mostrar um ponto de vista diferente dos soldados, Guerra ao Terror é, na minha opinião, um dos mais decepcionantes vencedores de Melhor Filme.

Agora voltando para o drama, um dos indicados do ano é o filme *Um Sonho Possível* (2009). O longa tem direção de John Lee Hancock, e traz a história do livro The Blind Side: Evolution of a Game, de Michael Lewis, publicado em 2006,

Guerra ao Terror (2009). Imagem: Divulgação

Um Sonho Possível (2009)- Imagem: Divulgação

que por sua vez conta a "história real", vocês já vão entender essas aspas, do jogador de futebol americano Michael Oher.O filme recebeu duas indicações e levou para casa uma estatueta: Melhor Atriz para Sandra Bullock.

A história acompanha Michael Oher (Quinton Aaron), um adolescente negro e sem-teto de origem humilde, vê sua vida mudar quando é acolhido por Leigh Anne Tuohy (Sandra Bullock) e sua família. Com o apoio deles, ele desenvolve seu potencial acadêmico e esportivo, tornando-se uma promessa do futebol americano. Enquanto enfrenta desafios pessoais e sociais, Michael descobre o poder da educação, do afeto e das segundas chances, em uma história real sobre superação, empatia e transformação.

O filme conta principalmente sobre como as dificuldades enfrentadas por Michael não são culpa dele e sim consequências da desigualdade social e racial dentro dos Estados Unidos.
Na história, o garoto praticamente vive no automático, pensando somente em sobreviver, até conhecer a família Tuohy que abre mais possibilidades para ele.

Com isso o filme ressalta a importância da educação e como isso abre portas para diversas oportunidades, aqui principalmente rompendo ciclos de exclusão. E também, evidencia o poder transformador da empatia, do cuidado e da inclusão já que, para além de sua relação com Michael, a família Tuohy é mostrada como bem sucedida e extremamente unida, passado essa mensagem da importância do apoio.

Um Sonho Possível (2009)- Imagem: Prime Video

O filme tem um ritmo que engaja, muito por sofrermos e simpatizamos com a história de Michael, e por trazer uma narrativa centrada na superação e inspiração, conseguindo nos prender com facilidade. Porém, apesar disso, achei o filme extremamente raso e simplista.

A começar pelo protagonista do filme, a história é de Michael, porém dentro do longa ele não é o protagonista, e sim Leigh Anne Tuohy, tanto é que Sandra Bullock recebeu a indicação na categoria de Melhor Atriz e não Atriz Coadjuvante. Ao invés de contar como Michael rompeu os ciclos que estava preso e se ascendeu como um grande jogador de futebol, o filme apresenta ele como um personagem sem ambições e vontades, que basicamente é empurrado por Leigh Anne. Assim, a história deixa de ser sobre ele e passa ser uma exaltação das ações e atitudes da família Tuohy, em principal a mãe, fazendo o filme cair no conto do "White Savior", retratando a família como grandes herois salvadores.

Não só isso, mas pesquisando brevemente sobre o longa é possível notar algumas inconsistências dentro da história, em principal sobre o ponto de vista de Michael Oher, que já veio a público dizer que a história dentro do filme é falsa e que a família Tuohy nunca o adotou. E bom honestamente sabendo disso tudo a obra fica bem amarga.

Honestamente, eu sinto que ele é um filme que sabe muito bem o que está fazendo, ele sabe conquistar e sabe que técnicas usar para atingir isso, tanto é que se tornou uma obra extremamente popular. Mas hoje em dia não dá pra assistir ele sem se incomodar com essas coisas.

Ainda sobre histórias de superação, outro indicado é o longa *Preciosa - Uma História de Esperança* (2009). Sinto que em comparação com Um Sonho Possível, a obra consegue mostrar de uma forma muito mais verdadeira e delicada a história de sua protagonista, que também vive em uma situação marginalizada. O filme tem como base o livro Push, escrito por Sapphire, publicado em 1996.

O filme tem direção de Lee Daniels e recebeu seis indicações, levando duas estatuetas para casa: Melhor Atriz Coadjuvante (Mo'Nique) e Melhor Roteiro Adaptado para Geoffrey Fletcher, que inclusive se tornou o primeiro afro-americano a ganhar um Oscar de Melhor Roteiro (Original ou Adaptado).

Nos anos 1980, o filme acompanha Claireece "Precious" Jones (Gabourey Sidibe), uma adolescente de 16 anos analfabeta, obesa, negra e grávida do segundo filho, ambos fruto de abuso sexual cometido por seu pai. Ela vive com a mãe, Mary (papel marcante de Mo'Nique), uma mulher extremamente abusiva, que a humilha física e psicologicamente todos os dias. Sua vida muda quando é transferida para uma escola alternativa, conhece a professora Sra. Rain (Paula Patton), que a ajuda a aprender a ler e a escrever, e começa a reconstruir sua identidade e autoestima.

Eu não esperava o quão triste o filme seria, em parte por estar esperando uma história mais amenizada como em Um Sonho Possível. Aqui somos apresentados a realidade sofrida de Precious, algo mostrado de forma extremamente brutal e chocante, mas que infelizmente não deixa de ser um retrato de tantas pessoas. É um filme difícil de assistir, não pelo técnico

Precious (2009)- Imagem: Divulgação

do filme, e sim por sua narrativa, mostrando as dificuldades da protagonista, e devo admitir que teve uma hora que eu simplesmente não aguentava mais a protagonista sofrendo. É definitivamente um filme que não suaviza a violência.

O filme acaba tendo um caráter inspirador, já que mesmo com toda a brutalidade, Precious é resiliente. Ela imagina mundos alternativos, sonha com fama, amor e dignidade, muito também para escapar da própria triste realidade, o que a ajuda a sobreviver. Acho que ele machuca principalmente já que as coisas que acontecem com Precious nunca são consequências de suas ações, passando uma sensação de imponência, em que ela se vê presa dentro de um ciclo de violências e injustiças.

De certa forma é um filme que mostra a importância da educação e bons educadores, afinal a vida de Precious só mudou quando teve acesso a isso, conseguindo refletir sobre a própria vida e enfim criar coragem para fazer algo a respeito. A educação aqui também vai além de apenas aulas de matemática e história, sendo importante para Precious se encontrar dentro do mundo, achar uma rede de apoio e ainda se ver como alguém que importa e sendo a protagonista de sua própria história.

Acho que é possível argumentar que o filme se alimenta de estereótipos de sofrimento de pessoas negras para comover o público branco, como o filme *Ficção Americana* (2023), também indicado ao Oscar de Melhor Filme, conta.

Precious (2009)- Imagem: Divulgação

Um Homem Sério (2009)- Imagem: Divulgação

Mas acho que aqui essa discussão é um pouco mais longa e complexa, já que o filme sobretudo traz um retrato que sabemos ser verdadeiro, e também foi responsável por abrir espaço para novas narrativas no cinema norte-americano, principalmente histórias protagonizadas por mulheres negras.

É uma história muito dolorida, em que a sua maneira acaba tendo um final "feliz" com uma quebra do ciclo de violência, acompanhando Precious enfim acreditando em seu futuro mesmo com as marcas do passado. Mas pra ser sincera, não acho que é uma história que eu quero assistir novamente, foi dolorido demais.

Outro indicado foi o filme *Um Homem Sério* (2009). O longa tem direção, produção e roteiro dos irmãos Coen (Ethan Coen e Joel Coen), e foi indicado a duas estatuetas: Melhor Filme e Melhor Roteiro Original, mas acabou não levando nenhuma para casa.

Com seu característico humor ácido, o filme é um dos mais pessoais da carreira dos irmãos, trazendo fortes inspirações em suas próprias experiências de infância em uma comunidade judaica nos anos 1960.

A trama segue Larry Gopnik (Michael Stuhlbarg), um professor de física cuja vida pessoal e profissional começa a ruir. Abandonado pela esposa, ignorado pelos filhos e pressionado no trabalho, ele busca respostas na religião, mas encontra apenas silêncio e ambiguidade — levantando questões sobre fé, sofrimento e o sentido da existência.

Apesar de trazer a religião como algo central dentro da história e da vida dos personagens, o filme consegue ser mais universal, falando principalmente sobre a existência e suas crises.

A religião é mostrada como uma fonte de conforto, mas não necessariamente uma estrutura com todas as respostas ou melhor, muitas vezes trazendo respostas evasivas, algo que frustra o protagonista.

Um Homem Sério (2009)- I ideo

A ideia principal da história é justamente que muitas vezes as coisas não tem um porquê, e o sofrimento em si apenas acontece. Essa questão é exposta na busca de Larry por um sentido maior para o que está passando: Sua esposa quer deixá-lo por outro homem, seus filhos o ignoram, seu irmão vive no sofá da sala com problemas psiquiátricos, e sua carreira acadêmica está ameaçada por cartas anônimas e chantagens, porém ao buscar por Deus por respostas, ele não recebe um retorno claro, se questionando do que tudo significa.

Assim, o filme fala sobre a aleatoriedade do Universo, em que acaso e o destino colidem o tempo todo, não sendo regido por uma motivação em si.

O filme fala sobre imponência, e sentimos isso na pele. Dentro da história Larry representa o homem comum, racional e gentil, que tenta agir certo, mas se vê esmagado por forças que não consegue controlar ou compreender. E claro, muitas dessas "forças" são representadas pelas situações absurdas criadas pelos irmãos Coen, como em seus outros filmes.

Mas para ser sincera, eu não consegui me engajar com a história e me desconectei em diversos momentos. Achei ele um filme meio estranho e depois que terminei de assistir nunca mais pensei sobre.

Agora indo para um lado mais cômico ainda, outro indicado é o longa *Amor Sem Escalas* (2009). O longa tem como base um livro de mesmo nome escrito por Walter Kirn, publicado em 2001, e traz uma história que mistura elementos de comédia, crítica social e existencialismo, em principal criticando as

relações de trabalho e a solidão moderna.

O filme tem direção de Jason Reitman e foi indicado a seis estatuetas: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator (George Clooney) e Melhor Atriz Coadjuvante (Anna Kendrick e Vera Farmiga).

Ryan Bingham (George Clooney) é um especialista em demissões corporativas que passa a maior parte do ano viajando de cidade em cidade, sem vínculos nem raízes. Acostumado à solidão e à liberdade dos aeroportos, ele tem sua rotina transformada ao conhecer Alex (Vera Farmiga), uma viajante com o mesmo estilo de vida, e Natalie (Anna Kendrick), uma jovem idealista que propõe mudanças drásticas em seu trabalho. Conforme suas relações se aprofundam, Ryan é forçado a confrontar a vida vazia que construiu e questionar o verdadeiro valor das conexões humanas.

Olhando agora para o filme, ele tem uma premissa bem parecida com *O Turista Acidental* (1988), com a ideia de trazer um homem que vive a vida no automático ensinando os outros a serem o mais compacto possível, algo que dentro da vida dele significa tanto para bagagem quanto para os sentimentos.

E o trabalho de Ryan, exemplifica perfeitamente esse distanciamento que ele cria entre conexões e momentos verdadeiros, já que ele é um consultor contratado por empresas para demitir funcionários em seus nomes, precisando realizar de uma forma fria e eficiente.

E com isso a história crítica principalmente a desconexão humana na era corporativa, onde tudo é terceirizado, e as conexões reais não

Amor Sem Escalas (2009)- Imagem: Divulgação

Amor sem Escalas (2009)- Imagem: Divulgação

existem, descartando os trabalhadores para cada vez mais conseguir mais eficiência, velocidade e resultados. E com o personagem do Ryan, o filme também questiona sobre uma crise de identidade, onde para alguns o trabalho passa a ser definidor de quem somos, decidindo nossos destinos, amizades e vidas enquanto seguimos no automático. E George Clooney interpreta isso muito bem, sendo um homem carismático e divertido, mas internamente e emocionalmente vazio.

Para mim, o ponto alto da história é Anna Kendrick. Adoro a atriz e acho que ela tem um timing cômico excelente, aqui interpretando uma jovem cheia de sonhos e vontades que acaba questionando os métodos de Ryan, o fazendo se questionar sobre sua vida. Sinto que os melhores momentos dentro da história são suas trocas com George Clooney, que rendem os momentos mais reflexivos sobre o amor, mas também alguns dos mais engraçados.

Sinceramente, achei ele um filme divertido e perfeito para o momento que eu assisti, em que eu queria um entretenimento leve. Talvez na época de cinco indicados esse filme não receberia a indicação, e justo também, não acho que ele é um ponto fora da curva, mas ainda legal ter um filme leve que fala sobre o amor moderno e a solidão entre os indicados.

E com um tom mais dramático, outra vaga dos indicados a Melhor Filme ficou com *Educação* (2009). O filme tem direção de Lone Scherfig e é baseado em uma memória da jornalista Lynn Barber. O filme recebeu três indicações: Melhor Filme, Melhor Atriz (Carey Mulligan) e Melhor Roteiro Adaptado.

Nos anos 1960, Jenny Mellor (Carey Mulligan), uma estudante brilhante e sonhadora de 16 anos, vê seus planos de ingressar em Oxford ameaçados quando se envolve com David Goldman (Peter Sarsgaard), um homem charmoso e bem mais velho que a apresenta a um mundo de luxo e sedução. Encorajada por ele e seduzida pelo estilo de vida glamouroso, Jenny começa a questionar o valor da educação formal.

O filme é um drama, mas honestamente eu fiquei aterrorizada como se fosse um filme de terror, vendo a Jenny se afastando dos estudos e sonhos pela vida que David ofertava pra ela. Sinto que olhando de fora é fácil julgar a protagonista, mas sinto que assisti o filme exatamente no momento certo, me preocupando por ela claro, mas também entendendo porque a vida com David parecia tão interessante e sua vida acadêmica parecia sem sentido.

A história me prendeu com bastante facilidade e sinto que parte disso vem do filme ser tão feminino. Jenny é uma ótima protagonista, que com certeza serviu de inspiração para tantas outras como a própria *Lady Bird* (2017). A personagem tem paixões, ambições e principalmente gostoso de uma adolescente, querendo viver a vida em Paris e viver diversas experiências diferenciadas, o que faz dela uma personagem de fácil identificação, afinal quem nunca sonhou em apenas viver, ler todos os livros existentes, falar uma nova língua, assistir todas as peças e filmes e viver diversas aventuras pelo mundo? E David aqui funciona como a porta de entrada para isso. E até por essas questões o filme pode ser considerado um coming-of-age, onde Jenny passa por uma jornada clássica de transformação, de ingenuidade à consciência crítica.

O filme também reflete sobre a educação formal versus a experiência de vida, discutindo o que realmente forma uma pessoa, a academia ou a vida? Essa questão acaba sendo exemplificada no próprio título do longa, em que a "educação" de Jenny vem tanto da escola quanto da dura lição que ela aprende com o relacionamento com David.

Educação (2009)- Imagem: Divulgação

O longa também justifica parte do encanto pela vida boêmia por conta da pressão vivida por Jenny. Seus pais são conservadores da classe média e por conta disso a garota vive uma rotina voltada para os estudos e a pressão para ser aceita na elite acadêmica britânica. Não só pelos seus pais mas Jenny também sofria uma pressão por ser uma mulher durante os anos 1960, onde um relacionamento poderia acabar com sua reputação e onde as mulheres são dadas apenas duas escolhas: casar cedo ou estudar.

Admito que senti o final muito apressado depois do clímax da história, queria que eles tivessem desenvolvido mais tudo que aconteceu depois. Também senti que algumas coisas não foram tão explicadas ali no grupinho do David, honestamente eu queria saber mais. Mas, no fim, a Educação foi uma surpresa positiva, um filme real, de fácil identificação, que nada mais fala do que a emancipação feminina e o amadurecimento.

Talvez o maior ganho dentro da adição de mais vagas dentro da categoria de Melhor Filme, tenha sido a possibilidade de filmes populares também receberem essa indicação. E já no ano de estreia da mudança um dos indicados foi o longa mais popular da década, *Avatar* (2009).

O longa tem direção e roteiro de James Cameron e recebeu nove indicações, levando para casa três estatuetas: Melhor Fotografia, Melhores Efeitos Visuais e Melhor Direção de Arte.

Educação (2009)- Imagem: Divulgação

Avatar (2009)- Imagem: Divulgação

No exuberante planeta Pandora, o ex-fuzileiro paraplégico Jake Sully (Sam Worthington) é recrutado para participar do programa Avatar, que permite que humanos controlem corpos geneticamente criados à imagem dos Na'vi, os habitantes nativos. Enviado em uma missão para explorar os recursos naturais do planeta, Jake se aproxima do povo Na'vi e se apaixona por Neytiri (Zoe Saldaña), entrando em conflito com os interesses militares e corporativos liderados por Parker Selfridge (Giovanni Ribisi) e o coronel Quaritch (Stephen Lang).

Sem dúvidas o maior destaque do filme são seus feitos técnicos, inovando diversas questões dentro de efeitos especiais no cinema. O filme foi feito para ser uma experiência cinematográfica, trazendo uma imersão e de fato transportando os espectadores para aquele mundo fictício. A obra revolucionou a indústria cinematográfica com seu uso inovador de tecnologia 3D e captura de movimentos. O diretor desenvolveu câmeras e softwares específicos para criar os visuais hiper-realistas de Pandora.

O que eu mais gosto aqui são os detalhes, o mundo de Pandora é criado do zero por Cameron e aqui conta com um dialeto completo, tradições e costumes. A ideia original do cineasta era lançar o filme em 1999, porém, na época, os efeitos especiais que ele desejava aumentaram o orçamento para 400 milhões de dólares, nenhum estúdio quis financiar o longa, e ele foi engavetado por oito anos.

Apesar de fictício a história de *Avatar* remete ao colonialismo e imperialismo, trazendo os humanos como os europeus e Pandora como as diversas regiões do mundo colonizadas de forma bruta por eles como as Américas, África e algumas regiões da Ásia, evidenciando a exploração de recursos e o desrespeito às culturas nativas. Com isso, o filme critica em principal a ganância humana, disposta a passar por cima de tudo e todos por dinheiro ou poder.

O filme também traz um embate entre a tecnologia e a natureza. Para os Na'vi a natureza é vista como central. A deusa Eywa representa a força da vida e da conexão entre todos os seres. Já os humanos, não tem essa conexão, dependendo de máquinas poderosas mas que não são conectadas com a espiritualidade que rege Pandora, simbolizando o desequilíbrio entre avanço científico e responsabilidade ambiental.

Mas, apesar de todos esses fatores, particularmente acho a história extremamente rasa. Em parte, isso acontece por ela parecer diversos filmes que já assisti antes como *Pocahontas* (1995) ou *Dança com Lobos* (1990),vencedor do Oscar de Melhor Filme de 1991. Além disso, sinto que por focar tanto no aspecto técnico e visual, os personagens acabaram ficando desinteressantes o que me desconectou da história diversas vezes.

Eu entendo porque o filme ficou tão popular e deixou tanta gente obcecada com o mundo

Avatar (2009)- Imagem: Divulgação

criado por Cameron, é um trabalho detalhado e com muito carinho envolvido, mas de verdade eu não gosto. Acho a história fraca, os personagens sem graça e um filme muito comprido, cada vez que eu penso sobre eu gosto menos. É um marco da sétima arte, eu entendo ele ser indicado, mas eu não gosto mesmo.

E ainda sobre ficção, outro indicado é *Distrito 9* (2009). Esse filme foi uma extrema surpresa positiva que eu não esperava gostar tanto.

O longa tem direção de por Neill Blomkamp e foi produzido por ninguém mais, ninguém menos que Peter Jackson. A obra recebeu quatro indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Edição e Melhores Efeitos Visuais, digamos que ele deu azar de cair no mesmo ano de Avatar, e infelizmente não levou nenhuma estatueta para casa.

Uma nave alienígena surge sobre Joanesburgo, na África do Sul, trazendo milhares de extraterrestres desnutridos e desorientados. Isolados em uma favela chamada Distrito 9, eles enfrentam discriminação e repressão. Quando o burocrata Wikus van de Merwe (Sharlto Copley) é exposto a um fluido alienígena, começa a se transformar em um deles — e se vê forçado a fugir e repensar toda a sua visão sobre os "camarões", iniciando uma jornada de empatia, resistência e humanidade.

O longa tem um tom documental misturado com uma sátira, em um estilo bem reportagem, tentando trazer de forma realista o que realmente aconteceria se houvesse uma invasão alienígena, unindo ficção científica com e alegorias sociais e políticas. Sem dúvidas um filme muito criativo que ainda sim consegue trazer críticas atuais, e

Distrito 9 (2009)- Imagem: Divulgação

que se mantêm atuais mesmo 16 anos depois de seu lançamento.

A história então traz uma metáfora para o apartheid, inspirado diretamente no real Distrito Seis, um bairro da Cidade do Cabo cujos moradores negros foram forçadamente removidos pelo regime segregacionista sul-africano. O filme então traz os habitantes do Distrito 9 tratados com extremo preconceito, muitas vezes vistos como doentes ou animais, não sendo permitidos de andar pela cidade junto com os humanos. De certa forma, é possível lembrar de *Planeta dos Macacos* (1968) que tem uma premissa e crítica parecida, juntando ficção científica e denúncia social.

O filme também critica grandes organizações "humanitárias" que na verdade usam esse termo apenas de fachada, aqui estando interessados em usar os alienígenas como cobaias para fins militares, não dando nenhum tipo de suporte para os "visitantes". De certa forma o filme traz, assim como Avatar, uma crítica à ganância humana, já que aqui, ao contrário de outros filmes de ficção, os humanos exploram os alienígenas, que são obrigados a aceitar seu regime rígido e xenofobico.

Além disso, o longa se destaca por seu lado ficção científica também, trazendo uma grande aventura vivida por Wikus com direito a muita pancadaria e tiroteios. O filme também impressiona pelo seu lado de efeitos especiais, trazendo um visual interessante e bem realista onde os alienígenas cheios de detalhes interagem com facilidade com os humanos da história, algo que se torna ainda mais interessante principalmente por conta do baixo orçamento do filme, custando apenas 30 milhões de dólares, um valor bem abaixo para produções desse nível.

Distrito 9 (2009) - Imagem: Divulgação

É um filme diferente, criativo e que se propõe a inovar, conseguindo trazer uma crítica que ainda se mantém atual, além de divertir com seu lado satírico.

E ainda sobre as mudanças que o aumento de vagas dentro da categoria geraram, temos enfim o segundo filme de animação que conseguiu vencer os preconceitos e ser indicado a Melhor

Up - Altas Aventuras (2009)- Imagem: Divulgação

Filme, *Up - Altas Aventuras* (2009). O filme tem direção de Pete Docter e Bob Peterson que também assinam o roteiro juntamente com Tom McCarthy.

O longa recebeu cinco indicações ao Oscar, sendo indicado inclusive na categoria de Melhor Roteiro Original, e levou para casa duas estatuetas: Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Animação.

A história acompanha Carl Fredricksen (Ed Asner), um viúvo de 78 anos que, determinado a cumprir a promessa feita à falecida esposa, Ellie, prende milhares de balões em sua casa e parte em uma jornada até a América do Sul. No caminho, descobre que acidentalmente levou junto o jovem escoteiro Russell (Jordan Nagai).

Sinto que *Up* é um filme que te conquista logo em seus momentos iniciais, em que vemos uma montagem da história de Ellie e Carl, desde a infância quando se conhecem, até a morte dela.

Acompanhamos sem nenhum diálogo, apenas com a música Married Life, os altos e baixos da vida dos dois, até que brutalmente sofremos o baque da morte de Ellie e, assim como Carl ficamos desolados. Com certeza um dos momentos mais emocionantes do cinema moderno.

E pela montagem original, apesar de muito ranzinza, é possível compreender perfeitamente porque Carl fica do jeito que fica, extremamente apegado a casa onde construíram tantas memórias juntos, se recusando a vendê-la para

Up - Altas Aventuras (2009)- Imagem: Pixar

uma grande companhia para virar um prédio. Porém, o luto de Carl é algo que acaba o corrompendo por dentro, se tornando cada vez mais amargurado.

Talvez vocês estejam cansados de ouvir já que um filme me lembrou a minha vó, mas em Up acho que lembro dela por um traço que diversos idosos compartilham de se apegar a coisas materiais e se recusar a deixar sua casa, até por ver ela como conquista. No caso da minha avó, eram coisas menores e até sem valor, como as latas que vinham de brinde nos pacotes de papel higiênico, e aqui para Carl são as coisas que dividiu em sua vida com Ellie. Pensando que vejo isso em muitos idosos, sinto que pode ser um reflexo da Segunda Guerra Mundial, em que esses idosos eram crianças, e viveram momentos de incerteza.

A história de Up então acompanha a jornada de Carl em uma grande aventura, onde aprende a se desprender do passado e se abrir para o futuro e as novas relações que ele traz, em principal a sua com Russell.

A amizade criada entre os dois, que nasce com muito desdém de Carl, é o coração da história, onde mesmo muito diferentes eles acabam criando um laço verdadeiro de preocupação, ajuda e apoio, e encontram um no outro aquilo que estava faltando em suas vidas.

Carl vivia uma vida triste, praticamente sem propósito, e encontra em Russell uma pessoa para animar seus dias, assim como Ellie, que o empurra para fazer coisas diferentes. Já Russell representa a busca por carinho e atenção, especialmente por vir de um lar negligente.

O filme também traz uma mensagem muito bonita falando sobre mudança e redescobertas, passando a ideia de que nunca é tarde demais para viver uma nova aventura ou tentar ir atrás daquele sonho, que aqui é justamente ir até as cachoeiras da América do Sul.

O filme tem um visual muito bonito e colorido, trazendo cores extremamente vivas, tanto na casa de Carl e Ellie, justamente representando a vivacidade que a esposa tinha, mas também, principalmente quando os dois vão parar na floresta da América do Sul, onde vamos de perto as impressionantes texturas dentro do filme, trazendo muitos detalhes desde a madeira dentro da casa de Carl até as penas do pássaro exotico Kevin. As cores também acabam ficando mais chamativas qunado os personagens saem da cidade, dando mais destaque ao lado fantástico da narrativa.

A construção dos personagens também é interessante, passando muito de suas personalidades apenas na forma como foram desenhados. Carl é quadrado, rígido, remetendo ao seu jeito fechado e inflexível. Já Russell tem formas arredondadas e suaves, refletindo sua energia e entusiasmo juvenil.

O longa é sobre a possibilidade de recomeços. É um filme Pixar em sua melhor essência, conseguindo conquistar públicos de diversas idades justamente por falar de temas universais, conseguindo se tornar ainda mais profundo conforme os espectadores crescem.

BASTARDOS INGLÓRIOS.

E dentre todos esses filmes, o verdadeiro vencedor deveria ser *Bastardos Inglórios*.

Dirigido e escrito por Quentin Tarantino, o filme se passa durante a Segunda Guerra Mundial misturando aspectos e personagens fictícios com eventos reais, algo que ele viria a repetir em Era Uma Vez em Hollywood (2019). Existiu uma época que esse já foi o meu filme favorito do diretor, simplesmente fiquei impactada desde o momento que assisti.

O filme recebeu oito indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante (Christoph Waltz).

Durante a Segunda Guerra Mundial, a jovem judia Shosanna Dreyfus (Mélanie Laurent) presencia o assassinato de sua família por ordem do coronel nazista Hans Landa (Christoph Waltz). Anos depois, ela planeja uma vingança ao mesmo tempo em que o tenente Aldo Raine (Brad Pitt) lidera um grupo de soldados judeus americanos, os "Bastardos", em uma missão para eliminar nazistas na Europa ocupada. As duas histórias convergem em um cinema parisiense, onde um evento repleto de líderes do Terceiro Reich pode mudar o curso da guerra.

Nessa altura do campeonato vocês já sabem minha visão sobre filmes de guerra. Eu gosto do gênero, mas acho que é um tanto difícil sair do lugar comum dos filmes de guerra, muitas vezes trazendo histórias de superação e heroísmo. Mas, felizmente, Bastardos Inglórios, sai completamente do esperado, trazendo uma história de vingança que nos engaja desde o início.

A ideia de trazer a vingança como tema do filme faz com que a história seja reinventada, permitindo aos personagens judeus a possibilidade de revidar com violência contra seus opressores, algo que não aconteceu na realidade histórica

E claro, por misturar ficção com a vida real o longa consegue surpreender com facilidade, sempre nos pegando desprevenidos.

O roteiro do filme é um grande destaque. O filme traz diversas histórias com personagens variados e interessantes que em determinado momento acabam se cruzando. Assim como outros filmes da filmografia do Tarantino, aqui temos diversos diálogos comuns e cotidianos, o que torna a narrativa mais crível e os personagens mais humanos, violência gráfica e um humor negro.

E os personagens são um destaque a parte. Talvez o mais interessante é que grande parte deles não tem seu passado revelado, somos jogados dentro da trama e apresentados como eles são naquele momento, nos dando liberdade para pensar em diversas respostas.

Aldo Raine, por exemplo, é apresentado com uma cicatriz no pescoço durante um discurso feito por ele para os recursos, de onde veio a cicatriz? Como surgiu o ódio pelos nazistas? Como esse grupo foi criado?

E mesmo com cenas de humor muito bem construídas, em sua maioria protagonizadas por Brad Pitt ou Christoph Waltz, o filme sabe muito bem construir momentos verdadeiramente tensos

Bastardos Inglórios (2009)- Imagem: Prime Video

Bastardos Inglórios (2009)- Imagem: Divulgação

Bastardos Inglórios (2009)- Imagem: Divulgação

e assustadores.

Um exemplo perfeito é a cena de abertura em que, com a câmera estática, vemos a chegada do Coronel Hans Landa em uma casa simples na França atrás de uma família judia. Landa e o dono da casa conversam normalmente, mas a cena é carregada de tensão, apenas aguardando algo terrível acontecer. E que de fato acontece.

A performance de Christoph Waltz é brilhante, não é atoa que o ator levou a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante. O ator dá a vida a um vilão cruel, maldoso, mas divertido, que muitas vezes nos impressiona por sua inteligência e sua dissimulação. As melhores cenas do longa contam com a presença do ator, trazendo um dos personagens mais icônicos da ficção.

E assim como grande parte da filmografia de Tarantino, o filme também acaba funcionando como uma homenagem ao cinema, especificamente aos filmes de guerra, os westerns, falando principalmente de John Ford e Sergio Leone e cinema europeu dos anos 1960 e 1970.

Além disso, dentro da história o diretor se apropria da linguagem cinematográfica para mostrar como o cinema pode tanto manipular (como no caso da propaganda nazista) quanto libertar, tanto é que é no cinema que a vingança acontece.

Sei que não é para todo mundo, mas particularmente sou bem fã da filmografia do Tarantino, principalmente pelo seu estilo icônico e pop, narrativas instigantes e a violência. O diretor ganha principalmente pela imprevisibilidade, não dá pra prever o que vai acontecer, quem vai viver, se o vilão vai perder ou ganhar, e isso durante toda história, não somente no seu final.

2011

Gosto bastante da seleção dos filmes dessa edição, que trazem histórias bem diferentes entre si. E fiquei contente pelo grande vencedor da noite, embora irei tirar sua estatueta.

Quem levou para casa a estatueta de Melhor Filme foi *O Discurso do Rei* (2010). Com direção de Tom Hooper, o filme recebeu doze indicações, vencendo quatro estatuetas: Melhor Filme, Melhor Roteiro Original, Melhor Direção e Melhor Ator (Colin Firth).

A narrativa acompanha a história do príncipe Albert (Colin Firth) da Inglaterra, que deve ascender ao trono como George VI após a morte de seu pai. Porém, o futuro rei sofre de gagueira, o que dificulta ao fazer seus discursos. Assim, sabendo que o país precisa de um rei que saiba se comunicar perfeitamente, sua esposa, Elizabeth (Helena Bonham Carter), contrata o fonoaudiólogo Lionel Logue (Geoffrey Rush) para o ajudá-lo, e com isso uma amizade extraordinária é desenvolvida entre os dois homens.

Mesmo com uma temática de superação já vista em Hollywood, o longa tem um ótimo desenvolvimento com sua história, humanizando uma figura poderosa como o rei o mostrando com insegurança, evidenciando que a verdadeira força está em enfrentar esses medos. Na história, George VI é uma pessoa real, um pai, um marido, um homem assombrado por traumas de infância e pela pressão de ser uma figura pública perfeita, o que deixa a narrativa mais cativante.

O roteiro escrito por David Seidler, traz um tom de realismo para a gagueira já que ele também passou por isso. Inclusive. Seidler quando criança ouviu o discurso de guerra do rei George VI, o que o marcou. E então, já adulto, ele resolveu escrever para a Rainha Mãe (viúva de George VI), pedindo permissão para usar a história do rei em um filme. A Rainha Mãe pediu que ele não fizesse isso enquanto ela estivesse viva, dizendo que as memórias eram dolorosas demais. Seidler respeitou seu pedido.

A história também serve para evidenciar o poder e necessidade da comunicação, onde o Rei George precisava solucionar sua gaguez para falar com seu povo de forma segura para conseguir liderá-los.

O longa é recheado de marcantes diálogos, principalmente entre Albert e Lionel, que tem muito humor e ao mesmo tempo muito sentimento, e acabamos conhecendo mais sobre os dois personagens em seus debates.
Sem dúvidas um dos fatores que mais ajudou foi a química entre os dois atores, fazendo com que o filme se tornasse leve e saísse de qualquer clichê.

O filme também ganha o público através de seu protagonista, já que na primeira cena da obra somos introduzidos com um dos discursos de Albert em que a gagueira é aparente, o que acaba gerando uma empatia do público.

A fotografia do filme também traz muito sobre os personagens. A paleta de cores usa muitos tons de azul e cinza, o que gera um sentimento de melancolia e tristeza, representando a vida

O Discurso do Rei (2010)- Imagem: Divulgação

O Discurso do Rei (2010)- Imagem: Divulgação

do príncipe Albert devido a suas enormes responsabilidades com a monarquia. Além disso, os cenários também geram essa sensação, principalmente no consultório de Lionel com as paredes descascadas e mal cuidadas que evidenciam sua situação financeira.

Falando em cenários, a direção de arte faz um ótimo trabalho ambientando uma Londres pré Segunda Guerra Mundial, como nos carros, figurinos, maquiagens e cenários, realmente transportando o espectador para aquele contexto.

E claro, as atuações do filme são um de seus maiores destaques, principalmente entre Rush e Firth que trabalham em conjunto. George Rush interpreta um fonoaudiólogo nada ortodoxo que traz diversas técnicas do teatro para ajudar o futuro rei.

O ator faz um trabalho impecável trazendo um personagem muito humano e carismático, e serve quase como um refúgio para Albert.

Colin Firth, que garantiu sua merecida estatueta de Melhor Ator, entrega uma performance marcante e memorável de um protagonista atormentado.

George VI é quieto, nervoso e explosivo por suas responsabilidades com o reino.

O sofrimento do personagem com a gagueira é executado em perfeição por Firth que consegue passar a aflição do personagem para o público através de suas expressões e formas de se portar.

Já Helena Bonham Carter, que interpreta a Elizabeth (mãe da rainha Elizabeth II), traz uma personagem elegante com uma performance comovente, que de fato exala realeza, mas que ainda assim, quer mais do que tudo ajudar seu marido.

Finalizando o discurso, *O Discurso do Rei*, mesmo sendo esquecido por muitos, é um interessante filme biográfico. Com atuações marcantes que evidenciam a importância e o poder da comunicação, ele traz uma boa história de superação.

Outro indicado é *Inverno da Alma* (2010), de Debra Granik, que dá voz aos moradores da região dos EUA, marcada pela violência, pelo silêncio e por códigos próprios, tendo como base o livro homônimo de Daniel Woodrell (2006). O filme recebeu quatro indicações, porém, saiu da premiação de mãos vazias.

Ree Dolly (Jennifer Lawrence), uma adolescente de 17 anos, vive nos montes Ozark cuidando dos dois irmãos pequenos e da mãe doente. Quando descobre que seu pai desaparecido usou a casa da família como garantia de fiança, ela parte em uma investigação arriscada para encontrá-lo e salvar o lar da família. Enfrentando o silêncio ameaçador da comunidade local e os perigos do submundo das drogas, Ree precisa desafiar o medo e a violência para proteger quem ama.

Se tem uma palavra que representa o longa é injustiça. Toda a situação que acontece com Ree Dolly é brutal e injusta, o que faz com que fiquemos do lado dela desde o início da narrativa. A história então mostra uma comunidade que vive conforme suas próprias regras, inclusive com muita violência, e por conta disso, se protegendo com o silêncio. Até por isso, vamos aprendendo grande parte do contexto, relacionamentos e conexões ao longo do filme, o que pode gerar algumas lacunas na história.

Até por conta disso, essa é uma história de sobrevivência. Ree não é uma heroína, ela é apenas uma vítima que precisa sobreviver

Inverno da Alma (2010)- Imagem: Divulgação

Inverno da Alma (2010)- Imagem: Divulgação

para cuidar da sua família. A garota então é forçada a crescer rápido em um mundo onde as instituições estão ausentes e a lei não protege os fracos.

E por viver em uma comunidade pobre e sem auxílio externo, o filme também fala sobre a perpetuação da criminalidade. Na história, por falta de escolhas e suporte, a protagonista é constantemente empurrada para a criminalidade, sendo essa a única forma de sustento possível na sua realidade.

Mas é um filme difícil de assistir por conta do seu ritmo, sendo muito parado em diversos momentos. O que fica mesmo do longa é a atuação de Jennifer Lawrence, ainda no início de sua carreira, impactante, crua e memorável, não é atoa que hoje ela é uma das grandes atrizes de Hollywood.

Com direção de David O. Russell, outro indicado é o filme *O Vencedor* (2010). Baseado em fatos reais, o filme recebeu indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Ator Coadjuvante (Christian Bale) e Melhor Atriz Coadjuvante (Melissa Leo).

Micky Ward (Mark Wahlberg) é um boxeador de Lowell, Massachusetts, tentando construir sua carreira enquanto lida com uma família controladora e seu meio-irmão problemático, Dicky Eklund (Christian Bale), ex-pugilista e viciado em crack. Sob a influência de sua namorada Charlene (Amy Adams), Micky decide se afastar para alcançar o sucesso por conta própria.

Sinto que dentro de filmes sobre boxe, ou que tenham o esporte como um dos grandes focos,

O Vencedor (2010) - Imagem: Divulgação

tem um local comum entre eles, sendo possível ver traços de *Rocky* (1976), *Touro Indomável* (1980) e *Menina de Ouro* (2004). Apesar disso, aqui em *O Vencedor*, o longa se destaca mais quando foge disso, até por ser difícil competir com os outros títulos, e fala sobre família, expectativa, problemas com drogas e a conturbada personalidade do irmão mais velho de Micky.

A história então foca em representar a família de uma forma realista, por vezes como um apoio e por outros como um obstáculo. A família de Micky é responsável pela sua carreira, sua mãe é sua empresária e seu irmão é seu treinador, mas apesar disso nascer de uma forma de amor, é o que empaca a carreira de boxeador do protagonista. O longa então explora como o amor às vezes pode ser um peso, aqui principalmente Dicky, que tem uma dependência enorme no irmão.

Assim, ao contrário dos outros filmes que citei acima, a obra de O'Russell não é sobre a vitória em si, e sim sobre uma jornada de independência, em que vemos Micky pouco a pouco percebendo que só conseguirá ir para frente profissionalmente botando limites com sua família. Acho que o longa poderia ter sido mais profundo nesse assunto, porém ele fica muito preso em tentar manter um bom humor.

A narrativa também fala sobre desilusão, e como isso quebrou a vida de Dicky. Lógico, o personagem é difícil e irritante, mas isso acaba sendo um reflexo do seu fracasso, e sua falha em lidar e aprender com isso. Assim, Dicky cai no vício e vive um ciclo vicioso sem fim que afeta ele e sua família. Inclusive, grande atuação de Christian Bale.

Mas o maior destaque para mim fica com Amy Adams. Acho que nós como sociedade temos cada um uma performance pela qual achamos que a atriz deveria ter ganhado um Oscar, e pra mim essa é ela (ou *Encantada* (2007)). De certa forma, sua personagem nos passa um alívio dentro da história, sendo uma pessoa que enfim conseguiu ajudar Micky a seguir em

frente. Mas não vá achando que por isso ela é uma personagem tranquila, Charlene não leva desaforo para casa e rouba todas as cenas que participa.

É um bom filme, longe de ser o melhor do diretor e também longe de ser o melhor desse ano da premiação.

Gostei das camadas da história mas faltou se aprofundar mais nisso, não tendo medo de mostrar uma família disfuncional que, apesar de tudo, faz o que faz de maneira genuína por amor.

Outro indicado é *Minhas Mães e Meu Pai* (2010). O filme tem direção de Lisa Cholodenko que também assina o roteiro junto com Stuart Blumberg, sendo indicado a quatro categorias dentro da premiação mas saindo de mãos vazias.

Nic (Annette Bening) e Jules (Julianne Moore) são um casal lésbico que vive com seus dois filhos adolescentes, Joni (Mia Wasikowska) e Laser (Josh Hutcherson), concebidos por inseminação artificial. Quando Joni completa 18 anos, ela decide encontrar o doador de esperma que deu origem a ambos: Paul (Mark Ruffalo), um solteirão carismático. A chegada de Paul desestabiliza a dinâmica familiar, revelando inseguranças, desejos e conflitos profundos.

Honestamente um filme interessante para a época, trazendo uma história sobre família com mães lésbicas sem esse ser o "problema"

Minhas Mães e Meu Pai (2010)- Imagem: Prime Video

dentro da narrativa. A ideia de encontrar seu pai biológico não vem de uma frustração e sim uma curiosidade de autoconhecimento de Joni, querendo conhecer mais sobre si mesma.

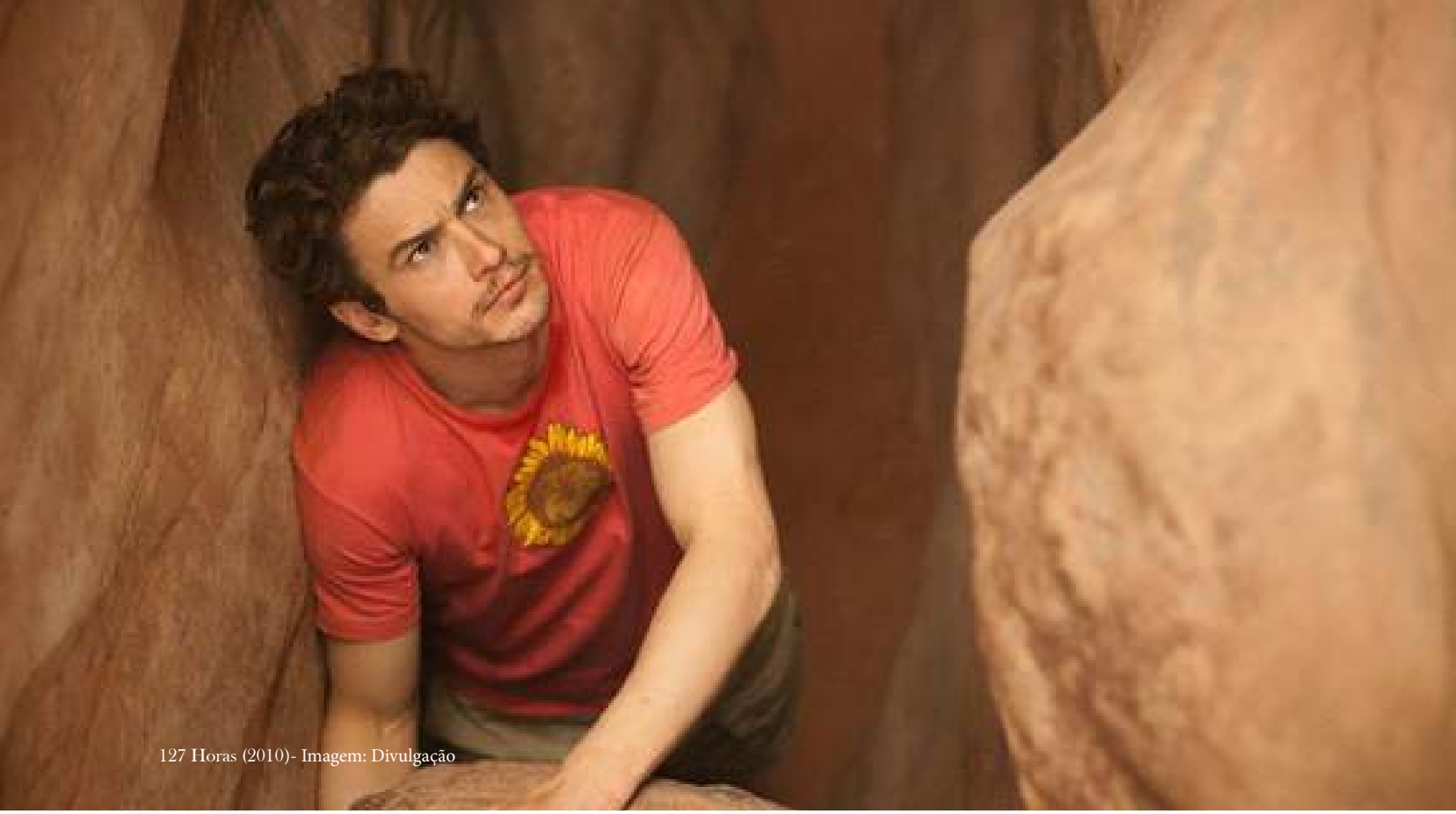
A história questiona o que significa ser pai ou mãe, dado o relacionamento que as crianças acabam criando com Paul, de certa forma se identificando com ele também. As crianças têm essa conexão com o personagem por ele ser mais livre, sem impor responsabilidades.

Porém, conforme o personagem se aproxima deles, acaba desestabilizando a família por completo. Assim, o filme deixa claro que a paternidade vai muito além de uma relação biológica ou afinidade, sendo na realidade quem cria, cuida, cria laços e também exige responsabilidades.

Além disso, ele trata de uma forma realista problemas dentro do relacionamento. Nic e Jules se amam, mas são pessoas opostas, o que cria alguns atritos ao longo dos anos e, no "tédio" de um relacionamento estável, essas questões acabam vindo à tona. Admito que ainda não tinha visto uma obra dentro da seleção do Oscar que tratasse com tanta naturalidade o desgaste da rotina dentro de uma relação, evidenciando que mesmo os relacionamentos mais saudáveis também precisam de renovação e reconexão.

Mas no final senti que ele não resolve nada. Esse é o famoso filme divertido. Se fossem cinco indicados ele estaria aí? Provavelmente não, mas ele cumpre seu propósito sendo uma obra leve, engraçada e que entretém, e quando eu assisti isso foi suficiente. Talvez na mão do Almodóvar o longa seria uma obra-prima.

Minhas Mães e Meu Pai (2010)- Imagem: Divulgação



127 Horas (2010)- Imagem: Divulgação

Com direção de Danny Boyle, outro indicado é *127 Horas* (2010), que conta a história real do alpinista Aron Ralston, baseado na sua autobiografia Between a Rock and a Hard Place (2004). O longa recebeu seis indicações, porém não venceu nenhum prêmio.

Aron Ralston (James Franco), um jovem alpinista aventureiro, parte sozinho para explorar o deserto de Utah, nos Estados Unidos. Durante a escalada em um cânion isolado, ele sofre um acidente e fica com o braço preso sob uma rocha gigantesca. Sem sinal de ajuda e com recursos limitados, Aron enfrenta dias de dor, alucinações e reflexão, até tomar uma decisão extrema para sobreviver.

O grande foco da história é a sobrevivência e a resiliência humana. Até pelo título do filme, Aron passa 127 horas preso na rocha com pouca água, suplementos e luz solar, se mantendo são apenas com sua imaginação. A narrativa então acompanha uma verdadeira luta pela sobrevivência, mostrando o que uma pessoa é capaz de fazer e sofrer para viver

Além disso, por ser praticamente o único personagem da história, seguimos Aron lentamente enlouquecendo enquanto é obrigado a ficar preso na rocha. Durante as 127 horas, o protagonista fica apenas com seus pensamentos, forçado a refletir sobre suas escolhas, seu estilo de vida solitário (o que também era um problema já que ninguém sabia onde ele estava),

sua mortalidade e os relacionamentos em sua vida.

Com isso, o filme também acaba ficando mais imersivo, já que acabamos entrando na mente do personagem que sofre de alucinações e devaneios, o que também ressalta a importância da conexão humana para a sobrevivência.

É um bom filme de sobrevivência, mas, honestamente, esse não é meu gênero favorito. Acho que a narrativa consegue transmitir bem o desespero e a angústia vivida por Aron, porém, por ser uma história muito conhecida, por já saber o final, o longa perdeu um pouco da graça, já que eu fiquei apenas esperando o inevitável.

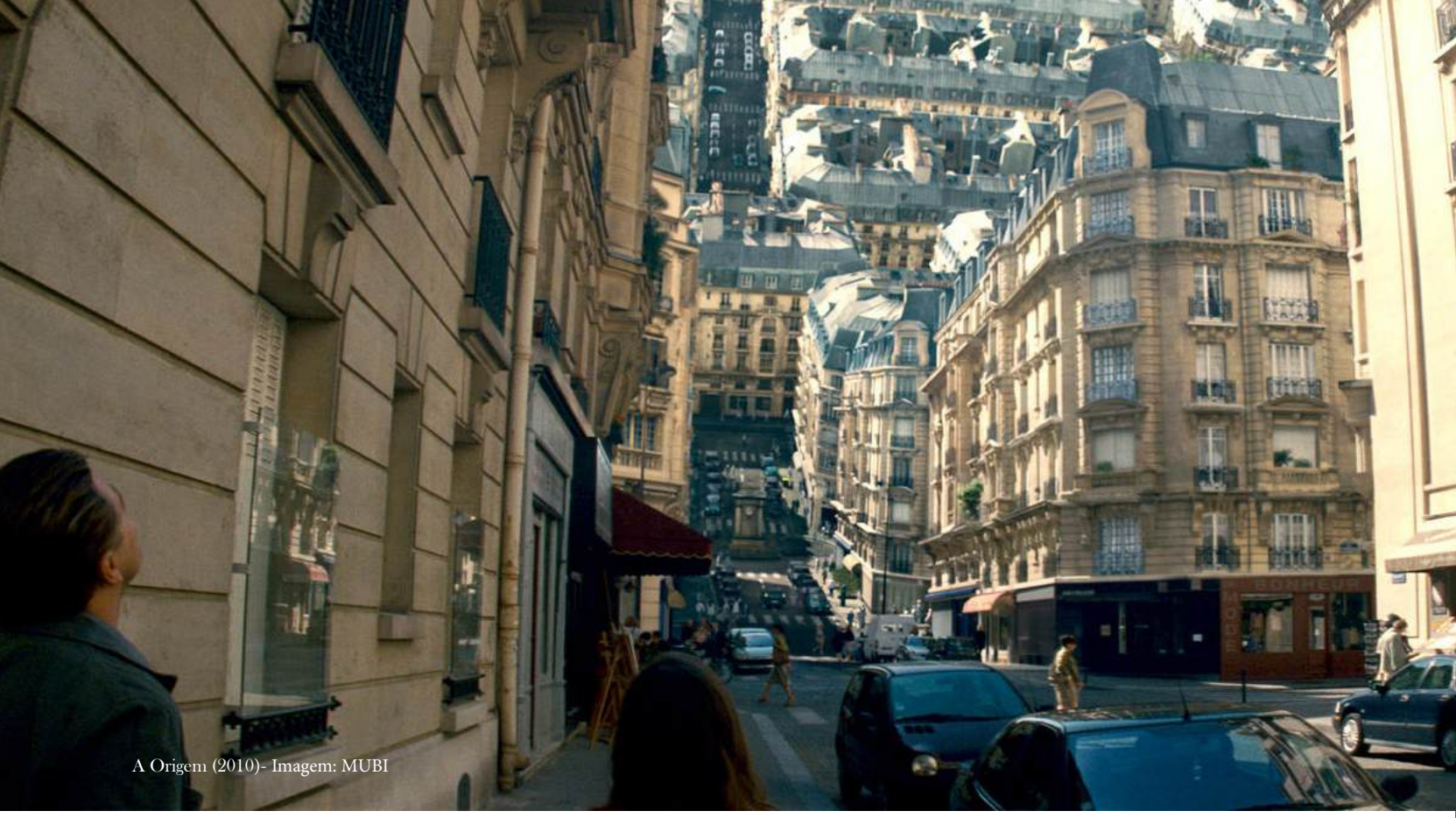
E com roteiro e direção de Christopher Nolan, outra vaga na categoria foi para *A Origem* (2010). O longa recebeu oito indicações, levando para casa quatro estatuetas: Melhor Fotografia, Melhor Mixagem de Som, Melhor Edição de Som e Melhor Efeitos Visuais.

Dom Cobb (Leonardo DiCaprio) é um ladrão especializado em invadir sonhos para roubar segredos do subconsciente. Ele recebe a missão inversa: implantar uma ideia na mente de um herdeiro (Cillian Murphy) para convencê-lo a abrir mão da herança. Em troca, Cobb poderá voltar para casa e rever os filhos. Para isso, ele monta uma equipe com especialistas, como Arthur (Joseph Gordon-Levitt), Ariadne (Elliot Page) e Eames (Tom Hardy), e embarca em uma complexa jornada pelo mundo dos sonhos.

O plano acontece na construção de sonhos dentro de sonhos, o que, eventualmente, irá garantir condições ideais para que as ideias se enraízam no subconsciente. Com isso, mais uma vez Christopher Nolan cria um filme que torna a participação do espectador necessária para seguir a trama exigindo atenção devido a sua complexidade, porém sinto que essa atenção é recompensada em diversos momentos dentro do longa com ótimas sequências.

Assim, a narrativa é muito consciente dela mesmo, fazendo diversas brincadeiras ao longo

A Origem (2010) - Imagem: Divulgação



A Origem (2010)- Imagem: MUBI

das suas mais de 2 horas fazendo o público se questionar o que é verdade e o que é ficção. A história então é carregada de tensão, mantendo o tom de suspense muito por conta da nossa desconfiança.

E mesmo com ideias tão abstratas, e um ritmo por vezes acelerado, o diretor consegue deixar a trama próxima e convincente dos espectadores prendendo a atenção do início ao fim.

O filme explora o território dos sonhos e da mente humana, tornando um dos grandes destaques da obra a criação desse mundo dos sonhos e os acontecimentos passados pelos personagens que recriam com perfeição as visões dos sonhos que, apesar de similares com a vida real, ainda tem elementos desconexos. Além disso, nesses sonhos, nada exposto é por acaso e tudo tem uma conexão com eventos anteriores ou eventos presentes que acontecem no mundo real enquanto a equipe realiza o plano.

E, durante a passagem dos personagens pelos sonhos são revelados pequenos detalhes sobre cada um dos integrantes da equipe, permitindo com que a gente se afeiçoe e se identifique com eles, e também se situe no mundo e camada do sonho.

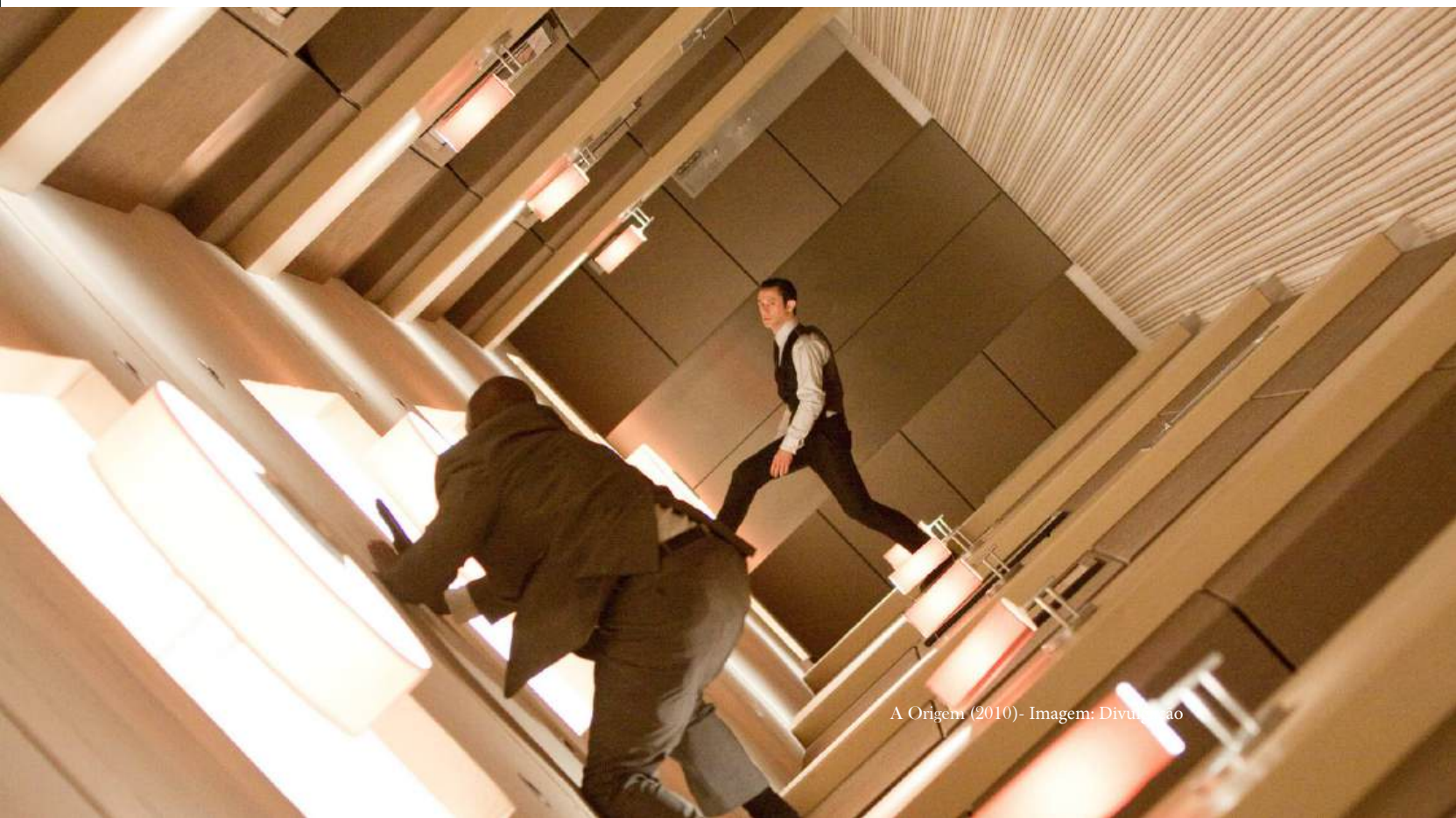
Para além dos efeitos visuais, que convencem com facilidade, o diretor usa diversos movimentos de câmera que deixam o longa mais dinâmico e alguns efeitos práticos para tornar

o longa ainda mais realista, principalmente nas cenas de ação, um de seus grandes destaques. Sinto que as cenas são conduzidas de uma forma instigante, até trazendo uma certa herança de quando o Nolan dirigiu a trilogia do *Batman* (2005 - 2012).

E assim como todos os filmes do diretor, o longa conta com um elenco de peso com atuações marcantes. Aqui Elliot Page, entrega um personagem que funciona quase como uma guia para o espectador, sendo a novata do grupo, e constantemente direcionando e explicando pontos que poderiam confundir o público.

O longa também conta com Joseph Gordon-Levitt, que novamente conquista o público com muita facilidade por conta de seu enorme carisma. Tom Hardy, embora tenha pouco tempo em cena, é um dos melhores personagens do longa já que é o alívio cômico do longa, além disso seu papel no plano de Cobb é fundamental vivendo um "falsificador" assumindo a forma das pessoas de maior confiança das vítimas para roubar seus grandes segredos, o que rende ótimos momentos.

Além da equipe, o longa ainda conta com Marion Cotillard, como Mal, a esposa de Cobb. A atriz traz uma performance fascinante, constantemente confundido não só Dom mas também o público.



A Origem (2010)- Imagem: Divulgação

A Rede Social (2010)- Imagem: Divulgação

E completando o filme, claro, Leonardo DiCaprio. O ator interpreta um personagem traumatizado e perseguido por dores do passado, facilmente conquistando a empatia do espectador.

A Origem é uma grande aventura que destaca o poder de uma ideia e os limites da ficção e da realidade.

E talvez um dos mais marcantes filmes da década, temos também *A Rede Social* (2010). Com direção de David Fincher, o longa conta a história de Mark Zuckerberg, e os desdobramentos da criação de uma das redes sociais mais influentes dos anos 2000, o Facebook, tendo como base o livro *The Accidental Billionaires*, de Ben Mezrich (2009). A obra recebeu oito indicações e levou para casa três estatuetas: Melhor Trilha Sonora Original, Melhor Edição e Melhor Roteiro Adaptado.

Mark Zuckerberg (Jesse Eisenberg), um estudante de Harvard, cria o Facebook após um rompimento amoroso, com a ajuda de seu amigo Eduardo Saverin (Andrew Garfield). O sucesso da rede social atrai a atenção de investidores como Sean Parker (Justin Timberlake), mas também provoca disputas legais com os irmãos Winklevoss (Armie Hammer) e o próprio Saverin.

O filme fala sobre ambição, poder, amizade, traição e os efeitos colaterais do sucesso. A narrativa então é contada com viagens temporais através de flashbacks que acompanham o desenvolvimento de dois processos judiciais contra Zuckerberg, e a história da criação do Facebook.

A Rede Social (2010)- Imagem: Divulgação

Assim a trama fala sobre a ambição e o poder que ela traz. Ao longo da história Zuckerberg, que já é nos apresentado como um homem difícil, vai sendo cada vez mais consumido pela influência e reconhecimento que o Facebook lhe traz, não tendo qualquer tipo de remorso em trair amigos para chegar onde quer. O mundo de A Rede Social é competitivo, e Mark encontra exatamente onde provar seu valor. A ideia aqui é que a ambição vai além do dinheiro, sendo o sucesso visto como reconhecimento da sua genialidade.

E não é atoa que o filme levou a estatueta Melhor Roteiro Adaptado, o longa não só deixa a história instigante, como também nós faz querer acompanhar ela por completo, mesmo sendo protagonizada por um personagem extremamente detestável. E o longa deixa isso bem claro com os seus diálogos, extremamente icônicos, que são responsáveis por mostrar a complexa e arrogante personalidade de Mark Zuckerberg.

O mais interessante do personagem de Jesse Eisenberg é que ele não se percebe. O ator então traz um protagonista que nos gera admiração por conta da sua genialidade ao mesmo tempo que temos raiva por conta da sua falta de noção social e egocentrismo. Aqui Mark Zuckerberg é quase um humano frio sem sentimentos, porém em alguns momentos dentro da trama, Fincher consegue nos trazer um questionamento de se ele realmente não se importa ou faz tudo por conta de um ódio dentro de si após algumas rejeições.

A Rede Social (2010) - Imagem: Divulgação

E um dos destaques também é Justin Timberlake, trazendo um personagem complexo e energético, por vezes sendo um babaca, em outros um cara divertido, depois um arrogante por completo, sem nunca nos deixar conhecê-lo por completo. Sean Parker é manipulador, se usando dos outros para seu próprio sucesso, mas não conseguindo enxergar seu vazio.

De certa forma, essa é uma história do custo do reconhecimento, questionando o quão longe é moral e ético ir para se conquistar isso. Sinto que o filme atrai tantas pessoas e foi tão impactante por trazer uma narrativa que te permite refletir sobre as questões que acontecem dentro da história. Mais um ótimo longa de David Fincher que também foi responsável por consolidar as carreiras de Jesse Eisenberg e Andrew Garfield.

Já dirigido e adaptado pelos irmãos Coen, outro indicado é o longa *Bravura Indômita* (2010).

A narrativa tem como base o livro homônimo de Charles Portis, publicado em 1968, e traz uma história de vingança. O filme recebeu dez indicações, incluindo Melhor Direção e Melhor Roteiro Adaptado, mas infelizmente saiu de mãos vazias da premiação.

Após o assassinato de seu pai, a jovem determinada Mattie Ross (Hailee Steinfeld) contrata o implacável e ranzinza xerife Rooster Cogburn (Jeff Bridges) para ajudá-la a capturar o responsável: o criminoso Tom Chaney (Josh Brolin). Juntos, eles partem para o território indígena em uma jornada cheia de perigos e dilemas morais, acompanhados de um vaidoso ranger do Texas, LaBoeuf (Matt Damon), que também está atrás do mesmo homem.

Mais um filme que fico muito feliz de ter feito parte da seleção do Oscar já que provavelmente, se não fosse por isso, eu jamais teria assistido. Até pelo título, o longa traz muito sobre coragem, em que vemos isso não no cowboy endurecido, mas sim na menina de 14 anos que busca justiça por seu pai.

E, assim como outros filmes do diretor, a maioria dos personagens é ambíguo. Um exemplo é Rooster Cogburn é descrito como um implacável

cowboy, que é capaz de feitos heroicos, mas em grande parte do tempo se comporta com um bêbado violento, mas interessado mais no dinheiro do que na glória de seus feitos. Com isso a história atualiza o gênero do faroeste, trazendo herois mais humanos com muitos defeitos, os deixando mais próximos da realidade e, por consequência, dos espectadores.

E até Mattie acaba entrando nessa questão. A personagem clama que busca justiça pela morte de seu pai, querendo ver Chaney punido a todo custo, criando uma obsessão na mente da garota. Porém essa busca por vezes entra numa caça por vingança, mostrando como a justiça e o desejo pessoal podem muitas vezes se misturar.

E para além do desejo de vingança, Bravura Indômita é um filme muito engraçado, se baseando muitas vezes em situações absurdas e tragicômicas, o que muitas vezes pega o espectador de surpresa.

Grande destaque é, sem dúvidas, a Hailee Steinfeld, não é atoa que ela foi indicada a categoria de Melhor Atriz Coadjuvante em seu primeiro papel no cinema (sei que a premiação é mais estratégica do que qualquer outra coisa mas ainda assim acho estranho ela não ser indicada a Melhor Atriz). A garota rouba qualquer cena que participa trazendo a personagem mais interessante da trama. Mattie é corajosa, persistente e inteligente, impressionando principalmente com suas respostas rápidas

Bravura Indômita (2010)- Imagem: Divulgação

batendo de frente com os homens que a subestimam. É muito legal ver esse tipo de personagem em um faroeste.

Uma grande surpresa positiva, adorei o filme e passou a ser uma obra que recomendo para os outros. Grandes atores, com performances marcantes e uma história divertida, Bravura Indômita fala sobre coragem e como, muitas vezes, ela vem de onde menos esperamos.

E também no mesmo ano temos uma animação, *Toy Story 3* (2010). Com direção de Lee Unkrich, o longa traz a, até então na época, conclusão da trilogia de brinquedos da Pixar, concorrendo em cinco categorias e levando para casa duas estatuetas: Melhor Animação e Melhor Canção Original (*We Belong Together*), e também chegou a concorrer na categoria de Melhor Roteiro Adaptado.

Após anos como os brinquedos favoritos de Andy, Woody (voz de Tom Hanks), Buzz Lightyear (Tim Allen) e seus companheiros enfrentam um novo desafio: Andy está indo para a faculdade, e eles serão doados ou armazenados. Por engano, acabam em uma creche, e precisam decidir se irão aceitar a nova realidade ou tentar voltar para Andy, mesmo sabendo que ele está crescendo e talvez não precise mais deles.

Arrisco dizer que *Toy Story 3* é uma das melhores conclusões de trilogias já feitas, conseguindo não só emocionar com o desfecho

Toy Story 3 (2010)- Imagem: Divulgação

Toy Story 3 (2010)- Imagem: Divulgação

dos personagens que eu pelo menos cresci assistindo, mas trazer isso de uma forma complexa, onde os brinquedos se questionam sobre seu papel dentro da vida de Andy e questionam o futuro.

Então por conta disso, o filme conta uma história sobre amadurecimento. O longa conta com uma das melhores introduções da Pixar, já nos jogando para dentro da narrativa com Andy criança inventando grandes aventuras com seus brinquedos, aqui isso mostrado de uma forma viva. Até que sofremos um baque. O protagonista cresceu e já não brinca mais, deixando seus brinquedos fechados num baú por anos. E agora, saindo para a faculdade, precisa decidir o que fazer com eles.

Acho que uma das coisas que torna as obras do estúdio tão populares é a maneira como eles conseguem falar de temas tão universais, sejam trazendo isso nas personalidades complexas dos brinquedos, ou nos eventos da vida, aqui conseguindo se conectar com qualquer espectador por tratar de um momento que todos passaremos algum dia: a transição para a vida adulta.

Por conta disso, o longa se conecta com facilidade com o público adulto e o infantil, trazendo uma aventura onde tanto em Andy quanto os brinquedos precisam entender seu novo lugar no mundo.

E por conta da situação dos brinquedos, outro tema central é o medo de abandono e esquecimento. Um medo de não ser mais necessário e perder seu propósito. Na história, essa questão é fortemente representada por Lotso, que seria o "vilão" da narrativa, abandonado por sua antiga dona sem muita explicação. Apesar de ser o grande antagonista, quando analisamos a trama Lotso não é um personagem malvado, sendo na verdade marcado pelo trauma não resolvido e por isso agindo dessa forma em resposta a isso. Um personagem extremamente machucado, movido pelo ressentimento.

E também por conta de Lotso a obra tem um tom trágico, falando sobre escolhas. Ao longo da trama praticamente todos os personagens precisam tomar decisões, muitas delas relacionadas com lealdade, perdão e empatia, evidenciando como são essas escolhas que nos definem e não nosso passado. Porém, a recusa de Lotso em mudar é o que o condena, enquanto os outros conseguem confiar, se unir e seguir em frente. Mas honestamente, dá pra culpar ele de não conseguir confiar?

O filme também fala sobre pertencimento onde, depois de anos juntos, os brinquedos acabam criando uma família, ressaltando principalmente a lealdade. Ao contrário dos outros brinquedos, Woody seria levado com Andy para a faculdade. Então ao longo da história ele precisa decidir para onde vai, para a faculdade com Andy ou junto com sua família criada, ao final entendendo que o mais importante era estar juntos com seus amigos, independente de onde.

De certa forma a escolha de Woody de ficar com seus amigos e de Andy de deixar o brinquedo para trás também fala muito sobre a fatídica frase de "amor é deixar ir", onde, mesmo com um amor profundo e mútuo, os dois entendem que é melhor para ambos seguem em caminhos diferentes. E às vezes a vida tem dessas.

E além do seu peso emocional, o filme te conquista com mais uma grande aventura dos brinquedos, agora em uma creche. A história transita com facilidade entre vários gêneros, trazendo sequências muito legais de comédia, suspense e até terror, em que os brinquedos tentam escapar do local. O longa também conta com diversas referências a vários outros clássicos da cultura pop, como a cena em que Woody fica pendurado por sua corda, como Tom Cruise em *Missão Impossível* (1996).

Toy Story 3 é uma conclusão mais do que perfeita para a história. O final tem um gosto agridoce, arrancando lágrimas de vários espectadores, mas ele nada mais retrata do que a vida real, talvez por isso que sentimos tanto a dor do adeus final.

Toy Story 3 (2010)- Imagem: MUBI

Cisne Negro (2010)- Imagem: Divulgação

CISNE NEGRO.

O ano tem muitos bons candidatos, mas meu favorito, sendo um dos meus favoritos da vida, é *Cisne Negro* (2010). Com direção de Darren Aronofsky, o longa recebeu cinco indicações ao Oscar, levando para casa a estatueta de Melhor Atriz (Natalie Portman).

O filme acompanha Nina Sayers (Natalie Portman), uma bailarina dedicada que conquista o papel principal em uma nova montagem de O Lago dos Cisnes. Para viver tanto o Cisne Branco quanto o Cisne Negro, ela precisa confrontar seus medos, desejos e sua própria sanidade. A chegada da livre e provocadora Lily (Mila Kunis) intensifica seu conflito interno.

Antes de assistir eu tinha muito preconceito com Cisne Negro, justamente por imaginar que o filme seria só mais um drama, mas ele é muito mais do que isso. O longa é um terror psicológico que tem como foco a obsessão da personagem Nina, na perfeição dentro do balé.

Nina então entra em uma jornada de autodestruição. A protagonista que mais do que tudo ser perfeita, porém, dentro do balé, isso exige uma entrega total, inclusive da própria sanidade. Assim, ao longo da história, ela passa enfrenta o dilema entre o controle e a ideia de se deixar levar, que dentro do balé de O Lago dos Cisnes é muito importante para interpretar o Cisne Negro.

O filme é narrado exclusivamente pelo ponto de vista da protagonista que vai se tornando cada vez mais paranoica e obcecada, o que a leva a ter diversas alucinações. Pela escolha do ponto de vista, em diversos momentos o filme gera questionamentos sobre o que é real e o que não é. A dualidade dentro do filme também tem uma relação direta com O Lago dos Cisnes de Tchaikovsky, o que torna a obra ainda mais completa, representando a dualidade e constante luta entre o que é reprimido e o que é libertado..

O longa tem um ritmo rápido que vai aumentando conforme o filme passa. Muito disso acontece por conta da direção que através dos movimentos de câmera passa a transmitir os sentimentos, a paixão e a devoção da protagonista para o público se tornando muito imersivo e impressionando principalmente nos movimentos rápidos de câmera durante os momentos mais surreais.

Além disso, o filme explora não só a complexa mente de Nina que vai adentrando cada vez mais nessa busca da perfeição, mas também o mundo das companhias de balé, mostrando toda a ambição, rivalidades, inveja, e competição que são intensificados dentro da indústria da arte.

Mas o grande destaque do filme é a Natalie Portman, que traz uma das melhores performances de sua carreira, que inclusive garantiu a ela um Oscar de Melhor Atriz. A atriz entrega uma brilhante atuação trazendo uma personagem ingênua e insegura, mas ao mesmo tempo paranoica e obsessiva, e mostra a progressão desses fatores juntos com a busca de perfeição.

E o longa finaliza de uma maneira impactante, retratando o colapso mental atrás do perfeito, deixando para os espectadores a pergunta: Quão longe você está disposto a ir pela perfeição?

2012

Esse é o terceiro ano em que temos mais de cinco indicados concorrendo a estatueta de Melhor Filme. Eu sinto que aqui, a ideia de indicar dez obras subiu um pouco a cabeça da Academia e, olhando a seleção, acredito que temos vários longas que entraram na competição apenas por existir vagas (pesado, eu sei).

O grande vencedor da noite foi o filme *O Artista* (2011), que tem direção e roteiro de Michel Hazanavicius e traz uma grande homenagem ao cinema, em especial os filmes mudos e musicais. O longa concorreu em dez categorias, levando para casa cinco estatuetas, incluindo Melhor Direção e Melhor Ator (Jean Dujardin).

O filme se passa na década de 1920 e acompanha o ator George Valentin (Jean Dujardin) no auge da sua carreira sendo um astro do cinema mudo. Porém, com a passagem do mudo para o falado, George acaba caindo no esquecimento devido sua recusa em se adaptar.

Sem dúvidas um dos mais interessantes detalhes no filme é o fato de ser quase completamente mudo e em preto e branco, assim como os longas da época. Isso construiu uma ambientação perfeita ao recriar o glamour da antiga Hollywood transportando o espectador e homenageia diversas obras do período e da Era de Ouro, como o próprio Cantando na Chuva (1952), que tem uma trama similar.

Com isso, o filme também traz discussões sobre a evolução, especialmente, do cinema. A história evidencia como as mudanças são inevitáveis e destaca as consequências de ser contra essas inovações, e a reação das diferentes gerações.

Um exemplo disso é a personagem Peppy Miller (Bérénice Bejo), que mesmo nutrindo um amor por Valentin, tem um pensamento bem diferente do ator e consegue alcançar a fama com o cinema sonoro.

A fotografia também impressiona, apresentando a década de 1920 com técnicas modernas, usando muitos truques de iluminação e sombras, e ideias mais antigas, em momentos até referenciando o expressionismo alemão para representar algumas sensações dos personagens e passar elas para os espectadores, o que acaba deixando o filme mais dinâmico e vivido.

Mas o filme não é totalmente mudo, contando com alguns raros sons colocados em momentos estratégicos e criativos em que representam a ansiedade de Valentin e o medo da inovação de uma forma lúdica.

Jean Dujardin brilha em seu papel realmente encarnando atores do cinema mudo com uma grande expressividade corporal. Seu personagem é muito carismático mas fadado por conta de seu orgulho, se recusando a aceitar as mudanças. Acabamos nos apegando ao personagem muito por conta da situação que ele se encontra, caindo cada vez mais em desespero, conseguindo passar para nós sua angústia e preocupações.

Bérénice Bejo traz uma performance apaixonante e alegre, esbanjando sua paixão tanto na hora de atuar quanto nas vezes que vê Valentin. Com uma atuação muito convincente, ela também remete ao charme das atrizes da época, porém, ainda mantém sua interpretação original e única.

O Artista (2011)- Imagem: Divulgação

O Artista é uma carta de amor ao cinema e a seus amantes, e mesmo não tendo uma trama inovadora ainda é um filme muito ousado e único.

Outro indicado é *A Árvore da Vida* (2011), dirigido e roteirizado por Terrence Mallick, o longa traz uma história contemplativa sobre a existência. O filme recebeu três indicações, mas não levou nenhuma para casa.

Na década de 1950, Jack (Hunter McCracken) vive sua infância no Texas sob a influência de dois pais opostos: a amorosa mãe (Jessica Chastain) e o rigoroso pai (Brad Pitt). Anos depois, já adulto (Sean Penn), ele reflete sobre sua criação, a perda de um irmão e o sentido da vida. Entre memórias e imagens do cosmos, Jack busca compreender sua existência e a presença (ou ausência) de Deus.

Assim como em *Além da Linha Vermelha* (1998), o filme fala sobre o ciclo da vida, mostrando como as memórias de Jack se entrelaçam com imagens cósmicas da criação do universo, o surgimento da vida na Terra, e da existência humana. É uma história completamente contemplativa, convidando o espectador a ser ativo na história através de possíveis reflexões, falando mais com imagens do que diálogos.

O filme explora a existência humana principalmente nos conflitos gerados pela

A Árvore da Vida (2011)- Imagem: Divulgação

personalidade dos pais de Jack. A mãe representa a tranquilidade da natureza, o amor incondicional e o cuidado, enquanto seu pai traz a brutalidade da vida, a luta pela sobrevivência, o orgulho, a dureza. Assim Jack cresce entre esses dois caminhos, levando um pouco de cada consigo.

E por conta disso, a história traz as memórias e vivências da infância como momentos essenciais da vida, onde as crianças descobrem a vida, suas belezas e tristezas. As melhores partes da narrativa são essas, em que acompanhamos o dia a dia das crianças conforme elas crescem e amadurecem lidando com seus pais, em especial seu pai intenso, e exploram diversos sentimentos como a culpa e o amor.

E se em Além da Linha Vermelha Mallick demonstra a indiferença da natureza a brutalidade humana, aqui o diretor conecta os momentos de sofrimento com eventos cósmicos, nos fazendo questionar sobre a insignificância.

Honestamente esse é um assunto que me deixa ansiosa, não me trazendo boas reflexões. A questão da insignificância também é levada para um lado religioso, já que os personagens nesses momentos sofridos constantemente voltam para Deus, explorando sobre a fé e de certa forma a importância de uma ligação religiosa.

Mas, os filmes de Terrence Mallick não são para mim. Minha sensação é que o diretor quer que o espectador passe a obra toda refletindo sobre diversos temas, aqui literalmente tudo que você possa pensar sobre a vida, o que honestamente me tira da narrativa. Acho o ritmo muito lento, muita enrolação e acho os personagens pouco interessantes para se apegar.

A Árvore da Vida (2011)- Imagem: Divulgação

Até acho que a *A Árvore da Vida* poderia ser melhor focando completamente na infância das crianças e como as coisas que aconteceram na época trouxeram consequências para a vida adulta. Mas, ao invés disso, o diretor prefere fazer uma grande viagem (literalmente) pelo universo inteiro.

E com direção de Steven Spielberg outro indicado é *Cavalo de Guerra* (2011). O longa recebeu seis indicações, porém saiu de mãos vazias. O filme tem como base o livro de mesmo nome de Michael Morpurgo, publicado em 1982, trazendo uma mistura entre fábulas e dramas de guerra.

A narrativa narra a jornada de Joey, um cavalo extraordinário que forma um forte laço com Albert Narracott (Jeremy Irvine), o jovem que o treina na Inglaterra rural. Quando a guerra e a pobreza forçam a família de Albert a vender Joey para o exército britânico, o cavalo passa a cruzar fronteiras e fronteiras de batalha, servindo a diferentes donos — soldados britânicos, alemães, e até uma jovem francesa e seu avô. Enquanto isso, Albert se alista no exército determinado a reencontrar seu companheiro.

A história traz bastante da brutalidade da guerra, mas de um jeito mais tranquilo e não tão realista como em *O Resgate do Soldado Ryan* (1998), focando mais nos gestos de humanidade e empatia que ainda persistiram durante os momentos sombrios. A narrativa então é dividida em pequenas crônicas, acompanhando Joey e seus novos donos, cada um trazendo uma perspectiva diferente da guerra, desde os soldados na guerra até os civis do interior.

E por trazer Joey como o protagonista, o filme fala sobre inocência, afinal, o cavalo é arrastado para uma guerra que ele não compreende, obrigado a lutar pelos dois lados, independente de suas lealdades, mostrando a desumanização vivida dentro da guerra.

Cavalo de Guerra (2011) - Imagem: Divulgação

Mas, mesmo arrastado, sua maior lealdade é com Albert, trazendo a amizade dos dois como o grande coração da história. Os dois acabam criando uma conexão gigantesca até que são separados, fazendo

com que Albert dedique toda sua vida, inclusive se alistando na guerra, para se reencontrarem, evidenciando uma das mais puras amizades.

Mas além de um filme emocional, Spielberg se inspira muito em antigos épicos para criar a história, trazendo diversos elementos de outros longas. É possível ver isso principalmente nos momentos em que Joey é obrigado a participar da batalha no campo de batalha, mostrando a vastidão da guerra e seus perigos.

Apesar de mostrar momentos da brutalidade da Primeira Guerra Mundial, esse é um filme para a família, que ganha principalmente nos momentos mais emocionais.

Porém, é uma história fraca, já contada antes, lembrando bastante o longa *Seabiscuit* (2003), fora a história de Albert, as outras crônicas de Joey dentro da trama não tem tanta força. Mas, para ser sincera, foi por pouco que não chorei em seu final, reencontros sempre me pegam demais.

Também concorreu a categoria de Melhor Filme o longa *Tão Forte e Tão Perto* (2011). Com direção de Stephen Daldry, a obra recebeu duas indicações, porém não venceu nenhum prêmio. O filme tem como base o livro homônimo de Jonathan Safran Foer (2005), trazendo o impacto íntimo do 11 de Setembro.

Após perder seu pai (Tom Hanks) nos ataques de 11 de setembro, o jovem Oskar Schell (Thomas Horn), um garoto inteligente e sensível, encontra uma chave misteriosa entre os pertences dele. Convencido de que é uma mensagem deixada para ele, embarca em uma jornada por Nova York em busca da fechadura

Tão Forte e Tão Perto (2011)- Imagem: Divulgação

Tão Forte e Tão Perto (2011)- Imagem: Netflix

correspondente. Durante sua busca, conhece pessoas marcadas pela perda, que o ajudam a lidar com o luto.

A história destaca o impacto que os ataques de 11 de setembro tiveram nos norte-americanos, passando por um período de tristeza, após muitas perdas, trazendo o atentado como uma ferida pessoal e nacional. A narrativa não tem um tom político, usando o contexto apenas de pano de fundo para falar sobre o luto, o sofrimento compartilhado e a imprevisibilidade da morte.

O filme então foca principalmente na visão de Oskar sobre o evento, como uma criança que não entende exatamente o que aconteceu. Até por isso, a câmera segue o protagonista de perto, trazendo muitas vezes em planos subjetivos, até para mostrar como ele vê e sente o mundo e as coisas ao seu redor.

Porém, Oskar é uma criança difícil. Muito por conta da enorme conexão que tinha com seu pai, o garoto entra em um vazio gigantesco após a morte dele. Assim, quando encontra a chave misteriosa, essa passa a ser uma nova obsessão, se tornando um mecanismo para lidar com a ausência e o vazio, como se fosse uma última aventura com seu pai.

Mas a alma do filme é mostrar a importância da conexão humana e a empatia, evidenciando isso durante momentos difíceis. Acho que a história passa bem a ideia daquela frase “juntos somos

mais fortes", onde conforme Oskar conhece mais pessoas que também foram afetadas pelo luto, passa processar o luto, voltando a se conectar com o mundo, e também a ajudar os outros. Destacando assim a importância do consolo humano em momentos de desespero.

Mas ao final, eu não me interessei pela narrativa, mesmo trazendo um grande mistério para ser investigado. Sinto que ele poderia ser um filme muito melhor do que ele realmente é, até pela mensagem de empatia, porém sua história acaba ficando muito cansativa por conta do protagonista. Ao fim, me parecia um filme que eu já tinha visto antes e que acabou nessa seleção porque tinha vaga.

Já dirigido por Alexander Payne, outro indicado é o filme *Os Descendentes* (2011), baseado no romance homônimo de Kaui Hart Hemmings (2007). O longa recebeu cinco indicações, levando para casa uma estatueta: Melhor Roteiro Adaptado.

Após um acidente de barco deixar sua esposa em coma, Matt King (George Clooney), um advogado havaiano descendente de uma família de proprietários de terras, precisa cuidar sozinho de suas duas filhas, Alexandra (Shailene Woodley) e Scottie (Amara Miller). Enquanto tenta reorganizar sua vida familiar, Matt descobre que sua esposa o estava traindo.

Assim como todo bom filme do diretor, ele é um comédia dramática meio cínica e melancólica, que toca em temas universais como: perda, perdão, identidade e a complexidade das relações humanas. A história então tem como pano de fundo as belíssimas paisagens do Havaí, dando foco para o cotidiano familiar da família King, uma família comum de fácil identificação.

O filme tem um tom honesto, garantido principalmente pela ironia fortemente usada pelos personagens, acompanhando a jornada de um homem que de repente se encontra perdido. O longa então traz reflexões sobre o perdão, já que o personagem precisa se despedir e lidar com o luto de sua esposa e ao mesmo tempo lidar com a traição que ela causou. Assim,

Os Descendentes (2011) - Imagem: Divulgação

Os Descendentes (2011) - Imagem: Divulgação

a situação em que ela se encontra o obriga a enfrentar dilemas morais, analisando seu relacionamento, o amor e sua família.

O personagem também passa por uma jornada de mudança, principalmente em relação com sua família, já que antes era um pai distante. Por conta da situação com a sua esposa, Matt é forçado a se reaproximar de suas filhas, o que traz para ele diversos aprendizados e também uma forma de se reconstruir.

O filme tem uma história interessante que prende a atenção com facilidade, divertindo e entretendo. Se eu fosse votante do Oscar eu lutaria pela indicação do longa? Não. Mas é uma boa história que cumpre seu propósito mas não se destaca.

E com direção de Martin Scorsese, outro indicado é *A Invenção de Hugo Cabret* (2011). O longa tem como base o livro homônimo de Brian Selznick (2007), contando com uma narrativa bem diferente do restante da filmografia do diretor, saindo do intenso realismo urbano para uma história infanto juvenil. Além de Melhor Filme, a obra recebeu outras dez indicações, levando para casa cinco estatuetas.

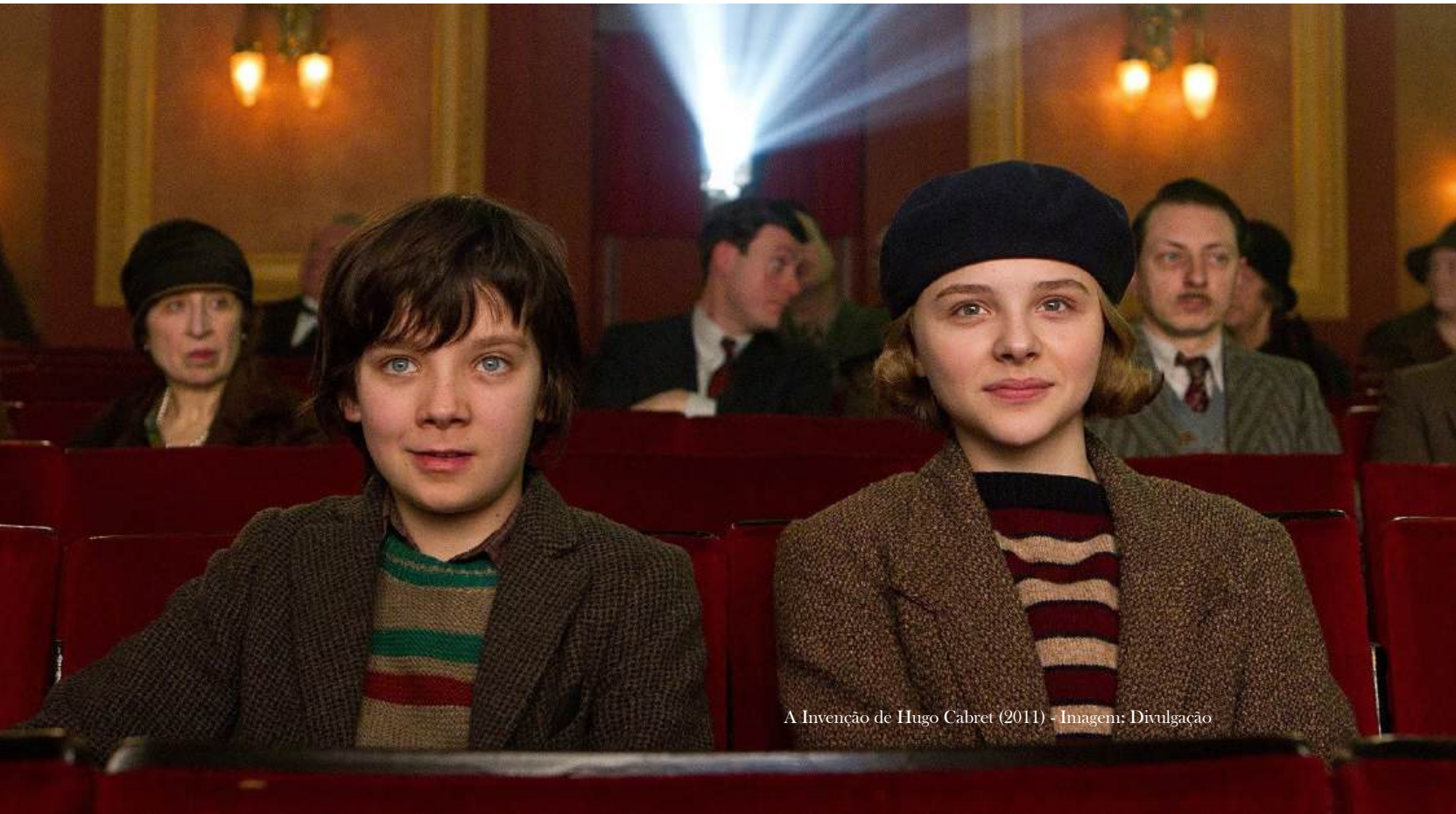
Na Paris da década de 1930, o órfão Hugo Cabret (Asa Butterfield) vive escondido em uma estação de trem, mantendo os relógios funcionando e tentando consertar um autômato deixado por seu pai (Jude Law). Ao conhecer a curiosa Isabelle (Chloë Grace Moretz) e seu padrinho Georges (Ben Kingsley), ele embarca em uma jornada que cruza invenções, filmes antigos e segredos esquecidos.

Mesmo sendo bem diferente dos outros filmes do diretor, por ser uma história infanto juvenil, esse foi meu primeiro contato com Martin Scorsese. Mas, para além de uma história de fantasia, A Invenção de Hugo Cabret é uma carta de amor para o cinema e seu legado. E digo mais, eu li o livro e posso garantir que essa é uma ótima adaptação.

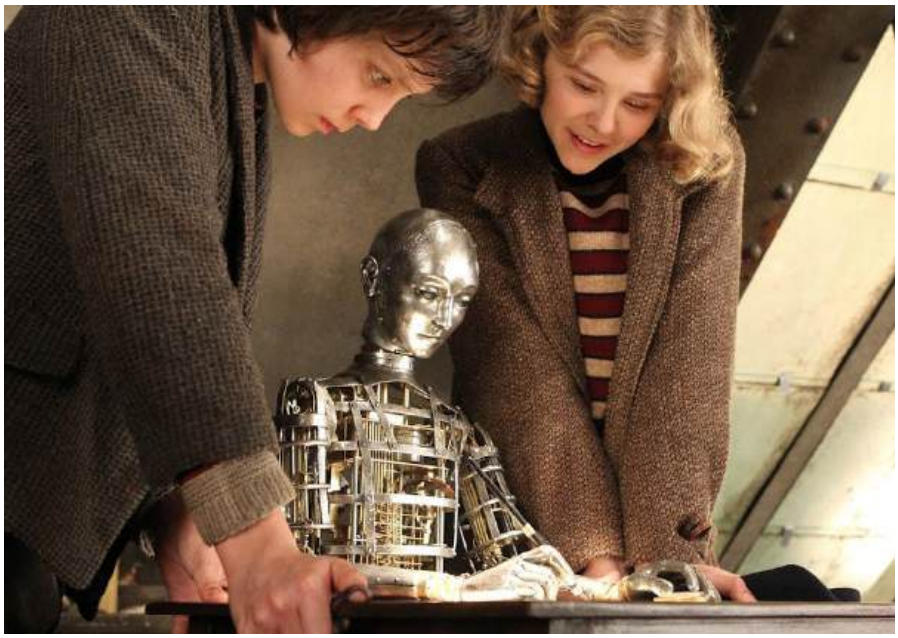
Na história então, o longa ressalta o poder da arte, sendo muito maior do que apenas entretenimento. Ao longo da narrativa ele destaca o cinema como uma forma de escapismo, um registro temporal e a preservação dele e uma maneira de transformar vidas, já que todos os personagens acabam mudando após entrarem em contato. Além disso, o filme homenageia o início da história do cinema, imortalizando o grande diretor Georges Méliès.

No começo do filme Georges vive uma vida reclusa e já esquecido, até que, durante as investigações e buscas de Hugo, ele conecta o cineasta novamente ao presente. Ao contar a história do diretor para o mundo, o garoto devolve seu reconhecimento revivendo seu nome e sua importância histórica. E posso garantir que o longa foi muito feliz dentro desse seu propósito, afinal também tive meu primeiro contatos com Méliès aos 10 anos, quando assisti o longa nos cinemas.

Gosto bastante da representação da infância aqui. Hugo é um personagem inteligente e



A Invenção de Hugo Cabret (2011) - Imagem: Divulgação



A Invenção de Hugo Cabret (2011) - Imagem: Divulgação

movido pela curiosidade conforme consegue ser autônomo. De certa forma, essa obsessão no autônomo também reflete no processo de luto do garoto que perdeu os pais, encontrando na máquina uma forma de ainda permanecer perto de seu pai. Entendeu como faz, *Tão Forte e Tão Perto* (2011)?

Uma história sobre a memória e a importância da preservação dela. A Invenção de Hugo Cabret é um filme que fica com você após o final, tanto pelo seu lado fantástico, mas por conseguir demonstrar o amor que Scorsese tem pelo cinema.

E um dos polêmicos indicados, é o filme *Histórias Cruzadas* (2011). O longa tem direção de Tate Taylor, que também assina o roteiro, que por sua vez é baseado no romance homônimo de Kathryn Stockett (2009). O longa recebeu quatro indicações, levando a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante (Octavia Spencer) para casa.

Nos anos 60, em Jackson, Mississippi, Skeeter (Emma Stone), uma jovem aspirante a escritora, decide entrevistar mulheres negras que passaram a vida trabalhando como empregadas domésticas para famílias brancas. As primeiras a aceitar são Aibileen Clark (Viola Davis) e Minny Jackson (Octavia Spencer), que compartilham histórias de dor, racismo e resiliência. Enquanto o livro ganha forma, a cidade se transforma em um campo de tensão.

O filme evidencia a luta racial dos anos 1960, mostrando o cotidiano de mulheres negras que faziam trabalhos domésticos para famílias brancas. As mulheres eram muitas vezes obrigadas a usar banheiros separados, e tinham que cuidar dos filhos da família, praticamente os criando enquanto as mães viviam uma vida social para a época.

O longa mostra com clareza o racismo que as mulheres enfrentavam, desde os mais óbvios até os mais sutis, pequenas violências do dia a dia vistos no tom e nas regras sociais.

A história então começa quando a jornalista Skeeter vai atrás das mulheres para ouvir seus

Histórias Cruzadas (2011) - Imagem: Divulgação

testemunhos. O ato de contar suas histórias acaba sendo extremamente corajoso, já que elas poderiam perder seus empregos e ficarem marcadas para sempre sem conseguir trabalhar novamente. Mas, até por uma causa maior de denunciar os tratamentos absurdos que recebem, elas acabam participando da ideia de Skeeter.

O longa é um tanto quanto romantizado, ele critica muito do comportamento das mulheres brancas, em específico, mas tem um certo limite dentro das crueldades mostradas. Por um lado isso deixa o longa equilibrado, com espaço para momentos engraçados e dramáticos, por outro pode se argumentar que ele não é uma representação completamente fiel da época, por conta dessas liberdades.

Hoje em dia, a obra não é vista com bons olhos, tanto que grande parte do elenco se arrepende de ter feito o longa, já que ele perpetua uma narrativa White Savior, visto que Aibileen e Minny são "resgatadas" pela bondade de Skeeter. Mas, eu preciso admitir, eu adoro o filme, e acho que ele traz um elenco tão bom, com performances tão boas, que é difícil não se engajar na história e não se emocionar com ela.

Sinto que é uma obra para assistir tendo essas questões problemáticas em mente, mas de certa forma, sua existência também foi importante para mostrar as limitações de Hollywood em contar histórias protagonizadas por pessoas negras, o que abriu portas para um novo debate.

O Homem que Mudou o Jogo (2011) - Imagem: Divulgação

No mesmo ano, outra indicação dentro da categoria foi para *O Homem Que Mudou o Jogo* (2011).

Com direção de Bennett Miller, o longa tem como base o livro de Michael Lewis, publicado em 2003, que conta a história por trás da estratégia do gerente geral Billy Beane. O filme recebeu seis indicações mas não venceu nenhuma estatueta.

Billy Beane (Brad Pitt), gerente do time de beisebol Oakland Athletics, decide desafiar as regras do jogo ao montar uma equipe competitiva com orçamento limitado. Com a ajuda do jovem economista Peter Brand (Jonah Hill), ele aposta em estatísticas em vez de intuições para escolher jogadores subestimados. A estratégia gerou controvérsias, mas revolucionou o esporte. Por muito tempo eu me vi como uma pessoa que não gostava de dramas esportivos, até que assisti O Homem que Mudou o Jogo, que não só prendeu minha atenção do começo até o fim, como fez isso transformando estatísticas e números em drama humano.

A história mostra a importância da inteligência matemática, indo contra tudo que era aceito dentro do esporte e confiando nos números.

Com isso a história fala sobre o embate entre a novidade e o tradicional, visto que Billy desafia o trabalho até então feito por intuição pelos olheiros. Com isso, Beane enfrenta a resistência

de técnicos, outros olheiros e os próprios fãs do time de beisebol, o que exige muita coragem, confiando fielmente que sua estratégia.

A narrativa também questiona o que significa vencer, já que ao final da história o Oakland Athletics não vence o campeonato, mas faz uma poderosa campanha, mudando completamente a forma como o jogo é feito, deixando um legado.

Com isso também, o longa convida os espectadores para olhar além, afinal, grande parte dos jogadores contratados por Billy são vistos como fracos pelo resto do mercado, quando na realidade eles só são utilizados no lugar errado do time ou da forma errada.

Esse é um daqueles filmes em que a jornada é muito mais importante do que a chegada, mostrando um arco de redenção de Billy e dos jogadores que contrata, que aqui tem a chance de se reinventar, encontrando a glória mesmo não vencendo o campeonato. É um longa sobre isso, sobre trabalhar com o que tem e fazer isso funcionar com estudo e persistência.

O Homem que Mudou o Jogo (2011) - Imagem: Divulgação

MEIA-NOITE EM PARIS.

Mas o verdadeiro vencedor da noite deveria ter sido *Meia-Noite em Paris* (2011). O longa é dirigido e escrito por Woody Allen e é uma carta de amor a Paris, trazendo uma reflexão sobre tempo e nostalgia. O filme recebeu quatro indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original.

Durante uma viagem a Paris com a noiva (Rachel McAdams), o roteirista Gil Pender (Owen Wilson) descobre uma forma misteriosa de voltar à década de 1920 todas as noites à meia-noite. Encantado com o passado e com figuras como Hemingway e Picasso, ele se vê dividido entre dois tempos e duas formas de viver. Lá, conhece Adriana (Marion Cotillard), musa dos artistas da época, e repensa suas escolhas.

Gil passeia pelas ruas de Paris analisando a beleza do local, lembrando de todos aqueles que um dia passaram pelo mesmo lugar que ele, até que sem querer acaba viajando para 1920. O personagem fica encantado com a época, enfim conhecendo tantos ídolos. O tema central da história é o fascínio pelo passado, um saudosismo, imaginando que o momento ideal de se viver era naquela época.

Gil, por sonhar com o passado, acaba sempre julgando o presente, sendo incapaz de realmente aproveitar, sempre pensando nas maravilhas culturais dos anos 1920, em que diversos escritores e pintores estavam vivos e convivendo entre si. Mas ao longo da história, ele conhece Adriana que vive nos anos 1920, mas se sente infeliz, querendo viver na Belle Époque, acreditando que aquela época era o auge.

O protagonista não só busca os anos 1920 por uma obsessão com o passado, mas também por viver uma vida superficial no presente, em um casamento convencional e um trabalho medíocre. De certa forma, a viagem para o passado, e os aprendizados com seus ídolos, o faz passar por uma mudança, indo atrás de autenticidade e realização pessoal, enfim conseguindo continuar com a escrita de seu livro.

Assim, a história ressalta a importância da arte e seu poder transformador. Quando Gil enfim vivência arte, em contato com Hemingway, Stein e Toulouse-Lautrec, ele se reencontra com um lado emocional de si mesmo, enfim o dando forças para sair de sua vida cômoda e também passar a apreciar a beleza diferente do presente, que muitas vezes não é tão óbvia como no passado.

A história também serve como homenagem à cidade de Paris, lar de tantos artistas e românticos. Aqui a cidade acaba sendo quase um personagem dentro da história, já que o diretor constantemente ressalta sua arquitetura, luz, romantismo e beleza, tanto nas grandes construções como também nas pequenas lojas da cidade.

Meia-Noite em Paris é um filme para os nostálgicos, deixando claro ao final que a insatisfação pode vir em qualquer época da vida, e que a verdadeira era de ouro é a que decidimos viver ao máximo.

Meia-Noite em Paris (2011) - Imagem: Divulgação

Argo (2012)- Imagem: Justwatch

2013

Vou dizer que até gosto da seleção de filmes de 2013, gosto bastante de alguns selecionados e acho interessante as diferentes temáticas que eles abordam, mas pra ser sincera, apesar de muitos dos indicados serem populares, eu me decepcionei com vários títulos.

Felizmente não é o caso do grande vencedor da noite, apesar de estar tirando sua estatueta, *Argo* (2012) foi uma surpresa positiva. O longa tem direção de Ben Affleck e seu roteiro traz uma história real, tendo como base em um artigo da revista Wired e no livro *The Master of Disguise*, publicado em 1999, escrito por Tony Mendez, o verdadeiro agente da CIA envolvido na operação.

Além de Melhor Filme, a obra também levou para casa outras duas estatuetas: Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Trilha Sonora Original.

O filme acompanha a história da crise do Irã em 1979, em que ocorreram diversos protestos. Em um deles, os protestantes invadem a embaixada do país, lugar em que 6 diplomatas americanos estavam trabalhando. Eles conseguem escapar antes da invasão e ficam refugiados na casa do embaixador canadense. Para retirá-los de lá, a CIA contrata Tony Mendez (Ben Affleck), que cria um filme fictício chamado Argo como estratégia para resgatá-los.

Ben Affleck como ator sempre é uma questão pra mim. Acho ele extremamente talentoso como cineasta e roteirista, até pensando em Gênio Indomável que garantiu para ele e Matt Damon a estatueta de Melhor Roteiro Original com apenas 25 anos, mas como ator acho que muitas vezes ele acaba interpretando a mesma pessoa. Apesar disso, aqui em *Argo* ele deixa bem claro seu talento na direção.

O filme é muito bem montado, desenvolvido e ambientado, parte disso graças a direção já que por se passar em 1979, Affleck sai do básico com figurinos, cenários e paleta de cores, e se utiliza das técnicas da época. Também, o diretor não se utiliza de caos e cortes frenéticos para criar a tensão, conseguindo criar uma atmosfera angustiante por nos colocar no lugar dos personagens, algo que nos acompanha até o final.

Além disso, a fotografia também ajuda nessa ambientação, se utilizando muito de tons quentes de bege e marrom, um aspecto de desgastado e filtros que remetem a filmagens da época. A filmagem também prioriza os rostos dos atores, o que traz um maior realismo – além de humanizar os personagens remetendo à vida real. E a trilha sonora discreta do espetacular Alexander Desplat completa a trama reforçando o suspense criado, ajudando a prender a atenção.

O roteiro do filme se aproveita muito de ser baseado em fatos reais, já que mesmo a maioria conhecendo o contexto em que se passa, são poucos que conhecem a história contada, e assim ele garante um ótimo elemento surpresa. A narrativa consegue equilibrar perfeitamente suspense, crítica política, momentos de tensão e até humor sarcástico, principalmente nas cenas ambientadas em Hollywood. E, mesmo se tratando de uma operação da CIA, Affleck em nenhum momento transforma o longa numa propaganda patriota, focando principalmente no plano maluco inventado para soltar os diplomatas.

A atuação de Ben Affleck, por um lado, gera um incômodo por ele não conseguir se destacar tanto como o protagonista, mas por outro lado, esse fator foi crucial dentro da história, já que acaba dando foco para todos os outros atores, principalmente o sexteto preso na embaixada. Os seis atores entregam ótimas performances, realmente expressando o medo e a angústia que os diplomatas passaram naquele período.

O filme ainda conta com grandes momentos de John Goodman e Alan Arkin, com ótima química em tela, rendendo os momentos mais leves e engraçados da trama

Com uma direção impressionante, *Argo* – o real, não o fictício – inova ao trazer a temática de política internacional já que fala de uma história muito interessante e inacreditável, agradando até quem não gosta do gênero.

Ainda sobre a política internacional envolvendo os Estados Unidos e baseado em uma história real, outro indicado é o filme *A Hora Mais Escura* (2012). O longa tem direção de Kathryn Bigelow e recebeu cinco indicações e levou uma estatueta para casa: Melhor Edição de Som.

O filme acompanha Maya (Jessica Chastain), uma agente da CIA altamente dedicada, que passa anos envolvida na busca pelo terrorista Osama bin Laden após os ataques de 11 de setembro.

A ideia do filme é justamente mostrar os os bastidores da operação secreta que levou à

Argo (2012)- Imagem: Divulgação

A Hora mais Escura (2012) - Imagem: Divulgação

morte do líder da Al-Qaeda em 2011, revelando os métodos controversos, as pressões políticas e a obsessão pessoal da protagonista ao longo de uma década. E o título do filme acaba sendo uma perfeita representação desse clima, já que *Zero Dark Thirty* (nome em inglês), é um termo militar que indica uma hora da madrugada (aproximadamente 00:30), representando tanto a escuridão literal da operação quanto o clima sombrio e tenso que permanece durante toda a narrativa.

O filme é bem intenso mas ainda sim extremamente realista, mostrando como todas essas operações são conduzidas, com violências, torturas e manipulações, e tudo isso é mostrada de uma forma "crua" sem qualquer tipo de tranquilizador, o que deixa tudo mais brutal. Até por conta disso, a narrativa é construída como uma investigação longa e frustrante, já que acompanhamos Maya interrogando diversas pessoas, indo para um lado e para outro atrás de resposta, sofrendo perdas pessoais, justamente para parar de investigar. Uma parte desse cansaço que gera tanto na protagonista quanto em nós vem de acompanharmos 10 anos de investigações e, principalmente, por eles serem contados ao longo de mais de 2 horas e 30 minutos de filme.

Devo admitir que eu achei o filme muito longo e um tanto quanto confuso em suas investigações, já que diversos nomes eram ditos e investigados e eu honestamente acabei me perdendo em diversos momentos e também me sentindo entediada com o filme.

Mas, o filme ganhou vários pontos comigo por conta do seu final, em que eu finalmente entendi que a narrativa não era sobre a investigação e sim sobre a obsessão de Maya no caso, que dedica anos da sua vida, perde diversos amigos e colegas, sacrifica sua segurança e sua vida pessoal e enfim finalmente consegue o que queria, mas a que custo? O final faz o filme ser verdadeiramente bom, fazendo isso de uma forma simples, apenas mostrando sua protagonista desabando de chorar mesmo depois de "vencer".

O longa tem um gosto agridoce, tentando de certa forma trazer ambos os lados do caso, como os métodos da CIA de conseguir informações, o que gera resultados, versus a ética, o patriotismo americano dos agentes e a resposta americana ao terrorismo e a vitória da protagonista e o vazio que isso gerou. A história não é sobre a busca por Bin Laden, e sim o que essa busca custou, não só para as vítimas do terrorismo, mas também àqueles que lutaram contra ele. Não é uma história que penso em revisitar, mas quanto mais eu penso sobre mais eu gosto do filme.

Já *Indomável Sonhadora* (2012) tem um estilo bem diferente. O filme tem direção de Benh Zeitlin que também assina o roteiro juntamente com Lucy Alibar, o longa é inclusive baseado na peça "Juicy and Delicious" de Alibar.

Na comunidade isolada da Banheira, a pequena Hushpuppy (Quvenzhané Wallis) vive com seu pai doente, Wink (Dwight Henry), enfrentando uma tempestade devastadora e o colapso do mundo ao seu redor. Enquanto a água sobe e a realidade se transforma, ela embarca em uma jornada guiada por sua imaginação e coragem.

O filme tem um tom documental, acompanhada por narrações feitas pela personagem Hushpuppy que, através de sua visão infantil, faz denúncias sobre a destruição ambiental que assola a região da Banheira e, principalmente, crítica à negligência das autoridades e do sistema diante das populações mais vulneráveis.

Parte do tom documental vem muito da direção dentro do filme, que muitas vezes se utiliza da câmera na mão para trazer uma realidade mais crua e próxima. O longa também fez uso de atores não-profissionais, o que garantiu performances mais naturais.

Esses momentos são contados a partir do amadurecimento de Hushpuppy que precisa crescer para sobreviver. Parte desse crescimento vem também pela relação difícil entre a garota e o pai. O relacionamento é construído com gritos, silêncio e carinho bruto. Wink quer ensinar a filha a ser forte para sobreviver, já que ele sabe que não vai poder acompanhá-la por muito tempo. E a garota, mesmo pequena, acaba se provando uma personagem extremamente corajosa e forte.

Admito que sai bastante decepcionada, em parte por conta da sinopse do longa, que me promete uma jornada com muita imaginação. Com isso, acha que talvez toda a visão de Hushpuppy sobre a ilha e sua situação seria recheadas de figuras mágicas, como uma forma de lidar e entender a realidade, como fazem em *Precious* (2009). Mas não é isso que acontece e essas criaturas mágicas só dão as caras ao final, como uma resposta a todas as perdas e

Indomável Sonhadora (2012)
Dir: Benh Zeitlin

A obra recebeu quatro indicações:, incluindo Melhor Atriz para Quvenzhané Wallis, que com 9 anos de 135 dias é, até hoje, a mais jovem indicada à categoria. Ela inclusive conquistou essa honra no mesmo ano em que a mais velha indicada da categoria, Emmanuelle Riva (Amour), também foi nomeada com 86 anos.

ao sofrimento que a garota passou.

De certa forma, o lado místico fica com as filosofias que a garota tem, se questionando sobre o papel de cada um dentro no mundo.

Esse foi um filme difícil de assistir. Apesar de ter uma das mais curtas durações, eu achei sua história extremamente arrastada e cansativa, a única coisa que me fez conectar com a história foi a atuação comovente de Quvenzhané Wallis e sua narrativa sofrida, mas fora isso achei uma narrativa meio estranha e, honestamente, chata.

Já trazendo uma história mais intimista, outro filme é o francês *Amour* (2012). O longa recebeu cinco indicações, vencendo a categoria de Melhor Filme Internacional, e também foi contemplado com a Palma de Ouro no Festival de Cannes. O filme tem direção de Michael Haneke e traz um retrato sensível sobre o envelhecimento e suas dificuldades.

Georges (Jean-Louis Trintignant) e Anne (Emmanuelle Riva), um casal de idosos apaixonados, veem sua vida mudar quando Anne sofre um AVC. Com sua saúde se deteriorando, Georges se dedica inteiramente a cuidar dela. Em meio ao silêncio e à dor, o amor entre eles é posto à prova.

A história acompanha o processo de envelhecimento, doença degenerativa e preparação para a morte, de uma forma realista, explorando os limites do amor quando o sofrimento é inevitável. A história então fala sobre o amor incondicional, que permanece mesmo diante da doença, se provando momentos mais sombrios.

Indomável Sonhadora (2012)- Imagem: Divulgação

O filme também explora a questão da dignidade da morte, questionando até que ponto é misericordioso manter a vida de outro que sofre sem perspectiva de melhora, até que ponto que não é apenas uma prolongação do sofrimento.

A narrativa não ameniza em nenhum momento, mostrando a crua realidade dos dois idosos, explorando as mudanças do cotidiano dos dois, onde Georges passa a cuidar de Anne. Não existe uma violência, mas o filme acaba sendo brutal pela sua sinceridade, mostrando uma dor silenciosa, do tempo e da impotência. E até por estar ainda consciente e "bem", a jornada de Georges é muito dolorosa e solitária, sendo cercado de silêncio e ausência. E até pelo longa se passa praticamente por completo dentro do apartamento do casal, a história nos passa uma sensação de claustrofobia, como a sentida por Georges.

No amor e na doença, amar é cuidar, e o longa é a prova disso. O filme é sofrido por vermos a dor constante que Anne passa e principalmente como Georges quer mais que tudo ser seu cuidador, até por saber suas vontades. A obra é agridoce, com um final triste mas ainda bonito de certa forma, falando sobre misericordia e um amor incondicional, onde um precisa do outro, tanto da companhia quanto do cuidado.

Agora trazendo uma história de amor mais intensa, *O Lado Bom da Vida* (2012) é outro dos indicados. O longa tem direção de David O. Russell e trouxe dupla de atores que se tornaram uma das mais icônicas dentro de Hollywood:

Amour (2012)- Imagem: Divulgação

Jennifer Lawrence e Bradley Cooper. Além de Melhor Filme, a obra recebeu outras sete indicações, levando a estatueta de Melhor Atriz (Jennifer Lawrence) para casa, sendo essa a primeira vitória da atriz com apenas 22 anos.

Após sair de uma instituição psiquiátrica, Pat (Bradley Cooper) tenta reconstruir sua vida e reconquistar a ex-esposa, apesar do transtorno bipolar. Ele conhece Tiffany (Jennifer Lawrence), uma jovem viúva com seus próprios traumas, e os dois formam uma conexão improvável. Enquanto se preparam para uma competição de dança, descobrem apoio mútuo e novas formas de cura.

O filme conta uma história de amor não convencional entre duas pessoas igualmente intensas, que tentam uma segunda chance. O longa então acompanha os dois personagens tentando se reconstruir, evidenciando a beleza mesmo durante a dor e o fracasso. A história não demonstra o amor como uma cura mágica, mas como importante parte da recuperação por conta da conexão que os dois personagens criam.

E mesmo com um tom meio mórbido, a obra encontra lugar para o humor, principalmente pelas interações malucas entre Pat e Tiffany, até pelo constrangimento, que impressionam especialmente pela atuação de Cooper e Lawrence.

O longa também demonstra os transtornos mentais com humanidade. Pat é bipolar mas a narrativa traz uma visão realista, evidenciando suas dificuldades, principalmente para seus pais, mas mesmo assim de forma empática. Parte disso vem por conta da família disfuncional de Pat, seu pai Pat Sr. (Robert De Niro) tem TOC

O Lado Bom da Vida (2012)- Imagem: Divulgação

O Lado Bom da Vida (2012)- Imagem: Divulgação

e dificuldades emocionais, criando um ambiente familiar caótico, porém ainda com afeto, sendo identificável de certa forma.

O Lado Bom da Vida é uma história sobre recomeços e a vida imperfeita e sua beleza. O filme lembra outras histórias que trazem humor dentro das questões difíceis da vida como Little Miss Sunshine (2004), também sendo memorável e inesquecível. E também, o longa comprova mais uma vez o talento da dupla Jennifer Lawrence e Bradley Cooper.

E talvez um dos mais icônicos filmes dos anos 2010, outro indicado é *As Aventuras de Pi* (2012). O longa tem direção de Ang Lee e tem como base o livro de mesmo nome de Yann Martel, publicado em 2001. A obra recebeu onze indicações e levou para casa quatro prêmios: Melhores Efeitos Visuais, Melhor Trilha Sonora Original, Melhor Fotografia e Melhor Direção.

Após o naufrágio de um cargueiro, o jovem indiano Pi Patel (Suraj Sharma) se vê preso em um bote salva-vidas no meio do oceano com um inesperado companheiro: um tigre-de-bengala chamado Richard Parker. A jornada de 227 dias coloca à prova sua fé, coragem e imaginação.

A narrativa é contada em flashback por Pi adulto (Irrfan Khan), que narra sua história a um escritor (Rafe Spall) interessado em transformá-la em livro. O personagem então oferece duas versões: uma mais mágica e simbólica, outra mais crua e realista, desafiando o escritor, e os espectadores, a escolherem qual preferem acreditar.

De certa forma, com as duas versões, o filme fala sobre a importância da imaginação como refúgio.

As Aventuras de Pi (2012)- Imagem: Divulgação

A versão realista é dura e sofrida, já a mágica, mesmo também traumática, torna a experiência mais suportável, interessante e até bela em momentos. Nenhuma das histórias muda o que aconteceu e nunca saberemos qual versão que realmente aconteceu, mas é inegável o fato de que a fantasiosa é uma realidade melhor, dando um sentido maior e mais filosófico a dor que o personagem passou.

O tema central do longa é a fé e a espiritualidade. No começo da história, quando criança, Pi explora hinduísmo, o cristianismo e o islamismo, buscando uma conexão com o divino em todas as formas e ao mesmo tempo se identificando com as três religiões. Sua aventura no mar acaba se tornando um grande teste da fé onde, mesmo com fome, medo e sem pretensões de resgate, ele precisa acreditar e confiar no inexplicável
A jornada também serve como um estudo sobre a sobrevivência. Pi é um garoto que viveu debaixo do teto de seus pais e que agora se vê obrigado a lutar para se salvar. Ao longo de sua grande aventura o garoto passa a aprender muito com Richard Parker que, até por ser um animal, é uma criatura instintiva e feroz que vai fazer de tudo para sobreviver, algo que Pi aprende, respeita e aceita para sobreviver.

Sem dúvidas a estatueta de Melhores Efeitos Visuais foi muito mais do que merecido, afinal, um dos grandes personagens do longa é um tigre-de-bengala construído com esses efeitos. É meio absurdo quando nos damos conta que nenhum dos animais estava realmente nas filmagens, de tanto detalhe e personalidade que eles recebem.

As Aventuraas de Pi (2012) - Imagem: Divulgação

A construção dos animais vai muito além do que apenas o seu físico, precisando se preocupar com as movimentações, instintos e jeitos, e dentro do filme tudo é impecável e extremamente realista. Mesmo assistindo o longa mais de 10 anos depois, os efeitos ainda impressionam.

Admito que acabei me decepcionando um pouco com o filme, fui assistir achando que seria um longa que mudaria minha vida, por conta do hype, e infelizmente não foi. Mas, ainda assim, é uma interessante história que mostra que a verdade às vezes vai além dos fatos.

Voltando para as histórias verdadeiras, outro indicado é o longa *Lincoln* (2012). O filme foi dirigido por Steven Spielberg e recebeu doze indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Design de Produção e Melhor Ator (Daniel Day-Lewis). O longa é parcialmente baseado no livro baseado parcialmente no livro Team of Rivals: The Political Genius of Abraham Lincoln, de Doris Kearns Goodwin, publicado em 2005, e retrata os últimos meses da presidência de Abraham Lincoln.

Durante os últimos meses da Guerra Civil Americana, o presidente Abraham Lincoln (Daniel Day-Lewis) luta para aprovar a 13ª Emenda e abolir a escravidão, enfrentando resistência política e pessoal. Ao lado de seu secretário William Seward (David Strathairn) e enfrentando pressões de sua esposa Mary Todd (Sally Field) e do filho Robert (Joseph Gordon-Levitt), Lincoln recorre a estratégias morais e pragmáticas.

Talvez eu seja meio suspeita para falar, mas eu adoro a maneira como o Spielberg dirige cenas de batalha, e por conta disso sinto que a cena de abertura do filme foi uma das mais impactantes. A cena nos permite acompanhar a batalha de uma forma acessível, sendo assustadora da maneira perfeita para a história mostrando a brutalidade da Guerra Civil, passando até uma agonia para o espectador.

Porém, o longa não é sobre batalhas físicas, e sim os embates e os bastidores da política. A história ressalta o preço da liderança e a complexidade da democracia. No filme então acompanhamos as

negociações, trocas, manipulações e até os jogos de poder necessários para transformar ideais em leis.

A narrativa mostra esse processo como imperfeito, afinal, é composto por pessoas humanas com interesses, que muitas vezes não são nobres ou para todos. Assim, a obra reflete o quão longe podemos "sujar as mãos" por aquilo que é certo, evidenciando como a luta é um processo lento e em várias vezes exige concessões.

Mas, por acompanhar esse plano com negociações, devo admitir que me desconectei da história muitas vezes. O longa é muito carregado de diálogos e conversas, com diversos nomes e tramas, o que acabou pesando em vários momentos, tornando a narrativa cansativa Acho que o filme consegue representar muito bem a admiração e idolatração que os estadunidenses têm pela figura do Lincoln. Tanto é que Sally Fields implorou o Spielberg por um papel, Liam Neeson abandonou o projeto por se sentir velho demais para interpretar o protagonista, mesmo depois de anos pesquisando, e Daniel Day Lewis também recusou de início porque achou que não conseguiria interpretar um personagem tão icônico. E ao longo da história também vemos essa afirmação na maneira como os personagens tratam Lincoln e a forma como Spielberg o apresenta, como uma figura imponente e necessária.

Lincoln (2012)- Imagem: Prime Video

Lincoln (2012)- Imagem: Divulgação

Porém em seus momentos com sua esposa, vemos Lincoln enfim como humano, se mostrando cansado e sofrendo com dores pessoais, já impactado pelo peso de liderar um país. Suas cenas com Mary Todd são marcadas por perdas e tensões, o que dá um caráter mais humano e realista a figura histórica, também nos aproximando mais do personagem.

Gostei bastante dos últimos 40 minutos do longa, que conseguem ser os seus mais emocionantes e tensos, tentando chegar a um fim da votação. É um filme denso, e por vezes difícil, mas que ao fim traz uma mensagem sobre persistência e sua importância na luta pela liberdade.

E com direção e roteiro de de Quentin Tarantino, temos também *Django Livre* (2012), trazendo uma mistura de faroeste e sátira. O filme recebeu cinco indicações e faturou duas estatuetas: Melhor Roteiro Original e Melhor Ator Coadjuvante (Christoph Waltz).

No sul dos Estados Unidos, dois anos antes da Guerra Civil, Django (Jamie Foxx), um escravizado liberto, une forças com o caçador de recompensas, Dr. King Schultz (Christoph Waltz), para capturar criminosos e resgatar sua esposa Broomhilda (Kerry Washington). A busca os leva até a temida plantação de Calvin Candie (Leonardo DiCaprio), um cruel proprietário de escravos. Lá, enfrentam o racismo violento e o traiçoeiro Stephen (Samuel L. Jackson), escravizado de confiança de Candie.

Aqui Tarantino subverte o esperado de uma trama sobre escravidão. Ao invés de trazer um drama sofrido, conta a história de Django como uma espécie de faroeste reverso, onde o personagem se transforma em um heroi e

Django Livre (2012) - Imagem Divulgação

justiceiro. Dessa forma, assim como outros filmes do diretor, a narrativa é fictícia, criando uma fantasia de vingança contra os horrores do sistema escravista, invertendo os papeis de poder. A ideia, então, não é uma precisão histórica, e sim uma satisfação simbólica.

E até por ser uma "fantasia" o filme traz novamente todos os traços de direção icônicos do diretor, homenageando os spaghetti westerns dos anos 1960 e 1970, como o próprio Django (1966), de Sergio Corbucci. A trilha sonora do longa também traz muito estilo e personalidade para o longa, com hip hop, soul e Ennio Morricone, uma das grandes referências quando falamos sobre composições de westerns. Além disso, o diretor traz uma edição frenética, zoom, os diálogos longos e as explosões de sangue, produzindo um de seus mais icônicos longas.

Interpretado por Samuel L. Jackson, Stephen é o mais polemico personagem da trama, já que é um homem negro extremamente racista, muitas vezes se mostrando mais cruel que os brancos. A ideia é mostrar um personagem que internaliza a opressão e protege a estrutura racista, muito por medo, até um certo comodismo ou por não se enxergar/identificar com os outros, se vendo como melhor. Stephen se identifica com o opressor e por conta disso ajuda a manter o sistema em funcionamento.
E além de tudo isso, por ser uma sátira, o filme conta com muito sarcasmo, o que rende cenas muito engraçadas como a atrapalhada Ku Klux Klan, usando do longa para trazer uma crítica a sociedade racista da época mas também ressoando nos dias de hoje.

Django Livre é uma grande jornada que nos prende com facilidade do começo até o fim por conta da ideia de vingança de seu protagonista. Uma obra que moderniza a ideia de faroeste, incluindo agora uma crítica social forte.

OS MISERÁVEIS.

Talvez não seja o consenso geral, mas Os Miseráveis (2012) é o vencedor do meu coração. O longa tem direção de Tom Hooper e recebeu oito indicações, levando três prêmios para casa: Melhor Maquiagem e Cabelo, Melhor Mixagem de Som e Melhor Atriz Coadjuvante (Anne Hathaway)

A história então é uma adaptação do musical de mesmo nome, que por sua vez é inspirado no romance de Victor Hugo (1862), tocando em temas como o amor, a justiça e a redenção, durante a Revolução Francesa.

Na França do século XIX, Jean Valjean (Hugh Jackman), ex-prisioneiro em busca de redenção, é perseguido implacavelmente pelo inspetor Javert (Russell Crowe). Após prometer cuidar de Cosette (Amanda Seyfried), filha da operária Fantine (Anne Hathaway), Valjean enfrenta os fantasmas do passado em meio à crescente tensão revolucionária.

O musical é grande épico, com musica intensas, um conexto de luta e um elenco com grandes nomes, todos devotos aos seus personagens. O longa retrata os ideais dos jovens revolucionários, que acreditam poder mudar o mundo por meio da luta, falando que mesmo com fracasso, a batalha representa a esperança de mudanças.

O longa traz uma crítica a sociedade francesa do século XIX. Jean Valjean representa a rigidez do sistema penal, que pune sem dó independente do crime ou motivação, de certa forma perpetuando a criminalidade. A jornada de Valjean então é marcada pela redenção, passando a vida tentando não ser marcado pelo seu passado. O personagem, assim, representa como a bondade pode ser um forte agente de mudança.E o grande destaque da obra acaba sendo Hugh Jackman, um dos meus atores favoritos. Jackman traz um personagem cheio de culpa e melancolia, que aprende que a justiça sem compaixão é opressão.

Já o inspetor Javert é a personificação desse sistema injusto. O inspetor vê as coisas sem qualquer tipo de nuance ou empatia, sua incapacidade de aceitar a bondade de Valjean o destroi internamente. E Fantine representa a triste realidade da população comum francesa naquela época que sofria sem qualquer tipo de amparo, apenas julgamentos. Após ser demitida de seu trabalho, Fantine recorre a prostituição para tentar garantir uma vida melhor a filha.

A direção de arte faz um trabalho impressionante nos transportando para a época, com cenários mostram uma Paris muito suja e bagunçada, que abraçam ainda mais o povo que se encontra na mesma situação.

O diretor faz muito uso de planos abertos que valorizam esses cenários, mas também planos fechados nos atores para valorizar o drama. O filme também é centrado em um realismo, optando por ter os atores cantando as canções ao vivo, passando uma sensação de intimidade e vulnerabilidade.

Em meio a Revolução Francesa o longa dá voz aos personagens miseráveis da classe baixa da França, ressaltando sua luta e resiliência para situações melhores.

Os Miseráveis (2012)- Imagem: Divulgação

12 Anos de Escravidão (2013) - Imagem: Divulgação

2014

O ano de 2014 dentro do Oscar foi o ano das histórias verdadeiras, sendo grande parte dos seus indicados roteiros adaptados, incluindo o grande vencedor da noite: *12 Anos de Escravidão* (2013).

Com direção de Steve McQueen, o longa recebeu nove indicações e levou para casa três estatuetas: Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Atriz Coadjuvante (Lupita Nyong'o) e Melhor Filme. Inclusive vocês sabiam que foi esse filme que deu a primeira estatueta do Oscar para o Brad Pitt? Pois é, ele é produtor do longa.

A obra é baseada na biografia de Solomon Northup (Chiwetel Ejiofor), um homem livre que é sequestrado, vendido e enviado para Louisiana como prisioneiro. O filme então, acompanha a vida de Solomon, que passa de um "mestre" para outro, ao longo de 12 anos.

O diretor faz questão de enfatizar a angustiante história de Solomon com uma visão bem realista da escravidão, e também coloca alguns flashbacks que mostram a vida de Northrup antes de ser capturado. Solomon, que antes era um violinista e vivia com sua esposa e seus filhos em Washington, passa por diversas torturas que vão além de chibatadas, e sua agonia e dor não são suavizados em nenhum momento da história.

A fotografia do filme é cheia de planos abertos com lindas paisagens, que mesmo passando uma calma ao primeiro olhar, acabam passando uma sensação de incômodo, como se as imagens estivessem à espera de um acontecimento. Parte disso é gerado graças a montagem do filme, já que ele não tem nenhum corte seco e é cheio de cenas longas, principalmente as que revelam os momentos de tortura passado pelos escravos, o que traz o sentimento de angustia e sofrimento para fora das telas.

O roteiro traz diálogos duros, pausados e com longos silêncios, o que valoriza as atuações dos atores e permite que o espectador assimile as cenas. Também, deixa bem explícita a visão racista da sociedade, e expõe com clareza como os escravos eram tratados como mercadorias, sendo obrigados a servir independente da situação. A trilha sonora de Hans Zimmer completa a melancolia do filme, muitas vezes usando o blues, gênero que nasceu em canções de trabalho e gritos de campo dos afro-americanos, para passar a tristeza vivida por eles.

O elenco é recheado de atores conhecidos, como: Michael Fassbender, Sarah Paulson, Benedict Cumberbatch, Brad Pitt e, claro, Lupita Nyong'o, filme responsável por alavancar sua carreira.

Chiwetel Ejiofor traz uma performance forte de um homem em sofrimento que passou por diversas injustiças. Em sua atuação o ator representa todos esses sentimentos através de suas expressões, já que muitas vezes ao longo do filme ele é calado.

Porém o maior destaque do filme vai para Lupita que interpreta Patsey, uma das escravas com quem Solomon tem contato ao longo de seus 12 anos de escravidão, e que acaba sofrendo muito por ser uma mulher. A atriz entrega uma performance que facilmente nos cativa e emociona com uma personagem sofrida. Patsey

12 anos de Escravidão (2013) - Imagem: Divulgação

marca alguns dos momentos mais tristes e angustiantes dentro da história, uma personagem sem qualquer tipo de liberdade presa dentro de um ciclo de violência. A performance de Lupita marcou o filme e garantiu a atriz, merecidamente, o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante na premiação.

Apesar de ser um filme dolorido, que eu particularmente gostei, olhando com os olhos de hoje é meio impossível não condenar a vitória de *12 Anos de Escravidão*. De certa forma, a vitória do filme vem como uma maneira da Academia se mostrar mais inclusiva, porém, perpetua um estereótipo de uma história de sofrência, onde a representação só existe nesse tipo de narrativa, sempre colocando os personagens negros como protagonistas apenas em histórias tristes e trágicas.

Mas talvez, a vitória desse tipo de filme foi importante para abrir as portas para outras narrativas mais ousadas e interessantes como *Corra!* (2017), *Infiltrado na Klan* (2018) e *Judas e o Messias Negro* (2021).

Mas ao final, tive uma experiência positiva assistindo ao filme, apesar de achar que existiam histórias e obras mais interessantes que deveriam ter ganhando a estatueta de Melhor Filme dentro da seleção de indicados de 2014.

Ainda sobre histórias esquecidas, outra vaga na categoria de Melhor Filme ficou com *Philomena* (2013). O filme tem direção de Stephen Frears e concorreu em quatro categorias: Melhor Filme, Melhor Atriz (Judi Dench), Melhor Trilha Sonora e Melhor Roteiro Adaptado, mas não levou nenhuma estatueta para casa.

Baseado no livro *The Lost Child of Philomena Lee*, de Martin Sixsmith, publicado em 2009, o filme acompanha a jornada de Philomena Lee (Judi Dench), uma mulher irlandesa que, décadas após ter sido forçada a entregar seu filho para adoção por freiras em um convento católico, decide buscar por ele. Para isso, ela conta com a ajuda de Martin Sixsmith (Steve Coogan), um jornalista cético e desacreditado,

Philomena (2013)- Imagem: Divulgação

que vê na história uma chance de se redimir profissionalmente.

O longa então acompanha uma grande investigação jornalística indo da Irlanda até os Estados Unidos atrás do desfecho da história do filho de Philomena. Com o lado jornalístico da história, o filme fala bastante sobre a ética dentro da profissão, em que Martin quer contar a história inacreditável vivida por Philomena mas ao mesmo tempo precisa lidar com as dores e inseguranças que a busca desbloqueia nela.

A jornada passada por Philomena e Martin revela diversos segredos encobertos por várias instituições, em principal a igreja, que não só repreende e condena a jovem Philomena por ter engravidado jovem, como também separa a mãe do filho. Uma violência silenciosa que acaba sendo mais dolorida quando lembramos que o filme é baseado em uma história verdadeira que foi vivida por diversas mulheres.

Com a corrupção da instituição igreja, o filme traz um embate ético e filosófico entre fé, já que Philomena é profundamente religiosa, o jornalista Martin é ateu. O jornalista deseja expor a situação e busca vingança, porém Philomena ensina que o perdão pode ser mais poderoso e libertador do que o ressentimento. É interessante que aqui, apesar de condenar a Igreja Católica como instituição, o filme "elogia" a fé individual de Philomena sempre mostrando como algo honesto, quase sagrado.

Philomena (2013)- Imagem: Divulgação

Outro ponto interessante é o relacionamento entre Martin e Philomena, duas pessoas extremamente difíceis à sua maneira que acabam aprendendo muito sobre a vida um com o outro. O relacionamento dos dois acaba sendo um destaque principalmente pela presença e performance de Judi Dench, não é atoa que a personagem Philomena acaba atraindo o interesse do jornalista. Para além de sua história de vida, a personagem é cativante, carismática e as melhores cenas dentro do filme tem sua presença.

Mas infelizmente, apesar do nome do filme ser o seu nome, ela não é a protagonista, já que o filme traz uma história de redenção de Martin Sixsmith, um jornalista político que busca algo a mais. Nada contra Steve Coogan, mas o personagem é a pior parte da história, um homem chato e nada carismático.

Apesar da história ter me chamado atenção pela temática e questionamentos que o filme aborda, achei sua excussão fraquíssima. A narrativa me prendeu em diversos momentos, principalmente quando o foco é em Martin, parecendo arrastada e cansativa. Honestamente, nunca mais pensei no longa e não tenho nenhuma vontade de reassistir, sendo, pra mim, um filme que recebeu essa indicação apenas porque sobrou uma vaga.

Outra vaga ficou com um dos filmes de romance favoritos do público, o longa *Her* (2013). Com direção e roteiro de Spike Jonze, o filme recebeu cinco indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original.

Em um futuro próximo, Theodore (Joaquin Phoenix), um homem sensível e solitário, ainda sofre com o divórcio de sua ex-esposa, Catherine

(Rooney Mara). Em meio à dor e à solidão, ele desenvolve um relacionamento inesperado com Samantha (voz de Scarlett Johansson), uma inteligência artificial. Porém, conforme os dois se relacionam, Samantha passa a desenvolver uma personalidade própria, o que causa problemas nos relacionamentos.

Mesmo lançado em 2013, mais de 10 anos atrás, o filme acaba sendo muito fácil de relacionar com eventos atuais, usando a tecnologia, especialmente as questões que envolvem Inteligência Artificial, para falar sobre o amor, a solidão, a evolução e o crescimento e superação emocional. Na história, Theodore vê na tecnologia uma forma de suprir as necessidades emocionais humanas, tentando preencher vazios reais com conexões digitais.

Com o relacionamento de Theodore e Samantha acabamos conhecendo mais sobre seu relacionamento com Catherine e seu fim. O antigo relacionamento é apresentado através de flashbacks, o casal se conhece ainda jovens e compartilharam um amor profundo, criativo e intenso. Porém, acabam se afastando emocionalmente conforme crescem já que Theodore não conseguia lidar com a complexidade de Catherine, uma mulher intensa, crítica e com suas próprias dores, preferindo fugir da dor.

O relacionamento que o protagonista cria com Samantha nada mais é do que uma resposta de Theodore, o personagem quer amar, mas também quer controlar a experiência do amor, o que é impossível em relações humanas

Her (2013)- Imagem: Divulgação

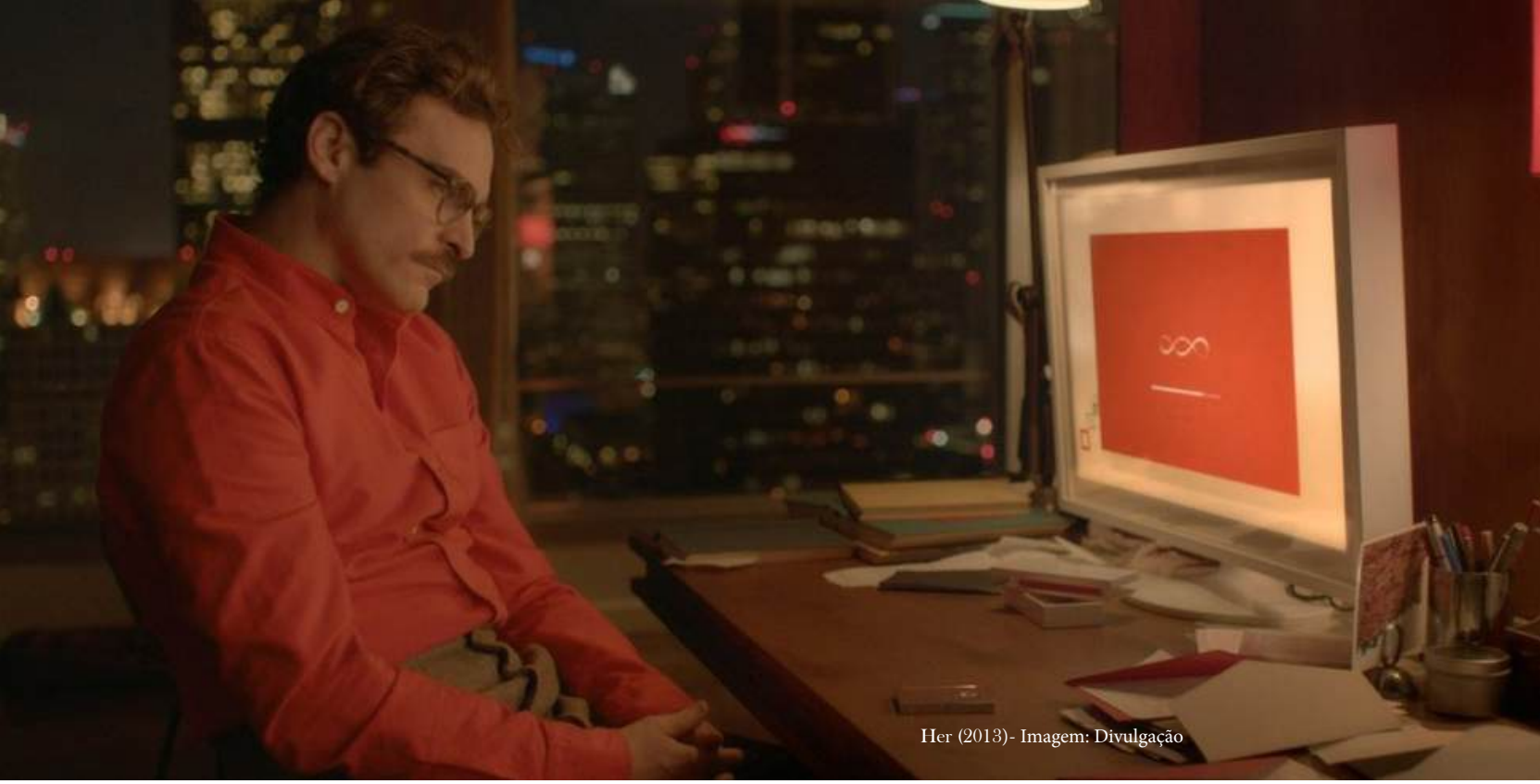
Her (2013)- Imagem: Divulgação

reais. Porém, conforme o filme se desenvolve, esse controle se torna inviável também com Samantha, que acaba evoluindo com o relacionamento, evidenciando que parte do amor também são as partes difíceis.

Theodore é o retrato de alguém que tem medo da intimidade, evitando o confronto com sentimentos mais difíceis e fugindo nas horas difíceis. Porém, esses sentimentos são necessários para evoluir o relacionamento e exigem uma entrega completa, enfrentamento e aceitação do outro como ele é. A tentativa de Theodore de evitar isso, seja escrevendo cartas para outras pessoas ou se relacionando com uma IA, é um mecanismo de defesa que, no fim, se mostra insustentável.

O longa também fala sobre os impactos dos relacionamentos dentro de cada um de nós. Theodore é assombrado pelos seus momentos com Catherine, tanto os felizes quanto os tristes, e essas memórias também acabam impactando seu relacionamento com Samantha. O amor molda e pode nos fazer crescer ou afundar.

Parte da melancolia do fim de um relacionamento é sentido por nós pelo visual do filme. Jonze nos apresenta a um futuro que parece totalmente possível, mas também poeticamente distante. O diretor traz um mundo mais silencioso e suave, se utilizando muito de cores pasteis, em que essa tristeza da dor é sentida principalmente pela solidão e silêncio desse mundo. Esse mundo futurista e repleto de novas tecnologias também acaba fazendo surgir em nossa mente alguns questionamentos como se estamos realmente mais conectados com os avanços tecnológicos ou apenas mais distraídos, evidenciando a solidão contemporânea.



Her (2013)- Imagem: Divulgação

Talvez no quesito atuação quem mais me impressiona é Scarlett Johansson, que curiosamente, nunca aparece na tela. A atriz dá vida a Samantha, que mesmo sendo uma inteligência artificial, é uma personagem extremamente viva, complexa e sensual, também atraindo nossa atenção tal qual o protagonista.

Gosto bastante também da Amy Adams dentro da história. Sua personagem traz um contraste interessante com o personagem de Joaquin Phoenix, que é extremamente contido. Sinto que por ser a única conexão real que o protagonista tem com uma pessoa real, Amy acaba sendo a representação do "humano", uma personagem que rouba todas as cenas com sua personalidade.

Há quem diga que o filme é uma resposta de Spike Jonze para o filme *Encontros e Desencontros* (2003) de Sofia Coppola, que também foi indicado ao Oscar de Melhor Filme e também venceu o Oscar de Melhor Roteiro Original.E curiosamente, ambos os filmes trazem a Scarlett Johansson em seu elenco. Os cineastas foram casados de 1999 a 2003, quando se divorciaram, e a lenda urbana popular é que os filmes são os pontos de vista de cada um deles sobre o relacionamento. Eu acredito fielmente nessa teoria, apesar de achar meio estranho Jonze ter demorado mais de 10 anos para dar uma resposta...

Her é um filme sobre a solidão contemporânea, o amor, o trauma, a dor, a expectativa e o medo. Ele se conectou com tantas pessoas, tornando-se um dos mais populares filmes de romance moderno justamente por trazer questões e reflexões de fácil identificação falando principalmente sobre o que nos faz humano.

Voltando para as histórias reais, outro indicado é o filme *Capitão Phillip*s (2013). O filme tem direção de Paul Greengrass e é inspirado no inspirado no livro Dever de Capitão, escrito por Richard Phillips, o protagonista da história, publicado em 2010. A narrativa então recria a crise de sequestro ocorrida em 2009, quando um cargueiro americano foi capturado por piratas somalis, sendo o primeiro navio americano sequestrado em mais de 200 anos. O longa recebeu seis indicações ao Oscar, porém não levou nenhuma estatueta para casa.

O filme acompanha Richard Phillips (Tom Hanks), capitão do navio cargueiro americano Maersk Alabama, que é feito refém por piratas somalis durante uma viagem em águas perigosas no Oceano Índico. Liderados por Muse (Barkhad Abdi), os sequestradores entram em confronto com a tripulação e forçam uma dramática negociação com a Marinha dos Estados Unidos.

Achei a história muito interessante, mostrando a realidade das atividades piratas nos dias atuais, algo que nem sempre passa pela nossa cabeça. Gostei bastante da maneira como o roteiro demonstra certa empatia com os piratas somalis, evidenciando que eles se encontram nessa situação por conta de um desespero gigantesco, precisando lidar com a extrema pobreza e pressão de milícias locais.

A história também começa mostrando sua rotina profissional dos marinheiros, contrastando com a realidade desesperadora dos jovens somalis,

Capitão Phillips (2013)- Imagem: Divulgação

Capitão Phillips (2013)- Imagem: Divulgação

passando essa ideia de que eles não tem nada a perder, o que deixa a situação mais cheia de tensão.

Os melhores momentos dentro do filme sem dúvidas são suas cenas de ação. O diretor traz esses momentos carregados de tensão com câmera na mão, cortes rápidos e realismo documental, criando uma atmosfera de claustrofobia e medo, já que, mesmo o barco sendo gigantesco, os marinheiros estão sozinhos no meio do oceano. De certa forma, me lembrou um pouco a situação dos tripulantes do filme *Alien, o 8.º Passageiro* (1979).

Talvez essa seja minha performance favorita de Tom Hanks, não por interpretar um personagem completamente diferente, mas por ser humano. O Capitão Phillips é retratado como um líder pragmático, sereno e experiente que se sacrifica para proteger sua tripulação. A liderança dele não é heroica no sentido tradicional, mas é extremamente corajosa, nos passando um certo conforto. A atuação de Hanks é extremamente impactante, principalmente após seu resgate, quando o personagem entra em choque evidenciando os traumas reais que eventos como esse causam. E, bizarramente, o ator não foi indicado ao Oscar por sua performance.

Apesar de não ser um dos mais memoráveis filmes da década, é um ótimo filme de ação, conseguindo tocar em temáticas que vão além do sequestro como: liderança, poder, desigualdade e trauma.

E com direção de Alexander Payne, outro indicado é *Nebraska* (2013), um drama familiar que fala sobre a velhice e suas dificuldades. O filme recebeu seis indicações ao Oscar mas, infelizmente, não levou nenhuma estatueta para casa.

A história então acompanha Woody Grant (Bruce Dern), um idoso teimoso que acredita ter ganhado um prêmio de um milhão de dólares e decide viajar até Nebraska para buscá-lo. Seu filho, David (Will Forte), o acompanha na jornada para protegê-lo, e os dois acabam se reconectando enquanto enfrentam parentes interesseiros, lembranças do passado e a dura realidade do interior dos EUA.

Gosto bastante do estilo do diretor, acho que ele sempre consegue trazer assuntos interessantes e humanos de uma forma leve e gostosa de assistir, sempre parecendo um "confort movie" e aqui em Nebraska não é diferente. O longa então é um road movie introspectivo, repleto de ironia, melancolia e observações sobre o envelhecimento e os laços familiares.

Aqui então acompanhamos a história de um pai e filho que acabam sendo obrigados a lidar com diversas questões familiares, em principal, seu relacionamento. Durante a viagem, os dois passam por pequenas cidades e acabam tendo encontros com familiares e antigos conhecidos. Com essas interações, assim como David, passamos a entender seu pai, Woody, e porque ele age do jeito que é.

Nebraska (2013)- Imagem: Divulgação

Nebraska (2013) - Imagem: Divulgação

O filme então tem uma fotografia em preto e branco justamente para evocar essa sensação de nostalgia passada por Woody, e a dureza da paisagem rural americana. Com isso também, o cineasta cria uma atmosfera de reflexão, feito para nos questionarmos sobre os efeitos do envelhecimento enquanto observamos os personagens com carinho, ironia e melancolia.

O envelhecimento dentro do filme é algo que o protagonista David tem dificuldade de entender. O filho não entende porque o pai é tão teimoso e não consegue simplesmente aceitar uma ajuda, querendo sempre ser independente. Como neta de duas avós bem teimosas, eu consigo entender bem ambos os personagens, as queixas de David são compreensíveis, mas a ideia de se deixar ser vulnerável é praticamente mortal para Woody e o prêmio que ele se torna tão obcecado por é uma forma de dar algum sentido à própria existência. Um retrato muito realista.

Esse se tornou um filme que acabo recomendando muito justamente por conseguir carregar essa leveza cômica ao mesmo tempo que traz questionamentos sobre a vida e seus relacionamentos. Acho que acabei gostando bastante do filme também por me fazer lembrar minha avó e acabo tendo um apego a todos os filmes que me trazem isso.

Saindo da história da vida comum e indo para o espaço, outro indicado é o filme *Gravidade* (2013). O longa tem direção de Alfonso Cuarón, que também assina o roteiro junto de seu filho, Jonás Cuarón.

O filme recebeu dez indicações e levou para casa sete estatuetas: Melhor Fotografia, Melhores Efeitos Visuais, Melhor Mixagem de Som, Melhor Edição de Som, Melhor Edição, Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Direção.

O filme acompanha a Dra. Ryan Stone (Sandra Bullock), uma engenheira médica em sua primeira missão espacial, e o experiente astronauta Matt Kowalski (George Clooney), durante uma rotina de reparos no telescópio Hubble. Quando destroços de um satélite

Gravidade (2013)- Imagem: Divulgação

colidem com a estação espacial, os dois ficam à deriva no espaço, completamente isolados da Terra, com oxigênio e comunicação limitados.

A história então acompanha uma luta angustiante pela sobrevivência, tanto física quanto psicológica. Ao enfrentar o vazio do espaço, Ryan passa a confrontar também seus traumas pessoais, sua vontade de viver e o que significa realmente começar de novo.

Aqui então, o espaço passa a ser uma metáfora para a situação vivida por Ryan, a deriva na própria vida após um trauma, sem rumo, sem propósito, isolada.

Sua jornada também fala muito sobre a beleza da vida. Por mais insignificante que a existência humana parece em um ambiente infinito, a batalha de Ryan demonstra a resiliência humana e a vontade de sobreviver, que por consequência, traz a vontade de viver novamente para a vida da astronauta. Mesmo tão pequenos, os humanos persistem.

O longa se destaca principalmente pelo seu lado técnico, não é atoa que a maioria de suas vitórias na premiação vem daí. Alfonso Cuarón cria uma atmosfera interessante do espaço, em momentos parecendo uma imensidão sem fim e em outros um ambiente claustrofóbico, nos passando uma sensação de agonia.

Parte disso também acontece graças a imersão que o diretor consegue criar, se utilizando de longos planos sequência, como a própria cena

inicial que conta com mais de 10 minutos sem cortes, uma movimentação de câmera que simula a gravidade zero, efeitos especiais inovadores e um retrato realista da experiência de estar no espaço, como o som que vem apenas das vibrações internas ou sons sentidos pelo corpo do astronauta. E por conta disso, o silêncio também é usado como recurso dramático, transmitindo isolamento e tensão extrema.

Porém o sensorial do filme acaba sendo algo prejudicial quando não é possível assisti-lo nos cinemas, como foi meu caso. Sinto que o filme perde grande parte da imersão quando não conseguimos assistir ele em uma tela gigantesca como a de cinema, o que, claro, prejudica nosso envolvimento com a trama.

Ainda assim, para os entusiastas do espaço, Gravidade é um ótimo filme, falando sobre a imensidão do espaço, os traumas humanos, a solidão e a necessidade de seguir em frente.

E voltando para as histórias reais, outro indicado é *O Clube de Compras Dallas* (2013). Com direção de Jean-Marc Vallée, o filme se baseia na história real de Ron Woodroof, apresentando uma história de luta e desconstrução.

O longa recebeu seis indicações e levou para casa três estatuetas: Melhor Cabelo e Maquiagem, Melhor Ator Coadjuvante (Jared Leto) e Melhor Ator (Matthew McConaughey).

Gravidade (2013)- Imagem: Divulgação

O Clube de Co[illegible] (2013)- Imagem [illegible]

O filme acompanha Ron Woodroof (Matthew McConaughey), um eletricista texano e peão de rodeio que leva uma vida desregrada até receber o diagnóstico de HIV/AIDS em 1985, quando ainda havia muito preconceito e pouca informação sobre a doença. Com poucos dias de vida estimados pelos médicos, Ron desafia o sistema médico tradicional ao importar medicamentos alternativos e fundar o Dallas Buyers Club, oferecendo opções de tratamento não autorizadas pela FDA a outros pacientes soropositivos.

O filme traz uma denuncia muito clara da máfia que existe em torno da indústria farmacêutica. Ron entra em uma jornada cercada de preconceito, desinformação e negligência médica, afinal na época a AIDS era uma doença "nova" e muito por conta da homofobia, a doença era tratada praticamente como uma anomalia. Pela pouca opção de tratamento, o protagonista começa suas próprias buscas para tentar sobreviver.

Assim, o filme traz uma crítica ao monopólio da indústria farmacêutica e o descaso institucional com os pacientes de AIDS nos anos 1980. O próprio FDA não escapa das críticas, muitas vezes sendo mostrado como um obstáculo à vida dos pacientes, priorizando burocracia e lucro em vez da saúde pública. Assim, a história traz um debate ético sobre o acesso à medicação, regulação e autonomia dos pacientes.

Durante essa jornada, Ron também passa por um processo de desconstrução. A história acaba ganhando muito com isso por trazer um protagonista difícil de gostar, já que no início o personagem é grosseiro e homofobico. Mas, conforme ele vai aprendendo mais sobre a

doença e os outros pacientes ele acaba mudando sua visão de mundo e aos poucos se tornando uma pessoa melhor.

Parte disso acontece por conta da amizade improvável que ele forma com Rayon (Jared Leto), uma mulher trans e também soropositiva, e com a médica Eve Saks (Jennifer Garner), que apesar de estar presa dentro do sistema, tem uma enorme empatia pelos pacientes.

O relacionamento entre Ron e Rayon é o coração da trama. Através da amizade dos dois, que nasce de uma forma improvável, Ron aprende a olhar além dos rótulos, e passa a defender Rayon e outras pessoas da comunidade LGBTQIA+ como seus iguais. Para além do preconceito, o personagem acaba aprendendo a olhar além do próprio umbigo, também se tornando empático com as outras pessoas.

A história de Ron também, de certa forma, acaba passando uma mensagem inspiradora de resiliência e persistência. Antes da doença, o personagem vivia de forma inconsequente, porém assim que recebe o diagnóstico terminal, Ron luta, estuda, desafia as leis, e enfim assume o controle de seu corpo e de sua existência.

Outro indicado é o longa *A Trapaça* (2013). Com direção de David O. Russell e roteiro escrito por ele e Eric Warren Singer, o filme recebeu dez indicações, sendo um destaque nas categorias de atuação marcando presença em todas elas, mas infelizmente não levou nenhuma estatueta para casa.

O Clube de Compras Dallas (2013)- Imagem: Divulgação

A Trapaça (2013)- Imagem: Divulgação

Apesar de ter um roteiro original, a trama é livremente baseada na operação ABSCAM, uma investigação real do FBI nos anos 1970-1980.

O filme acompanha Irving Rosenfeld (Christian Bale), um golpista que, junto com sua parceira Sydney (Amy Adams), é forçado pelo agente do FBI Richie DiMaso (Bradley Cooper) a colaborar em uma operação para prender políticos corruptos. Envolvendo o prefeito Carmine Polito (Jeremy Renner) e a máfia, o plano se complica com a interferência de Rosalyn (Jennifer Lawrence), a instável esposa de Irving.

O filme tem muito estilo, nos jogando de cabeça nos anos 1970 com figurinos exagerados e coloridos. O filme tem como forte inspiração a filmografia de Martin Scorsese, em particular, *Os Bons Companheiros* (1990), trazendo narração em off, uma montagem dinâmica e flashbacks.

Sinto que uma das coisas mais legais são seus personagens, todos extremamente falhos, ambiciosos, egoístas e orgulhosos. Talvez seja um tanto exagero dizer que eles são de fácil identificação, mas não dá pra negar que todos são personagens bem interessantes. Por conta de suas grandes personalidades, as relações dentro da história também sofrem com isso, sendo recheadas de traições, jogos de poder, egos inflados e manipulação.

Com todas as trapaças dentro de sua história, o filme fala principalmente sobre o "sonho americano" e como ele não é exatamente o que imaginam. Irving Rosenfeld é um chamado self-made man, que lidera uma cadeia de lavanderias, mas na verdade seu sucesso vem de suas trapaças. O personagem lutou para conseguir o que tem, exatamente como o ideal do Sonho

Americano propõe, mas fez isso do outro lado da lei, se aproveitando de outras pessoas.

De certa forma, o filme mostra essa enganação como uma maneira de sobreviver. Todos os personagens estão performando e fingindo ser algo que não são, sendo a forma que eles encontraram de conseguir se dar bem no mundo e também aguentar a própria realidade. Sydney Prosser é o perfeito exemplo disso, a personagem é uma americana que finge ser uma aristocrata britânica, explicando sua transformação como uma necessidade para conseguir o que queria. O mundo é dos espertos.

E até por mostrar todos os personagens trapaceando de alguma forma, o longa critica uma corrupção institucionalizada, onde a linha entre os criminosos e autoridades se confunde. O FBI, mesmo em nome da justiça, manipula, mente e destroi reputações para "mostrar serviço".

A Trapaça é uma filme que destaca e celebra a atuação, tanto a feita pelo elenco estrondoso do longa, mas também pelos personagens dentro da história. Um filme estiloso que te faz questionar quem realmente está enganando quem.

A Trapaça (2013)- Imagem: Divulgação

O LOBO DE WALL STREET.

E falando nele, o merecedor de levar o Oscar de Melhor Filme para casa é *O Lobo de Wall Street* (2013) de Martin Scorsese. O filme recebeu cinco indicações e não levou nenhuma para casa.

O filme é uma das obras mais marcantes da década de 2010, tanto pelo estilo do longa, que traz uma narrativa frenética, mas também pelas reflexões sobre ganância, poder, moralidade e as falhas do sistema financeiro.

O longa tem como base a autobiografia de Jordan Belfort, publicada em 2007. Na história então acompanhamos Belfort (Leonardo DiCaprio), um corretor ambicioso que enriquece com fraudes na bolsa. Ele constroi um império movido a excessos, drogas e corrupção, porém, sua vida luxuosa chama a atenção do FBI.

Mais tarde dentro do Oscar vem o filme A Grande Aposta (2015) dentre os indicados a Melhor Filme. Apesar de também falar sobre a ganância e a corrupção do sistema financeiro, sinto que é uma narrativa que precisa de um certo conhecimento prévio, não sendo tão acessível, algo que sinto que O Lobo de Wall Street consegue, não focando nas tecnicidades do sistema, e sim em um de seus protagonistas.

Apesar de alguns interpretarem o filme como uma glorificação a essa vida luxuosa, a crítica da narrativa é justamente o oposto, trazendo uma sátira sobre ganância e a ausência de consequências reais para os ricos e poderosos. A história tem como foco denunciar o sistema financeiro, e a própria sociedade, por glorificar comportamentos antiéticos, criando um ciclo de excessos. Essa ideia fica muito clara com o próprio final, onde Belfort volta a ganhar dinheiro como palestrante motivacional, saindo praticamente impune, "ensinando" mais pessoas, ou as enganando, a fazer igual ele. Uma temática que acaba ressoando bastante atualmente, afinal quem nunca viu alguém do mercado financeiro que passou a atuar como coach?

Acho que essa é a minha performance favorita do Leonardo DiCaprio e até hoje não entendo como ele não levou para casa a estatueta de Melhor Ator. Aqui DiCaprio dá vida a um personagem ambíguo, intenso e moralmente corrompido mas que nos conquista facilmente por conta de seu carisma. Assistindo ao longa, acredito que ninguém gosta de Jordan, mas é praticamente impossível não ficar engajado com sua história e suas excentricidades, principalmente nos momentos de surto.

Parte do nosso interesse pelo personagem também vem graças a direção de Martin Scorsese, que em diversos momentos faz o uso da quebra da quarta parede trazendo Jordan conversando com os espectadores, se aproveitando de muito sarcasmo e ironia. Além disso, a direção faz uso de uma edição rápida, humor ácido e narração em off para criar uma narrativa envolvente que reflete o ritmo caótico e a vida de excessos de Jordan.

O Lobo de Wall Street é um filme provocativo, divertido e icônico, evidenciando principalmente a impunidade e o fascínio da sociedade com pessoas eticamente questionáveis que vivem uma vida de luxo. Mesmo lançado em 2013, o filme ainda é extremamente atual, sendo possível relacioná-lo com diversos eventos recentes.

O Lobo de Wall Street (2013)- Imagem: Divulgação

Birdman (2014)- Imagem: Divulgação

2015

Gosto muito da seleção de filmes de 2015. Pra mim, foi um grande ano dentro da premiação trazendo filmes que definitivamente ficaram marcados dentro da história do cinema. O vencedor do ano foi *Birdman ou (A Inesperada Virtude da Ignorância)* (2014), adoro esse título. Gostei bastante do filme, mas dentre a seleção rica de 2015 tem duas obras-primas que poderiam ter levado no lugar.

Mas voltando para Birdman, o filme tem direção de Alejandro G. Iñárritu e além de Melhor Filme conquistou outras três estatuetas: Melhor Fotografia, Melhor Direção e Melhor Roteiro Original.

O filme acompanha a história de Riggan Thomson (Michael Keaton), um ator que ficou famoso por interpretar o super-heroi Birdman, que acaba entrando em decadência quando se recusa a fazer um filme do personagem. Assim, Thompson resolveu dirigir e estrelar uma peça da Broadway para conquistar glórias passadas.

O filme se passa durante três dias em que o personagem de Keaton se torna cada vez mais obcecado com sua peça – ao estilo Cisne Negro (2009), e ao mesmo tempo lida com problemas pessoais, familiares, e em sua peça, principalmente envolvendo sua filha Sam (Emma Stone), recém saída da reabilitação, um dos atores do espetáculo Mike Shiner (Edward Norton) e ele mesmo na pele do Birdman.

Um dos fatores mais impressionantes do filme é sua imersão, não só nos backstages do teatro mas também nas inseguranças profissionais e pessoais do protagonista. O público sente-se até como personagem do longa graças aos incríveis planos sequência presentes e cortes quase impossíveis de reparar.

O roteiro do filme também não fica para trás com um humor sarcástico e cruel, cheio de ótimos diálogos rápidos e carregados de sentimento, e de certa forma íntimos, onde são exploradas todas as qualidades e erros dos personagens. Além disso, grande parte dos diálogos são acompanhados de uma bateria que vai aumentando a velocidade conforme o tempo, o que representa a caótica mente e emoções de Riggan e ao mesmo tempo cria um ótimo e dinâmico ritmo para o filme.

Assim como os outros ganhadores do Oscar de Melhor Filme: *A Malvada* (1950) e *Rocky* (1976), o longa é quase que uma biografia satirizada da vida de Keaton já que depois de dar vida ao Batman de Tim Burton - Batman (1989) - não conseguiu se destacar em outros grandes papeis, mesmo sendo um ator extremamente talentoso, o que é comprovado ao longo do filme, tanto é que o ator foi indicado à categoria de Melhor Ator.

Ainda que com histórias similares, Thompson e Keaton são extremamente diferentes. O protagonista do longa é um dos mais interessantes personagens construídos simplesmente por ser muito real. Keaton cria um personagem cheio de erros e acertos, extremamente inseguro com seu talento e vocação, o que é indicado nas conversas que tem consigo mesmo conforme vai se tornando cada vez mais obcecado com o sucesso de sua peça e carreira. Mesmo inseguro, o protagonista ainda

é muito orgulhoso, arrogante e uma pessoa que, mesmo sendo difícil de conviver, consegue gerar uma empatia dos espectadores.

O resto do elenco também cativa com incríveis atuações. Edward Norton, vive um dos atores da peça que é extremamente teimoso, grosseiro e egocêntrico, e entrega uma performance impecável de um personagem completamente detestável. Um dos grandes destaques do filme é a sua rivalidade e briga com Riggan, já que ao contrário do protagonista, Mark Shine se importa apenas em agradar a si mesmo, não se importando em ser amado desde que complete a cena como ele acha que deve ser, o que bate de frente com um dos principais objetivos de Thompson que é voltar a ser relevante.

E claro, Emma Stone em uma de suas mais incríveis atuações vivendo a filha de Riggan, que tenta se reajustar à vida normal após deixar uma clínica de reabilitação, porém constantemente entra em embates com seu pai devido a arrogância do mesmo. Stone entrega uma performance sensível, intensa e vulnerável, que na época ficou marcada como sua melhor atuação.

A fotografia do filme também é deslumbrante simplesmente funcionando como um próprio sistema/personagem. Apesar da câmera seguir Keaton, diversas ações acontecem nos seus arredores, construindo uma cena com um naturalismo impressionante.

Birdman (2014)- Imagem: Divulgação

Mesmo tirando a estatueta do filme, Birdman foi um filme que me impactou bastante. Eu tenho uma certa obsessão com filmes sobre obsessão e os bastidores dos entretenimento e sinto que a obra me entrega tudo que eu queria, conseguindo nos deixar angustiados e um pouco malucos assim como o protagonista.

Outro dos indicados foi *Boyhood: Da Infância à Juventude* (2014). Com direção e roteiro assinados por Richard Linklater, o filme se destaca dentre os outros coming-of-age por ter sido gravado ao longo de 12 anos, acompanhando os mesmos atores durante a história, evidenciando o crescimento real dos personagens. O filme recebeu seis indicações e levou para casa uma estatueta: Melhor Atriz Coadjuvante (Patricia Arquette).

Ao longo de 12 anos, acompanhamos a vida de Mason Evans Jr. (Ellar Coltrane), dos 6 aos 18 anos, enquanto ele cresce no Texas ao lado de sua mãe solo, Olivia (Patricia Arquette), sua irmã Samantha (Lorelei Linklater) e seu pai esporádio, mas presente, Mason Sr. (Ethan Hawke).

Até pela ideia de trazer com realismo a passagem do tempo gravando durante 12 anos, o filme se apega muito à ideia da realidade, trazendo uma narrativa que nada mais conta sobre os momentos cotidianos da vida e as mudanças que vêm com o tempo. Assim acompanhamos o protagonista experimentando os pequenos e grandes momentos da infância e adolescência: mudanças de casa, amores passageiros, amizades, conflitos familiares e as descobertas de quem se é no mundo.

O tempo é a temática mais importante dentro da história. O filme não tem exatamente um

Boyhood (2014)- Imagem: Divulgação

Boyhood (2014)- Imagem: Prime Video

começo, meio e fim, sendo basicamente um retrato contínuo da vida, quase um documentário da vida real. O roteiro foi escrito mas também parcialmente improvisado, sendo moldado a cada ano conforme os atores cresceram e mudaram, o que dá ao filme um aspecto único.

E muito por conta disso, o filme traz personagens reais que, principalmente, tem muitas imperfeições, sendo sobretudo humanos. O pai de Mason é o exemplo perfeito, ele não é presente em todos os momentos, como um pai deveria ser, mas tenta ao máximo ser um bom pai.

Achei a ideia do longa muito interessante, mas sua execução não foi das melhores. Sinto que parte disso vem do protagonista, Mason é sem dúvidas o personagem mais desinteressante da história, tendo a cena roubada por qualquer outro personagem, como sua irmã que me pareceu muito mais interessante. Além disso, ele é uma pessoa muito na dele, não liga para nada, não vai atrás de nada e é apenas levado pela correnteza da vida. Mesmo acompanhando 12 anos da história de Mason, no final do longa eu ainda não conhecia ele.

Apesar de não ter amado o longa, não dá pra negar o quão marcante ele se tornou por conta da ideia de gravá-lo durante 12 anos. É uma ideia criativa e interessante, e pela ousadia eu jamais conseguiria odiar ele ou dizer que ele é ruim, mas foi um filme difícil de assistir.

Já viajando para a Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, outro indicado é *O Jogo da Imitação* (2014). Com direção de Morten Tyldum, o filme tem como base a biografia *Alan Turing: The Enigma*, de Andrew Hodges, publicada em 1983. O longa recebeu oito indicações ao Oscar e levou para casa uma estatueta: Melhor Roteiro Adaptado.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o brilhante matemático britânico Alan Turing (interpretado por Benedict Cumberbatch) é recrutado pelo governo britânico para integrar uma equipe secreta em Bletchley Park, encarregada de decifrar os códigos da máquina Enigma, usados pelos nazistas para enviar mensagens criptografadas.

Apesar de se passar durante a Segunda Guerra Mundial, o filme acaba se diferenciando de tantas outras obras sobre a guerra por mostrar uma batalha que vai muito além da briga física, mostrando a importância dos criptógrafos e o poder da informação. Para além de decifrar códigos e, por consequência salvar diversas vidas, a invenção de Turing é vista como precursora dos computadores modernos, estabelecendo sua importância na história da ciência.

O filme, então, é responsável por eternizar o nome e os grandes e heroicos feitos de Alan Turing, que vão além do que um sacrifício dentro do campo de batalha, já que após a batalha. Infelizmente, sua história tem um triste fim, sendo condenado por indecência grosseira" por ser homossexual, algo considerado crime no Reino Unido, sendo submetido à castração química e acaba morrendo, oficialmente por suicídio, em 1954. O longa então acaba sendo mais impactante por ressaltar sua importância

O Jogo da Imitação (2014))- Imagem: Prime Video

O Jogo dsa Imitação (2014))- Imagem: Divulgação

dentro da guerra e a grande injustiça que ele sofre por sua sexualidade.

Dentro da história, Turing é retratado como um gênio que é muitas vezes incompreendido e solitário, afastando os outros por seu comportamento arrogante e incomum. De certa forma sua auto exclusão também o faz se conectar com Joan Clarke (Keira Knightley), uma mulher talentosa cuja inteligência é subestimada por seu gênero.

O filme também tem um lado ético bem interessante. Ao decifrar o Enigma, a equipe não podia salvar todas as vidas sob risco, para manter segredo do sucesso, trazendo alguns questionamentos

Eu entendo porque muitas pessoas gostaram da história, é um bom filme de guerra que não se passa em uma batalha e não precisa trazer violência para expressar o senso de urgência vivido, mas não é um filme que me cativou quando assisti e também nunca mais acabei pensando nele.

Ainda sobre gênios, outro indicado é *A Teoria de Tudo* (2014). O filme tem direção de James Marsh e é baseado no livro Travelling to Infinity: My Life with Stephen, escrito por Jane Hawking, esposa de Stephen Hawking, publicado em 2007, e traz a história da vida do renomado físico.

O filme recebeu cinco indicações ao Oscar e levou uma estatueta para casa: Melhor Ator para Eddie Redmayne.

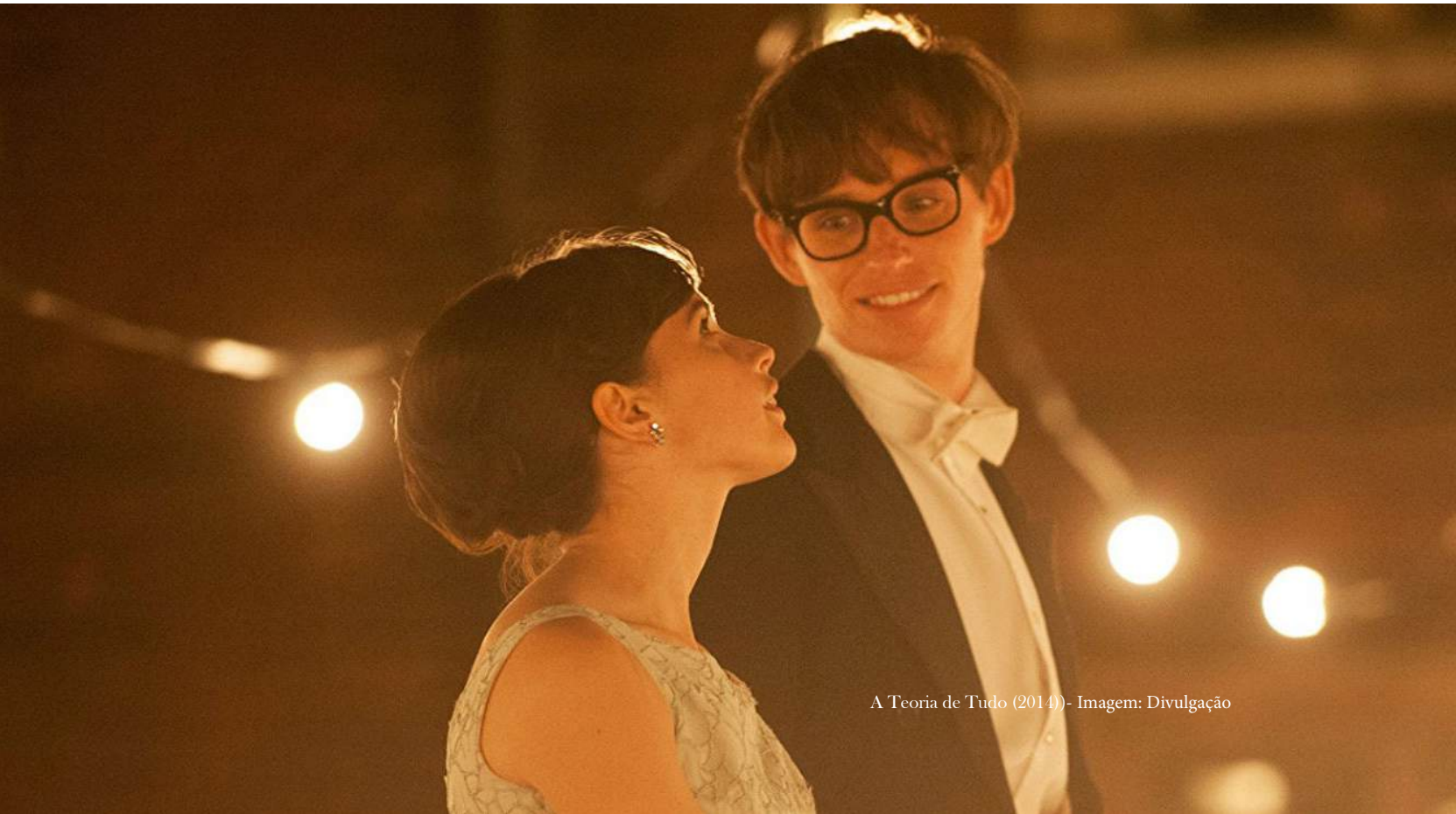
A narrativa acompanha a trajetória de Stephen Hawking (Eddie Redmayne), um jovem astrofísico brilhante da Universidade

de Cambridge, cujo mundo se transforma ao receber o diagnóstico de uma doença degenerativa motora, a esclerose lateral amiotrófica (ELA), aos 21 anos.

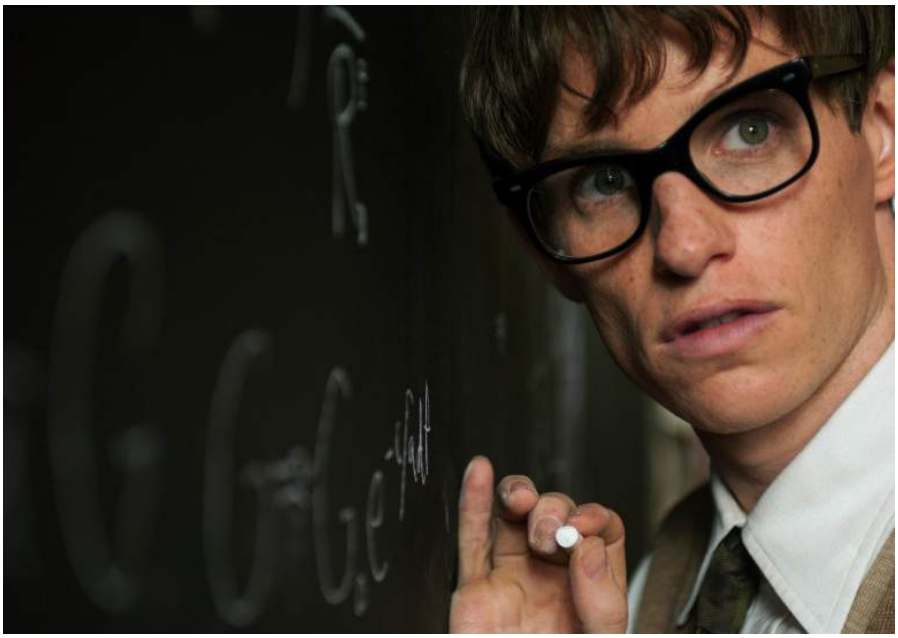
Até por ser inspirado no livro escrito pela esposa de Hawking, o filme tem um foco bem grande na relação dos dois, mostrando como se conheceram e o que aconteceu entre os dois durante os anos. O relacionamento dos dois é mostrado com muito realismo, contando sobre as dificuldades, os sacrifícios, a criação de uma família e evidenciando o papel de Jane na vida pessoal e acadêmica de Stephen como companheira, esposa e cuidadora, de certa forma desconstruindo a ideia de gênio isolado. O filme não é só sobre ciência, trazendo principalmente temáticas como resiliência, amor, transformação e limites humanos.

O filme acaba tendo um teor meio inspirador, já que apesar de seu corpo começar a falhar, a mente de Hawking continua a explorar os mistérios do universo, evidenciando todas as descobertas feitas pelo físico mesmo com suas limitações. A história então acompanha o caminho de Hawking até se tornar uma das figuras científicas mais influentes do século XX, autor de best-sellers como Uma Breve História do Tempo.

Ambos os atores são um dos grandes destaques dentro da história e o que fazem ela funcionar tão bem. Eddie Redmayne, estudou por meses



A Teoria de Tudo (2014)- Imagem: Divulgação



A Teoria de Tudo (2014) - Imagem: Divulgação

os efeitos da ELA para conseguir representar com realismo a progressão da doença, trazendo um retrato interessante sobre Hawking, principalmente por conseguir humanizá-lo e trazer o personagem mais próximo dos espectadores.

E até pelo filme trazer muito da perspectiva de Jane Hawking, Felicity Jones é essencial dentro do longa. A atriz entrega uma atuação comovente e cheia de camadas, conseguindo captar nossa empatia desde o início da história. Ela consegue expressar muito bem a complexidade de uma mulher que vive dividida entre amor, cuidado, fé e frustração, com facilidade nos fazendo entender suas motivações e decisões.

Gostei mais desse do que *O Jogo da Imitação,* em parte por realmente mergulhar dentro da vida de Stephen Hawking, mostrando sua genialidade mas também seus defeitos. Para ser bem sincera, acho os dois filmes meio parecidos e por conta de serem lançados no mesmo ano sinto que a seleção de ambos para o Oscar deixa esse tipo de história meio repetitiva. É um bom filme, principalmente para quem tem curiosidade em conhecer mais sobre o físico, mas também não é um dos grandes destaques do ano.

E ainda sobre histórias biográficas, outro indicado do ano é o longa *Selma* (2014). Com direção de Ava DuVernay, o filme recebeu duas indicações e levou para casa uma delas: Melhor Canção Original (Glory). O longa então acompanha um momento crucial dentro da luta pelos direitos civis dentro dos Estados Unidos, evidenciando a coragem e impacto político que o evento teve dentro da história.

A história acompanha Martin Luther King Jr (David Oyelowo) em sua luta histórica pelos direitos civis, liderando as marchas de 1965 de Selma a Montgomery, no Alabama, para garantir o direito de voto aos negros nos EUA. O filme mostra os confrontos com o presidente Lyndon B. Johnson (Tom Wilkinson) e a resistência do governador George Wallace (Tim Roth), além do apoio de sua esposa Coretta Scott King (Carmen Ejogo).

Selma (2014))- Imagem: Divulgação

Uma das coisas que mais gosto aqui é que mesmo sendo uma história biográfica de Martin Luther King, o filme escolhe um evento dentro de sua vida para contar. Sinto que muitas vezes em filmes biográficos, por querer contar a vida toda do protagonista, a história acaba ficando rasa, por não ter tempo para explorar todas as questões. Mas aqui, por escolher apenas um momento da vida de King, o filme consegue explorar todas as questões que o episódio teve em sua vida e também na história, trazendo um forte retrato.

Selma é um forte filme que consegue nos conectar com a história por conta da indignação que sentimos pelos personagens, já que, apesar de garantido pela Constituição, o direito ao voto é negado para os cidadãos negros. A história então acompanha dois conflitos, um entre King e os líderes das cidades fortemente racistas e outro entre o ativista e o presidente Lyndon B. Johnson, que tenta pressionar o presidente a aprovar a Lei dos Direitos de Voto (Voting Rights Act).

O longa é principalmente sobre resistência, mostrando um momento dentro da história em que a justiça não era concedida para todos, sendo necessário conquistá-la através de sacrifício coletivo e coragem constante. E claro, o filme mostra que essa luta era brutal, mostrando o episódio de "Domingo Sangrento" (Bloody Sunday), quando a primeira tentativa de marcha foi brutalmente reprimida pela polícia em uma ponte de Selma, evidenciando a forte brutalidade policial existente.

Selma (2014))- Imagem: Divulgação

Gosto bastante da forma como o longa retrata a figura do Martin Luther King, que acabou representando tanta coisa na luta por direitos civis. Mesmo em público sendo evidenciado como um forte líder, o personagem ainda é apresentado como humano, principalmente nos seus momentos pessoais, onde passa a se questionar sobre suas decisões, muitas vezes carregado por culpa.

O questionamento de King vem também do dilema entre a luta pacífica versus a luta armada, que dentro do filme é representado pela figura de Malcolm X (Nigel Thatch). Esse debate não é novo dentro dos indicados ao Oscar de Melhor Filme, sendo uma das principais temáticas de Gandhi (1982).

Um bom e impactante filme que consegue prender qualquer um por conta dos sentimentos que ele transmite de luta, resistência e indignação.

Acham que os filmes biográficos acabaram? Achou errado! Dentre os indicados temos *Sniper Americano* (2014). O filme tem direção de Clint Eastwood e é baseado na autobiografia *American Sniper: The Autobiography of the Most Lethal Sniper in U.S. Military History*, de Chris Kyle, Scott McEwen e Jim DeFelice, publicado em 2012. O longa recebeu seis indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Edição de Som.

Chris Kyle (Bradley Cooper) é o atirador mais letal da história militar dos EUA. Durante suas missões no Iraque, Kyle ganha fama como heroi, mas enfrenta o peso emocional da guerra e a dificuldade de se reconectar com sua esposa Taya (Sienna Miller) e seus filhos.

American Sniper (2014) - Imagem: Divulgação

O filme fala principalmente sobre o forte patriotismo pregado dentro dos Estados Unidos. Nascido e criado no Texas, Kyle cresce com uma noção de dever patriótico e resolve se alista após os atentados de 11 de setembro. Todas suas ações dentro de sua própria história são motivadas com a ideia de proteger seu país e seus cidadãos, mas para isso Kyle sacrifica seu psicológico, que é cada vez mais prejudicado pela guerra.

O filme, então, segue sua trajetória desde o treinamento até o combate, retratando suas missões no campo de batalha. Para além do patriotismo, a obra fala sobre o trauma e principalmente o embate entre o dever e a família. Kyle cumpre suas missões e aquilo que pedem dele, mas para isso ele volta para casa com um severo estresse pós-guerra e tem problemas em se conectar com sua esposa e filhos. Dessa forma, o longa se questiona se essa atitude realmente vale a pena, Kyle volta como um "heroi" mas para isso sacrifica muito da sua vida. E com esse lado da família, o filme também aborda como a batalha custou não só para quem estava no front, mas também para quem ficou em casa esperando.

Sinto que o diretor tem como objetivo desmistificar essa figura do soldado bravo e "heroico", mostrando não só a brutalidade das atitudes vistas como heroicas e encorajadas, mas também mostrando as consequências que isso traz a vida de Chris, sendo constantemente assombrado pelo fantasma da guerra.

A violência dentro do filme é extremamente real e muito por conta disso, brutal. Chris Kyle participa de quatro missões no Iraque, tendo 160 mortes confirmadas durante sua participação. Os momentos em que vemos Kyle na ativa são cheios de tensão e, muitas vezes, extremamente difíceis de assistir, até por vezes assistimos à morte de mulheres e crianças.

Mas sinto que ele, infelizmente, é um filme de livre interpretação, também podendo ser visto como uma certa vanglorização dessa figura do soldado, não se posicionando claramente contra

o patriotismo excessivo. Também em alguns momentos quando Chris está no Iraque, o diretor perpetua alguns estereótipos e a ideia do bem versus o mal. Gosto mais de outros filmes do diretor, até porque sinto que faltou um certo posicionamento aqui dentro, mas é um filme interessante à sua maneira.

E agora falando de um dos meus favoritos da vida. É até meio difícil escolher entre esses dois últimos filmes para dizer qual deveria levar a estatueta, mas infelizmente decisões devem ser tomadas. Mesmo não dando a estatueta para *Whiplash* (2014), o filme é uma obra-prima e traz fortes questionamentos sobre a arte, a obsessão e o abuso.

Com direção e roteiro de Damien Chazelle, o filme é uma adaptação do curta de mesmo nome também realizado pelo cineasta. O longa recebeu cinco indicações ao Oscar, levando para casa três delas: Melhor Mixagem de Som, Melhor Edição e Melhor Ator Coadjuvante para J.K. Simmons.

Andrew Neiman (Miles Teller) é um jovem baterista de jazz que sonha em ser um dos melhores de todos os tempos. Ao ingressar em uma prestigiada escola de música em Nova York, ele é recrutado por Terence Fletcher (J.K. Simmons), um maestro rigoroso e abusivo. Sob sua direção, Andrew mergulha em uma jornada obsessiva em busca da perfeição, enfrentando métodos extremos que o levam à auto superação e à beira da autodestruição.

O filme prende facilmente a atenção principalmente pelo ritmo dentro da história, que remete perfeitamente ao caos em torno do tratamento feito por Terence Fletcher com seus alunos, os explorando até a perfeição.

O ritmo acelerado e a montagem rápida também combina com a velocidade dos movimentos de bateria, sempre tocando composições complexas, muitas vezes nos fazendo sentir como se estivéssemos dentro da bateria, vivendo cada batida, suor e lágrimas. E acredito que parte desse caos rápido aconteceu pela própria filmagem que levou apenas 20 dias.

Dentro do filme a música tem um papel mais do que fundamental, representando não só ambos os protagonistas, mas também dando o tom para o restante do filme. A música não é leve ou agradável, é densa e agressiva. Isso transforma o filme num thriller disfarçado de drama musical.

E tudo isso combina ainda mais com a fotografia elegante do filme que se utiliza de muitas luzes e cores para passar diversas sensações dos personagens como a paixão, dedicação, ambição, decepção e a angústia.

O longa traz muito sobre obsessão, perfeccionismo e o próprio abuso, onde vemos o protagonista cada vez mais se perdendo e enlouquecendo dentro de sua própria ambição.

E mesmo com um protagonista com atitudes controversas e questionáveis, ainda é muito fácil sentir empatia e de se identificar com Andrew dentro da narrativa, principalmente por sua paixão pela música, sua ambição e também sua vontade de impressionar o professor.

Assim, ao longo da narrativa, a obra traz questionamentos sobre a obsessão e a busca sem fim pela perfeição. Andrew sente que o sofrimento faz parte do processo criativo e artístico, mas o filme questiona isso, trazendo questões como onde uma pessoa pode, ou

Whiplash (2014))- Imagem: Divulgação

Whiplash (2014))- Imagem: Divulgação

Whiplashi (2014) - Imagem: Divulgação

deve, ir para atingir a grandeza e se ao fim todos os sacrifícios feitos valem a pena. Além disso, a história também desmistifica a ideia de que o talento vem naturalmente, mostrando o quanto a excelência pode ser forçada, às vezes à beira da insanidade.

As atuações dentro do filme são impactantes e intensas e harmonizam com perfeição a todo o caos que rola ao longo dos 107 minutos de duração. Miles Teller interpreta o protagonista com perfeição, trazendo um personagem que por conta de sua paixão e talento se torna quase fanatico pela aprovação de seu professor, o que vemos principalmente devido a todo suor e sangue que o personagem derruba nas cenas, disposto a ir até o fim para conseguir chegar na perfeição. Inclusive essa prática intensa também aconteceu durante as filmagens já que o diretor não gritava corta, na intenção do ator rufar até se esgotar.

E completando a dupla de protagonistas temos J.K. Simmons, interpretando Fletcher, o professor com métodos um tanto quanto intensos a fim de tirar o melhor de seus alunos, acreditando que só a pressão extrema pode extrair o verdadeiro talento. Lógico, sentimos raiva de seu personagem, mas ao mesmo tempo, graças a performance de Simmons, sentimos também um fascínio pela sua figura.

O ator traz uma performance assustadora misturando carisma, crueldade, sarcasmo e manipulação, o que, claro, garantiu ao ator, merecidamente, uma estatueta dentro do Oscar.

O filme é simples mas extremamente impactante finalizando com um final satisfatório que apenas Damien Chazelle poderia fazer.

O GRANDE HOTEL BUDAPESTE.

E o grande vencedor deveria ter sido um dos meus filmes favoritos da vida: *O Grande Hotel Budapeste* (2014). Com direção de Wes Anderson, o filme é baseado nos trabalhos do escritor Stefan Zweig, sendo o roteiro co-escrito pelo diretor e Hugo Guinness. O longa recebeu nove indicações e levou para casa quatro estatuetas: Melhor Figurino, Melhor Design de Produção, Melhor Cabelo e Maquiagem e Melhor Trilha Sonora Original.

A história tem início na década de 1930 e acompanha o auge do famoso Grande Hotel Budapeste. No centro da trama está Monsieur Gustave H. (Ralph Fiennes), o excêntrico e carismático gerente do hotel, que forma uma improvável amizade com Zero Moustafa (Tony Revolori), o novo mensageiro do local. Juntos, eles se envolvem em uma caótica e cômica aventura que inclui o roubo de uma valiosa pintura renascentista, uma batalha por uma fortuna de família e perseguições por toda a Europa, tudo em meio ao avanço de uma ameaça política crescente.

Assim como a maioria dos filmes do diretor, a história parece simples à primeira vista, mas acaba engrandecendo se tornando uma verdadeira tragédia grega, conversando com diversos gêneros do cinema como drama, comédia e aventura.

O longa traz uma história que acompanha diversos momentos históricos relevantes, evidenciando as maiores mudanças na Europa durante os anos 1930, 1960 e 1980 e como essas mudanças impactam os personagens do filme. Para isso também, Anderson decide filmar em 3 formas diferentes e com 3 paletas de cores diferentes, assim fazendo referência a época em que os personagens se encontram e ajudando os espectadores a não se perderem na história.

O presente, anos 1980, tem coloração neutra, mostrando o hotel já em decadência. Os anos 1960 apresentam uma coloração amarelada e tons terrosos. Já os anos 1930 trazem tons avermelhados e rosados, fazendo referência ao auge do hotel e a própria inocência.
A fotografia do filme é realmente um dos seus grandes destaques trazendo uma verdadeira pintura a cada plano com uma paleta de cores chamativa e interessante. Além, é claro, de trazer a simetria perfeccionista de Anderson da melhor forma possível. O diretor ainda traz takes muito criativos de perseguição com cenas com o ponto de vista dos personagens, quebra da quarta parede, planos sequências e movimentos traveling típicos do diretor.

O roteiro do filme traz tudo de melhor das características de Wes Anderson, garantindo uma divertida aventura que consegue prender a atenção com facilidade. O filme é uma verdadeira caixa de surpresas, surpreendendo a cada momento passando por diversos temas, desde o trauma da guerra, investigação de assassinato, um grande roubo até um romance mágico. O longa também abraça o cinismo, com até mortes executadas de maneira cômica, e é capaz de transitar por tons de melancolia e doçura sem parecer desconexo.

Além de contar com uma melancolia divertida, o filme ainda conta personagens extremamente únicos, caricatos e carismáticos, incluindo o

O Grande Hotel Budapest (2014) - Imagem: Divulgação

O Grande Hotel Budapest (2014) - Imagem: Divulgação

próprio hotel, que aqui se torna um dos protagonistas. O hotel é detalhado até os últimos detalhes, desde o rodapé até o teto, também evidenciando as principais mudanças causadas pelo tempo. A construção dele também lembra um vencedor do Oscar de Melhor Filme, *O Grande Hotel* (1932), que também traz uma trama dentro de um hotel luxuoso cheia de personagens excêntricos

O Grande Hotel Budapest (2014) - Imagem: Divulgação

E claro, um personagem que é basicamente a personificação do hotel, o Monsieur Gustave. Interpretado por Ralph Fiennes, o Monsieur Gustave é um dos mais interessantes, se não o mais interessante, personagem criado por Anderson. Gustave é um personagem extremamente complexo que facilmente rouba todas as cenas pela sua maneira de agir inusitada. Gosto muito do Ralph Fiennes sinto que cada papel que ele interpreta ele consegue me impressionar ainda mais e aqui ele acaba sendo um grande destaque principalmente por seu timing cômico.

Além disso, o filme ainda conta com um elenco recheado de estrelas como Adrien Brody, Willem Dafoe, Jude Law, Saoirse Ronan, Jeff Goldblum, Tilda Swinton, Owen Wilson, Tom Wilkinson, Edward Norton e Bill Murray (parceiro de longa data de Wes Anderson, sendo a sétima produção juntos), todos eles interpretando personagens bem peculiares, inusitados e únicos.

E o filme ainda conta com a trilha sonora composta por Alexander Desplat, um dos meus compositores favoritos, que realmente torna o filme ainda mais especial, conseguindo conduzir a história de maneira orgânica e engrandecendo as cenas de comédia, ação e drama.
O Grande Hotel Budapeste é um filme divertidíssimo na medida certa que prende a atenção de qualquer público do começo ao fim.

2016

O vencedor do ano foi um filme que particularmente eu gosto bastante, até por ser jornalista. *Spotlight: Segredos Revelados* (2015), tem direção de Tom McCarthy, que também assina o roteiro juntamente com Josh Singer, e recebeu seis indicações ao Oscar, levando para casa apenas duas delas: Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Filme.

Apesar de gostar bastante do filme, irei tirar o Oscar dele. Acho ele relevante como filme jornalístico, mas sinto que temos filmes mais marcantes dentre os indicados.

O filme, então, conta a história verídica de uma das maiores reportagens investigativas dos Estados Unidos, que ocorreu entre 2001 e 2002 e ganhou um prêmio Pulitzer. O longa acompanha, então, um grupo de jornalistas do jornal The Boston Globe que lutam para provar e noticiar um grande escândalo de abuso de crianças por padres católicos em Boston que havia sido acobertado pela igreja por décadas.

A obra então traz os bastidores da investigação dos jornalistas, mostrando todo o pensamento dos profissionais e os obstáculos enfrentados. Além disso, a trama não se foca em apenas um dos jornalistas, seguindo todos eles e suas diferentes abordagens e fontes, trabalhando com muito realismo e o cotidiano.

O longa não coloca nenhum tipo de sutileza ou romantização, tanto da profissão, evidenciando os perigos presentes, quanto no caso investigado, trazendo a história nua e crua. O filme, inclusive, traz uma veracidade impressionante, já que segundo uma pesquisa realizada pelo site Information Is Beautiful, o longa tem uma porcentagem de 76.2% de veracidade, além da equipe original de jornalistas também ter prestado elogios à obra.

Esse cuidado com a realidade vai além do roteiro, já que o filme entrega fotografia e cenários condizentes à época e ao tema. O ambiente da redação do jornal é composto por cores claras e mesclas de marrom e cinza, passando uma sensação de estéril. Já as igrejas e ambientes ocupados por autoridades católicas, são escuros e mal iluminados, que passam uma sensação ruim. A fotografia também se aproveita do clima nublado de Boston para criar uma atmosfera melancólica.

O filme tem um elenco com grandes nomes como: Rachel McAdams, Mark Ruffalo, Michael Keaton, Stanley Tucci e Liev Schreiber. Mas apesar do forte elenco, nenhum personagem sai do unidimensional, sendo apresentado apenas seus conflitos envolvendo a profissão, o que é bom e ruim ao mesmo tempo. Essa falta de desenvolvimento gera um foco maior na trama, o que faz com que a empatia do público seja gerada graças à indignante história.

Mas, ainda assim, torna seus personagens não tão realistas e pouco complexos, o que prejudica o filme como uma obra cinematográfica já que mesmo trazendo ótimas atuações nenhum dos atores se destaca.

O longa impacta ao mostrar as consequências e dificuldades de ser uma fonte em reportagens chocantes e como os eventos as afetam até o presente, além de trazer uma variedade de

Spolight (2015) - Imagem: Divulgação

Spotlight (2015) - Imagem: Divulgação

pontos de vista, já que cada uma das vítimas acabou em um caminho diferente por conta dos eventos que passaram.

Além disso, os atores que interpretam as vítimas no longa são de certa forma desconhecidos, principalmente em comparação com o elenco principal. Com essa escolha criativa, o filme passa a sensação aos espectadores de que qualquer um poderia enfrentar o mesmo destino.

Apesar de não ser tão inovador e ousado cinematograficamente como *Todos os Homens do Presidente* (1976), Spotlight consegue trazer com excelência uma ótima narrativa dos bastidores da investigação. Foi assim que ele se consagrou como um clássico do gênero de filmes de jornalismo investigativo: ressaltando a importância da profissão e trazendo uma das mais indignantes, absurdas e chocantes histórias dos Estados Unidos.

No mesmo ano, trazendo outra crítica para um dos momentos importantes da história dos Estados Unidos, *A Grande Aposta* (2015). Com direção de Adam Mckay, o longa funciona como adaptação do livro homônimo de Michael Lewis, publicado em 2010, e traz um dos eventos econômicos mais catastróficos do século XXI: o colapso do mercado imobiliário dos Estados Unidos que deu origem à crise financeira de 2008.

O filme recebeu cinco indicações e levou para casa uma estatueta: Melhor Roteiro Adaptado.

A história acompanha um grupo de personagens que, entre 2005 e 2008, perceberam que o mercado de hipotecas dos EUA estava à beira de um colapso. Ao invés de seguirem a cegueira coletiva de Wall Street, eles apostam contra o sistema — investindo em instrumentos financeiros chamados credit default swaps, prevendo que o mercado imobiliário entraria em colapso.

O roteiro então traz uma sátira evidenciando a bagunça, caos, impunidade e ganância presente dentro de grande parte de Wall Street. Por se passar nos anos 2000, e para tentar manter o filme dinâmico, a história se utiliza de uma

linguagem visual moderna e irônica, com clipes reais, memes e até referências da cultura pop dos anos 2000. E para reforçar a ideia de que o longa é baseado em fatos reais, ele é filmado em um ritmo quase documental, com inclusive quebras da quarta parede.

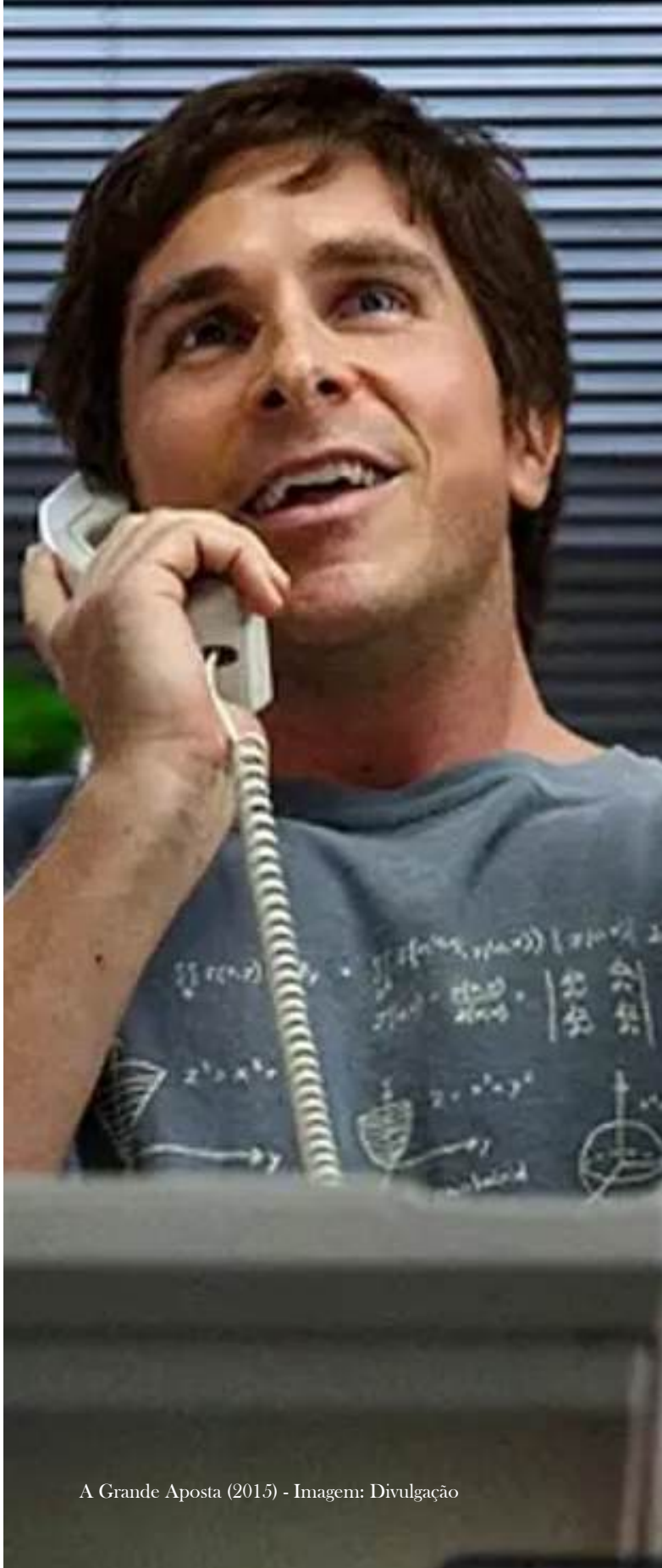
A sua história não é sobre dinheiro e sim sobre a ética e a responsabilidade em cima do sistema financeiro, que é governado por pessoas gananciosas, dispostas a lucrar em cima da desgraça.

O final do filme tem um sentimento amargo, os personagens que a gente acompanha durante toda a história se dão bem, mas com isso diversas pessoas perderam seus empregos, casas e esperança, como vemos em *Nomadland* (2020), vencedor do Oscar de Melhor Filme de 2021. A verdadeira tragédia não é a crise em si, mas a impunidade dos responsáveis.

Como uma pessoa muito leiga em relação ao mercado financeiro e tudo relacionado a isso, admito que esse filme foi um desafio. Claro, ele até tenta explicar o que está acontecendo em cenas com celebridades como Selena Gomez e Margot Robbie falando sobre os termos utilizados, mas isso apenas me fez me sentir mais burra. Sinto que perdi boa parte do filme por não ter essa bagagem e por conta disso não consegui me prender nada com a história.

Outro indicação foi para o drama *Brooklyn* (2015). O filme recebeu três indicações ao Oscar: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Atriz (Saoirse Ronan).

Com direção de John Crowley, o filme tem como base o romance homônimo de Colm Tóibín,



A Grande Aposta (2015) - Imagem: Divulgação

Brooklyn (2015) - Imagem: Divulgação

publicado em 2009, e traz como principal foco os dilemas da imigração.

Nos anos 1950, Eilis Lacey (Saoirse Ronan) deixa a Irlanda para recomeçar a vida no bairro do Brooklyn, em Nova York. Lá, enfrenta o choque cultural, mas encontra amor com Tony Fiorello (Emory Cohen). Quando uma tragédia a faz voltar à Irlanda, ela se vê dividida entre sua nova vida nos EUA e as possibilidades em casa, inclusive um novo pretendente, Jim Farrell (Domhnall Gleeson).

Apesar de baseado em um livro com uma história de ficção, o longa traz um retrato que foi verdadeiro para diversos imigrantes, trazendo as importantes temáticas dentro dessa mudança: identidade, pertencimento e nostalgia.

Com a imigração de Eilis, o filme fala sobre uma das principais motivações de grande parte dos imigrantes, o sonho americano e a ideia de grandes oportunidades nos Estado Unidos. E o filme é extremamente sincero quando mostra os momentos em que a protagonista começa a questionar suas escolhas, sentindo falta de casa e da família. O filme não ameniza e mostra um desafio que vai além do financeiro quando Eilis se muda: a solidão é difícil adaptação com uma nova cultura.

Hoje consigo relacionar o filme facilmente com outro indicado ao Oscar de Melhor Filme, *Vidas Passadas* (2023), que também exploram os embates da imigração. Até analisando ambos os filmes sinto que eles têm muito em comum, até por ambos trazerem um triângulo amoroso. Mas em principal acho que ambos conseguem exprimir o constante sentimento de não pertencer completamente a lugar nenhum.

Juntamente a isso, o filme fala muito sobre o amadurecimento durante a transição da adolescência para a vida adulta, praticamente sendo um coming-of-age. O longa é muito sincero, mostrando as felicidades de uma nova vida e da independência mas também deixando claro suas dificuldades e também os questionamentos que surgem na cabeça da protagonista, que passa a tomar decisões por si mesma.

Acho que o filme cumpre bem seu papel trazendo de uma forma leve, mas ainda pertinente, às questões que envolvem a imigração que vão além do dinheiro. Lembro que quando assisti ao filme eu gostei da história, mas para ser sincera é um filme que não penso muito sobre e também não tenho vontade de revisitar.

E com direção de Steven Spielberg, outro dos indicados é *Ponte dos Espiões* (2015). O drama histórico tem roteiro de Matt Charman e dos irmãos Joel e Ethan Coen, e é baseado em fatos reais que aconteceram durante a Guerra Fria. O longa recebeu seis indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante (Mark Rylance).

Na Guerra Fria, o advogado James B. Donovan (Tom Hanks) é designado para defender o espião soviético Rudolf Abel (Mark Rylance) e, mesmo sob pressão pública, garante a ele um julgamento justo. Mais tarde, Donovan é chamado para conduzir uma negociação para trocar o soviético pelo piloto americano Francis Gary Powers, capturado pela URSS.

Gosto de várias coisas aqui. A direção de Spielberg se baseia em cima da tensão durante a Guerra Fria e na espionagem, onde, mesmo silencioso, existia um caos ao redor da verdade. Assim como o protagonista, não conseguimos confiar em todos os personagens, sempre nos questionando quem está falando a verdade, passando uma certa angústia, focando mais na tensão psicológica e na diplomacia do que em ação explosiva, que acaba sendo mais assustadora. Muito por conta disso, o filme tem uma atmosfera de perigo eminente que prende com facilidade.

Ponte dos Espiões (2015) - Imagem: Divulgação

Ponte dos Espiões (2015) - Imagem: Divulgação

Também é possível se conectar com a história pensando no ponto de vista de Rudolf Abel, que é preso em um país que não é o seu, que não fala sua língua nativa, que te vê como inimigo apenas por sua nacionalidade, com diversas notícias correndo sobre você, que podem ser verdadeiras ou não. Para mim, foi muito fácil me colocar no lugar do personagem e sentir uma certa impotência, e sinceramente essa situação virou um dos meus maiores medos.

O papel de James B. Donovan dentro da história chega a ser mais heroico que qualquer soldado, usando os próprios princípios legais dos EUA para garantir um julgamento justo para Abel. O personagem tem um tom patriotico mostrado de uma maneira diferente do que habitual, indo contra a maré prezando pela justiça feita de forma justa, colocando seus valores à frente da conveniência pessoal, arriscando sua reputação e segurança. Aqui, o foco do roteiro está na ética, na moral e na humanidade possível mesmo em tempos de guerra e paranoia.

Visualmente, o longa tem momentos que lembram bastante *West Side Story* (2021). Mesmo tendo narrativas completamente diferentes, acho que é possível traçar uma certa similaridade entre os dois filmes, principalmente por retratar uma briga entre dois povos. E aqui em Ponte dos Espiões, o diretor investe em uma paleta de cores sóbria que reforça a atmosfera fria e opressora da Guerra Fria.

Um bom e angustiante filme que consegue passar perfeitamente a ideia de paranoia vivida durante a Guerra Fria, e a falta de confiança sentida pelos participantes.

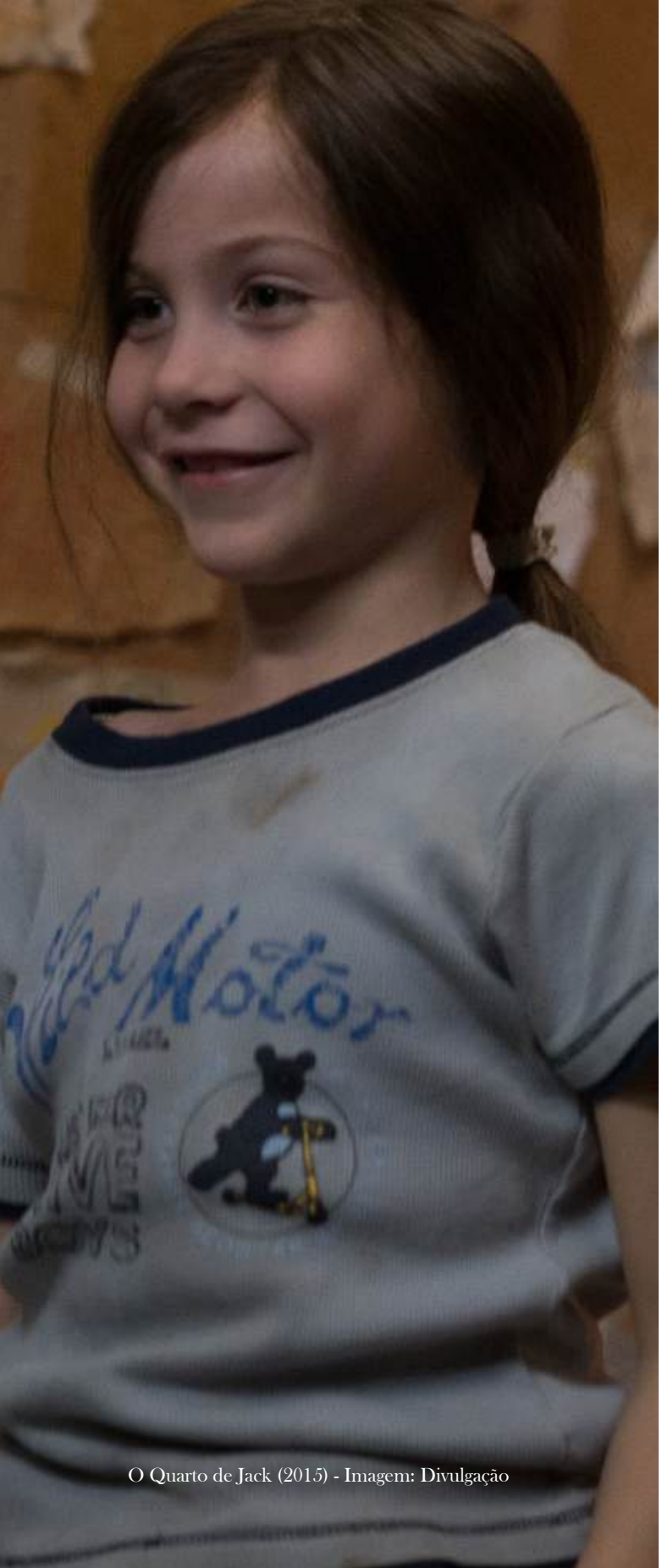
E ainda no drama, outra vaga ficou com o filme *O Quarto de Jack* (2015). Com direção de Lenny Abrahamson, o filme recebeu quatro indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Atriz (Brie Larson). O roteiro tem como base o livro Quarto, publicado em 2010, escrito por Emma Donoghue que também assina o roteiro do longa.

Joy Newsome (Brie Larson) vive com seu filho Jack (Jacob Tremblay), de cinco anos, em um minúsculo cômodo que chamam de "Quarto". Joy foi sequestrada ainda adolescente por um homem conhecido como Old Nick (Sean Bridgers), que a mantém em cativeiro há sete anos. Quando Joy percebe que Jack está crescendo, ela decide elaborar um arriscado plano para escapar.

O que diferencia o filme de tantos outros filmes sobre o mesmo tipo de história é trazer grande parte disso a partir do ponto de vista infantil de Jack. O garoto cresceu dentro do "quarto", tendo aquele espaço pequeno como mundo e casa, desafiando o espectador a ver o mundo com inocência, confundindo o que é real, seguro ou assustador.

Apesar da temática pesada, o filme ganha os espectadores graças à relação entre mãe e filho muito bem interpretada por Brie Larson e Jacob Tremblay. O longa evidencia o forte vínculo entre mãe e filho principalmente no momento da execução do plano de Joy, onde um precisa confiar no outro, trazendo um retrato muito bonito de amor incondicional e resiliencia. Mesmo nas condições mais extremas, o amor

O Quarto de Jack (2015) - Imagem: Divulgação



O Quarto de Jack (2015) - Imagem: Divulgação

que Joy sente por Jack é o que a mantém viva e esperançosa.

Mesmo com um plano bem sucedido para sair do Quarto, a parte mais longa e difícil da história começa depois de fugir, em que Joy e Jack precisam lidar com o mundo real, com questões envolvendo a mídia, com a família, com a depressão, com a reeducação social.

Brie Larson merecidamente levou a estatueta de Melhor Atriz para casa. A atriz traz uma performance comovente e dolorida que atrai nossa empatia desde o início, interpretando uma mulher/jovem que perdeu grande parte da sua vida e ao mesmo tempo acaba se tornando mãe durante esse período, precisando pensar não só por ela mas também pelo seu filho. Gosto bastante da atuação dela na segunda parte da história, onde vemos suas dificuldades em se adaptar novamente a sociedade.

Jacob Tremblay dá um show de atuação e é o que faz o filme funcionar tão bem. Seu personagem é uma criança que não tem muita noção da realidade em que vive e tudo que sua mãe passou, e muito por conta disso ele é birrento e tem um certo medo do desconhecido. Eu sei, eu sei, era o ano de Leonardo DiCaprio levar o Oscar, indicado pelo filme O Regresso (2015), vem aí, mas eu teria ficado extremamente feliz com pelo menos uma indicação para Tremblay na categoria, acho que ele merecia.

É um filme forte e marcante, que definitivamente marcou a década principalmente pela presença de Jacob Tremblay, sendo praticamente o filme que o lançou.

O Regresso (2015) - Imagem: Divulgação

E falando nele, outro indicado do ano foi o filme *O Regresso* (2015). O filme mistura brutalidade, impactantes imagens e sentimentos profundos para contar uma história real de resistência humana diante da natureza selvagem e da sede de vingança.

Com direção de Alejandro G. Iñárritu, o longa recebeu 12 indicações ao Oscar, arrecadando três delas: Melhor Fotografia, Melhor Direção e, a tão esperada, Melhor Ator para Leonardo DiCaprio. A história é baseada livremente no livro de mesmo nome de Michael Punke, publicado em 2016, que por sua vez é baseada na história real de Hugh Glass, um explorador e caçador de peles no século XIX.

Durante uma expedição em territórios selvagens dos Estados Unidos, Glass é brutalmente atacado por um urso e deixado para morrer por membros de seu grupo, principalmente por John Fitzgerald (Tom Hardy), que ainda mata seu filho mestiço, Hawk, diante dele. Contra tudo e todos, Hugh Glass sobrevive ao ataque, enfrenta o frio intenso, feridas graves, fome, ataques indígenas e a brutalidade da paisagem para buscar vingança.

O filme já começa na sua máxima intensidade, nos jogando para dentro da ação com cenas de batalha brutal entre os caçadores e os nativos da região. O diretor aposta em planos-sequência longos, luz natural, realismo extremo e uma experiência sensorial, nos fazendo sentir cada respiração e golpe sentida pelos personagens. Por contar de prezar por esse realismo, sinto que

o filme é difícil de se assistir por conta de suas cenas mais brutas, não sendo para qualquer um.

Acho que é muito fácil de nos apegarmos ao protagonista, Hugh Glass. Em parte isso acontece por John Fitzgerald, seu rival, ser um homem arrogante e egoísta, ou também pode vir a sentir empatia pelo personagem após seu embate com o uso, em que sentimos cada uma das dores vividas pelo personagem. Mas, principalmente, conseguimos nos colocar no lugar do personagem pela sua busca incansável por vingança, encarando cara a cara não só seu inimigo mas também as condições desafiadoras da natureza.

Ok, talvez falando desse jeito parece que o filme é um programa de sobrevivência da Nat Geo Wild, mas eu juro que ele é mais do que isso. Hugh Glass, para além do protagonista, tem uma conexão com a natureza que vem por conta dos seus anos convivendo com os nativos da região, onde conheceu sua esposa e seu filho nasceu, trazendo um lado mais espiritual e filosófico para dentro da história, que aqui também justifica muito de como o personagem conseguiu sobreviver a tantas coisas.

Ao longo da trama, então, acompanhamos duas narrativas: a primeira acompanha Hugh e os diversos desafios que ele passa tentando se vingar e a segunda acompanha John FItzgerald e os outros caçadores, que tentam chegar vivos e com as peles que conseguiram ao Forte Kiowa. Com isso, a natureza dentro do filme passa a ser mais do que apenas um cenário, sendo um

O Regresso (2015) - Imagem: Divulgação

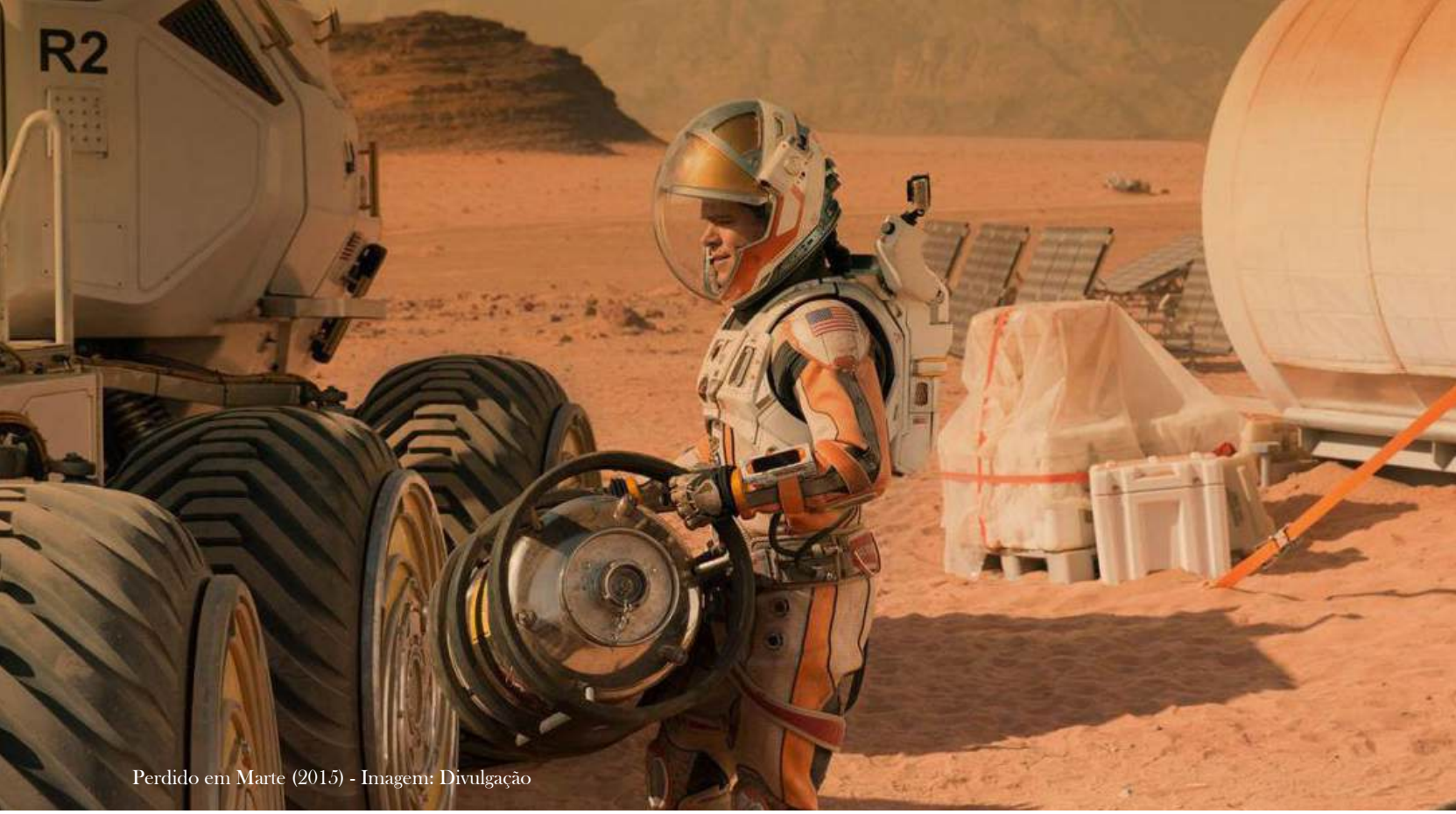
O Regresso (2015) - Imagem: Divulgação

personagem ativo dentro da história, implacável, bela, e indomável, servindo tanto de obstáculo quanto de refúgio.

E além disso, o filme pincela levemente sobre temáticas como o colonialismo e a violência, evidenciado nas brigas entre os colonizadores e povos indígenas, mostrando a destruição causada pela ganância e pela brutalidade da colonização. Digo levemente já que no final do dia a história não é sobre isso, até por ser protagonizada por um homem branco.

E o filme garantiu o primeiro e único Oscar de Leonardo DiCaprio. Claro, na realidade, isso não significa nada, já que o ator já era extremamente reconhecido como um dos maiores, se não o maior, de sua geração, até porque sinto que ele já merecia essa estatueta por outras performances como em *O Aviador* (2004) ou *O Lobo de Wall Street* (2013). Mas aqui DiCaprio traz uma performance intensa com poucas falas de um homem disposto a fazer de tudo para vingar seu filho. De certa forma o ator também entra nessa já que chegou a comer fígado cru e dormir dentro de um cavalo morto para passar o realismo dentro da história. É seu melhor trabalho? Na minha honesta opinião, não. Mas esse Oscar tinha o seu nome desde o início.

Sobre *O Regresso*, eu não sou a maior entusiasta de filmes de sobrevivência, mas ainda sim o filme tem seus bons momentos, apesar de ser meio intenso demais em alguns deles. Um filme sobre vingança e o quão longe vamos por ela e se ela realmente traz algum tipo de



Perdido em Marte (2015) - Imagem: Divulgação

paz, e honestamente? Ao final eu sinto que o protagonista atingiu essa paz.

E falando em sobrevivência, com direção de Ridley Scott, e indicado a sete categorias na premiação, outro indicado de 2016 foi o filme *Perdido em Marte* (2015). Dentre as indicações, o filme foi um destaque nas catgeorias técnicas, recebendo indicações em: Melhor Efeitos Visuais, Melhor Mixagem de Som e Melhor Produção de Design.

O filme tem como base o livro homônimo de Andy Weir, publicado em 2011, trazendo uma história de perseverança e descobertas de um astronauta, literalmente, perdido em Marte.

Durante uma missão a Marte, o astronauta Mark Watney (Matt Damon) é deixado para trás e dado como morto após uma tempestade. Sozinho no planeta, ele usa seus conhecimentos de botânica e engenharia para sobreviver, cultivando comida e criando formas de se manter vivo. Quando a NASA descobre que ele está vivo, começa uma corrida contra o tempo para resgatá-lo com a ajuda da antiga tripulação.

O filme foi um grande sucesso de crítica e público, sendo aclamado pela sua fidelidade e também por combinar ciência, humor e emoção para contar uma história de sobrevivência e engenhosidade humana no espaço. O filme acaba nos conquistando por conta da resiliência e persistência de Watney, que mesmo nas condições mais trágicas, não desiste de

sobreviver, trazendo um tom inspiracional para a história.

O lado científico da narrativa também é impressionante, conseguindo prender o espectador justamente por deixar a informação acessível e interessante. Admito que sai do cinema me sentindo um pouco mais inteligente. E parte disso também é garantida graças a performance carismática de Matt Damon equilibrando bem os momentos tensos e cômicos da história, até por trazer um personagem sarcástico.

E o filme tem um tom de urgência, por ao mesmo tempo que acompanha Mark Watney tentando de tudo para sobreviver, também acompanha sua antiga tripulação dando meia volta para resgatá-lo, alternando entre momentos em Marte, a Terra e a nave Hermes.. A história ganha também um lado mais pessoal por acompanhar grande parte das descobertas de Mark através de vlogs gravados por ele, onde o astronauta documenta seus dias.

Eu lembro que assisti esse filme no cinema e saí extremamente impactada, tanto que comprei o livro em que a história é baseada logo em seguida. Nunca li. Ele alimentou meu lado que sonhava em se tornar astronauta quando pequena, admito que apesar de assustador tudo que o personagem passa, é uma aventura e tanto. É um filme legal para quem gosta do assunto, mas pra ser sincera não é uma história que eu penso com tanta frequência.

Mad Max (2015) - Imagem: Divulgação

MAD MAX: ESTRADA DA FÚRIA.

Mas o verdadeiro vencedor daquele ano era *Mad Max: Estrada da Fúria* (2015). Quer um filme que marcou mais uma década do que a obra-prima máxima de George Miller?

O longa recebeu dez indicações ao Oscar, levando para casa seis delas: Melhor Figurino, Melhor Design de Produção, Melhor Maquiagem e Cabelo, Melhor Edição de Som, Melhor Mixagem de Som e Melhor Efeitos Visuais.

O filme então tem direção de George Miller e roteiro assinado por ele e por Nick Lathouris, que se juntam novamente no filme *Furiosa* (2024). *Mad Max: Estrada da Fúria* é quase um reboot do filme *Mad Max* (1979), apesar de ter mais semelhanças com sua sequência de 1981, já que é um filme "independente" dos anteriores. O cineasta não queria fazer um remake ou recontar a história que já tinha sido dita e sim atualizar o universo, a fim de novos espectadores lembrarem-se de Max como um homem sem nada a perder.

Em um futuro distópico, Max Rockatansky (Tom Hardy) é capturado por Immortan Joe (Hugh Keays-Byrne), um tirano que controla a água, a gasolina e o povo com mão de ferro. Tentando escapar, Max se vê envolvido em uma grande perseguição quando a Imperatriz Furiosa (Charlize Theron) trai Immortan Joe e tenta libertar um grupo de donzelas.

A saga Mad Max surgiu da mente de George Miller, tendo como inspiração a Crise do Petróleo, que aconteceu em 1973, e causou muita violência entre os motoristas. O longa original foi responsável por lançar Miller como diretor e também Mel Gibson como astro, já que na época do filme o ator tinha apenas 23 anos.

No longa de 2014, ao contrário do filme de 1979, nos encontramos em uma sociedade quase apocalíptica, cheia de figuras peculiares, onde a água e a gasolina são escassas mas extremamente importantes. Neste filme, somos jogados sem enrolação para a aventura, sem qualquer introdução, já que tudo importante para nosso entendimento é explicado durante o filme.

Tanto é que o roteiro do filme surgiu depois do seu enredo ser finalizado, já que George Miller primeiramente imaginou o longa como uma perseguição contínua com pouco diálogo, já que o próprio protagonista do filme tem apenas 52 falas, fazendo a história depender mais das imagens mostradas. Inclusive o storyboard do filme foi criado em colaboração de cinco artistas e tinha mais de 3.500 paineis. E bom vendo o filme é possível observar como isso foi essencial pra história, principalmente nos momentos mais legais e radicais do filme.

Mas o importante de tudo isso é que a história é simples, de fácil entendimento, e consegue nos prender com facilidade do começo até o fim com cenas muito marcantes e sobretudo, legais. Tem muitas coisa legal no longa: a sociedade futurista mas com costumes medievais quase, a mitologia por trás dos personagens que se sacrificam por um título de heroi, as lutas, os carros construídos cheios de bugigangas (quase como a Corrida Maluca (1968)), os cenários apocalípticos de um deserto sem fim, as cores intensas que nos passam aquele calor e caos do deserto, o visual

dos personagens e claro, o que não poderia faltar nessa aventura toda, um carro com caixas de som, com um homem tocando um som de guerra com uma guitarra que solta fogo durante toda a perseguição.

O ritmo frenético e intenso da obra combina com perfeição com aquela sociedade completamente maluca e com o próprio desespero do nosso protagonista que se encontra capturado e sendo utilizado como uma bolsa de transfusão de sangue, usado por um dos guerreiros de Immortan Joe. Além das diversas máscaras, pinturas no rosto e personagens completamente pirados, parte dessa agitação acontece por conta da edição do filme, que corta alguns frames nas cenas de mais ação e tensão para deixar o longa ainda mais rápido e as ações ainda mais frenéticas.

Uma das principais diferenças entre este e a trilogia original é que aqui Max nada mais é do que um coadjuvante dentro da história da Imperatriz Furiosa, que aqui atrai todas as atenções com facilidade.

Tom Hardy aqui interpreta um bom coadjuvante, mas facilmente tem a cena roubada pela personagem de Charlize Theron, não somente pela atuação da atriz mas também, e principalmente por sua personagem ser tão interessante. Conhecemos um pouco do passado do 'Mad Max' através de alguns flashbacks onde conseguimos entender o trauma que ele carrega consigo, entendendo mais porque ele é da maneira que ele é, mas no final do dia seu personagem apenas é um dos ajudantes de Furiosa dentro da narrativa, justamente sendo coadjuvante em uma aventura, o que acho que deixa o final do filme ainda mais claro.

Já Charlize Theron ta espetacular dentro do filme, o pouco que conhecemos sobre sua personagem já facilmente consegue nos conectar com ela, Furiosa é corajosa e determinada, além de facilmente simpatizamos com ela pela motivação de sua aventura.

Mas o filme impressiona principalmente pelos seus efeitos visuais, inclusive cerca de 80% desses efeitos são realmente práticos utilizando dublês, maquiagens e cenários para esses feitos, o que justifica as vitórias dentro da premiação. E depois do filme O Dublê (2024), acho que assistir Mad Max fica ainda mais impressionante. Claro, o filme se utilizou ainda de CGI, mas com moderação, usando para melhorar a paisagem, remover os cabos e indícios de dublês e também para remover a mão de Charlize Theron.

Mas sim, a guitarra soltava fogo de verdade.

O próprio carro que é dirigido por Immortan Joe também foi criado do zero e é funcional, inclusive o ator Hugh Keays-Byrne, que interpretou Immortan Joe, disse que o carro foi sua parte favorita das gravações.

Mad Max: Estrada da Fúria é extremamente divertido e sabe quando finalizar sua história que com facilidade prende o espectador, conseguindo nos deixar cansados, no melhor sentido possível, no final depois de tanta ação. É definitivamente um daqueles filmes que consegue te deixar impressionado.

Mad Max (2015) - Imagem: Divulgação

Moonlight (2016) - Imagem: Divulgação

2017

Essa edição do Oscar foi a responsável por mudar o caminho da minha vida. Foi a que me trouxe minha obsessão pela premiação. Não pelos indicados em si, apesar de ter sido uma seleção interessante, mas pela injustiça dentro da 89ª cerimônia do Oscar.

E muito por conta disso, eu por anos desenvolvi um ódio gigantesco pelo grande vencedor da noite, *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016). O longa recebeu oito indicações e levou para casa três estatuetas: Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator Coadjuvante (Mahershala Ali) e... Melhor Filme...

O filme acompanha a vida de Chiron durante três fases de sua vida: a infância, apelidado de Little (Alex Hibbert), adolescência (Ashton Sanders) e quando adulto, que adota o nome Black (Trevante Rhodes). O longa conta a jornada do menino através de seu amadurecimento, diversas crises de autoconhecimento, e como os relacionamentos da vida vão lhe afetando. A vida de Chiron tem uma virada durante sua infância, quando conhece Juan (Mahershala Ali), um traficante de drogas que acaba se tornando um modelo e heroi para o menino.

O longa aborda temas relevantes como a sexualidade, bullying, criminalidade, preconceito e uso de drogas, que afeta principalmente sua mãe (Naomie Harris). O filme não se prende em flashbacks e tem uma visão da vida realista, seguindo sempre para frente.

A fotografia evidencia essa visão, sendo bem contemplativa, rendendo belíssimas imagens, como o próprio título sugere, da luz do luar, usando tons vibrantes e até hipnotizantes de azul e roxo. Também, ele adota diferentes tons e cores conforme passa cada uma das fases da vida do jovem, evidenciado não só nos cenários e iluminação, mas também nos figurinos. E mesmo cada fase tendo sua cor, em alguns momentos as cores de outra fase fazem pontuais aparições, podendo significar o impacto que determinado momento de sua vida teve em outro.

O roteiro então, foca em deixar recortes de momentos importantes para Chiron, sem se postergar. Porém, isso acaba sendo um problema em alguns momentos da narrativa, já que quando o público consegue se acostumar com a trama e se sente fisgado pela história, a fase da vida de Chiron muda e é necessário passar pelo mesmo processo mais uma vez, principalmente por esses recortes serem desproporcionais.

Os pulos de fases da vida Chiron quebram principalmente o envolvimento do público com o personagem, impactando na identificação e empatia sentida pelos espectadores e quebrando a realidade do filme. Sinto que parte disso acontece já que os três atores que interpretam Chiron não se conheceram durante a produção, tendo como ideia que cada um interpretasse seu personagem sem serem influenciados pelas atuações dos outros, mas, pra mim isso trouxe uma quebra grande dentro da narrativa.

Porém definitivamente a chave do filme são suas atuações dramáticas, que em momento passam do ponto mas cumprem seu papel. Alex Hilbert traz uma tímida representação de Little representando toda a inocência da infância. Já

na adolescência, Ashton Sanders entrega um personagem revoltado, onde é possível ver as influências que o relacionamento com sua mãe causou. Mesmo sendo explosivo e raivoso, nessa parte da vida de Chiron é possível ver como o garoto é inseguro. Também, é nessa fase que as questões ao redor de sua sexualidade começam a aparecer.

E na última fase na vida adulto vemos Black como um homem sério e muito marcado pelo trauma, já que mesmo sendo o mesmo personagem que acompanhamos desde o início do longa, nesta fase da vida ele aparece completamente transformado.

Os grandes destaques do filme são as interpretações de Mahershala Ali e Naomie Harris, ambos indicados às estatuetas de Melhor Ator/Atriz Coadjuvante. Ali interpreta a figura paterna da vida do menino. Juan sente uma afeição enorme pelo garoto e o auxilia em diversos momentos. E Harris entrega uma convincente performance de uma mãe e mulher já perdida em si mesma e em seus vícios, que desconta muito em seu filho.

Apesar de ter uma boa intenção e proposta, *Moonlight: Sob a Luz do Luar* não consegue entregar o que promete e fica marcado para mim como um dos mais injustos e menos marcantes ganhadores, levando para casa o prêmio que já tinha o nome de outro filme.

Outro dos indicados foi o longa *Até o Último Homem* (2016). Com direção de Mel Gibson o

Moonlight (2016) - Imagem: Divulgação

Até o Último Homem (2016)) - Imagem: Medium

filme conta a história verdadeira de Desmond Doss, um soldado que serviu como médico de combate durante a Segunda Guerra Mundial e que se recusou a portar armas, tornando-se o primeiro objetor de consciência a receber a Medalha de Honra do Congresso dos EUA.

O filme recebeu seis indicações ao Oscar e levou para casa duas estatuetas: Melhor Edição e Melhor Mixagem de Som.

Desmond Doss (Andrew Garfield) é um jovem adventista do sétimo dia que, por convicções religiosas, se recusa a tocar em armas ou matar alguém, mesmo em tempos de guerra. Durante a Batalha de Okinawa, uma das mais sangrentas da Segunda Guerra Mundial, ele salva dezenas de vidas sozinho, sob fogo inimigo, usando apenas sua fé, coragem e determinação.

Assim como outros filmes do diretor, como o próprio vencedor do Oscar de Melhor Filme *Coração Valente* (1995), ele impressiona graças ao seu realismo brutal com a mistura do sofrimento físico e espiritual. As cenas de batalha talvez sejam seu grande destaque, sendo extremamente brutais, viscerais e impactantes, contrastando fortemente com a gentileza, crenças e a firmeza interior do protagonista.

Desmond Doss é um homem marcado pelos conflitos familiares da sua infância que é apresentado como gentil, mas que não abrirá mão daquilo que acredita por ninguém e nenhuma guerra. O personagem passa por diversos embates dentro do exército por conta

Até o Último Homem (2016))- Imagem: Divulgação

da sua visão, e principalmente dentro do campo de batalha onde seu "inimigo" lutará contra ele armado, mas se mantém firme na sua moral, disposto a ajudar sem o uso de armas.

Com o personagem o filme mostra que mesmo nos cenários mais desumanos, há espaço para compaixão, subvertendo o tradicional estereótipo de soldado heroico. O diretor enfatiza que existe uma coragem muito grande em permanecer fiel a si mesmo em um ambiente onde isso parece impossível, de certa forma inspirando por conta da resistência inabalável do personagem.

Para ser bem honesta, apesar de ter gostado do filme na época, ele, pra mim, entra na categoria de filmes de guerra, legais quando eu assisto, mas depois nunca mais pensei a respeito.

Agora indo para o faroeste, outro indicado é *A Qualquer Custo* (2016). O filme recebeu quatro indicações: Melhor Filme, Melhor Edição, Melhor Roteiro Original e Melhor Ator Coadjuvante (Jeff Bridges), mas não levou nenhuma estatueta para casa.

A obra tem direção de David Mackenzie e se categoriza como um neowestern, uma releitura do gênero do faroeste clássico, atualizando os mitos e estereótipos do gênero para o século XXI, revelando uma América rural economicamente devastada, socialmente abandonada e moralmente ambígua.

No interior do Texas, dois irmãos, Toby (Chris Pine), um pai divorciado tentando garantir um futuro para os filhos, e Tanner (Ben Foster), um ex-presidiário impulsivo, embarcam numa série de assaltos a agências de um banco local. Eles não estão atrás de riqueza: querem pagar a

hipoteca da fazenda de sua falecida mãe antes que o banco a tome. No encalço deles está Marcus Hamilton (Jeff Bridges), um ranger veterano prestes a se aposentar, e seu parceiro Alberto (Gil Birmingham).

O longa então apresenta novamente o já conhecido pelos filmes de faroeste: homens solitários, paisagens áridas e conflitos entre a lei e a moralidade, parecido com o que já vimos em Onde os Fracos Não Têm Vez (2007), vencedor do Oscar de Melhor Filme da edição de 2008. O roteiro traz um cenário de uma América esquecida, onde os bancos tomam o lugar dos antigos foras-da-lei, os bandidos são herois falidos, os mocinhos são relíquias, e a lei parece indiferente às causas da violência.

Apesar de estarem roubando bancos, é praticamente impossível não ficar do lado dos irmãos Toby e Tanner, afinal aqui eles não roubam por riquezas e sim pela sua sobrevivência. Com isso o filme traz uma crítica ao sistema financeiro, muitas vezes explorando as pessoas comuns, trazendo essa "instituição" como o grande vilão da história.

A expressão que inspirou o título do filme representa muito bem sua história. "Come hell or high water", "faça o que for preciso, aconteça o que acontecer". A expressão também faz referência à "cláusula hell or high water" em contratos, que determina que os pagamentos devem continuar independentemente de quaisquer dificuldades enfrentadas pela parte pagadora.

O filme acaba ganhando um lado ainda mais humano pela principal motivação de Toby: seus filhos. O personagem quer quebrar o ciclo

A Qualquer Custo (2016))- Imagem: Divulgação

da pobreza e dar um bom futuro para seus filhos, uma causa fácil de se identificar. Além disso, o personagem traz uma das principais características de alguns dos maiores icones do faroeste, sua lealdade, principalmente com seu irmão;

E isso é algo que o próprio ranger Marcus Hamilton acaba percebendo, o mundo mudou e a justiça não é mais preta no branco, os crimes e as pessoas são mais complexas do que apenas boas e más. Não existem mais mocinhos nem vilões absolutos, há bem no mal e mal no bem. Sua perseguição atrás dos irmãos já não representa mais uma glória, sendo apenas um dever, mais um dia de trabalho.

O filme acaba se destacando em seu lado realista por conseguir conversar também com o momento vivido nos Estados Unidos, num ano repleto de debates sobre política e desigualdade. Neste sentido o próprio cenário do filme acaba sendo um personagem que representa todas essas questões, se utilizando de estradas desertas, os postos de gasolina esquecidos, as fachadas de cidades mortas e letreiros de "em penhora", evidenciando uma região onde o famoso "Sonho Americano" foi embora.

Em um lugar onde qualquer senso de justiça foi embora, quem realmente são os criminosos?

Lion (2016) foi outro dos indicados de 2017. O filme recebeu seis indicações, porém acabou não

A Qualquer Custo (2016))- Imagem: Divulgação

levando nenhuma para casa. O filme tem direção de Garth Davis e é uma adaptação do livro autobiográfico *A Long Way Home*, escrito por Saroo Brierley, publicado em 2013.

O filme acompanha Saroo (Sunny Pawar), um garoto de apenas cinco anos, que se perde do irmão em uma estação de trem na Índia e acaba embarcando por engano em um trem que o leva a mais de 1600 km de casa. Após enfrentar fome, abandono e perigos nas ruas, acaba em um orfanato e é adotado por Sue (Nicole Kidman) e John Brierley (David Wenham). Mais de vinte anos depois, já adulto (Dev Patel), Saroo começa a buscar sua família biológica com a ajuda do Google Earth e memórias fragmentadas.

Antes de assistir o filme eu imaginei que seria um filme super interessante acompanhando uma grande investigação conduzida pelo protagonista tentando voltar para sua casa e também se reconectar com sua cultura. Mas acabei me decepcionando muito, já que essa narrativa é jogada de lado, sendo muito apressada, para dar destaque para os embates familiares, principalmente entre Sue e Saroo, o que me desconectou da história em diversos momentos.

O seu começo é extremamente brutal, mostrando de uma forma realista a maneira como Saroo acabou se perdendo da família. O que mais "doi" dentro da história é a maneira como tudo acontece muito sem querer, e por conta disso, o garoto é afastado de sua família por anos, até porque, por ser muito jovem, ele não sabe qualquer informação da onde vive. A montagem do filme tenta nos trazer um pouco dessa ideia de fragmentação emocional passada pelo protagonista, alternando entre cenas do passado e presente.

Lion (2016))- Imagem: Divulgação

Lion (2016))- Imagem: Divulgação

Os momentos de Saroo criança perdida são extremamente tristes, marcados por uma confusão enorme. Tanto nós espectadores, como ele, nos encontramos perdidos sem saber onde o garoto está. Não só isso, mas em diversos momentos o menino anda no meio de multidões, dorme na rua, passa fome, sem qualquer amparo, sendo uma criança invisível em um país vasto e indiferente.

No final das contas, o filme foca bastante na questão da busca de Saroo por sua identidade, lidando com o conflito entre o amor por sua família adotiva e a necessidade de preencher um vazio emocional profundo, afinal ele por acaso acabou se perdendo de sua família. Apesar de achar interessante essa dualidade vivida pelo protagonista, acho que o filme não consegue explorar isso muito bem, muitas vezes mostrando Saroo como alguém amargurado e egoísta. A ideia de pular 20 anos entre sua adoção e sua busca pela família também tira toda a sensação de urgência do filme, parecendo como se essa busca apenas surgisse na mente do protagonista depois de anos, tirando o impacto.

E na minha opinião, o lado das investigações conduzidas por Saroo são muito rápidas e deixam o final anticlimático e, honestamente, pouco memorável para uma história tão grandiosa quanto a vivida por Saroo. Não sei, acho que depois de ouvir tanto sobre o filme eu esperava algo muito maior e mais impactante.

Também baseado em uma história verdadeira, *Estrelas Além do Tempo* (2016), recebeu três

indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Atriz Coadjuvante (Octavia Spencer).

Dirigido por Theodore Melfi e baseado no livro de Margot Lee Shetterly, publicado em 2016, o filme traz à tona o papel fundamental de três mulheres negras da NASA no auge da segregação racial dos Estados Unidos.

Sinto que esse filme me pegou no momento mais ideal possível. Quando eu era pequena (eu prometo que vai fazer sentido pra história), minha carreira dos sonhos era me tornar astronauta, e na época que eu vi esse filme, entrando no ensino médio, eu comecei a repensar o que eu faria da vida e cresceu novamente a vontade de ser astronauta. E bom, como esse almanaque existe dá pra ver já o desfecho dessa história. Também lembro que quando eu assisti eu senti o filme como uma das obras mais feministas e inspiradoras de todas, então tenho memórias muito felizes com ele.

Nos anos 1960, durante a corrida espacial, o filme segue a trajetória de Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughan (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe), três matemáticas afro-americanas que trabalhavam no Centro de Pesquisa de Langley, na Virgínia. Mesmo enfrentando barreiras raciais e de gênero severas, elas foram peças-chave nos bastidores da missão que colocou John Glenn em órbita, um marco essencial na corrida espacial entre EUA e URSS.

O longa combina drama histórico, crítica social e inspiração, ao contar uma história real que por muito tempo foi ignorada pela grande mídia e pela história oficial da corrida espacial. Apesar de trazer fortemente diversas questões da segregação racial, sinto que o filme combina perfeitamente o drama com a comédia, conseguindo trazer uma história poderosa e inspiradora mas também leve e acessível, sendo fácil de acompanhar.

A história não é sutil, evidenciando as regras segregacionistas dentro dos Estados Unidos nessa época e o quão toscas elas são, além de

Estrelas Além do Tempo (2016) - Imagem: Divulgação

mostrar que além de precisar superar o racismo, as protagonistas também precisavam vencer o sexismo, sendo constantemente diminuídas pelos homens, que eram maioria neste ambiente. Apesar disso, o filme dá muito mais foco para a resiliência e genialidade das protagonistas, preferindo enfatizar o poder de superação e a importância de abrir caminhos.

O longa também aborda sobre a mudança dos tempos dentro da tecnologia com a personagem Dorothy Vaughan, que aprende programação sozinha e prepara outras mulheres negras para transição à era dos computadores.

E pra mim um dos grandes destaques da obra, sua trilha sonora. Composta por Pharrell Williams, que também é um dos produtores do filme, as músicas trouxeram o ritmo, o soul e o groove dos anos 1960, resgatando sonoridades do R&B e do gospel, gêneros fortalecidos dentro da comunidade negra, dando mais identidade para o longa.

Indo para um lado mais dramático, outra vaga dos indicados a Melhor Filme ficou com *Manchester à Beira-Mar* (2016). Com direção e roteiro de Kenneth Lonergan, o filme foi um dos mais comentados do ano, recebendo seis indicações ao Oscar e vencedor duas delas: Melhor Ator (Casey Affleck) e Melhor Roteiro Original.

Por muitos anos eu me afastei desse filme, em parte pela vitória de Melhor Ator de Casey Affleck ter tirado o Oscar do Ryan Gosling,

Estrelas Além do Tempo (2016))- Imagem: Divulgação

mas também pela persona Casey Affleck. Mas felizmente, tive uma surpresa bem positiva com o longa.

Antes de assistir eu achava que ele seria uma história super dramática, claro ele tem seus momentos bem dramáticos, mas na verdade o descobri como uma quase dramédia, com um senso de humor sarcástico que eu gosto bastante.

Lee Chandler (Casey Affleck) é um homem emocionalmente fechado que trabalha como zelador em Boston. Quando seu irmão mais velho, Joe (Kyle Chandler), morre subitamente, Lee é forçado a retornar para sua cidade natal, Manchester-by-the-Sea, Massachusetts, para cuidar de seu sobrinho adolescente, Patrick (Lucas Hedges). No entanto, voltar à cidade traz à tona traumas profundos do passado.

O longa se diferencia de tantos outros filmes sobre o luto por seu tom pessimista e de certa forma verdadeira, falando como feridas não cicatrizam totalmente.

Lee é um homem que vive seus dias anestesiado, incapaz de lidar com a tragédia e a dor, se vendo como alguém sem direito à felicidade, incapaz de aceitar uma nova chance.

Até pelo seu jeito, o personagem enfrenta dificuldades tentando se comunicar e ajudar seu sobrinho. A relação deles é marcada por silêncios, humor seco e tensão emocional. É um filme sobre palavras não ditas.

Inclusive Lucas Hedge pra mim é o grande destaque da história, mostrando um adolescente em uma família descontraída tentando lidar com o luto pelo, a ausência da mãe e tentando

Manchester à Beira-Mar (2016))- Imagem: Netflix

Manchester à Beira-Mar (2016) - Imagem: Divulgação

entender seu tio, mostrando uma forma diferente de luto, o que me pegou bastante. Ele é grosseiro, mal educado e exagerado em momentos, tudo isso por não saber lidar com esses sentimentos e tentar pedir ajuda para um tio que também não sabe.

E a ideia aqui, é que tudo seja o mais natural possível. A direção tem um tom quase documental acompanhando os passos seguintes após a morte de Joe e a volta do cotidiano, mostrando situações comuns como jantares e idas ao mercado, para mostrar como o trauma se manifesta no ordinário.

A fotografia também se aproveita do clima frio e nublado de Manchester-by-the-sea para enfatizar a melancolia vivida pelos personagens.

Ele não é um filme que vai mostrar personagens se desenvolvendo por conta do luto, mostrando um personagem que não consegue se perdoar.

E tudo bem, às vezes a vida é mesmo assim.

Já falando sobre ficção científica, um dos indicados é *A Chegada* (2016), um dos mais lembrados filmes do gênero. O longa tem direção de Denis Villeneuve, e tem como base o conto Story of Your Life, de Ted Chiang, publicado em 1998.

Denis Villeneuve em grande parte dos seus filmes têm explorado a comunicação, ou a falta dela, e como isso afeta os personagens. E aqui em A Chegada, essa temática acaba ganhando uma escala global, com o primeiro contato entre humanos e alienígenas.

Quando doze naves alienígenas pousam em diferentes partes do planeta, os governos entram em alerta. Para tentar se comunicar com os visitantes, o exército norte-americano recruta a linguista Dra. Louise Banks (Amy Adams) e o físico Ian Donnelly (Jeremy Renner). Louise precisa decifrar a linguagem dos alienígenas antes que tensões geopolíticas levem a humanidade a uma guerra global.

Ao contrário da maioria dos filmes sobre alienígenas, que mostram esse evento como algo

gigantesco e catastrófico, o filme tem um tom mais íntimo, calmo e filosófico, mostrando essa troca não como um momento de medo mas sim de curiosidade, como um grande avanço científico, e entendendo a comunicação como uma ferramenta e uma forma diferente de ver o mundo.

Com isso, o filme enfatiza a importância da comunicação e da troca entre diferentes pessoas e culturas. A comunicação aqui ensina e faz com que Louise mude sua percepção de realidade e tempo. Assim o filme traz interessantes questionamentos sobre o modo como nos comunicamos e como isso pode mudar nossa visão e nosso destino.

Apesar de ser contextualizada em um cenário de invasão alienígena, o filme não é sobre isso. O roteiro tem como base uma perda na vida da protagonista, falando principalmente sobre o tempo, luto, escolhas humanas e como nos conectamos com o outro e nós mesmos.

A linguagem ensinada pelos alienígenas é circular, o que faz com que a protagonista passe a experimentar o tempo de uma maneira não circular, vendo cenas do passado, presente e futuro, algo passado também para nós espectadores pela montagem do longa. E durante esses momentos a protagonista passa a ter noção de alguns momentos do futuro, precisando enfrentar uma escolha devastadora: viver uma vida já sabendo das dores que virão.

A Chegada (2016))- Imagem: Divulgação

Um Limite Entre Nós (2016))- Imagem: Divulgação

No final, a resposta do filme é que vale a pena viver, a dor faz parte do caminho assim como a felicidade e o amor.

E dirigido e protagonizado por Denzel Washington, *Um Limite Entre Nós* (2016) tem como base uma peça de mesmo nome escrita por August Wilson, de 1983. A peça de teatro foi apresentada na Broadway em 1987 e ganhou os prêmios do Tony Awards de Melhor Peça, Melhor Ator (James Earl Jones) e Melhor Atriz Coadjuvante (Mary Alice), e também ganhou o Prêmio Pulitzer de Drama no mesmo ano. No Oscar, o filme recebeu quatro indicações, incluindo Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator (Denzel Washington), e levou para casa a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante para Viola Davis.

Troy Maxson (Denzel Washington) é um ex-jogador de beisebol que agora trabalha como lixeiro em Pittsburgh. Ele é um homem marcado pelo racismo sistêmico que impediu sua carreira esportiva de progredir. A frustração de sua vida passada afeta profundamente seu relacionamento com a esposa, Rose (Viola Davis), e seus filhos. Ele tenta, com rigidez e ressentimento, moldar a vida dos filhos, especialmente de Cory (Jovan Adepo), seu filho mais novo, a partir de suas próprias dores e limitações.

O roteiro é uma adaptação direta da peça original de Wilson, e o autor é inclusive creditado como roteirista já que, mesmo tendo falecido em 2005, o roteiro que escreveu foi mantido com alterações mínimas. Muito por conta disso, o filme tem um forte tom teatral, ele se passa quase

por completo no quintal da casa dos Maxson, tem diálogos longos e um enorme foco nas performances e emoções dos personagens, não é atoa que ambos os atores principais foram indicados ao Oscar.

Troy é um homem amargurado que está disposto a fazer essa amargura ser um problema para todos ao seu redor. Apesar da piada, durante o filme é possível entender porque o personagem é do jeito que é, sendo ele uma vítima do racismo estrutural e tentando, de uma forma grosseira e brutal, fazer com que seu filho não passe pelo mesmo.

O problema é que, assim como Manchester à Beira-Mar, Troy não sabe lidar com as situações da sua vida, em sua grande parte afastando todos. Troy é um personagem difícil de se acompanhar, mas muito fácil de sentir raiva, até por nunca calar a boca, um protagonista complexo e trágico prejudicando a si mesmo e aqueles que ama por conta do seu comportamento.

Eu AMO a Viola Davis nesse filme. Aqui ela interpreta uma forte dona de casa que constantemente precisa se impor contra seu marido. Sua performance é para ser sentida, entendendo completamente a personagem e suas queixas e tristezas e por isso sentimos por ela, sendo uma retrato das mulheres que são frequentemente obrigadas a suportar os erros e as dores dos homens.

Fiquei muito feliz quando ela venceu o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante e fui completamente marcada pelo discurso da atriz: “Eu me tornei uma artista – e graças a Deus me tornei – porque somos a única profissão que celebra o que significa viver uma vida.” - Impecável, um dos melhores na minha opinião.

Eu entendo que esse filme é um dos mais difíceis dentre os indicados desse ano. Não é um longa para todo mundo e tudo bem, ele é extremamente dramático, devagar e o personagem do Denzel Washington é um desafio para todos nós, mas ele me pegou no momento certo. É uma história comum mas que não deixa de machucar.

Um Limite Entre Nós (2016) - Imagem: Divulgação

LA LA LAND.

Alguns filmes mudam a trajetória da nossa vida. Se *Estrelas Além do Tempo* me fez lembrar do meu sonho de criança, *La La Land* (2016) reviveu um dos mais importantes sonhos da minha vida, me tornar atriz.

E digo que esse filme mudou minha vida não só por conta de sua narrativa, mas também porque se não fosse pelo meu amor incondicional por ele, falo sério é algo que mexe dentro de mim, esse almanaque jamais existiria, já que toda a jornada do Oscar começou por conta da derrota de *La La Land* na categoria de Melhor Filme.

Eu fui impactada pelo filme desde o seu trailer, o qual eu assistia religiosamente todos os dias até o dia que assisti a obra-prima que é o filme nos cinemas.

O filme recebeu catorze indicações ao Oscar, se juntando a Titanic (1997) e A Malvada (1950) como um dos filmes com maior número de indicações, e levou para casa seis estatuetas: Melhor Canção Original (*City of Stars*), Melhor Trilha Sonora, Melhor Design de Produção, Melhor Fotografia, Melhor Direção e Melhor Atriz (Emma Stone). E aí você vai me dizer que não era para esse filme ter vencido a estatueta de Melhor Filme?

O filme conta a história de Mia (Emma Stone) e Sebastian (Ryan Gosling), uma atriz no início de sua carreira e um pianista que deseja abrir sua própria casa de jazz. Se conhecendo sob circunstâncias inusitadas, eles acabam se apaixonando e acompanham seu relacionamento através das mudanças de estação do ano enquanto ambos perseguem seus sonhos.

O longa tem direção e roteiro assinados por Damien Chazelle, sendo uma verdadeira homenagem à cidade de Los Angeles e aos filmes, em principal os clássicos musicais, servindo como uma verdadeira carta de amor do cineasta para o gênero cinematográfico, trazendo referências desde *Cantando na Chuva* (1952) e *Os Guarda-Chuvas do Amor* (1964) até *Grease* (1978) e *Moulin Rouge!* (2001), se inspirando para trazer números musicais com cores vibrantes, planos-sequência elaborados e coreografias impressionantes, sem abandonar a intimidade emocional.

O filme também faz homenagens a própria Hollywood, tanto dentro do roteiro com referências explícitas, mas também no visual do filme que se inspira no estilo mais clássico de Hollywood. Mas acima de tudo ele é um filme para os sonhadores e ele deixa isso muito bem claro com seus personagens Mia e Sebastian.

Apesar do filme ter sido lançado somente em 2016, Damien Chazelle teve a ideia para o filme quando ainda estava na Universidade de Harvard, juntamente com seu amigo e compositor Justin Hurwitz, que é quem compõe as músicas do filme. A primeira versão foi escrita em 2010, porém na época, por ser um jovem cineasta, ninguém tinha interesse.

Assim o diretor deixou o filme de lado e resolveu apostar no filme *Whiplash* (2014) - o qual ele também não conseguiu orçamento - investindo então na versão curta-metragem do filme. O curta acabou ganhando o Prêmio do Júri no Festival de Sundance, assim conseguindo investimento para fazer o filme.

La La Land (2016))- Imagem: Divulgação

La La Land (2016))- Imagem: Divulgação

E com o sucesso de *Whiplash, La La Land* teve o caminho aberto.

E o longa já abre com força total com a música Another Day Of Sun, gravada em plano sequência, onde mais de 150 pessoas dançam em um trânsito quilométrico de Los Angeles que já nos joga diretamente nessa narrativa para falar sobre sonhos e ambições.

A sequência musical exigiu o fechamento de uma rodovia em Los Angeles, EUA, e foi filmada em um calor intenso com 150 dançarinos trabalhando ao máximo. E bom, isso é só o começo do filme.

Particularmente a história me pegou profundamente, já que por anos eu sonhei em me tornar atriz, assim como a personagem da Emma Stone dentro do filme. Mas, independente da área que seu sonho se encontre, sinto que esse filme consegue tocar a todos por essa universalidade em falar de ambições, afinal, quem nunca teve um sonho e nunca enfrentou grandes desafios para alcançá-lo?

O longa ainda traz uma grande história de amor entre Mia e Sebastian que consegue com facilidade conquistar a empatia dos espectadores, principalmente pelo carisma e química dos atores, até por ser a terceira parceria dos atores, que aqui interpretam além de tudo pessoas com muitos receios e medos.

O amor vivido pelos dois é muito real, mostrando que o amor verdadeiro nem sempre é aquele que dura para sempre. Ambos impactam fortemente a vida um do outro, porém os sonhos acabaram chamando para lados opostos, e tudo bem, o que eles viveram não deixa de ter sido verdadeiro enquanto durou. O final feliz não é necessariamente estar junto, mas ter feito parte da jornada um do outro.

Ambos os atores extremamente talentosos entregam tudo de si, ambos sendo indicados à categoria de Melhor Ator/Atriz. Os personagens são extremamente interessantes e realistas, cheios de ambição e determinação.

É muito fácil se identificar com os personagens pelo carisma e emoção dos dois atores e por seus sonhos e as situações que eles passam durante o longa, até porque muitas delas foram baseadas em situações reais que os atores passaram. Eles nos conquistam de uma forma absurda fazendo com que a gente torça por ambos durante toda narrativa. Ambos estão tão presentes dentro deste filme que deixam tudo ainda mais fluido, conseguindo passar grandes emoções para os espectadores mesmo no silêncio.

E se não bastasse tudo isso, o longa ainda é apaixonante, a começar pelo seu visual. O filme é praticamente viciante de se assistir. A fotografia é impecável, trazendo uma paleta de cores extremamente colorida e até viciante, deixando tudo mais vibrante e transportando o telespectador para dentro do musical. As cores também estabelecem uma identidade visual do filme e funcionam para representar diversas emoções dos personagens, principalmente nos cenários.

E por falar nos cenários, apesar de serem locais comuns como um planetário, um estúdio de cinema, e uma vista panorâmica de Los Angeles, eles são explorados de uma maneira tão mágica que acabam ficando marcados pelo filme.

E a direção é um dos pontos mais especiais do filme. Chazelle dirige o filme tornando sua câmera quase um participante ativo do filme, nos colocando dentro da história por conta dos diversos movimentos de câmera que acompanham os personagens não só nos momentos mais calmos da história como também durante as sequências musicais.

O filme tem longos planos, planos sequências, movimentos rápidos de câmera e cortes bruscos o que deixa ele extremamente imersivo e profundo mas ainda sim muito fluido e nada cansativo.

E bom, assim como em *Whiplash*, aqui a música também tem um papel muito importante. A trilha sonora foi composta por Justin Hurwitz que também trabalhou com o diretor em Whiplash e, mais tarde, em Babilônia (2023), inclusive outro injustiçado dentro da premiação, traz músicas apaixonantes.

É impossível sair do cinema não cantarolando pelo menos uma delas. As músicas são impressionantes, todas cheias de significado e bem diferentes musicalmente entre si e representam com perfeição tudo que o filme quer passar seja uma homenagem aos musicais, o romance entre os dois personagens e a ambição de ambos.

E o filme finaliza de uma forma impressionante e marcante que se inspira muito em *Sinfonia de Paris* (1951), que foi um dos vencedores da estatueta de Melhor Filme, e *Cantando na Chuva*.

Eu lembro da primeira vez que assisti em que simplesmente fiquei os sete minutos finais de boca aberta apenas tentando assimilar tudo.

O filme é mágico e apaixonante, fazendo homenagens lindas para Hollywood e para os musicais, um gênero que muitas vezes é deixado de lado e esquecido, principalmente quando analisando o Oscar.

Mas, acima de tudo, La La Land se destaca por falar sobre ambições sendo dedicado para os "fools who dream", "os tolos que sonham".

O final tem um gosto agridoce. Ele é emocionante, triste mas ao mesmo tempo otimista, é um daqueles filmes que te faz ter vontade de correr atrás dos seus sonhos. E traz uma mensagem bonita de que nem sempre os sonhos coexistem e o amor pode não ser para sempre, mas sempre uma parte ficará com você.

Um filme completo que para sempre vai fazer parte da minha vida.

La La Land (2016))- Imagem: Divulgação

Forma da Água (2017))- Imagem: Divulgação

2018

O ano de 2018 foi um ótimo ano dentro do Oscar trazendo em sua seleção de indicados bem diferentes entre si, uma verdadeira mistura de gêneros.

O vencedor da noite foi *A Forma da Água* (2017), que além da estatueta de Melhor Filme ainda arrecadou outras três: Melhor Direção, Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Design de Produção. O filme tem direção de Guillermo del Toro e roteiro escrito por ele e Vanessa Taylor.

O diretor declarou que a inspiração para o longa é a obra O Monstro da Lagoa Negra (1954). Originalmente a ideia era fazer um remake do filme, mas a Universal, dona dos direitos do personagem, não autorizou. A história também marcou tanto o diretor que durante a produção, juntamente com Daniel Kraus, ele escreveu um livro expandindo a história, trazendo novos personagens e situações.

Durante a Guerra Fria, a solitária Elisa (Sally Hawkins) tem uma rotina minuciosa e trabalha como zeladora em um laboratório de segurança máxima do governo. Até que sua vida muda quando ela e sua colega Zelda (Octavia Spencer) descobrem um experimento secreto.

Conhecido por dar vida para diversos monstros em seus filmes, aqui Guillermo del Toro conta uma história de amor entre uma mulher e uma fera.

Um dos pontos fortes do filme é a beleza da fotografia e a paleta de cores escolhida, muito visíveis no começo. De certa forma, elas combinam com as cores do monstro (Doug Jones), com muito uso de tons de azul e verde, e do vermelho para representar o amor e a paixão. Além disso, ao longo da obra é referenciada a água em si, que aparece em diversos momentos na chuva, no mar, na banheira de Elisa e no copo d'água, fazendo uma conexão com o título e a liberdade da própria água.

A trilha sonora de Alexandre Desplat também deve ser ressaltada, tanto que levou a estatueta de Melhor Trilha Sonora, trazendo o sentimento de amor, já que a conexão entre Elisa e o Homem-Anfíbio nasce com a música. Para além das composições de Desplat, o longa se utiliza de algumas clássicas canções dos anos 1960, que não só criam um caráter nostálgico, transportando o espectador para a década, mas também fazem referência aos grandes amores retratados no cinema da época.

A atriz Sally Hawkins, indicada à estatueta de melhor atriz, traz uma performance impecável para o filme, interpretando uma personagem muda que se comunica através da linguagem de sinais. A voz não faz a menor falta na hora da personagem transmitir ao espectador tudo que pensa. Sally interpreta com maestria uma personagem introspectiva e doce, que procurou a vida toda passar invisível aos olhos do mundo, mas que ao mesmo tempo é ousada e surpreendente, e cria uma conexão com a criatura enjaulada no laboratório por ambos não terem voz para se expressar.

Doug Jones, também é outro que entrega uma performance excepcional. Ele inclusive já estava habituado em atuações que exigem muito

Forma da Água (2017))- Imagem: Divulgação

trabalho corporal e também já esteve com Del Toro em outros filmes.

Mas sinto que a pior parte do longa é seu roteiro que se complica em alguns momentos já que o ritmo da narrativa é um pouco problemático, tendo inúmeras desacelerações no seu decorrer devido a algumas subtramas desnecessárias.

O diretor ainda pincela de leve alguns problemas sociais dos anos 1960, como o machismo e a homofobia, que são características do personagem de Michael Shannon, que vive o vilão da história. Ele é o cruel e intenso chefe de Elisa que sempre está presente nas torturas realizadas no monstro. Porém, muitas vezes durante o filme essas pinceladas ficam de certa forma jogada e forçada na trama.

Gosto muito do visual e do técnico aqui dentro, mas não é um filme que eu particularmente gostei. Não é um filme que tenho vontade de reassistir e honestamente sinto que existiam diversas outras opções melhores para vencer a estatueta, falando tanto sobre minha questão pessoal com o filme, mas também sobre o impacto do longa.

Voltando alguns anos na história, durante a Segunda Guerra, temos dentre os indicados o longa *Dunkirk* (2017). Com direção e roteiro de Christopher Nolan, o longa é um grande épico que conta sobre a famosa batalha de Dunkirk.

O filme recebeu oito indicações ao Oscar, levando para casa três delas: Melhor Mixagem de Som, Melhor Edição de Som e Melhor Edição.

Durante a Segunda Guerra Mundial, centenas de milhares de soldados britânicos e aliados estão cercados por forças inimigas na praia de Dunkirk, no norte da França. Com o mar bloqueado e o inimigo se aproximando, a única esperança de salvação é uma arriscada operação de evacuação — por terra, mar e ar.

Para os interessados em guerra, *Dunkirk* talvez seja um dos mais completos filmes. O longa não conta apenas sobre um dos momentos mais decisivos da Segunda Guerra Mundial, mas também apresenta como ele se desenvolveu envolvendo os soldados, a força aérea e civis britânicos, trazendo o ponto de vista de todos eles.

Por trazer essas três visões diferentes, o filme traz uma narrativa não linear em três perspectivas temporais diferentes para segui-los. Na terra acompanhamos os soldados britânicos presos na praia de Dunkirk ao longo de uma semana. No mar vemos a tomada de decisão dos civis britânicos em suas embarcações durante um dia, que decidem atravessar o Canal da Mancha para resgatar os soldados. E no ar seguimos os pilotos da Força Aérea Real em ação durante a evacuação, em um período de uma.

A escolha de três pontos de vista diferentes se torna um pouco cansativa e confusa em momentos. Mas, com isso também o longa com facilidade passa sensação de urgência e a gravidade da situação, conseguindo nos prender por conta da tensão e a necessidade de uma

Dunkirk (2017))- Imagem: Divulgação

Dunkirk (2017) - Imagem: Divulgação

ação. Com o trabalho de três grupos diferentes, o filme mostra a sobrevivência como um esforço coletivo, não trazendo um protagonista, evidenciando que o feito de Dunkirk só foi possível graças ao trabalho em conjunto.

E por ser uma produção de Christopher Nolan, um diretor já conhecido por sempre optar pelo maior realismo possível, aqui não foi diferente. O As filmagens usaram locações reais, como a própria praia de Dunkirk, doze dos barcos originais (conhecidos como "little ships") que participaram da evacuação real, reencenando sua participação em 1940, e o diretor inclusive chegou a fazer a travessia da Inglaterra até Dunkirk da mesma forma como os civis teriam feito durante a evacuação original, levando 19 horas de viagem.

Mas apesar do enorme trabalho o resultado foi muito positivo já que de acordo com Kenneth Branagh, cerca de 30 sobreviventes de Dunkirk, compareceram à estreia do filme em Londres, Inglaterra, e quando perguntados sobre o filme, eles disseram que achavam que ele retratou o evento com precisão.

Eu gostei bastante do filme, mas honestamente ele não faz meu estilo de filmes de guerra. Acho que ele inova bastante para o gênero, o que é difícil visto a quantidade de filmes de guerra que existem, mas quando olho para trás não é uma obra que eu escolheria para assistir novamente. E para ser bem sincera, a narrativa em si é um tanto quanto esquecível por trazer o ponto de vista de diferentes personagens, sem se apegar completamente a nenhum deles.

Ainda na Segunda Guerra e na Inglaterra, outro indicado é *O Destino de uma Naçã*o (2017). Com direção de Joe Wright, o longa acompanha os primeiros dias de Winston Churchill como Primeiro-Ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial, precisando decidir se irá negociar com Hitler ou lutar contra o avanço nazista.

O longa recebeu seis indicações ao Oscar e levou para casa duas estatuetas: Melhor Maquiagem e Cabelo e Melhor Ator para Gary Oldman.

Em maio de 1940, com a Europa à beira do colapso diante do avanço nazista, Winston Churchill (Gary Oldman) é nomeado Primeiro-Ministro do Reino Unido, em meio a uma crise política e militar sem precedentes. Pressionado por membros do Parlamento, como Lord Halifax (Stephen Dillane), a negociar uma rendição com Hitler, Churchill enfrenta o desafio de decidir entre um acordo com o inimigo ou a luta pela liberdade de sua nação. Ao lado de sua esposa Clementine (Kristin Scott Thomas), de sua secretária Elizabeth Layton (Lily James) e com o apoio crescente do rei George VI (Ben Mendelsohn), ele luta para unir o país com suas palavras e sua determinação.

O roteiro deixa bem clara a enorme pressão presente no país. Neville Chamberlain (Ronald Pickup) renuncia seu cargo após a pressão política e então Churchill é nomeado, um momento de necessidade de decisão. Decisão essa que impactaria o destino da nação britânica (o nome do filme, entendeu?). A narrativa então traz os diversos dilemas políticos e morais interpretados pelo personagem ao mesmo tempo que explora sua intensa personalidade e em principal as estratégias de guerra utilizadas pelo primeiro-ministro.

Até pelo seu título em inglês, Darkest Hour, a fotografia e estilo do filme se aproveitam do escuro para passar o período de isolamento e incertezas vividas pelo povo britânico e Churchill, se aproveitando de ambientes escuros, sombras e fumaça para passar isso.

O Destino de uma Nação (2017))- Imagem: Divulgação

O Destino de uma Nação (2017))- Imagem: Divulgação

Já a performance de Gary Oldman, que lhe rendeu um Oscar, é extremamente impactante, destacando principalmente o poder da oratória e a força dos discursos de Churchill. O ator interpreta o personagem com perfeição conseguindo demonstrar seus maneirismos sem parecer caricato, conseguindo transpassar a complexa personalidade do primeiro-ministro, sendo arrogante, inseguro e um forte líder em vários momentos.

Já falando sobre seu lado histórico, o filme foi crítica de diversos historiadores por conta de suas diversas inconsistências, desde cenas e momentos que não tem comprovações de que de fato ocorreram, até o fato do filme claramente destacar alguns personagens como herois e outros como vilões. Diversos críticos também ressaltam que esse filme é o perfeito Oscar Bait, formado em torno da performance de Gary Oldman, o que bom, deu certo.

A realidade é que é um tanto quanto curioso a obsessão da Academia com a história da Inglaterra, com filmes que contam histórias desde o século XIV até figuras mais recentes como Margaret Thatcher (*A Dama de Ferro*, 2011), e não é atoa que em sua maioria, diversos atores conseguiram conquistar a estatueta dourada graças a suas performances de figuras britânicas: Helen Mirren (*A Rainha*, 2006), Colin Firth (*O Discurso do Rei*, 2010) e Meryl Streep em *A Dama de Ferro*. E agora não foi diferente para Gary Oldman.

Admito que quando assisti ao filme lembro de ficar bem impactada e impressionada com toda a história, mas agora olhando para trás não sei dizer se não fui na verdade consumida pela magia do cinema.

E agora com direção e roteiro de Paul Thomas Anderson, dentre os indicados temos *Trama Fantasma* (2017). O longa se passa em Londres durante os anos 1950 e traz as complexidades do amor, poder e obsessão.

O filme recebeu seis indicações ao Oscar, mas só levou para casa uma estatueta: Melhor Figurino, o que faz total sentido já que o filme traz muito do dia a dia de um estilista, mostrando suas impecáveis criações.

O longa acompanha Reynolds Woodcock (Daniel Day-Lewis), um prestigiado estilista britânico, conhecido por vestir membros da realeza e da alta sociedade. A rotina meticulosa do estilista é interrompida quando ele conhece Alma (Vicky Krieps), uma jovem garçonete que se torna sua musa e amante.

O filme fala principalmente sobre relacionamentos e suas complexidades. O relacionamento entre Reynolds e Alma começa de uma forma inocente, mas quando Alma entra na rotina a relação entre os dois começa a ter uma dinâmica complexa que mistura sentimentos como ciúme, inveja, admiração, ódio, posse, provocação, carência e companheirismo. É definitivamente uma forma de retratar o amor, como quase uma batalha de poder.

Sofremos no começo da história já que assim como Alma, aqui retratada como uma mulher simples que acaba se vendo dentro do mundo caótico da moda, não conseguimos entender o comportamento de Reynolds, por vezes se mostrado carinhoso e em outros momentos um completo arrogante.

Trama Fantasma (2017))- Imagem: Divulgação

A realidade é que Reynolds é um homem independente, que jamais quer se mostrar em necessidade ou pedir a ajuda de outros, algo que Alma em determinado momento percebe. Quando se conhecem, o protagonista se sente imediatamente cativado por Alma, a tornando sua musa, companheira e também seu elemento disruptivo dentro do universo controlado que ele criou.

O diretor e roteirista com isso subverte o esperado dentro dos estereótipos de musa submissa e gênio atormentado, entregando uma "musa" que luta de volta contra o controle e um gênio que em alguns momentos se mostra vulnerável.

Assim como seus vestidos, Reynolds quer moldar e controlar Alma, que se recusa a ser um objeto, pouco a pouco se impondo e criando planos para tornar o estilista seu dependente. O que é interessante é que os dois conseguem atingir o amor mais verdadeiro de todos quando Reynolds abre mão do controle e enfim consegue ficar vulnerável. Os dois personagens então começam um certo contrato não dito, onde conseguem se render e enfim se amar.

Daniel Day-Lewis sempre dá um show em suas atuações e aqui não é diferente. Reynolds não é um homem fácil de se gostar, mas visivelmente vemos que ele é um profissional extremamente renomado e respeitado pelos seus clientes e também seus funcionários, um respeito que às vezes é na verdade um medo.

Trama Fantasma (2017))- Imagem: Divulgação

O ator incorpora com perfeição os maneirismos de Reynolds, um homem obcecado por ordem e perfeição. Reynolds é um homem extremamente mimado, algo feito por sua própria irmã, Cyril (Lesley Manville), incapaz de lidar com qualquer imprevisibilidade ou balanço emocional.

A trilha sonora também é um destaque e me conquistou completamente engrandecendo muitos momentos dentro da história. House of Woodcock representa com perfeição a atmosfera luxuosa dos vestidos com seus toques de piano ao mesmo tempo que a relação romântica dos personagens.

Amar é abrir mão do controle e se permitir ser cuidado, se permitir ser ajudado, pelo menos é essa a ideia imposta dentro de *Trama Fantasma*. Seria um amor tóxico ou apenas a maneira como os dois personagens encontraram de conseguir amar, de se libertar? O filme é um romance que foge do tradicional mas que ainda consegue ser totalmente humano falando sobre os limites do amor e o quão longe estamos dispostos a fazer para manter alguém próximo, mesmo que isso exija manipular.

E com direção de Steven Spielberg vamos avançar alguns anos para o começo dos anos 1970 com o longa *The Post: A Guerra Secreta* (2017). O filme é um drama político explorando os bastidores do jornalismo investigativo durante um dos momentos cruciais da história americana: a publicação dos Pentagon Papers em 1971.

O filme acompanha Katharine Graham (Meryl Streep), a primeira mulher a dirigir um grande jornal americano, o The Washington Post. Ao lado do editor-chefe Ben Bradlee (Tom Hanks), ela enfrenta um dilema: publicar ou não documentos confidenciais do governo que revelam mentiras sobre a Guerra do Vietnã.

O longa conta sobre os bastidores de um jornal, para além da corrida atrás das notícias, mostrando toda a burocracia enfrentada por Katharine Graham, e os preconceitos vividos por ela por ser uma mulher no comando em um ambiente majoritariamente dominado por homens, que constantemente a subestimam e questionando as decisões tomadas por ela.

Mas o grande enfoque da história é o compromisso jornalístico com a verdade e os debates éticos que surgem com isso, representado principalmente pelo personagem Ben Bradlee, que como jornalista se sente em responsabilidade de divulgar os Papers. O personagem inclusive marca a quinta parceria entre Tom Hanks e Steven Spielberg quebrando o empate que o ator tinha com Harrison Ford, sendo o ator que o cineasta dirigiu mais vezes.

O filme destaca o jornalismo como um

The Post (2017)
Dir: Steven Spielberg

O longa recebeu apenas duas indicações ao Oscar: Melhor Filme e Melhor Atriz (Meryl Streep). Com essa indicação, esta é a primeira vez que a atriz é indicada ao Oscar por uma atuação em um filme também indicado a Melhor Filme desde Entre Dois Amores (1985), apesar de ela ter sido indicada outras 15 vezes nesse período.

The Post (2017)- Imagem: Vogue

dos pilares da democracia, sendo importante para fortalecer ainda mais a causa anti-guerra do Vietnã e a evacuação estadunidense do país, de certa forma assim, poupando mais vidas. Por conta da temática, o filme sem um enorme senso de urgência, prendendo a atenção com facilidade.

Parte da tensão também vem pelo momento vivido pelo The Washington Post, que se encontrava em um momento delicado, prestes a abrir capital na Bolsa, e Katherine Graham precisa decidir se irá desafiar o poder presencial e publicar os documentos ou se irá recuar para proteger a empresa.

E claro a tensão vem também do trabalho jornalístico investigativo, afinal publicar os documentos também colocaria seus jornalistas em perigo, mostrando que a decisão de enfrentar o governo é muito mais complexa do que expor os fatos, mas é um ato de coragem dos profissionais de praticamente se "sacrificarem" pela verdade. E vemos um pouco disso na investigação e trabalho dividido por Bradlee, onde seus funcionários e ele vivem em constante tensão, praticamente em um filme de espionagem, recebendo ligações e ameaças.

Apesar de trazer uma história que se passa no início de 1970, os eventos contados em *The Post* conversam perfeitamente com alguns momentos vividos em 2017, principalmente com a crescente das fake news.

Agora viajando para algum lugar no norte da Itália temos *Me Chame pelo Seu Nome* (2017). O filme tem direção de Luca Guadagnino e roteiro de James Ivory que por sua vez é uma adaptação do livro de mesmo nome escrito por

André Aciman, publicado em 2007. O longa recebeu quatro indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Adaptado.

O filme acompanha o jovem Elio (Timothée Chalamet) que enfrenta mais um verão preguiçoso na casa de campo de seus pai. Porém, tudo muda com a chegada de Oliver (Armie Hammer), um acadêmico americano carismático, que veio ajudar nas pesquisas arqueológicas do pai de Elio.

Apesar de ser constantemente lembrado pelo seu lado romântico, a obra se destaca muito mais pelo seu lado mais coming-of-age. O filme toca em assuntos como o amadurecimento, a identidade, o crescimento, o amor e sobretudo, a vida.

Acompanhamos o filme na perspectiva de Elio, que passa pela puberdade, descobrindo o mundo e tentando se entender como pessoa, entendendo sua identidade, sexualidade e desejos. E é nesse cenário que conhecemos Oliver, um homem adulto que passa uma confiança que não vemos em Elio, basicamente sabendo exatamente quem é, o que desperta sentimentos conflitantes em Elio.

Acho que um dos grandes destaques aqui é a naturalidade a qual o filme explora a confusão de Elio na sua sexualidade. O personagem passa por diversos estados como negação, frustração, confusão para por fim aceitar e entender o que sente. E o roteiro se sai muito bem em representar isso principalmente no início do filme em que não entendemos se Elio gosta de

Me Chame pelo seu Nome (2017))- Imagem: Divulgação

Me Chame pelo seu Nome (2017))- Imagem: Divulgação

Oliver ou o detesta.

Esse começo do filme é muito bem desenvolvido já que a todo momento nos perguntamos se os personagens se gostam, se eles vão tomar alguma atitude, se eles percebem as ações e indiretas um do outro, se os outros personagens também percebem. Nada é explícito, até por isso ficamos meio confusos assim como os personagens. É tudo muito delicado e cheio de detalhes com momentos que à primeira vista não parecem nada demais mas que tem uma ambiguidade dentro de si.

E toda essa novidade é expressa com perfeição pela fotografia do filme que se aproveita de tudo que há de melhor no verão italiano. As paisagens são quase um personagem à parte e trazem aquele aspecto de preguiça de férias ao mesmo tempo que o calor do verão representa essa nova fase do Elio e animação do romance entre Oliver e Elio.

E para além de explorar a sexualidade, o filme também explora o desenrolar do primeiro verdadeiro e intenso amor de Elio, conseguindo facilmente fazer com que a gente se identifique com o personagem independente da sua sexualidade. Um sentimento que todos já vivemos. E nesse sentido acho que o desfecho do filme acaba sendo ainda mais impactante e dolorido por conta disso.

E as atuações são sensacionais, principalmente da dupla de protagonistas. Armie Hammer aqui aos olhos do Elio é praticamente um super

galã, por fora se mostrando extremamente maduro e confiante, mas em alguns momentos conseguimos ver essa máscara dele quebrando, onde conseguimos ver a sinceridade nos sentimentos dele, e ver que ele também, assim como o Elio, tem medo e inseguranças.

Mas no quesito atuação o grande destaque é o Timothée Chalamet. Eu acho que essa é uma das minhas performances favoritas do ator, o que é impressionante já que é um dos seus primeiros trabalhos como protagonista. Elio é um personagem curioso, inseguro e sensível que está aprendendo a lidar com a vida adulta e acho que o ator interpreta o personagem de uma forma muito humana, passando veracidade nas atitudes e sentimentos do personagem. Além disso, é muito interessante como ele representa os conflitos internos do personagem mudando completamente sua expressão corporal e olhar.

Me Chame pelo seu Nome é um filme visivelmente calmo e bonito mas extremamente intenso em sua narrativa por abordar um amor verdadeiro e poderoso, e a importância de passar por alguns eventos dentro da vida com seus aprendizados.

Ainda sobre coming-of-age, outro dos indicados desta edição é *Lady Bird: A Hora de Voar* (2017). Com direção e roteiro de Greta Grewig, o longa longa foi indicado a cinco categorias: Melhor Filme, Melhor Atriz (Saoirse Ronan), Melhor Atriz Coadjuvante (Laurie Metcalf), Melhor Roteiro Original e Melhor Direção, tornando Greta Gerwig a 5ª mulher na história a receber uma indicação nessa categoria. Mas, infelizmente, o filme não levou nenhuma estatueta para casa.

Lady Bird (2017))- Imagem: Divulgação

Lady Bird (2017))- Imagem: Divulgação

O longa acompanha Christine ”LadyBird” McPherson (Saoirse Ronan) em seu último ano do colégio, Um de seus grandes desejos é fazer faculdade longe de Sacramento, Califórnia, cidade onde mora, porém a ideia é fortemente rejeitada por sua mãe (Laurie Metcalf). Lady Bird, como a garota exige ser chamada, não se contenta com um não e continua a seguir seus sonhos. Enquanto se prepara para a nova fase a garota vivencia diversos momentos importantes para seu amadurecimento no final da sua adolescência.

O roteiro é bem simples e baseado em vivências da diretora Greta Gerwig, e por conta disso ele se passa no ano de 2002. A ambientação do longa é maravilhosa transportando o espectador para o começo dos anos 2000 com roupas, gírias e músicas populares da época e trazendo diálogos bem informais ligados a cenas cotidianas.

Por se tratar das vivências da diretora ele é de fácil identificação. Esse é um dos fatores que faz o filme se destacar, conseguindo cativar os espectadores por trazer uma personagem muito humana e vivências muito reais e universais.

E a própria direção do filme também se aproveita dessa questão sendo muito sutil com uma história que não tem grandes e impressionantes acontecimentos, mas sim pequenos dramas, explorando como esses momentos interferem nas vidas dos indivíduos, conseguindo, ainda, impactar e emocionar o espectador.

O roteiro entrega uma comédia dramática bem sarcástica que traz personagens que embora tenham personalidades fortes e diferentes, ainda sim são muito reais. A maior parte da trama é movida pelo relacionamento conturbado

entre Lady Bird e sua mãe, que mesmo se amando incondicionalmente, ainda discutem constantemente por serem ao mesmo tempo parecidas demais e diferentes demais, explorando as diversas camadas dentro desse relacionamento de mãe e filha, composto por muita raiva, amor e ressentimento.

Ladybird (2017) - Imagem: Divulgação

E um enorme destaque do filme são as brilhantes atuações. Saoirse Ronan entrega uma das mais interessantes personagens do cinema atual. A personagem busca desesperadamente encontrar seu lugar no mundo e conquistar sua liberdade. A atriz entrega uma personagem carismática, teimosa, arrogante, ambiciosa e de personalidade forte que acredita com todas suas forças de que é especial, e o mais curioso é que o que faz ela impactante é justamente ela ser uma personagem muito real com muitas qualidades e, principalmente, defeitos.

Já Laurie Metcalf traz uma personagem complexa e bem desenvolvida. Metcalf interpreta uma mãe que não consegue entender sua filha mas que ainda se preocupa absurdamente por ela. A atriz entrega uma performance forte e sincera conseguindo passar todos os sentimentos de sua personagem com apenas uma expressão.

Honesto e humano, Lady Bird é um dos mais realistas e intimistas filmes que retratam o amadurecimento juvenil, se tornando grandioso e impactante graças ao carinho e paixão envolvido pela direção e atuações maravilhosas.

E um dos meus favoritos, inclusive foi difícil não dar a estatueta de Melhor Filme, dentre o indicados nos temos *Três Anúncios para um Crime* (2017). Com direção e roteiro de Martin McDonagh, o longa recebeu sete indicações ao Oscar, sendo um destaque dentro das categorias de atuação com indicações para o elenco principal, e levou para casa duas estatuetas: Melhor Atriz (Frances McDormand) e Melhor Ator Coadjuvante (Sam Rockwell).

Após o estupro e assassinato brutal de sua filha adolescente, Mildred Hayes (Frances McDormand) aluga três outdoors à beira de uma estrada pouco movimentada em Ebbing,

Missouri. Neles, ela expõe publicamente a inação da polícia local, especialmente do respeitado xerife Bill Willoughby (Woody Harrelson). A atitude provoca uma onda de conflitos na cidade, desencadeando tensão, violência e uma série de reações imprevisíveis.

O longa fala sobre a raiva na busca incessante de vingança feita por Mildred. A mãe deseja desesperadamente achar algum tipo de resposta dentro da sua jornada, algum tipo de apaziguação da sua dor, mas essa busca e vingança não é nunca satisfeita.

A performance de Frances Mcdormand é uma das melhores de sua carreira, sendo magnética, forte e impactante, e ficando com os espectadores após o final da história, e não é atoa que o diretor escreveu o roteiro já pensando na atriz para o papel principal. Nos afeiçoamos a Mildred desde o começo da história por entender sua dor e jornada em busca de vingança por aqueles que fizerem mal para sua filha. A personagem não entra em sua jornada de vingança apenas pela justiça, mas também para tentar atrelar algum sentido a toda dor.

O filme também toca em temas como a maternidade e o relacionamento entre mães e filhas que muitas vezes é um tanto quanto complexo. Mildred e sua filha brigam constantemente e tem uma briga antes do assassinato, algo que a personagem carrega com muita culpa. Dessa forma, a narrativa explora sobre o luto de uma forma diferente, em uma espécie de arrependimento, mostrando a dificuldade de viver após o que não pode ser desfeito, e como a protagonista encontra uma saída para seus sentimentos apenas com a violência, até pela raiva ser um sentimento mais fácil de administrar que o desespero.

E claro, uma das principais críticas aqui é justamente a incompetência, ineficácia, brutalidade e proteção entre si feita pela polícia. A falta de ação da polícia é a principal crítica feita por Mildred, até porque a personagem se encontra em um momento de dor imensurável, e ainda é obrigada a ver a instituição com uma indiferença em relação ao caso. Para além do caso de Mildred, o filme também aborda outras violências cometidas pela polícia, em principal contra a comunidade negra, comumente ignoradas pela polícia branca e racista.

Com isso o filme também conversa com diversos acontecimentos recentes dos Estados Unidos, mergulhados em tensões raciais, violência policial e discussões sobre justiça. Mesmo se passando em uma cidade fictícia, o filme critica eventos reais e cotidianos. E ao pintar os outdoors, Mildred transforma a situação toda em um espetáculo, de certa forma obrigando uma reação dos policiais.

O longa não se trata sobre a investigação de um assassinato, e sim das consequencias disso, e como elas acabaram tocando todos da cidade, fazendo com que seja possível entender o lado de grande parte dos personagens, enxergando suas motivações

Três Anúncios para um Crime é fogo, provocativo e não vem pra agradar. O filme vem para falar de raiva e como ela funciona como um escape mas também tem suas consequências e, em sua maioria, não traz nenhuma solução. O longa fala sobre como na vida nem toda dor pode ser resolvida, que nem toda luta será vencida, mas que há valor em gritar.

Três Anúncios para um Crime (2017))- Imagem: Divulgação

Corra! (2017))- Imagem: Divulgação

CORRA!

Eu adoro a seleção de filmes da edição do Oscar de 2018, mas a realidade é simples: não tinha como o vencedor não ser o filme *Corra!* (2017). Para além da narrativa impactante do filme, o longa foi extremamente inovador dentro do gênero do terror, tornando o terror social um estilo respeitado no cinema popular, usando o medo para falar de racismo e problemas sociais.

Com direção e roteiro de Jordan Peele, o filme recebeu quatro indicações, incluindo Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Ator (Daniel Kaluuya), e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original.

O longa conta a história de Chris Washington (Daniel Kaluuya), um homem negro que se prepara para conhecer os pais de sua namorada, Rose Armitage (Alison Williams), uma mulher branca. Ao passar um tempo com a família de Rose, Chris começa a estranhar alguns comportamentos.

Gosto muito da inspiração que o filme traz de *Adivinhe Quem Vem Para Jantar* (1967), levando a narrativa que, na época era revolucionária por finalmente abordar sobre casais inter-raciais, para o gênero do terror, de certa forma criticando como esses relacionamentos ainda são vistos como uma "questão".

O roteiro se constroi com pistas sutis, gestos, olhares, diálogos ambíguos. Cada cena tem um subtexto, trazendo o terror de primeira no desconforto do protagonista que cresce gradualmente até seu terceiro ato. Além disso, dentro da história, recebemos diversos detalhes que apenas complementam o grande plot twist e ainda dão a chance do espectador adivinhar o final. Porém, o roteiro em diversos momentos tenta enganar o público os fazendo seguir outros caminhos já que todas essas dicas são expostas de maneira sutil, da forma que mesmo podendo acertar o final, a última reviravolta não é entregue, sendo chocante e impactante.

O diretor traz críticas muito bem colocadas sobre o racismo, explorando diversas camadas e níveis durante a trama. Dentro da história, ao invés de retratar o racismo da sua forma mais explícita, como a violência direta, o diretor resolve direcionar sua crítica ao racismo sutil, liberal e "bem-intencionado", cometido em sua maioria por aqueles que se dizem politizados.

Apesar de explícito para quem assiste, o racismo usado pelos familiares de Rose é bem camuflado, expresso através de um preconceito não verbalizado, com comentários maldosos que se disfarçam como elogios. Algo que fica explícito na cena em que Chris conhece os amigos dos pais de Rose, em que ele é tratado como um objeto.

Essa questão pode ser vista pela própria fotografia, que alterna com cenas diurnas e noturnas. Grande parte das cenas durante o dia, são momentos em que o preconceito, embora presente, é velado. Já nas cenas noturnas é quando ocorre a maior parte das cenas de terror.

O roteiro e a direção ainda são muito inteligentes, conseguindo jogar o espectador para dentro da trama com uma obra muito imersiva, conseguindo passar a sensação claustrofóbica e desesperadora que o protagonista sente para o

Corra! (2017) - Imagem: Divulgação

público, também o aproximando do espectador. Parte disso é gerado pois durante o filme todo acompanhamos exclusivamente Chris, dessa forma, vamos desenrolando a trama junto com ele. Essa decisão faz com que o espectador crie laços facilmente com o personagem, deixando as sensações mais palpáveis e assustadoras e dando noção dos riscos envolvidos.

Ainda impressiona a maneira como Peele constroi o suspense e a tensão no filme, com uma sensação intencional de desconforto para a audiência, desde o ponto que Chris pisa na casa de Rose. A inquietação sentida pelo personagem também é intensificada pelos movimentos de câmera que em nenhum momento fica completamente parada, sempre passando a sensação de que algo está errado.

Mesmo sendo recheado de suspense e terror, o filme ainda consegue dar espaços a cenas e momentos mais engraçados, trazendo uma maior naturalidade para o longa. Essa comédia ainda vem junto também com um nervosismo, como uma forma do protagonista tentar lidar com os eventos que ele presencia.

O longa ainda conta com uma performance impecável de Daniel Kaluuya, que traz uma atuação muito convincente e real, com reações naturais aos eventos evidenciados. O ator transita com muita naturalidade todas as sensações que o personagem sente ao longo de sua estadia, conseguindo passar com facilidade esses sentimentos para o espectador.

Outra performance interessante é a de Allison Williams que traz uma personagem com atitudes muito controversas ao longo de todo filme. E completando o elenco principal Bradley Whitford e Catherine Kenner que interpretam os pais de Rose com perfeição. Whitford traz um pai bem característico com piadas sem graça que trazem um racismo escondido. Já Kenner entrega uma performance impactante com uma personagem amedrontadora que não precisa aumentar o tom de voz para assustar, trazendo uma suavidade que incomoda e mantém com excelência a tensão do longa.

Com um final impecável e impactante, *Corra!* finaliza com perfeição, conseguindo assustar sem depender do sobrenatural, trazendo uma crítica forte e marcante.

Corra! (2017))- Imagem: Divulgação

Green Book (2018)- Imagem: Divulgação

2019

A edição do Oscar de 2019 teve diversos indicados diferentes, contando com biografias, musicais, filmes de super-heroi, dramas e sátiras, trazendo como principal tema o racismo.

Por isso, a escolha de *Green Book: O Guia* (2018) como o vencedor da estatueta de Melhor Filme foi tão polêmica e criticada. Além de Melhor Filme, o longa dirigido por Peter Farrelly, também levou para casa a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante para Mahershala Ali e Melhor Roteiro Original.

O filme conta a história do famoso pianista afro-americano Dr. Don Shirley (Mahershala Ali), que durante a década de 60 decide fazer uma turnê pelo sul dos Estados Unidos. Para realizar a viagem, Shirley é forçado a encontrar um motorista/guarda-costas, e acaba contratando o italiano Tony Lip Vallelonga (Viggo Mortensen) com quem não se dá bem no começo. O longa então acompanha a improvável amizade entre os dois homens enquanto se deparam com diversas injustiças pela segregação racial.

O roteiro escrito pelo filho de Vallelonga, deixa bem clara as teimosas personalidades dos personagens, o que causa diversos momentos cômicos entre os dois. Esses momentos são muito bem colocados no filme, não o transformando num filme pastelão e ao mesmo tempo não tirando a seriedade das cenas dramáticas. Também, é através das conversas dos personagens que eles acabam vendo o mundo pelos olhos um do outro, passando a formar uma linda amizade e crescendo juntos.

Ainda assim, o filme promete abordar o racismo, o próprio titulo faz essa referência, visto que o "Green Book" era um guia de viagem para negros, porém o roteiro quase não sai do básico, e serve mais como um plano de fundo na história da amizade dos dois personagens. O longa também apresenta toda essa situação como White Saving - clichê narrativo em que uma pessoa branca é retratada como a heroína que salva pessoas não brancas, muitas vezes ofuscando suas próprias histórias e lutas. É meio questionável o fato de Mahershala Ali ter sido indicado para a categoria de coadjuvantes, claro, no Oscar essa escolha é muito mais estratégica, mas a história é sobre Shirley.

Mas o filme traz boas atuações. Viggo Morgenstern, traz um estereótipo italiano com um sotaque muito carregado e uma visão de mundo limitada. O ator traz um personagem que em momentos é rude, bruto e racista, mesmo muitas vezes não percebendo. É através de suas aventuras e conversas com Don que Tony vai se dando conta do racismo absurdo presente na sociedade, principalmente na década de 1960.

O personagem de Mahershala Ali interpreta um culto pianista, muito racional e nada impulsivo, o completo oposto de Tony. Shirley também é mostrado como um homem frustrado e deprimido, mesmo com ótimo status financeiro, ele tem dificuldade em achar seu lugar no mundo, muito por conta do racismo que enfrenta. Assim, seu trabalho como pianista é mostrado como uma válvula de escape para o personagem. O personagem de Ali também evidencia a importância da representatividade, já que um dos grandes objetivos do protagonista

durante o filme é ingressar onde outros não poderiam para representá-los.

De todas as obras White Saving dentro do Oscar sinto que *Green Book* é uma das mais inocentes. Claro, a vitória do filme indigna dado a seleção de filmes daquele ano que conseguiram tratar desse filme de uma forma melhor. Mas, é uma obra divertida, com uma ótima trilha sonora e marcantes performances de uma amizade improvável.

Outro indicado é o filme *Vice (*2018) que tem direção e roteiro de Adam McKay, que volta para os indicados de Melhor Filme após A *Grande Aposta* (2015). O longa recebeu oito indicações, sendo um destaque nas categorias de atuação com indicações para Sam Rockwell, Christian Bale e Amy Adams, mas levou para casa apenas a estatueta de Melhor Maquiagem e Cabelo.

Característico do diretor, o filme é uma sátira política, dessa vez acompanhando Dick Cheney, vice-presidente dos Estados Unidos durante o governo de George W. Bush. O filme então traz os bastidores da política americana, evidenciando o poder presente e o papel de Cheney que moldou silenciosamente políticas que transformaram o país para sempre.

A narrativa acompanha Cheney desde sua juventude problemática até sua ascensão como um dos homens mais poderosos dos EUA. O filme mostra sua trajetória ao lado da esposa Lynne Cheney (Amy Adams), o início como

Vice (2018) - Imagem: MUBI

estagiário político em Washington, sua passagem como Chefe de Gabinete de Gerald Ford, secretário de Defesa de George H. W. Bush, até chegar à vice-presidência de George W. Bush (Sam Rockwell).

A principal crítica do filme é a política americana pós 11 de setembro, com concentração de poder e falta de transparência. Vendo outros indicados ao Oscar de Melhor Filme dá pra ver que uma das maiores fraquezas dos Estados Unidos é seu manejo de crises, sempre abalando a confiança dos norte-americanos, tal qual nos anos 1970 com o escândalo de Watergate.

O longa então acompanha Cheney um homem controverso, que precisou tomar decisões difíceis nesses momentos Christian Bale traz uma de suas grandes atuações, de fato passando por uma transformação física para interpretar o personagem. Meticuloso, ambicioso e frio, o protagonista age em nome da estabilidade e da segurança nacional, mas também gera guerras controversas e o aumento do autoritarismo.

Com isso o filme também critica a ignorância e passividade dos eleitores, evidenciando que a ascensão de figuras como Cheney se dá não só por conta dele, mas também pela desinformação e desinteresse do público.

Eu sinto que tenho uma questão com os filmes do McKay, admiro muito as críticas que ele traz e mesmo rindo de algumas piadas, sinto que perco muitas delas por ele ser um filme pensado para o público norte-americano. Ao final pra mim, Vice acaba se tornando um filme extremamente esquecível e pouco memorável, em parte por perder várias questões dentro da história.

Vice (2018) - Imagem: Divulgação

Nasce Uma Estrela (2018) - Imagem: Divulgação

Já *Nasce uma Estrela* (2018) marca a estreia de Bradley Cooper como diretor, o filme é a quarta adaptação da mesma história, sendo a primeira em 1937, estrelada por Janet Gaynor, a segunda em 1954, com Judy Garland e a terceira em 1977 com Barbra Streisand como a protagonista, cada uma delas sendo o reflexo do espírito e cenário cultural da época.

O longa recebeu oito indicações e levou para casa a estatueta de Melhor Canção Original por *Shallow*, mesmo não sendo minha indicada favorita, não dá pra negar que a música marcou o ano.

A trama acompanha Jackson Maine (Bradley Cooper), um famoso cantor de rock em decadência, lidando com alcoolismo e traumas pessoais, que conhece por acaso Ally (Lady Gaga), uma jovem talentosa. Jackson enxerga o potencial artístico de Ally e a impulsiona ao estrelato.
Não assisti as outras adaptações, mas se eles representam a situação de espírito atual, digamos que em 2018 ela tinha uma visão bem pessimista e pra baixo. Aqui o tema central é o peso da fama, rapidez como a indústria molda e esquece dos artistas e os vícios e dependências que esse mundo traz e o personagem do Jackson é a representação disso.

O filme mostra um amor realista que exige diversos sacrifícios e acaba se tornando refém dos diferentes momentos de vida que ambos estão vivendo. Jackson e Ally tem uma conexão profunda, marcada pela sua paixão pela música, mas ela é prejudicada conforme Ally cresce em sua carreira pessoal, fazendo ele se afundar em

crises pessoais, vícios e autodestruição.

Com isso o filme também levemente fala sobre uma certa masculinidade frágil, em que Jackson reve toda sua vida e carreira se questionando sobre o seu sucesso por conta da ascensão de Ally.

Mas honestamente, eu não gostei nada do filme. Não consegui me conectar com a história e nem com seus personagens, achando a narrativa cansativa em diversos momentos. E essa falta de conexão com os personagens é algo que afeta a trama dramática, justamente por não me sentir impactada com as tristezas da história.

E você pode achar que a cota de filme biográfico tinha ficado com Vice, mas na verdade esse ano também temos dentre os indicados o longa *Bohemian Rhapsody* (2018). O filme tem direção de Bryan Singer e recebeu cinco indicações, levando para casa quatro estatuetas: Melhor Mixagem de Som, Melhor Edição de Som, Melhor Edição e Melhor Ator para Rami Malek.

O longa acompanha a história da ascensão da lendária banda Queen, focando principalmente na história de seu vocalista e líder, Freddy Mercury (Rami Malek).

Por acompanhar um bom tempo da banda, desde sua formação até a histórica performance no Live Aid em 1985, que é até hoje considerada um dos maiores momentos da história do rock, o filme aborda diversas temáticas. Um dos principais sendo os bastidores da banda, desde suas brigas internas até o processo criativo por trás dos grandes sucessos como *Bohemian Rhapsody* e *We Will Rock You*.

Bohemian Rhapsody (2018) - Imagem: Divulgação

Mas o filme também traz uma jornada a mais contando principalmente sobre seu vocalista Freddie Mercury. Uma das coisas que mais me pegou dentro do filme é o lado ambicioso de Freddy Mercury. Ele sabia quem era, o que queria e o que faria para conseguir isso, de certa forma algo inspirador. Além disso, o filme também mostra seus defeitos como seu estilo de vida excêntrico e desafiador, o que acabou levando ao lado ruim da fama, se voltando para o isolamento, decisões impulsivas e dependência de pessoas tóxicas e substâncias ilícitas.

E principalmente o filme explora as diversas questões internas enfrentadas pelo vocalista, e principalmente seu conflito de identidade, sexualidade e saúde, incluindo o diagnóstico de HIV, também explorando como todas essas questões eram vistas pelo público e a mídia, visto que o homossexualismo era ainda tratado como uma abominação.

Para além de mostrar como Freddie Mercury desafiou grande parte das convenções aceitas pela sociedade, o filme conta como a própria banda ousou em diversos momentos o que era aceito pela indústria musical, com músicas consideradas "longas demais" ou "experimentais" para as rádios.

A grande crítica em torno do filme é como Freddy Mercury foi retratado dentro da história, sendo apenas exposta sua personalidade como famoso, e não conseguindo realmente mostrar como o cantor era em seus momentos sem a fama em cima dele. Para os maiores fãs da

Bohemian Rhapsody (2018)- Imagem: Divulgação

banda, a grande questão é que o filme suavizou ou omitiu alguns eventos complexos da vida de Freddie.

Apesar de *Bohemian Rhapsody* tentar homenagear e agradar ao público, o filme peca em optar por uma versão mais "limpa" e linear da complexa história de seus personagens, o que desagradou muitas pessoas. Mas ainda assim, sinto que o filme se destaca em principal nos momentos das performances, quando ouvimos as icônicas músicas da banda, se tornando praticamente um show, o que me agradou bastante.

E fazendo história como o primeiro filme baseado em uma HQ a ser indicado à categoria de Melhor Filme, temos dentre os indicados *Pantera Negra* (2018). O longa tem direção de Ryan Coogler e roteiro assinado por ele e Joe Robert Cole. O filme recebeu sete indicações e levou para casa três prêmios: Melhor Figurino, Melhor Design de Produção e Melhor Trilha Sonora.

Sinto que esse filme conseguiu juntar o melhor dos dois mundo e por isso conseguiu essa indicação, ele vem em um momento de auge dos filmes de super-herois, quando o Universo Cinematográfico da Marvel (UMC) se preparava para o seu capítulo mais importante, e ao mesmo tempo conversa com a principal temática do ano, falando sobre representatividade negra e apresentando cultura africana no universo dos quadrinhos.

A história gira em torno de T'Challa (Chadwick Boseman), príncipe de Wakanda — uma nação africana fictícia extremamente avançada tecnologicamente, mas isolada do resto do mundo. Após a morte de seu pai, T'Challa assume o trono e precisa lidar com desafios internos e externos ao seu reinado, especialmente a ameaça representada por Erik Killmonger (Michael B. Jordan), um inimigo com uma visão radical sobre o papel de Wakanda no mundo.

Ao contrário de outros filmes de super-herois, a obra de Coogler mistura a ação dos filmes do gênero com questões sociais e históricas, indo além do tradicional vilão versus heroi, discutindo

Pantera Negra (2018) - Imagem: Divulgação

Pantera Negra (2018) - Imagem: Divulgação

identidade, colonialismo, diáspora africana e responsabilidade global.

Acho que outra questão que faz o filme se destacar é como o diretor consegue fazer com que a gente entenda o lado do vilão Killmonger. Claro, torcemos por T'Challa, até por conhecermos já ele antes de outros filmes, mas é possível compreender o lado já que o personagem não é apenas movido pelo poder, mas também por uma dor histórica real e uma visão ideológica que desafia a do heroi e ainda o faz se questionar.

Além disso, o filme traz a discussão sobre isolamento e engajamento político de países poderosos. Na história Wakanda é um país extremamente independente que se isola cada vez mais, e a grande questão é se o país deveria se envolver em outras políticas de outros países, enviando ajuda e recursos. E no longa T'Challa como novo governante discute sobre os pontos positivos e negativos. Seu principal embate com Killmonger é justamente sobre isso, já que o "vilão" vê o poder de Wakanda como uma possibilidade de usar os recursos e a tecnologia avançada para armar negros oprimidos ao redor do mundo e iniciar uma revolução global contra os sistemas de opressão, culpando o "isolamento" do país como cumplice de diversas injustiças sofridas pelo seu povo.

O longa também ganha graças a sua ambientação que se inspira em aspectos reais da cultura africana. O próprio grupo das Dora Milaje, as guerreiras do rei, foram inspiradas em guerreiras

reais do Reino do Daomé, na África Ocidental, que eram conhecidas como Agojie ou Amazonas do Daomé. Este exército tinha uma força de até 6.000 guerreiras e era conhecido por seu treinamento rigoroso e habilidades de combate.

Outro destaque é o estilo dentro do filme. Pantera Negra é um filme muito moderno, algo evidenciado também na sua trilha sonora com músicas de artistas como Kendrick Lamar, SZA e Travis Scott. As cenas de combate também são inspiradas pelas artes marciais africanas sendo muito bem coreografadas, e a batalha final dentro do filme é um dos grandes destaques combinando combate corpo a corpo, com tecnologia e brigas entre diversas tribos de Wakanda.

Apesar de não ser um dos meus filmes de super-heroi favoritos, *Pantera Negra* é hoje um grande símbolo dentro da cultura pop, marcando esse grande feito dentro do Oscar e passando o recado da importância da representatividade dentro desse tipo de história.

E com direção de Yorgos Lanthimos, a vaga dos indicados ficou com o filme *A Favorita* (2018). O longa se apoia do estilo do diretor, trazendo uma história que mistura surrealismo com humor ácido em intrigas políticas dentro da corte da rainha Anne.

O longa recebeu dez indicações ao Oscar, sendo um destaque nas categorias de atuação com indicações para todas as atrizes principais, e levou para casa a estatueta de Melhor Atriz para Olivia Colman.

No século XVIII, a instável Rainha Anne (Olivia Colman) é manipulada por sua confidente Lady

A Favorita (2018)- Imagem: Divulgação

Sarah Churchill (Rachel Weisz), que governa nos bastidores. Quando Abigail Masham (Emma Stone), uma jovem ambiciosa, chega à corte, ela entra em conflito com Sarah para conquistar o favoritismo da Rainha, iniciando um jogo de poder, sedução e intrigas.

O filme é dividido em diversos atos e conta com uma divertida história de um jogo político liderado por mulheres. Mesmo se passando em uma época onde o contexto político era dominado pelos homens, o filme é centrado em três mulheres que governam, amam e guerreiam à sua maneira. Porém a história não as idealiza, mostrando principalmente suas falhas e contradições. Muito por conta disso, as atuações do elenco principal são um grande destaque, misturando principalmente o trágico e o cômico. A Rainha Anne de Olivia Colman em momento parece mais um grande bebê, com atitudes que beiram o infantil mas também sendo cruel em momentos, com uma alta necessidade de atenção e bajulação, que vem de Sarah e Abigail. As performances de Rachel Weisz e Emma Stone também se destacam pela dinâmica de rivalidade elegante e brutal entre as duas. As duas disputam constantemente pela atenção de Anne enquanto tentam também garantir um pouco para elas.

É interessante que dentro da história, todas se encaixam como vilãs e heroínas. Mesmo em momentos ficando com dó de Anne por seus relacionamentos serem carregados de interesses e manipulações, isso só ocorre pela sua crueldade

A Favorita (2018)- Imagem: Divulgação

A Favorita (2018)- Imagem: Divulgação

de governo, assim como Sarah que a manipula para sobreviver mas vê seu lugar ameaçado com a chegada de Abigail, e Abigail vem para tentar conseguir melhores condições de vida. As personagens são extremamente complexas e ambíguas.

Por conta das disputas de poder, acho que é fácil lembrar de Game of Thrones, que já comentei em algumas críticas deste almanaque como uma das minhas séries favoritas. Mas assim como na série, o filme mostra a importância da manipulação e de um bom jogo de cintura dentro da monarquia, onde o afeto e a afeição são poderosas armas. E aqui, essa disputa é constantemente mostrada com elegância, de uma forma sutil e cruel.

E claro, o filme traz as características mais memoráveis do diretor, em sua grande maioria passando uma sensação de desconforto e estranheza, intensificado pelos eventos da narrativa. O diretor então se utiliza de uma fotografia distorcida e angulações incomuns, um ritmo que mistura o teatral com o grotesco e um humor sarcástico, expondo como a luta pelo poder pode ser infantil, cruel e cínica.

Gosto bastante dos filmes do Yorgos, principalmente por seu objeto de estudo ser em sua maioria a humanidade. Através de absurdos, o diretor crítica na sua maioria a falha humana, sempre carregado de um senso de humor quase mórbido e ao mesmo tempo sério, mas que me atrai bastante em suas histórias, e conseguindo

Roma (2018)- Imagem: Divulgação

tirar grandes atuações.

Também cheio de identidade, outro indicado é o longa *Roma* (2018), dirigido, roteirizado, produzido e fotografado por Alfonso Cuarón. O filme tem uma carga extremamente pessoal para o diretor, sendo inspirado em sua infância na Cidade do México nos anos 1970, especialmente na figura de sua babá.

O longa recebeu dez indicações e levou para casa três delas: Melhor Fotografia, Melhor Direção e Melhor Filme Internacional, fazendo história se tornando a primeira produção mexicana a vencer a estatueta nesta categoria.

A trama acompanha Cleo (Yalitza Aparicio), uma empregada doméstica que trabalha para uma família de classe média no bairro Roma, na Cidade do México. Ao fundo da história familiar, marcada por crises conjugais, abandono, e a criação dos filhos, acompanha-se também o cotidiano de Cleo, que vive sua própria jornada emocional.

O longa é gravado em preto e branco, utilizando-se de planos longos e uma câmera estática, nos colocando de perto no cotidiano de Cleo de daquela família. Com isso também o filme acaba criando uma atmosfera íntima, realista, nostálgica e contemplativa, nos prendendo emocionalmente à história.

Com o fator nostalgia, o filme nos apresenta um pouco sobre a infância do diretor. O que é curioso é que mesmo a obra se passando no México durante os anos 1970, como parte da América Latina, é possível conectar certos acontecimentos com o dia a dia brasileiro também.

Roma (2018) - Imagem: MUBI

Além de tributo para sua babá Libo, o filme também faz uma denúncia sobre a desigualdade de classe, racismo estrutural e machismo passado por sua babá e tantas outras. A figura da babá é vista como essencial dentro da casa, mas ainda assim essas mulheres eram negligenciadas pela sociedade.

A performance de Yalitza Aparicio é muito poderosa dentro do filme, tanto é que a atriz, em sua estreia, recebeu uma indicação à categoria de Melhor Atriz. A personagem constantemente nos passa uma sensação de amor e conforto graças a seu sorriso tímido. Cleo é uma protagonista silenciosa, que raramente toma decisões por si mesma, e talvez, por nos apegarmos tanto a gentileza e ternura da personagem, é que seu sofrimento nos impacta muito.

Com isso o longa também acaba mostrando a importância das mulheres dentro da estrutura da família. Além de Cleo, Sofia, a mãe daquela família passa por momentos difíceis, tentando sobreviver e cuidar de seus filhos após o abandono de seu marido. O filme mostra com clareza como essas mulheres são fortes em prol de manter seus filhos bem, mesmo em momentos de dor e incertezas.

O filme também conta brevemente sobre o contexto político passado durante a década de 1970 que, claro, tem um impacto forte na vida da família e de Cleo. Em grande parte do filme esse contexto é apresentado como um ruído dentro da história, tiros ao longe, confrontos nas ruas, uma marcha de soldados, mostrando que mesmo tentando seguir com suas rotinas, a população ainda é fortemente afetada pelas forças maiores do país. E é nesse contexto que presenciamos um dos momentos mais marcantes do filme: o Massacre de Corpus Christi, que acontece durante uma manifestação estudantil, retratado dentro da história de uma forma assustadora e tensa.

Roma é um filme bonito que acaba ficando com você mesmo após seu fim. Uma obra sobre memórias, homenagens e as vivências felizes e tristes do cotidiano.

Infiltrado na Klan (2018)- Imagem: Divulgação

INFILTRADO NA KLAN.

Chega a ser quase cômico o fato de, em um ano do Oscar tão marcado pela representatividade negra, o filme que venceu a estatueta de Melhor Filme ser Green Book quando, entre os indicados, tínhamos *Infiltrado na Klan* (2018).

A obra tem direção de Spike Lee e tem como base uma absurda história verdadeira, sendo uma adaptação de um livro de mesmo nome escrito por Ron Stallworth, publicado em 2018. O filme, então, se utiliza da mistura entre sátira e dramas policiais para expor o racismo institucionalizado nos Estados Unidos, tanto no passado quanto no presente. O longa recebeu seis indicações mas infelizmente levou para casa apenas uma delas: Melhor Roteiro Adaptado.

O filme acompanha Ron Stallworth (John David Washington), o primeiro policial negro da cidade de Colorado Springs, que consegue, por telefone, se infiltrar na Ku Klux Klan no final dos anos 1970. Para os encontros presenciais, ele conta com a ajuda do policial judeu Flip Zimmerman (Adam Driver), que assume sua identidade nas reuniões do grupo.

O que mais me ganhou dentro do filme é justamente a tensão dentro da história, deixando claro a todo momento o perigo que nosso protagonista enfrenta, não só por ser um infiltrado da polícia, mas principalmente como apenas um homem negro.

O filme com facilidade nos transporta para os anos 1970 com grande estilo, com uma fotografia quente e se usando muito de funk e soul em sua trilha sonora.

Apesar do filme ser uma adaptação Spike Lee tomou certas liberdades dentro da história para intensificá-la e expandir sua crítica, como o personagem de Flip Zimmerman, que é uma adição do longa. A adição desse personagem é importante, fazendo construção de paralelos entre o racismo contra os negros e o antissemitismo, transformando a narrativa em uma reflexão sobre o ódio e como ele ódio atinge diferentes grupos e faz parte de um sistema.

Sobre isso ainda, o filme deixa bem claro o fato do racismo ser um preconceito enraizado dentro dos Estado Unidos, evidenciando como esses acontecimentos dos anos 1970 e o movimento da KKK também ecoam nos discursos políticos atuais. Basta ver em qualquer canal de notícia a crescente dos movimentos de ódio, que voltam a se intensificar muito por conta da internet. O diretor nunca é sutil, escancarando isso cortando para imagens reais dos EUA contemporâneos, como a montagem final, ligando os eventos do filme às marchas neonazistas em Charlottesville (2017), nos Estados Unidos. Um lembrete brutal de que o racismo não é algo do passado.

Com a missão de Ron, o filme fala como o policial não enfrenta apenas o racismo declarado da KKK, mas também a resistência racista dentro da própria corporação. Com isso o longa denuncia também como muitas vezes o racismo é retratado como algo monstruoso, como nos rituais da KKK, mas ele na verdade está presente até em suas formas mais sutis como pelos colegas de Ron Stallworth.

Infiltrado na Klan (2018) - Imagem: MUBI

Nesses momentos o filme consegue nos passar uma imensa frustração e impotência, já que mesmo lutando muito, o sistema está corrompido e vão sempre proteger uns aos outros, criticando não só os racistas declarados, mas também a passividade de instituições.

Também com isso, o filme traz um questionamento vivido pelo protagonista em que tenta mudar o sistema por dentro, mas se encontra numa instituição muitas vezes cúmplice do racismo, o que rende alguns embates entre a lealdade à instituição e identidade racial. Essa questão é intensificada quando Ron se envolve com Patrice (Laura Harrier), que traz o debate sobre o limite entre colaborar com o sistema ou rejeitá-lo totalmente e questionando se existe a possibilidade de reforma institucional ou se isso só acontecerá com uma revolução.

Outro ponto interessante dentro do filme é seu "vilão", David Duke (Topher Grace), líder da KKK. Apesar de liderar um grupo de ódio e violento, o personagem é retratado como carismático e educado, evidenciando como racismo consegue se infiltrar de forma disfarçada e palatável, com isso fazendo referência a diversos líderes atuais. A presença da KKK dentro da história também vem para evidenciar que as ideologias extremistas nascem e são sustentadas por discursos de "orgulho" e medo.

Infiltrado na Klan é um filme forte, sarcástico, divertido e provocativo, que se destaca por trazer uma interessante história dos anos 1970 e relacioná-la com eventos atuais, evidenciando como o racismo não é algo do passado e ainda se encontra vivo, também denunciando silêncio é cúmplice.

Infiltrado na Klan (2018)- Imagem: Divulgação

Parasita (2019) - Imagem: Folha de São Paulo/Divulgação

ANOS 2020.

No Oscar, o ano de 2020 começa com um momento histórico. O longa sul-coreano Parasita, do diretor Bong Joon-Ho, foi indicado em seis categorias e venceu em quatro delas, sendo o primeiro filme internacional a ganhar na categoria de Melhor Filme. E o evento promete muito para o cinema, até que vem a pandemia da Covid-19.

Além do mundo todo, a pandemia paralisou as produções cinematográficas. Pela primeira vez em mais de um século, o ato de ir ao cinema deixou de ser possível, e isso gerou uma reinvenção radical na forma como os filmes são feitos, distribuídos e assistidos. O streaming, que já vinha crescendo, se consolidou de vez como o principal meio de acesso ao cinema.

Em resposta a isso, grande parte dos indicados ao Oscar dos anos de 2021 e 2022 trazem histórias menores e mais intimistas, focando principalmente nas emoções humanas, e temas como perda, luto e a reinvenção. O grande vencedor da edição de 2021, Nomadland (2020), embora fale sobre a crise financeira da Grande Recessão de 2008, consegue trazer ideias sobre sensações similares às vividas em 2020.

E depois da ascensão de longas com grandes investimentos, a nova década também traz filmes inventivos que foram realizados com um orçamento baixo, como o vencedor do Oscar de Melhor Filme Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo (2022) ou Flow (2024), vencedor da estatueta de Melhor Animação, que concorreu com obras da Dreamworks e Pixar, que foi produzido em um software gratuito, contando com apenas cinco pessoas, incluindo o diretor, na equipe.

Dentre os principais temas, a década de 2020 fica marcada por discussões sobre identidade, trauma, ancestralidade e pertencimento, como visto em Coda (2021), Encanto (2021), Pecadores (2025) ou até no remake de West Side Story (2021).

E no Oscar, a premiação se abre mais para longas internacionais, trazendo, desde 2020, pelo menos uma obra de língua não inglesa na categoria de Melhor Filme. E talvez graças ao feito de Parasita, em 2024, um dos indicados foi o filme brasileiro Ainda Estou Aqui (2024), fazendo a melhor campanha da história do cinema brasileiro dentro da premiação, conquistando públicos pelo mundo todo.

2020

O ano de 2020 é facilmente uma das melhores edições do Oscar quando analisamos os indicados. Todos os indicados acabam sendo um destaque inovando em algum sentido ou sendo apenas marcante por conta do diretor, performance dos atores e roteiristas.

Começando pelo mais fraco, na minha opinião, dos indicados, fica *1917* (2019). O filme era um grande favorito da premiação e era previsto por muitos como o filme que levaria a estatueta de Melhor Filme para casa. O longa tem como base o fragmento de uma história contada pelo avô do diretor, Sam Mendes.

No longa acompanhamos uma grande jornada de dois soldados durante a Primeira Guerra Mundial. Os soldados britânicos, em uma corrida contra o tempo, precisam atravessar o território inimigo e entregar uma mensagem que pode salvar 1,6 mil homens.

O grande destaque do filme é, sem dúvidas, a ideia de filmagem dele, sendo gravado em dois grandes planos-sequência. Com essa escolha acompanhamos de perto, praticamente sendo o terceiro soldado dessa missão, todas as diversas batalhas que os dois precisam enfrentar, prendendo a atenção com facilidade.

1917 (2019)
Dir: Sam Mendes

O filme recebeu três indicações e se consagrou nas categorias técnicas, levando para casa as estatuetas de Melhor Fotografia, Melhor Som e Melhores Efeitos Visuais.

O filme também ganha muito graças ao seu roteiro simples, existe uma missão e os soldados têm que cumpri-la. Dessa forma é mais fácil de acompanhar a história, embora durante a narrativa diversos eventos tirem os soldados de rota. E claro, pelo filme pregar tanto pelo realismo e nos colocar a todo tempo acompanhando os dois, acabamos nos apegando a eles e também temendo pelo destino deles.

Porém, apesar de todos esses fatores, devo dizer que eu tenho uma grande questão com filmes de guerra, sinto que eles precisam sempre trazer algo a mais, visto a quantidade de filmes de guerra que já existem e que trazem os mais diversos pontos de vista. E pra mim, 1917, apesar de inovar ao trazer essa jornada em um plano-sequência, foi um filme que me entregou exatamente o que eu estava esperando do filme. Eu acho ele um bom filme, ainda mais pra quem gosta muito do gênero, mas achei ele meio sem sal, principalmente quando comparamos com outros filmes em que temos soldados cumprindo uma missão como o próprio *Resgate do Soldado Ryan* (1998).

Seguindo com os indicados, no mesmo ano temos *Jojo Rabbit* (2019). Sinto que hoje esse é um filme "polêmico" e eu entendo a crítica de muitos de sentir que o filme "romantiza" e "ameniza" os impactos e questões da guerra, mas honestamente eu

Parasita (2019) - Imagem: IMDb

gostei bastante quando assisti.

Com direção de Taika Waititi, o longa recebeu seis indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Adaptado. O filme mistura comédia, sátira e drama de guerra contando dos eventos da Segunda Guerra Mundial pelos olhos de uma criança crescendo na Alemanha nazista. O longa é uma adaptação do livro Caging Skies, publicado em 2004, de Christine Leunens.

Jojo (Roman Griffin Davis) é um menino alemão solitário e doutrinado pelo nazismo, que vê seu mundo virar de cabeça para baixo quando descobre que sua mãe, Rosie (Scarlett Johansson), está escondendo Elsa (Thomasin McKenzie), uma jovem judia, no sótão de casa. Com a ajuda de seu excêntrico amigo imaginário, Adolf Hitler (Taika Waititi), Jojo começa a questionar suas crenças fanáticas enquanto o caos da Segunda Guerra Mundial se intensifica ao seu redor.

O longa fala principalmente sobre a forte doutrinação que tomou conta das crianças durante a Segunda Guerra Mundial. Nas escolas alemãs os estudantes eram ensinados a idolatrar Hitler e a odiar os judeus, e Jojo cresce com essa mentalidade extremamente clara dentro da sua mente. Entendemos dentro do filme que ele não é uma pessoa ruim, apenas uma criança cumprindo com aquilo que lhe foi ensinando, muitas vezes sem entender o que aquilo significa.

E essa visão distorcida da realidade que Jojo tem, influenciado pelas propagandas patrióticas, é evidenciado ainda mais pela fotografia dentro

Jojo Rabbit (2019)- Imagem: Divulgação

do filme, que aposta em cores vivas, figurinos elaborados e cenários coloridos para representar esse “conto de fadas distorcido” do garoto.

Jojo acaba sendo o produto de uma propaganda muito bem elaborada, idealizando tanto Hitler que ele até se transforma em seu amigo imaginário, sendo uma versão extremamente caricata do ditador, apoiando cegamente as ideologias de ódio pregadas pelos nazistas. Mas tudo isso muda quando ele é apresentado aos planos de sua mãe, que escondia uma menina judia dentro de sua casa.

Apesar de seu ódio mortal pelos judeus ao conviver com Elsa, o garoto passa a enxergá-la como um ser humano e não como uma abominação como era ensinado na escola, o fazendo questionar suas crenças. Assim como Jojo, Elsa também é apenas uma criança que se vê no meio de uma confusão sozinha, e por conta disso os dois acabam se identificando um com o outro e se apegando. Com isso o filme também funciona como um coming-of-age diferenciado. Por conta das circunstâncias da guerra, Jojo é obrigado a amadurecer, passando a se questionar sobre tudo aquilo que aprendeu.

O longa ganha muito também com seu lado sátiro, criando situações extremamente cômicas para criticar o autoritarismo, os nazistas, suas burocracias e costumes, os apresentando como pessoas extremamente pateticas. O Hitler imaginário de Jojo também é apresentado dessa forma, sendo uma versão extremamente exagerada e infantil, desmontando sua imagem de um temível líder.

Já na cota de filmes biográficos, o indicado da vez foi *Ford v Ferrari* (2019). Honestamente esse

Jojo Rabbit (2019)- Imagem: Divulgação

filme foi uma grande surpresa para mim. Eu não sou a pessoa mais chegada à Fórmula 1, então fui assistir esse filme sem grandes expectativas, assistindo mais pelos atores envolvidos. E simplesmente, fui surpreendida com um filme longo, com suas mais de 2h e 30 minutos de duração, que me deixou presa e engajada na história do começo até o fim.

O longa tem direção de James Mangold e recebeu quatro indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Som e Melhor Edição, sendo uma verdadeira experiência cinematográfica.

Baseado em uma história real, o filme acompanha o engenheiro visionário Carroll Shelby (Matt Damon) e o piloto britânico determinado Ken Miles (Christian Bale). Nos anos 1960, eles são recrutados pela Ford para uma missão ousada: construir um carro veloz o bastante para derrotar a lendária Ferrari nas 24 Horas de Le Mans, a mais prestigiosa corrida de resistência do mundo. Lutando contra o tempo, contra as limitações da indústria e até contra a própria burocracia da Ford, Shelby e Miles precisam confiar um no outro para desafiar os limites da velocidade e da lealdade.

Parte da experiência cinematográfica se dá graças às cenas de corrida, que conseguem com perfeição colocar o espectador dentro da história. Parte da imersão é garantida pelos sons dentro do filme, não é atoa que ele venceu a estatueta de Melhor Som e recebeu uma indicação em Melhor Mixagem de Som, nos fazendo ouvir o

Ford V Ferrari (2019)- Imagem: Divulgação

Ford v Ferrari (2019) - Imagem: Deadline/ 20th Century Fox

ronco dos motores, o vibrar do carro e barulho dos pneus, nos jogando dentro dos carros de corrida. junto com isso também sentimos a tensão dentro da pista de corrida, passando uma sensação de urgência dado os perigos e sacrifícios da vida de piloto.

Mas o coração do filme se dá no seu lado dramático, acompanhando Shelby e Miles dando tudo de si para vencer esse grande desafio. É um filme sobre ambição, dedicação, paixão, legado e frustração, conseguindo se conectar com qualquer espectador por sentimentos que todos já sentimos um dia.

O filme também conta muito sobre os bastidores do automobilismo, apresentando os problemas burocráticos e corporativos enfrentados pelos personagens. Os protagonistas querem vencer a corrida por conta de sua paixão e o enorme desafio de vencer a Ferrari, e um pouco também pelo seu ego, já os executivos da Ford veem a jogada toda como uma grande ação de marketing, muitas vezes sufocando a autenticidade dos protagonistas em nome da imagem da marca.

O longa também é um destaque graças a suas atuações. Christian Bale é um de meus atores favoritos, me impressionando a cada projeto.

Aqui o ator dá a vida a um personagem temperamental e difícil de se lidar mas extremamente talentoso e necessário para vencer o desafio, mas que muitas vezes é jogado para canto por não fazer parte de padrões impostos dentro da sociedade automobilística. Já Matt Damon é um homem mais calmo, mas ainda tocado pela missão, que funciona como uma ponte entre a agitação de Miles e a abordagem comercial e calculista da Ford.

A relação dos dois nos conquista graças a seus embates que, não só divertem, mas fazem nascer uma amizade interessante baseada nesse sonho em comum

No final o filme fala principalmente sobre legado e as injustiças da história, trazendo luz a um momento memorável dentro do automobilismo que muitas vezes é esquecido dado a parcialidade cometida. Dessa forma, o longa ilumina

Coringa (2019)- Imagem: Divulgação

merecidamente grandes herois, se tornando uma história inspiradora dada a persistência e paixão dos personagens, por mais que venha em um final melancólico.

Já indo para um tom mais dramático, outro indicado é o longa *Coringa* (2019). O filme tem direção de Todd Philips e roteiro escrito por ele e Scott Silver, e recebeu onze indicações, levando para casa duas estatuetas: Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Ator para Joaquin Phoenix.

O longa funciona como uma nova adaptação de um dos mais icônicos vilões da ficção: o Coringa. Dessa vez sem Batman, o diretor resolve trazer uma nova versão do personagem, colocando ele em uma realidade bem próxima da nossa, com um personagem que, se surgisse na nossa realidade, não seria tão estranho.

O filme segue Arthur Fleck (Joaquin Phoenix), um homem excluído que trabalha como palhaço, sendo constantemente oprimido. Após ser demitido e chegando em seu limite, ao ser importunado por 3 homens no metrô, Arthur reage e os mata. Os assassinatos então iniciam um movimento popular contra a elite de Gotham City.

O diretor resolveu trazer uma Gotham hostil, suja e carregada de coisas, tanto é que o filme se utiliza muito da cor verde e tons escuros, não só pra mostrar a solidão do personagem, mas também como se estivéssemos vendo algo sujo e mofado, algo que também passa e corrompe seu personagem. Os figurinos do filme trazem pouca cor ao personagem, trazendo em diversos momentos roupas com um aspecto usado e surrado, fazendo com que o personagem seja praticamente camuflado pela cidade, de certa

Coringa (2019)- Imagem: Divulgação

forma até justificando a sensação que ele tem de que é invisível para os outros.

E aí aqui, a ideia é trazer um personagem extremamente reprimido dentro dessa sociedade, completamente ignorado, que sonha com um reconhecimento. Para o diretor, a versão do Joaquin Phoenix do Arthur seria um homem que genuinamente tem como objetivo fazer as pessoas rirem e levar alegria para o mundo e que, durante essa busca por sua identidade, acaba se tornando um símbolo de algo muito maior.

E ao contrário dos outros filmes que trazem o Coringa, aqui a ideia é trazer o personagem em construção, meio que mostrando essa transição de um personagem oprimido que vai ganhando forças por sua indignação com a maneira que é tratado e acaba se rebelando.

Acredito que um dos grandes segredos do filme é conseguir com facilidade nos colocar na pele do personagem, não por ele ser alguém extremamente identificável, até pode ser, mas ele consegue fazer a gente simpatizar com ele porque o filme a todo momento nos lembra como a sociedade “injustamente” vê e julga ele.

Além disso, o filme tenta a todo momento nos colocar na mente do personagem, com alguns momentos mais delirantes, desconfortáveis e estranhos, mas que a câmera acompanha sem abandonar o personagem, mostrando realmente o estado em que Arthur Fleck se encontra. Não só isso, mas em diversos momentos Arthur é um narrador inconfiável, por parecer alguém que se divide em dois e confunde muitas vezes a realidade, tanto é que em alguns momentos o personagem é destro e em outros é canhoto,

confusão essa que também sentimos.

Todd Phillips traz inspirações claras de Taxi Driver e de outros filmes do Martin Scorsese durante todo o filme. A maneira como Gotham é apresentada lembra muito a forma como Scorsese mostra Nova Iorque, um local extremamente sujo e corrompido. E assim como Travis, o personagem de Arthur, principalmente quando assume sua personalidade de Coringa, é um produto desse local, reagindo a ele tentando achar algum tipo de sentido e justiça.

E as cores aqui tem uma importância gigantesca. Como falei do verde no início do filme que traz aquela sensação de solidão, abandono e estranhamento, conforme o personagem ganha força e vai se transformando em Coringa vemos muito mais a presença de cores fortes, tanto em sua roupa como nos cenários, mas também a presença da cor amarela, que muitas vezes representa a alegria e também a loucura, e acho que aqui consegue trazer uma representação perfeita do personagem que vai enlouquecendo cada vez mais mas com isso vai se liberando e se tornando mais satisfeito.

E o Joaquin Phoenix traz praticamente o show de um homem só que tenta a todo momento se encaixar e não consegue. Acho que o Coringa deve ser um personagem divertido e ao mesmo tempo difícil de se interpretar e acho que o ator consegue trazer uma performance diferente do que vemos com outros atores, mas que ainda sim é impactante.

Coringa (2019)- Imagem: Divulgação

Aqui vemos muito mais um coringa contido, que parece preso dentro da própria mente e até do próprio corpo, como o próprio ator interpreta ele muitas vezes se escondendo dele mesmo. E conforme o filme passa vemos que o personagem tem algo dentro de si pedindo para sair, algo que vemos em sua risada, que em momentos parece algo dolorido e outros uma libertação.

Coringa inova ao trazer uma nova versão de uma adaptação de quadrinhos, apresentando isso em um lado muito mais dramático e próximo da nossa realidade, além de trazer uma história nova sobre o personagem.

E ainda sobre adaptações, outro indicado é *Adoráveis Mulheres* (2019). O longa é uma adaptação do romance de Louisa May Alcott, Mulherzinhas, publicado em 1868. Antes disso, o livro tinha sido adaptado em 1933 e 1994 e algumas outras versões foram para a TV.

O longa tem direção e roteiro assinados pela Greta Gerwig e recebeu seis indicações, levando apenas a estatueta de Melhor Figurino para casa.

A história do filme gira em torno de quatro irmãs bem diferentes entre si: Jo (Saoirse Ronan), Meg (Emma Watson), Amy (Florence Pugh) e Beth (Eliza Scanlen) March, que vivem suas vidas normais e sem luxo durante a época da guerra da Secessão nos Estados Unidos.

A narrativa do filme é contada em dois tempos diferentes, viajando entre passado e presente e acompanhando as irmãs num período de sete anos, o que deixa a obra mais dinâmica. Durante esse período acompanhamos pequenas aventuras das irmãs enquanto elas passam por descobertas, amadurecimento, e passam para a

Adoráveis Mulheres (2019)- Imagem: Divulgação

vida adulta, descobrindo suas vocações, sonhos e as próprias dificuldades da vida real. Com isso acompanhamos momentos em diferentes gêneros cinematográficos como o drama, a comédia e o romance.

O filme tem uma pegada bem pessoal e humana já que somos basicamente inseridos dentro da família das meninas praticamente fazendo parte do núcleo delas. Parte disso, claro, acontece pelo cuidado que a Greta Gerwig teve em retratar cada uma das personagens dentro do filme, basicamente tirando elas das páginas do livro e trazendo pra vida real. Além disso, cada uma das personagens tem seu momento de brilhar, tem uma história que conseguimos entender as personagens e se identificar com elas.

O cuidado também entra no uso de cores dentro do filme, que se tornou muito importante já que as cenas em que as cores do cenário e figurinos são mais vibrantes e quentes são cenas do passado, onde as garotas são jovens adolescentes e cheias de energia, e as cenas do futuro são em tons escuros e frios, onde as garotas já são adultas, e precisam lidar com novos problema e responsabilidades.

A escolha de cores também faz parte do figurino das personagens, onde cada uma delas tem uma cor característica, que descreve perfeitamente a personalidade das garotas. Por exemplo a cor da Jo é vermelha, o que representa completamente todo o espírito ambicioso da personagem mas ao mesmo tempo sua personalidade teimosa.

Adoráveis Mulheres (2019)- Imagem: Divulgação

E o filme ganha seu charme por conta de suas personagens que embora extremamente diferentes entre si, acabam sendo de fácil identificação além de muito interessantes e carismáticas. Parte disso é garantido graças ao elenco extremamente talentoso com nomes como Meryl Streep, Timothée Chalamet, Laura Dern e em principal Saoirse Ronan e Florence Pugh.

Adoráveis Mulheres (2019) - Imagem: IMDb

Na trama, Saoirse Ronan interpreta Jo. Determinada, teimosa, sonhadora e de personalidade forte, a personagem é um dos grandes destaques da trama, protagonizando algumas das cenas mais engraçadas e das cenas mais dramáticas. A personagem também acaba mostrando a realidade de ser uma mulher com sonhos grandes naquela época, enfrentando dificuldades em vender seu livro que traz mulheres fortes e sem um par romance.

Florence Pugh também traz uma performance maravilhosa visto que acompanhamos sua personagem desde a infância até a vida adulta. Até por terem personalidades similares, Amy e Jo constantemente entram em conflito durante o filme, tal qual as verdadeiras irmãs. Assim como Jo, Amy é sonhadora, ambiciosa e muito determinada, porém está disposta a abrir mão de se casar por amor e de seus sonhos, para ajudar sua família.

Claro que não pode deixar de comentar da perfeita trilha sonora apaixonante do longa que completa e dá ao filme ainda mais emoção, composta por Alexander Desplat. O compositor é um dos meus favoritos, conseguindo trazer um toque especial para momentos, que se tornam ainda mais acolhedores, ou até mesmo descrever personagens com somente uma melodia como a própria música intitulada de Amy.

Emocionante, carismático e delicado são algumas das palavras que eu usaria para descrever o filme. A sensação de assistir ele, embora tenha algumas tristezas, é quase que um abraço. O filme conta muito sobre a época em que as Little Woman estavam inseridas, mas também sobre as próprias vivências humanas universais

O Irlândes (2019)- Imagem: Divulgação

como o amadurecimento e os sonhos. Tudo isso traduzido na linguagem Greta Gerwig que consegue comunicar tudo isso com extrema facilidade.

Esse ano também, dentre os indicados, temos um filme de Martin Scorsese, *O Irlândes* (2019). O longa recebeu dez indicações, incluindo nas categorias de Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Direção e Melhor Ator Coadjuvante (Joe Pesci e Al Pacino) e, absurdamente, não levou nenhuma para casa.

O filme é um complemento muito bom para a filmografia de Martin Scorsese servindo quase como um epílogo sobre o mundo do crime, falando principalmente sobre o envelhecimento e, consequentemente, o arrependimento que vem com ele. É muito fácil relacioná-lo com Os Bons Companheiros (1990), trazendo as grandes marcas do diretor: violência, traições e Robert De Niro como protagonista.

O longa narra a história de Frank Sheeran (Robert De Niro), um veterano da Segunda Guerra Mundial que se torna um matador de aluguel para a máfia e acaba envolvido no misterioso desaparecimento de Jimmy Hoffa (Al Pacino), um poderoso e carismático líder sindical.

A história é contada a partir da perspectiva de Frank, já idoso, em um asilo, relembrando seus anos de lealdade ao crime organizado e sua amizade com Hoffa. Ao contrário de seus outros filmes, aqui o tema principal é o arrependimento. Por conta disso o ritmo é mais lento, trazendo uma certa melancolia para o ciclo de violência vivido pelos personagens. A duração do filme também é um reflexo disso, com suas quase

3 horas e 30 minutos de duração, o filme nos faz sentir o desgaste das relações e o peso das escolhas causado pelo tempo.

E se os filmes de Scorsese trazem uma crítica a violência, *O Irlândes* talvez seja o que traz a mais forte delas. Aqui a violência é seca, rápida e dolorida. Frank se envolve com a máfia e conhece alguns de seus amigos mais próximos, mas também é obrigado a cumprir com as regras dentro do ciclo, o que também gera um afastamento de sua família e as traições mais dolorosas. E o personagem do Frank aqui traz o questionamento de "será que tudo valeu a pena?".

Com isso o filme também fala sobre a lealdade presente dentro do mundo do crime. Ao longo da história um dos grandes dilemas enfrentados pelo protagonista é sua lealdade a máfia versus sua amizade com Hoffa. O personagem confunde a lealdade com uma obediência cega, o que o leva a alguns dos seus maiores arrependimentos. Ele segue ordens para proteger quem ama, mas isso o leva a destruir justamente os laços que mais valorizava.

E, até por servir de "epílogo", uma coisa muito legal do filme é reunir novamente grandes atores que ajudaram a moldar o cinema de máfia ao longo das décadas: Al Pacino, Robert De Niro e Joe Pesci, os três trazendo grandes atuações. Destaco principalmente De Niro e Al Pacino. Hoffa de Al Pacino é uma pessoa difícil, explosiva, mas ainda sim extremamente carismática e magnética. Já De Niro traz um

O Irlândes (2019)- Imagem: Divulgação

O Irlandês (2019) - Imagem: Divulgação

protagonista mais silencioso e introspectivo, justamente para representar sua personalidade de não questionar, apenas obedecer, sendo quase um cão que cumpre ordens.

E mesmo trazendo um tom de melancolia em diversos momentos, o longa ainda mantém um certo tom cômico, sarcástico, que também vemos nas outras obras do diretor.

Ao final, Frank não passa por uma redenção, isso porque ele mesmo não consegue entender o que causou, mudar ou sequer se perdoar. Com certeza um dos finais mais devastadores de Martin Scorsese, trazendo a realidade da violência e desconstruindo o mito da figura do gangster, mostrando o peso da culpa e do legado.

Outro grande destaque do ano é *História de um Casamento* (2019). Com direção e roteiro de Noah Baumbach, o filme recebeu seis indicações, incluindo nas categorias de Melhor Roteiro Original, Melhor Ator (Adam Driver) e Melhor Atriz (Scarlett Johansson), e levou para casa a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante para Laura Dern.

O longa acompanha o processo de separação de Charlie (Adam Driver) e Nicole (Scarlett Johansson), um casal que viveu por anos em Nova York. Ele é diretor de teatro; ela, uma atriz. No início do filme, o casal já está em processo de ruptura, tentando manter a separação amigável, especialmente por causa do filho pequeno, Henry (Azhy Robertson). Porém, à medida que advogados entram na equação e mágoas não resolvidas vêm à tona, o divórcio se transforma em um processo doloroso, emocionalmente desgastante e cheio de embates pessoais.

Devo admitir que tenho uma certa obsessão por filmes sobre relacionamentos e divórcios, o que pra mim é interessante já que não é um tema que eu consigo me identificar, afinal nunca passei por isso, mas sempre é algo que me intriga. Comparando com outros longas também indicados ao Oscar de Melhor Filme que trazem essa mesma ideia, como *Annie Hall* (1977) e *Kramer vs. Kramer* (1979), gosto muito da maneira como *História de um Casamento*

consegue ser um filme mais “justo” mostrando os dois lados do casamento.

Na história acompanhamos os personagens tentando compreender como se deu o final do relacionamento e ao mesmo tempo tentando seguir em frente com suas vidas e carreiras, afinal eles trabalhavam juntos. É legal que apesar do filme permitir com que a gente escolha um lado desse embate, ele apresenta ambos como humanos, com defeitos e qualidades que também foram responsáveis pelo fim do relacionamento.

Muito por conta disso, as atuações são o grande destaque dentro da história. Adam Driver traz uma de suas melhores performances, honestamente a minha favorita do ator, como um diretor de teatro que em momento se mostra extremamente orgulhoso e controlador, importando esse comportamento de sua carreira para sua vida pessoal, mas também amoroso e vulnerável.

Já Nicole de Scarlett Johansson é uma mulher que se sente perdida dentro do antigo relacionamento, muitas vezes se doando mais para que Charlie conseguisse atingir seus objetivos. Ao longo da história a personagem passa a tentar entender sua própria identidade e gostoso fora do relacionamento, uma jornada que nos prende com facilidade. Nicole vai ganhando cada vez mais força durante o divorcio quando conversa com sua advogada, Nora (Laura Dern), se tocando em diversas questões que a fazia infeliz dentro do relacionamento.

Com o papel de Nora também o filme traz uma crítica ao mundo dos advogados e divorcio moderno, já que é após o contato dos advogados que os dois começam a incentivar confronto em

História de um Casamento (2019)- Imagem: Divulgação

vez da reconciliação. O sistema legal transforma o divorcio em um verdadeiro campo de batalha, muitas vezes tirando o controle dos clientes de suas próprias histórias.

Afinal, o casal formado por Charlie e Nicole não se odeia, ainda existe carinho entre eles, mas o amor acabou sendo prejudicado pelo desgaste do tempo, as diferentes expectativas de vida e, principalmente, a falta de comunicação. Questões comuns em qualquer relacionamento, faz com que o filme seja tão próximo da realidade.

E por conta da disputa criada pelos advogados, seu filho Henry passa a ser a maior disputa, aquilo que eles evitavam no início do longa. O filme conta bastante sobre paternidade e maternidade, já que ambos os personagens passam a se desdobrar para se conectar e cumprir as necessidades do filho.

Além das atuações, o roteiro é outro grande destaque, acompanhando os dois personagens tentando seguir com a vida após encerrar esse laço de anos. Por conta disso também os diálogos são extremamente realistas e naturais, e carregados de mágoas, insegurança e amor.

História de um Casamento se destaca dentro dos filmes sobre relacionamentos justamente por não ser uma história de vilões e herois, e sim sobre pessoas reais que amam e que tem sentimentos complexos. Honesto, o filme fala sobre a dificuldade do amor e sua complexidade, mas também que o final de uma relação também

História de um Casamento (2019)- Imagem: Divulgação

é importante e pode fazer surgir aprendizados importantes como autoconhecimento, liberdade, respeito, dor e também um crescimento emocional.

E no mesmo ano, um dos meus favoritos do diretor, *Era Uma Vez em Hollywood* (2019). Com direção e roteiro de Quentin Tarantino, o longa é uma homenagem nostálgica ao cinema e à cultura de Los Angeles dos anos 1960 e 1970, época que Tarantino cresceu e passou a frequentar os cinemas. O filme retrata principalmente o momento de transição entre o "Velho Hollywood" e a nova onda de produções.

O filme recebeu dez indicações ao Oscar, inclusive nas categorias de Melhor Diretor, Melhor Roteiro Original e Melhor Ator (Leonardo DiCaprio), e levou para casa as estatuetas de Melhor Design de Produção e Melhor Ator Coadjuvante para Brad Pitt, seu primeiro prêmio por atuação.

A história acompanha Rick Dalton (Leonardo DiCaprio), um ator de faroeste em decadência, e seu dublê e melhor amigo Cliff Booth (Brad Pitt), enquanto tentam se manter relevantes na Hollywood em transformação do final dos anos 1960. Paralelamente, acompanhamos a atriz Sharon Tate (Margot Robbie), vizinha de Rick e símbolo de uma nova geração que está surgindo no cinema.

E por trazer esse título de "era uma vez" remetendo aos contos de fadas, o longa mistura personagens fictícios com figuras reais para refletir sobre os efeitos do tempo, da fama e da violência cultural, enfim dando um final feliz para uma das histórias mais brutais de Hollywood: o assassinato de Sharon Tate.

Era Uma Vez em Hollywood (2019)- Imagem: Divulgação

Era uma Vez em Hollywood (2019). Imagem: Divulgação

Sharon Tate aqui funciona como um símbolo de pureza, inocência e a fase de Hollywood, sendo quase sempre mostrada como uma personagem feliz e alegre, trazendo uma certa esperança. A personagem é também como se fosse uma representação de como Hollywood era enxergada por todos: um lugar colorido, divertido e cheio de atividade.

Os anos 1970 foram marcados por um enorme pessimismo, muito causado pelos eventos que assolaram a cabeça dos estadunidenses como a Guerra do Vietnã e o escândalo de Watergate e aqui Tarantino vem para mostrar o ponto de virada de tudo isso. Dessa forma, o filme é assombrado pelo assassinato de Sharon Tate, uma ameaça a esse paraíso do cinema dos anos 1960. Por isso, a trama acontece em paralelo, acompanhamos Tate em alguns dias, vivendo normalmente, e vamos cada vez mais temendo pela sua morte. A personagem não passa por nenhum grande arco, realmente servindo como um símbolo dessa época.

Mas o filme também entra na questão da sujeira que acontecia em Hollywood na época, ou melhor, a sujeira que era encoberta. A trama vivida por Cliff Booth apresenta algumas delas. O personagem é bruto e tem um passado extremamente questionável, principalmente em relação com a sua esposa, o que nos lembra tantas conspirações de morte que existem entre casais de Hollywood. A troca de Booth com a trupe de Manson também é uma dessas representações. O grupo mora em um local distante em um rancho abandonado e a chegada do dublê no local é carregada de suspeitas e tensão.

Para além de homenagear o cinema de 1960 e 1970 o filme acaba sendo uma homenagem para o cinema atual também, reunindo os grandes

atores dessa geração: Leonardo DiCaprio, Brad Pitt e Margot Robbie.
O longa também ganha um caráter profético, revelando nomes que fariam muito barulho nos anos seguintes: Austin Butler, Sydney Sweeney, Margaret Qualley e Mikey Madison.

Pra mim, esse é um dos melhores trabalhos de Leonardo DiCaprio interpretando esse ator em decadência que tem uma dificuldade em achar um novo espaço dentro da indústria. De certa forma, Rick Dalton é um retrato muito real do que diversos atores passaram com as mudanças que Hollywood passou durante a década de 1970, com o declínio dos estúdios e grande presença do cinema autoral. DiCaprio traz um personagem com um enorme medo de se tornar irrelevante e que desesperadamente tenta se reinventar.

A ambientação do filme também é um destaque, conseguindo nos transportar para aquela época com facilidade graças a trilha sonora, cenários, figurinos e etc. O filme tem um ritmo mais calmo que as outras obras do diretor, fazendo com que o espectador, e também seu próprio cineasta, relembrem o passado, revisitando um tempo que não volta. O filme de certa forma traz uma reflexão sobre o passado, que aqui é reescrito graças ao poder do cinema, trazendo assim um final feliz.

E claro, o filme muito me conquista por conta de apresentar os bastidores do cinema. Admito que tenho um fraco por essa temática. Mostrando como os filmes eram filmados, as dinâmicas entre atores e dubladores, brigas entre os profissionais e trazendo muitas referências a essa época, desde os comerciais até rostos conhecidos como Steve McQueen (Damian Lewis) e Bruce Lee (Mike Moh).

Um conto de fadas moderno localizado em Hollywood: o ator em decadência se supera, o dublê ganha aprovação do ator e Sharon Tate termina viva. É um filme otimista de certa forma. Ele me conquista pelas histórias, pelos personagens, os bastidores do cinema e principalmente pelo seu senso de humor. Um filme para ser revisitado várias e várias vezes.

Era uma Vez em Hollywood (2019) - Imagens: Divulgação

PARASITA.

Apesar de amar com todo meu coração diversos dos outros indicados desse ano, não tem como eu tirar esse Oscar de Melhor Filme de *Parasita* (2019).

Com direção e roteiro de Bong Joon Ho, o longa recebeu seis indicações e levou para casa quatro estatuetas: Melhor Filme Internacional, Melhor Roteiro Original, Melhor Direção e, claro, Melhor Filme, sendo o primeiro de língua não inglesa a conseguir esse feito. O filme também fez história em Cannes, sendo o primeiro filme sul-coreano a receber a Palma de Ouro, sendo o terceiro filme na história a vencer o grande prêmio do festival e a estatueta de Melhor Filme.

A família Kim vive numa região precária na Coreia do Sul e tem pouquíssimo dinheiro para se sustentar. Ki-woo (Woo-sik Choi), o filho mais velho, recebe uma proposta para ser tutor da primogênita de uma família rica, os Park. Após adentrar o cotidiano da família rica, Ki-woo monta um plano para colocar toda sua família para trabalhar para os Park.

A principal crítica do filme são as diferentes classes sociais presentes na Coreia do Sul, mas ainda podendo ser relacionados com qualquer país, e a diferença gritante entre o cotidiano de cada uma delas. E a fotografia é bem sincera em relação a isso. Os Kim moram em um ambiente pequeno e desorganizado, geralmente apresentados com uma iluminação quente que ressalta ainda mais a situação precária da família.

Já a casa dos Park é organizada, cheia de janelas, tem um pé direito enorme e geralmente tem uma iluminação mais fria, passando um ar de limpeza e organização. Além disso, a fotografia em diversos momentos traz linhas que dividem a tela expressando a diferença entre as duas famílias ou até dando dicas sobre o grande final. A edição de som também traz detalhes interessantes, deixando o som abafado na casa dos Kim e o som ecoando na casa dos Park, ressaltando o vazio e a grandeza da mansão da família rica.

A direção do filme também impressiona, transitando por diversos gêneros cinematográficos de forma orgânica. O longa tem um ritmo muito dinâmico e nem se percebe as mais de duas horas de duração. A obra se destaca por seus enquadramentos e movimentos de câmera, passando uma sensação de imersão e transformando os espectadores em observadores de uma tragédia grega.

A história usa a previsibilidade para justamente surpreender. O longa traz o questionamento de quem de fato é o parasita, já que todos são parasitas de certa forma, um se aproveitando do outro. A entrada dos Kims dentro do universo dos Park passa por um momento uma chance de ascensão, mas o filme deixa claro com o seu final, que isso nada mais passa do que uma ilusão, voltando onde começaram.

Com um final poético e inesquecível, *Parasita* é um filme inesquecível que estuda as relações humanas e revela como todos são de certa forma parasitas. Mas claro, seu feito no Oscar é uma das razões que ele se torna imortal, um filme tão bom que conseguiu o feito mais impressionante: vencer os preconceitos da Academia.

Parasita (2019) - Imagem: Copyright The Jokers/Les Bookmakers

Nomadland (2020) - Imagem: Divulgação

2021

2021 foi um ano atípico para o Oscar, tanto a premiação em si que sofreu impactos da pandemia da Covid-19, mas também os filmes indicados que, em sua maioria, traziam histórias mais intimistas e reais.

O vencedor da noite demonstra perfeitamente isso. Indicado a seis categorias, *Nomadland* (2020) levou para casa três estatuetas: Melhor Filme, Melhor Direção para Chloe Zhao, se tornando a segunda mulher a vencer a estatueta, e Melhor Atriz (Frances Mcdormand).

O filme acompanha a personagem Fern (Frances McDormand), que após perder tudo na Grande Recessão (crise financeira de 2007/2008), decide largar sua casa e viajar pelo oeste dos Estados Unidos vivendo como nômade, ainda carregando consigo a dor do luto, tentando superar a morte de seu marido.

O filme é baseado na obra de Jessica Bruder, Nomadland: Surviving America in the Twenty-First Century, publicada em 2017, que conta história de pessoas reais – inclusive as mesmas pessoas participam do filme interpretando versões fictícias delas mesmas, dando mais autenticidade a obra. O diferencial do longa é sua construção no estilo documentário, que mostra a vivência das pessoas nômades de uma forma realista.

A diretora faz um ótimo trabalho, trazendo através de reflexões, os pontos positivos e negativos desse estilo de vida, como a liberdade e a natureza presente nas vida, mas também a solidão e dificuldades que os nômades passam com possíveis violências e acidentes. Outro ponto que o filme explora é a falta de bons empregos fixos, o que faz com que muitos estadunidenses tenham que morar no carro e se aventurar pelo país em busca de empregos temporários que remuneram suficientemente apenas para a sobrevivência.

A fotografia busca a natureza e o humano, com lindas e grandes paisagens de planos abertos, evidencia a beleza natural. A montagem do filme também não se apega a passagem do tempo ser mostrada de uma maneira normal, isso porque na vida de Fern não importa exatamente que dia é, e sim suas vivências.

Frances Mcdormand entrega uma atuação ótima ao se misturar no meio de nômades reais, o que em nenhum momento do filme o espectador sente essa distinção em comparação com os outros personagens. A atriz entrega uma performance carregada de melancolia sem exageros, e se aproveitando das sutilezas e expressões faciais, mostrando uma pessoa que tenta se reerguer após uma perda.

Apesar da temática interessante, esse foi um dos filmes mais decepcionantes pra mim. Ele é extremamente lento, cansativo e arrastado, a história funcionaria melhor em um documentário, já que aborda um fato interessante, mas que é mal executado em questão de longa-metragem.

Nomadland é um filme contemplativo que, mesmo não sendo de meu agrado, traz uma história intimista e poética em que a jornada é mais importante que o final, trazendo uma visão filosófica da vida e inserindo os espectadores nessa diferente forma de vida.

Os 7 de Chicago (2020) - Imagem: Divulgação

No mesmo ano temos o filme *Os 7 de Chicago* (2020), que traz um tema muito recorrente dentro dos indicados ao Oscar: a Guerra do Vietnã. O longa tem direção e roteiro de Aaron Sorkin e recebeu seis indicações ao Oscar, incluindo Melhor Roteiro Original e Melhor Ator Coadjuvante (Sacha Baron Cohen).

O filme então se passa em 1968 quando, durante os protestos contra a Guerra do Vietnã, sete homens ligados a diferentes grupos de esquerda foram acusados pelo governo dos EUA de conspiração para promover motins.

O longa acompanha um dos momentos mais ativos dentro da história dos Estados Unidos, onde grande parte da população vivia um descontento constante com as atitudes realizadas durante a Guerra do Vietnã: a constante propagação de violência, a falta de informações sobre o que acontecia na guerra e a desconfiança que crescia em torno do governo dos Estados Unidos e sua corrupção.

Além da temática do filme, ele lembra outros indicados do Oscar como Questão de Honra (1992) e O Veredito (1982), por se tratar de um drama de tribunal na sua mais pura essência, com testemunhas, investigações e discursos para o júri. Mas, até por conta de seu contexto agitado, o julgamento se torna extremamente político, expondo um sistema judicial tendencioso, o autoritarismo da época e o uso da Justiça para silenciar vozes dissidentes.

O filme faz uma ótima contextualização da época explicando a posição de cada um dos personagens indicados dentro do julgamento, trazendo imagens da guerra e como cada um deles se cruzaria em Chicago, com flashbacks do evento. Por trazer esses diferentes líderes de movimentos diferentes, o longa também explora em seus diálogos as suas diferentes crenças, rendendo questionamentos interessantes sobre qual a melhor forma de realizar essa “revolução”.

Mas no final, senti que *Os 7 de Chicago* fica apenas no seguro. Ele parece um filme que já vi antes, mas com réus diferentes. Na realidade

sinto que dentre os indicados ele é o que mais fica no seguro, não trazendo um ponto de vista diferente, até tendo em mente os outros indicados ao Oscar que também retratam alguns momentos importantes da guerra e do imaginário dos norte americanos de uma forma inovadora como *Apocalypse Now* (1979) ou até *Todos os Homens do Presidente* (1976).

O filme mostra um retrato principalmente da corrupção presente dentro das grandes instituições dos Estados Unidos e as agitações que ganharam destaque durante a década de 1970, de certa forma trazendo uma angústia pela imponência dos personagens.

Ainda sobre injustiça, temos *Bela Vingança* (2020). Vou contar que esse filme foi muito aguardado por mim por conta do seu trailer com momentos de vingança contra homens ao som de *Toxic* da Britney Spears. Por conta disso eu fui assistir cheia de expectativas.

O filme tem direção e roteiro de Emerald Fennell, marcando sua estreia na direção, e recebeu cinco indicações, levando para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original. O longa foi um dos mais ousados dessa temporada do Oscar, com um visual colorido e músicas pop em sua trilha sonora, a narrativa fala sobre a cultura do estupro, a impunidade e o silencio social em torno da violência sexual.

Cassie (Carey Mulligan) abandona sua a carreira médica após um evento traumático envolvendo sua melhor amiga. Vivendo com os pais e trabalhando numa cafeteria, ela leva uma vida dupla: à noite, finge estar bêbada em bares para confrontar homens que tentam se aproveitar de mulheres vulneráveis. Mas sua vingança

Bela Vingança (2020) - Imagem: Divulgação

Bela Vingança (2020) - Imagem: Divulgação

pessoal toma rumos mais profundos quando ela reencontra pessoas do passado ligadas ao que destruiu sua vida.

O filme acompanha uma jornada de vingança um pouco diferente onde, ainda tentando lidar com seu luto pela morte de sua melhor amiga, Cassie busca não só punir os culpados como também evidenciar o descaso cometido por alguns envolvidos. Com isso o filme traz alguns questionamentos sobre toda a questão da denúncia, colocando como cúmplices também aqueles que não fizeram nada, como a própria faculdade onde a tragédia com a melhor amiga da protagonista aconteceu.

O filme critica principalmente a impunidade acerca de casos de violência sexual, um tema extremamente atual que vemos pelo menos mensalmente diversos casos sobre essas questões. As vítimas ficam marcadas, humilhadas e são vistas com maus olhos, enquanto os abusadores seguem suas vidas sem qualquer culpa ou consequência.

Mas para além de um filme sobre vingança sinto que o longa fala muito mais sobre o luto. Cassie desiste de todos seus sonhos antigos por não conseguir lidar com a ausência da melhor amiga e, principalmente, por não ter conseguido protegê-lá, passando a dedicar toda sua vida para fazer justiça a ela.

Carey Mulligan entrega uma atuação intensa de uma personagem claramente perdida. Cassie não tem planos para além de sua vingança e o apenas viver sua vida e conquistar seus sonhos e suas vontades parecem para ela uma traição com a melhor amiga que jamais vai conseguir isso. Acho que é possível se identificar com a personagem,

afinal quem não moveria montanhas para trazer justiça para aqueles que amamos.

Mas o que me incomodou dentro do filme foi justamente seu roteiro. Cassie sai numa jornada em busca de vingança mas, apesar de movida por impulso, tem um plano extremamente competente, que não só se concretiza como também conta com diversas variáveis. Talvez eu esteja sendo chata, mas esse tipo de coisa me incomodou. E também sinto que o filme faz várias tiradas óbvias sobre machismo e a ignorância de muitos homens sob essa falsa impressão de estar sendo ousado.

E também acho que o filme poderia ter sido muito melhor com apenas alguns ajustes, principalmente em relação com o plano de Cassie, que por vezes, por ser tão cheio de etapas, tira o realismo do filme, algo importante para essa narrativa. Também sinto que a relação entre certos personagens poderia ser alterada para deixar o filme mais emocionante e dramático.

Apesar de não ter amado, não dá pra negar que *Bela Vingança* é um filme ousado, sendo extremamente claro em sua mensagem. Não existem sutilezas e é justamente esse silêncio que Cassie tenta tanto combater.

E a cota biográfica desse ano fica com o filme *Mank* (2020). Com direção de David Fincher, o filme traz a história de Herman J. Mankiewicz, roteirista responsável por uma das obras mais aclamadas do cinema: *Cidadão Kane* (1941). Uma curiosidade é que o roteiro de Mank foi escrito pelo pai de Fincher, Jack Fincher, que faleceu em 2003, sendo um projeto que o cineasta trabalha desde o começo dos anos 1990.

O longa se passa em Hollywood da década de 1930, vista através do olhar crítico de Herman J. Mankiewicz (Gary Oldman), um roteirista que sofre com o alcoolismo enquanto corre para terminar o roteiro de *Cidadão Kane* para Orson Welles.

O filme traz a história verdadeira do homem por trás do roteiro de *Cidadão Kane* e como se deu a elaboração desse roteiro. A realidade é que Mankiewicz baseou diversos eventos que aconteciam ao seu redor, trazendo uma crítica para diversos grandes poderosos de Hollywood.

Com isso, o filme fala principalmente sobre a forte influência que a mídia tinha/tem sobre a sociedade e dentro da política, o poder de imagem e as informações escolhidas para serem transmitidas, uma temática extremamente atual em uma época de fake news e desinformações, e a realidade dos bastidores de Hollywood durante sua Era de Ouro,mostrando que seu glamour era apenas fachada.

Mank (2020)
Dir: David Fincher

O longa recebeu dez indicações e levou para casa duas estatuetas: Melhor Design de Produção e Melhor Fotografia.

Mank (2020) - Imagem: Divulgação

E aqui Mank é quase um personagem assombrado, sendo um grande observador de grandes questões que aconteciam nos bastidores mas sem fazer comentários para externalizar as injustiças que presenciava, sendo obrigado a recorrer ao álcool para lidar com essas questões. E Gary Oldman, como quase sempre, traz uma performance marcante e impressionante de um homem quase que condenado.

Mas sinto que o grande problema do filme, e o que fez ele não ser tão popular ou aclamado, é o contexto. Para quem viveu esse período, ou estudou sobre os grandes poderosos de Hollywood e sua influência, é tranquilo de acompanhar, mas pra quem tem apenas como referencial o filme Cidadão Kane eu sinto que Mank se torna uma história cansativa sobre pessoas que você não conhece. Também acho que não seja só uma questão de ignorância, até porque o filme conta sobre poderosos especificamente dos Estados Unidos, já que sinto que caberia alguma forma de contextualização dessa questão.

Além disso, acho que o filme não explora tão bem uma das partes mais interessantes da história por trás de *Cidadão Kane*, que é justamente a briga entre Orson Wells e Mankiewicz pelos créditos do roteiro.

Mas no final, pra quem gosta desse contexto da Era de Ouro de Hollywood, Mank é um bom filme, com atores excelentes interpretando grandes personagens da história do cinema e da imprensa estadunidense.

E voltando para narrativas intimistas temos: *O Som do Silêncio* (2020). Com direção de Darius Marder e recebeu seis indicações, levando para

casa duas estatuetas: Melhor Edição e Melhor Som.

O longa traz um retrato doloroso e realista sobre a perda da audição de seu protagonista, conseguindo em diversos momentos colocar o espectador na perspectiva do personagem, falando principalmente sobre a perda e a realidade da comunidade surda.

Ruben (Riz Ahmed) é um baterista de heavy metal que, de forma súbita, começa a perder a audição. Ao lado de sua namorada e parceira de banda, Lou (Olivia Cooke), ele tenta lidar com a nova realidade. Internado em uma comunidade para surdos, Ruben enfrenta o luto por sua antiga vida enquanto descobre uma nova forma de existir, longe do som.

A vitória do longa na categoria de Melhor Som foi extremamente merecida, vista a importância do som não só para narrativa mas também na imersão dos espectadores. Ruben vive a música, é uma de suas paixões e seu emprego, e a súbita perda da sua audição bota ambas as coisas a perder, o que torna a narrativa mais dolorida.

Já falando sobre a imersão, o filme se aproveita dos grandes e pequenos barulhos para nos colocar no ponto de vista de Ruben, ele imerge o telespectador pelo som, os ruídos angustiantes quando Ruben decide se afastar de sua identidade surda e coloca um aparelho auditivo; ou o silêncio calmo, convidativo e acolhedor quando está junto de outros como ele.

O Som do Silêncio (2020) - Imagem: Divulgação

O Som do Silêncio (2020) - Imagem: Divulgação

Riz Ahmed traz uma grande atuação, principalmente nos momentos de raiva que o personagem passa tentando lidar com a perda da audição e sua adaptação a uma nova vida. Mesmo trazendo uma situação específica o filme facilmente consegue nos fazer criar uma empatia duradoura com o personagem, até por vermos sua impotência enquanto passa por esse processo de perda não só da sua paixão mas também do seu ganha pão.

Apesar de trazer muitos sobre a vivência da comunidade surda, o filme é muito mais do que isso, falando principalmente sobre a aceitação das situações e a aceitação da perda de controle. Ruben passa por um processo praticamente de se reinventar e tentar entender quem ele é sem ser um baterista, se sentindo quase que traído pelo próprio corpo.

O longa também fala sobre a importância da comunidade e lugares de pertencimento em momentos assim, já que Ruben é levado para uma comunidade que abriga pessoas com surdez, onde o mentor, Joe (Paul Raci), explica que o local não é para aliviar a questão médica e sim a saúde mental de seus integrantes. E ali o personagem tenta encontrar formas de voltar a vida normal e ao mesmo tempo um local de desabafo.

O Som do Silêncio é um filme para impactar, tanto em seus momentos de muito barulho e fúria de Ruben, mas também em seus momentos mais contemplativos, falando sobre a perda e aceitação.

E falando em adaptação, outro indicado é o filme *Minari* (2020). O longa tem direção e roteiro de Lee Isaac Chung, tendo como inspiração suas memórias de infância, recebeu seis indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante para Youn Yuh-jung.

Jacob Yi (Steven Yeun) muda-se com sua esposa Monica (Yeri Han) e seus dois filhos pequenos para uma fazenda no Arkansas, sonhando em cultivar vegetais coreanos e prosperar nos EUA.

A chegada da avó Soonja (Youn Yuh-jung) abala a rotina da família, principalmente a do caçula David, que vive um processo de amadurecimento entre o apego à tradição e a adaptação ao novo país.

O longa fala principalmente sobre os desafios da imigração e o sonho americano, que nem sempre é o que essas famílias imaginam. O filme tem um ritmo tranquilo sem grandes acontecimentos, apenas contando como foi a adaptação e vivência daquela família. Acabamos ficando íntimos dos personagens acompanhando seu dia a dia.

O longa fala também sobre família e as dificuldades enfrentadas pelas diferenças entre seus membros, que mesmo se amando incondicionalmente ainda brigam por conta de diferentes pensamentos e opiniões. A chegada da avó Soonja representa isso e também traz todo o debate em torno da cultura e adaptação, algo que incomoda principalmente o caçula da família, que não quer seguir com as tradições da família, muito por não entender o que elas representam, sendo essas interações, na minha opinião, a parte mais forte do filme.

E com o casal protagonista, o filme desenvolve as questões mais sérias da imigração como o preconceito, o choque cultural e as dificuldades financeiras que vem com ela.

Num geral achei *Minari* um filme gostoso de se acompanhar, principalmente no relacionamento

Minari (2020) - Imagem: Divulgação

Judas e o Messias Negro (2020) - Imagem: Divulgação

entre David e a avó, mas não foi uma obra inesquecível para mim, e honestamente não tenho vontade de assistir novamente.

E indo contra a maioria dos filmes indicados nessa edição, *Judas e o Messias Negro* é uma obra intensa. Primeiro queria dizer o quanto eu gosto do título do longa, é marcante, representa a história muito bem e fica com você.

Com direção de Shaka King o longa recebeu seis indicações ao Oscar e levou para casa duas estatuetas, Melhor Canção Original (Fight for You) e Melhor Ator Coadjuvante para Daniel Kaluuya, merecidamente.

O filme reconta os eventos que levaram à morte de Fred Hampton (Daniel Kaluuya), líder dos Panteras Negras, em 1969, sob a ótica de William O'Neal (LaKeith Stanfield), informante do FBI infiltrado no movimento.

O filme funciona praticamente como um thriller retratando a tensão e agitação política vivida durante a década de 1960, evidenciando a forte presença do racismo dentro dos Estados Unidos e denunciando a sabotagem realizada pelo governo para eliminar os grupos negros.

Essa sabotagem também demonstra o medo vivido pelo governo norte-americano contra um grupo tão bem articulado quanto o comandado por Fred Hampton, que muito conquistava graças a sua oratória, promovendo união e empoderamento, algo que diversos afroamericanos conseguiam se identificar devido a opressão vivida por eles.

Acho que uma das coisas mais legais aqui é mostrar justamente a tensão e angústia vivida

por William O'Neal durante seus anos como agente duplo, sentindo culpa não só pela traição dentro do movimento, movimento o qual ele se sente tão acolhido e representado, mas também o medo de ser descoberto, torturado e morto. LaKeith Stanfield traz uma grande performance conseguindo nos passar a complexidade de seu personagem, envolvido em uma situação sem escapatória, e lidando com o peso da culpa e em principal o medo, conseguindo com facilidade passar para nós espectadores a agonia vivida por ele.

Muito por conta dessa situação, o filme tem um senso de urgência que nos prende com facilidade, acompanhando o filme do começo até o fim apenas para saber seu desdobramento. Esse quesito também é intensificado por conta dos diálogos que evidenciam a importância da luta dos Panteras Negras, que deixam ainda mais clara o quão pesada foi a traição de O'Neall, já que acabaria enfraquecendo toda a luta.

E por falar na luta a performance de Daniel Kaluuya também é um dos grandes destaques do longa por conseguir transmitir a importância de Fred dentro do movimento graças ao seu carisma e magnética oratória em seus discursos.

Judas e o Messias Negro conta a história dramática e intensa vivida por O'Neall e Hampton com perfeição em um thriller interessante, deixando clara a importancia da luta negra realizada pelos Panteras Negras ao mesmo tempo que também ressalta a violencia praticada pelo grupo e pela polícia.

Judas e o Messias Negro (2020) - Imagem: Divulgação

MEU PAI.

Mas de todos os indicados, o ponto fora da curva é o filme *Meu Pai* (2020).

O filme foi indicado a seis categorias na premiação do Oscar e levou para casa duas estatuetas: Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator para Anthony Hopkins. O longa é dirigido por Florian Zeller e é baseado em uma peça de teatro também escrita por ele, e explora o envelhecimento e as consequências dele, trazendo isso diretamente do ponto de vista de um idoso.

O filme acompanha o personagem Anthony (Anthony Hopkins) um homem que já está nos seus 80 anos e recusa cada vez mais aceitar a ajuda de sua filha Anne (Olivia Colman). Porém conforme o tempo passa ele começa a duvidar cada vez mais de todos a sua volta.

A história começa simples, com poucos personagens e cenário. Essa simplicidade, nos apresenta ao cotidiano vivido por Anthony, sua casa, filha e rotina, nos apegando a eles assim como o protagonista.

A narrativa é pautada na memória e na perda dela, e a montagem do filme faz isso de uma maneira espetacular com cenas fora de ordem desorientado o personagem e os próprios espectadores. E toda essa confusão é extremamente importante para entrarmos na cabeça do protagonista, já que não conseguimos de primeira conectar todas essas cenas.

A direção se aproveita do aspecto teatral do texto com cenas longas que ressaltam a confusão do protagonista, com closes para evidenciar ele pensando e juntando as peças de suas memórias.

Outro ponto chave da narrativa é Anthony Hopkins. O ator mais uma vez impressiona com uma performance muito humana de um homem que vai perdendo suas memórias e suas capacidades de se orientar. Hopkins traz uma atuação estrondosa com um personagem que não é apenas sua "doença", ou no caso seu envelhecimento, tendo diversos hobbies e se mostrando em muitos momentos como uma pessoa alegre e interessada, ou seja, ele não quer envelhecer e se tornar dependente.

No filme então vemos um homem enfrentando esse seu maior medo, o que é visto em muitos momentos de angústia do personagem em que ele se torna orgulhoso, fica com raiva ou medo.

Olivia Colman também é outro destaque vivendo na pele a filha daquele senhor que recusa a sua ajuda. A atriz entrega uma performance maravilhosa e emocionante, sem exageros de alguém que vê um familiar adoecendo e não consegue ajudar, já que o próprio não aceita sua ajuda. Apesar de vivermos do ponto de vista de Anthony, também entendemos Anne e todas as angústias e coisas que ela teve de abrir mão por conta do pai, que não só não aceita sua ajuda como também não a reconhece. Algo que também não é culpa dele.

Humano e muito triste *Meu Pai* traz uma história emocionante e sobretudo real, colocando o público na pele de não só quem sofre com a velhice mas também as consequências que isso tem naqueles ao seu redor.

Meu Pai (2020) - Imagem: Divulgação

No Ritmo do Coração (2021) - Imagem: Divulgação

2022

O ano segue com uma pegada parecida com a de 2021, com filmes menores e mais introspectivos, muitos trazendo histórias biográficas.

O grande vencedor foi *No Ritmo do Coração* (2021). Com direção de Sian Heder, o filme recebeu três indicações e levou para casa as três estatuetas: Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator Coadjuvante (Troy Kotsur).

O longa é um remake de *A Família Bélier* (2014), que enfrentou fortes críticas por trazer atores ouvintes interpretando personagens surdos, que por sua vez é um remake do filme alemão A Música e o Silêncio (1996). O filme estreou no Festival de Sundance 2021, onde ganhou os prêmios de Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Elenco e o Prêmio do Público.

O filme acompanha Ruby (Emily Jones) que é a única ouvinte de uma família surda. Dessa forma, Ruby trabalha desde sempre como a intérprete de seus pais e auxilia a família com a pesca, que é o que rende sustento a família. Até que em um momento ela resolve se inscrever para o coral da escola onde descobre sua vocação para a música.

A trama do filme sobre amadurecimento já foi vista antes, porém são acrescentados detalhes ao "coming of age" que saem do básico e previsível, principalmente por mostrar o dia-a-dia de famílias surdas e de filhos de pais surdos como o próprio título explica (CODA = Child of Deaf Adult).

A diretora e roteirista do filme usa de elementos bem interessantes durante o filme para demonstrar esse cotidiano, se usando muito do silêncio, além de diversos diálogos falados apenas em libras, que são bem humorados e nada forçados.

Ao contrário de *O Som do Silêncio* (2020), que foi indicado a Melhor Filme em 2020, que trabalha com perda e adaptação, Coda traz uma mensagem diferente e mais otimista mostrando a busca de sonhos e encontrar seu lugar e sua voz no mundo.

Ruby por ter passado muito tempo em serviço da família não sabe muito bem se expressar, o que no filme é bem enfatizado já que em muitos momentos ela expressa o que sente usando libras.

Em relação à atuação todos os atores entregam performances ótimas e a família toda tem uma química ótima entre si fazendo o telespectador quase se sentir parte da família. Mas principalmente Troy Kotsur, que interpreta o pai de Ruby, que acima de tudo quer apoiar a menina em todos seus sonhos e entrega uma performance muito emocionante e especial. O ator venceu o Oscar de Melhor Ator Coadjuvante e se consagrou como o primeiro ator surdo a conseguir esse feito.

O filme é emocionante, sensível e bem divertido. Acho que ele inova entre todos os vencedores do Oscar de Melhor Filme por ser o típico "filme sessão da tarde", algo interessante para a Academia já que traz para as transmissões do Oscar um público diferente. É um bom filme, mas não era o melhor daquele ano.

Ataque dos Cães (2021) - Imagem: Divulgação

E o grande favorito do ano era *Ataque dos Cães* (2021). Com direção de Jane Campion o filme recebeu doze indicações, sendo um destaque nas categorias de atuação com indicações para todo o elenco principal. Porém o longa levou apenas a estatueta de Melhor Direção, assim consagrando Campion como a terceira mulher a ganhar esse prêmio na história da Academia.

O filme acompanha os irmãos Phil (Benedict Cumberbatch) e George (Jesse Plemons) que administram um rancho juntos. Porém os irmãos passam por desentendimentos quando George se apaixona por Rose (Kirsten Dunst), uma mulher que Phil detesta, e leva ela e o filho Peter (Kodi Smit-McPhee) para morar no rancho.

O longa tem uma atmosfera de terror psicológico, trazendo uma sensação de perigo iminente, o que é ressaltado através da fotografia que mostra a imensidão do deserto, passando um sentimento de solidão junto com a trilha sonora.

E com esse cenário, se inspirando nos clássicos westerns e na imagem do clássico cowboy americano, o longa vem desconstruindo esses estereótipos. O filme entrega uma discussão sobre a masculinidade através dos personagens, que têm hábitos e personalidades bem diferentes e toca em sentimentos como amor, ódio, desprezo e repreensão.

Benedict Cumberbatch traz uma de suas melhores performances ao interpretar Phil, um cowboy muito odiável, ignorante, arrogante e solitário. Ele é visto e se expressa como um bruto macho do faroeste mas que na verdade é apenas uma fachada, o que fica claro através de suas expressões, deixando clara sua tristeza internalizada.

Ataque dos Cães (2021) - Imagem: Divulgação

Smit-McPhee interpreta um garoto quieto, introvertido e introspectivo em todos seus jeitos, com um andar envergonhado e um olhar com medo. Peter tem interesse em assuntos como biologia e tem um apreço pela arte, algo que Phil vê com maus olhos.

E por fim Kirsten Dunst, que de certa forma passa por uma transformação bem desenvolvida, indo de uma jovem alegre para uma mulher infeliz perdendo o juízo. A atriz entrega uma atuação maravilhosa com uma personagem que vê sua felicidade sendo sugada aos poucos até não restar nada, o que conquista nossa empatia, sentido pela personagem.

Apesar do filme ter se tornado um dos favoritos da crítica, justamente pela forma com que ele fala sobre essa repressão emocional, o desejo e a toxicidade da ideia de masculinidade, cuja imagem criada e recriada pelos westerns, eu não consegui me conectar com o filme. Num geral, senti ele um tanto quanto desafiador de assistir, muito por conta do seu ritmo lento. Um filme que você precisa se forçar a assistir. Achei vários momentos cansativos e arrastados e não é um filme que eu penso em revisitar.

Ainda sobre elencos cheios de grandes atores, *Don't Look Up* (2021) é o filme que mais vence esse quesito. O longa era a aposta da Netflix nesta edição do Oscar e recebeu quatro indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro, Melhor Música Original e Melhor Edição, mas não levou para casa nenhuma das estatuetas.

Com direção de Adam Mckay, o filme traz uma sátira com temas extremamente atuais como negacionismo, o estado disfuncional da política e da mídia e a alienação.

O filme acompanha os dois astrônomos Dr Randall Mindy (Leonardo DiCaprio) e Kate Dibiasky (Jennifer Lawrence) que descobrem que um meteorito está prestes a colidir com o planeta Terra. Assim eles resolvem alertar as autoridades e a imprensa sobre o perigo que se aproxima, porém ninguém os leva a sério.

O diretor traz uma sátira com situações que, mesmo absurdas, são muito autênticas e próximas da nossa realidade. E apesar da óbvia relação da trama do filme com o período vivido na pandemia, Mckay escreveu o roteiro antes, porém só resolveu desenvolvê-lo agora.

O ritmo do filme é bem caótico e ajuda a atmosfera de sátira, com muitos cortes rápidos e transições narrativas. O humor do filme beira o ridículo mas ao mesmo tempo gera uma angústia principalmente observando os dois astrônomos, que são constantemente desvalorizados e ignorados. Parte disso é gerada pela grande quantidade de personagens e referências do filme.

Mas o que mais chama atenção no longa é seu elenco. Além de ambos protagonistas serem vencedores do Oscar, o filme ainda conta com grandes nomes como Meryl Streep, Cate Blanchett, Tyler Perry, Jonah Hill, Timothée Chalamet, Mark Rylance e até uma participação de Ariana Grande.

Todos os atores vivem de certa forma pessoas reais. Meryl Streep interpreta a presidente dos Estados Unidos, e é extremamente caricata e detestável e bem diferente dos papéis que a atriz vinha fazendo. Já Jonah Hill vive o filho mimado do personagem de Streep, que ainda é um chefe de gabinete, mesmo sem nenhuma habilitação.

Blanchett e Perry vivem dois jornalistas muito sensacionalistas e pouco interessados com a verdade. E Mark Rylance completa as grandes personalidades vivendo um milionário muito egoísta extremamente cômico.

Não Olhe para Cima (2021) - Imagem: Divulgação

Os que mais se destacam no filme, DiCaprio e Lawrence, os protagonistas da história, entregam ótimas atuações mesmo sendo os personagens menos engraçados do filme, o que gera uma ótima dinâmica quando juntos dos outros personagens muito peculiares e exagerados.

Mesmo com a mensagem importante e as críticas necessárias, o filme é cheio de subplots que não agregam a trama principal e deixam o longa cansativo. O diretor se complica ao não achar o tom do filme muitas vezes dando mais foco para os momentos cômicos que seus personagens, deixando eles apenas como caricaturas.

No final, o longa cumpre seu papel como crítica, trazendo à tona o caminho agonizante que a humanidade está seguindo, mas honestamente não é nem minha sátira favorita dentre os indicados ao Oscar e nem meu trabalho favorito do diretor.

Em todos os filmes de Del Toro, ele tenta trazer algum tipo de monstro, seja em *A Forma da Água* (2017) ou *Labirinto do Fauno* (2006), esses monstros sempre tiveram aspectos assustadores e sobrenaturais. Porém em *Beco do Pesadelo* (2021) o diretor evidencia a crueldade humana e traz assim o ser humano como o próprio monstro.

O longa acompanha o vigarista Stan (Bradley Cooper) que, fugindo de seu passado, acaba indo parar em um circo onde conhece e se torna assistente Zeena (Toni Colette) e seu marido alcoólatra Pete (David Strathairn), que trabalham como videntes em um ato de ilusões. Conforme o tempo passa Stan se torna cada vez mais ganancioso e parte a planejar uma fuga do circo com Molly (Rooney Mara).

O Beco do Pesadelo (2021) - Imagem: Divulgação

O Beco do Pesadelo (2021) - Imagem: IMDb

Cheio de reviravoltas, o filme traz uma atmosfera bem sinistra, fria e muito uso de sobras entregando uma narrativa ao estilo noir. Na primeira parte do filme somos apresentados a uma vida suja e miserável, que carrega uma tristeza palpável, mesmo se passando em um circo. Já na segunda metade vemos todo o glamour e luxo com cores fortes e muito brilho da era pós-depressão, que contrasta muito bem com a primeira parte, mas ainda carrega os mesmos aspectos melancólicos.

O elenco do filme é de extremo peso e talento, contando com além dos já citados, com Willem DaFoe e Cate Blanchett. DaFoe interpreta o esquisito e cruel administrador do circo e claro traz uma incrivel perfomance em um papel já costumeiro para o ator. Mas os nomes que realmente se destacam no longa são Blanchett, Cooper e Mara.

Cate Blanchett interpreta uma psicóloga que virá a cruzar o caminho do personagem de Cooper ao longo do filme. Apaixonante, misteriosa e interessante, a personagem de Blanchett, Lillith Ritter, traz uma presença fascinante e magnética que prende completamente a atenção do telespectador. Lillith é quem consegue trazer mais revelações sobre Stan conforme a psicóloga o analisa. As cenas em que os dois contracenam são algumas das mais interessantes com ótimos diálogos.

Cooper está excelente no papel de um homem que tenta mais que tudo fugir de seu passado. Ele vai de um apaixonado e inocente homem para uma pessoa arrogante completamente consumida pela ganância e o ator sabe muito bem interpretar todos esses aspectos.

E, por fim, Rooney Mara garante ao filme a inocência e esperança trazendo uma leveza ao universo macabro. A atriz traz uma personagem muito gentil, delicada e forte que ao mesmo tempo carrega uma enorme tristeza.

Apesar desses aspectos sinto que o filme se prolonga em diversos momentos, o que impacta no seu ritmo e dinamicidade, principalmente

na metade do filme, por falta de grandes acontecimentos.

Apesar de não ser um dos melhores filmes do diretor, ele cumpre o que promete e consegue prender a atenção pela atmosfera sinistra e icônica de Del Toro, trazendo um final impactante e apresentando o maior dos monstros de Del Toro, o ser humano.

Também nesse ano o filme japonês *Drive My Car* (2021), recebeu uma indicação a Melhor Filme. Além disso, o longa recebeu outras três indicações: Melhor Direção, melhor Roteiro Adaptado e Melhor Filme Internacional, levando essa última para casa.

O filme conta a história do ator e diretor Yusuke Kafuku (Hidetoshi Nishijima) que é casado com a roteirista Otto (Reika Kirishima). Após uma tragédia Yusuke acaba aceitando o trabalho de dirigir uma peça em Hiroshima onde conhece o jovem e quieta motorista Misaki Watari (Toko Miura), que é encarregada de dirigi-lo por Hiroshima.

O filme é um drama muito contemplativo que traz uma história bonita sobre a vida, a existência, a perda e os relacionamentos, esse último sendo o mais essencial para a trama. O longa tem um ritmo lento e por conta disso esses relacionamentos são construídos de forma gradual o que traz um maior realismo ao filme A história trabalha muito com o silêncio, e grandes emoções dos personagens são veladas

Drive My Car (2021) - Imagem: MUBI

Drive My Car (2021) - Imagem: MUBI

em muitos momentos, assim os gestos e expressões dos atores são muito importantes para o desenvolvimento do longa, e claro, a peça dirigida por Kafuku é cheia de diálogos que dizem muito sobre o que o personagem está passando.

A narrativa trabalha muito o sentimento de culpa e da transformação interna dos personagens até chegar em um alívio e uma reconstrução, sendo um filme para gerar reflexões ao longo de sua história. Os personagens são bem introspectivos e se ligam por esse sentimento de culpa.

E aí, entra o título do filme, Drive my Car, já que é durante os passeios de carro que Kafuku e Misaki passam por quase que uma sessão de terapia um com o outro.

Dessa forma a atuação exemplar dos atores foi de extrema importância, principalmente ao longo do filme conforme eles vão se abrindo cada vez mais de uma maneira sutil.

O protagonista Kafuku é muito perseguido pela tragédia que passa e exige saber o porquê de tudo, tentando achar algum significado para lidar com o que passou. De certa forma, nós espectadores também nos sentimos meio “no escuro” já que o roteiro não revela todos os segredos dos personagens, tanto para o protagonista, quanto para o público, já que a vida funciona muito dessa maneira.

Já Misaki é ainda mais traumatizada que o protagonista. Toko Miura traz uma personagem bem introspectiva e silenciosa que também assim como o protagonista tem dificuldade em se abrir. O desenvolvimento da culpa e dos sentimentos dos dois é feito através da bonita amizade que

eles criam.

Apesar disso, não consegui me conectar com a história. Parte disso se deu por conta do seu ritmo lento e suas mais de 3 horas de duração, com cenas bem longas, se prolongando em muitos momentos. Além disso, alguns momentos da trama são um pouco confusos e arrastados, o que me desprendeu da narrativa.

Drive my Car é um filme sincero que traz uma mensagem sobre perda e reencontro, não só com outras pessoas mas principalmente consigo mesmo e com os sentimentos. Eu entendo porque a crítica gostou tanto do filme mas, sinceramente, não foi pra mim.

Já falando sobre histórias biográficas, um dos indicados com essa temática é *Belfast* (2021). Com direção, produção e roteiro de Kenneth Branagh, o filme traz uma semi autobiografia do diretor, contando sobre sua infância na Irlanda. O longa recebeu sete indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Original.

O filme conta a história do garotinho Buddy (Jude Hill) e de sua infância morando em Belfast na Irlanda do Norte em 1969.

A narrativa é contada através do ponto de vista do garotinho trazendo assuntos como o amor, crescimento, a família e principalmente os conflitos entre protestantes e católicos que assolam o país até hoje. Por conta dessa escolha e para trazer ainda mais o caráter nostálgico, o longa se passa quase por completo em preto e branco, garantindo ao telespectador a sensação de estar vendo as memórias do protagonista, e consequentemente de seu diretor e roteirista.

Belfast (2021) - Imagem: Divulgação

Belfast (2021) - Imagem: Divulgação

Mas o filme ainda traz alguns momentos com uso de cor, principalmente em partes especiais da vida do garoto, momentos geralmente relacionados com cinema, mostrando assim a paixão do diretor pela sétima arte. O diretor ainda coloca alguns Easter Eggs de sua carreira ao longo do filme como um livro da Agatha Christie, já que nas três adaptações do livro para as telas ele interpreta o detetive Hercule Poirot.

O roteiro é simples mas eficaz mostrando através da perspectiva do garoto esse grande conflito, algo que já foi visto em outros longas como Jojo Rabbit (2019). Mas além disso consegue mostrar o cotidiano das famílias moradoras de Belfast durante a década de 60, trazendo não só as disputas religiosas, mas também a realidade vivida por essas famílias e seus problemas, como falta de dinheiro, mas também pequenos contos da vida de Buddy que divertem e emocionam os telespectadores.

E o filme também se destaca pelas suas atuações. A começar com o protagonista, interpretado por Jude Hill, que traz uma emocionante e cativante performance de um jovem que mesmo pouco entendendo sobre o contexto ainda apresenta uma enorme sensibilidade.
Caitriona Balfe vive a mãe de Buddy e entrega a mais marcante atuação do filme com uma personagem que acima de tudo quer o bem para seus filhos, mas ainda sim mostra a importância que aquela cidade e a cultura tem para ela.
E Jamie Dornan, que sai dos seus comuns estereótipos e entrega um pai preocupado e muito amoroso com seus filhos.

Belfast é uma belíssima história sobre a infância que homenageia não só a história do diretor e daqueles que já se foram, mas também mostra o amor que Kenneth Branagh tem pelo cinema.

Outro indicado biográfico é *King Richard* (2021). O filme tem direção de Reinaldo Marcus Green e recebeu seis indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Ator para Will Smith, seu primeiro Oscar.

No longa acompanhamos o pai das tenistas Venus e Serena, Richard Williams (Will Smith). A história então conta sobre os planos e treinamentos que pai das campeãs criou para transformá-las em grandes atletas.

Durante o filme somos apresentados ao contexto vivido pela família Williams, o que motiva Richard a planejar uma vida melhor para as meninas. A família vive em uma zona periférica, onde constantemente se deparam com situações de violência. E para evitar esse destino para suas filhas, Richard e sua esposa Oracene (Aunjanue Ellis) desenvolvem uma rotina puxada mas repleta de carinho e apoio familiar.

Uma das principais questões dentro da produção do longa é que Richard Williams ainda está vivo, o que poderia fazer com que o filme aliviasse diversas de suas ações. Porém, o roteiro em nenhum momento suavizam seus erros, deixando bem clara a difícil personalidade de Richard, sua teimosia e sua falta de presença com seus filhos de outros casamentos.

Mas ainda assim, como um bom filme do gênero, ele ainda consegue inspirar e mostrar a importância da persistência, não só dentro do esporte nos treinos mas também fora dele. A obra também aborda outros temas como o preconceito racial, muito presente no esporte e na sociedade e traz a importância que Venus e Serena viriam a ser para a comunidade negra.

As partidas de tênis são outro destaque já que através dos rápidos movimentos de câmera conseguem transmitir a tensão e intensidade das partidas, trazendo também reações do público

King Richard (2021) - Imagem: Divulgação

King Richard (2021) - Imagem: Divulgação

e outros personagens, inteirando o próprio telespectador no jogo.

Will Smith brilha em seu papel como Richard Williams, alterando sua postura, tom de voz e conseguindo reproduzir todos seus maneirismos. Smith entrega uma de suas mais convincentes performances, trazendo todo seu carisma a tela e prendendo completa atenção dos telespectadores.

Outro grande destaque do filme é a atuação de Aunjanue Ellis. Ellis interpreta a mãe das meninas e é a voz da razão e quem bate de frente com Richard. Oracene é quase que a mão invisível na trajetória das meninas, de personalidade extremamente forte com uma performance que em nenhum momento fica na sombra de Smith.

E claro Saniyya Sidney e Demi Singleton, como Venus e Serena, entregam grandes atuações, jogando tênis de uma forma muito convincente, e com performances de fácil identificação com o público tanto por seus sonhos quanto por suas frustrações, trazendo para tela a grande confiança das irmãs Williams e seu grande apoio e amor uma pela outra.

Com uma marcante trilha sonora produzida por ninguém mais que Beyoncé, o filme traz uma história emocionante sobre perseverança, com incríveis partidas de tênis e mostram a importância e grandeza das irmãs Venus e Serena Williams.

Não exatamente biográfico, mas inspirado nas memórias de infância de seu diretor, produtor e roteirista Paul Thomas Anderson, *Licorice Pizza* atraiu muitas atenções. O filme recebeu

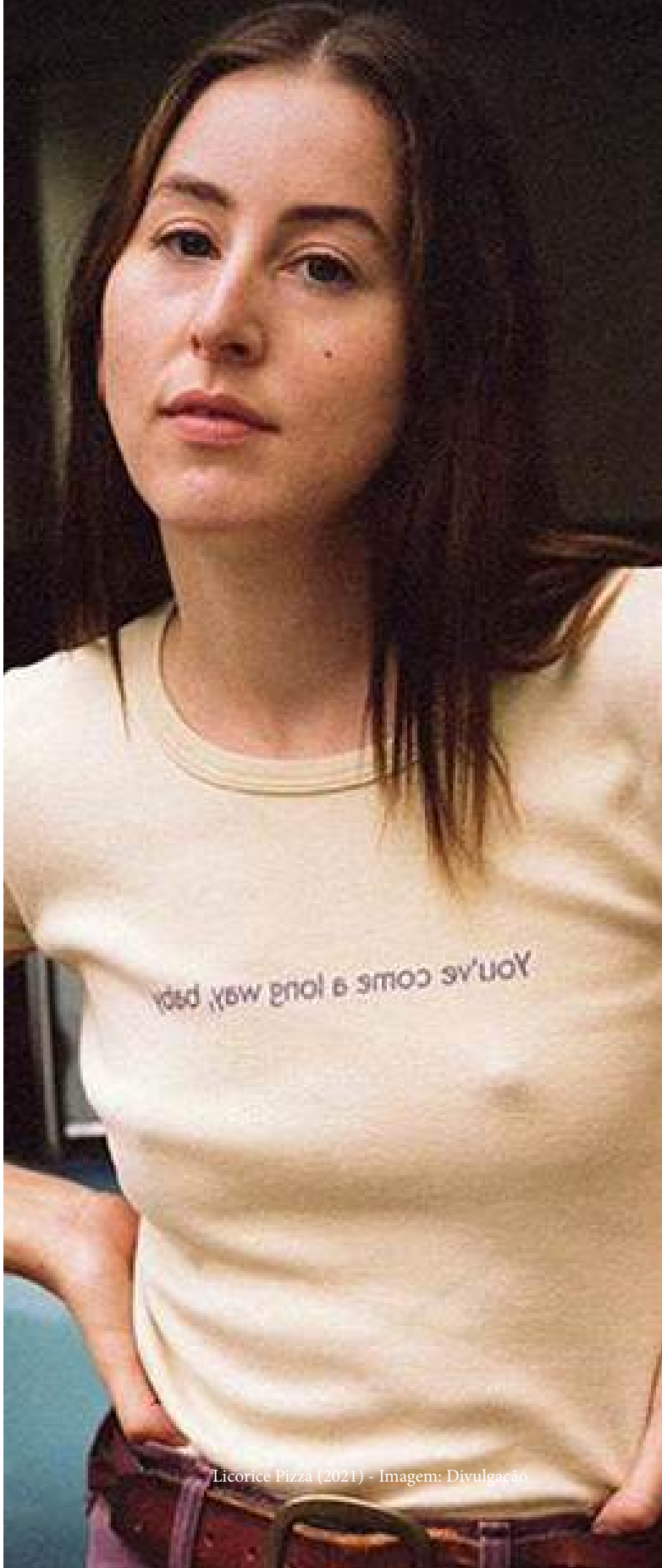
três indicações: Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Roteiro Original, mas não levou nenhuma para casa.

O longa se passa nos anos 70 e acompanha a amizade e platônico romance entre o jovem empreendedor de 15 anos Gary Valentine (Cooper Hoffman) e da indecisa e sem propósitos jovem de 25 anos Alana Kane (Alana Haim).

O filme traz uma homenagem clara aos anos 70, sendo vistos em sua ambientação, figurinos, cenários, paleta de cores e o próprio título que remete a uma famosa loja de Discos de Vinil, embora o filme não cite a loja nenhuma vez. E também pela premissa é quase impossível não lembrar de diversos filmes da década de 1970, que inclusive foram também indicados a categoria de Melhor Filme como *American Graffiti* (1974) e *Breaking Away* (1979), que também trazem as incertezas da transição da juventude para a fase adulta.

O roteiro é divertido e desenvolve o romance entre os dois personagens de uma forma inocente, gradual e sincera, até pela grande diferença de idade entre os dois. Paul Thomas Anderson explora com perfeição a relação dos dois, que desde a primeira cena já tem uma química palpável. Através da amizade dos dois são explorados temas como o primeiro amor, o amadurecimento e a cumplicidade.

E desde o começo do longa o diretor já traz uma das melhores cenas do longa em um plano sequência onde os dois personagens se conhecem, com diálogos rápidos, surpreendentes e muito interessantes que conseguem prender magneticamente a atenção dos telespectadores.



Licorice Pizza (2021) - Imagem: Divulgação

Licorice Pizza (2021) - Imagem: Divulgação

O diretor ainda tem a intenção de trazer uma nostalgia. Assim, no filme, acompanhamos as aventuras dos dois personagens recortadas, quase como memórias, enquanto somos apresentados um pouco sobre o contexto da época. A fotografia do filme também impecável traz uma perfeita imersão nos anos 70 com suas cores fortes e opacas e estampas marcantes.

Um dos grandes focos do filme são seus protagonistas de personalidades únicas. O personagem de Cooper Hoffman, mesmo sendo menor de idade, age como um adulto, até na forma de se vestir, evidenciando sua pressa em crescer e já apresenta uma mentalidade muito ambiciosa e empreendedora. Gary se apaixona completamente desde o momento que vê Alana e o ator interpreta esses sentimentos perfeitamente.

Mas sem dúvidas o destaque do longa é Alana Haim. A atriz entrega uma complexa, única e interessante personagem e rouba qualquer cena que participa com suas excentricidades. Durante o longa Alana passa por diversos momentos de autoconhecimento e amadurecimento, mudando de profissões e estilos, o que torna a personagem ainda mais real e de fácil identificação. A personagem tem uma personalidade intensa que às vezes beira o imprevisível e traz uma das mais carismáticas performances dessa temporada do Oscar, mesmo, injustamente, não tendo sido indicada à categoria de melhor atriz.

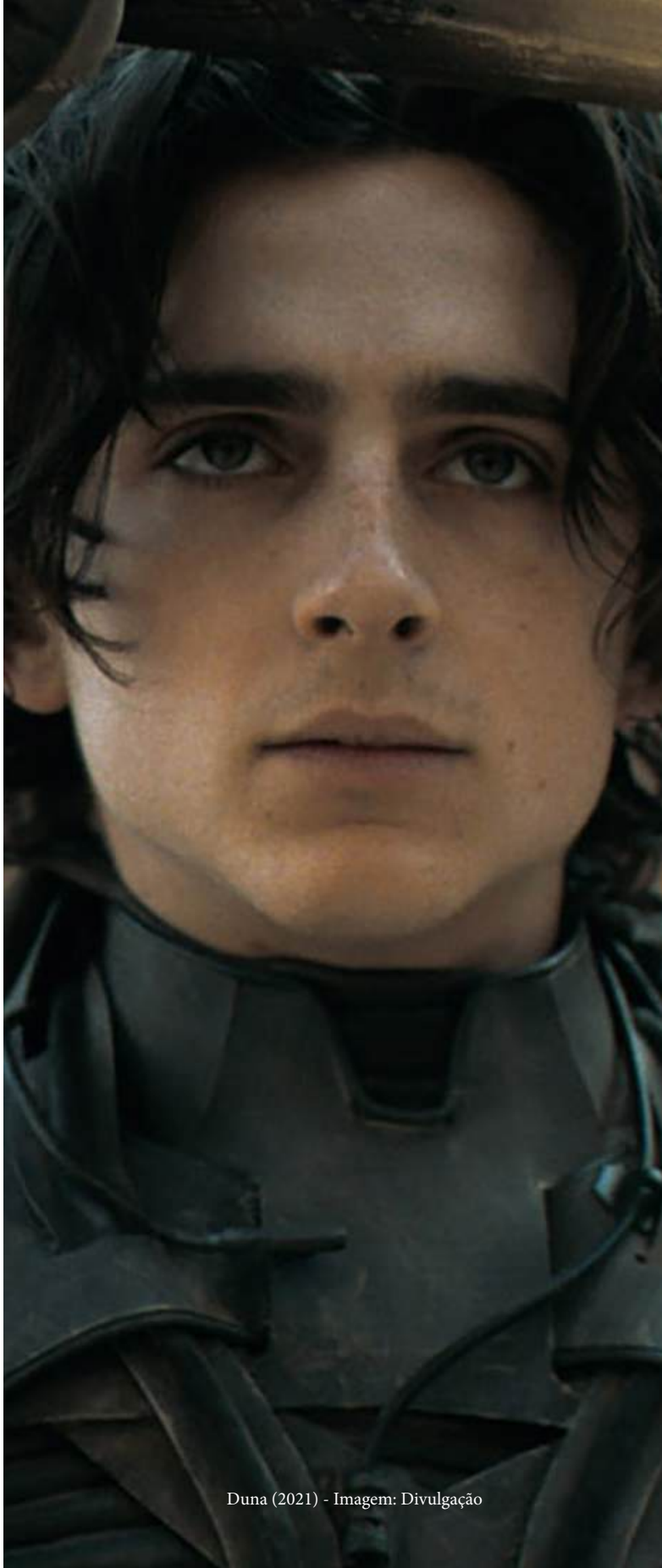
Licorice Pizza é um belíssimo filme que homenageia os anos 70 e a antiga Hollywood e traz um criativo e interessante coming-of-age.

E nesse ano também temos a indicação de um dos grandes épicos da década: *Duna* (2021). O filme tem direção de Denis Villeneuve que também assina o roteiro com Jon Spaihts. O longa recebeu dez indicações dentro do Oscar e levou para casa seis estatuetas: Melhor Efeitos Visuais, Melhor Edição, Melhor Som, Melhor Design de Produção, Melhor Trilha Sonora e Melhor Fotografia.

O longa tem como base o primeiro livro da saga Duna, escrita por Frank Herbert, publicado em 1965, sendo essa a sua primeira parte. Adaptar a história de *Duna* foi um dos grandes sonhos do diretor desde que ele descobriu a adaptação Duna de 1984, que tem direção de David Lynch, e desde que leu o livro quando tinha 12 anos, visando uma adaptação mais fiel. O diretor resolveu adaptar a história apenas depois de dirigir outros filmes de ficção científica, *A Chegada* (2016) e *Blade Runner 2049* (2017), para se preparar.

No ano de 10.191, os planetas são comandados por um império. O Duque Leto Atreides (Oscar Isaac) é designado como responsável pelo planeta Arrakis, conhecido como Duna, que possui uma especiaria extremamente valiosa. Porém sua missão acaba desencadeando diversos problemas políticos e coloca em jogo o destino do planeta e de seu filho Paul (Timothée Chalamet).

Sem dúvidas a coisa que mais me chama atenção aqui é o universo em torno de Duna. As batalhas políticas, profecias, magias e até os diferentes povos com diferentes tradições são muito interessantes e bem desenvolvidas, o que inclusive me deixou com muita curiosidade de ler os livros.



Duna (2021) - Imagem: Divulgação

Eu tenho um fraco por jornadas de heroi, tanto que alguns dos meus filmes favoritos tem ela como base, e aqui temos uma muito bem feita que me lembrou bastante *Star Wars* e também *Game of Thrones*, que são grandes favoritos meus.

O filme tem aquela sensação de urgência, não só pelo perigo iminente de brigas políticas que crescem cada vez mais, mas principalmente pela parte mais religiosa/sobrenatural, da trama que acaba ganhando uma importância ainda maior na segunda parte.

O filme de 2021 funciona basicamente como um prólogo de uma grande aventura, nos explicando exatamente como aquele universo funciona e quais as funções de cada um dos personagens dentro da trama. Ele é um filme mais lento, mas a sensação que eu tenho é que Villeneuve queria garantir que nenhum detalhe daquele mundo seria perdido, então ele caminha sempre devagar.

O que é bom e ruim ao mesmo tempo.

Por um lado deixa o filme mais acessível, até falando como uma pessoa que não leu o livro, tudo vai ser explicado ou você sabe que vai ser comentado na segunda parte, o que deixa o filme mais interessante já que conseguimos seguir tudo que acontece com tranquilidade. Mas o longa em diversos momentos parece lento demais ou rápido demais, principalmente no clímax do filme.

Vou ser bem sincera e admitir que ele perdeu minha atenção algumas vezes e precisei voltar

Duna (2021) - Imagem: Divulgação

para assistir e em outros momentos ele parecia um trailer para o que iria acontecer. Tendo a segunda parte em mente, eu atrelo isso a dois fatores, o primeiro é o óbvio, de que o filme é introdutório então grande parte das cenas mais "legais" ficou na segunda parte e a segunda razão é que esse é um daqueles filmes para assistir no cinema, e acho que perdi muito da imersão do filme assistindo ele em casa.

Ainda assim, o filme consegue ser bem imersivo, principalmente pelo mundo criado. O universo aqui é futurista com viagens no espaço, aeronaves e construções cheias de tecnologias, mas ainda tem muitos traços medievais com construções que parecem antigas em alguns momentos, e as vezes remetem construções dos filmes de ficção científica dos anos 1980, barões, duques e imperadores além é claro do povo dos Fremen, que em comparação com os duques e barões, são vistos como selvagens, um povo que vive na areia do planeta Duna.

A fotografia do filme é realmente impressionante em diversos momentos colocando o deserto laranja como um dos protagonistas do longa, sendo extremamente marcante e constante, conseguindo passar uma sensação de imensidão e grandiosidade, ao mesmo tempo que uma solidão.

E a trilha sonora do magnífico Hans Zimmer completa essa sensação e ambienta ainda mais o telespectador na trama. O compositor inclusive passou uma semana no deserto de Utah sozinho para tentar assimilar alguns dos sons da paisagem enquanto pensava na trilha. E uma curiosidade é que o compositor é um grande fã dos livros e por conta disso recusou trabalhar com um de seus parceiros, Christopher Nolan, no filme *Tenet* (2020) para poder participar da trilha de Duna.

E, isso foi uma das coisas que eu tinha esquecido, mas o elenco de Duna é simplesmente fenomenal com atores extremamente talentosos fazendo os mais variados papeis. Pra não falar de todos, aqui eu destaco dois deles: Timothée Chalamet e a Rebecca Ferguson.

Timothée Chalamet é quem nos guia durante essa épica aventura com um protagonista jovem, que ainda tem muito a aprender, e desenvolver, é um tanto quanto inseguro, principalmente de seus poderes sobrenaturais, mas tem a vontade de fazer algo, seja lutar, se vingar ou mudar o mundo. Ele tem um tom mais triste e sombrio que a maioria dos outros protagonistas de uma jornada do heroi, o que é bem interessante, além de ser inteligente e carregar consigo algumas características de liderança.

Mas acho que a personagem que eu mais gosto aqui é a Rebecca Ferguson, que aqui interpreta a Lady Jessica, que além de mãe de Paul Atreides também faz parte das Bene Gesserit, uma irmandade "mágica" que tem como responsabilidade ajudar na evolução humana. Sua performance é muito interessante e misteriosa, em momentos se mostrando frágil e preocupada como uma mãe e em outros corajosa e forte, principalmente quando age em prol das Bene Gesserit.

Num geral, o filme é muito bom e uma boa introdução para um universo tão grandioso, apesar de em alguns momentos ficar mais cansativo, *Duna* consegue deixar aquele gostinho de quero mais.

WEST SIDE STORY.

Eu sei, eu sei, a história de *West Side Story* (Amor, Sublime, Amor) já foi premiada em 1962 com o Oscar de Melhor Filme, e talvez fosse mais interessante para a Academia premiar outro filme com uma história original, mas, pra mim, o remake de *West Side Story* é um dos melhores filmes da década.

O longa foi dirigido por Steven Spielberg, que é um fã declarado do musical, e entrega um filme próprio que em momentos passa o original em qualidade. O diretor é de fato o maior diferencial que o filme de 2021 tem da sua versão original, já que ele dirige o longa com uma paixão gigantesca, respeitando sua versão original e trazendo novos aspectos que completam mais ainda o filme.

O musical, então, é um remake do clássico *West Side Story* (1961), que é uma adaptação do espetáculo da Broadway, que por sua vez é releitura do clássico de Shakespeare, Romeu e Julieta, que toca em assuntos como o preconceito, a intolerância social, racismo, a imigração e o famoso Sonho Americano.

Além de Melhor Filme, o longa recebeu outras seis indicações, levando para casa a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante para Ariana Debose. A vitória de Debose acaba sendo extremamente simbólica já que Rita Moreno venceu essa mesma estatueta em 1962 interpretando a mesma personagem, a Anita.

O longa se passa em Nova Iorque nos anos 50 e acompanha a disputa entre as gangues Jets e Sharks pelo controle de um território. Os Sharks são imigrantes porto-riquenhos, liderados por Bernardo (David Alvarez), que vêm para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor e os Jets são nascidos estadunidenses, liderados por Riff (Mike Faist). A narrativa tem sua mudança quando Tony (Ansel Elgort), melhor amigo de Riff, se apaixona por Maria (Rachel Zegler), irmã de Bernardo.

Um desses fatores que fazem o filme ser diferente é o realismo dos anos 1950 e dessa Nova Iorque. A ambientação do filme é impecável, com cenários, figurinos e objetos da época, o que garante uma imersão completa do telespectador. Spielberg se atenta em mostrar que nenhuma das gangues, eram bem vindos naquela região, que passava por uma reurbanização, contexto esse exposto nas diversas obras e canteiros de construção mostrados ao fundo das cenas. Ao contrário do antigo filme, aqui os Jets são descendentes de imigrantes italianos e irlandeses, que também eram vistos com desdém pela população nativa da cidade.

Ainda sobre o realismo, Spielberg insistiu que todos os personagens latinos fossem interpretados por pessoas latinas (aqui no contexto dos Estados Unidos que se equivalem também a descendentes de latinos), e também muitas partes do filme falam espanhol, seja em conversas entre si ou em músicas. Além disso, o diretor tomou uma decisão impactante e ousada em não legendar as esse trechos, em parte por perder parte do significado tentando uma tradução literal.

E o elenco escolhido também foi a dedo, diferente do original, a maioria são dançarinos e cantores excepcionais, que já estiveram em

West Side Story (2021) - Imagem: Divulgação

West Side Story (2021) - Imagem: Divulgação

outros grandes musicais da Broadway, a exemplo Mike Faist, que atuou em *Newsies* e Ariana DeBose em *Hamilton*.

Além disso, no longa é criado uma identidade para cada uma das gangues, os Jets sempre são vistos tons frios, como azul, branco, verde, com roupas já gastas e sujas e práticas como jeans, all stars evidenciando o estado financeiro dos garotos. Enquanto isso, os Sharks usam apenas cores quentes, como vermelho, amarelo, laranja, e com roupas limpas, representando a esperança deles nessa nova vida.

O roteiro do filme também foca em dar a Tony e Maria mais profundidade, já que essa era uma das maiores críticas do original. No longa atual somos apresentados aos desejos e sentimentos individuais dos personagens o que ajuda a identificação com os personagens, a exemplo de Maria, que vive com falta de liberdade pelo irmão controlador.

Todas as cenas musicais são muito bem coreografadas a ponto de serem quase que viciantes, prendendo a atenção completa do telespectador, mas claro parte disso é garantido pela espetacular trilha sonora, com todas as músicas cantadas com muita emoção e sentimento. Além disso, Spielberg filma essas cenas com excelência, acompanhando as danças quase que como um personagem.

E, claro, as atuações do filme são outro fator determinante. Mike Faist encarna na mais perfeita performance de Riff, passando até mesmo pela original. Ao mesmo tempo que o personagem seja durão e briguento, ele é extremamente irresponsável e em vezes até ingênuo e Faist consegue trazer uma forte

performance desses aspectos da personalidade do personagem, além de ter uma belíssima voz.

Ariana Debose é outro destaque. A atriz faz jus ao papel, mas ainda assim não entrega uma cópia, e traz uma performance com muita emoção e paixão roubando qualquer cena que participa, seja dançando, cantando ou atuando, com uma personagem muito forte e inesquecível.

E, pra mim o maior destaque, Rachel Zegler, em sua estreia no cinema. Zegler é uma atriz completa e traz uma apaixonante interpretação. Ao contrário de Natalie Wood, Rachel Zegler se entrega completamente ao papel trazendo uma das mais convincentes performances. Sua personagem é doce, ingênua e inocente mas ainda sim muito carismática, decidida e forte e a atriz traz todas essas características de forma quase palpável. E claro, a atriz possui uma maravilhosa voz que arrepia e cativa.
Vale destacar também Rita Moreno, que participa do longa como a esposa de Doc, Valentina, e mentora de Tony. Atriz traz uma marcante performance, também trazendo essa conexão com o primeiro filme, e entrega uma emocionante performance da música Somewhere.

Remakes nem sempre cumprem seu papel, e em grande maioria deixam a desejar, mas esse não é o caso do *West Side Story* de Steven Spielberg. É evidente a admiração e paixão que o diretor ao gravar o musical, sendo visto a cada take do longa, e sendo levado esse sentimento a qualquer amante de musical, conseguindo passar em qualidade o longa original, e entregar um remake que se desconecta desse título e consagra Spielberg, mais uma vez, como um dos melhores diretores de toda história do cinema.

West Side Story (2021) - Imagem: Divulgação

Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo (2022) - Imagem: Divulgação

2023

O ano de 2023 dentro do Oscar foi um ano de virada, voltando com a presença de grandes filmes. O grande vencedor foi *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (2022), que recebeu onze indicações e levou para casa sete delas incluindo: Melhor Atriz (Michele Yeoh), Melhor Ator Coadjuvante (Ke Huy Quan), Melhor Roteiro Original, Melhor Direção e, claro, Melhor Filme.

Apesar de ser um grande filme, o longa tem direção e roteiro de Daniel Kwan e Daniel Scheinert, que também fazem parte da equipe de efeitos visuais (VFX), juntamente com outras 7 pessoas. Inclusive, a maioria das cenas foi realizada por um grupo central de 5 pessoas e nenhum membro da equipe estudou VFX na escola, aprendendo sozinhos com tutoriais gratuitos encontrados na internet. E o orçamento do filme foi extremamente baixo para um filme de Hollywood, com somente 14,3 milhões de dólares. Para Hollywood isso foi tipo um pastel de queijo e um caldo de cana.

Apesar de ter sido lançado somente em 2022, o conceito do filme surgiu para os Daniels em 2010, com um rascunho do roteiro ficando pronto em 2016. No entanto, o que eles não esperavam é que nos próximos anos, até começarem a finalmente gravar, o conceito de multiverso, que consideravam tão original em seu filme, simplesmente se tornaria extremamente popular. Mas apesar disso, vejo que a abordagem que eles trazem aqui são diferentes do que vimos em outros filmes.

O filme conta a história de Evelyn Wang (Michelle Yeoh), uma imigrante chinesa que luta para manter sua vida comum como proprietária de uma lavanderia sob a auditoria por conta de impostos. Porém no dia da sua auditoria ela recebe uma visita de outra versão de seu marido Waymond (Ke Huy Quan), que alerta que ela e todo o universo estão em perigo.

O roteiro do filme é muito criativo e original, ainda conseguindo ser profunda, falando principalmente sobre a família e o ciclo de traumas dentro dela. Esse é um daqueles filmes que fica com você depois de assistir. Sinto que para realmente aproveitar toda a experiência é preciso assistir de braços abertos, sabendo o mínimo possível, para conseguir aproveitar toda a viagem e experiência cinematográfica que ele propõe.

O roteiro do longa de fato não tem medo de ser estranho, abraçando esse fator em diversos momentos. O filme usa do multiverso para falar sobre as escolhas de vida, a família, o amor, a existência e problemas mundanos, se utilizando muito de situações comuns e conhecidas por todos, dessa forma é extremamente fácil se identificar. O longa, apesar de caótico, traz diversas referências que são importantes e impactam a história de alguma maneira. Além disso, o roteiro brinca com a imprevisibilidade, surpreendendo o espectador com viradas inesperadas mas ainda sim condizentes com os arcos dos personagens, a história e o estilo da narrativa.

O longa traz em seu início um drama familiar mostrando como cada estrutura da vida de Evelyn está despencando, discussões com o marido, afastamento da filha, problemas com

Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo (2022) - Imagem: Divulgação

os negócios e a vinda de seu pai, tudo isso contextualiza a vida comum e infeliz vivida pela protagonista, que vive estressada com tudo em todo lugar ao mesmo tempo.

E a própria montagem do filme, embora dividida em partes, tem o ritmo de uma bomba relógio, remetendo a existência caótica em que encontramos a protagonista lidando e resolvendo diversos problemas pessoais e profissionais ao mesmo tempo, algo que nada mais é do que a vida real.

O filme passa por diversos gêneros como drama, fantasia, ação, ficção científica, aventura e muito mais, mas, ao mesmo tempo, não pertence completamente a nenhum. É como o próprio título sugere, muito caótico trazendo um verdadeiro multiverso da loucura, sendo um filme intimista e ao mesmo tempo global e reflexivo enquanto extremamente frenético.

Falando em criatividade, as sequências de ação do longa são extremamente interessantes, surpreendendo a cada take se utilizando de táticas diferentes. Além disso, o aspecto visual do filme também impressiona se utilizando de técnicas simples, mas que trazem um resultado maravilhoso e viciante, e também usando muitos efeitos visuais devido à sua premissa multiversal surrealista, o que ajuda a prender o espectador do início até o final.

E mesmo com todo caos ainda há espaços para momentos dramáticos e atuações estrondosas de todo o elenco, porém claro quem mais se destaca é Michelle Yeoh. A atriz traz uma personagem visivelmente cansada mas ao mesmo tempo tem um carisma que envolve o público. A atriz tem um ótimo timing cômico e traz uma performance

muito humana representando cada emoção com excelência.

Stephanie Hsu, como a filha de Evelyn, também é um dos destaques do filme, entregando uma performance muito verdadeira e carismática, conseguindo captar com facilidade a atenção e carinho do espectador. E claro, Ke Huy Quan, que traz um personagem cheio de nuances com uma performance engraçada e ao mesmo tempo impactante.

Sensível, engraçado, marcante e envolvente Tudo em *Todo Lugar Ao Mesmo Tempo* traz uma história com a principal premissa de "Como seria minha vida se eu tivesse feito algo diferente?". Trazendo questões existenciais, ele emociona e diverte sendo quase uma carta à vida.

E falando em grandes filmes, nesse ano no Oscar alguns blockbusters entraram na seleção de indicados a Melhor Filme, sendo um deles *Avatar 2: O Caminho da Água* (2022).

Nessa altura do campeonato vocês já estão cientes da minha rixa unilateral com o James Cameron, né? Então digamos que eu não era a pessoa mais animada para essa continuação, até porque não tinha gostado do primeiro filme. O longa recebeu quatro indicações: Melhor Filme, Melhor Direção de Arte, Melhores Efeitos Visuais e Melhor Som, e era um dos favoritos nas categorias técnicas, levando para casa a estatueta de Melhor Efeitos Visuais. Um resultado "frustrante" tendo em vista a passagem do primeiro *Avatar* (2009) na premiação.

Avatar 2: O Caminho da Água (2022) - Imagem: Divulgação

Avatar 2: O Caminho da Água (2022) - Imagem: Divulgação

Com mais de 10 anos separando os dois filmes, *Avatar 2: O Caminho da Água* veio não só como sequência do primeiro filme mas também com a promessa de outros 3 filmes, que inclusive já tem até data de lançamento.

Na história reencontramos Jake Sully (Sam Worthington) e Ney'tiri (Zoë Saldaña) anos depois dos eventos do primeiro longa vivendo em paz com a natureza e formando uma família. A paz dos Na'vi porém é perturbada com a chegada de mais militares que querem explorar Pandora e tornar o planeta habitável para o chamado povo do céu.

Se em 2009 James Cameron já impressionava pelos aspectos visuais do mundo de Pandora e em seu segundo filme o visual é mais impressionante. Após a pandemia da Covid-19 esse é o tipo de filme que trouxe de volta o público ao cinema, não é atoa que ele conseguiu uma bilheteria de 2,3 bilhões de dólares na bilheteria mundial, até por entregar uma grande experiência cinematográfica fazendo até mesmo o 3D valer a pena.

A maravilha de Pandora é criada com tantos detalhes que torna quase impossível lembrar que o local não existe na vida real. Aqui o CGI dá um show e mostra o que de fato é possível construir com o uso dos efeitos especiais. Um filme que com certeza vai servir de referência para vários outros que virão. Para além dos avatares, a natureza em si acaba se tornando um personagem apenas pelo tanto de detalhes. A coloração das plantas, os movimentos dos

animais e insetos e claro a água dentro do filme são impressionantes.

Além disso, no segundo filme, o mundo se torna ainda mais palpável. Com a língua dos Na'vi ainda mais viva e expandida, a construção do mundo é maravilhosa, mostrando ainda mais sobre as vivências e tradições daquele povo.

No filme também o protagonismo fica muito mais com os filhos do casal principal, cada um deles com personalidades muito interessantes e diferentes entre si, mas que funcionam muito bem junto entregando uma convincente família. Dentre os filhos biológicos tem Neteyam (Jamie Flatters), mais velho e mais calmo e centrado mas que ainda sim se rende as ideias do irmão do meio e impulsivo Lo'ak (Britain Dalton), e por fim Tuk (Trinity Jo-Li Bliss) a filha caçula.

Completando a família, e o destaque entre os filhos, entra Kiri (Sigourney Weaver), que é filha da cientista Grace (também vivida por Sigourney Weaver) que morreu no primeiro filme, que tem uma narrativa muito interessante dentro do longa, explorando as maravilhas de Pandora com a mesma admiração que o próprio espectador. Entre as crianças também entra Miles "Spider" Socorro, que com a saída do povo do Céu acaba ficando com os cientistas que permanecem em Pandora por conta de sua idade. Spider é obcecado pelos Na'vi e mantém uma amizade muito bonita com os filhos de Jake e Ney'tiri.

E no começo do longa vemos as vivências dessa família quando acontece a chegada de mais militares. No primeiro filme o objetivo era minerar o planeta e aqui é torná-lo habitável para a vinda dos humanos, já que a Terra se encontra próxima do fim.

Essa trama, porém, é abandonada na primeira uma hora de filme já que a narrativa é consumida por um desejo desesperado de vingança pelo Coronel Miles Quaritch (Stephen Lang), que volta nesse filme como Avatar, após uma explicação bem mediana, e move diversos recursos, e praticamente montanhas, apenas para se vingar de Jake Sully. As motivações do

Avatar 2: O Caminho da Água (2022) - Imagem: Divulgação

Avatar 2: O Caminho da Água (2022) - Imagem: Divulgação

personagem são bem fracas, até porque no filme anterior o personagem era mais coerente, e sem sentido dentro da nova narrativa, já que aqui matar Jake Sully não elimina os outros Na'vi, que são tão guerreiros como ele.

E com isso, infelizmente, o maior inimigo do filme são as inconsistências de seu roteiro. Bom primeiramente a estrutura e os atos narrativos são idênticos ao primeiro filme, porém mais alongados. O filme também se segura muito para desenvolver algumas relações e eventos, que muito provavelmente serão explicados e desenvolvidos nos próximos filmes. Porém com isso o filme acaba perdendo muito em sua narrativa entregando momentos genéricos, previsíveis e com explicações bem ruins.

Talvez um dos erros que mais me impactou é a adição de fatos e regras ou a quebra destes sem grandes explicações desde o início do filme, até porque o primeiro longa é finalizado sem grandes pontas para um segundo, isso acaba acontecendo ao longo do filme todo. Não só a origem dos personagens da Kiri e Spider, ou a volta do coronel, mas também nas histórias, lendas e tradições dentro dos povos que são explicados muito de repente e acrescentadas sem dó para servir as necessidades dos personagens e conseguirem movimentar os mesmos. O objetivo dos personagens também pode ser questionado em diversos momentos gerando uma quebra de conexão entre espectador e filme.

O filme também traz diversas cenas em que nada acontece, até para contemplar ainda mais o visual, mas o que acaba o deixando extremamente longo com mais de 3 horas de duração, sendo até mesmo incoerente em momentos já que de uma hora para outra o

perigo deixa de ser iminente com facilidade. O final do filme traz uma cena de ação que supera o primeiro mas que ainda sim entrega uma resolução previsível, que não consegue deixar o espectador na ponta de sua cadeira. Mas apesar disso, o longa traz uma melhora grande do primeiro e consegue terminar com uma curiosidade para as sequências.

Avatar 2: O Caminho da Água é um filme impecável e bonito visualmente, ideal para ser visto dentro do cinema, porém ele peca em seu roteiro raso e genérico com uma aventura mediana e promessa de melhora para os próximos.

E outro grande blockbuster indicado foi *Top Gun: Maverick*, continuação de *Top Gun – Ases Indomáveis* (1986), coincidentemente uma continuação assim como Avatar 2. O filme recebeu seis indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Som, muito merecidamente.

E bom, continuações de filmes solos sempre são perigosos, ainda mais com uma diferença de 30 anos entre os dois filmes. Mas *Top Gun: Maverick* não só faz um ótimo trabalho como supera o original em diversos momentos.

Mais de 30 anos depois do lançamento do primeiro filme, reencontramos Pete "Maverick" Mitchell (Tom Cruise) trabalhando como um piloto de testes para a marinha, se recusando a subir de patente para não abrir mão do que mais gosta: voar. Porém ele é convocado novamente

Top Gun: Maverick (2022) - Imagem: Divulgação

Top Gun: Maverick (2022) - Imagem: Divulgação

ao Top Gun, mas dessa vez como professor. A missão de Maverick é criar e treinar uma equipe perfeita, dentre os melhores dos melhores do Top Gun, para enfrentar missão impossível. Dentre seus alunos um rosto já que conhecido, Bradley "Rooster" Bradshaw (Miles Teller) filho de seu falecido melhor amigo Goose.

O longa traz um grande dilema na vida de Pete: seu envelhecimento, já que, por conta dos avanços tecnológicos, no futuro não serão necessários pilotos de testes, assim sua atual posição na marinha está em risco. Além disso, assim como o filme original de 1986, Maverick continua com a mesma reputação, sendo extremamente teimoso e rebelde, o que dificulta conseguir qualquer outra posição. Assim, quando é convocado, a pedido do Almirante Tom "Iceman" Kazansky (Val Kilmer), ele não tem outra opção senão aceitar treinar a equipe para o que parece ser uma missão suicida.

Ao contrário do original, o novo filme conta com uma história mais completa com uma missão, que não só consegue envolver o espectador, mas também faz sentido no contexto atual onde o uso de pilotos de caça não são tão comuns. Além disso o longa ainda traz diversos elementos nostálgicos do primeiro filme como as músicas, o filho de Goose, que tem uma personalidade que mescla a do pai e a de Maverick, o novo personagem Hangman (Glen Powell) que funciona como um jovem Iceman, o próprio Iceman como almirante da marinha e o romance entre Pete e Penny (Jennifer Connelly), que apesar de ser novo pra narrativa de Top Gun

ele traz algum elemento do relacionamento entre Maverick e Charlie (Kelly McGillis) no primeiro filme. E claro, o filme foca bastante em mostrar toda a culpa que Maverick carrega pela morte do amigo e explora isso através de seu relacionamento com Rooster.

A missão que os pilotos teriam de enfrentar também é explicada desde o início, isso não só gerou um maior engajamento do público com a história, já que é possível compreender perfeitamente o que os pilotos devem fazer, mas também fez com que os riscos, perigos e obstáculos parecerem mais reais, trazendo assim uma atmosfera recheada de tensão.

A continuação também se aproveita muito dos avanços tecnológicos, tanto nos aviões utilizados pelos pilotos, quanto na produção do filme. O longa é um verdadeiro espetáculo. Ele utiliza uma tecnologia IMAX que faz toda a diferença e garante uma imersão completa passando a sensação de adrenalina sentida pelos pilotos.

As cenas aéreas, ainda, são cheias de manobras e voos em alta velocidade com um espírito ao estilo da destruição da estrela da morte em *Star Wars: Episódio IV - Uma Nova Esperança* (1977). Além disso, a pedido de Tom Cruise, o uso de CGI e tela verde foi cortado, assim todos os close-ups nas cabines de voo foram gravados durante sequências verdadeiras de voo, garantindo um maior realismo do filme. Para isso ser possível, o elenco teve que passar por extensivos treinamentos para suportar as demandas físicas durante os takes.

E completando a imersão do público, a sonoplastia do filme é impecável e minuciosa trazendo sons desde os mais simples e óbvios até os mais imperceptíveis como os barulhos internos na cabine de voo e os externos como o som dos jatos deslizando no ar.

E aqui Tom Cruise mais uma vez mostra que nasceu para o gênero de ação/aventura com uma performance muito natural e real. A realidade é que Maverick e Cruise formam um par perfeito e o personagem é quase uma versão biográfica do ator, já que ambos gostam de testar o limite

Top Gun: Maverick (2022) - Imagem: Divulgação

e, mesmo envelhecendo, não deixam de sempre dar seu máximo. Dessa forma o papel, assim como em 1986, cai como uma luva para o ator, passando inclusive a sensação de que a diferença de 30 anos entre os dois filmes é inexistente.

Top Gun: Maverick é um exemplo de continuação, não só respeitando e homenageando o filme original, mas também aprimorando e melhorando diversos aspectos da narrativa e sendo um exemplo de experiência cinematográfica.

Já indo para um lado mais satírico, *Triângulo da Tristeza* (2022). O longa tem direção e roteiro de Ruben Östlund recebeu três indicações: Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Roteiro Original, mas não venceu nenhuma estatueta.

O filme é dividido em três partes e acompanha o casal de modelos Carl (Harris Dickinson) e Yaya (Charlbi Dean) enquanto eles embarcam em um cruzeiro de luxo com bilionários, influencers e magnatas. O passeio, que começa como uma ostentação de riqueza e futilidade, desmorona após uma tempestade e um jantar catastrófico, culminando em um naufrágio que leva os sobreviventes a uma ilha deserta, onde as hierarquias sociais se invertem.

O roteiro do filme trabalha com muita imprevisibilidade, tentando sempre surpreender o espectador e focando bastante nas reações absurdas das pessoas nas situações mais malucas. Porém ao mesmo tempo esse não é um filme para se conectar com um personagem ou até ver um desenvolvimento deles, e sim suas

Triângulo da Tristeza (2022) - Imagem: Divulgação

Triângulo da Tristeza (2022) - Imagem: Divulgação

dificuldades e futilidades, falando muito mais sobre um conjunto do que um personagem isolado. O que acaba ficando meio repetitivo conforme o longa avança.

A obra é dividida em três partes e trata sobre temas como o dinheiro, o poder, as redes sociais e sua influência, a hipocrisia e a validação em principal da alta sociedade. O filme então traz essas críticas de forma extremamente sarcástica e cômica e funcionando como uma verdadeira tragédia grega, aumentando a intensidade de maneira gradual.

O filme então busca criticar e deixar de forma explícita a realidade fictícia que todos os personagens vivem, onde o mundo real não só não afeta eles como também não faz sentido dentro de suas realidades. Além disso, todos os os personagens têm profissões bem diferentes que ainda sim não justificam seu poder já que eles nada mais são que pessoas normais sem nenhum talento mostrando que o que os torna poderosos é apenas seu dinheiro.

A montagem do filme é interessante e vai ficando cada vez mais caótica, porém ao mesmo tempo é muito brusca os cortes de cada partes. O longa também tem alguns momentos que eu considerei repetitivos e cansativos, e isso pesa muito em um filme com quase 2h30 de duração, acho que é um filme que poderia ser mais curto. Sobre isso também gostaria que a terceira parte fosse mais alongada e as duas primeiras encurtadas.

Mas sinto que essa é uma opinião apenas minha já que desde a estreia do longa muitas comparações têm sido feitas sobre ele ser uma

Triângulo da Tristeza (2022) - Imagem: Divulgação

mistura de *Parasita* (2019) com *O Menu* (2022), e até mesmo traçando um paralelo com a série *White Lotus* (2021 - atualmente). Ou seja, essas críticas já foram feitas dessa maneira e eu sinto que na terceira parte, embora ainda similar com as outras obras, temos o diferencial do contexto em que os personagens estão inseridos, o que altera todo o sistema de poder.

A indicação à Melhor Direção é justificada pela segunda parte da história onde temos o caótico jantar. A câmera balança tal qual o barco balança com as ondas do mar, assim conseguindo nos passar a mesma sensação que os personagens têm, garantindo uma maior imersão na história. Além disso, durante toda a sequência o diretor consegue estabelecer uma atmosfera de desconforto e antecipação, o que prende bastante a atenção do público.

Em relação às atuações de fato o grande destaque vai para a camareira Abigail, interpretada pela Dolly De Leon, que infelizmente só é aproveitada na terceira parte do filme. A atriz traz de longe a melhor performance dentro do filme com uma personagem calma e rígida, sendo a única com uma visão realista do mundo.

O filme é divertidinho e vale pelo seu humor ácido, mas ainda sim é uma história que eu sinto que já vi antes e de uma forma melhor. Mas, o longa cumpre seu propósito, mostrando de fato a podridão dentro da sociedade.

E falando em crítica, nesse ano também temos *Entre Mulheres* (2022), um longa com uma história simples mas uma forte crítica ao machismo e ao patriarcado. Dirigido por Sarah Polley, o longa é baseado em um livro escrito por Miriam Toews inspirado em eventos reais

ocorridos na colônia de Manitoba, na Bolívia. O longa recebeu duas indicações dentro do Oscar nas categorias de Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Filme, levando para casa a estatueta de Melhor Roteiro Adaptado.

O filme acompanha a história de um grupo de mulheres que vivem em uma colônia onde são constantemente violadas pelos homens, que também controlam suas vidas e sua fé. A situação muda quando elas conseguem identificar os agressores e eles são mandados para a prisão por alguns dias. As mulheres então se reúnem para tomar uma decisão importante entre não fazer nada, ficar e lutar ou ir embora da colônia.

Como o título em inglês sugere, *Woman Talking,* o filme de fato é *Woman Talking*, com uma discussão que aborda temas como a religião, o poder, o futuro e o perdão, trazendo um conceito bem diferente de filme, principalmente analisando os indicados desse ano. Assim, durante o filme acompanhamos as mulheres dessa colônia em um grande debate discutindo qual será seu futuro levando em consideração a religião, que tem fortes influências em suas vidas, controle que os homens têm sobre elas, e realidade que elas enfrentam.

A realidade em que as mulheres vivem é bem chocante já que em determinado ponto do filme é revelado que a história se passa no ano de 2010, e as personagens ainda vivem em um contexto de vila, sem terem acesso às escolas, que só recebiam os homens, não sabiam ler nem escrever e ainda eram controladas pelos homens,

Entre Mulheres (2022) - Imagem: IMDb

Entre Mulheres (2022) - Imagem: Prime Video

trazendo uma reflexão de que ainda existem diversos lugares no mundo em que a realidade daquelas mulheres é a real.

Sem dúvidas um dos destaques dentro do filme é seu elenco, com nomes como Rooney Mara, Claire Foy, Jesse Buckley e Frances Mcdormand, que também é produtora do filme. Não só os nomes dentro do longa são fortes como todas elas são muito aproveitadas dentro do longa, cada uma tendo seu tempo de se destacar, entregando atuações muito interessantes e impressionantes. Até estranhei o fato do longa não receber nenhuma indicação nas categorias de atuação.

Nesse quesito também é interessante destacar também o contraste que as personagens têm entre si. Cada uma das personagens tem jeitos, personalidades, opiniões e pontos de vida bem diferentes, o que rendeu ao filme ótimas cenas e embates que convidam o próprio espectador a pensar junto com as mulheres sobre qual escolha elas deveriam tomar.

O filme faz uso de poucos cenários, basicamente se passando apenas dentro de um celeiro onde a discussão acontece e também se usa muito de tons sombrios escuros retratando a opressão que aquelas mulheres vivem mas também remetendo a fotografias antigas, meio que passando a mensagem de que aquele tempo pertence no passado. Porém apesar disso e do tema pesado a Sarah Polley consegue manter uma ótima atmosfera graças a sensibilidade com que ela conduz o longa conseguindo manter uma mensagem respeitosa e esperançosa.

Apesar de ser um filme basicamente baseado no diálogo e nas discussões, ele consegue prender a atenção com muita facilidade, não só pelas atuações, mas também pela curiosidade do espectador. No longa encontramos essas mulheres em uma situação de extrema importância que necessita de uma decisão logo, já que em dias os homens estarão soltos, decisão essa que parece não ter solução o que acaba chamando atenção fazendo com que o público também fique debatendo com as mulheres qual a melhor decisão.

O filme então tem como propósito dar voz e ouvir mulheres que não só foram violentadas fisicamente como também foram silenciadas, onde finalmente conseguimos ouvir suas opiniões. Não só isso como durante os embates também vemos como o problema dentro da colônia foi implantado por gerações dentro daquela sociedade, afetando principalmente as mulheres, mas também os homens.

Bonito, diferente e marcante, *Entre Mulheres* foi um filme que eu não esperava nada e conseguiu me entregar tudo e mais um pouco, impressionando a cada reflexão e convidando o público a participar do embate junto com aquelas mulheres.

Já na cota cinebiografia quem entra é o filme *Elvis*. Dirigido por Baz Luhrmann, o filme recebeu oito indicações, sendo um dos favoritos na categoria de Melhor Ator (Austin Butler), que acabou indo para Brendan Fraser (A Baleia), saindo de mãos vazias da 95º cerimônia da premiação.

E o grande diferencial do filme é que ele conta a história de Elvis da perspectiva do empresário do Rei do Rock, o Coronel Tom Parker. Essa escolha não só trouxe uma trama mais íntima e inovadora, como também controversa, já que para alguns Parker criou Presley e para outros ele foi a razão da morte do cantor. O próprio longa brinca com isso trazendo em seus primeiros momentos Tom Parker rebatendo aqueles que o consideram vilão da história e trazendo alguns momentos em que a narração do personagem do empresário não bate com aquilo que é mostrado na tela.

Elvis (2022) - Imagem: IMDb

O longa traz a história do Rei do Rock Elvis Presley (Austin Butler) desde sua ascensão até seu auge, explorando, principalmente, sua relação com seu empresário Coronel Tom Parker (Tom Hanks) com quem manteve um relacionamento conturbado por mais de 20 anos. Por trazer a visão do Coronel acompanhamos a visão dele a respeito da fama de Presley. Um exemplo disso são as reações do público ao ouvir Elvis, principalmente em sua primeira performance do longa em que a plateia, em grande maioria feminino, vai a loucura ficando quase que hipnotizadas pelo garoto.

O filme tem um ritmo bem frenético que faz referência com a própria vida do cantor, principalmente os momentos finais onde Presley apresentou diversos shows seguidos e acabou sendo internado por conta da exaustão e abuso de drogas.

O roteiro é cheio de vida, trazendo uma narrativa interessante da vida do cantor. O longa traz a infância difícil de Elvis quando seu pai foi preso e ele e a mãe foram despejados de sua casa, e acabaram se mudando para um bairro habitado em sua maioria por pessoas negras. Com isso a obra deixa explícita a enorme influência e a base musical que a música negra como o jazz e o blues trouxeram para o cantor. Além disso o longa ainda dá breves pinceladas sobre a segregação racial, que era muito forte durante a carreira de Elvis.

O longa é muito grandioso e exagerado num bom sentido, incorporando a própria essência

Elvis (2022) - Imagem: Divulgação

Elvis (2022) - Imagem: MUBI

e talento de Elvis Presley. O diretor, Baz Luhrmann, tem fama de fazer filmes muito exagerados e em Elvis ele acerta a quantidade. Ao retratar o rei do rock o diretor traz grandes cenários, figurinos, maquiagens e um verdadeiro show em uma experiência cinematográfica muito imersiva. E parte disso é retratado pela impecável sonoplastia do longa que transforma o cinema em um verdadeiro show.

E claro, o longa se destaca muito por conta de suas excelentes atuações. Austin Butler incorpora o Rei do Rock de uma maneira fascinante e impressionante, desde seus movimentos e jeitos até no tom de voz. Inclusive durante a fase jovem do cantor é o próprio Butler quem canta as músicas. A performance do ator rouba qualquer holofote já que ele não imita Elvis, e sim, se torna ele. O ator ainda se atenta até os mínimos detalhes trazendo com perfeição as mudanças vividas pelo cantor ao longo dos anos. Butler realiza uma performance humana conseguindo encarnar o protagonista não só em seus momentos no palco performances mas também nos momentos íntimos e baixos da vida de Elvis.

O filme ainda conta com grandes atuações de Helen Thomson, que interpreta a mãe de Elvis, e Olivia DeJonge como Priscilla Presley. Thomson entrega uma mãe muito protetora de seu filho, até por tudo que já passou com ele. A atriz impressiona em momentos sofrendo com a infelicidade de seu filho. Já DeJonge traz uma Priscilla cheia de personalidade, que mesmo com pouco tempo de tela, ainda consegue entregar uma performance marcante, nos fazendo sentir pela personagem também.

O longa impressiona desde seus pequenos detalhes e conquistando qualquer público por conta da experiência. O longa consegue reviver e eternizar um dos grandes artistas da história, homenageando-o pela sua grandiosidade e mostrando sua influência na cultura pop.

E seguindo para um lado mais dramático temos a nova adaptação de *Nada de Novo no Front* (2022). O longa tem direção do alemão Edward Berger e foi a escolha da Alemanha para o

Nada de Novo no Front (2022) - Imagem: Divulgação

Oscar de Melhor Filme Internacional. O longa recebeu nove indicações e levou para casa quatro estatuetas: Melhor Filme Internacional, Melhor Trilha Sonora, Melhor Direção de Arte e Melhor Fotografia.

O longa é baseado em um livro de mesmo nome escrito por um veterno de Guerra chamado Erich Maria Remarque. Com cunho crítico e pacifista o livro chegou a ser proibido e queimado na Alemanha nazista e já foi adaptado para o cinema em 1930 ganhando inclusive o Oscar de Melhor Filme em 1930, na terceira edição da premiação. A primeira adaptação é bem interessante, porém ele acaba sendo prejudicado pela época em que ele foi filmado.

Na história acompanhamos o estudante alemão chamado Paul Baumer (Felix Kammerer) que, convencido por seu professor nacionalista a se alistar no exército junto com seus amigos para lutar pelo seu país durante a Primeira Guerra Mundial. Porém, conforme a guerra passa, os jovens vão percebendo que a realidade não é exatamente como o professor contou, evidenciando o horror e as tragédias presentes.

Em primeiro lugar seu roteiro. Apesar de já ter sido adaptado anteriormente, aqui o diretor resolve fazer abordagens diferentes não só mostrando as consequências da guerra, mas também desenvolvendo muito bem os relacionamentos dentro do filme, mostrando o quão frágil a vida se torna nesse contexto, onde

você um dia faz um amigo e no outro ele pode estar morto.

O longa também se passa em um longo espaço de tempo onde conseguimos nos tornar íntimos da realidade daqueles soldados e sofrer com as mortes e crueldades que acontecem. Diferente do longa de 1930 aqui também acompanhamos cenas que retratam negociações e debates políticos, de certa forma mostrando outro lado da guerra.

É legal eles terem colocado esses momentos até por uma contextualização cultural, porém às vezes esses momentos acabam quebrando um pouco a imersão, justamente pelo momento das trincheiras serem muito intensas.

E aqui o discurso anti bélico é muito mais forte, mostrando desde a primeira cena como os soldados já não são mais vistos como pessoas, e mais como objetos, sendo apenas mais um onde a sua vida é descartada tal qual a etiqueta em seu uniforme.

A fotografia é muito sombria e aposta em tons escuros com nenhum uso da cor amarelo, a não ser pelas luzes, que aqui também ganham dois significados de desespero e alívio, onde a luz pode ser uma salvação ou uma bomba prestes a explodir. O longa também faz muito uso de diversos tons de cinza, o que deixa em ainda mais destaque as violências e a tristeza e desilusão do período, e a cor vermelha que se torna angustiante em momentos.

Nada de Novo no Front (2022) - Imagem: Divulgação

Nada de Novo no Front (2022) - Imagem: Divulgação

É impossível não comparar esse filme com 1917, já que ambos retratam a primeira guerra mundial, porém apesar do 1917 trazer um plano sequência interessante aqui a história se torna ainda mais dolorida usando planos abertos conseguindo ambientar a guerra de uma maneira impressionante, passando a sensação de isolamento, até pelos amplos cenários e ao mesmo tempo de claustrofobia pelas trincheiras. O diretor também foca nas consequências além das mortes como o frio, falta de comida e doenças.

A confusão, o medo e o desespero são sentimentos que acompanham o espectador do começo até o fim, muito disso garantido por seus atores. Aqui todos trazem performances muito convincentes, mas neste quesito o destaque é Felix Kammerer. Acompanhamos o filme todo sob sua perspectiva então com facilidade nos tornamos próximos do personagem.

Com a mensagem remanescente de "na guerra todos perdem", *Nada de Novo no Front* traz um forte e pesado retrato sobre a guerra, que consegue ficar com você mesmo pela distância temporal dos eventos.

E esse ano também temos um filme de Steven Spielberg, *The Fabelmans* (2022) algo que me deixa muito feliz. E esse é ainda mais especial, já que ele também funciona como uma quase autobiografia, trazendo a história da infância de Spielberg e sua relação familiar. O filme recebeu sete indicações ao Oscar e absurdamente não venceu nenhuma delas.

O roteiro, escrito por Tony Kushner e pelo próprio Spielberg, sendo esse seu primeiro crédito de roteirista desde *A.I. Inteligência*

Artificial (2001), sendo muito pessoal, intimista e funciona em completo equilíbrio, conseguindo com facilidade se conectar com os espectadores justamente por mostrar a paixão de Spielberg, ou Sammy, pelo cinema. O longa também de certa forma homenageia a sétima arte de uma maneira muito bonita, mostrando a importância das imagens e do cinema em diversos pontos da vida de Sammy.

O filme acompanha Sammy Fabelman (Gabriel LaBelle), um jovem que se encanta pela sétima arte após assistir o longa *O Maior Espetáculo da Terra* (1952), e passa a produzir seus próprios filmes. Mostrando seus altos e baixos, o filme traz a infância, adolescência e começo da vida adulta de Sammy, abordando suas dificuldades, descobertas, sonhos, paixão pelo cinema e, principalmente, sua relação com seus pais.

É interessante dentro do filme notar as diferentes maneiras como Sammy enxerga as coisas ao longo de sua vida. Durante a infância, tudo é muito mágico, como um sonho, e o diretor faz isso de uma maneira muito interessante com um jogo de luzes, que inclusive acompanha o filme do começo até o fim, até de certa forma fazendo referência aos projetores de cinema e a própria luz necessária na hora gravar imagens. Nesses momentos a fotografia do filme brilha entregando um trabalho fascinante e muito admirável conseguindo trazer ainda mais magia para o filme, engrandecendo diversos acontecimentos do longa, principalmente aqueles relacionados ao cinema.

Também é marcante a maneira como são mostrados os filmes caseiros e os próprios bastidores do cinema, apresentando os diferentes equipamentos e técnicas utilizados pelo cineasta

The Fabelmans (2022) - Imagem: Divulgação

para fazer seus filmes. A produção desses longas e as experiências dentro do cinema que facilmente conseguem trazer um sentimento de nostalgia para o espectador. Além disso, dentro do longa é mostrado o poder e influência que as imagens possuem, visto tanto nos momentos em que Sammy edita seus filmes, de certa forma podendo manipular eles, como também nas reações dos outros personagens assistindo aos filmes e a forma como cada um deles se choca com as imagens apresentadas.

Apesar de funcionar como um drama e focar bastante no relacionamento dos pais de Sammy e em como esse relacionamento o impactou e o moldou, o roteiro é bem abrangente funcionando muitas vezes como um coming-of-age, conseguindo falar sobre diversos assuntos como o amor, o amadurecimento, o futuro e até mesmo o antisemitismo passado por Sammy em determinado ponto da história.

A relação com seus pais muda bastante ao longo do filme, se tornando interessante não só pelo forte impacto que isso causou na vida do jovem, mas também como é retratado no longa já que por vezes o garoto está mais próximo da mãe e em outras do pai, assim fazendo com que tenhamos acesso a diversos pontos de vista.

Além de Sammy, o clã dos Fabelmans tem integrantes bem interessantes. Seu pai (Paul Dano) é um inventor muito talentoso que apoia seu filho porém tem seus receios sobre Sammy seguir carreira com isso. Dano traz uma grande atuação interpretando a parte mais realista dentro do filme evidenciando as dificuldades da vida, sendo mostrado como vilão em alguns

The Fabelmans (2022) - Imagem: Divulgação

momentos por ser o responsável por tomar as decisões difíceis. Ainda me deixa triste o fato do ator não ter nem sequer recebido uma indicação ao Oscar.

The Fabelmans(2022) - Imagem: Divulgação

Com um espírito livre, sua mãe é a maior apoiadora e uma das mais criativas dentro da família. No filme Michelle Williams dá vida a uma mulher misteriosa, mágica e até mesmo fantasiosa que funciona em diversos momentos como o coração da família, mantendo sempre um lar caloroso e alegre. Mas claro, a atriz dá um show de atuação principalmente durante os momentos de tristeza, onde vemos a verdadeira forma da personagem, já que mesmo demonstrando em diversos momentos seu amor por seus filhos, ela carrega uma enorme frustração consigo.

E claro, Gabriel LaBelle que interpreta o Sammy durante sua adolescência entrega uma atuação extraordinária e muito convincente com um personagem muito humano e de fácil identificação. O ator consegue entregar todos os sentimentos do seu personagem de uma maneira impecável e sem esforços, muitas vezes apenas pelo olhar e seus jeitos.

Além disso, o filme ainda conta com o parceiro de longa data de Spielberg: John Williams, que compõe uma trilha sonora mágica que complementa e engrandece perfeitamente o longa. Essa magia faz ainda mais sentido quando vemos que a música dentro do filme está conectada com a personagem da mãe de Sammy.

Divertido, memorável e emocionante, *The Fabelmans* é um filme para os amantes do cinema. O longa se consagra como um dos mais importantes filmes da carreira do diretor, conseguindo de uma maneira muito pura expressar todo o amor e paixão que o cineasta tem com o cinema e transpassando isso para o espectador.

Outro grande filme de 2022 foi *Tár*; uma biografia de uma pessoa fictícia: Lydia Tár. Tár tem direção e roteiro de Todd Fields e recebeu seis indicações ao Oscar e era um dos favoritos

na categoria de Melhor Atriz (Cate Blanchett), e o meu favorito, que acabou indo para Michelle Yeoh. No final, assim como *The Fabelmans*, *Tár* saiu da premiação sem nenhuma estatueta.

Sem dúvidas esse não é um filme rapidinho para assistir qualquer dia. Ele é denso com cenas compridas, que não diz tudo pelo seu roteiro, falando muito pela direção. O longa funciona como um verdadeiro quebra-cabeça, extremamente recompensador no final, onde vamos entendendo quem é Lydia Tár.

O filme então conta a história de Lydia Tár, uma famosa regente, extremamente conceituada que conduz a Orquestra Filarmônica de Berlim. Porém, prestes a lançar seu livro e conduzir a gravação de uma grande sinfonia, Lydia enfrenta polêmicos escândalos que trazem à tona diversas controvérsias dentro de sua carreira.

Mesmo a persona Tár sendo fictícia, o filme traz toda a história com tanta veracidade que é capaz de nos fazer questionar se ela de fato é uma personagem inventada. Parte disso claro é atribuído ao roteiro de Todd Fields, que consegue nos convencer da genialidade e grandiosidade da personagem e seu talento. Segundo o cineasta, ele escreveu o roteiro já tendo o nome da Cate Blanchett em mente, uma grande aposta já que muitas coisas podem dar errado nesse processo, porém claro, não deu. E recebemos assim um grande filme com uma atuação estrondosa de Cate Blanchett.

Os diálogos são muito interessantes também já que não só revelam muito sobre a personagem, mas também sobre toda a estrutura social que ela se encontra. Todos seus encontros, sejam entrevistas, almoços ou reuniões são jogos de poder e social, ou pelo menos é isso que a personagem de Tár entende dessas relações.

O longa não tem uma trilha sonora bem estabelecida e se usa muito das próprias músicas da orquestra para preencher o filme, o que combina com perfeição com a persona de Tár. Trazendo essa sensação de "tudo ou nada". Além disso, o filme possui uma atmosfera de angústia como se estivesse preparando o público para uma verdadeira tragédia grega.

E aqui a direção se aproveita muito disso, trazendo cenas muito bem conduzidas de tensão apostando até em um terror que a mesma sente e ao mesmo tempo é causado pela personagem na audiência. A personagem é extremamente contraditória, assustadora e dominadora, porém Todd Fields a controla tão bem que se torna impossível não ficar admirado e assustado pelo seu talento e genialidade.

Durante o longa a música é tratada com força, perfeição e paixão, sendo muito fácil relacionar ele com a obra de Damien Chazelle, Whiplash (2014) principalmente o personagem Terence Fletcher (Jk Simmons) com Lydia Tár. Mas claro, ambas as obras são diferentes e têm objetivos diferentes. Se em Whiplash a ideia é falar sobre a perfeição e os limites e barreiras para atingir isso, aqui o debate é sobre o certo e o errado, tratando sobre temas como o cancelamento, suas consequências, a separação das obras dos artistas e os próprios limites da impunidade, onde durante quase 3 horas somos expostos as qualidades, grandioso talento e aos inúmeros defeitos da personagem. Em nenhum momento do filme o diretor define a verdade, deixando livre para o público decidir o que é o certo e o que é o errado.

Cate Blanchett é sem dúvidas uma das grandes atrizes do cinema. Ela é magnética em tudo que ela faz, sempre entregando performances memoráveis e profundas e em Tár não é diferente. Não só não é diferente como arrisco dizer que essa talvez seja a melhor performance da carreira da atriz.

Diversas críticas afirmam que a atriz está diferente e de fato ela tá. Apesar de interpretar um papel mais realista em comparação com outros que ela já atuou, sem uso de muita maquiagem ou próteses, aqui ela se diferencia do seu habitual pela sua postura. No filme a atriz vive essa compositora que tem uma personalidade extremamente complexa e controladora beirando um narcisismo, mas que ainda sim se torna uma pessoa genial dentro de sua carreira. Aqui no filme a atriz traz uma personagem que tem um perfil público e privado bem definidos, onde em cada um deles entendemos mais sobre sua personalidade e suas decisões. A personagem tem todo um modo de falar a andar e embora traga movimentos mais pesados, Blanchett faz tudo isso com extrema naturalidade e fluidez.

Tár não é um filme fácil, tal qual sua protagonista, e isso é uma das coisas que faz ele ser um grande filme. Todas as peças são colocadas com extremo cuidado que fazem total sentido no final. Sendo praticamente impossível de ser esquecido graças a sua grandiosidade.

Tár (2022) - Imagem: Divulgação

OS BANSHEES DE INISHERIN.

E o verdadeiro merecedor da estatueta do Oscar de 2023 é *Os Banshees de Inisherin* (2022). Surpreendente, seria a palavra que eu usaria para descrever o filme, não porque duvidava da qualidade do longa, mas porque não esperava o desenrolar da história.

O longa é dirigido e roteirizado por Martin McDonagh, responsável pelo maravilhoso *Três Anúncios para um Crime* (2017), e já havia trabalhado com os dois atores em *In Bruges* (2008), e aqui traz um longa que mistura perfeitamente a comédia e o drama, conseguindo com facilidade fazer o espectador passar por todas as emoções possíveis.

O filme recebeu nove indicações ao Oscar e assim como The Fabelmans e Tár, veja que não foi um evento isolado, também, absurdamente, saiu sem nenhuma estatueta.

O longa conta a história de Pádraic (Colin Farrell) e Colm (Brendan Gleeson), que são melhores amigos de longa data e vivem numa ilha remota na costa oeste da Irlanda. Num dia que parecia ser como qualquer outro, Colm decide colocar um ponto final na amizade, decisão que não é aceita por Pádraic.

Ao ver a sinopse do filme até dá a impressão que essa história não consegue se sustentar por quase 2 horas de duração. Porém, as consequências da briga entre os dois amigos e em principal, a personalidade de ambos os personagens, consegue com muita facilidade prender a atenção do começo até o fim, já que o público fica sedento por um desfecho da história. E esse talvez seja um dos grandes ganhos do filme, uma história simples, que cresce como uma tragédia grega, até por existir uma sensação de perigo pairando pelo ar.

O filme aborda sobretudo os relacionamentos, mais especificamente o fim deles. E aqui vemos um personagem disposto a fazer de tudo para reatar uma amizade, qual o limite dessas ações e as consequências de se passar os limites impostos. Durante o filme também acompanhamos toda a história pelo ponto de vista de Padraic, também curiosos e dispostos a ir longe para descobrir os motivos porque Colm quis terminar a amizade.

O filme mostra como um problema isolado consegue afetar toda uma comunidade, já que a briga entre os dois amigos acaba atingindo e envolvendo diversos outros moradores daquele povoado. E por se passar numa ilha com poucos moradores acabamos nos tornando íntimos dos moradores, seus dia a dia e os locais que eles normalmente convivem.

Por conta disso, também conhecemos um pouco mais sobre a cultura, tradição, religião e costumes daquele povoado, o que ajuda muito na própria ambientação do filme. Outro fator crucial é que o elenco principal do filme é irlandês. No longa também é muito presente uma relação com os animais, onde entendemos esses bichinhos como verdadeiros membros da família daqueles personagens.

Apesar de ser considerado uma comédia, o filme tem um tom bem sombrio e neste quesito Martin McDonagh trabalha muito bem com a comédia e com o drama. As piadas do longa

Os Banshees de Inisherin (2022) - Imagem: IMDb

vem de um jeito muito peculiar, geralmente se apoiando no jeito dos personagens e na sua linguagem corporal, falando principalmente sobre a solidão e questões existenciais vividas por eles.

Uma curiosidade engraçada é que a última cena do filme foi gravada de fato por último. Isso se deu porque Martin McDonagh não sabia se iria terminar o filme de uma maneira triste ou feliz, já que segundo ele o final poderia ter sido qualquer um dos dois. Porém depois de ver todos os elementos da história ganharem vida, o diretor percebeu que a história só poderia terminar de um jeito.

Vale destacar também a fotografia do filme, assinada por Ben Davis, que funciona quase que como uma pintura, mantendo o clima sombrio do filme com cores mais frias e escuras e capturando a beleza dos vales e montanhas daquele local de uma forma muito poética.

E claro um dos grandes destaques são os personagens únicos, excêntricos e as impecáveis atuações dos atores, tanto é que todos do elenco principal receberam indicações ao Oscar.

Kerry Condon, indicada à categoria de Melhor Atriz Coadjuvante, traz uma atuação poderosa da personagem mais racional dentro do longa. No filme ela vive a irmã de Padraic, Siobhán, dando conselhos, mediando conflitos e sofrendo com a tristeza do irmão. A personagem também se torna ainda mais interessante por mostrar alguns dos contras de se morar dentro de uma ilha.

Os Banshees de Inisherin (2022) - Imagem: IMDb

Os Banshees de Inisherin (2022) - Imagem: IMDb

No filme também temos a presença de Barry Keoghan em uma performance impressionante. Seu personagem vive com a rejeição sendo tratado como incômodo por diversos habitantes do povoado pelo seu jeito curioso e agitado.

Já a indicação de Brendan Gleeson era inegável e muito merecida. O ator dá vida a um personagem rabugento que, apesar de estar brigando com o protagonista, funciona em completo equilíbrio com Colin Farrell. Os dois têm ótima química entre si, conseguindo transformar diálogos comuns, diários e naturais em grandes reflexões para o espectador.

Mas diria que o destaque aqui é Colin Farrell. O personagem de Farrell é quem ele é, sendo muito sincero aos seus sentimentos e vontades, o que faz com que ele consiga se conectar com a empatia dos espectadores. O personagem embora excêntrico é de fácil identificação pela disposição com que ele quer lutar pela amizade com Colm.

Trágico, engraçado e emocionante *Os Banshees de Inisherin* traz a vida dessa ilha fictícia de uma forma maravilhosa convidando o espectador a entrar nesse povoado e em uma grande viagem de emoções ao longo de 2 horas de emoção. entrevistas, almoços ou reuniões são jogos de poder e social, ou pelo menos é isso que a

Oppenheimer (2023) - Imagem: Copyright Universal Pictures

2024

Honestamente? Foi um ótimo ano para o cinema. Para além da lista de indicados sinto que tivemos grandes lançamentos como *Homem-Aranha: Através do Aranhaverso* (2023), que inclusive merecia estar entre os indicados a melhor filme, o evento do ano: Barbenheimer e novas obras de grandes cineastas como Martin Scorsese, Pedro Almodóvar e Wes Anderson.

O grande vencedor do ano foi *Oppenheimer* (2023), o épico de Christopher Nolan. O filme recebeu treze indicações, se tornando o filme com mais indicações do cineasta, e levou para casa sete estatuetas: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator (Cillian Murphy), Ator Coadjuvante (Robert Downey Jr.), Melhor Fotografia, Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Edição.

O longa tem como base o livro P*rometeu Americano: O Triunfo e Tragédia de J. Robert Oppenheimer*, escrito por Kai Bird e Martin Jay Sherwin e publicado em 2005. Pra mim a sensação do filme foi como se Christopher Nolan nos colocasse dentro de uma bomba atômica por 3 horas, e aí cabe a você decidir se isso é bom ou ruim.

Na história acompanhamos a vida do físico J. Robert Oppenheimer (Cilliam Murphy), e seu papel e envolvimentos como líder de uma equipe de cientistas durante o Projeto Manhattan, projeto esse que foi responsável pela criação da bomba atômica.

Eu tive a oportunidade de assistir esse filme dentro de uma Cabine de Imprensa em um cinema IMAX e vou ser bem sincera quando eu digo que foi uma experiência indescritível, porque o diretor de fato preza para você ter uma esse tipo de sensação assistindo ao filme. Eu saí da sessão até meio atordoada porque o filme é bem intenso e pesado e cruel, buscando mostrar debates morais, injustiças, crueldade humana e ao mesmo tempo os defeitos e acertos que nos fazem humanos. Num geral ele é um filme bem humano.

Esse filme é mais um bom exemplo de como contar uma história já conhecida de uma maneira cativante e ao mesmo tempo angustiante. Aqui o Nolan traz uma mistura de drama com thriller nos transportando com facilidade para os Estados Unidos no final da Segunda Guerra Mundial que não só queria combater os alemães como também enfrentava uma "ameaça" comunistas.

Pessoalmente eu não conhecia a fundo a história de Oppenheimer, além da detonação das bombas, porém o filme me prendeu com tanta facilidade e trouxe personagens tão palpáveis e reais que me vi surpreendida em alguns momentos ao longo do filme ou até mesmo me questionando se certas coisas aconteceriam.

A ambientação é muito bem construída. Além de contar sobre a persona Oppenheimer, o longa também conta muito sobre a época em que os Estados Unidos passavam com a popularização de partidos de esquerda e a maneira como o governo via isso como uma ameaça e em como tudo isso impactou a vida do Oppenheimer.

O longa é contado de uma forma não linear, intercalando cenas do passado, "presente" e

futuro. Além disso, Nolan também resolveu trazer cenas em preto e branco e colorido, para contar as partes subjetivas e objetivas da história. As cenas coloridas contam a interpretação e experiência do Oppenheimer em relação aos eventos apresentados, já as cenas em preto e branco são os fatos "verídicos" como eles realmente aconteceram. Um fato curioso é que o filme inteiro foi filmado em uma câmera IMAX, sendo essa a primeira vez em que foi utilizado um filtro preto e branco nesse tipo de tecnologia e por isso a própria KODAK criou uma câmera exclusiva para o filme.

E a imagem do filme é de fato espectacular e consegue te imergir naquela narrativa com muita facilidade já que somos praticamente jogados para dentro da mente do próprio Oppenheimer, se sentindo, assim como ele, aterrorizados com o que não vemos. Parte dessa imersão também é garantida pelo próprio diretor, já que ele disse em uma entrevista que não fez uso de CGI, então tudo dentro do filme é realizado com efeitos práticos, inclusive a própria detonação de uma bomba.

Outro fato crucial dentro do filme é a trilha sonora. Apesar do longa ter suas 3 horas de duração, esse tempo não pesa muito já que a trilha sonora mantém ele dinâmico e traz para nós espectadores a angústia e agitação de Oppenheimer. A sonorização do filme nos acompanha praticamente do começo até o fim complementando diversos momentos

Oppenheimer (2023) - Imagem: Copyright Universal Pictures

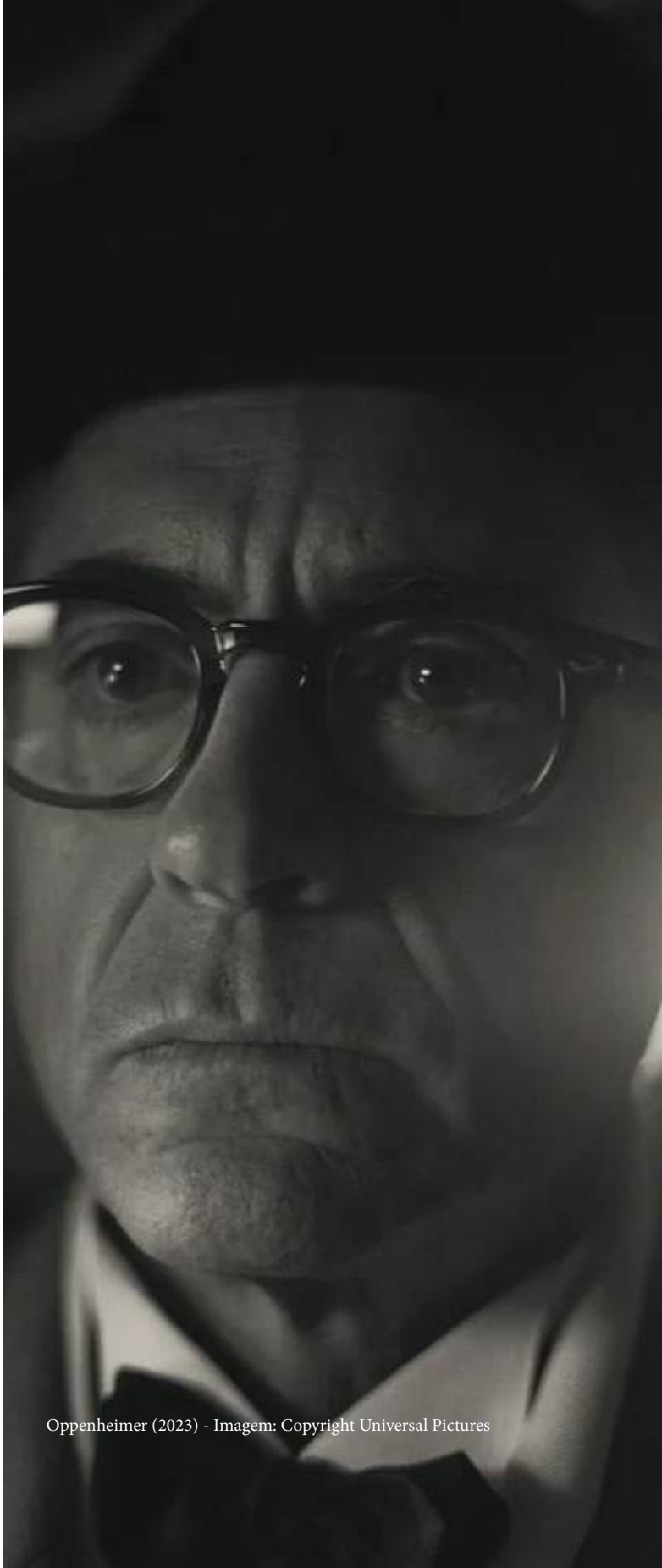
e impactando, principalmente, na sua falta, também engrandecendo esses momentos.

Em relação as atuações eu destaco em principal três nomes: Emily Blunt, Robert Downey Jr e Cillian Murphy. A Emily Blunt entrega uma atuação diferente do que eu vi nos filmes anteriores dela, trazendo uma mulher com uma tristeza visível. Ela não tem tanto tempo de tela quanto os outros personagens mas me impressionou bastante, sua personagem tá longe de ser perfeita mas ainda sim é extremamente verdadeira em todos os momentos.

Robert Downey Jr acho que é a verdadeira surpresa dentro do filme já que o próprio ator já falou em entrevistas que estava preocupado com sua performance após anos interpretando Tony Stark Universo Cinematográfico da Marvel. E assim como Blunt, ele traz um personagem bem diferente do que estamos acostumados, interpretando um homem inteligente, sério e muito invejoso.

E claro, Cillian Murphy, é o grande destaque de atuação dentro do filme. O ator de fato encarnou o personagem de uma maneira impressionante, estando em todos os momentos ali presente e vivendo pelo personagem. Oppenheimer é um homem inteligente, difícil, teimoso, genial e acima de tudo atormentado pelo mundo e por si mesmo e a atuação de Murphy diz tudo isso e muito mais pelo simples olhar do ator.

Denso, pesado e impactante, é assim que termina *Oppenheimer*, um filme que vale muito não só pela história mas principalmente pela experiência dentro da sala de cinema.



Oppenheimer (2023) - Imagem: Copyright Universal Pictures

Vidas Passadas (2023) - Imagem: IMDb

Já *Vidas Passadas* (2023) é um filme bem mais intimista. O filme tem direção e roteiro realizados por Celine Song, sendo esse seu primeiro longa-metragem. Seu tom pessoal vem da própria diretora, que inspirou várias cenas em momentos vividos por ela, como a cena de abertura do filme. A narrativa tem como base um conceito coreano explicado pela protagonista, o in-yeon – uma palavra que, traduzida ao pé da letra, seria algo como destino.

O longa recebeu duas indicações: Melhor Filme e Melhor Roteiro Original, mas não levou nenhuma delas para casa.

O longa conta a história de Nora (Greta Lee) e Hae Sung (Teo Yoo), dois amigos de infância que acabam se afastando quando a família de Nora se muda da Coreia do Sul para o Canadá. O filme se passa 20 anos depois, quando ambos se reencontram e confrontam as escolhas que fizeram.

A narrativa tem como foco as conexões humanas que fazemos e o impacto que elas fazem na nossa vida, coisas que levamos das pessoas que nos relacionamos, e em principal, fala sobre escolhas, e como as coisas seriam diferentes com escolhas diferentes. No longa conhecemos Nora e Hae Sung quando crianças, brincando juntos e desenvolvendo um amor de infância que é bruscamente quebrado quando Nora se muda. Mas apesar de ficarem mais de 20 anos sem contato, ambos os personagens ainda pensavam um no outro.

Tanto pela narrativa, quanto pela maneira como o filme é conduzido, traz uma pegada bem pessoal, afinal quem nunca teve um amigo de infância que por algum motivo se distanciou?

Porém o carinho e as memórias sempre permanecem, não importa quanto tempo passe.

Como a própria expressão explica, duas pessoas que já tiveram algum tipo de relação estarão sempre ligadas em suas muitas encarnações, em suas Vidas Passadas. E o filme é uma grande conversa, onde os personagens se reencontram, lembram como eram no começo, se surpreendem com as mudanças e se questionam o que poderia ter sido se estivessem juntos. Mas apesar do clima de uma boa comédia romântica, Nora é feliz e casada há anos e acaba se encontrando em um momento de incertezas entre o passado e o presente.

O longa também fala sobre a imigração, em principal os impactos dela em longo prazo, algo que vemos na personagem da Nora, que basicamente é duas pessoas ao mesmo tempo, sua versão canadense e sua versão coreana. Seus costumes mudam, a garota só fala coreano com os parentes e acaba adotando diferentes hábitos. Dessa maneira, o reencontro com Hae Sung acaba sendo um reencontro também com a sua versão mais nova coreana.

A Nora é o grande foco dentro do filme, até por sua mudança ser o que movimenta a narrativa. Muito ambiciosa, a garota tem sonhos grandes de se tornar uma escritora bem sucedida e ganhar um prêmio Pulitzer. Apesar de seus sonhos serem grandes, seu jeito é mais contido e tímido, muitas vezes deixando suas expressões e olhares falarem mais do que qualquer frase. Além é claro de se mostrar dividida em diversos momentos entre sua versão atual e a do passado, a versão canadense e a versão coreana, seu marido Arthur (John Magaro) ou seu amor de infância Hae Sung. Acho que a atuação de Greta

Vidas Passadas (2023) - Imagem: IMDb

Lee foi perfeita dentro do filme, trazendo uma personagem verdadeira, a qual torcemos por desde o início da história.

Acho que o filme tem um tema interessante e que consegue se conectar com muitos espectadores, já que é um tema, esse distanciamento, de fácil identificação. Mas ainda sim, eu não consegui me conectar com o filme e muito menos me importar com os personagens. Sinto que faltou algo, eu queria ter sentido que a Nora era o amor da vida de Hae Sung, ou do seu marido Arthur, mas eu não senti nada disso. Talvez a intenção fosse focar mais no real, afinal nem todo amor precisa ser um grande amor, mas não consegui de jeito nenhum me interessar pelos personagens e por consequência na sua história. Entendo quem gostou e os motivos, mas apenas não senti nada disso.

E cumprindo a cota de filme biográfico, esse ano temos *Maestro* (2023). O filme foi produzido, dirigido, roteirizado, juntamente com Josh Singer, e protagonizado por Bradley Cooper e conta a história do músico e compositor Leonard Bernstein. O filme recebeu sete indicações ao Oscar incluindo nas categorias de Melhor Filme, Melhor Atriz (Carey Mulligan), Melhor Ator (Bradley Cooper), Melhor Roteiro Original, mas acabou não levando nenhuma estatueta para casa.

Além de Cooper, Martin Scorsese e Steven Spielberg também são responsáveis pela produção, sendo essa sua primeira colaboração "oficial". Ambos foram cotados para dirigir o longa, porém acabaram indo para a produção após assistirem Nasce uma Estrela deixando a direção a cargo de Cooper.

Maestro (2023) - Imagem: NY Times/ Netflix

O filme retrata a relação intensa entre Leonard Bernstein (Bradley Cooper) e Felicia Montealegre (Carey Mulligan), desde o primeiro encontro em uma festa em 1946, passando por dois noivados, um casamento que durou 25 anos e a criação de três filhos.

Como uma grande fã de West Side Story, quando eu soube da existência desse filme eu fiquei muito empolgada e ansiosa, principalmente porque não sabia nada sobre o Leonard Bernstein. Antes de assistir ao longa eu achei que ele seria meio similar ao *Tick Tick Boom* (2021), filme que conta a história do compositor Jonathan Larson, até por ambos compartilharem a mesma profissão. Mas Maestro vai para um caminho mais inusitado. O roteiro acompanha o início da carreira de Bernstein quando ele é convidado, aos 25 anos, para conduzir a Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, tendo sua grande chance de ouro, o que o levou a um patamar de "nova ascensão".

A relação entre os personagens de Bernstein e Montealegre acontece no começo do filme e rapidamente. Os atores, apesar de trabalharem juntos pela primeira vez dentro do longa, tem uma química gostosa principalmente no começo da história. Seus personagens são rápidos, os diálogos são divertidos com muito flerte e ambos são jovens sonhadores que desejam atingir a fama em suas determinadas carreiras. O que funciona até determinado momento do filme. Apesar do Maestro estar em ascensão constante ao longo filme, o foco principal se torna entre ele e Felícia e os desdobramentos do seu relacionamento, seus altos e baixos por conta da carreira, personalidade e orientação sexual de Bernstein.

Maestro (2023) - Imagem: IMDb

Maestro (2023) - Imagem: Reprodução/ Netflix

Esse enfoque é bem similar com o que a gente vê em *Napoleão* (2023), resolvendo mostrar mais da vida íntima e dos relacionamentos desses personagens, dessas pessoas reais, do que seus feitos, em Napoleão sendo as vitórias militares e sua vida como imperador, e aqui a carreira como compositor de Leonard Bernstein. Claro, os principais e mais conhecidos feitos do compositor são abordados dentro do filme, porém eles são citados de passagem, como um lembrete ou uma forma de informar o espectador apenas desses feitos, sem qualquer cena da maneira como ele se inspirou ou compôs as músicas e trilhas sonoras, algo que existe em Tick Tick Boom, por exemplo. E foi algo que senti bastante falta, já que esperava conhecer mais sobre a carreira do compositor.

O longa tem um estilo muito bonito e elegante sendo filmado em preto e branco, no começo do filme, demarcando a juventude dos personagens e ascensão de ambos e depois com cores, onde acompanhamos ainda mais de perto o relacionamento dos dois personagens e os problemas começam a acontecer. O começo, inclusive, conta com um aspecto muito legal, quase como um sonho, o que é intensificado por conta da direção de Cooper e da própria fotografia que se utiliza muito de luzes e sombras, se aproveita das ambições de Bernstein e algumas de suas composições. Inclusive tem um momento no início do filme que vemos uma de suas composições tomar forma dentro de um musical, que eu achei bem mágico, principalmente sendo muito fã desse estilo. Mas ainda temos diversas das composições de Bernstein na trilha sonora, o que é uma escolha muito assertiva do filme e engrandece grande parte das cenas.

E um dos grandes destaques dentro do longa sem dúvidas é a direção de arte e a maquiagem. Não só no começo onde vemos aqueles grandes e luxuosos teatros onde Bernstein se apresenta, mas também nas festas dadas pelo casal e principalmente nos momentos em que grande parte das cenas se passa na casa dos dois, a direção de arte faz um trabalho impecável, realmente nos transportando para aqueles momentos na história, trazendo muitos detalhes não só nos cenários mas também nos figurinos dos atores. Inclusive nessas cenas dentro da casa do casal, acho que a direção de arte traz uma grande intimidade para nós espectadores, a gente se sente quase parte daquela família e daquele cotidiano. E a maquiagem do filme está simplesmente assustadora, principalmente comparando fotos entre os atores e os verdadeiros Leonard e Felícia, além de claro, envelhecer os atores ao longo do filme de uma forma extremamente natural.

E as atuações estão impecáveis também. A direção ajuda bastante nisso com cenas longas e muitas vezes com o uso de plano geral, nos fazendo prestar atenção em cada detalhe além de dar mais liberdade para os atores se soltarem já que muitas das discussões dos personagens acontecem com palavras não ditas.

A piada dessa temporada do Oscar é a obsessão de Bradley Cooper pelo prêmio e como meu hiperfoco é o Oscar eu não o culpo... e aqui em Maestro, além de ocupar diversas funções na produção do longa, ele de fato derruba toda sua alma dentro. Tanto é que, segundo o ator, ele passou seis anos praticando como conduzir para poder gravar ao vivo a cena com Orquestra Sinfônica de Londres, tudo isso para parecer o mais real possível. E honestamente essa é uma das grandes cenas dentro do filme. A sua performance é impressionante, de um homem que é muito dedicado ao seu trabalho e realmente tem um dom natural para tal. A única questão é que o Maestro não rege sua vida com o mesmo cuidado o qual ele rege a orquestra, em diversos momentos agindo por impulso conforme deseja, sem perceber como afeta sua esposa.

E pra mim o grande destaque em relação a atuação é Carey Mulligan. A personagem é apresentada como uma pessoa rápida, divertida e muito talentosa, que acaba se tornando a âncora e fiel parceira de Bernstein, apoiando seus projetos e ideias, e é extremamente fácil sentir empatia pela personagem desde o início. Porém conforme o filme passa, vemos sua alegria se apagar cada vez mais conforme a personagem sofre em silêncio e a atriz faz um trabalho excepcional em cada uma dessas cenas onde entendemos todo seu sofrimento com muita facilidade. Ela inicia o filme como uma coadjuvante e termina muitas vezes roubando os holofotes.

Eu até gostei do filme, mas acho que ele me foi prometido como outra coisa e acabei ficando decepcionada já que queria saber mais sobre a vida do compositor e sua carreira, afinal o filme é sobre o seu relacionamento com Felicia. Senti falta de ver as inspirações, como muitas das músicas surgiram, e mais sobre a carreira profissional dele, já que tudo fica em segundo plano. Mas ainda sim, é um bom filme.

E nessa edição, surpreendentemente, tivemos dois filmes internacionais concorrendo na categoria principal da premiação. Um deles foi *Zona de Interesse* (2023). O longa tem direção

Zona de Interesse (2023) - Imagem: IMDb

de Jonathan Glazer que também assina o roteiro que por sua vez é uma adaptação do livro de mesmo nome escrito por Martin Amis e lançado em 2014, e foi o filme selecionado pelo Reino Unido para concorrer na categoria de Melhor Filme Internacional. Além dessa categoria, Zona de Interesse recebeu outras quatro indicações: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Som, levando essa última e a de Melhor Filme Internacional para casa.

Filmes de guerra são uma questão para mim. São incontáveis os filmes sobre a Segunda Guerra Mundial, existem filmes que contam do ponto de vista dos britânicos, dos alemães, dos que foram para guerra, dos que ficaram e etc. Arrisco ainda dizer que alguns dos meus favoritos são aqueles que não se passam durante as batalhas e sim tem a guerra como pano de fundo. Mas enfim, por conta disso a sensação que eu tenho é que esses filmes sempre tem que ter algo a mais para conseguir se destacar e sinto que aqui Jonathan Glazer consegue fazer isso muito bem.

Rudolf Höss (Christian Friedel), o comandante de Auschwitz, e sua esposa Hedwig (Sandra Hüller) levam uma vida aparentemente tranquila em uma casa com jardim, separada apenas por um muro do campo de concentração.

Antes de assistir ao filme fiquei um pouco receoso que ele fosse contar uma história similar ao O Menino do Pijama Listrado (2008), mas na verdade ele é o inverso. Esse é um daqueles filmes em que nada acontece mas que consegue muito bem impactar e trazer algo de novo. Aqui seguimos o cotidiano da família Höss que basicamente vive uma vida comum, com preocupações mundanas, sem se importar com os horrores que acontecem do outro lado

Zona de Interesse (2023) - Imagem: IMDb

do muro, o que consegue ser absurdamente assustador.

Aqui o som tem um papel extremamente importante já que basicamente traz um filme dentro de um filme, não é atoa que o filme levou a estatueta de Melhor Som. Enquanto acompanhamos a vida pacata daquela família, em diversos momentos ouvimos gritos de completo desespero e medo juntamente com tiros e mais gritarias, trazendo um retrato de muitos dos horrores da Segunda Guerra Mundial sem precisar ser explícito, sem precisar mostrar uma gota de sangue.

Outro fator atrelado a isso é a trilha sonora do filme, que não é presente durante grande parte da narrativa o que acaba impactando ainda mais e dando espaço para diversos barulhos, além de trazer um aspecto de thriller pra ele, nunca deixando o clima ficar de fato confortável para nós espectadores.

Esse é um filme feito para incomodar, seja nas cenas em que os personagens agem de maneira normal mesmo com gritos desesperados ao fundo, ou nos momentos em que existe uma conversa em torno de questões orçamentárias dos campos de concentração e principalmente na falta de incômodo que os personagens, mesmo com um genocidio acontecendo do outro lado do muro. O roteiro do filme busca trazer a banalidade com que aqueles oficiais e suas famílias se comportam e a tranquilidade moral que eles encontram por conta da comodidade.

Zona de Interesse (2023) - Imagem: IMDb

A história mostra a naturalização da maldade nos grandes e pequenos atos dentro daquela casa, e essa banalização acaba sendo extremamente curioso e até angustiante para quem assiste. Talvez por conta disso eu sinto que o filme perdeu parte de seu ritmo quando a história deixa parcialmente a casa, acho que o diretor deveria ter mantido o filme completamente dentro daquela residência.

O desconforto também é intensificado por conta da fotografia que traz planos abertos e fixos sempre mantendo os personagens distantes, como se nós espectadores estivéssemos observando a vida daquela família. O diretor inclusive usou até cinco câmeras fixas na casa e no jardim, sem equipe visível, para capturar muitas cenas, de modo que os atores não sabiam se estavam sendo filmados em close-up ou em plano aberto, o que deu uma liberdade maior para eles e aumentou o realismo dentro do longa.

E a naturalidade e comodidade do mal aqui são interpretados por Christian Friedel e Sandra Huller com perfeição. Ambos os personagens são o que são e se mantêm assim até o fim. E apesar de egocêntricos e narcisistas em momentos, e de seguirem fielmente o nazismo, os personagens não são retratados como vilões malignos e caricatos e sim pessoas normais cuja grande preocupação gira em torno da sua casa e crescimento dos filhos, o que os torna ainda mais assustadores, justamente por serem pessoas reais. Os personagens não veem o mal em suas ações, eles simplesmente vivem como se vivessem uma vida comum. Essa decisão de trazer os personagens dessa maneira poderia de certa forma "romantizar ou inocentar" eles e suas ações, porém aqui em Zona de Interesse isso jamais acontece, já que Glazer jamais nos deixa esquecer o que acontece do outro lado do muro, de certa forma até apagando a humanidade dos personagens por conta das circunstâncias e da indiferença que eles se encontram.

Zona de Interesse é um filme que consegue impactar sem mostrar brutalidades explícitas, mantendo na memória um dos momentos mais brutais da humanidade e seus responsáveis.

The Holdovers (2023) - Imagem: Focus Features/ Divulgação

Já *The Holdovers* (2023) tem um clima bem diferente. O filme tem direção de Alexander Payne e roteiro assinado por David Hemingson e recebeu cinco indicações: Melhor Filme, Melhor Roteiro Original, Melhor Edição, Melhor Ator (Paul Giamatti) e Melhor Atriz Coadjuvante (Da'Vine Joy Randolph), levando essa última para casa.

O longa é uma comédia dramática que conta com uma história simples mas que facilmente consegue prender a atenção por conta das situações passadas pelos personagens e o apego que acabamos desenvolvendo por eles, sinceramente se tornando um filme confortável pra mim.

Durante os anos 1970, nas férias de Natal, o professor rabugento Paul Hunham (interpretado por Paul Giamatti) é obrigado a supervisionar alunos do internato em que trabalha que não puderam voltar para casa durante o recesso.

O roteiro traz um embate não só entre gerações mas também de personalidades, onde temos um professor amargo e ranzinza, que preza pela educação e estudo dos alunos, e um aluno (Dominic Sessa) irônico, sarcástico e desobediente, que só quer curtir as férias de natal. Apesar de se passar durante um curto período de tempo e trazer um pano de fundo verdadeiramente deprimente, a história acaba se tornando muito apaixonante, tocando em assuntos como a vida, a família, a solidão, traumas, a tentativa de tentar sempre tirar o melhor de cada uma das situações e sobre julgar alguém sem conhecer.

The Holdovers (2023) - Imagem: Focus Features/ Divulgação

Algo que não só os dois protagonistas fazem um com o outro, mas que nós como espectadores acabamos fazendo com eles também. Apesar de parecerem desinteressantes, ambos acabam se tornando personagens queridos para quem assiste até por serem tão próximos da realidade, por conta das suas emoções, que acabam sendo universais. Além disso, apesar de muito diferentes entre si, a situação em que estão metidos faz com que eles tenham que olhar dentro de si mesmos, descobrindo muitas coisas em comum e passando por um processo de amadurecimento.

O filme tem um estilo extremamente nostálgico, não só passado pela trilha sonora, figurinos e direção de arte, mas principalmente pelo estilo da filmagem, que traz algumas características marcantes do cinema da década de 70. Inclusive todo o filme foi gravado em locais reais e não sets. Além disso, ele é acima de tudo um filme natalino, conseguindo trazer com perfeição a essência dos melhores filmes de comédia, como o próprio *Curtindo a vida Adoidado* (1986) e *Esqueceram de Mim* (1990).

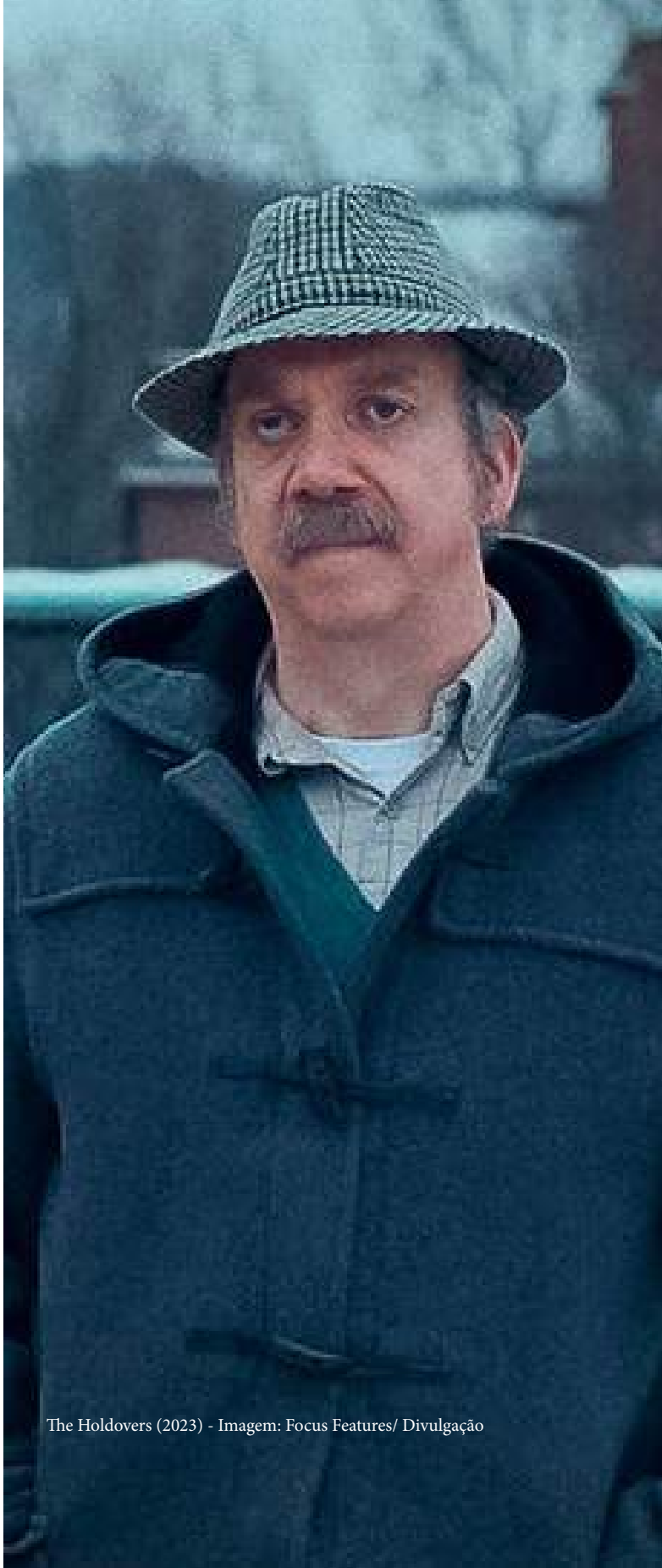
E até por se tratar de um filme onde o isolamento tem um papel grande, o longa tem ótimas atuações do trio de protagonistas. Da'vine Joy Randolph aqui interpreta uma mãe em luto que trabalha na cozinha do internato. Sarcástica e melancólica, a personagem é responsável por unir os outros dois personagens os obrigando em diversos momentos a colocar suas personalidades de lado e entender um ao outro. Randolph faz um trabalho impecável dando a vida a uma personagem que sofre em silêncio e tenta a cada dia superar sua perda.

E no longa temos também o estreante Dominic Sessa, que interpreta Angus Tully, um rebelde estudante que é deixado por sua mãe durante o natal. Apesar de em diversos momentos parecer esnobe, seu personagem nada mais é do que um adolescente que sofre com o abandono e falta de atenção dos pais, tentando superar isso com sua insolência.

E por fim, o astro do filme é Paul Giamatti. O ator já trabalhou com Alexander Payne em *Sideways* (2004) onde ele interpreta um personagem até que similar, e frustrado com a vida. Dentro de *The Holdovers,* o ator vive um professor cansado, onde até antes de falar já sentimos seu cansaço, que se importa imensamente com os valores antigos da escola em que estuda e não está disposto a abrir mão da sua rigidez e métodos de aprendizado, por mais antigos que eles sejam. O ator tem um timing cômico maravilhoso e natural, conseguindo entregar grandes performances nas cenas cômicas, mas também conduz muito bem as cenas mais dramáticas.

O filme é simples, mas completo, você vai rir, vai sentir seu coração quentinho e sinceramente eu poderia facilmente assistir mais 2 horas dos personagens apenas vivendo aventuras completamente ridículas.

E completando o evento histórico de 2023, Barbenheimer, o filme *Barbie* (2023) recebeu oito indicações: Melhor Filme, Melhor Atriz Coadjuvante (America Ferrera), Melhor Ator Coadjuvante (Ryan Gosling), Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Direção de Arte, Melhor Figurino e Melhor Canção Original (*What Was I Made For?* e *I'm Just Ken*), levando a estatueta pela música *What Was I Made For?* composta



The Holdovers (2023) - Imagem: Focus Features/ Divulgação

por Billie Eilish e seu irmão Finneas O'Connell.

Barbie tem direção de Greta Gerwig, que também assina o roteiro com Noah Baumbach, e traz uma divertida aventura com um tom humorístico sarcástico.

Após uma crise existencial, a boneca Barbie (Margot Robbie) precisa ir até o mundo real tentar solucionar seus problemas.

O longa tem uma sinopse simples mas um roteiro abrangente que não se prende em somente um gênero e aborda diversos temas como o amadurecimento, o existencialismo, problemas cotidianos, o sexismo, vocações e sobretudo a experiência feminina.

Na aventura a boneca passa por diversas descobertas sobre o mundo real e analisa a própria "perfeição" das Barbies dentro da Barbielândia. E com isso passamos por cenas que misturam magia com realidade passando por momentos de drama, comédia e até musical, muito bem conduzidas e elaboradas.

Seja em *Lady Bird: A Hora de Voar* (2017) ou *Adoráveis Mulheres* (2019), Greta Gerwig consegue trazer uma visão específica, única, mas ainda sim de fácil identificação sobre a vivência humana e a experiência feminina em todos os seus filmes, e aqui em Barbie não é nenhum pouco diferente. O longa destaca a importância da boneca para a história, mas também consegue fugir de ser uma propaganda para a boneca e criticar o consumismo e o foco

Barbie (2023) - Imagem: Warner Bros./ Divulgação

Barbie (2023) - Imagem: Warner Bros./ Divulgação

que essas grandes empresas têm em cima do lucro.

Além disso, o filme consegue se destacar em seus momentos mais dramáticos justamente pela facilidade com que a diretora aborda temas universais, sentidos por todos em determinado momento da vida. A obra ainda traz uma visão bem atual da relação entre homens e mulheres no mundo real com críticas bem pontuadas. E tudo isso com um humor maravilhoso, com piadas bem atuais e engraçadas que conseguiu tirar gargalhadas do público durante toda a sessão.

Um dos fatores mais impressionantes dentro do filme sem dúvidas é a construção de mundo e ambientação. O longa traz referências muito vívidas de como é brincar com uma Barbie, com a casa, o carro, os adereços, o que gera cenas de humor maravilhosas e passam uma sensação de nostalgia. A direção de arte, design e figurino fazem um trabalho maravilhoso referenciando diversas bonecas ao longo da história e recriando um mundo cor de rosa cheio de sonhos e diversão. O mundo da Barbie é construído dentro do filme com muito cuidado, se tornando até mesmo palpável para quem assiste.

E as atuações também não ficam para trás, principalmente do duo Margot Robbie e Ryan Gosling. Ambos tem um timing cômico maravilhoso, se entregam aos papeis com muita autenticidade e carisma, trazendo cenas divertidíssimas entre si e outros personagens. Margot Robbie está perfeita no papel, encarnando na pele de uma boneca que, apesar de esteriotipada, é doce, muito corajosa e

Barbie (2023) - Imagem: Warner Bros./ Divulgação

disposta a servir como uma boa influência.

Já Ryan Gosling entrega uma de suas melhores performances, roubando a cena em diversos momentos traz um divertido e ingênuo personagem, completamente obcecado pela Barbie, que entrega algumas das mais engraçadas cenas do longa. Ainda não consegui superar que o Oscar de Melhor Canção Original não foi para *I'm Just Ken*.

Vale destacar também a presença da Kate Mckinnon que interpreta a Barbie Estranha, responsável por abordar as questões mais existenciais dentro do filme. O restante do elenco também conta com nomes conhecidos mas suas participações ficam mais em segundo plano, servindo para alavancar Robbie e Gosling.

Mesmo lançado em 2023, *Barbie* já é um filme icônico dentro da história do cinema. O filme inovou ao trazer à vida o mundo da Barbie, com uma trilha sonora impecável, e ainda conseguir falar de temas atuais e universais.

E também dentre os indicados temos um filme de Martin Scorsese, *Assassinos da Lua das Flores* (2023). O longa recebeu dez indicações ao Oscar, sendo um destaque nas categorias de atuação marcando presença em Melhor Atriz (Lily Gladstone) e Melhor Ator Coadjuvante (Robert De Niro). Mas, absurdamente, o filme não venceu nenhuma estatueta.

O filme é baseado no livro de mesmo nome escrito por David Grann, e tem direção de Martin Scorsese que também foi responsável pelo roteiro juntamente com Eric Roth.

Assassinos da Lua das Flores (2023) - Imagem: IMDb

O filme conta a história do povo Osage, que foi forçado a deixar suas terras ancestrais sendo realocados em Oklahoma, um lugar considerado estéril. Porém, o povo logo descobre uma grande reserva de petróleo, assim vendendo partes das terras para extração e se tornando um povo extremamente rico, o que acabou atraindo diversos “lobos”.

O longa tem 3h26 minutos de duração e conta sobre um período entre 1910 e 1930. Durante o filme, até por sua duração, diversos assuntos são abordados desde a história dos nativos americanos Osage, as investigações de assassinatos, o comércio do petróleo e a criação do FBI. Mas apesar disso, a narrativa é clara e fácil de acompanhar, conseguindo levar os espectadores junto consigo.

O roteiro do filme é extremamente cruel, verdadeiro e pesado, evidenciando não só o massacre sofrido pelos Osage, mas também a completa falta de amparo e justiça que eles sofreram, os passando essa sensação de impotência. A história tem como foco a família de Molly (Lily Gladstone), que é uma das mais ricas, contando com diversas terras, o que acaba gerando diversos interesses externos. Uma delas pela família de William Hale (Robert De Niro), que sugere para seu sobrinho Ernest (Leonardo DiCaprio), se aproximar de Molly.

O roteiro do filme é lento mas conduz a narrativa em um ritmo dinâmico, tentando sempre não deixar a bola cair, o que ele consegue graças aos saltos no tempo feitos de forma sutil.

Assassino da Lua das Flores (2023) - Imagem: IMDb

E a todo tempo o suspense, a tensão e o medo são aumentados gradualmente principalmente por Molly, que passa por algumas perdas inexplicáveis dentro de sua família e passa a temer pela própria vida. Assim dentro do filme, as desconfianças sobre diversos personagens te acompanham do começo até o fim. E não é atoa que o filme tem essa sensação já que segundo o Scorsese, o ritmo do filme foi inspirado nas obras de Ari Aster: *Midsommar* (2019) e *Beau is Afraid* (2023), que trazem bastante sobre a paranoia e medo dos protagonistas.

Pra mim o filme é marcado por uma das frases presente no próprio trailer e no começo do filme quando Ernest lê um livro sobre os Osage: "Você consegue encontrar os lobos nessa imagem?" e durante e após o filme essa era uma das únicas coisas que eu conseguia pensar. O longa choca não só por sua violência extremamente realista, e característica do diretor, mas por se tratar de uma história verdadeira, mostrando a ganância e narcisismo do homem branco em explorar e abusar de tudo até o limite, não importa o que custar.

Outro ponto de reflexão é que os Osage não só estão sendo apagados pelas mortes que acontecem, mas também por sua cultura, que vai mudando e se adaptando cada vez mais a realidade do homem branco. O que a gente vê principalmente nas relações entre os personagens do Robert De Niro, DiCaprio e Lily Gladstone.

Uma das coisas que eu mais gosto sobre os filmes do Scorsese é a maneira como ele retrata a violência, que claro é super presente em todos os seus filmes, mas não de uma maneira romantizada ou exagerada com cabeças degoladas e muito sangue e sim de uma forma extremamente real, o que a torna muito mais bruta e súbita. E sinto que aqui dentro do filme, isso é bem presente, já que a maioria das mortes mostradas em tela vem em momentos extremamente surpreendentes e inusitados, o que causa ainda mais indignação pela tragédia sofrida pelo povo Osage.

Dentro do filme a gente vê não só a sua paixão pela sétima arte mas também a sua vontade de contar essa história. O diretor também trata a história com muito respeito e realismo,

inclusive pedindo ajuda ao povo Osage durante a produção.

Mas um dos grandes destaques do filme sem dúvidas são as atuações, que com certeza estarão presentes dentro da premiação do Oscar. E aqui eu destaco em principal as atuações de Leonardo DiCaprio, Robert De Niro e, claro, Lily Gladstone.

Leonardo DiCaprio traz à vida um personagem complexo, sendo inocente e consumido pela ganância de seu tio, que claro respinga nele, gerando diversos sentimentos mistos do personagem que quer dinheiro mas ao mesmo tempo ama sua família.

Já Robert De Niro entrega uma de suas grandes atuações como um personagem muito interessante que basicamente funciona como um grande chefão, servindo como ponte entre os Osage e os Homens Brancos, e trabalhando de maneira fria e calculista.

Mas a verdadeira alma do projeto é a Lily Gladstone. A atriz entrega uma performance extremamente verdadeira e transmite sua dor e medos com muita facilidade para os espectadores sendo que nos conectamos do começo até o fim. Gladstone rouba a cena desde os primeiros momentos antes mesmo de qualquer fala e de fato entrega uma atuação impressionante. Inclusive, uma curiosidade é que, em uma entrevista, Leonardo DiCaprio contou: “Não houve testes. O Marty simplesmente soube instintivamente que a Lily era a escolha certa”.

Assassinos da Lua das Flores termina com um saldo mais que positivo, de fato impactando fortemente pelo seu realismo e brutalidade.

Assassinos da Lua das Flores (2023) - Imagem: IMDb

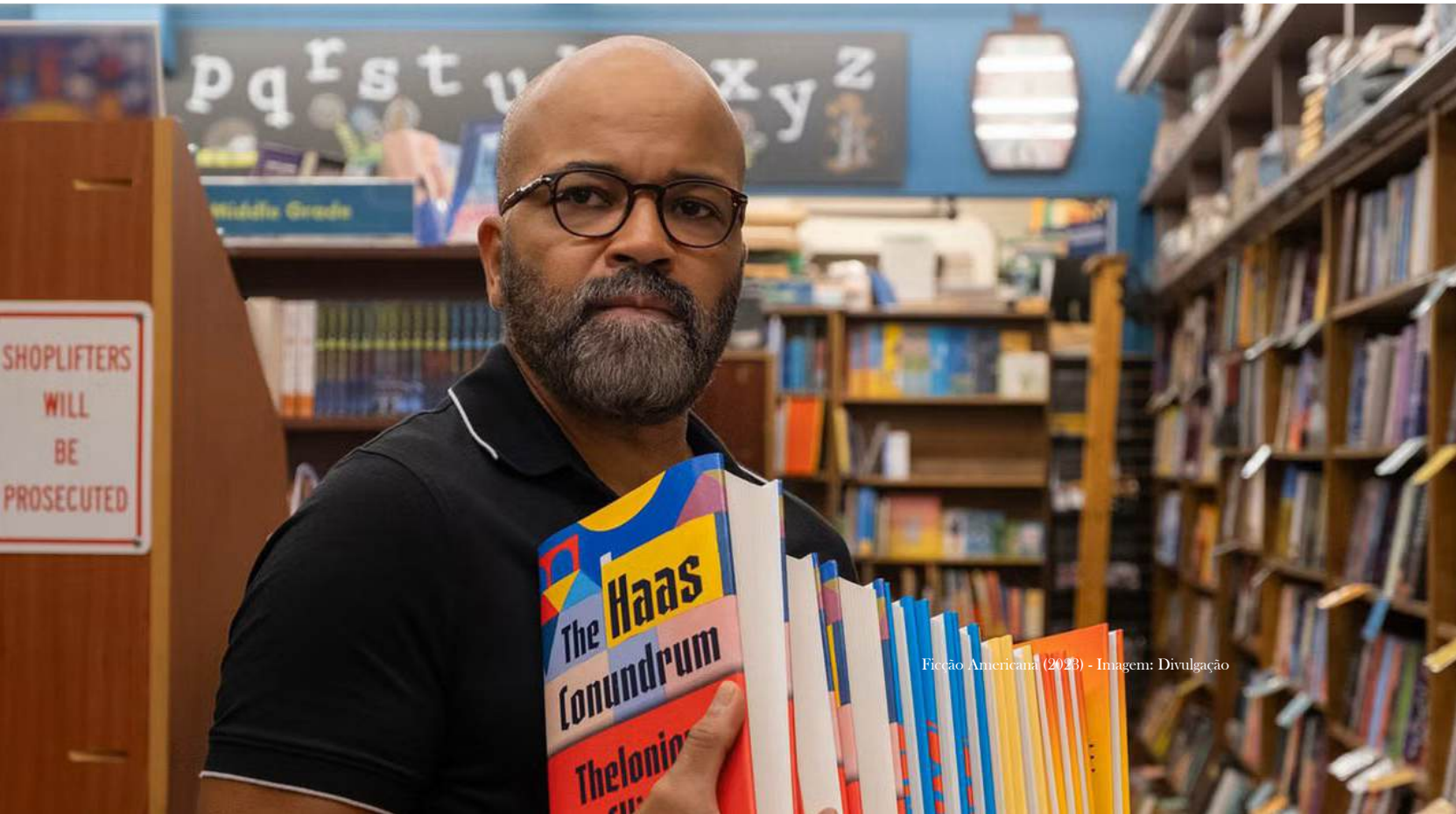
Ficção Americana (2023) foi dos indicados o que mais me surpreendeu positivamente. O filme recebeu cinco indicações ao Oscar e levou para casa a estatueta de Melhor Roteiro Adaptado.

O filme tem direção e roteiro escritos por Cord Jefferson, sendo essa sua estreia como diretor. O longa tem como base um livro chamado Erasure de Percival Everett, publicado em 2001 e com ele traz diversas camadas.

Convidado a tirar umas férias, o professor e escritor Thelonious "Monk" Ellison (Jeffrey Wright) se encontra com a carreira estagnada, por conta de seus livros não serem considerados "negros o suficiente". Indignado com o mercado literário, o autor resolve escrever um livro sátiro sob pseudônimo com o objetivo de expor as hipocrisias do mundo literário.

A história traz não só uma sátira bem feita, engraçada e atual como também um filme cheio de metalinguagens, algo que eu particularmente gosto muito, e ao mesmo tempo uma história sobre a vida, sobre uma família que é extremamente leve e divertida. E essa terceira "face" me lembrou bastante dois filmes do Alexander Payne, o primeiro, *The Holdovers*, já comentado aqui, mas me lembrou principalmente Sideways, por ter essa mesma pegada leve e protagonistas que de certa forma são extremamente frustrados.

O filme busca satirizar, principalmente no mercado literário, mas algo que está presente em diversas mídias, em como as histórias escritas por autores negros são recebidas, onde aquelas que abordam temáticas sofridas são bem recebidas principalmente pelo



Ficção Americana (2023) - Imagem: Divulgação

público branco, e recomendadas por editoras, e as demais são deixadas de lado, meio restrigindo o sucesso de autores negros a somente uma espécie de narrativa, algo contestado pelo protagonista que desde o início, se vendo em uma batalha dentro do mercado tentando escrever sobre outras coisas.

Ficção Americana (2023) - Imagem: Divulgação

E acho que a obra fica ainda mais interessante quando analisamos os últimos vencedores do Oscar. Por muitos anos o Oscar foi e ainda é uma premiação com pouca diversidade, e conforme os anos foram passando cresce um espaço para filmes mais diversos, porém se analisar bem os indicados da premiação que trazem um protagonismo negro, nenhum deles sai completamente daquilo que Monk critica, como o próprio 12 Anos de Escravidão. Inclusive esse é o primeiro filme indicado ao Oscar que tem a expressão "Oscar Bait", que é um filme mais "fácil" de agradar a Academia, e por consequência as pessoas brancas, assim como os livros escolhidos pelas editoras dentro do filme.

Além disso, sinto que o roteiro não se preocupa em falar o que está certo e o que tá errado, permitindo com que o espectador tire suas próprias conclusões, já que por um lado a crítica de Monk é muito válida e vemos isso acontecer, porém por outro, vemos como Monk é uma pessoa privilegiada e bem afastada de diversas dessas narrativas as quais ele crítica, porém ainda sim elas não deixam de ser realidade para diversas pessoas.

A metalinguagem dentro da história é que apesar dele trazer essa sátira, que é bem desenvolvido e de fato traz uma crítica bem feita, eu senti que os momentos mais fortes do longa são as relações familiares de Monk onde passamos por momentos simples mas ainda sim extremamente humanos e universais como identidade, sexualidade e principalmente família.

Aqui Monk lida com sua família que passa por diversos problemas, sua irmã enfrenta um divórcio, sua mãe começa a dar sinais de Alzheimer e seu irmão é um caos por completo. Mas ainda sentimos a união daqueles personagens além de nos deixar com um gostinho de quero mais de todos eles.

Ficção Americana (2023) - Imagem: Divulgação

O irmão de Monk, Cliff (Sterling K Brown) é o mais caótico de todos os personagens, mas sua performance é tão carismática, e cheia de nuances já que o personagem claramente carrega grandes traumas de sua família, que eu ficava na torcida para ele aparecer mas, não só isso mas assistiria um filme completo com apenas ele.

E isso foi uma das coisas que eu mais gostei no filme: seus personagens. Todos eles são extremamente interessantes, muito fáceis de gostar, simpatizar, e até se identificar. Os personagens como um todo são muito humanos e por conta deles você fica preso com muita facilidade na trama apenas querendo acompanhar a vida daquelas pessoas.

Mas o grande destaque é a performance de Jeffrey Wright que aqui dá a vida a esse escritor inconformado e frustrado que tenta desesperadamente provar seu ponto. Apesar de facilmente ficarmos do lado do personagem em alguns momentos, ele não é livre de erros, principalmente quando tem a ver com sua família, muitas vezes passando do ponto para provar estar certo.

Ficção Americana é um filme bem corajoso, principalmente por alfinetar o próprio Oscar. Ele conquista os espectadores pela simplicidade de uma dramédia familiar.

E um dos grandes destaques do ano e nesta edição da premiação foi o francês *Anatomia de uma Queda* (2023). O longa tem direção de Justine Triet que também assina o roteiro com Arthur Harari. Ele inclusive venceu a Palma de Ouro em Cannes, se tornando o terceiro filme dirigido por uma mulher a receber o prêmio junto com *Titane* (2021) e *O Piano* (1993).

O longa recebeu cinco indicações e levou para casa o Oscar de Melhor Roteiro Original.

O longa acompanha Sandra (Sandra Hüller), uma escritora alemã, que se torna a principal suspeita na investigação da morte de seu marido Samuel (Samuel Theis), onde a única testemunha é seu filho Daniel (Milo Machado-Graner), que é deficiente visual.

Filmes de julgamento. Eu gosto bastante, acho que é uma temática que consegue atrair curiosidade seja pelo veredito ou pela investigação, acredito que a maioria que eu já assisti são filmes bons, mas não são todos que conseguem sair do básico e realmente se destacar e impressionar, e Anatomia de uma Queda sem dúvidas é um desses que se destaca.

O roteiro do filme traz não só a investigação de uma morte suspeita e um julgamento com diversas incertezas, mas também a história do casal, suas conversas, como se conheceram, suas brigas, seu filho e como o relacionamento se encontrava no momento em que Samuel morre. O que me lembrou bastante o filme *A História de um Casamento* (2019), que também brinca em alguns momentos com os diferentes pontos de vista dentro de um casamento.

E não só isso, mas ele traz relacionamento completamente exposto pela mídia, muitas vezes sem qualquer contexto prévio, sendo utilizado por ambos os lados do julgamento para acusar e defender determinado ponto. E essa cobertura da mídia, muitas vezes sensacionalista, é algo muito atual que vemos quase todos os dias,

Anatomia de uma Queda (2023) - Imagem: Divulgação

Anatomia de uma Queda (2023) - Imagem: Divulgação

principalmente como vemos dentro do filme onde muitas vezes os argumentos utilizados não tem fundamento nenhum a não ser um preconceito usado para provar determinado ponto, muitas vezes indo para um lado extremamente machista.

É um filme que fala muito sobre contar histórias, a busca pela verdade e como cada personagem, seja intencional ou não, vê determinados eventos de maneiras diferentes. Inclusive por conta disso, durante o filme não foram permitidos flashbacks, os únicos dois que aparecem no filme, acontecem por meio de gravação de áudio e lembranças contadas.

A diretora inclusive contou que vê o tribunal como um lugar onde as vidas são "ficcionalizadas", "Todos ali estão contando uma história, todos estão criando uma narrativa, e tudo está muito distante da verdade".

E acho que o filme consegue ser diferente de todos os outros por alguns motivos. O primeiro deles é que em nenhum momento a gente consegue ter certeza se a Sandra é culpada ou não, causado tanto pela direção, pelo roteiro que em diversos momento segura algumas informações, mas principalmente pela atuação de Sandra Hüller, que inclusive não tinha certeza também. Segundo a atriz, um dia ela perguntou para a Justine Triet se sua personagem era culpada, e a diretora disse que era para interpretar a personagem como se ela acreditasse que é inocente.

Além disso, o filme em diversos momentos dá espaço a um desespero de solidão, deixando claro que Sandra está sozinha, algo intensificado pela fotografia do filme, que em momentos mostra belas paisagens nas montanhas e em outros closes dos personagens. Sentimos essa exclusão também pela linguagem dentro do filme, Sandra é alemã, morando na França, em uma casa isolada no meio das montanhas,

e precisa usar o inglês como língua para se comunicar, o que não só deixa a personagem como outsider “estrangeira”, como também não permite que ela tenha completa liberdade enquanto fala por uma barreira linguística.

Sandra Huller dá vida a uma personagem muito real, extremamente ambiciosa e com muitas vontades, fazendo com que seja muito fácil se identificar com ela. A personagem constantemente consegue nos fazer mudar de opinião sobre sua inocência, mas nunca a abandonamos. A performance da atriz é muito humana, conseguindo se expressar muito sem grandes exageros, fazendo com que seja muito fácil torcer pela personagem.

A torcida pela personagem também acaba sendo intensificada por conta da relação entre Sandra e seu filho Daniel. Daniel é um garoto muito independente mas que não sabia de muita coisa sobre seus pais, precisando em diversos momentos do filme escolher entre acreditar em sua mãe ou as provas contra ela, torcendo desesperadamente que a mãe não seja culpada.

Anatomia de uma Queda é um filme que facilmente te deixa preso por conta da curiosidade mas também do desespero que acabamos desenvolvendo pela protagonista e seu filho. Acrescento também que essa curiosidade acontece já que o filme nos coloca em uma posição como júri, nos permitindo quase participar ativamente daquele julgamento, é um filme que te convida pra dentro.

Anatomia de uma Queda (2023) - Imagem: Divulgação

POBRES CRIATURAS.

Talvez tenha um pouquinho de clubismo nessa escolha, afinal sou obcecada pela Emma Stone, mas, genuinamente, *Pobres Criaturas* (2023) foi o filme que mais ficou comigo dentre todos os indicados.

O longa tem direção de Yorgos Lanthimos e roteiro assinado por Tony McNamara e tem como base o livro de mesmo nome escrito por Alasdair Gray (publicado em 1992), que referencia em alguns momentos o clássico *Frankenstein* (1818) e *O Médico e o Monstro* (1886).

A ideia do filme na verdade nasceu em 2009 quando o diretor chegou até o autor do livro com a proposta de transformá-lo em um filme, e ele recebeu a aprovação do autor. Inclusive, o autor contou para o diretor que havia assistido *Dente Canino* (2009) e que tinha achado-o talentoso.

Mas, na época, o cineasta não tinha contatos para fazer esse tipo de filme. Porém, com o sucesso de A Favorita (2018), filme que inicia a parceria entre Lanthimos e Stone, foi possível tirar o projeto do papel.

O longa foi indicado a onze categorias dentro do Oscar e levou para casa quatro delas: Melhor Cabelo e Maquiagem, Melhor Design de Produção, Melhor Figurino e Melhor Atriz para Emma Stone.

Devo dizer que essa última me deixou muito feliz, gosto tanto de atriz que toda vez que ela ganha eu sinto como se fosse uma vitória minha, como se fosse uma prima minha vencendo.

Durante a Era Vitoriana, acompanhamos Bella Baxter (Emma Stone), que é trazida de volta à vida pelo doutor Godwin Baxter (Willem Dafoe), um cientista brilhante com métodos questionáveis. Com um novo cérebro, Bella precisa aprender tudo do zero e passa a se questionar sobre tudo, até que um dia é convidada pelo advogado Duncan Wedderburn (Mark Ruffalo) para conhecer o mundo.

O longa toca em temáticas muito legais e interessantes que são abordadas de maneiras diferentes. No história passamos por temas como a identidade, a liberdade, a sexualidade, o crescimento e amadurecimento, às vivência como mulher e o próprio papel da mulher dentro da sociedade, além de trazer discussões mais filosóficas envolvendo a questão da liberdade, os padrões da sociedade e a quebra deles, a ética e a própria moral.

E aqui a gente vê todas essas coisas sendo questionadas basicamente por uma criança, que não tem todos os costumes e padrões da sociedade enraizados dentro dela, falando e fazendo tudo aquilo que ela acha que é certo, trabalhando muito com a sátira dentro das reações da Bella para discutir muitos desses costumes.

Ela é uma personagem que tem um instinto e uma curiosidade gigantesca, e quer desesperadamente conhecer tudo e aproveitar tudo aquilo que traz felicidade, uma coisa que, apesar de todas as maluquices dentro do filme, deixa ele ainda mais humano.

Pobres Criaturas (2023) | Imagem: Searchlight Pictures/Divulgação

Inclusive, essa é uma das coisas que eu pensei sobre o filme comparando ele com a cinematografia do diretor, ele talvez é o mais distante da realidade, principalmente em estética, mas um dos mais próximos na representação da humanidade e na identificação que é quase irrecusável. E uma dessas coisas é a liberdade, a partir do momento que a Bella descobre a liberdade, ela nunca mais quer voltar a posição que ela estava antes, ela nunca mais quer se sentir presa ou quer ter que obedecer alguém.

E mesmo trazendo diversos desses assuntos o filme em nenhum momento se torna cansativo, tanto pela maneira a qual ele traz esses momentos que incluem não só reflexões de quem assiste mas também diversas sátiras e momentos muito engraçados, mas também por toda a estética criativa e maluca do filme.

O longa tem uma estética surrealista, parecendo quase uma pintura. Parte disso acontece porque o diretor queria evocar uma sensação da velha Hollywood usando cenários pintados. A própria caracterização e aparência de Bella tem inspiração em uma pintura de 1911 de Egon Schiele, intitulada "*Nude Girl Standing With Long Black Hair & Blue-Black Drap*".

Ele tem uma estética maluca, bizarra parecendo um daqueles contos da idade média, como o próprio Frankenstein, com diversas criaturas bizarras, mas que conseguem provocar um fascínio absurdo de quem assiste. É praticamente

Pobres Criaturas (2023) - Imagem: Searchlight Pictures/Divulgação

Pobres Criaturas (2023) - Imagem: Searchlight Pictures/Divulgação

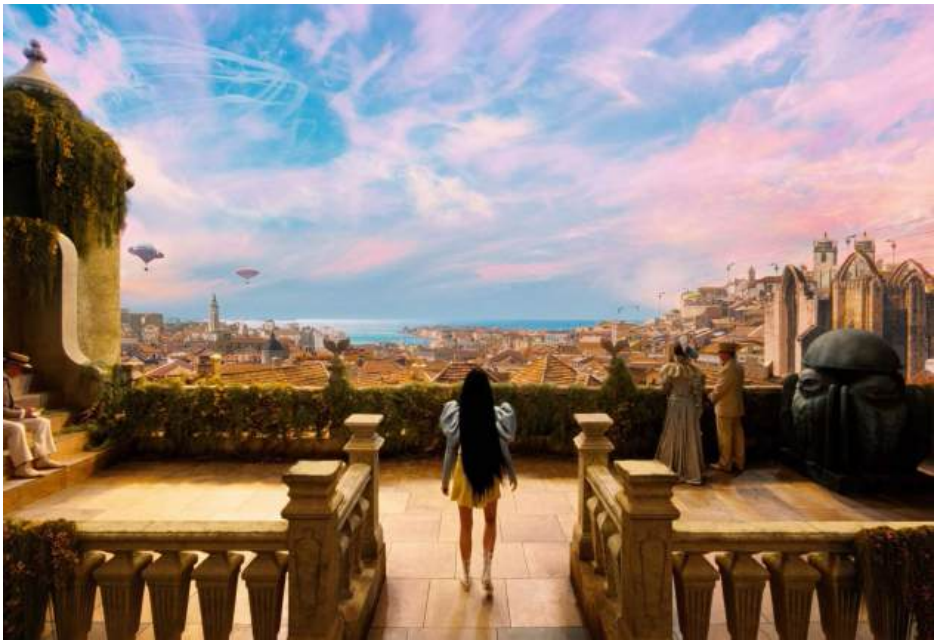
impossível tirar os olhos da tela, seja pelas criaturas malucas, os personagens muitas vezes exagerados ou pelas cores e lugares que parecem quase um sonho.

Algo que no filme ganha um toque ainda mais interessante é que, conforme a personagem da Bella vai amadurecendo, esse sonho vai se tornando mais real.

Isso me lembrou algumas memórias da infância, que mesmo parecendo extremamente vívidas, quando você para pra pensar não tem como aquilo ter acontecido dessa forma. E tudo isso acaba sendo intensificado pelo uso de diferentes lentes que distorcem muitas vezes os cenários. Segundo o diretor, o uso dessas lentes foi para passar uma sensação claustrofóbica, que eu acredito que representam os diversos momentos que tentam prender ou segurar a liberdade da Bella.

E isso a gente vê não só nos cenários, mas também nos figurinos que são super coloridos e espalhafatosos e de certa forma misturam aspectos modernos juntos com traços góticos e com estilos da Era Vitoriana, sendo muito únicos, divertidos e fascinantes.

Bella Baxter é uma personagem sem filtro. Ousada, ingênua e curiosa, no início do filme vemos como uma inocência de entender como a sociedade funciona. Mas conforme a personagem vai "crescendo" a gente vê uma falta de vontade de cumprir determinadas normas e padrões e vê uma pessoa que se coloca em primeiro lugar



Pobres Criaturas (2023) - Imagem: Searchlight Pictures/Divulgação

visando sua felicidade e visando se tornar uma pessoa melhor.

E a performance da Emma Stone é sensacional e magnética, ela incorpora tanto nos jeitos, quanto nas expressões quanto nas entonações uma pessoa que de fato tem o cérebro de uma criança. E conforme o filme segue e a Bella amadurece esses trajetos vão desaparecendo mas de uma forma tão natural e orgânica que você só percebe no final quando compara as duas versões da personagem. É sem dúvidas um dos melhores trabalhos dela e sinceramente a Bella talvez seja a minha personagem favorita dos filmes de 2023, uma pessoa fascinante que você quer ver mais dela. Acho que o filme tem uma forma de nos fazer sentir como todos os outros personagens também fascinados, hipnotizados e impressionados por ela.

Outro destaques do filme são os personagens de Willem DaFoe e Mark Ruffalo. Willem DaFoe aqui dá a vida a um cientista maluco, com muitos traumas do seu passado que vive por meio de experimentos. Apesar de ser um cientista ele acaba desenvolvendo um apego paterno a Bella se preocupando e sempre desejando o melhor para ela, por mais que muitas vezes não seja o que ele quer.
Já o personagem de Mark Ruffalo é um dos mais diferentes que eu já vi o ator interpretar. Duncan é rico e gosta de viver a vida e encontra em Bella, não só uma curiosidade, mas uma pessoa que ele consegue controlar e viver junto fazendo as coisas que ele quer. Mas conforme Bella se descobre, Duncan não só perde a força dentro do relacionamento mas também na vida, se mostrando cada vez mais patético e narcisista.

Talvez não seja o favorito de muitas pessoas mas, pra mim, ele é um filme fascinante seja pela sua narrativa, a criação desse mundo maluco e espalhafatoso ou sua protagonista ousada.

Pobres Criaturas (2023) - Imagem: Searchlight Pictures/Divulgação

Anora (2024) - Imagem: Letterboxd

2025

Que ano histórico. Olhando grande parte dos indicados parece apenas mais um ano qualquer do Oscar, mas nós brasileiros sabemos que ele foi muito mais do que isso.

O grande vencedor do ano foi *Anora* (2024), com direção de Sean Baker a vitória do filme representou muito para o cinema independente, que cada vez ganha mais atenção. O longa recebeu seis indicações e levou para casa cinco estatuetas, só não vencendo a categoria de Melhor Ator Coadjuvante (que acabou indo para Kieran Culkin em A Verdadeira Dor (2024)). O filme acabou sendo tão pessoal para Sean Baker que o cineasta subiu ao palco para discursar quatro vezes.

Anora (Mikey Madison), uma jovem trabalhadora sexual do Brooklyn, conhece e impulsivamente se casa com o filho de um oligarca (Mark Eydelshteyn). Quando a notícia chega à Rússia, seu conto de fadas é ameaçado quando os pais partem para Nova York para anular o casamento.

O filme tem direção e roteiro assinados por Sean Baker sendo esse seu oitavo longa-metragem. O filme foi o grande vencedor da Palma de Ouro no festival de Cannes, sendo o primeiro filme americano a conseguir esse feito desde "Árvore da Vida" em 2011. Eu pude assistir ao filme na sua primeira exibição na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, após batalhar por ingressos, e resolvi assistir sem saber de absolutamente nada.

Na história acompanhamos Anora que vê uma chance de mudar de vida do dia pra noite. O filme toca muito no assunto do sonho americano nessa oportunidade de Anora, tanto é que a fotografia é marcada pelo uso das cores branco, azul e vermelho e a ideia de sonho pelas próprias luzes neon da boate. E aqui tudo parece perfeito pensando nessa mudança de vida, como um conto de fadas mesmo, ela conhece um rapaz, ele dá pra ela a oportunidade de mudar de vida, ela aceita, de quebra ainda acaba se apaixonado, vivendo uma vida agitada cheia de festas, drogas e luxos. De início ele pega características marcantes do gênero de comédias românticas, porém traz isso para a vida real, sem todo o glamour e romance envolvido, quase uma cinderela da vida real, e eles iriam viver felizes para sempre, se o filme não tivesse mais 1h de duração.

Acho que uma palavra que usaria para definir o filme é surpreendente, já que as situações vão escalando de uma forma crescente passando por diversos momentos de muito caos. Acho que o Sean Baker sabe trabalhar muito bem com esses momentos explorando as diferentes personalidades dos personagens que são apresentados a partir daquele ponto, o que rende alguns dos melhores momentos do filme, quando ele se liberta como uma verdadeira comédia caótica com momentos espalhafatosos com muita gritaria, perseguição e xingamentos, que consegue prender a atenção com facilidade justamente pela química e confusão dos personagens.

Mikey Madison faz um trabalho impecável como Anora, não só por ser uma personagem extremamente carismática e divertida, mas porque a acompanhamos desde o começo trabalhando na boate, onde entendemos seu cotidiano, intrigas e o básico da sua vida que

depende desse trabalho, algo que é mal visto por alguns personagens dentro do filme.
A personagem é forte e se mantém assim praticamente durante todo o filme, sem deixar ser menosprezada pelos outros. É praticamente impossível não torcer por ela.

E justamente aí, o filme vem pra trazer para a realidade, quando Anora tem sua vida ideal destruída e é praticamente arrastada por Nova Iorque para tentar resolver o problema. Tanto é que nesse ponto do filme a iluminação é mais 'dura' quebrando esse antigo sonho da personagem.

Ao longo do filme as diferenças sociais entre Anora e Ivan também ficam cada vez mais claras, principalmente pela postura de Ivan, um jovem rico, mimado, que age da maneira que quer sem se importar com nada já que têm dinheiro, com uma mentalidade que tudo pode ser substituído. Nesse momento também afloram ainda mais as diferentes classes que Ivan e Anora estão, já que aqui não importa o quanto a garota esperneie, a decisão final é e Ivan e seus pais, já que são eles que se encontram em uma classe acima da dela, e por conta disso, detém o controle da situação.

Acho que de certa forma também dá pra dizer que o filme crítica a liquidez das relações e do próprio consumo e foco das pessoas, onde com a mesma rapidez que algo acontece essa coisa também pode acabar.

Anora é um filme que nos faz sentir a mesma frustração e desgaste que sua protagonista, tanto que o final representa justamente isso, a desconstrução do sonho americano e do próprio sonho de Anora.

Anora (2024) - Imagem: ABC News/ Universal Pictures

Como nem tudo são flores, o ano também foi muito indignante pela presença do longa *Emilia Pérez* que, não só foi indicado à categoria de Melhor Filme, como também quase bateu um recorde com 13 indicações sendo considerado por muitos o grande favorito da noite. No final o filme acabou recebendo apenas duas dessas estatuetas: Melhor Atriz Coadjuvante (Zoe Saldaña) e Melhor Canção Original (*El Mal*).

Para além do clubismo, que claro, existe, o filme teve uma campanha muito polêmica, tanto pelos tweets desenterrados de Karla Sofía Gascón, mas também pelas diversas entrevistas em que o diretor desmerece a cultura latina. Mas pra não dizer que foi por falta de vontade, eu assisti ao filme duas vezes... e ele não fica melhor na segunda.

A história então se passa no México, quando uma advogada (Zoe Saldaña) recebe uma oferta inesperada para ajudar um temido chefe de cartel (Karla Sofía Gascón) a se aposentar de seus negócios e desaparecer para sempre, tornando-se a mulher que ele sempre sonhou ser.

O filme tem direção e roteiro de Jacques Audiard e inclusive era o selecionado da França na categoria de Melhor Filme Internacional. Segundo o diretor, a inspiração para o filme veio de um romance sobre um traficante de drogas que deseja mudar de identidade. O filme começou a ganhar destaque após as exibições no festival de Cannes em 2024, em que ganhou o Prêmio do Júri de Cannes em 2024 e as atrizes Selena Gomez, Zoe Saldaña, Karla Sofía Gascó e Adriana Paz venceram juntas o prêmio de Melhor Atriz no festival.

Emilia Pérez (2024) - Imagem: ABC News/ Universal Pictures

Emilia Pérez (2024) - Imagem: IMDb

sendo hipócrita, bondosa, agressiva e ciumenta ao mesmo tempo, mas durante o filme tudo isso me pareceu muito repentino e nada natural, não consegui entender essa mudança de personalidade e porque isso aconteceu.

Eu sinto que o filme não se conecta muito bem dentro de si sendo muito esteriotipado em vários momentos por tentar juntar a história de Emilia Perez e sua transição com o contexto mexicano, cometendo graves erros em ambas as histórias nessa tentativa de juntar. Penso que se fossem filmes diferentes poderiam ser muito melhores.

O filme então mostra uma forte concentração e poder do cartel dentro México, sendo um poder praticamente imbatível por estar envolvido com diversas autoridades políticas, mundo esse que o personagem Manitas, grande chefe do cartel, se sente preso a ser alguém que ele não é, e por isso recruta Rita. Já começando de primeira, o filme é muitas coisas, menos entediante, isso porque vamos de acontecimento grande um atrás do outro conectados com cenas musicais bem diferentes entre si, e por ter uma história diferente acabei ficando interessada em como terminaria.

Mas a narrativa não me agradou, em parte porque sinto que todas as situações não são aprofundadas como a própria mudança de personalidade de Emilia Pérez, com um arrependimento dela e de "outros", que aqui nem são explicados, meio sem razão. E isso até poderia deixar a personagem mais humana,

A própria trama principal do filme acaba abandonada. Após sua volta ao México, Emilia decide "desfazer" o mal de Manitas, ajudando a encontrar diversos dos desaparecidos. Durante a música *El Mal*, a música vencedora do Oscar de Melhor Canção Original, Emilia e Rita decidem ir atrás das grandes autoridades que por anos encobriram e se beneficiaram das atitudes de Manitas, porém, essa narrativa é completamente abandonada, sendo largada sem desfecho.

As relações dentro do longa também são muito rasas, o que prejudica o lado dramático e emocional. A relação de Emilia Perez com seus filhos ou com Jessi (Selena Gomez) não teve nenhum impacto já que não conhecemos nada

sobre o casal ou sua relação antes da transição, o que também impactou o “grande” final.

Parte da culpa vem da personagem da Selena Gomez. Honestamente ela me decepcionou muito porque acho que poderia ser uma personagem muito mais aprofundada, de repente explorando o antigo relacionamento que ela tinha com Manitas, o amor e ao mesmo tempo o aprisionamento que ela sentia ali dentro, a libertação que ela sentiu ao voltar para o México e a própria relação que ela tem com os filhos, já que teve que criá-los sozinha, ou de repente até a questão de ser americana no México, mas nada disso é explorado.

Lógico, talvez tenha um pouco de clubismo, *Emilia Perez* foi o principal concorrente de *Ainda Estou Aqui*, mas num geral eu saio decepcionada de ter sido prometida um filme extremamente revolucionário, por todas as reações internacionais, e não receber isso. É um filme diferente, lógico, mas acho que ele é uma junção de várias ideias que não funcionaram bem uma com a outra, além é claro da representação extremamente estereotipada latina.

E cumprindo a cota de cinebiografia do Oscar temos *Um Completo Desconhecido*. O longa recebeu oito indicações ao Oscar sendo um dos favoritos na categoria de Melhor Ator, mas acabou saindo sem nenhuma estatueta.

Honestamente quando o filme foi anunciado ele não me atraiu muito, em parte pelo meu cansaço com filmes biográficos de artistas, mas também por não ser uma entusiasta do Bob Dylan, mas admito que o elenco e grande quantidade de indicações e prêmios que o filme vem conquistando me deixaram curiosa.

Um Completo Desconhecido (2024) - Imagem: IMDb

Em 1961, um desconhecido Bob Dylan (Timothée Chalamet), de 19 anos, chega à cidade de Nova York com seu violão e cria relacionamentos com ícones musicais em sua ascensão meteórica, culminando em uma performance inovadora que reverbera no mundo todo.

O filme tem direção de James Mangold e roteiro escrito por ele e Jay Cocks e traz um recorte da vida de Bob Dylan entre os anos de 1961 quando o cantor chega em Nova Iorque até 1965 no festival de Folk de Newport. Assim, acompanhamos o início da carreira de Bob Dylan, que começa graças ao apoio de outros cantores de folk que veem muito potencial no garoto, em principal Pete Seeger (Edward Norton). Por não conhecer a história do cantor, tudo pra mim foi uma grande novidade. Gostei bastante do filme escolher um recorte na vida do cantor, já que muitas vezes ao querer retratar a vida de artistas, a escolha de contar a vida inteira deixa alguns assuntos pendentes, e aqui acho que o filme consegue trazer algumas questões da carreira e vida de Bob Dylan com mais facilidade.

E por falar em novidade o filme tem como forte temática as mudanças no cenário musical em principal do folk. O folk é um estilo musical que teve forte influência nos Estados Unidos principalmente por ser um estilo musical para o povo, fazendo diversas críticas trabalhistas, e aqui no filme vemos isso na introdução do personagem do Pete Seeger que no começo do longa era julgado por uma de suas músicas. Na história, o cenário musical se encontra em um momento importante com a chegada de novos

Um Completo Desconhecido (2024) - Imagem: IMDb

compositores que têm ideias diferentes para a música trazendo ligações entre o folk e o próprio rock, o que desagrada aqueles mais tradicionais. Gosto bastante desse embate de gerações já que por mais que o folk clássico tenha ainda muitos fãs e importância para o cenário social dos Estados Unidos o mundo está mudando, e os mais jovens acabam se apegando com as músicas de Bob Dylan que além de novidade, trazem melodias mais animadas e letras que refletem melhor a juventude e rebeldia.

Com isso o filme também traz uma ótima ambientação da época, não só pelas músicas escolhidas que são de fato um recorte da época, mas também pelos figurinos, cenários e as notícias utilizadas para contextualizar a época e seus personagens.

O filme também traz bastante sobre o relacionamento de Bob Dylan e Sylvie Russo (Elle Fanning), uma personagem fictícia inspirada em uma namorada de Dylan, e Joan Baez (Monica Barbaro) em uma espécie de triângulo amoroso. Honestamente eu gostei muito das duas personagens femininas, tanto pelas performances de ambas as atrizes, mas também por dar a vida a mulheres muito diferentes entre si mas ambas extremamente interessantes e até de fácil identificação. Ao final do filme admito que teria facilmente assistido um filme sobre as duas além de que ambas representam muito bem o momento artístico que Dylan se encontra.

E Timothee Chalamet traz uma performance memorável. Bob Dylan acaba sendo um personagem interessante principalmente por sua introversão, o que muitas vezes acaba prejudicando o cantor. Acho que ele consegue fazer bem a transição do artista otimista que chega para Nova Iorque cheio de sonhos para um cantor já admirado por muitos e pressionado pela mídia em diversos sentidos que passa a flertar com estilos diferentes musicais. O filme também acaba tendo momentos mais dia a dia de Bob Dylan, o que nos ajuda a conectar melhor com o personagem.

Da primeira vez que assisti admito que o filme não me impressionou, até porque acho que ele entrega exatamente o que esperamos de um filme biográfico de um artista, mas na segunda vez eu genuinamente me diverti mais e aproveitei mais o filme, se destacando por trazer um personagem real e complexo, mostrando com muita clareza seus defeitos, como Bob Dylan.

Nickel Boys (2024) foi um dos últimos indicados a chegar no Brasil, não tendo exibições nos cinemas brasileiros e sendo lançado diretamente no streaming. O longa tem direção de RaMell Ross e é baseado no livro de mesmo nome escrito por Colson Whitehead que, por sua vez, tem como inspiração a escola-reformatório real Dozier School for Boys, atualmente fechada e famosa pelo tratamento abusivo aos alunos.

Nickel Boys (2024)
Dir: RaMell Ross

O filme recebeu apenas duas indicações ao Oscar, Melhor Filme e Melhor Roteiro Adaptado, e infelizmente não venceu nenhuma delas.

Nickel Boys (2024) - Imagem: Our Favourite Places

No filme acompanhamos uma amizade que se forma entre Elwood (Ethan Herisse) e Turner (Brandon Wilson), dois jovens afro-americanos que passam juntos pelas angustiantes provações do reformatório Nickel, na Flórida.

O grande destaque dentro do filme é a forma como a história é contada, já que tudo nos é apresentado através do ponto de vista dos protagonistas. Essa escolha garante uma maior imersão dentro da história além de deixarem os eventos mais próximos de nós espectadores, o que deixa a narrativa muito mais assustadora. A história é basicamente montada como um conjunto de lembranças, conversas entre os amigos, falas que os personagens ouviram sem contexto e momentos que eles presenciaram que nem sempre tem uma conclusão.

E por falar em assustadora, o filme tem uma atmosfera de tensão e um quase terror, que assusta principalmente por trazer à tona eventos que realmente aconteceram e mesmo não vendo uma violência explícita, nós espectadores sabemos que ela estava lá. E essa violência que acontecia lá é na verdade absorvida do que acontecia fora das paredes de Nickel como um espelho, os alunos viviam de forma segregada, onde os brancos eram mais bem tratados, e os alunos negros eram torturados de diversas formas, muitas vezes mortos e enterrados sem identificação no quintal do reformatório.

O filme também traz uma crítica a hipocrisia estadunidense, um país que se vangloriava por ser a “maior nação do mundo”, que mandava o homem para a Lua, mas que ainda discriminava, matava e abusava de uma boa parte da sua população, apenas por conta da cor da sua pele. A violência ainda se torna mais real nas passagens

do futuro, em que Elwood mais velho vê diversas reportagens e artigos sobre os horrores que se passavam no reformatório Nickel, fazendo com que suas memórias deixem de ser lembranças distantes e embaralhadas, e passem a ser um testemunho de um crime, um horror.

Admito que me perdi em alguns momentos com esse estilo de montagem e direção, sinto que é um filme para ser revisto em algum outro momento. Mas ainda sim, mesmo com essa confusão, seu final impacta justamente pela sensação de injustiça e impotência que nos causa.

Também em 2025 tivemos a continuação da história de *Duna* que começou lá em 2021. Assim como a primeira parte, o filme tem direção de Denis Villeneuve que também assina o roteiro juntamente com Jon Spaihts. A volta do diretor e roteirista me deixou mais segura de que essa segunda parte seria boa, já que muitas vezes algum cineasta começa contando uma história e quem finaliza é outro com ideias diferentes para a história e a estética, então fico feliz que ficaram nas mesmas mãos da primeira parte.

Assim como o primeiro filme, esse segundo se destaca principalmente pelos seus aspectos técnicos, e no Oscar não foi diferente. O resultado não foi tão gratificante quanto o primeiro filme, mas ainda sim saiu com duas estatuetas: Melhor Som e Melhores Efeitos Visuais.

No longa, reencontramos Paul (Timothée Chalamet) e sua mãe, Lady Jessica (Rebecca Ferguson), agora vivendo entre os Fremen, após os eventos da primeira parte. Juntos, buscam vingança contra os conspiradores que destruíram

Duna: Parte II (2024) - Imagem: Divulgação/ Warner Bros

sua família, ao mesmo tempo em que Paul tenta compreender seu papel para liderar a humanidade rumo a um futuro promissor.

A sequência de *Duna* foi confirmada depois que a primeira parte liderou as bilheterias dos Estados Unidos no fim de semana de estreia, o que é bem impressionante considerando que o filme foi lançado durante a pandemia e chegou nos streamings no mesmo dia que chegou nos cinemas, sendo esse o melhor desempenho da carreira do diretor e o melhor desempenho da Warner em 2021.

E bom, se o primeiro filme serviu de prólogo, nesse finalmente começamos uma grande aventura, sendo mergulhando de cabeça para o novo cotidiano de Paul desde o primeiro segundo, agora vivendo entre os Fremen e se tornando cada vez mais forte, tanto como guerreiro, mas também seu lado místico. Nessa segunda parte também acabamos conhecendo mais sobre o deserto e sobre o povo dos Fremen, suas tradições, costumes, língua e o dia a dia.

O longa é verdadeiramente um épico, onde entramos em assuntos como crenças, profecias, religiões, legados, batalhas e tramas políticas, além de grandes e muito bem coreografados combates físicos. Aqui o senso de urgência e perigo se torna ainda maior, deixando claro que qualquer decisão tomada pelos personagens pode acarretar em consequências tanto na decisão de uma batalha mas também no resto do universo. E, até por conta disso, sentimos que todos os personagens podem morrer a qualquer momento, o que deixa a trama ainda mais interessante.

Duna: Parte II (2024) - Imagem: Divulgação/ Warner Bros

No filme entendemos o papel de Paul dentro da profecia, se questionando com o protagonista se ele é ou não o escolhido, e sua importância para os Fremen e para o próprio universo. Onde ele quer assumir um papel de liderança para vingar seu pai porém não se vê como um messias para o povo, apesar de assumir esse papel simplesmente conforme tenta cumprir com suas vontade e aquilo que ele vê como certo. E com isso o filme traz diversos debates de Paul sobre o que é certo e qual decisão deveria tomar, o que será mais benéfico para os Fremen e também para ele. E a parte mitológica e sobrenatural acaba tendo uma pegada ainda mais interessante porque acaba dividindo o povo entre os crentes e os céticos, o que gera ainda mais tensão em cima de Paul.

E isso fica ainda mais interessante com as performances de Timothée Chalamet e Rebecca Ferguson. Apesar de pouco tempo separar o primeiro filme e o segundo, a diferença do protagonista dos dois filmes é gritante. Aqui encontramos Paul muito mais maduro, seguro e confiante de suas habilidades, ele não sabe ao certo se é de fato o escolhido, porém ele sabe que está destinado a grandes coisas, o que faz com que ele se contradiga em alguns momentos deixando seu personagem ainda mais complexo precisando lidar com todo peso do universo nas suas costas. Já a personagem da Lady Jessica é uma das minhas favoritas tanto do primeiro quanto do segundo, e aqui ela assume uma posição de poder tentando a todo momento manipular as coisas ao seu favor, em parte para garantir a segurança daqueles que ama, mas também simplesmente por poder.

Apesar de parecer mais dinâmico e com um ritmo mais rápido, o segundo filme não perde para o primeiro em detalhes trazendo uma trama

Duna: Parte II (2024) - Imagem: Radio Times/ Divulgação/ Warner Bros

Duna: Parte II (2024) - Imagem: Divulgação/ Warner Bros

extremamente imersiva que prende a atenção com muita facilidade. Além do teor mitológico, aqui conhecemos mais personagens da trama política, como o Imperador, mais informações das Bene Gesserits e da casa Harkonnen, onde conhecemos o personagem de Austin Butler, um dos mais interessantes da nova trama por trazer um personagem imprevisível e visualmente maluco com um jeito de psicopata, o que deixa tudo mais interessante e roubando a atenção com facilidade com um olhar assustador.

Além disso o filme é extremamente grandioso recheado de grandes momentos que valem muito a pena assistir em uma tela IMAX, principalmente durante grande parte das interações dos personagens com os vermes e com o deserto em si que novamente se torna um dos personagens principais da trama. Aqui novamente sentimos a imensidão do deserto seja pro lado positivo ou negativo e é possível entender como grande parte dos personagens veem o deserto com medo. E essa sensação também vem graças a trilha de Hans Zimmer que consegue em momentos tornar o deserto um lugar assustador e aspero e em outros mostras a grandiosidade e nos faz apreciar mesmo aquele lugar, algo que faz conexão na visão dos personagens onde os povos das Casas Maiores veem de uma forma e os Fremen se tornam um com aquele local.

Mas acho que o filme não é só feito de acertos, a sensação que eu tenho é a mesma do primeiro filme, de que o ritmo sofre em alguns momentos sendo lento e outros rápido demais. Os momentos mais lentos são bons e acho que a primeira 1h30 de filme é espetacular e me prendeu completamente, porém quando o filme atinge seu clímax, depois de criar toda

uma expectativa, ele acelera o ritmo e senti que não consegui aproveitar e saborear tudo que estava acontecendo. Sim, de certa forma eu estou pedindo para um filme de quase 3 horas ser mais longo.

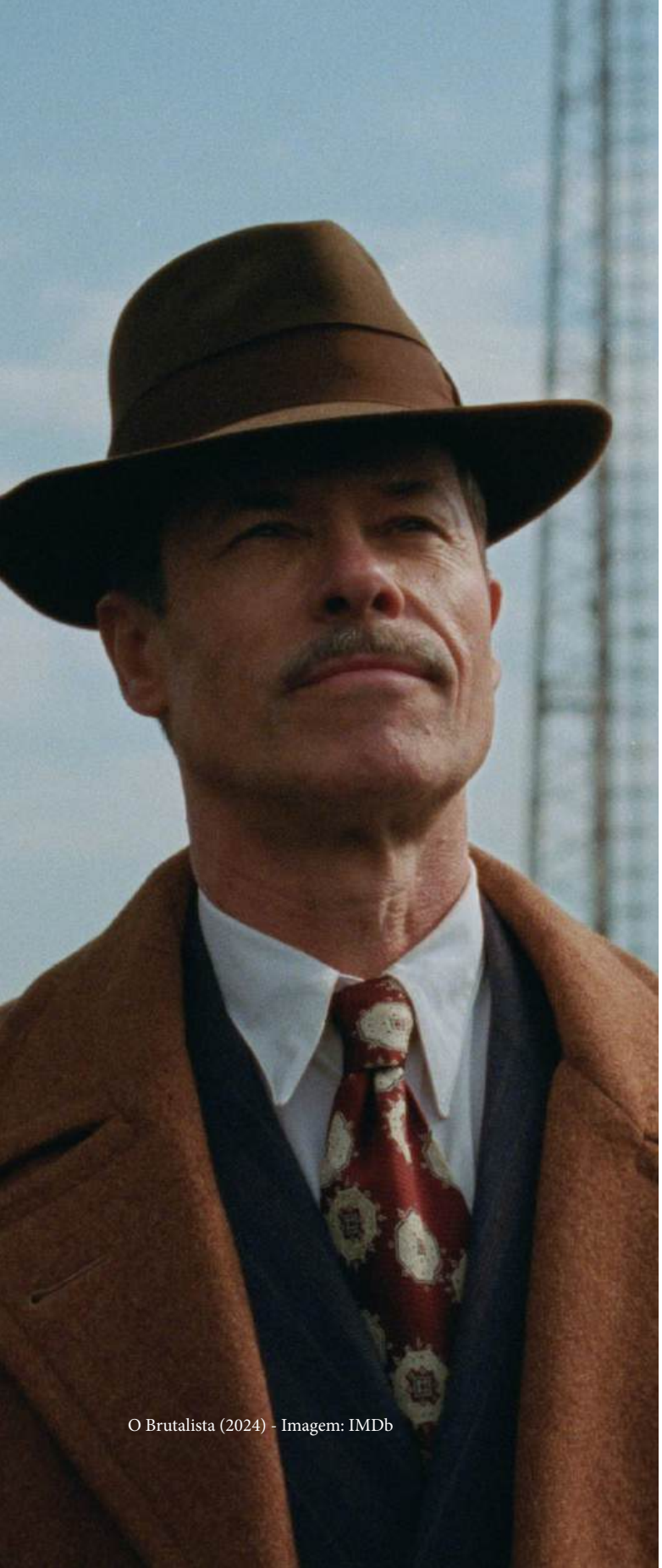
Ainda sim *Duna: Parte 2* termina com um saldo mais do que positivo sendo um dos grandes lançamentos do ano. O longa é de fato uma experiência que vale muito a pena ser vivida no cinema. E assim como um primeiro ele deixa um gostinho de quero mais ainda mais urgente.

E falando em épicos, *O Brutalista (2024)* foi um dos filmes mais indicados desta edição da premiação, concorrendo em dez categorias. O filme saiu com três estatuetas nas mãos: Melhor Trilha Sonora, Melhor Fotografia e Melhor Ator (Adrien Brody). Assim como Emilia Pérez, a campanha de *O Brutalista* enfrentou grandes desafios principalmente pelo uso de Inteligência Artificial dentro do filme, o que, na minha opinião, tirou do filme sua estatueta de Melhor Filme, já que ele é um típico filme adorado pela Academia.

Mas ainda assim, o longa fez história se tornando o 5º filme mais longo da história dos indicados ao Oscar com 3 horas e 34 minutos. Mas apesar de sua longa duração, as gravações do filme duraram apenas 34 dias, gravado entre março e maio de 2023.

O filme tem direção de Brady Corbert e roteiro escrito por ele e Mona Fastvold. Eu pude assistir esse filme durante a Mostra Internacional de

O Brutalista (2024) - Imagem: IMDb



O Brutalista (2024) - Imagem: IMDb

Cinema de São Paulo e foi uma experiência muito diferente dos outros filmes, primeiro porque os celulares precisaram ficar lacrados durante toda a exibição e também por ser o primeiro filme com intervalo que eu consegui assistir no cinema.

O filme acompanha o arquiteto László Toth (Adrien Brody) que resolve fugir da Europa do pós-guerra em 1947 para reconstruir seu legado e testemunhar o nascimento da América moderna. Porém sua vida acaba mudando quando conhece um misterioso e rico cliente.

Assim como *Anora*, o que é curioso já que ambos estão concorrendo a diversas categorias junto na mesma edição do Oscar, o roteiro se apega bastante para mostrar o Sonho Americano e em principal a quebra dele. Quando Laszlo chega nos Estados Unidos o arquiteto se anima com diversas oportunidades, mas logo percebe o custo dessas oportunidades, muitas vezes sendo subjugado por diversas pessoas por sua religião e imigração.

O filme então é dividido em duas partes, a primeira delas explorando as diversas dificuldades da imigração envolvendo identidade, cultura e o próprio poder e a segunda sendo a exploração da relação entre Laszlo e uma família norte-americana e a influência do dinheiro e poder dentro dessa relação.

Nesse sentido o filme me lembrou bastante um vencedor do Oscar de Melhor Filme chamado *A Luz é Para Todos* (1947), que conta sobre um jornalista americano que finge ser judeu para evidenciar o comportamento preconceituoso que os estadounidense jamais admitiriam ter. E aqui esse preconceito vem para impedir o

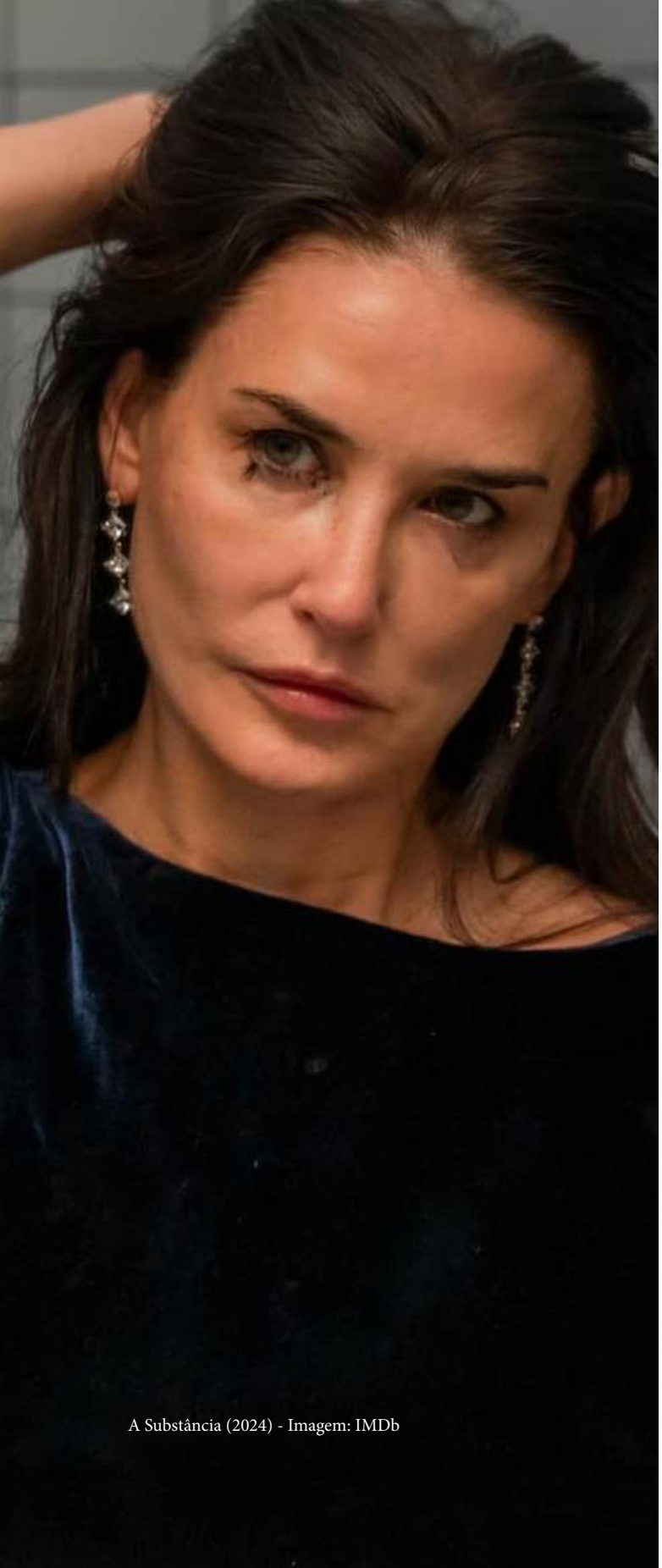
avanço profissional de Laszlo, já que não importa o quão culto ele seja, a sociedade em torno dele sempre o tratará com desprezo, o mantendo em um nível abaixo. O filme também acaba fazendo uma crítica a um falso intelectualismo dentro dos ricaços dos Estados Unidos que se apegam a coisas, ou pessoas como o próprio Laszlo, para exibir umas para as outras.

O Brutalista (2024) - Imagem: IMDb

Acho que o filme também tem um pouquinho de Whiplash (2014) nele. A obsessão que Laszlo acaba tendo em sua construção, focando e aprimorando ela durante diversos meses e tentando cada vez mais trazer mais significado para ela e sua própria identidade para o projeto, ambição essa que também acaba sendo prejudicial para Laszlo em diversos sentidos, já que o personagem acaba sendo corrompido pela obsessão dentro do projeto. De certa forma nesses momentos também temos um debate a respeito da arte e sua preservação, já que a ideia da arquitetura brutalista é de algo duradouro, como o protagonista explica, algo que consegue permanecer mesmo com guerras servindo também como forma de memória, e com alguma função para a sociedade.

Em relação às atuações, o grande destaque pra mim é o Guy Pearce. Gosto muito do ator e fazia tempo que não via um trabalho recente com ele e aqui ele entrega uma das minhas performances favoritas. Seu personagem é um magnata poderoso que tem todos na palma de sua mão e por consequência quer ter Laszlo também, muito por achar que deve tê-lo na mão. Acho que o que mais me impressionou na performance dele foi o quão assustador o ator conseguiu ser em diversos momentos interpretando uma pessoa que provavelmente existiu, sem ser nada caricato. Todas suas ações e falas são suspeitas, se mostrando em alguns momentos como um ricaço bondoso, apoiador, e sabe trabalhar muito bem com sua influência e poder, fazendo com que a gente nunca consiga confiar verdadeiramente nele, torcendo para que Laszlo também não confie.

Devo dizer que apesar do filme ter suas 3h30 de duração, não foi um filme que me cansou, embora deva admitir que gostei mais da primeira parte do que da segunda. O longa tem um bom ritmo consegue prender graças a atmosfera de perigo no ar.



A Substância (2024) - Imagem: IMDb

Mas devo admitir que depois de tanto mistério achei o final muito fraco com uma crítica óbvia que depois eles ainda explicam num epílogo sem necessidade. E no final do dia, sinto que já vi essas críticas serem feitas em outros filmes e de uma forma mais interessante.

O Brutalista é um filme que vale pela experiência dentro do cinema, um filme que busca trazer novamente algumas características de épicos com uma grande jornada.

E surpreendendo com indicação nas principais categorias, por ser um filme de terror, *A Substância* (2024) foi um dos filmes mais comentados do ano e era um dos favoritos na categoria de Melhor Atriz com a indicação de Demi Moore, mas a estatueta acabou indo para Mikey Madison.

E não somente um filme de terror, mas um filme de terror dirigido por uma mulher, Coralie Fargeat, que entrou na pequena lista de mulheres que receberam uma indicação na categoria de Melhor Direção, sendo esse seu quarto trabalho como diretora e escritora e segundo filme. Além do Oscar, o filme conquistou em Cannes o prêmio de Melhor Roteiro Original.

Elizabeth Sparkle (Demi Moore), uma celebridade em decadência desesperada para se manter relevante, decide usar uma droga chamada A Substância, que replica células e cria temporariamente uma versão mais jovem e melhor de si mesma.

Gosto muito dos temas abordados aqui até por me lembraram muito de diversos outros filmes que eu amo como *A Malvada* (1950), *Babilônia* (2023) e *Cisne Negro* (2010), falando sobre

ambição, relevância e as eventuais mudanças do mundo e suas preferencias e suas consequências, onde alguns conseguem se adaptar e outros não. Além disso, o longa também fala muito sobre a pressão estética que muitas pessoas, principalmente quem trabalha com a própria imagem, sentem a todo o momento, causando uma crise de identidade e muitas vezes indo atrás de procedimentos estéticos.

O filme explora um subgênero do terror chamado de *Body Horror* ou Horror Corporal que explora ansiedades e agonias com distorções e deformações do corpo humano, e posso garantir para vocês que o filme cumpre com perfeição esse papel sendo extremamente sensorial. Ao longo do filme, tanto pela direção, que se utiliza de ângulos, lentes e até closes nos atores, quanto pela trilha sonora e efeitos sonoros, e também pelo trabalho impecável de efeitos práticos, próteses e maquiagem, o longa consegue passar uma sensação quase vivida de tudo que a protagonista ou as protagonistas passam, da maneira mais aterrorizante possível.

Segundo a diretora em uma entrevista à Variety, o horror corporal é "o veículo perfeito para expressar a violência que todas essas questões femininas representam", e eu concordo plenamente com isso já que consegui me identificar com as personagens em alguns momentos e acho que o filme com isso consegue passar a angústia de muitas dessas questões com esses artifícios.

Além disso, o filme tem um senso de urgência que acaba nos deixando ansiosos principalmente nessa questão de relevância e fama vs o tempo e por consequência o envelhecimento onde podemos ver a personagem da Elizabeth

A Substância (2024) - Imagem: MUBI

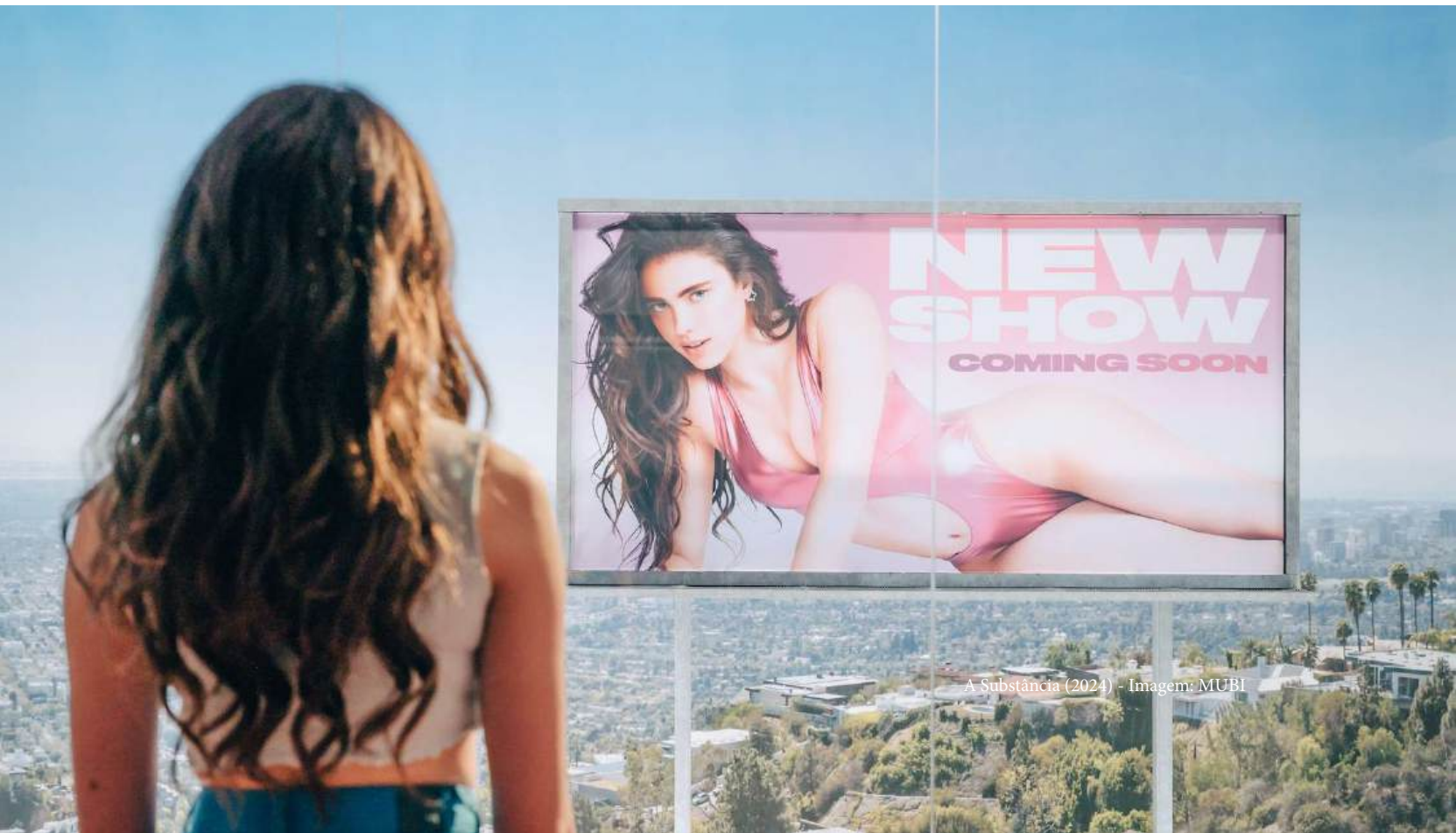
tentando com todas as forças se agarrar nessa vida disposta a se autodestruir para continuar amada e relevante.

Já a parte de terror, para além do Body Horror que faz muito bem a sua parte, acho que entra justamente na repartição da personagem Elizabeth. Durante o filme em diversos momentos é possível ficar em dúvida, se essa nova versão também compartilha os mesmos pensamentos que Elizabeth ou seria quase uma nova pessoa com metas e objetivos diferentes, até por ser considerada sua "melhor versão", o que é aterrorizante.

E o casting aqui é sensacional trazendo duas personagens que "interpretam a mesma pessoa" de formas diferentes, mas que ainda se mantêm reconhecíveis para os espectadores, principalmente por conta da enorme ambição que as duas compartilham.

Demi Moore entrega uma performance maravilhosa e extremamente impactante nas cenas mais malucas e também nas mais tranquilas de sua personagem, em que vemos seu desespero em se manter relevante e amada, além de conseguirmos sentir a inveja que ela passa a sentir pela sua versão mais jovem. Durante as cenas mais calmas do filme também sentimos o vazio e tristeza que sua personagem sente, uma vida dedicada à fama que é arrancada dela do dia para a noite.

Também fiquei muito feliz com a performance de Margaret Qualley, a maioria dos filmes que



A Substância (2024) - Imagem: MUBI

vi com ela, em que ela interpreta papei menores como em *Era uma Vez em Hollywood* (2019), *Pobres Criaturas* (2023) e até *Kind of Kindness* (2024), eu já tinha ficado muito impressionada, mas aqui ela finalmente se destaca como protagonista. Sua personagem é muito energética e extremamente ambiciosa e está disposta a fazer o que for para atingir o sucesso. A atriz é muito importante dentro da história, até por passar toda a essência da juventude para dentro da história, então acaba sendo surpreendente, e até mesmo indignante, o fato dela nem sequer ter sido indicada à categoria de Melhor Atriz Coadjuvante.

Sinto que o filme faz uma grande aposta no seu terço final, sendo um momento divisor para aqueles que amam e aqueles que odiaram. Honestamente, não gostei muito, acho que o exagero neste final não era necessário e que sua mensagem seria igualmente, senão mais eficiente, com um final mais calmo. Lógico que a ideia desse final exagerado é chocar, e ele consegue isso muito bem, mas para meu gosto sinto que ele seria mais impactante terminando antes.

Intenso e aterrorizante, *A Substância* é um filme que consegue com muita facilidade te colocar na pele da protagonista, tanto na questão dos sentimentos quanto nas próprias sensações corporais. Os temas abordados são novos? Não, mas acho que o filme traz coisas muito novas que de certa forma atualizam essa temática e as questões de pressões estéticas, relevância e o quão longe as pessoas estão dispostas a ir para serem amadas e relembradas.

A Substância (2024) - Imagem: MUBI

Conclave (2024) - Imagem: Copyright Diamond Films

E por falar em temas atuais, se tem um filme que acabou sendo atual é *Conclave* (2024) de um jeito quase macabro. Com direção de Edward Berger, que já tinha aparecido na premiação com a sua adaptação de *Nada de Novo no Front* (2022), e roteiro de Peter Straughan que por sua vez é baseado no livro do autor britânico Robert Harris.

O filme recebeu oito indicações ao Oscar e conquistou a de Melhor Roteiro Adaptado. Acredito que o longa vai ganhar ainda mais atenção agora...devido aos acontecimentos recentes do Vaticano... principalmente por explicar os desdobramentos e a importância do conclave.

O Cardeal Lawrence (Ralph Fiennes) é encarregado de liderar um dos eventos mais secretos e antigos do mundo, a seleção de um novo Papa, onde ele se encontra no centro de diversas conspirações que abalam a votação.

Em conclave então acompanhamos a decisão do novo papa que aqui não se trata apenas de uma decisão religiosa mas uma fortemente política, onde existem diversas vertentes que discordam sobre o futuro da igreja.

O longa então mostra toda a conspiração presente dentro da tomada dessa decisão e os movimentos dentro da igreja durante a votação. E o filme ganha atenção do espectador justamente por isso, já que a todo momento acontece alguma reviravolta dentro da história que muda a quantidade de votos para os candidatos a papa. É um filme que consegue prender justamente pela sua imprevisibilidade.

Conclave (2024) - Imagem: Copyright Diamond Films

O filme também entra em uma discussão interessante sobre o conservadorismo, em que alguns dos candidatos ao papado pretendem voltar atrás em decisões já resolvidas por outros papas como o casamento homossexual, algo que afeta não só a igreja e seus seguidores como também mundo a fora. Além é claro, de todas essas vertentes diferentes terem seus interesses políticos também, como o cardeal Tedesco que apoia sua candidatura em eleger um papa italiano depois de anos também querendo retomar antigos ideais religiosos.

Durante o filme diversos eventos externos acabam chegando aos ouvidos dos cardeais, o que traz mais ainda um senso de urgência e necessidade de uma decisão. Senso esse que acaba sendo intensificado por conta do contexto claustrofóbico de diversos cardeais "presos" sem informações externas até a tomada de decisão.

O roteiro ainda traz ótimos diálogos entre os cardeais onde eles questionam não só sobre as questões políticas em torno da decisão do novo papa, mas também sobre a fé, a religião, suas próprias crenças e o próprio papel da igreja católica.

Fiennes aqui interpreta um cardeal em dúvida sobre o que o papa anterior, que era próximo dele, iria querer, tentando entender todos os escândalos que acabam surgindo e qual seria a melhor decisão. No momento do conclave, seu personagem passava por uma forte crise na sua fé, pensando em abandonar seu posto como cardeal.

Gostei bastante da performance do ator, ele traz um personagem que a todo momento tem diversos pensamentos dentro de sua cabeça tentando sempre fazer aquilo que ele considera mais justo e certo tentando entender seu papel dentro de tudo, dando a chance do ator se destacar principalmente nos momentos mais intimistas.

Conclave foi um dos meus favoritos do ano, em parte por ser um filme tão instigante e conseguir manter o interesse em saber qual seria a conclusão depois de tantas reviravoltas.

Wicked (2024) foi minha maior surpresa do ano. Quando o filme foi anunciado eu fiquei bastante receosa, sempre gostei muito de *Wicked,* como contei antes fui criada pela série *Glee*, e também gosto muito da peça original e tive a oportunidade de assistir em 2017 na Broadway, então as expectativas para o filme estavam altas, mas felizmente ele entregou muito mais.

O filme tem direção de Jon M. Chu e roteiro de Winnie Holzman e Dana Fox e tem como base a peça na Broadway de mesmo nome escrita também por Winnie Holzman, sendo um dos maiores sucessos na história dos musicais que por sua vez é livremente inspirada no livro o livro *Wicked: A História Não Contada Das Bruxas De Oz*, de Gregory Maguire, publicado em 1995.

O longa recebeu dez indicações ao Oscar sendo um destaque principalmente nas categorias mais técnicas, inclusive levando para casa duas delas: Melhor Figurino e Melhor Design de Produção.

Na Terra de Oz, uma jovem chamada Elphaba (Cynthia Erivo) forma uma improvável amizade com uma estudante popular chamada Glinda (Ariana Grande). Conforme aprende a controlar melhor os seus poderes, Elphaba sonha em se encontrar com o grande Mágico de Oz, para ter um grande futuro.

A história acompanha uma espécie de prelúdio de Mágico de Oz, contando a história do passado de Elphaba, a Bruxa Má do Oeste e Glinda, a Bruxa Boa, trazendo uma Oz que não é apenas uma terra mágica, mas também como um mundo com suas próprias regras, políticas e problemas. A adaptação então vem para contar uma história de Oz diferente, onde nada é necessariamente como foi contado em Mágico de Oz. E aqui o lado político ganha mais foco com um arco envolvendo os animais em Oz, que será ainda mais desenvolvido na segunda parte.

O filme é verdadeiramente mágico, conseguindo juntar tudo de melhor tanto do filme *O Mágico de Oz* (1939), com um aspecto de nostalgia, e do musical da Broadway, com toda a extensão do mundo de Oz, entregando uma adaptação que faz jus a toda a história.

Parte disso vem da escolha de usar efeitos práticos e sets reais, que são impressionantes e apaixonantes, construindo um mundo palpável de Oz, conseguindo fazer com que a gente também se sinta parte da história . Inclusive entre a cenografia, 9 milhões de tulipas foram plantadas para servir como parte da paisagem da Munchkinland. Outro fator que também me deixou receosa no início foi de dividir a história em duas partes, afinal o musical conta a história toda em uma duração similar a essa primeira parte, mas devo dizer que com esse tempo a mais a história ganha principalmente no desenvolvimento dos personagens, em algumas cenas musicais que são alongadas fazendo ainda mais referência às outras adaptações e no próprio relacionamento de Glinda e Elphaba que é um dos grandes pontos chaves aqui.

A Glinda é uma personagem muito interessante quando assistimos ao filme tendo em mente a Bruxa Boa do Sul que conhecemos em O Mágico de Oz, ganhando mais personalidade e se mostrando uma pessoa verdadeira que, por mais 'boa' que ela seja, ela ainda é extremamente egoísta, convencida, egocêntrica e ambiciosa de um lado positivo e negativo. O que bate de frente com tudo que Elphaba é, uma pessoa que constantemente foi excluída, que possui uma

Wicked (2024) - Imagem: Copyright Universal Studios

relação conturbada com seus familiares e que tem poderes que não consegue controlar tão bem mas que compartilha uma ambição e desejo de ser reconhecida similar à Glinda, o que fica claro na música *One Short Day*. A história com isso enfatiza bem, assim como no musical, a exclusão de Elphaba e o próprio preconceito que ela sofre por ser verde.

Mas acho que o que fez o filme ser tão especial é que ele não tem medo de ser um musical, abraçando completamente tudo e não tratando as músicas como algo para ser contornado. Esse ano tivemos dois lançamentos anteriores a *Wicked* de filmes musicais: *Meninas Malvadas* e *Coringa 2*, e um dos problemas em ambos os filmes é que eles não conseguem abraçar o gênero musical. E em *Wicked* dá pra sentir que tem muito carinho envolvido, não só pelas duas protagonistas que realizaram um sonho participando do longa, mas também da própria produção. As cenas musicais são excepcionais com coreografias em grupo e se destaca por conta de Ariana Grande e Cynthia Erivo que decidiram que iriam cantar todas as músicas durante as filmagens para ter maior veracidade em suas interpretações. E as vozes das atrizes aqui são verdadeiramente emocionantes, principalmente em músicas que cantam juntas, já que parece que suas vozes até se mesclam junto.

Grande destaque para a atuação de ambas as atrizes que dão vida a personagens tão mágicos, interessantes e humanos. Ariana Grande traz uma performance que homenageia muito bem a personagem vivida originalmente por Kristin Chenoweth na Broadway, mas ainda conseguindo trazer algo de diferente para a personagem. Acho que ela se destaca bastante por seu timing cômico

Wicked (2024) - Imagem: Copyright Universal Studios

aqui e principalmente dando vida ao lado mais convencido de Glinda.

Já Cynthia Erivo é um show à parte, acho que ela traz algo de diferente para a personagem mas ainda se mantendo fiel, conseguindo emocionar em diversos momentos principalmente nas cenas musicais. É interessante que Elphaba apesar de ser excluída em diversos momentos não se porta como uma pessoa contida, sendo uma personagem extremamente forte que sabe o que quer e quer fazer o que é certo e que ao mesmo tempo sente com a dor dos outros.

Pra não dizer que o filme é perfeito eu acho que o principal incômodo são as cores aqui, já que você tem esse mundo mágico, tem o referencial de *O Mágico de Oz* que é um filme extremamente colorido, e por alguma razão aqui eles não dão esse destaque para as cores.

Mas sem dúvida *Wicked* é um filme apaixonante para quem gosta de musicais, ele tem 2h40 de duração e, sinceramente, passa voando. É um musical que não tem medo de ser um musical que traz consigo uma bonita história de amizade, aceitação e preconceitos, falando principalmente como as coisas não são sempre simples e como diferentes perspectivas contam histórias diferentes. Mesmo se passando em um mundo mágico, o filme traz uma mensagem clara e importante de lutar por aquilo que é certo, mesmo sendo contra o que muitos acreditam.

Wicked (2024) - Imagem: IMDb

AINDA ESTOU AQUI.

"Nós vamos sorrir. Sorriam!"
E tinha como ser diferente? *Ainda Estou Aqui* (2024) recebeu três indicações: Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz (Fernanda Torres), se tornando o primeiro filme brasileiro a ser indicado na principal categoria da premiação, e levou para casa a estatueta de Melhor Filme Internacional, fazendo história como a primeira estatueta recebida pelo Brasil.

O filme tem direção de Walter Salles e roteiro escrito por Murilo Hauser e Heitor Lorega, e tem como base o livro de mesmo nome de Marcelo Rubens Paiva, publicado em 2015, que por sua vez traz as vivências de sua mãe, Eunice. Para o diretor, contar a história da família Paiva era uma missão pessoal, já que ele foi amigo da família quando era adolescente.

É muito bom falar sobre esse filme e admito que tem um sorriso no meu rosto enquanto escrevo sobre ele. Pude assistir ao filme em uma das primeiras exibições dele aqui no Brasil, na Mostra de Cinema Internacional de São Paulo (dá pra ver que eu fiz a festa na mostra, né?), com direito a presença de Fernanda Torres, Walter Salles e Selton Mello na sessão, não tinha como não se apaixonar pelo filme.

Nos anos 1970, durante a ditadura militar, Eunice Paiva (Fernanda Torres) precisa se reinventar por sua família após o desaparecimento de seu marido Rubens Paiva (Selton Mello).

O roteiro não só traz uma história que é forte, impactante, emocionante, que acaba sendo mais impactante por ser baseado em acontecimentos reais, e tudo isso de uma forma palpável e muito próximo de nós. É um filme extremamente brasileiros da melhor maneira possível, passando uma sensação de nostalgia pra quem assiste, mas que ainda tem um tom universal que consegue se conectar com pessoas de outras nacionalidades.

Dentro do filme os momentos em que vemos a realidade da ditadura militar são os mais fortes e crueis, realidade essa que se mostra com grandes acontecimentos claros e explícitos mas também em momentos menores e mais sutis como notícias no jornal e também a própria cena de abertura, enquanto Eunice boia no mar observando um helicóptero militar passando pela praia. E a chegada do "problema" para família também vem de uma forma lenta, como uma sombra pairando sobre a família, algumas ligações e conversas fora de contexto, que entendemos, assim como a própria Eunice, apenas depois que tudo acontece.

Mas o grande foco do filme, é realmente a família e como tudo se desdobra dentro daquele núcleo após o desaparecimento do pai. Aqui vemos Eunice tentando controlar a situação e sobretudo proteger seus filhos. Os mais velhos têm uma pequena noção do que está acontecendo, mas os mais novos não fazem ideia e Eunice tenta acima de tudo proteger a inocência deles, ao mesmo tempo tentando lidar com o desaparecimento da família. E nesse sentido o filme é muito dolorido, acompanhamos alguns dias da família no começo do filme, uma família privilegiada, que mora na beira da praia, em uma casa enorme que é ponto de encontro para os amigos das crianças e dos pais que de repente se vê desamparada, precisando voltar a rotina e não conseguindo.

Ainda Estou Aqui (2024) - Imagem: Globoplay

Ainda Estou Aqui (2024) - Imagem: Globoplay

E nesse começo de filme que ele se mostra extremamente brasileiro. Pra mim o que ficou é um sentimento de nostalgia, o que é curioso já que eu nunca morei no Rio de Janeiro, nem na beira da praia e nem mesmo joguei vôlei de praia, mas eu vi aquelas cenas e sabia exatamente a sensação de tudo aquilo. O longa tem uma nostalgia de infância também, aquelas crianças todas brincando e correndo e indo pra lá e pra cá, sem se importar com os acontecimentos políticos, apenas com seu dia a dia.

Esses momentos, além de divertidos de acompanhar a rotina da família, são importantes também pra gente sentir ainda mais a dor e tristeza que assola aquela família após o desaparecimento do pai, algo que, por conta desses momentos iniciais, acaba deixando tudo mais próximo de nós, como se realmente fosse um parente nosso, como se fosse a nossa família. Parte disso também vem da escolha de gravar o filme em ordem cronológica, então no momento que Rubens Paiva sai de cena também sai o Selton Mello, tornando essa "saudade" ainda maior.

Outra coisa muito legal são as referências da época, não só pelas roupas, cenários e até os carros estacionados na rua, mas as referências sociais trazendo assuntos de fora do país como os Beatles. E o contrário também acontece, já que o filme faz questão de dizer que a ditadura militar também estava sendo comentada fora do país. O longa também traz referências nacionais, principalmente sua trilha sonor, que conta com músicas marcantes da época que também refletem o momento que o Brasil passava.

Sinto que a Eunice deve ser um retrato muito verdadeiro da realidade de diversas mães do Brasil, para além do contexto da ditadura militar. A descrição que mais ficou comigo após

o filme foi força. A personagem é forte e após os acontecimentos faz de tudo para proteger os filhos e tentar lidar com os próximos passos.

E não tem como não falar sobre a performance de Fernanda Torres, que é impecável e, pra mim, a melhor do ano com uma sobra considerável. Se o Oscar fosse uma premiação justa, ela teria levado a estatueta de Melhor Atriz para casa. A atriz precisa de muito para conseguir nos transmitir a dor e o próprio desespero que sente após o desaparecimento do marido e de fato faz uma atuação em cima da atuação para tentar proteger os filhos, tentando passar normalidade. Tem uma cena em principal do filme em que a personagem olha no espelho após voltar do quartel dos militares que é um momento tão simples mas que se torna tão forte e grandioso graças à atuação de Fernanda Torres, nos transmitindo tudo mesmo sem nenhuma fala.

O filme se apoia bastante na busca de Eunice pela verdade, sobre o que aconteceu e o que está acontecendo, a busca, esperança e incertezas que assolaram diversas famílias por muitos anos.

Ainda Estou Aqui é um filme importante, não só pela história que ele fez nessa edição do Oscar, mas por tudo que ele representa dentro da história do Brasil, passando esse recado final de que ainda estamos aqui.

Ainda Estou Aqui (2024) - Imagem: Globoplay

Mels drive-in